
TRILOGIA
ANTI-HERÓIS
3
INTOXICADO
"Ela intoxicou cada parte boa do meu coração e então me destruiu."
DA MESMA AUTORA DA SÉRIE SAINT VINCENT
ANNIE BELMONT

TRILOGIA

*ANTI-HERÓIS*

3

# INTOXICADO

"Ela intoxicou cada parte boa do meu coração e então me destruiu."

DA MESMA AUTORA DA SÉRIE SAINT VINCENT

ANNIE BELMONT

# INTOXICADO

***TRILOGIA ANTI-HERÓIS | LIVRO TRÊS***

**COPYRIGHT © 2023 ANNIE BELMONT**
*Todos os direitos reservados*

Esta obra foi revisada conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Estão proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o devido consentimento. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta obra literária é uma ficção. Qualquer nome, lugar, personagens e situações são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

**Capa**: Larissa Chagas.
**Diagramação**: Annie Belmont e L. Júpiter.
**Revisão**: Pigmalateia e Camile Gomes.
**Leitura Crítica**: Pigmalateia.
**Leitura Sensível**: Isamara Gomes.
**Leitura Beta**: Ana Laura Maniá, Bruna Celestino, Bia Oliveria, Esther Hadassa, Isabella Martins, Karolyne Gonçalves, Maria E. Klazer, Izabela Frazão, Tatiane Brandão, Thiffany Amarante, Tan Wenjun, Thais Souza e Yasmin Costa.
**Ilustração**: Eduarda Oliveira (arda.arts)

Intoxicado
[Recurso Digital] /Annie Belmont — 1ª Edição; 2023
1. Romance Contemporâneo 2. Literatura Brasileira 3. New Adult 4. Ficção I. Título

# NOTAS DA AUTORA

*Sejam bem-vindos novamente a uma nova cidade caótica!*

Oi, eu sou a Annie.

Se você chegou até aqui, significa que estamos no último livro de *Anti-heróis*.

E se você está aqui, significa que *realmente* conseguimos.

Essa trilogia nasceu quando três autoras se sentiam perdidas. Quando a única coisa que fazia sentido, era a nossa amizade. Nós sorrimos quando eles falaram pela primeira vez e choramos quando entendemos a complexidade de cada história.

E isso foi o que não nos deixou desistir.

Mesmo com o mundo ao nosso redor ruindo, nós não desistimos.

*Eu não tinha tempo*, eu disse ao trio do cano.

*Eu não sei se posso fazer isso*, eu contei a Blake.

*E eu vou conseguir*, sussurrei a Aurora.

Por três meses eles foram o meu acalento. No meio de um TCC turbulento e de uma pré-venda, eu peguei todas as partes escuras do meu coração e coloquei em *Intoxicado*. Aqui eu deixei um pedaço de mim. Deixei minhas dores e inseguranças. Meus medos e sonhos.

Em *Saint Vincent* eu dei a vocês partes do meu coração e ainda lhes darei as que faltam. Partes essa que foram reconstruídas ou estão sendo. Contudo, em Anti-heróis eu lhes dou minha parte *intoxicada*. A parte que, assim como a do Blake, não é bonita. E como a de Aurora, pode ser destrutiva. Eu lhes dou a parte que escondemos porque temos medo de sermos julgados.

Volto a dizer que não estava pronta para Blake McLaughlin e Aurora Conway. E mesmo assim, Blake me fez enxergar o mundo de outra forma. Ele me fez rir quando eu quis chorar. Ele não me deixou dormir. Nem assistir minha série favorita. Blake queria a minha atenção. Algo que eu achava que ninguém mais desejava. Ele queria ser ouvido e me ouvir. E nós dois falamos. Nós intoxicamos nossos corações.

Aurora me mostrou a resiliência. Ela se quebrou para manter aqueles que ama a salvo. Ela me ensinou a ser mais humana, a não julgar pela aparência. Rora pegou todos os meus segredos e desnudou a minha alma. A

minha princesa da mídia se sacrificou e eu a admiro eternamente por isso, mesmo que ela vá te enganar, como me enganou.

Eles não são mocinhos. Eles fazem o que for preciso para salvar aqueles que amam.

Sendo assim, deixo claro que todos os personagens deste livro são reais e imperfeitos. Eles erram. Assim como você e eu. Eles aprendem com seus próprios problemas, tomam atitudes que vão contra suas índoles. Por isso, peço que *leia atentamente a nota de gatilhos* na próxima página e que se lembre que sua saúde mental é importante para mim.

Então **se não** se sentir confortável, **pare a leitura**.

Intoxicado é o terceiro e último livro da trilogia Anti-Heróis, e apesar de fazer parte de um universo compartilhado, todos podem ser lidos separadamente.

Os livros anteriores já estão disponíveis na Amazon e Kindle Unlimited.

Sem mais, desejo uma boa leitura a todos e antes que eu esqueça;

*Bem-vindos a Nova Iorque. E prepare-se, pois estou prestes a intoxicar seu coração.*

Com amor, a gerente do caos.
Annie Belmont.

# AVISOS DE GATILHO

Intoxicado é um livro sobre aceitar as consequências de suas escolhas mesmo que isso o destrua. É saber que nem todas as pessoas tomam decisões que destroem outras pessoas porque gostam, mas, sim, porque é necessário. Portanto, este livro POSSUI GATILHOS PARA PESSOAS SENSÍVEIS AOS TEMAS:

**Negligência familiar, violência física e psicológica gráfica; uso excessivo de álcool; menção a estupro; uso gráfico de drogas; linguagem imprópria; relação familiar tóxica; luto; sintomas e crise de ansiedade e/ou pânico com cenas gráficas; tentativa de homicídio e homicídio. Além de contar com cenas de sexo explícito e não explícito.**

Desse modo, *a leitura não é recomendada para pessoas menores de 18 anos.*

Novamente, reitero que sua saúde mental SEMPRE será importante para mim e é lógico, vale mais que qualquer entretenimento. Então, caso você seja sensível a qualquer um desses assuntos, tenha cuidado e se necessário, não prossiga com a leitura.

Se cuide.

Annie Belmont.

# PLAYLIST

ouça a playlist de ***Intoxicado*** no spotify;



*eu sou um monte de constelações*
*brilhando e ardendo*
*mas nem todo mundo*
*sabe ver*
*ou só vê a parte que arde*
*ou só vê a parte que brilha*

**Tudo nela brilha e queima - Ryane Leão**

Para todos que perderam algo ou alguém.

Para todos que acreditaram que não havia mais forças e mesmo assim continuaram.

Para aqueles que precisaram se preocupar com uma parte perdida de si.

E para aqueles que escondem suas dores atrás de um sorriso.

Este livro é para todos nós, que lutamos bravamente e vencemos a guerra ou quase.

E para April e Júpiter, que me salvaram quando eu achei que não havia salvação.


Arda Arts



# PRÓLOGO | ANTI-HEROI

*Eu acordo gritando depois de sonhar*
*Que um dia vou te ver ir embora*
*E a vida perderá todo o sentido*
*(Pela última vez)*
**Anti-Hero | Taylor Swift**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Eu fui intoxicado.

Não aconteceu de uma hora para a outra.

Foi durante dias, meses e até mesmo anos.

Foi durante as trocas de sorrisos singelos, abraços inocentes e beijos apaixonados.

Foi quando meus olhos brilharam como uma noite estrelada assim que a vi.

Foi quando ela me enxergou quando ninguém mais se preocupou em fazer isso. Quando ela pegou tudo aquilo que eu desprezava e transformou em arte, me mostrando que nem tudo o que eu imaginava, era verdade. Quando a mulher que era amada por todos, me amou. Me mostrou o significado dessa palavra e doou seu coração sem pedir nada em troca.

Eu me intoxiquei quando a conheci e todos os momentos a partir dali.

Aurora Louise Conway.

Minha ex-namorada.

A mulher que prometeu nunca nos machucar e quebrou a promessa.

A mulher que ansiei e depois me machucou.

E após isso, percebi que perder algo dói. Mas, perder aquilo que dava sentido a sua vida, te arruína. Deixa marcas. Cicatrizes. Te faz questionar um milhão de coisas.

Mas, perder a si mesmo depois de um evento traumático, destrói.

Intoxica a alma.

Envenena a perspectiva de vida.

E te faz perder aquilo que brilha em seu peito.
E eu perdi.
E junto disso, *ela* me destruiu.

# 01



# ADRENALINA

*Você é o cara, mas eu tenho, eu tenho, eu tenho o poder*
*Oh, você faz chover, mas eu faço, eu faço, eu faço cair os céus*
*Você deve saber que sou eu quem está no controle*
*Eu deixo você pegar o volante, contanto que você não esqueça*
**Power | Little Mix**

## AURORA CONWAY

Adrenalina.

No sentido literal da palavra, é o um hormônio produzido em resposta a situações de estresse, medo ou excitação, que prepara o corpo para uma resposta de luta ou fuga. Já no *meu* sentido, é a fúria que corre em minhas veias.

É o sussurro selvagem que desperta os sentidos da minha alma adormecida.

É uma única palavra. Uma única sensação.

Um vício que se agarra ao meu âmago, faz morada e que se impossibilita de expulsar. É o trovão íntimo que ecoa na quietude do meu peito como um corcel indomável galopando nos prados da emoção. A adrenalina, para mim, é a chama que incendeia a jornada, transformando o medo em força e a hesitação em êxtase. É como se sentir no topo de uma cordilheira, com o ar frio batendo em sua bochecha e a felicidade extravasando de seu peito.

E, principalmente, é como deixar que as sensações tomem conta do nosso corpo e todos os problemas se tornem apenas um mero resquício, perto das emoções que o eco do desconhecido causa.

Meu avô costumava dizer que quando o mundo fosse apenas um murmúrio em meu peito e a minha existência fosse a única coisa que importasse, eu entenderia a razão pela qual a adrenalina se aloja em minha veia e percorre todos os átomos do meu corpo. Eu entenderia o porquê sempre precisei tomar mais do universo do que ele estava disposto a me dar.

Ele disse isso e eu não acreditei.

Não acreditei porque, naquela época, eu não imaginava que um dia eu estaria sozinha. A mercê de tudo o que meus familiares abandonaram e com a dor assolando minha alma por perder todos que eu amava.

Eu não acreditei porque não pude aceitar que um dia eu teria que ir atrás dessa emoção para conseguir sentir algo que não fosse a dor latente em meu peito, a cada vez que respiro.

Fecho meus olhos, por um segundo, e abandono todas as dores que ameaçam romper meu coração ao mesmo tempo que minhas mãos se agarram ao acelerador para manter o equilíbrio.

Não posso deixar que o passado atrapalhe toda a minha vida, porque fui fraca o suficiente para lutar naquela época.

Não posso deixar que as sensações me abandonem como *eles* me abandonaram.

*Mamãe teria vergonha.*

*Papai estaria decepcionado.*

Eles se sacrificaram para que eu pudesse viver. Para que algum Conway pudesse, algum dia, vingar o que fizeram com a nossa família. E eu prometi não falhar. Prometi que não deixaria aqueles que foram responsáveis pela nossa ruína terem êxito em seus planos.

Apertando o acelerador da *Kawasaki Ninja*, inclino meu corpo um pouco mais e ergo meu quadril, desviando dos inúmeros automóveis a minha frente e sinto a adrenalina rondar meu corpo. Fazendo com que a sensação, de que nesses instantes que não preciso fingir ser a princesa da mídia, a garota sorridente que está em quase todos os comerciais e uma das maiores *influencer* da atualidade.

*Não.*

Nesse instante, enquanto o rugido do motor e o barulho do vento ao meu redor, são as únicas coisas que presto atenção, eu me torno apenas *Rora*.

A herdeira que quase morreu.

A Aurora que amava o mundo e agora o odeia.

A filha de pais incríveis, que não puderam mais estar ao seu lado.

A mulher que acreditava que a benevolência e a compaixão existiam além dos filmes.

Inclinando meu corpo para estabilizar o peso da moto, viro outra esquina, paro em um semáforo, soltando um suspiro enquanto inclino minha cabeça para trás, observando os arranha-céus e esperando até que o verde entre em meu campo de visão. Entretanto, antes que eu possa abaixar minha cabeça novamente, algo para ao meu lado.

Não algo, mas *alguém*. Alguém em uma moto idêntica à minha.

Alguém que não sei quem é, mas me pego ansiando para descobrir.

Mesmo com o capacete e meu traje todo preto, algo me diz que a minha companhia não é desconhecida. Contudo, assim como eu, ele está totalmente escondido em sua roupa e não há como reconhecê-lo. Nem mesmo como descobrir o motivo pelo qual seu rosto está virado em minha direção, como o meu está na sua.

Mesmo com a distância, sinto como se estivéssemos próximos.

Eu o encaro. Nunca desvio a atenção.

E ele me olha como se mesmo sob a escuridão me reconhecesse.

Me toma o ar como se tivesse o direito de fazer isso.

Ele, o desconhecido, me causa mais adrenalina do que todo o percurso que fiz até agora.

Seu capacete, obsidiano, contrasta com a jaqueta escura; mas é a tatuagem pouco aparente que sobe pelo seu pulso, onde uma luva de couro está cobrindo a sua pele e some pelo tecido que se agarra ao seu corpo, que me chama a atenção. Tatuagem essas que me lembram de alguém que não deveria ser lembrado. Alguém que faço o possível para ignorar a existência.

Ele deveria ser insignificante para mim.

Entretanto, a memória de como tracei aqueles desenhos em sua pele com louvor e paixão, para depois perceber que elas me queimariam sem o menor pudor, tomam conta do meu corpo.

Eu o amei, e ele me incinerou.

Queimou toda a bondade em minha vida e intoxicou toda a minha existência.

Ele é uma das razões pelas quais eu me tornei quem sou hoje.

De repente, o verde brilha em meu rosto e eu esqueço o desconhecido e como tudo dentro de mim se agitou apenas com um breve olhar. Ele não é importante. Tampouco, o idiota que ronda minha mente. Nada é. A não ser a sensação que percorre meu corpo e me obriga a voltar a minha atenção

para frente e acelerar outra vez, correndo entre os carros e sentindo como se eu fosse imbatível.

Eu acelero, mas não é suficiente.

Viro curvas e ainda assim me sinto como se isso não estivesse suprindo a falta de algo.

Eu preciso de mais.

Preciso sentir os limites sendo ultrapassados.

Inclino meu corpo para o lado, observando a ponte do *Brooklyn* se aproximando e respiro fundo, pronta para vasculhar cada rua que conheço nessa cidade. Cada lugar que eu chamo de lar até que minhas amigas me avisem que Dinara está chegando.

Entretanto, quando menos espero, a mesma moto de segundos atrás está ao meu lado em uma demonstração de que não fui rápida o suficiente. E isso me irrita. Me irrita porque ninguém nunca foi capaz de se igualar a mim. Ninguém nem mesmo tenta correr comigo. Nem mesmo Lynn ou Connor que compartilham desse amor tanto quanto eu.

Com um novo suspiro, ergo meu corpo e acelero ainda mais, desviando de algumas SUVs e consequentemente me separando do idiota que acha que pode se comparar a mim. Mas, de repente, ele aparece do outro lado do automóvel, encarando-me de esgueira e mesmo que eu não possa observá-lo totalmente, sei que ele sente o mesmo que eu.

Antes que eu possa segurar, um sorriso lascivo escorrega pelos meus lábios.

É um desafio.

Uma competição.

É a porra de um problema que eu não deveria me meter quando já tenho vários em cima de mim.

É a sensação de adrenalina que não deveria desejar, mas estou agonizando para senti-la.

— Que Lynn e Rowena não descubram essa merda — sussurro.

Então, com isso, jogo minha moto para o lado ao mesmo tempo que ele faz o mesmo com a dele e então estamos nivelados. Lado a lado. Seu corpo se inclina ao passo que acelera e eu imito sua posição, jogando meu peso para o lado oposto e deixando que tudo se torne apenas um borrão e o som dos nossos motores se tornem a minha cacofonia preferida. Nós passamos pela ponte, atravessamos algumas ruas e quando percebo, nós adentramos a *Times Square* em direção a catedral de *St. Patrick's*. As luzes da cidade que

nunca dorme estão nos rodeando, mas é como, se juntos, brilhássemos mais que todas elas.

Nós corremos como se isso fosse a única oportunidade de provar desse sentimento.

De sentir a descarga de emoções que consome cada parte do nosso corpo.

Nós corremos como se estivéssemos vivos.

Únicos.

Como se fôssemos inconsequentes.

Uma nova sensação toma conta de mim a cada novo obstáculo e nem mesmo me preocupo se alguém pode me reconhecer, mesmo que uma parte de mim saiba que é impossível. Contudo, assim que ultrapassamos os limites do *Central Park*, me preparo para uma última volta, sabendo que preciso distraí-lo para ir em direção à cobertura.

E como se soubesse disso, ele desaparece.

Sem olhar para trás ou indicar sua fuga.

Ele apenas desaparece entre as ruas de Nova Iorque e eu sigo em frente.

Sigo porque não sou alguém que olha para trás e espera a oportunidade.

Foi uma sensação momentânea e está tudo bem.

A adrenalina, pouco a pouco, se esvai do meu corpo e sei que preciso voltar para o apartamento antes que Lynn comece a me ligar e Rowena a ameaçar quebrar minha moto.

Com um novo suspiro, faço com que a moto tome o trajeto até o meu prédio e nem mesmo me surpreendo quando percebo alguns fotógrafos escondidos na espreita da entrada do jardim. Não que estejam aqui apenas por mim, mas sei que uma foto minha em uma moto, sem dúvidas, seria valiosa para as manchetes do próximo dia e toda a minha equipe de relações públicas seria capaz de querer a minha garganta por estar estragando a imagem de princesa da mídia que estão criando há meses.

Assim que estaciono a *Kawasaki* na vaga escondida do prédio, percebo duas silhuetas se aproximando. Não me preocupo em me esconder ou algo do tipo. Porque as duas mulheres que caminham em minha direção, queimariam o mundo por mim. A primeira anda a passos lentos. Os cabelos pretos estão presos em um coque e posso perceber as tatuagens de espinhos no seu braço esquerdo para cobrir as lembranças do seu passado. Ela é linda. Lynn Altman, é uma das minhas melhores amigas desde sempre. E ao seu lado, está a mulher que me escolheu acima de sua família. Rowena

McLaughlin. Seus cabelos pretos – como os do idiota de seu irmão – caem pelos seus ombros ao passo que ela ajeita a jaqueta de couro no seu corpo.

Elas me seguraram quando eu caí.

E eu segurei o mundo delas quando precisaram.

— Você demorou desta vez — Lynn acusa, mas percebo a preocupação em seu olhar.

Reviro meus olhos, puxando o capacete e deixando com que as mechas castanhas caiam pelas minhas costas e sorrio.

— Eu precisava extravasar antes que socasse alguém da minha equipe.

— Você quer extravasar ou socar alguém todos os dias, *Rora*. Tente mudar suas desculpas. — Rowena rola os orbes, entediada. — Alguma novidade?

Abaixo o objeto, colocando-o no lugar e me ergo, fazendo com que os saltos da minha bota toquem o piso.

— Nenhuma. — Meus ombros murcham. — Mas não posso me concentrar nisso. Preciso estar bem para amanhã. É um momento importante para Connor e Maverick.

Rowena me encara, preocupação irradiando de suas pupilas escuras.

— Para *ele* também — Rowena sussurra. — Aliás, ele estará na festa.

Não é preciso especificar quem.

Todas nós sabemos. Eu, principalmente.

Blake McLaughlin. Meu ex-namorado.

A pessoa que intoxicou cada parte boa do meu coração. E com isso eu o empurrei de um precipício e então o abandonei, como se eu não significasse nada a não ser sua conquista barata de colegial.

— Quando que aquele idiota não está? — Franzo o cenho.

— Você precisa nos prometer que nem você ou ele irão causar uma confusão. — Lynn diz, cruzando os braços. — Nenhum dos dois precisa de mais uma notícia estampando as revistas de fofoca.

— Eu não entro em confusões, Lynn. — Lanço a ela uma piscadela, caminhando ao seu lado. — E é Blake que precisa entender que meus assuntos não dizem respeito a ele.

Assim que estamos no elevador, Rowena me lança um sorriso frio e aperta o número do nosso andar.

— Não sei se concordo com isso — ela diz, sarcástica. — Já que os tabloides disseram convincentemente essa manhã que a princesa dos

diamantes está perdendo o juízo nas festas universitárias e esquecendo o papel dela na alta sociedade.

— Eu não tenho culpa se eu precisava relaxar e as bebidas daquela festa me fizeram dançar além do normal. — Dou de ombros.

— Você pulou em uma piscina — Lynn ergue uma sobrancelha. — Vestida em um *Dior*. E seu nome estava nos *trending topics*.

Ela tem um ponto.

— Eu estava gerando conteúdo. — Dou de ombros. — É o meu trabalho.

— Não sabia que seu trabalho era ficar bêbada — Rowena debocha.

Me viro para a minha amiga.

— Você não deveria me defender? — Franzo o cenho.

— Não. Ela não deveria — Lynn discorda, soltando uma lufada de ar. — Sei que há uma razão para você fazer isso, mas Dinara acabará arrumando uma forma de te prender em seu dedo mindinho se continuar sendo manchete.

Eu sei que Lynn está certa.

Sei que Dinara Conway, minha tia, conseguirá me colocar na linha se eu não me comportar. Sei que ela não se importa se o que escondo vier à tona, porque isso não é importante para ela. Nunca foi.

Sei que essa não sou eu. Mas, eu preciso disso. Preciso fazer com que a atenção esteja em mim. Sempre em mim e nunca em meus segredos.

— Ela não tem poder sobre mim. — Meus ombros caem.

Rowena me olha de esgueira.

— Ela tem, sim, Rora — sua voz é baixa. — Então, se não quiser entrar naquele limbo onde sua tia te obriga a ser a herdeira perfeita, tente não destruir o que construiu para proteger tudo o que ama. — Ela solta um suspiro. — Às vezes, escolher proteger a si não é errado. E você e meu irmão deveriam saber disso depois que perderam tudo.

Eu não respondo de imediato.

Blake é um assunto proibido entre nós.

Quando se trata do que há entre mim e ele ou o nosso passado, não há nada que as pessoas possam fazer. Ou nós dois batalhamos, ou nos ignoramos a ponto de todos acharem que somos insignificantes um para o outro.

Blake me odeia tanto quanto eu o odeio.

Ele poderia me destruir sem pensar duas vezes e mesmo assim não o faz. Porque sabe que contar o motivo pelo qual me tornei desta forma, fará com que arruíne não só a mim, mas a ele também.

Lynn não diz nada e Rowena se mantém em silêncio.

Nós não tocamos no assunto quando seu irmão está envolvido.

A ruptura que causamos é maior do que tudo.

— Ele sabe e nós dois não nos importamos com isso.

Elas erguem uma sobrancelha.

— Por quê?

— Porque já nos destruímos o suficiente para nos importarmos.

# 02



# SOMOS ANIMAIS

*Olha, eu daria a minha alma para não sentir isso*
*Luto contra isso todos os dias, é uma doença*
*Eu apenas sento e fico acordado em alguma merda real*
*Procurando por uma boa fuga, poderia pular de um*
***Stuckinmybrain | Chase Atlantic***

## BLAKE MCLAUGHLIN

Eu tenho três obsessões.

1. *Vôlei.*
2. *Minha moto.*
3. *Aurora Louise Conway.*

E a última, é a minha obsessão desde os meus quinze anos.

A princesa da mídia.

A garota mais linda que já coloquei meus olhos.

A ruína da minha existência.

Ela chegou no nosso antigo internato em Nova Iorque, anos atrás, com um sorriso meigo, um *Doc Marten Mary Janes* ridículo nos pés e conquistou a todos. A herdeira de um império de diamantes, que amava a sua privacidade, olhava para qualquer um no seu campo de visão com um brilho amigável em suas pupilas e lhe faziam se sentir vistos, complacentes.

Mas ninguém, além de mim, sabia que ela era apenas uma manipuladora de merda.

Eu sei disso porque fui sua principal vítima.

Sei porque eu a odeio.

Odeio porque mesmo que eu seja obcecado, não sou idiota de cair por amores pela mulher que poderia ter o mundo em suas mãos, mas sempre

esteve atrás daquilo que não lhe era entregue de mãos beijadas.

Aurora sempre quis a adrenalina de se sentir viva. A sensação do mundo de não se importar com o que ela carregava em suas íris esverdeadas e seu coração hipócrita.

Ela sempre quis que o mundo a olhasse como a rainha que é.

E mesmo que eu odeie admitir, ela conseguiu.

Aurora manipulou a todos. Principalmente a mim.

Ela queria se divertir com o filho rebelde dos McLaughlin e depois fingir que éramos apenas um caso de uma noite. Queria aproveitar do que eu estava disposto a lhe dar e depois me chutar como se eu fosse mais um item em seu *closet* caro. E mesmo que seja errado, mesmo que nossos pais fizessem o possível para não acontecer, eu aproveitei cada segundo e permiti que ela me destruísse no caminho.

Permiti e não me importei em corromper a filha perfeita de Baron Conway, mesmo sabendo que ela não podia foder com o filho indesejado do seu sócio, Sebastian McLaughlin, e arriscar estragar todo o acordo que sua família aristocrata havia fechado antes mesmo que *Rora* tivesse a chance de escolher por si mesma.

O acordo que havia selado seu destino e destruído o meu.

O acordo onde a herdeira dos diamantes não me pertencia, mas sim, a um príncipe idiota de uma das famílias mais poderosas da Inglaterra.

O acordo onde ela era dele e não minha.

Como tudo em minha vida.

E nossos pais sabiam disso. Sabiam que se eu ousasse tocá-la, se eu destruísse o acordo que beneficiaria as duas famílias, eu me arrependeria amargamente.

Eu não só perderia o que tanto lutei para construir, mas também destruiria minha irmã.

E mesmo sabendo disso, eu fiz. E no fim, todos eles se safaram e eu fiquei com o peso de todas as escolhas.

Com ódio de ainda ser obcecado pela maldita princesa da mídia e ter sido afastado da única pessoa que me segurou na infância quando nossos pais brigavam mais do que respiravam. Que era a minha metade, minha melhor amiga e irmã. *Rowena McLaughlin*.

— Por que você está encarando Rora desta forma?

A voz de Connor Davenport faz com que eu desvie meus olhos dela e olhe para ele, erguendo uma sobrancelha.

Connor é meu único amigo, além de sua namorada, Lynn. Eles me conhecem melhor do que eu mesmo e muita das vezes, seguraram o meu mundo quando nem eu mesmo conseguia fazer isso. Embora Lynn Altman seja como uma irmã para mim, sua lealdade sempre estará com Aurora e Rowena.

Suspirando fundo, encaro os olhos verdes de Connor que fitam meu rosto com desconfiança ao passo que leva às mãos até o cabelo preto. Mesmo que esteja trajando a jaqueta do nosso time na NYU, posso observar os vestígios das inúmeras tatuagens que sobem pelo seu pulso e cobrem sua pele.

— Porque ela é uma hipócrita de merda — finalmente digo, não me importando que ele revire os olhos por também ser amigo dela.

— Tal qual você — devolve, levando o copo até os lábios.

Uma risada salta dos meus lábios.

— Não seja ridículo.

— Não? — Ele ergue uma sobrancelha. — Então, você não foi atrás dos estagiários dos seus pais para saber sobre o processo da família dela? E ela quase arrancou suas bolas por isso?

Dou de ombros, soltando um sorriso cínico.

— Tive meus motivos. — Meus olhos se voltam para a mulher com o celular nas mãos e sorrio para ele. — E isso não tem a ver com ela, mas sim, com a minha necessidade em saber o que ela fez naquela noite.

— Além de terminar com você?

— Lynn por acaso chutou a porra das suas bolas?

— Não. — Ele sorri. — Por que ela faria isso?

— Porque você está sendo a merda de uma pedra no meu sapato — resmungo, erguendo minha postura e ajeitando a jaqueta do time.

— Ela sabe disso e não se importa. — Connor, se vira para mim. — Você deveria parar de observá-la de longe e falar com ela. Essa situação já está ficando patética.

— E você poderia cuidar da sua vida, que tal?

— Eu seria um péssimo amigo se fizesse isso. — Ele sorri e se desencosta de onde estamos. — Vou encontrar a Lynn. Tente não foder com tudo essa noite e causar mais uma polêmica. O treinador está realmente puto com você, Blake.

Soltando um suspiro, imito a sua posição e fico de frente para ele, roubando seu copo e levando até os lábios, tomando o resto do líquido que

estava ali e quando volto a abaixá-lo, um sorriso nasce em meus lábios.

— Eu prometo não foder com o nosso time, Davenport.

Com isso, me viro e sorrio para as líderes de torcida antes de puxar uma delas para ser minha dupla no *Beer Pong*, mesmo que daqui a algum tempo eu vá me esquecer da companhia dela e focar em alguma bebida. Assim que ergo meu rosto para a dupla adversária, meu sorriso morre pouco a pouco, porque do outro lado da mesa, acompanhada com o capitão da equipe de hóquei, está Aurora Conway.

*A porra da minha obsessão.*

Ela conseguiu se mover pela sala sem que eu percebesse e agora me encara com os olhos gélidos e os cantos da sua boca curvados em um sorriso desdenhoso. Os traços perfeitos de seu rosto fazem com que algo em meu peito doa e seus olhos se fixam nos meus, sabendo que nunca irei desviar.

Nunca. Nem mesmo quando tudo ao nosso redor parece desacelerar.

Nós fazemos isso desde que o nosso mundo ruiu.

Não nos importamos se todos à nossa volta sabem que nos odiamos. Nem que a festa ao nosso redor ainda aconteça. Não nos importamos com nada.

Apenas com o sentimento que rodeia entre nós.

Ódio.

Desdém.

Decepção.

Impotência.

— Eu me pergunto como o treinador Rhodes ainda te mantém como capitão — Aurora debocha, umedecendo os lábios e girando uma das bolas, destacando a unha decorada. — Quando todos nós sabemos que você é tudo, menos um líder decente.

Minha mandíbula tensiona por ela saber meus pontos fracos e preciso contar até dez antes de sorrir friamente em sua direção e devolver sua pergunta com algo que a machucará.

— E você constatou isso quando? — devolvo no mesmo tom que ela. — Enquanto era uma hipócrita de merda que mente para os seus seguidores, sobre ser uma boa pessoa, ou quando fodia com toda a minha equipe, apenas para sair em uma das colunas sociais?

Ela aperta a bolinha e meu sorriso aumenta.

Antes que ela possa responder, minha companhia joga o objeto, fazendo com que ele caia diretamente no copo a sua frente. Não disfarço a minha alegria ao me virar e deixar um beijo na bochecha da desconhecida em agradecimento e assim que volto a encarar Aurora, ela está virando o restante do líquido com uma força desnecessária.

Assim que ela pega a bolinha, mirando em dois copos, ergo uma sobrancelha pelo sorriso em seu rosto.

Mesmo que eu jamais vá assumir, ela é malditamente perfeita. Olhos esverdeados, a pele clara é bronzeada, cabelos castanhos caindo em ondas até a altura de seus seios e uma boca que ainda me acompanha em todos os meus sonhos obscenos. O vestido preto e justo, faz com que suas curvas se destaquem e o colar, que sempre está em seu pescoço, chama a minha atenção.

O brasão desenhado em um único diamante. A pedra dela. A única pedra que eu sempre disse combinar com o brilho de seus olhos, mas agora que observo, apenas me causa náusea.

Desviando meu olhar, observo o momento em que ela joga a bolinha e faz com que pouse dentro do copo a minha frente, obrigando-me a pegar a bebida barata e levá-la aos lábios.

A ardência é bem-vinda. O entorpecimento que o álcool causa é familiar.

Eu jogo novamente, acertando. E ela devolve, sorrindo.

Não nos importamos com os nossos companheiros.

Nem se estamos parecendo dois adolescentes tentando provar que somos melhores do que o outro.

Eu jogo e acerto. Ela joga e me obriga a beber.

Nós apenas equilibramos o jogo. Aurora odeia perder e eu não estou disposto a sair daqui como um idiota derrotado. Então, mesmo que o álcool esteja nos deixando mais lentos, não desistimos. Até mesmo quando uma pequena aglomeração se forma ao redor da nossa mesa para observar o jogo dos dois alunos mais populares da universidade.

Percebo algumas pessoas gravarem a partida e sei que essa merda será vendida ao tabloide mais tarde e nem mesmo me importo.

Tudo o que eu quero é vencer. Apenas isso.

A cada nova jogada, nós provamos um ponto.

A cada nova dose, eu penso em como eu a odeio.

Odeio tanto que eu poderia curvá-la sobre essa mesa, virá-la e fodê-la por trás enquanto estapeio a porra de sua bunda gostosa.

Aurora sorri maliciosamente como se o álcool já tivesse tomado todo o seu juízo e eu ergo uma sobrancelha como se ela fosse a minha maldição.

— Você ainda é um merda nesse jogo — ela grita quando a música aumenta.

— Então ainda presta atenção em mim, *Rora*?

O apelido salta dos meus lábios com escárnio e a bola em suas mãos paralisa.

— Não me chame assim.

— Eu acho que você vai ter que me dar um motivo plausível para isso, querida.

Um sorriso frio nasce em meus lábios, enquanto ela tomba a cabeça para trás soltando uma gargalhada fria e mesmo que eu não deseje, me pego apreciando como o rosto de Aurora se molda em torno de sua nova expressão. As pupilas dilatadas, os lábios entreabertos e o nariz arrebitado.

*A maior cadela insensível de Nova Iorque é a porra de uma deusa.*

— Às vezes você é tão patético, McLaughlin. — Ela passa a língua pelo lábio inferior e eu acompanho o gesto. — Que entendo o porquê Sebastian não te suporta.

Passo a mão pela mandíbula.

Pego a garrafa de destilado ao meu lado, retiro o lacre e olho para onde Connor e Lynn me encaram com o semblante decepcionado e não me importo com isso. Do outro lado da sala, sentada no colo do babaca que está tentando roubar meu posto de capitão, está Rowena e a traição queima meu peito.

Eu não tenho direito de julgá-la. Não quando minha irmã merece o mundo, mas o problema é que o responsável por dar isso a ela, também pode me tirar a única coisa que eu valorizo em minha vida.

Voltando minha atenção para a mulher diabólica do outro lado da mesa, meus olhos se semicerram. Essa versão que Aurora esbanja pelas redes sociais e pelo campus da NYU é a porra de uma mentira elaborada por anos. Esses olhos frios e sorrisos calculados não pertencem a *Rora* que ama minha irmã e Lynn. Que conheceu Connor em um momento delicado e se tornou sua confidente.

E por isso, por saber que tenho poder sobre essa versão que guarda, eu ataco.

— E você é tão insignificante que até seus pais teriam desgosto de quem se tornou, *Rora*. — Levo a garrafa aos lábios, ingerindo uma boa quantidade.

Seu sorriso se mantém em seu rosto perfeito, mas não há brilho.

Há ódio.

Decepção.

Descontentamento.

Sentimentos que eu reconheço e os abraço.

Porque se há algo que Aurora Conway me ensinou, foi sempre dar a facada antes de recebê-la.

De repente, ela pisca, se afasta da mesa e pega a garrafa ao seu lado, leva aos lábios e ingere uma boa quantidade antes de voltar a me encarar. E nesse meio segundo, eu sinto como se o mundo parasse para que pudéssemos criar uma conexão como a que tínhamos quando adolescentes.

Mas é impossível.

Sempre vai ser.

Aurora é tão proibida para mim quanto eu para ela.

E quando vira o rosto, diz algo a sua companhia e ele prontamente a ajuda a subir na mesa, tenho a certeza de que ela vai fazer algo que fará com que esteja, outra vez, nos sites de fofoca. Entretanto, Conway me surpreende, erguendo o braço e ordenando que a música seja cessada.

Assim que alguém faz o que ordena, ela sorri como um predador prestes a atacar sua presa e seus olhos fitam meu rosto com escárnio.

— Boa noite, NYU! — ela grita, erguendo a garrafa. — Eu ouvi dizer que o nosso talentoso time de vôlei venceu o jogo. — Todos soltam gritos animados, embora meus amigos apenas soltem um suspiro sabendo que isso não acabará bem. — Mas acho que precisamos dar créditos ao capitão do time, certo?

— Aurora — grunho.

— Ah, vamos lá, Blake, não seja tímido! — exclama, ainda sorrindo. — Você sempre amou a atenção que recebe por ser o capitão. Ou você quer que eu chame o *novo capitão* do seu time? — Ela sorri quando percebe a fúria em minhas pupilas. — Ouvi dizer que Rhodes tem um novo jogador preferido.

Meus punhos se fecham e ela sorri pelo feito.

Entretanto, eu não me importo de sorrir de volta, mesmo que no momento eu a odeie, apenas faço a coisa mais imprudente que eu poderia

fazer. Seguro a borda da mesa e dou um impulso, me erguendo no móvel e ficando cara a cara com a mulher que sou obcecado.

Ela se vira totalmente em minha direção e o verde dos seus olhos se misturam aos dos meus. A boca pintada de um vermelho vivo me chama como se clamasse para que me abaixe e sele nossos lábios. Eu odeio esse desejo palpável entre nós e ao abaixar meu olhar até seu pescoço esguio, me pego ansiando para que minhas mãos o segurem enquanto a puxo para mim.

Para onde ela um dia pertenceu.

É errado. Iria ferrar com tudo o que luto desde que ela chutou minha bunda, como se eu fosse apenas uma conquista em sua longa lista.

Entretanto, seu cheiro, de repente, é o único que importa e, ao mesmo tempo, é o que eu mais abomino.

Percebo, de relance, a minha antiga companhia segurar a garrafa que antes estava em minhas mãos e eu estendo o braço, fazendo com que me entregue e levo até meus lábios, bebendo uma quantidade considerável que com certeza me arrependerei amanhã no treino. Quando abaixo o objeto e fito a sala lotada, Aurora ergue uma sobrancelha e eu sorrio, abrindo os braços, me virando para todos e umedecendo os lábios.

— Olá NYU! — Sorrio. — Acho que também devemos brindar a tão querida *influencer* da NYU, por sempre nos colocar nas manchetes de todos os sites. E nem todas elas nos orgulhamos. — Levanto a garrafa e todos sorriem, entretanto, minha atenção se volta para Aurora e elevo o canto dos meus lábios de forma sarcástica. — Mas o que podemos dizer, não é mesmo? Já que ela faz isso para que ninguém saiba que a princesa da mídia é uma megera insensível, que não se importa com ninguém além de si mesma.

O sorriso de algumas garotas aumenta.

Aurora não move um centímetro, ela apenas me observa e leva sua garrafa aos lábios.

Imito seu movimento, já sentindo o álcool entorpecer todo meu corpo.

Eu bebo para esquecer o quanto ela mexe com a porra da minha cabeça.

Ela ingere o álcool para aplacar o quão manipuladora é por baixo dessas roupas caras.

Nós bebemos para esquecer que somos animais prestes a se atacarem.

E mesmo que ninguém saiba, nós adoramos isso.



No momento em que meus olhos se abrem, eu sei que estou fodido.

Principalmente quando olho para o relógio e percebo que tenho apenas quinze minutos para me arrumar e chegar ao centro de treinamento. E mesmo com a dor de cabeça latente, me levanto e me arrumo em um tempo recorde.

Eu mataria Connor ou qualquer outro integrante do meu time por não ter me acordado no horário. Mesmo sabendo que o erro é exclusivamente meu, por beber mais do que o devia na noite passada.

Jogando a jaqueta do time em meus ombros e roubando apenas uma maçã da cozinha, corro até a garagem e subo na minha moto fazendo o possível para chegar até a NYU em tempo recorde. Porque sei que se não o fizer, Rhodes foderá com o meu dia como está fazendo desde que o merdinha do namorado da minha irmã se transferiu para cá.

Com um longo suspiro, estaciono dez minutos atrasado na minha vaga de sempre e ando a passos rápidos até a quadra, sabendo que a minha intenção de chegar no horário acaba de falhar. Assim que adentro o local, posso observar todos os jogadores em suas posições e o ódio toma conta de mim quando vejo Maverick Johnson Foster ocupando a minha posição.

*A porra da minha posição.*

*Na porra do meu time.*

— McLaughlin — Rhodes me cumprimenta quando paro ao seu lado. — Na minha sala. *Agora.*

Não tenho tempo de discordar, porque ele se vira e segue até a enorme sala repleta de troféus, medalhas e fotos da nossa equipe. E, assim que dá a volta em sua mesa e aponta para a poltrona à sua frente, eu sei que seu humor não é dos melhores.

— Treinador.

— Esqueceu o horário do treino? — ele zomba, apoiando a prancheta no móvel. — *De novo?*

— Não, senhor — minha voz salta dos meus lábios como se fosse cacos de vidro. — Fiquei preso no trânsito.

Sua risada falsa ecoa na sala.

— Claro, assim como você se esqueceu que é o capitão do meu time e decidiu que seria uma boa ideia agir irresponsavelmente em uma festa, ontem à noite?

— Eu não sabia que comemorar a nossa vitória com o time soaria assim, Rhodes — grunho. — Devo me desculpar por todo o time que estava presente nessa minha *irresponsabilidade*?

Ele sorri. É frio. Calculado.

— Não sei, eles também subiram em uma mesa com Aurora Conway e fizeram um show? — sua pergunta faz com que uma das minhas sobrancelhas se ergam. — Ou acordaram nas manchetes dos sites de fofoca mais acessados da porra de Nova Iorque, McLaughlin?

— Desculpe?

— Foi o que pensei. — Ele aponta para fora da sua sala. — Você está no banco hoje. Lide com essa bagunça que criou e eu espero que seja de uma forma positiva, McLaughlin.

Tenho vontade de contrariá-lo.

De dizer que ele está errado e que não estou nos sites de fofoca.

Entretanto, antes que eu possa falar algo, ele inclina a cabeça para o lado e me encara conciso.

— É a sua última chance, Blake. — Não há espaço para discordar. — Se você se envolver em outra confusão, polêmica e até mesmo chegar atrasado para os treinos, você está fora. Maverick assume o seu posto e você se torna o central.

Meus olhos se voltam para a quadra.

Para onde eu consegui encontrar paz mesmo após anos.

Para onde eu posso deixar que todos os demônios que me acompanham se libertem e eu não seja apenas um anti-herói da minha própria história. Onde não sou apenas o herdeiro da maior empresa de advocacia do país. Onde Sebastian não me olha apenas como a pessoa que deseja moldar a sua imagem, mesmo que isso seja impossível.

No vôlei, eu encontrei a minha paz e agora percebo que em certo momento me acomodei com isso e deixei minhas responsabilidades de lado. Me tornei a pessoa rasa que sempre julguei. Aquela que já não percebe o que pode perder, porque na sua mente, já perdeu o suficiente.

Eu me tornei uma fraude de mim mesmo.

— Não irei decepcionar, treinador.

— Não é comigo que você precisa se preocupar, Blake — sua voz é fria. — É com você.

Tento e falho em demonstrar que se eu perder o vôlei, eu perco tudo.

— Eu faria qualquer coisa pelo time, Rhodes. — Minha voz é verdadeira. — Qualquer coisa.

— A sua imagem pública não coopera com o seu talento, McLaughlin. Você, além de ser um dos melhores jogadores e o destaque do time, também é o herdeiro que a mídia sempre estará de olho. E para a Diretoria da NYU, isso pode prejudicar o desempenho do time. — Ele suspira. — Então tome as rédeas da sua vida e saiba filtrar suas ações antes que as consequências sejam inviáveis e você perca tudo por suas indulgências.

Eu sei que o que ele está falando é sério. Ou eu melhoro, ou estou realmente fora.

Não há uma terceira opção, é tudo ou nada.

— E o que eu posso fazer, treinador? — questiono, sabendo que nem ele pode me ajudar.

Ele revira os olhos.

— Eu não sei, Blake — resmunga, se levantando. — Arrume uma namorada como os tabloides estão dizendo. Pare de criar polêmicas. Chegue na hora certa. Apenas aja como a porra de um adulto.

Ele se vira e sai da sala, me deixando com meus pensamentos.

Parar de criar polêmicas e chegar no horário são coisas fáceis de fazer.

Agora, namorar depois de tudo o que aconteceu? Nem fodendo.

Entretanto, quando finalmente pego meu celular e vou atrás do que me colocou nessa merda, me arrependo amargamente. Porque, de todas as coisas que eles poderiam inventar, sem dúvidas nenhuma, essa vai foder não só comigo e com Aurora, mas com as nossas famílias se eles realmente acreditarem nisso.

— Puta merda!



# EU NUNCA PAREI

*Aposto que ela nunca fez você chorar*
*Porque as cicatrizes em seu coração ainda são minhas*
*Me diga que ela não conseguiu ir tão fundo*
*Ela quase pode ser a pior que eu*
*Pena que ela está fora de seus sonhos*
***Woo | Rihanna feat. Travis Scott***

## AURORA CONWAY

Existe uma singela beleza na arte.

A arte dos quadros de Lynn.

A arte da dança de Rowena.

Até mesmo na arte do vôlei dos garotos.

Essa é a beleza que gosto de registrar nas minhas redes sociais. Porque meus amigos foram salvos por isso. Eles se blindaram daquilo que os faziam vivos e fizeram disso uma forma de seguirem em frente, mesmo que todo o mundo os fizessem se questionarem se realmente valia a pena.

Eu gosto de registrar porque isso me dá esperança.

Esperança de que mesmo nossas vidas estando uma bagunça, ainda há como tudo se acertar. Ainda há como encontrar algo bom entre as ruínas da nossa realidade. Porém, mesmo acreditando em tudo isso, hoje me pego perguntando se alguém, alguma vez, me questionou sobre algo que me salvou. Ou se fui realmente salva por algo e não estou apenas me destruindo lentamente, com a desculpa de que faço isso para me sentir viva.

Acho que, na verdade, eu vejo beleza apenas na arte dos outros, porque eu me acostumei tanto a esconder a minha própria que, agora, não vejo mais beleza nela. Apenas me contento em escondê-la para me manter segura. E

nem mesmo me culpo por isso ou pelos outros por acreditarem que algo me salva. Afinal, deixei e ainda deixo acreditarem que superei toda a merda em meu coração. Deixo que até mesmo acreditem que estar rodeada de pessoas faz com que, o vazio deixado pela perda da minha família, seja preenchido.

Mas não é a verdade.

Nunca poderá ser.

Porque esse vazio é interminável.

Ele é como um apelo. Como se fosse um rio imenso onde me deságuo, derramo e me dispo. Onde ninguém pode me retirar, porque as lembranças constantes me afogam dia após dia.

E mesmo agora, enquanto estou no escuro do meu quarto, fingindo que a dor latente da minha cabeça por conta da ressaca da noite passada e o mundo lá fora não existe, constato que hoje é um dos dias que não aprecio as lembranças que tentam me sugar.

Não aprecio, porque elas me fazem revisitar um lugar onde prometi que jamais iria. *Ao meu passado.* O passado que julguei ser perfeito e no fim, era apenas uma mera ilusão.

— Rora? Você está acordada?

A voz de Rowena faz com que eu abandone todos os pensamentos e me obrigue a levantar meu rosto e olhar em direção à porta semiaberta.

— Infelizmente, sim — resmungo.

— Você… *hum*, por acaso, viu as notícias hoje?

Um vinco se forma em minhas sobrancelhas enquanto ela adentra o quarto, segurando o *iPad* e se joga em minha cama.

— Não. — Umedeço meus lábios e me ajeito entre meus travesseiros sabendo que estou prestes a saber que mais uma vez alguém vendeu alguma foto minha bêbada. — Ainda não tive disposição para pegar meu celular depois da festa de ontem.

— Oh, sim, aquele *Beer Pong* foi intenso — ela zomba. — Achei que você e Blake se matariam ou se beijariam. Não conseguia definir.

— Primeira opção, óbvio. — Reviro meus olhos. — Há um ponto para isso, Rowena?

Ela me encara com os olhos brilhantes e a desconfiança toma conta de mim.

— Veja por si mesma.

Antes mesmo que eu possa compreender suas palavras, ela estende o braço e eu me arrependo amargamente por perguntar. Na verdade, eu

deveria ter continuado a fingir que o mundo não existia, que a escuridão do meu quarto é aconchegante. Se tivesse feito isso, meus olhos não estariam agora rolando pela tela do aparelho e tudo dentro de mim não constataria que estou ferrada.

Principalmente quando meu nome preenche todas as manchetes dos tabloides mais famosos de Nova Iorque, acompanhados de várias fotos. Não apenas fotos aleatórias ou fotos bêbada. Não. É bem mais do que isso. Na minha frente, há dezenas de fotos ao lado de Blake *maldito* McLaughlin em uma mesa, com todos nos encarando e outras de nós, anos atrás, quando éramos apenas dois adolescentes em um internato se encarando apaixonadamente.

Eu estou tão ferrada.

Não apenas isso.

Dinara, sem dúvidas, vai querer a minha cabeça em uma bandeja de prata.

— Merda. Merda. Merda.

Me sento abruptamente na cama, jogando meus cabelos para trás e rolando meus dedos pela tela em busca de todas as notícias.

— Isso não é tão ruim, certo? — Rowena questiona. — Você e meu irmão podem dizer que é mentira. Afinal, isso é uma mentira, não é?

Não respondo. Ela sabe que é. Todos ao nosso redor sabem.

Entretanto, meus olhos continuam focados em todas as notícias à minha frente. Quem tirou as fotos, fez questão de que o ângulo dê a entender que estamos em cima daquela maldita mesa, quase nos beijando quando, na verdade, estamos apenas nos machucando mutuamente.

Ele está com os braços abertos e eu estou encarando-o com raiva, mas nesta posição algumas pessoas podem achar que estou admirando aquele merdinha egocêntrico. E o sorriso em seu rosto que é frio, em outra interpretação, poderia até mesmo soar como divertido.

Isso é péssimo.

Porra, *muito* péssimo.

> **RECONCILIAÇÃO? RUMORES DE QUE O HERDEIRO DA CONWAY&MCLAUGHLIN E A PRINCESA DA MÍDIA REATARAM AUMENTAM APÓS FOTOS VAZADAS DE FESTA UNIVERSITÁRIA!**

*Aurora Conway, herdeira do império de Diamantes e considerada a princesa da mídia que sempre está envolvida em polêmicas, apareceu ao lado de Blake McLaughlin, o filho rebelde do famoso casal de advogados Annabeth e Sebastian McLaughlin. Não é novidade que os jovens viveram um romance adolescente e terminaram de forma inesperada. Mas será que após essa festa anunciarão a volta do relacionamento perdido há anos?*

**EXCLUSIVO! AURORA CONWAY E BLAKE MCLAUGHLIN PODEM TER REATADO NAMORO APÓS ANOS SEPARADOS!**
*Ontem, 14 de outubro, acorreu em uma das fraternidades da NYU, a festa de comemoração de mais uma vitória do time de vôlei. Contudo, foi o ex-casal que roubou a cena após serem flagrados em cima de uma mesa. Testemunhas relataram ao nosso site que eles se encaravam e sussurravam promessas como se estivessem prestes a se beijarem. Além disso, há boatos de que ambos sumiram juntos após esse momento apaixonado. Será que a volta do casal de ouro está mais perto do que previámos?*

Eu vou matar alguém.

Não alguém, mas a pessoa responsável por vender essas fotos para esses sites.

— Por que Rora está olhando para o seu *iPad* com uma expressão assassina? — Lynn pergunta entrando no meu quarto e se jogando ao lado de Rowena.

— Porque ela está em todos os tabloides — minha amiga conta. — De novo.

— Sair em todos os sites já deveria ser como um bom dia para você, Rora. — Lynn ergue uma sobrancelha.

— Eles estão supondo uma reconciliação com meu irmão — Rowena encolhe os ombros.

— Oh, merda.

— Sim, Lynn. *Oh, merda!* — digo, ainda encarando a maldita foto.

— Dinara, ela...

Antes que Rowena possa completar sua frase, meu celular pessoal começa a tocar incansavelmente, fazendo com que um longo suspiro salte dos meus lábios e meus olhos se fechem por um segundo.

Apenas algumas pessoas que confio possuem esse número. Minhas amigas estão descartadas no momento. Connor e Maverick claramente não fariam isso quando estão no treino e não se importam com as notícias falsas que sempre saem sobre mim.

Então só sobra uma única pessoa: Dinara Conway.

Minha tia.

A única parente próxima que me restou.

E mesmo sabendo que eu deveria ignorá-la, me pego levantando, seguindo até a minha bolsa e retirando o aparelho de lá. A foto da mulher de cabelos escuros, olhos castanhos e um sorriso marcante toma conta do meu campo de visão. Ela costumava ser amorosa quando eu era apenas uma criança, costumava correr comigo pela propriedade dos meus avós. Agora ela é o oposto disso.

E assim que deslizo o dedo, atendendo a sua chamada, sou recebida por uma expressão afiada e decepcionada. Algo que é rotineiro em nosso dia a dia.

*— Eu te pedi apenas uma coisa, Aurora. Apenas uma coisa e você não me ouviu —* sua voz fria e seus olhos vazios fazem com que eu estremeça. *— Eu te pedi apenas para não se meter em outra confusão depois da última que quase te custou seus contratos milionários.*

— Não me culpe por algo que não fui responsável. — É uma meia verdade.

*— Então diga que é mentira —* ordena, levantando os óculos escuros.

— Primeiramente: bom dia, tia. — Sorrio falsamente. — Como está a Flórida?

*— Estava incrível até que meu celular foi tomado de notificações sobre uma suposta reconciliação. —* Ela suspira. *— Você me disse que era impossível reatarem. Você sabe que não podem reatar esse relacionamento, Aurora.*

— Continua sendo impossível — afirmo, entrando em meu *closet*. — As fotos foram capturadas fora de contexto. Não sei quem as vendeu, mas não é o que parece. E a minha vida amorosa não deveria ser uma pauta para o mundo todo comentar.

Dinara solta um suspiro aliviado e se senta.

*— Você é uma figura pública. As pessoas comentam sobre qualquer coisa que faz. Já deveria aceitar isso.*

— Mas isso não significa que a minha intimidade deve ser exposta desta forma — concluo, sabendo que é em vão. — Não significa que pessoas devem ganhar dinheiro com manchetes e fotos falsas.

— *Infelizmente, querida, isso não será a última vez que acontecerá. Então, por hora, estou lidando com as consequências dessas notícias falsas e apagando esse incêndio.* — Uma pequena careta se forma em seu rosto. — *Mas, há algo que precisa saber.*

— Pode dizer. Não acho que algo possa ser pior que essa notícia.

— *As pessoas estão comprando e amando essa mentira.* — Percebo que ela odeia isso tanto quanto eu. — *E dado ao seu histórico de sempre estar em polêmicas e ter deixado claro em todas as entrevistas que nunca assumiria um relacionamento, elas estão ansiando para ser verdade. Talvez precisemos de algo para conseguir abafar essa história.*

— Eu não vou entrar em um relacionamento.

— *Não estou dizendo que você precisa entrar em um relacionamento, mas você está por um fio de perder todos os seus contratos se continuar a agir como uma pirralha mimada que não sabe ser responsável* — minha tia chia, irritada. — *Eu também odeio essa situação e odeio que seja ele que esteja relacionado a isso, mas pense nas suas próximas escolhas, ou eu terei que voltar para Nova Iorque mais cedo do que pretendia.*

Fecho meus olhos por um segundo.

— Eu farei o que for possível.

— *Eu sei.* — Percebo uma movimentação atrás dela. — *Nós nos vemos na próxima semana.*

Antes que eu possa me despedir, ela desliga.

E nem mesmo me surpreendo. Dinara se tornou uma pessoa fria e calculista desde que meu pai morreu. Além de irmãos, eles eram melhores amigos e perdê-lo fez com que se escondesse atrás de suas armaduras. E o pior de tudo, com certeza, foi ter recebido a responsabilidade de ter que cuidar da cópia dele após a sua morte, mesmo que odiasse ficar no lugar onde tudo lembrava seu irmão.

— Ela parecia receosa — Lynn diz, se escorando em uma das estantes de bolsas.

— Não, ela parecia uma vaca como sempre — Rowena xinga, se sentando em uma poltrona e pegando uma das minhas bolsas. — Ela odeia que Rora não aceitou aquele pedido...

— Rowena — Lynn a corta.

— Está tudo bem — digo, me sentando no chão. — Mas, Dinara tem razão em algo. As pessoas estão comprando essa história e eu preciso fazer algo para esquecerem disso.

— Por que eu sinto que isso vai dar uma merda maior ainda? — Lynn questiona, me encarando com uma sobrancelha arqueada.

Um sorriso nasce em meus lábios.

— Porque vai.



Arrasto meu olhar pelo edifício que abriga o maior clube da cidade.

*Eu não deveria fazer isso.*

*Não deveria causar problemas.*

*Não deveria ser uma pessoa de merda.*

Mas, se eu não o fizer, se eu deixar que as pessoas acreditem que Blake e eu somos compatíveis. Que estamos apaixonados... O caos será pior. Trará olhares de pessoas que eu não desejo. Fará com que o passado retorne.

E eu não posso e não quero isso.

Com um longo suspiro, coloco um sorriso largo no rosto e dou um passo à frente. Rumo ao meu purgatório. Ao meu inferno particular onde todos acham que me sinto realizada, completa, mesmo que isso seja a maior mentira inventada.

Com uma longa lista de espera, um público seleto e o ambiente onde herdeiros, celebridades e até mesmo empresários da *Wall Street* frequentam, a *Deluxe* carrega o peso de ser a maior boate de Nova Iorque. Onde pessoas que possuem dinheiro suficiente para jogarem sua sujeira para debaixo dos panos, comentem suas atrocidades.

Emoldurada com uma entrada marcante de uma faixa de luzes LED que muda de cor, criando um jogo de luzes hipnotizante que dança ao ritmo da música que ecoa de dentro, tenho certeza de que tudo aqui irradia energia e sofisticação. E assim que desviamos da enorme fila e entramos, meus olhos focam no corredor adornado com murais de grafite feitos por artistas locais, que capturam a vida noturna da cidade.

As cores vibrantes e os desenhos abstratos sugerem um mundo de possibilidades, enquanto acentuam a individualidade e a criatividade que a balada representa.

— Então qual é motivo para estarmos aqui? — Lynn questiona, erguendo uma sobrancelha e se sentando no colo de Connor, assim que chegamos ao nosso camarote.

Meu amigo me olha como se soubesse o que estou prestes a fazer e não concorda com isso. Contudo, ele sabe que preciso me proteger. Sabe que mesmo que eu odeie agir desta maneira, eu preciso.

— Estamos aqui para mostrar a mídia que eu não tenho um maldito relacionamento.

Minha voz sai baixa, apenas para que minhas amigas possam escutar. Rowena apenas sorri e me inclino para pegar uma taça que uma das funcionárias me entrega.

De repente, Maverick Johnson adentra o enorme espaço e sorri brevemente para mim antes de ir até a sua namorada e beijá-la. A pele negra está tampada pela jaqueta e o sorriso estampado em seu rosto é diretamente para Rowena.

Sorrio por presenciar isso.

Por saber que mesmo após tantas lutas, eles encontraram o amor.

— Olá, Rora — ele cumprimenta.

— Oi, Maverick. — Sorrio de volta.

— Como pretende fazer isso? — Rowena questiona, fazendo meu rosto se virar para ela.

Sorrio, levando a taça até meus lábios e virando o líquido todo.

Então, arrumo o vestido vermelho em meu corpo, dou de ombros e me levanto ainda podendo sentir a leve queimação que irradia pela minha garganta. Meus olhos se fixam no primeiro andar, onde a melodia agitada de *Goosebumps*, de *Travis Scott*, ecoa e toda a aglomeração começa a dançar. Volto minha atenção para os meus amigos.

— Irritando meus advogados e dando à mídia um novo assunto. — Umedeço meus lábios. — Vejo vocês daqui a pouco.

O olhar preocupado de Lynn me alcança e o vinco entre as sobrancelhas de Rowena me faz soltar um sorriso falso.

— Não cause um problema maior do que pode lidar, Rora — é a voz de Connor que me surpreende. — Você e Blake podem lidar com essa bagunça sem que precisem recorrer a mais uma merda.

Sorrio. Davenport sabe que não é assim que lido com os meus problemas.

Ele sabe que eu preciso que a mídia me enxergue como uma mimada que não se importa com nada após a morte dos pais.

— Dar a eles uma justificativa não irá adiantar, Connor — Dou de ombros. — É preciso mais.

Com isso, me viro e sigo até o primeiro andar.

Assim que alcanço o bar, me inclino e peço duas doses de vodca e as tomo uma seguida da outra, sentindo o álcool relaxar todo o meu corpo antes de me virar e sorrir para algumas pessoas que me reconhecem.

Assim que a música muda e *Woo* ecoa, na voz de *Rihanna*, começo a balançar meu corpo no ritmo da melodia sem me importar com mais nada.

Eu deixo que o mundo se silencie e foco toda a minha atenção em mim.

Posso sentir a adrenalina correr pelas minhas veias.

Posso ouvir a cacofonia da música me chamar para mergulhar nessa aventura.

Fecho meus olhos por um segundo. Então mergulho.

Giro meu corpo entre as dezenas de pessoas e sorrio quando alguém segura a minha cintura e nós balançamos sincronizadamente. É um desconhecido. Um alguém que não me lembrarei pela manhã e, por isso, me entrego a essa emoção. Permito que mesmo que eu odeie precisar disso, meu corpo relaxe. E aproveito. Faço com que a sensação de ser livre, mesmo que momentaneamente, tome conta de mim.

Eu esqueço o rosto dos meus pais.

O sofrimento da minha avó naquele hospital.

O meu grito sofrido.

A maneira como parti o coração de Blake.

Eu esqueço tudo.

Cada maldito demônio que me acompanha.

Apenas foco na maneira como me destruo, pouco a pouco. Em como intoxiquei cada parte boa do meu coração e deixei que se tornasse um órgão desprovido de qualquer emoção. Que precisa ser levado ao limite apenas para ter um resquício de sentimento para se sentir vivo, mesmo que seja impossível.

Porque para salvar aqueles que eu amo, eu me destruí.

Para salvar a minha família, eu me quebrei.

Para salvá-lo, eu o destruí.

Sabendo que mereço tudo isso, que sou uma farsa de mim mesmo, deixo que uma lágrima cálida desça pelo meu rosto e a seco antes de alcançar

minha bochecha. Assim que abaixo a mão, meus olhos focam no homem do outro lado do salão, que entrega algo para alguém. E, mesmo que tudo dentro de mim, diga não, me pego indo em sua direção e o observo sorrir para mim e estender a sua mão, me entregando aquilo que não deveria.

O comprimido que me colocou em mais confusão do que eu posso contar durante esses anos e antes mesmo de pensar nas consequências disso, pego e levo aos lábios, dando boas-vindas ao meu inferno.

E quando sinto a substância em meu sangue, fazendo com que tudo se torne um pouco mais suportável, eu sorrio. Sorrio como se isso não fosse uma válvula autodestrutiva. Que não me fará me arrepender pela manhã.

Eu sorrio como se eu fosse imbatível e me viro novamente para todos à minha volta.

A dor em meu coração, de repente, já não é mais importante.

A preocupação agora é em como vou me divertir.

Em como terminarei essa noite sabendo que fiz o que era necessário.

Não há peso. Responsabilidades.

Não há Rora, nem princesa da mídia ou a amada herdeira Conway.

Há apenas eu.

Apenas uma mulher machucada.

Que esconde seus machucados atrás de milhões de seguidores. Que entretém pessoas, mas não sabe como lidar com o peso da responsabilidade que isso causa.

— Rora? — Uma voz rouca me chama e eu olho por cima dos ombros sorrindo. — O que você fez, Rora?

Sorrio. Um sorriso divertido, acompanhado de pupilas dilatadas.

— O necessário.

Ele solta um bufo irritado. Dá um passo à frente e me viro em sua direção, finalmente estudando sua silhueta completa. Olhos verdes e assombrados, pele clara, cabelos escuros e tatuagens impecáveis. Rosto decepcionado.

A imagem perfeita de um anjo caído.

Do *meu* anjo caído.

Blake. Blake McLaughlin está a centímetros de distância de mim.

— Você não é real — murmuro, inclinando minha cabeça para o lado.

— Infelizmente, eu sou. — Mais um passo à frente e ele está quase colado ao meu corpo. — Eu sempre serei real para você, Rora.

Sorrio. Ele não pode ser, porém, mesmo assim, eu acredito.

Meus olhos deslizam até o segundo andar, até onde minhas amigas estão e mesmo que não possam saber o que acabei de fazer, me sinto como uma traidora de merda. Lynn e Rowena não merecem isso. Elas merecem uma amiga que não vá colocá-las na primeira página do jornal amanhã, apenas para abafar uma polêmica com outra.

— Eu as machucarei — sussurro. — Eu sempre machuco quem amo.

A música já não é mais importante.

— Eu sei.

Blake dá um passo à frente.

— Eu te machuquei.

— Você machucou.

Mais um passo. Ele toca meu queixo e eu encaro o seu lindo rosto.

— E você continua aqui. — Engulo em seco. — Você *sempre* está aqui.

— E eu sempre vou estar. — Sua mão desliza até meu pescoço, segurando-o e aproxima seu rosto do meu. — Você é minha, *Rora*. Mesmo que eu te odeie. Mesmo que você seja proibida. Ainda assim, você foi feita para mim.

— Então você ainda me deseja?

— Ainda? — Um sorriso depreciativo salta de seus lábios. — Eu nunca parei de desejar.

Eu me aproximo mais.

Um centímetro e estamos juntos.

Unificados.

Após anos, eu o terei novamente.

Porém, Blake sorri e me solta como se soubesse que isso dói mais do que uma apunhalada. Como se soubesse como me ferir sem precisar me machucar.

Então, ele desaparece entre as inúmeras pessoas.

E eu fico parada, encarando o espaço vazio.

Eu fiz a minha escolha anos atrás, eu o deixei.

Agora preciso lidar com isso.

— Rora? — A voz rouca e apreensiva de Connor, meu melhor amigo, me alcança.

Ele me encara com uma sobrancelha arqueada como se soubesse o que acabei de fazer. Que acabei de ceder a um dos meus piores demônios e regredi em tudo o que luto desde a morte dos meus pais.

Ele me olha como se sentisse a minha dor. Meu melhor amigo, suspira e deixa os ombros caírem e eu apenas deixo que outra lágrima desça pelo meu rosto, sabendo que consegui o queria. Eu acabei de dar a mídia e ao monstro que sempre estou fugindo, outro assunto para focar.

Um assunto que não envolve o homem que eu amo.

Nem meus amigos.

Envolve apenas a minha destruição.

— Eu preciso ir para casa, Connor.

# 04



# NÃO TEMOS ESCOLHA

*Quando você e eu éramos eternos selvagens*
*Os dias loucos, luzes da cidade*
*A maneira que você brincava comigo como uma criança*
*Você ainda vai me amar quando eu não for mais jovem e bonita?*
*Você ainda vai me amar quando eu não tiver nada além da minha alma dolorida?*
*Eu sei que você vai, eu sei que você vai, eu sei que você vai*
**Young And Beautiful | Lana Del Rey**

## AURORA CONWAY

Assim que meus olhos se abrem, eu sei que consegui tudo o que eu queria na noite passada e que estou completamente fodida.

Porque, de repente, a minha porta é escancarada e preciso levantar a minha cabeça, para onde a última pessoa que eu imaginava estar aqui, me encara com os olhos afiados e uma expressão nada agradável.

Dinara cruza os braços frente ao corpo, solta um suspiro e dá alguns passos em minha direção. Atrás dela observo Lynn com sua roupa manchada de tinta, um pincel em mãos e o rosto assustado e do outro lado, Rowena ergue uma sobrancelha passando a mão pelo vestido preto.

Tento e falho em não parecer surpresa pela presença dela, afinal, sei exatamente o que minha tia pode causar quando está enfurecida.

— Quando eu disse para pensar nas suas próximas escolhas, eu não necessariamente estava dizendo para você agir como uma fedelha e usar a porra de um entorpecente em uma das maiores boates da cidade, Aurora! — grita, jogando sua bolsa em minha poltrona. — O que diabos você estava pensando? Ou melhor, em que caralho você estava tentando se meter?

Me sento, fechando um olho e enrugando a testa pela voz estridente que ela solta.

Minha cabeça e tudo dentro de mim pede por um copo de água.

É a pior sensação que alguém poderia sentir. E nem mesmo me lembro como consegui chegar em casa depois de algumas doses de vodca e aquela porra de comprimido, que fez com que toda a minha noite saísse do planejado. Eu sabia que havia fotógrafos e jornalistas lá. Sabia que a partir do momento que me flagrassem pegando aquele comprimido, o caos irromperia.

E mesmo sabendo das consequências, eu não me importei.

— Continuam falando sobre os rumores entre mim e Blake? — é a minha única pergunta.

Dinara ergue uma sobrancelha.

— É com isso que está preocupada?

*Sim.*

— Estão, Dinara?

— Não. — Um suspiro aliviado salta dos meus lábios. — Você conseguiu piorar a situação e fazer com que eu deixasse tudo na Flórida para vir até aqui. Agora, se arrume. Temos uma reunião com seus advogados em uma hora.

Maneia a cabeça enquanto se vira, pega a bolsa e sai do meu quarto a passos pesados, sem nem mesmo dignar uma palavra as minhas amigas.

Antes mesmo que eu possa me levantar, Lynn e Rowena se aproximam e me encaram com expressões que conheço bem o suficiente para saber que não estou saindo dessa situação sem uma bronca.

— Você deveria ter nos contado o que iria fazer — Lynn afirma, decepcionada.

— Não queria colocar vocês em problemas — confesso, deixando meus ombros murcharem. — Era algo que não sabia se daria certo.

Rowena se senta ao meu lado, enquanto Lynn dá a volta na cama e se joga do outro, me abraçando.

— Nós somos suas amigas, Rora. Para falar a verdade, já passamos da fase de sermos amigas. Nós somos suas irmãs — Rowena sussurra. — Se você tem um problema, todas nós temos. Se alguém tentar te derrubar, nós vamos derrubá-lo primeiro.

— Se alguém mexe com você, estão mexendo com todas nós — Lynn complementa. — Então, quando pensar em fazer uma merda como a que

fez ontem, deixe-nos saber.

Solto um meio sorriso.

— Vocês me impediriam — digo.

— Alguma dúvida? — Lynn ergue uma sobrancelha. — Eu estava pronta para chutar a sua bunda quando chegamos em casa.

— Você não perdeu todo o juízo, então — Rowena refuta, dando-me uma leve cotovelada.

— Ei! — exclamo, ofendida.

— É a verdade. Nós ficamos assustadas quando Connor te achou sozinha na pista de dança — Lynn suspira ao meu lado, deixando sua cabeça cair em meu ombro. — Você estava dançando sozinha.

Algo em minha mente revisita a lembrança e, por um segundo, tenho impressão de que não estava realmente sozinha. É como se mesmo que eu não me lembre de tudo, ainda assim, a sensação de que alguém estava comigo, que *ele* estava lá, toma conta do meu corpo.

— Seu irmão estava lá? — pergunto a Rowena antes que eu possa me segurar.

Ela franze o cenho.

— Não. Blake está proibido de causar problemas ou pode perder o posto de capitão — ela conta e Lynn confirma com a cabeça. — Além disso, ele tinha um jantar com meu pai ontem para resolver essa situação, já que ele está mais irritado do que Blake pela possibilidade do meu irmão sujar a reputação perfeita que ele tem na NYU.

Escuto suas palavras e tento acreditar nelas, mas a sensação dele me segurando, olhando em meus olhos não me abandona. A lembrança de seu toque, de sua mão em meu rosto é como uma chama viva dentro de mim. Contudo, decido guardar isso apenas para mim, porque, mesmo que eu acredite que seja verdade, ainda há uma grande possibilidade de que seja apenas uma alucinação causada pela substância que utilizei.

— Eu preciso me arrumar. — Suspiro fundo, odiando essa situação. — Tenho uma reunião com seus pais. E se eu me atrasar, Dinara irá invadir meu quarto novamente.

— Eu preciso confessar que a cada dia eu desgosto mais da sua tia, Rora. — Rowena pondera.

— Dinara realmente é uma vaca — Lynn sussurra, olhando para a porta. — Ela me fez estragar a porra do meu quadro quando bateu na porta como se estivesse a ponto de derrubá-la.

— Sinto muito pelo quadro, Lynn — sussurro, sinceramente. — Ela, às vezes, é um pouco intensa quando se trata de mim.

Antes que minhas amigas possam me responder, me desvinculo delas saindo da cama e indo em direção ao meu *closet*, sabendo que as duas continuam deitadas. Puxo uma calça jeans, uma camiseta branca sem estampa e meu salto favorito e então vou até meu banheiro.

— Qual deve ser a minha escala de preocupação para encontrar Sebastian e Annabeth? — grito, retirando meu pijama. — Tipo, Dinara quer me matar, mas eu sinto que isso ficará ainda pior por tê-los envolvidos nesse assunto.

Assim que entro em minha banheira, Lynn aparece e nem mesmo se importa em estar no banheiro, ela apenas se senta em uma cadeira e Rowena aparece atrás dela, segurando um iPad e dá de ombros, se sentando no chão.

— O suficiente para você se preocupar — Lynn responde. — Tentei sondar Blake, mas ele não me disse nada.

— Por que Blake saberia de algo? — indago, confusa.

— Porque...

O telefone de Rowena, de repente, toca e faz com que todas nós olhemos para ela. Enquanto, minha amiga olha as mensagens que chegam uma atrás da outra, nós esquecemos a conversa e um vinco se forma entre as minhas sobrancelhas quando sua feição muda.

— Oh, merda! — Rowena se levanta rapidamente. — Eu preciso ir.

— Aconteceu algo? — questiono.

— Parece que não é só você que decidiu perder a porra do juízo essa semana. — Minha amiga solta uma careta. — Blake se envolveu em uma discussão com meu pai depois que ele soube que a NYU ameaçou expulsar meu irmão do time, se ele não começasse a se comportar.

— Eu estou indo para *McLaughlin&Conway*, posso te dar uma carona.

— Não é preciso. Minha mãe está me esperando no saguão e preciso chegar até Blake antes que ele faça alguma merda. — Um suspiro salta de seus lábios, afinal, não é novidade que os herdeiros McLaughlin e os pais não se dão bem. — Te vejo na empresa.

Antes que possamos responder, Rowena sai do banheiro e poucos minutos depois escutamos a porta de entrada do apartamento bater e um longo suspiro salta dos meus lábios.

— Certo, eu vou voltar a pintar e xingar sua tia mentalmente — Lynn comunica. — Me ligue quando terminar a reunião.

Balanço a cabeça, concordando. E assim que ela está na porta, rumo a saída, eu a chamo.

— Lynn?

— Hum?

— Hoje vai ser um dia de merda.

Com isso, escorrego até que todo meu corpo e rosto estejam submersos na água e fecho meus olhos, me preparando para o que minha tia e os antigos sócios dos meus pais irão aprontar para que tudo o que fiz nos últimos dias seja jogado para debaixo dos panos, como sempre fazem.



Eu odeio a *McLaughlin&Conway*.

Não é novidade para ninguém.

Todos aqui sabem que desde que meu pai morreu, eu odeio ter que ser obrigada a vir à empresa, mesmo que ela carregue meu sobrenome. Todos os corredores guardam lembranças de quando ele corria ao meu lado e de que, mesmo que fosse o maior advogado do país, ele amava a sua família acima de qualquer negócio.

Ele era a luz desse lugar.

*Ele era a minha luz.*

Baron Conway era o homem mais honesto e amoroso que já existiu e saber que ele foi assassinado por conta de todas as coisas que ele e minha mãe conquistaram, faz com que eu odeie cada centímetro desse lugar.

Principalmente quando tudo isso se deu, porque Elena Beaufort Conway, minha mãe, era uma aristocrata britânica que abandonou tudo após se apaixonar pelo meu pai. Ela não se importou se isso arruinaria sua reputação na elite britânica. Ou se seus pais a odiariam. Não, mamãe apenas pensou com o coração e atravessou o oceano para viver o seu amor.

Ela deixou tudo para trás.

Títulos de nobreza. Herança. Família. Inimigos.

E só apenas anos depois, quando meus avós faleceram, que herdou todo o império de diamantes que a casa Beaufort possuía na Inglaterra.

Após isso, todo o nosso inferno começou.

— Aurora, querida — Annabeth, mãe de Rowena, me cumprimenta tirando-me dos devaneios. — Você está impecável, como sempre.

Os olhos escuros, da mesma tonalidade dos de Rowena, me estudam atrás de algo. Ela sempre faz isso. Desde que eu era apenas uma criança indefesa que acabara de se mudar para um novo país. A mulher à minha frente procura erros na herdeira que divide essa empresa com seus filhos. Procura pelas minhas rachaduras, atrás de algo para atacar.

— Sra. McLaughlin.

Assim que sorri em uma forma que deveria ser calorosa, mas acaba soando patética, eu apenas maneio a cabeça e sigo até onde a única pessoa que confio nesse inferno está. A única que me falaria a verdade, mesmo que eu odiasse. A mulher loira me encara, entediada. Como se de todos os lugares que gostaria de estar, esse não é um deles.

Seus olhos castanhos seguem cada passo que dou até ela.

— Analu Parker[1] — Sorrio verdadeiramente. — É um prazer revê-la.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Eu gostaria de dizer o mesmo, mas as situações não são favoráveis. — verdade é a única coisa que salta dos seus lábios. — Entretanto, é bom saber que você está bem e é péssimo constatar que não seguiu meu conselho de não se meter em problemas.

— Eu lhe disse que eles que me seguem.

— Estou começando a concordar com isso — ela afirma e se vira.

Solto um pequeno sorriso. Contudo, não tenho tempo para respondê-la, pois Annabeth aparece ao meu lado com um sorriso falso no rosto.

— Vamos à sala de reunião, querida, nós temos *muitos* assuntos a tratar.

Tentando não revirar meus olhos pela milésima vez, me viro e sigo a antiga amiga de papai até a enorme sala de reunião e assim que adentro o ambiente, me arrependo.

Pois, sentado entre Levi Johnson[2] e Rowena, está Blake.

Seus olhos vazios encontram o meu rosto e parece que todo o ar dos meus pulmões fora sugado. É como se a lembrança de ontem a noite estivesse, outra vez, em minha mente e o toque dele fosse a minha âncora, mesmo que eu saiba que não se passa de uma alucinação.

Ele me encara como se eu fosse seu veneno.

E devolvo o olhar como se, por um instante, ele pudesse ser meu antídoto.

Suas pupilas descem pelo meu rosto, até parar na altura da minha costela, onde um dos nossos segredos estão guardados. E como se eu fosse apenas uma pessoa insignificante em sua vida, ele vira o rosto, me ignorando e voltando a atenção em Levi.

A pele negra do advogado, que sempre está com Sebastian, está tampada pelo terno *Armani* preto e ele sorri em minha direção. É gentil e caloroso. É diferente de todos. Levi Johnson é como uma luz em meio a escuridão e saber que ele e Analu são o casal que toda a empresa cai de amores, faz com que eu devolva o sorriso.

— Boa tarde, Aurora — a voz autoritária de Sebastian McLaughlin faz com que eu desvie meu olhar. — É bom saber que está bem.

Giro meu corpo, me deparando com olhos verdes e gélidos. A postura dominante e a maneira como me encara, como se estivesse revivendo o passado faz com que eu erga o queixo.

Ele não é alguém que se deve abaixar a guarda.

Ele odeia a todos.

Principalmente a mim.

— Pai — a voz rouca e desinteressada de Blake faz com que a atenção de Sebastian se volte para o seu primogênito. — Eu tenho mais coisas a fazer do que estar aqui, participando de uma reunião que nem mesmo me diz respeito. Dê um sermão em Conway e me deixe fora disso.

Ergo minha sobrancelha.

Idiota egocêntrico.

— Pelo menos o sermão que receberei é fundado a algo útil — Sorrio, me virando para ele, caminhando até a poltrona à sua frente e me sentando. — Mas, tudo bem. Você não deve saber o que é isso, já que precisa estar sempre à mercê do papai para não perder o posto de capitão.

— Pelo menos ainda não precisei recorrer às drogas para chamar a atenção, não é, *Rora*? — Ele sorri maquiavelicamente.

Percebo minha mandíbula tensionar e me viro para Levi.

— Você sabia que seu primo está prestes a se tornar capitão, Johnson? — Sorrio, pegando o copo de água que repousa na mesa. — Ouvi dizer que até o final de temporada, NYU o terá como atleta destaque.

Blake fecha os punhos e Analu ergue uma sobrancelha, observando cada movimento.

— Aurora — Rowena adverte, cansada.

Encaro minha amiga do outro lado da mesa.

Seus olhos que quase sempre estão brilhantes e acalorados, agora são tristes.

— Se as crianças já terminaram — Annabeth diz, mas há uma tensão em suas palavras. — Nós precisamos conversar.

Com um longo e infantil suspiro, me viro para a matriarca dos McLaughlin.

— Eu sei que precisamos lidar com as consequências das minhas ações de ontem à noite — digo.

— Querida, você não está me entendendo — ela contrapõe. — Não há mais nada a se fazer. Nós já esgotamos nossas equipes para lidar com as suas infantilidades. Então, junto a Dinara — ela aponta para minha tia que não disse uma só palavra desde que entramos. — Nós tomamos a decisão mais sábia para o momento.

Encaro a minha única parente que não me disse nada no caminho até aqui e franzo o cenho.

— E o que seria?

— Você e Blake precisam de ajuda.

— Não, não precisamos — é Blake que afirma e, pela primeira vez em anos, concordo com ele.

Sebastian, se senta em seu lugar. Pega um controle e toda a tela à nossa esquerda se enche de manchetes dos últimos meses onde Blake e eu somos os motivos. Todas elas. Desde as festas que passamos do limite e brigamos até a nossa última notícia juntos que foi o estopim. Até mesmo à minha foto na festa de ontem a noite, dançando com um desconhecido e pegando um comprimido.

Entretanto, é a minha foto ao lado dos meus pais que faz com que meu olhar se fixe na tela. Nela, minha mãe sorri para mim ao passo que levanta uma coroa de plástico, colocando-a em minha cabeça enquanto meu pai me segura com orgulho.

A lembrança dói.

O peso das minhas atitudes aperta meu peito.

*É o certo a se fazer.*

*Não há nada a temer.*

— Você está prestes a perder a única coisa em que consegue ser bom — as palavras duras de Sebastian para Blake fazem com minha atenção se volte para o idiota e meus punhos se fecham instintivamente. — Então, sim, você precisa da minha ajuda.

— Tia? — chamo, mudando o foco e ela me encara, cansada. — O que querem dizer com isso?

— Que você e Blake vão anunciar que os rumores são verdadeiros e estão juntos novamente — suas palavras rápidas chocam a todos na mesa. — Vocês irão fazer um pronunciamento público à mídia, anunciando que reataram o namoro.

— *Não.* — Nossas vozes uníssonas é o único som que ressoa.

Nós dois nos levantamos e nos encaramos antes de nos virarmos para eles novamente.

— Eu não vou fazer isso. — digo, balançando a cabeça.

— Rora — Dinara me chama. — É a única solução.

*Não. Não. Não.*

— Não pode ser.

— Foi uma das exigências de alguns patrocinadores, Aurora — ela conta e percebo que odeia essa situação tanto quanto eu. — Vários deles só aceitaram continuar com os contratos se você mostrar que você pode lidar com responsabilidades e com um relacionamento a longo prazo. Ninguém quer estar ligado a uma garota irresponsável. Os dias de polêmicas acabaram.

Não. Isso não pode acontecer.

Eu não posso perder. Isso vai ser catastrófico.

Meus olhos se fecham.

— Isso é patético. Eu não vou fingir um maldito relacionamento. — A voz nervosa de Blake faz com que meus olhos se abram. — Muito menos com Aurora.

Ele me encara por alguns segundos, nunca desviando o olhar. Percebo que ele procura por algo, qualquer coisa e não consigo decifrar o que seja.

— Você não está entendendo, Blake — Annabeth diz, irritada. — Não há opção. Você aceita isso ou eu mesma vou até a NYU e os obrigo a te tirar do posto de capitão do time de vôlei.

— Eu já disse que não preciso da ajuda de vocês! — sua voz sobe uma oitava. — Não preciso de merda nenhuma. Nunca vou precisar.

— Não precisa, mas suja o nosso sobrenome a cada vez que age de forma imprudente! — Sebastian quase grita. — Não precisa, mas tenho que intervir em todas as merdas que você apronta apenas para chamar a atenção. Você não consegue ser ninguém sem a nossa ajuda. — ele basicamente cospe a última sentença e a voz ressoa em minha mente.

O som, de repente, se torna abafado.

Não. Não. Não.

Lembranças tomam conta de mim.

Lembranças que eu tento esconder dentro de mim a anos.

*Eu te dou uma escolha, querida.*

*A felicidade dele ou a sua. É só escolher.*

*Eu voltarei e quando acontecer, você será minha.*

— Todos para fora! — a voz de Blake ressoa, alta, entre todas as minhas lembranças. — Aurora e eu precisamos conversar antes de tomarem uma decisão.

Percebo de relance Sebastian e Annabeth erguerem uma sobrancelha.

Nós nunca ficamos sozinhos.

*Eu* não quero ficar sozinha com ele.

Não posso ficar.

— Analu e Levi podem ficar, por favor — peço e eles maneiam a cabeça.

Assim que todos estão fora, eu encaro os três. Minha mão aperta meu antebraço, minhas unhas ficam em minha pele e mesmo assim sinto o gosto das lembranças. Blake não se move um centímetro. Enquanto Analu e Levi se encaram, como se estivessem conversando silenciosamente.

— Se não aceitarmos, quais serão as consequências? — sussurro, quando o silêncio é demais para suportar.

Levi solta um bufo e cruza os braços.

— Você perde contratos milionários e Blake provavelmente perde o time — Johnson responde. — É uma situação que vocês não deveriam ser forçados e que não podemos interferir, mas nós estudamos o contrato antes de chegarem.

— E descobrimos que há brechas que podem ser dobradas a favor dos dois — Analu comunica. — Então o meu conselho é: finjam para a mídia e vivam a vida de vocês, de forma reservada, até que o tempo definido expire.

— E quanto é o tempo definitivo? — Blake questiona.

Analu olha brevemente para Levi antes de nos encarar e responder tudo o que não desejo saber.

— Seis meses.

Encaro Blake e percebo que ele já está me olhando.

Nós odiamos toda essa situação.

*Nós nos odiamos.*

Não há como fingirmos que somos apaixonados por seis meses. Nem mesmo que há esperança disso acontecer. Blake e eu somos estilhaços um do outro que não possui mais consertos. Somos uma lembrança constante que o primeiro amor intoxica a alma e destrói todos os sentimentos bons naquele local.

Nós somos venenos, não antídotos.

Somos cruéis. Destrutivos. Animalescos. Perigosos.

Eu tive todas as partes boas dele e ele me teve por inteira. E mesmo assim nos quebramos, nos destruímos.

— Eu não posso fazer isso, Blake.

Esqueço completamente que o casal está perto o suficiente para nos ouvir, mas, de repente, o som de uma porta se fechando me indica que agora há apenas nós dois.

— Não me peça para ser seu novamente, Aurora — ele murmura.

Mesmo com a mesa entre nós, é como se estivéssemos nos tocando.

Como se nos pertencêssemos.

— Eu não desejo isso. — Engulo em seco. — Eu não *quero* isso.

Ele segura a borda da mesa e inclina seu corpo em minha direção.

— Mas não temos escolha. — Um sorriso falso salta dos seus lábios. — Estamos presos nisso.

Não. Não temos.

Negar isso será como assassinar o pouco que nos resta.

Porque se eu perder meus contratos, perco a única maneira de mantê-la segura.

Se Blake perder o time, ele perde o resto da humanidade que ainda possui.

Abro a boca para responder, para dizer que podemos encontrar outra forma de resolvermos isso, entretanto, a porta é aberta novamente e Dinara, Sebastian e Annabeth entram. Seus olhares estão focados em nós dois, em como nos encaramos e com um suspiro, eu sei que estou ferrada.

— Então? — Annabeth ergue uma sobrancelha.

Eu olho novamente para Blake e ele maneia a cabeça, concordando.

Um suspiro salta dos meus lábios.

— Nós aceitamos.

É isso. Duas palavras que irão mudar tudo.

Duas palavras que eu jamais imaginei proferir.

Estou prestes a assinar um acordo com o meu inferno pessoal.

Eu, que quebrei o coração de Blake McLaughlin, estou nesse momento, me tornando a sua namorada falsa por seis meses.

# 05

# SEIS MESES

*Dizem que depende do que fazemos*
*Eu digo que depende do destino*
*Está marcado na minha alma*
*Tenho que deixar você ir*
*Seus olhos, eles brilham tanto*
*Quero guardar esta luz*
**Demons | Imagine Dragons**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Assim que o contrato é colocado em nossa frente, eu me arrependo.

*Seis meses.*

Seis meses fingindo ser namorado da mulher que odeio a todo custo.

Não posso fazer isso.

Não posso estar perto dela. Fingir a porra de um relacionamento, ciente do quanto eu a odeio. O quanto sou obcecado por cada parte dela. Embora, basta apenas um olhar para Sebastian para saber que eu não tenho escolha.

Seus olhos idênticos aos meus me encaram com uma ameaça velada.

Um aviso silencioso.

Meu pai me lembra uma planta carnívora que exala um aroma doce e pegajoso a fim de atrair suas presas. Ele é o pior ser humano que já passou em minha vida. O babaca sabe disso e não se importa. Apenas usa a sua influência sobre mim e lança sua ira por ajudar minha irmã a encontrar a felicidade, mesmo que isso destrua seus planos.

Ele não se importa comigo ou com Rowena.

Nós somos apenas um meio para um fim.

Herdeiros que devem agir corretamente.

O meio para o legado do seu sobrenome estar a salvo.

Abaixo meu olhar, focando no papel e para onde *McLaughlin&Conway* zomba em meu rosto. Isso é patético. Toda essa situação. Mesmo que eu saiba que a culpa seja exclusivamente minha e da mulher ao meu lado.

Observando-a de esgueira, tenho a certeza de que Baron odiaria saber que a sua princesinha agora está prestes a ser presa a mim. A ser minha namorada quando ele odiava essa ideia. Principalmente quando fez de tudo para mantê-la a salvo do que represento.

Agora, olhando para onde nossos nomes estão, eu não me sinto vencedor.

Sinto desprezo.

Sinto a ânsia subindo pela minha bile.

Escuto um longo suspiro ao meu lado e, de repente, cabelos castanhos e longos entram em meu campo de visão, abaixando-se sobre o papel timbrado, levando a caneta até a linha acima de seu nome.

Aurora Louise Conway.

Ela rabisca em uma letra fina e sofisticada. Ela sela nosso destino. E destrói meu último resquício de esperança em mantê-la o mais longe possível de mim.

Irritado por isso e pela sucessão de atitudes de merda que tomei para chegarmos até aqui, puxo a caneta de suas mãos e rabisco o meu nome ao lado do seu.

— Bem-vinda ao nosso inferno, *Rora*.

E sem esperar por algo a mais, lhe dou as costas e saio da sala indo em direção à garagem, onde minha moto está.

É isso. Selamos o acordo. Fodemos com tudo.

Estamos prontos para nos destruir, como fizemos no passado.

Porque não há como sairmos disso intactos. Não há como não usarmos nossos últimos estilhaços para nos danificar a ponto de jorrarmos aquilo que ainda se mantêm intrínseco em nosso cerne.

Giro minha chave em uma mão enquanto a outra aperta o botão do elevador com uma certa agressividade. E paro apenas quando observo as portas de aço se abrirem.

Assim que estou sozinho, encosto minha cabeça no metal frio e fecho meus olhos, tentando acalmar todo o furacão que começa dentro de mim.

Eles não sabem o que fizeram.

Não sabem o quanto eu e Aurora podemos ser perigosos juntos.

Não sabem que acabei de assinar o contrato da minha ruína.

Assim que ergo meu corpo, posicionando-o na moto e acelero entre o trânsito caótico da cidade que nunca para, rumo ao único lugar que posso descontar toda a raiva dentro de mim, eu me permito sentir todas as sensações que estive retraindo desde que meu pai convocou essa reunião e faço com que tudo dentro de mim queime.

Eu sabia que ele não ficaria feliz com minhas atitudes.

Sabia que ele estava perdendo o controle.

Sabia que ele arrumaria uma forma de me enrolar no dedo mindinho após perder todo o poder que possuía sobre Rowena.

E mesmo assim duvidei.

Assim que o campus da NYU se aproxima, me preparo para estacionar na minha vaga de sempre, fora do ginásio e tento esquecer todas as coisas. Nem mesmo cumprimento as pessoas que passam por mim sorrindo e me parabenizando pelo último jogo. Apenas sigo até o vestiário, coloco meu uniforme e vou até a quadra, onde Connor está me esperando com nosso time para um último treino antes do nosso próximo jogo da temporada.

— Você está bem? — ele pergunta, assim que me posiciono na quadra.

— Por que não estaria? — rosno.

— Porque está parecendo que vai assassinar alguém e estou prezando pela vida dos meus companheiros — ele zomba, girando a bola. — Principalmente quando temos um jogo importante esse final de semana.

Não respondo.

Apenas sigo em sua direção, roubo a bola e caminho até o fundo da quadra, me posicionando atrás da linha e a jogo para cima. Assim que ela está atravessando a rede, rumo aos braços erguidos de Maverick, encaro Connor novamente.

— Ótimo, talvez eu aproveite a oportunidade e apresente a minha namorada ao time — zombo, baixo.

Entretanto, percebo que minhas palavras não são tão baixas como eu imagino. Porque, de repente, Connor se vira em minha direção como um personagem de filme de terror, esquecendo todo o jogo e dá um passo em minha direção, puxando-me para fora da quadra e longe de todos.

Não é novidade que eu seja contra relacionamentos.

Na verdade, todos eles sabem que eu odeio essa merda com todas as forças.

— A sua *o quê*? — questiona baixo, com uma sobrancelha erguida, mesmo que estejamos longe o suficiente para alguém ouvir.

Cruzo os braços frente ao corpo, destacando as inúmeras tatuagens em meu braço.

— A minha namorada — forço as palavras a saírem dos meus lábios, mesmo que pareça pedras arranhando toda a minha traqueia.

— Não fode, Blake — ele zomba, soltando uma gargalhada. — Você é a porra de um celibatário há anos. Duvido muito que exista alguém no campus que te chame atenção suficiente.

Franzo o cenho, encarando-o sem nenhuma graça.

— Não estou brincando.

— Então você finalmente superou sua maldita obsessão pela minha melhor amiga? — provoca, sorrindo amplamente.

Deus, eu o odeio.

Odeio todo o mundo nesse momento.

Ele. Meus pais. A porra da Conway.

— Na verdade, não, Davenport. — Um sorriso de desgosto toma conta dos meus lábios. — Aurora é a *minha* namorada.

Seu sorriso, pouco a pouco, morre.

Não há mais a zombaria, nem as brincadeiras. Connor assume, nesse instante, a sua versão de protetor com Aurora. E tenho vontade de chutar a porra de suas bolas.

— Me diga que é brincadeira, Blake.

— Não posso.

— Porra! — ele chia, dando uma passo à frente e levando o braço tatuado até os cabelos escuros. — Isso é uma merda. Vocês vão se matar.

— Sim, *Sherlock* — debocho, erguendo o rosto para onde os outros jogadores estão nos encarando, tentando saber o que estamos conversando. — Agora, por favor, me diga algo que eu não saiba.

— Bem, sobre isso… — Ele sorri, mas percebo que está apenas tentando não me irritar mais do que já estou. — Eu não usaria aquele sofá, eu e Lynn...

— Ah, pelo amor de Deus, seu idiota — uma careta se forma em meu rosto.

— Agora que não está parecendo que vai matar alguém, nós precisamos falar sobre como você fez com que a garota que te odeia acima de qualquer pessoa, aceitasse o seu pedido de namoro — ele volta ao assunto principal.

— Por que você acha que *eu* propus e não ela?

— Além de que você é obcecado por ela desde a nossa adolescência? — refuta, retoricamente. — Mas, também pelo fato de que a Rora odeia relacionamentos tanto quanto você e não posso acreditar que ela está caindo de amores de uma noite para outra, Blake.

— Você deveria ser o *meu* melhor amigo. — Uma careta se forma em meu rosto. — Não dela.

— Desembucha, McLaughlin.

Connor cruza os braços, igual a mim.

— Nenhum dos dois propôs.

— Então vocês acordaram em uma manhã ensolarada e decidiram que eram almas gêmeas? — zomba. — Não fode comigo.

— Não, idiota. — Deixo que um pequeno bufo salte dos meus lábios. — É falso.

— A notícia ou relacionamento?

— O relacionamento, porra.

— Você está me dizendo que Aurora Conway, a influencer mais seguida do país e a herdeira de um império, precisa fingir um relacionamento com o seu *ex*-namorado? — questiona, calmamente. — Não sabia que estava trocando o vôlei pelo humor, Blake.

Fecho meus olhos por um instante, desejando socar Connor, mesmo que Lynn me esfaqueie mais tarde por machucar seu namorado.

— Não, seu merda. Estou dizendo que a sua melhor amiga não sabe ficar longe de polêmica e que claramente o treinador não está feliz com meu comportamento, após a última festa, e contatou meu pai. Agora ele e Dinara acham que juntos podemos limpar a imagem um do outro — conto a ideia idiota deles que destruiu todo o meu dia. — Ou seja, eu estou preso a maior cadela da NYU por seis meses, por meio de um contrato que não desejava assinar.

Seus olhos se arregalam, finalmente entendendo a complexidade de toda essa situação. Entendendo que isso não é uma pegadinha ou qualquer merda parecida. É real. A minha destruição é tão iminente quanto o nosso próximo jogo.

Com um estalar no céu da boca, ele se vira e xinga baixinho.

Connor é o único próximo a mim que sabe a verdade por trás de tudo.

Que sabe o porquê não posso entrar nesse relacionamento, mesmo que falso.

O único que, mesmo não concordando com todas as minhas atitudes, ficou ao meu lado. Meu amigo me segurou enquanto me lastimava por tudo o que perdi. Que se sentou ao meu lado quando o álcool e o vôlei se tornaram a única coisa a me fazer esquecer o peso das minhas escolhas.

Ele foi a minha única família quando todos me abandonaram. E, mesmo que me irrite e me faça querer socá-lo na metade do dia, Connor Martin Davenport é meu melhor amigo. Na verdade, ele já se tornou meu irmão há mais tempo do que posso imaginar.

— Isso não vai terminar bem, Blake — ele afirma, preocupado. — Vocês não podem fingir que o passado não existe e embarcarem nessa loucura.

— Fale isso para os meus pais e Dinara — chio, irritado. — Eles não se importaram muito com isso.

Connor abre a boca para responder. Contudo, o apito irritante do treinador Rhodes faz com que olhemos sobre nossos ombros.

— McLaughlin! Davenport! — ele grita. — Para os seus lugares, agora!

Solto um longo suspiro, nos viramos e caminhamos até as nossas posições, mas antes de iniciarmos o jogo, Connor se vira para mim, seriamente.

— Então, o que você pretende fazer?

Tenho vontade de responder à verdade.

De que, pela primeira vez, não faço a mínima ideia.

— No momento? — Dou de ombros. — Eu vou procurar Aurora para estabelecermos limites nessa merda toda.



O edifício onde Aurora mora com a minha irmã e Lynn, é localizado em uma área de prestígio e o estilo de vida é exclusivo. Mesmo que odeie esse lugar, não posso deixar de confessar que é uma obra-prima da arquitetura.

Atravesso o enorme *lobby* luxuoso, decorado com mármore, lustres de cristal e obras de arte, indo em direção ao elevador privativo da cobertura, onde sei que ela estará e me encosto na parede metálica atrás de mim esperando chegar até o andar.

Entrar aqui sem que os *paparazzis* idiotas, que espreitam as ruas atrás de uma nova manchete me veja, é cansativo. Fazer parte dessa vida é

exaustivo. Eu odeio tudo o que ela representa. Odeio ter minha privacidade sendo invadida como se o mundo tivesse direito de fazer isso.

Assim que as portas se abrem novamente e meu campo de visão é preenchido por uma Rowena sorridente e o idiota de seu namorado, que a encara como se ela fosse única pessoa na face da Terra, meus olhos giram em órbitas antes mesmo que eu possa me segurar e todos os pensamentos me abandonam.

Patético.

*Relacionamentos são patéticos.*

— O que você está fazendo aqui? — minha irmã questiona e percebo seu sorriso morrer pouco a pouco.

— Procurando a sua amiga para tentarmos resolver a merda que ela nos meteu — respondo, ajeitando a minha postura. — Onde *você* está indo com ele?

— *Ele* possui um nome, McLaughlin — Maverick responde, revirando os olhos.

— Um nome insignificante para mim.

— Uma hora você vai precisar superar isso.

Dou a ele um sorriso cruel.

— Que tal quando você sair do meu time *e* da minha família? — pergunto em um tom seco. — Poderei até virar seu melhor amigo, se desejar.

— Meu Deus! Você às vezes é insuportável, Blake. — Rowena estala a língua no céu da boca. — Saia da minha frente.

— Sim, eu ouço isso todos os dias. Voltando ao ponto principal: onde está Aurora?

Ela balança a cabeça negativamente e apenas ignoro como Maverick me encara.

— Provavelmente gravando um vídeo em seu quarto. — Depressa, ela adentra o elevador e me dá espaço para sair. — Lynn deve chegar logo. Tentem não derrubar nossa casa ou se matarem, sem nossa supervisão. Eu realmente preciso ir.

Antes que eu possa responder, as portas voltam a se fechar, deixando-me encarando o corredor vazio. Com um suspiro, me viro em direção à porta branca do apartamento delas e apenas digito o código de acesso que Lynn havia me dado algumas semanas depois que se mudaram.

Sou recebido por um silêncioo, o que é surpreendente dado o histórico de que elas vivem gritando uma com a outra.

Uma risada fraca soa no final do corredor e sei exatamente de quem pertence e por isso, caminho até lá deparando-me com o meu tormento, em frente a um tripé, sorrindo para o celular.

Os olhos verdes, que sempre estão nublados por um vazio, estão brilhantes.

O sorriso em seu rosto, para as pessoas que a assistem, é verdadeiro. Mas, para mim, que a conheço completamente, sei que é falso. Sei que quando sorri de forma genuína, seus olhos se enrugam e o nariz fica um pouco torcido pela forma como sua boca se alarga.

Quando ela solta esse sorriso, Aurora se torna memorável.

Ela se torna sua verdadeira versão. Mas o problema disso? É que essa versão já não existe mais. Não depois de tudo o que aconteceu. Não depois que perdemos mais do que estávamos dispostos a dar.

Como se sentisse minha presença, seu olhar se move até meu rosto e toda a alegria, mesmo que falsa, some de seu semblante. Encosto-me no batente da porta de seu quarto, sorrindo friamente em sua direção.

— Eu me pergunto, *Rora*, se seus seguidores sabem que tudo o que fala em suas redes sociais é tão falso quanto você — digo, levando uma das minhas mãos até minha mandíbula. — Eles sabem?

Ela dá volta em sua mesa, ajeita o *cropped* de moletom, caminha em minha direção, parando a minha frente e erguendo o queixo. Abaixo meu olhar brevemente em direção ao seu rosto, estudando a feição perfeita de cada traço que o compõe.

Seus olhos são labaredas flamejantes.

São ódio e decepção.

São idênticos aos meus.

— O que você está fazendo aqui? — grunhe, nervosa.

Sorrio e seu olhar recai em meus lábios.

— Arrumando a confusão que você criou, *hottie*.

Ela fecha os olhos por um instante e tenho vontade de me curvar e beijá-la.

Tenho a necessidade de provar de seu beijo intoxicado após anos.

— Não me chame assim — ordena.

— Por que não? — devolvo, meu sorriso aumentando. — *Namorados* não deveriam ter apelidos?

— Eu não sou sua namorada.

— Não é o que aquele contrato diz — afirmo, convencido. — Então acho que, quanto antes aceitar que está presa a mim, será mais fácil de lidarmos com isso.

Ela ergue seu rosto mais um pouco, fazendo com que nossos rostos quase fiquem rentes.

— Eu posso estar presa a você, Blake. — Suas pupilas dilatam. — Mas isso não significa que ainda te pertenço.

Passo a língua pelo meu lábio inferior e, antes que ela possa perceber, desço minha mão livre até sua cintura e a puxo para mim.

— Vamos deixar uma coisa clara, Aurora — minha voz desce um decibel. — Nesta merda, você me pertence. Durante seis meses você volta a ser minha. Goste ou não, e serei bem claro: se alguém tocar em você, perde a mão. Se olham para você de forma imprópria, perdem a porra da visão. Então, aceite logo que querendo ou não, *você é minha*.

Seu rosto rente ao meu.

Nossos olhos alinhados.

Eu poderia me abaixar, agora mesmo, e selar isso. Selar esse destino pecaminoso que me acompanha desde a noite do baile de formatura. Desde que ela me abandonou e voltou para Inglaterra. Desde que ficamos oito meses sem nos vermos e, quando voltou, estava completamente diferente.

Diferente porque seus pais morreram.

Diferente porque ela havia perdido o que amava.

Diferente porque a Aurora que amei morreu naquele incêndio.

— Você veio para dizer coisas que ficam apenas na sua imaginação, McLaughlin? — sussurra, seu hálito bate contra a minha bochecha. — Ainda continua desejando tanto a minha atenção?

Sorrio, virando meu rosto e quando volto a encará-la, o pior dos sorrisos toma conta do meu rosto.

— Não sei. — Umedeço meus lábios. — Você ainda precisa fazer suas merdas para fingir que não é apenas uma casca vazia? Ainda precisa usar a adrenalina para esquecer que é culpada por toda a desgraça que recaiu em todos à sua volta?

Seus olhos são tomados por lembranças.

Lembranças essas que não estou envolvido, mas acompanhei cada uma delas.

— Você é um babaca.

— Eu escuto muito isso. — Sorrio sem mostrar os lábios. — Agora voltando ao ponto principal, nós vamos estabelecer limites.

— Estabelecer limites para quê?

— Para esse namoro idiota.

— Isso é simples. — Ela sorri dando um tapa em minha mão e se afastando. — Mantemos distância um do outro. Nenhum se envolve em polêmica e estamos a salvo.

— Você sempre foi desprovida de inteligência? — Ergo uma sobrancelha.

— Desculpe?

— Só no seu mundo lunático que isso funcionaria. — Dou a ela uma careta. — Somos pessoas públicas. Pessoas comentam sobre nossas vidas e nossa família está, nesse momento, preparando uma nota para soltarem para imprensa. Então se realmente deseja voltar para sua vida medíocre na Inglaterra, aconselho a esquecer esse plano estúpido e começar a ser uma atriz melhor.

— Por que eu seria uma atriz melhor? — Ela ergue uma sobrancelha.

Fecho meus olhos por um segundo. Um mero segundo.

Deus, eu odeio ter que fazer isso.

Eu odeio o mundo todo.

— Porque nós estamos indo a um encontro, Aurora — finalmente digo. — E você terá que fingir estar completamente apaixonada por mim. Porque se a mídia não acreditar nessa merda, nós estamos com sérios problemas.



# DEFININDO LIMITES

*Ele está fora de si, eu estou enlouquecendo*
*Nós temos esse amor, do tipo maluco*
*Eu sou dele e ele é meu*
*No final, somos ele e eu*
*Ele e eu*
**Him & I | G-Eazy feat. Halsey**

## AURORA CONWAY

Blake McLaughlin é um babaca.

Não há nada no mundo que me faça mudar de ideia.

Eu amo a sua irmã. Ela é uma das minhas melhores amigas.

Mas Blake? Ele definitivamente não está na minha lista de confraternização.

Na verdade, ele está na parte onde rabisco os nomes que desejo atear fogo e apreciar cada instante ao lado de uma garrafa de *Merlot*. Entretanto, mesmo que ele faça parte desta lista, eu sei que se o queimasse vivo, ele arrumaria uma forma de me atormentar do inferno.

Porque Blake é isso para mim.

Ele é meu tormento.

A lembrança constante de que errei no passado e continuo errando.

De que mesmo que eu tente esquecer tudo o que aconteceu, será impossível.

Sabendo disso, apenas passo por ele o abandonando na entrada do meu quarto, sem respondê-lo e sigo até o *closet* pegando um vestido aleatório e um salto. Não me importo em deixá-lo esperando. Foi ele que apareceu em minha casa sem ser convidado e continua me obrigando a ir em um maldito

encontro, sabendo que não suportamos a ideia de sermos vistos juntos ou de estarmos respirando no mesmo ambiente.

Com um longo suspiro, encaro-me no espelho, me inclinado e passando o batom em meus lábios antes de me virar e caminhar até a sala onde o babaca me espera. Assim que adentro o ambiente, ele abaixa o livro que havia roubado da estante em meu quarto e passa seu olhar pelo meu corpo, secando-o descaradamente antes de parar em meu rosto.

— Do seu agrado? — questiono, sarcástica, pouco me importando com a sua opinião.

Ele inclina a cabeça e sorri.

— Na verdade, não. Mas vai servir por hora.

Reviro meus olhos ao mesmo tempo que ele bate de leve em suas coxas, se levanta e eu passo por ele, indo em direção ao elevador, pronta para colocar uma distância significativa entre nós dois. Entretanto, meu plano escorre pelos meus dedos assim que chegamos ao *lobby* e Blake me puxa para si, segurando minha cintura ao passo que atravessamos o enorme local onde pessoas nos encaram com uma sobrancelha erguida.

E mesmo que não devesse, sinto tudo dentro de mim agitar.

Passei todos esses anos me convencendo de que havia superado essa atração entre nós dois. Passei todos os dias agonizando para superá-la, porque só assim sairíamos intactos ou, na melhor das hipóteses, feridos de forma que conseguiríamos juntar os cacos e nos reerguer com o passar do tempo.

Eu me convenci disso.

Me convenci pelo meu próprio bem.

E agora não sei como vou conseguir passar por essa proximidade sem fazer com que caiamos no nosso labirinto sem saída novamente.

— Você não precisa me tocar. Não enquanto a notícia não sair. — Solto um suspiro resignado. — Então, mantenha suas mãos longe de mim, Blake, antes que eu decida que elas não são necessárias e as corte.

Ele diminui os passos, dando de ombros e lançando-me um sorriso frio.

— Estou tomando precauções, Aurora. — Ele nem mesmo me encara. — Não posso correr o risco de que você destrua tudo antes da hora, como sempre faz.

Viro meu rosto em sua direção, ofendida.

— Eu? — chio. — Quem sempre está fodendo com tudo é você, seu babaca egocêntrico.

— Bem, quando eu *fodia você* não havia reclamações. — O idiota solta um sorriso lascivo. — Não é, *hottie*?

Estagno no local.

— Apelar para flertes sexuais? — Estalo a língua no céu da boca. — Você é tão patético, McLaughlin.

Solto um bufo e me afasto dele, entretanto, quando estamos entrando na garagem, meus olhos se desviam para a vaga escondida, onde guardo a única coisa que me faz sentir viva. A vontade imensurável de caminhar até lá e correr pelas ruas de Nova Iorque, cresce em meu peito. Contudo, percebo o *McLaren* preto estacionado ao lado do meu *Aston Martin* e tenho a convicção de que não estou brincando pelas ruas hoje.

Com uma decepção crescente em meu peito, entro no automóvel e observo Blake manobrar o carro rumo a saída subterrânea do edifício. Assim que os portões se abrem e alcançamos a rua, é possível perceber alguns flashes e fotógrafos com toda a atenção no nosso carro, tentando arrancar uma nova manchete sobre nós dois. Os vidros escuros asseguram nossa privacidade, mas a mandíbula de Blake tensiona ao passo que acelera para longe do caos que nos encontramos.

Ele odeia isso. Odeia ter sua vida exposta como a minha.

Somos tão diferentes que me questiono como um dia chegamos a acreditar que éramos para sempre. Que o mundo poderia ser apenas um detalhe perto da magnitude que nos tornávamos quando estávamos juntos.

Chegamos a acreditar no *para sempre*, mesmo que isso fosse apenas um conto de fadas inventado para as histórias infantis. Mas ninguém conta que, na verdade, quem sempre sai com os finais felizes são os vilões mascarados de boas pessoas na sociedade.

Nós acreditamos em tantas coisas…

Principalmente que apenas o amor era suficiente quando, na verdade, não é.

E a dor que isso nos causou, nos transformou em algo que as pessoas não podem amar. Em pessoas vazias e incompletas.

— Chegamos.

A voz de Blake faz com que meus olhos se voltem para o enorme prédio à nossa frente. Automaticamente meu cenho se franze, porque ele não nos levou a um restaurante caro ou a um lugar que todos nos reconheceriam. Não. Blake nos trouxe ao único lugar que nunca compartilhamos com ninguém, que sempre teve uma parte da nossa história.

Ele me trouxe ao *Empire State Building*.[3]

O meu lugar favorito na cidade.

— Por que me trouxe aqui?

— Privacidade, Aurora. — Ele abre a sua porta. — Não procure outros motivos, porque não achará.

Dou de ombros e saio do automóvel, parando ao seu lado e encarando o lugar que possui uma fachada facilmente reconhecível. O edifício tem uma estrutura alta e elegante, com linhas verticais e horizontais que criam uma sensação de grandeza e imponência. As janelas são dispostas em uma grade regular, dando à fachada uma aparência simétrica e ordenada.

Ergo meu rosto, observando como o mastro de transmissão de rádio no topo, que acrescenta altura ao edifício. E sei que assim que a noite se aproximar, ele será iluminado e criará um farol visível de longe.

Blake mesmo odiando, me espera admirar cada centímetro e até mesmo tirar algumas fotos antes de soltar um bufo e adentrar o prédio, rumo ao último andar. Assim que o elevador se abre novamente e percebo as poucas pessoas admirando a cidade que nunca dorme, uma sensação de alívio toma conta de mim.

— O que estamos fazendo aqui, Blake?

Ele não me responde de imediato, apenas segue até um lugar isolado, onde a vista da cidade é exuberante e se inclina na grade, apoiando os antebraços no metal e observando os prédios.

— Definindo limites.

Ergo uma sobrancelha para as suas palavras.

— Definindo limites?

— Sim, *hottie*.

— E exatamente para que precisamos disso?

Ele vira um pouco o rosto em minha direção e posso observá-lo sorrir falsamente.

Deus. Esse sorriso.

— Para essa farsa.

— Achei que já tínhamos chegado ao consenso sobre isso.

— Não, Aurora. — Ele se ergue. Virando-se novamente para mim, com os olhos fixados nos meus. Sou obrigada a olhar para cima e me arrependo. — Nós dois precisamos ficar o mais longe possível de polêmicas durante esses meses.

— Eu não me importo de estar no meio delas — minto, dando de ombros.

— Por quê, Aurora? — questiona, me surpreendo. — Por que você faz tanta questão que Nova Iorque esteja com os olhos em você quando nós dois sabemos que você odiava ter a sua privacidade invadida?

*Porque estou salvando a todos.*

*Porque se eu não fizer isso, todos descobrem o meu segredo.*

*Porque ela está a salvo.*

Fecho meus olhos por um minuto.

— Por que você se importa com isso, Blake?

Ele dá um passo à frente, sorrindo como se eu estivesse contando um segredo. Minha vontade é recuar. Entretanto, não faço isso, pelo contrário, ergo ainda mais o queixo, deparando-me com a coloração perfeita de suas íris.

Eu o encaro enquanto ele estuda meu rosto.

Tenho vontade de traçar meu polegar pelas pintas em sua pele e desenhar suas tatuagens com minhas unhas, como quando fazia antigamente.

— Eu não me importo. — Ele sorri friamente. — Se quer ser essa garota mimada que o mundo enxerga e prefere ser apenas alguém que a mídia deseja, tanto faz. No fim disso, eu ainda vou te odiar tanto quanto agora.

Dói.

Suas palavras cortam. Dilaceram.

Contudo, me recuso a ceder. A mostrar a ele que ainda possui poder sobre mim.

— Você me trouxe aqui para definir um limite.

— Sim.

— E qual é o *seu* limite, Blake?

— Você. — Seus olhos se tornam perigosos. — Você é o meu limite, Aurora.

Tudo parece se silenciar.

Meu foco é apenas o homem à minha frente.

Eu apenas tenho vontade de tê-lo para mim mesmo sabendo que é impossível.

Seus olhos, por um instante, brilham com algo que não sei denominar, mas que está ali. O brilho que me causou sensações que eu jamais pude imaginar vivenciar. O calor que me tocou como se eu fosse uma deusa. A

ousadia que irradiou dele quando desafiamos as regras e as desdobramos à nossa mercê.

Está tudo ali e, de repente, já não está mais.

As mesmas íris olhos que me lançavam esses olhares, agora são opacos, dolorosos e cruéis. São assim porque *eu* o machuquei de um jeito que nunca achei que machucaria.

Causei sua ruína.

Tirei o que lhe pertencia.

E o condenei a algo que não tinha culpa.

Para cada uma dessas ações, eu senti a dor disso e ainda sinto.

Dia após dia.

— Isso é um problema, então, Blake. — Respiro, jogando todas essas memórias para dentro do baú. — Porque você terá que me suportar por seis meses.

— Infelizmente. — Seu tom é enojado.

— Sim — concordo, enquanto ele sorri. É perverso. — Agora, voltamos ao assunto principal, nós teremos regras para que isso dê certo. — Dou um passo para trás e ergo um dedo. — Sem contato além do necessário.

— E o que exatamente isso significa?

— Você sabe. — Aponto em sua direção. — Sem toques idiotas, beijos ou tudo mais. E principalmente, sem sexo.

Ele franze o cenho.

— Você diz como se eu estivesse implorando para tocá-la. — Ele revira os olhos e cruza os braços, abandonando o ceticismo e me encarando seriamente. — Sem relacionamentos secretos com outros jogadores.

— Minha vida sexual te atormenta? — Sorrio falsamente.

— Não. — Ele inclina a cabeça. — Mas, *eu* já fui o seu segredo, *hottie*. E, sei exatamente como você gosta de se divertir com o que é proibido. Então, acredite em mim, quando digo que não serei como o idiota do Dellacor.

A menção a Dellacor faz com que a cor fuja do meu rosto.

*Ele está morto. Ele está morto.*

— Não fale sobre isso — peço, minha voz descendo uma oitava.

— Acredita, *hottie*, eu não gosto de ser lembrado do motivo pelo qual fui preso — Ele dá de ombros. — Próxima regra: você assiste aos meus jogos.

Coloco um sorriso no rosto. Um sorriso treinado por anos.

— Contanto que você me acompanhe nos meus eventos.

Ele maneia a cabeça.

— Sem me expor em suas redes sociais. — Seus olhos vão até o celular em minhas mãos.

— Sem chance — devolvo. — Preciso de pelo menos uma foto por semana.

— Não.

— Somos pessoas públicas. Pessoas comentam sobre nossas vidas. — Repito suas palavras com um sorriso provocativo. — E não ter nenhum conteúdo sobre esse namoro em minhas redes sociais será como deixar claro que essa merda é falsa.

Ele respira fundo, fecha os olhos e pragueja algumas ofensas baixinho.

— Eu te odeio.

— Sim, você diz isso diariamente. — Dou de ombros. — Às vezes, é até cansativo.

— Uma foto por semana e só. — Não há brechas para negociações.

— Há outra regra.

— Diga, Aurora.

— Às sextas-feiras não posso ter compromissos em relação a essa farsa — digo e ele franze o cenho. — Todos os outros dias eu posso lidar com isso. Mas, neste dia da semana em específico, não conte comigo.

— E por que você estará indisponível?

— Não te diz respeito.

Ele umedece os lábios, encarando-me.

— Não me faça descobrir por mim mesmo, Aurora.

Fecho os olhos por um instante.

Não posso dizer.

Nunca poderei dizer.

— É o meu dia de merda com as meninas — minto.

Blake dá um passo à frente, me encara como se não acreditasse e segura minha cintura, puxando-me para si. O movimento faz com que todos os meus pelos se arrepiem e minha mão suba até seu peito.

Assustada pela aproximação repentina, ergo o rosto, encarando-o surpresa.

— O que você está fazendo?

— Agora, a regra principal, *hottie*.

Uma careta se forma em meu rosto.

— Há uma regra principal?

— Sempre há — zomba.

— E o que seria?

Seu rosto se abaixa quase colocando-o sobre o meu e minha respiração, de repente, fica presa em meus pulmões. O seu cheiro se torna, novamente, o meu favorito e amaldiçoo a todos por nunca conseguir superar isso.

— Eu mantenho meu nariz longe dos seus segredos e você mantém o seu longe dos meus. — Sua voz é baixa, quase um sussurro perigoso. — Você faz o que quiser por trás desta farsa e eu, o mesmo. Não há negociação. É pegar ou largar.

— É uma promessa?

— A única que receberá de mim. — Sua mão se aperta em minha cintura. — Você está pronta para isso, Aurora?

Encaro seus olhos por um segundo.

Fechar um acordo com Blake McLaughlin é um erro.

Um erro que prometi jamais cair em tentação outra vez, mas aqui estou eu.

É errado. Pode nos colocar em perigo.

Mas negar isso, dará brechas para Dinara e Sebastian investigar o que escondo.

E eu prometi nunca deixá-los colocarem a mão nela.

— Sim, Blake.

Ele sorri e se abaixa, seu rosto encosta em meu ombro e sua boca roça, de leve, em meu pescoço, fazendo com que tudo dentro de mim se torne uma corrente elétrica, antes de sussurrar.

— Então sorria, *hottie*, porque há um fotógrafo atrás de você. — Suas palavras são tão baixas que mal as escuto. Não quando meu coração galopa em meu peito descontroladamente. — E ele terá a nossa melhor foto.

Então há um *flash*.

Segundos depois, nosso celular toca e Blake se afasta sorrindo.

Com isso, o caos começa.

# 07



# VOCÊ ESTÁ A MINHA MERCÊ

*Porque mesmo que eu esteja mais velha agora*
*E sei como me livrar do passado*
*Não teria chegado até aqui*
*Se não tivesse você segurando a minha mão*
*Não quero perder o controle*
**Control | Zoe Wees**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Existe uma defesa no vôlei chamada bloqueio.

É uma jogada onde tentamos impedir que a bola atacada pelo adversário ultrapasse a rede, caindo do nosso lado da quadra. Eu sempre amei essa parte. Sempre amei presenciar como podemos mudar o curso do jogo e presenciar o rosto decepcionado do time rival.

E, nesse momento, enquanto estamos treinando no ginásio da NYU com nosso time reserva e observo um deles, Marner, bufar em descontentamento pelo seu time ter perdido a oportunidade de ganhar um *set*, não consigo comemorar.

A única coisa que ronda a minha mente são as dezenas de manchetes que foram jogadas na internet e nas revistas, desde ontem à noite, após a minha foto e de Aurora ter ido ao ar junto a nota que a equipe dos meus pais criou.

Não deveria ser assim.

Não deveríamos ter que conviver juntos novamente.

Já estamos acostumados a nos suportarmos nas poucas vezes que nossos amigos se juntam. Mas é isso. Não precisávamos fingir que nos suportamos

ou, pior, que estamos completamente apaixonados.

Solto um suspiro, pegando a bola de Miller, um dos ponteiros[4], e tento bloquear todos os meus pensamentos enquanto o treinador Rhodes grita a todo momento sobre como nossa defesa está precária.

— Eu ouvi dizer que McLaughlin agora é um homem comprometido? — Matthews, o oposto[5] reserva, zomba. Fazendo com que eu estagne o passo.

— Então, isso significa que o posto de jogador mais desejado da NYU está livre? — brinca, Coleman.

— Significa que se não calar a boca, você está no banco no próximo jogo — rosno, girando a bola. — Isso não é uma brincadeira, Coleman.

Ele solta uma risadinha e quando encara o meu rosto impassível, percebe que estou falando a verdade.

— McLaughlin! — grita Rhodes. — Pare de ameaçar meus jogadores e jogue essa maldita bola.

Reviro meus olhos, caminhando até a linha no final da quadra e me preparo para o saque. Assim que o jogo reinicia, permito que minha atenção retorne para a noite passada.

Para quando o rosto de Aurora, era a única coisa no meu campo de visão.

Em como, mesmo sendo falso, ela sorriu para o meu toque.

Eu não deveria ter a levando até aquele lugar. Não deveria ter reparado em quão deslumbrante ela é quando o pôr do sol contracena com seus cabelos castanhos e como seus olhos brilham enquanto observam Nova Iorque.

Costumávamos amar essa cidade.

Fingíamos que éramos intocáveis.

Mas o que não sabíamos era que estávamos apenas vivendo uma mentira. Nunca poderíamos ser isso. Porque ela sempre foi prometida a alguém que não era eu. Alguém que poderia nos destruir sem mover um dedo.

E mesmo sabendo disso, eu me permiti pular no mundo dela.

Eu a amei com tudo o que tinha.

Despi toda a minha alma e em troca, recebi apenas o sorriso falso em seu rosto.

E talvez seja por isso que quando entrei na *New York University* — apenas com Lynn ao meu lado e Rowena me odiando por ser o motivo de

suas melhores amigas se mudar para o outro lado do mundo — que prometi a mim mesmo que ninguém teria a chance de me machucar outra vez.

Prometi esconder a dor que se alojou em meu peito e que todo o passado ficasse para trás. Fiz isso quando entrei na equipe de vôlei. Fiz quando em menos de um ano me tornei jogador da equipe principal e capitão poucos meses depois.

Eu me tornei invencível sozinho.

Levei o time a um patamar inalcançável.

Eu criei minhas barreiras. Me protegi de tudo.

Durante todo esse tempo, ninguém conseguia chegar perto o bastante de mim para saber que o capitão da *Phôenix Coral's* era uma farsa, que usava a bebida para aplacar as memórias daquela semana infernal onde eu estava protegendo alguém que não merecia.

Eu me blindei e não estou disposto a perder tudo o que construí apenas porque perdi o controle, por conta das memórias do passado e me coloquei em situações que geram burburinho pela cidade.

— Blake — a voz de Maverick faz com que todo o meu pensamento se disperse.

Meus olhos se voltam para onde a bola roda. Ele se ergue, jogando-a em minha direção e entendo que ele está tentando fazer. Com um sorriso de lado, me posiciono e a recebo, levantando-a para que ele possa fazer o ataque certeiro no time rival. Faço com que ela gire na altura certa e tenha a possibilidade de conseguir finalizar a sua jogada.

Apenas um segundo.

Um segundo e o ponto final do *set* será nosso.

Antes mesmo que alguém possa raciocinar, Foster a coloca entre o oposto e o central.

Ele me encara sabendo o que acabamos de fazer.

Maverick sabe que dentro desta quadra nós não somos rivais.

Somos jogadores. Somos duas pessoas que descontam a dor de suas memórias dentro dessa quadra. Mas a diferença entre nós, é que quando tudo termina, quando o jogo acaba, ele tem uma família que o ama e tem a minha irmã para segurá-lo.

— Foi um bom jogo — Um dos jogadores diz, passando por mim.

Maneio a cabeça, concordando e sigo em direção ao banheiro. Entretanto, antes mesmo que eu possa alcançá-lo, Connor pega meu braço e

me puxa em direção ao almoxarifado. Seus olhos encontram com os meus e uma das minhas sobrancelhas se erguem em confusão.

— Por que diabos você me arrastou para cá? — questiono.

— Porque estou preocupado com você.

— E não tinha lugar melhor para expressar isso? — Meu cenho se franze.

— Não quando você está me evitando desde que chegou ontem a noite — afirma, decepcionado. — Nós não temos segredos, Blake. Eu sou seu melhor amigo desde que éramos pirralhos. E o conheço o suficiente para saber que você não está bem.

— Você não tem que se preocupar.

— Me poupe dessa merda. — Ele revira os olhos. — Você tem um problema, nós dois temos. Você chuta a bunda de alguém, eu te ajudo a fazer isso. A não ser que seja de Maverick. Ao contrário disso, nós somos um time.

— Você ficou muito sentimental desde que Lynn aceitou namorar você.

— E você se tornou um pé no saco desde que Aurora chutou a sua bunda.

Meus olhos se estreitam pelas suas palavras.

— Voltamos ao ponto. — Cruzo os braços. — Por que caralhos nós estamos em um almoxarifado?

— Porque eu tive uma ideia e preciso do seu apoio.

Isso é ruim.

— Não.

— Não vai prejudicar ninguém. — Ele sorri. — Eu acho.

— Jesus Cristo! O que você quer fazer, Connor?

— Uma festa.

— Não.

— Vamos lá, Blake. — Sua cabeça se inclina. — Nós vamos destruir a UCLA e então teremos a nossa festa anual de *Halloween* para comemorar.

— Não.

— Eu prometi a Lynn — mente.

— E isso é um problema meu desde quando? — Dou de ombros.

Ele sorri abertamente.

— Ela é sua melhor amiga.

— Aurora e eu estamos proibidos de nos metermos em polêmicas, seu idiota — xingo. — E uma festa é claramente um convite para isso.

— Nós recolhemos os celulares e convidamos poucas pessoas — contrapõe.

Eu o encaro.

Seus olhos estão ansiosos e cheios de expectativa.

Seu sorriso toma conta de seu rosto.

— O time já sabe?

Seu sorriso aumenta.

— Eles que me enviaram aqui, Blake.

Minhas sobrancelhas voltam a se franzir.

Entretanto, sei que é uma luta perdida. Eles provavelmente já organizaram tudo e eu terei que chutar a bunda de todos eles quando chegarmos em casa.

— Sem celulares. Sem convidados desconhecidos. — Aponto o dedo em seu peito. — E sem qualquer pessoa estranha chegando perto de Conway.

Connor inclina a cabeça e abre a boca para dizer algo que nós dois sabemos que irá tirar o resto da minha paciência, entretanto a porta é escancarada e nosso treinador solta um suspiro resignado e nos encara com o cenho franzido.

— Por que eu tenho dois jogadores fedendo a suor no armário da faculdade? — Rhodes questiona e nenhum de nós responde. — Então?

Deixo meus ombros caírem e o encaro inexpressivo.

— Não faça perguntas que não deseja a resposta, treinador — digo.

Davenport segura a risada atrás de mim e eu tenho vontade de socá-lo.

— Pelo amor de Deus, saiam da minha frente.

E antes que ele possa dizer mais alguma coisa, eu me afasto, finalmente indo para o vestiário. Connor fica, tentando convencer Rhodes a algo que não presto atenção, e falha.

Minha cabeça agora pensa nessa festa onde, depois de três anos, aparecerei acompanhado de alguém.

Não apenas alguém, mas minha ex-namorada.

Da pessoa que odeio. Que jurei nunca mais permitir que chegasse até mim.

E todo caminho até o chuveiro, eu tenho certeza de que essa festa não será uma coisa boa.



Há apenas um lugar na NYU onde Aurora se esconde desde que voltou.

Não é um lugar onde as pessoas a rodeiam para conseguir uma foto ou onde ela pode mostrar ao mundo quem é. Não. É apenas um lugar onde se pode escutar o barulho da cidade e observar a paisagem.

É onde a calma reina.

Mesmo que dentro dela não exista isso.

E sabendo exatamente que ela está neste lugar, eu saio do vestiário e caminho até lá. Desviando das inúmeras pessoas que sorriem para mim, no intuito de conseguirem um convite para a maldita festa de Connor. Porque mesmo que ele tenha me prometido que terá apenas conhecidos presentes, precisou apenas de um momento e eles estavam postando sobre, nas redes sociais.

Sabendo disso e que tudo saíra do controle, eu preciso tomar medidas drásticas.

E uma delas, é fazer com que Aurora não estrague nosso acordo.

Assim que o elevador anuncia que estou no lugar que desejo, solto um suspiro.

O telhado da universidade não é um ambiente luxuoso. Ao contrário, é apenas um lugar simplório, com algumas cadeiras e uma vista da cidade. Mas a silhueta de Aurora, sentada no parapeito do prédio, com um livro em mãos e uma expressão concentrada, me faz estagnar.

A saia e o blazer preto, junto a meia-calça destacam o maldito *Doc Marten Mary Janes* em seus pés. É como se estivéssemos voltando ao primeiro ano do internato, quando ela adentrou o prédio como se fosse uma rainha e conquistou a todos. Aurora não precisou de muito para que todos caíssem aos seus pés.

E talvez aquilo deveria ter sido meu primeiro aviso.

Porque o segundo, era o anel fino com apenas um diamante adornando seu dedo anelar.

Naquela época eu não me importei com isso.

Ela era um desafio e eu odiava perder.

— Se você está tentando me assustar, sinto lhe informar que não está funcionando — ela diz sem levantar o rosto e virando a folha do seu livro.

— Então, por favor, me deixe aproveitar meus minutos de paz e saia daqui.

— Alguém já lhe disse que para uma pessoa britânica, você não possui modos?

Ela continua me ignorando e passando as páginas, mesmo que eu saiba que não está lendo uma palavra sequer.

— Alguém já lhe disse que para uma pessoa estadunidense, você é insuportável?

— Sim. Várias vezes. — Cruzo meus braços. — Temos que conversar.

— Uma conversa entre nós dois geralmente se resume em você me irritando e eu tentando não te socar — Aurora finalmente levanta o rosto e percebo seus olhos verdes ficarem mais claros com a intrusão da luz solar. — Então qual será o motivo pelo qual fatasiarei seu assassinato hoje?

Ergo uma sobrancelha.

— Você pensa muito nele?

— Com mais frequência do que eu gostaria.

Inclino minha cabeça para o lado.

— Então você pensa muito em mim, *hottie*?

— O que você quer, Blake? — rosna.

— Tenho um jogo no sábado.

Aurora desce do parapeito, coloca o livro na bolsa e dá um passo à frente, rumo à saída.

— Estarei lá.

— E nós temos uma festa logo após. — Ela me encara confusa. — Connor está organizando.

Não é preciso mais nada para explicar.

— Eu achei que estávamos proibidos de causar problemas.

Dou um meio sorriso, dando um passo em sua direção.

— Nós dois sabemos que isso é impossível, *hottie*.

— Por quê?

Mais um passo. Poucos centímetros nos separam.

— Porque você e eu não seguimos as regras, *Rora*. — Tenho vontade de levar meus dedos em seus lábios carnudos e traçá-los. — Nós dois sempre fazemos o que queremos. Você já deveria saber disso.

Ela engole em seco.

— Não há nós dois, Blake — murmura, suspirando fundo. — Você me odeia.

*Com todo o meu ser.*

Com cada lembrança que ronda a minha mente. Com todos os momentos que ela intoxicou meu coração com seus sorrisos doces e suas atitudes impuras. Eu a odeio tanto. Mas acima de tudo, eu odeio porque não consigo tirá-la do meu pensamento.

Aurora é uma constante.

A única pessoa que ansiei. E a única que nunca poderei ter, mesmo que o mundo acredite que somos novamente apaixonados

— Você está dizendo isso para se convencer? — Sorrio, levando minha mão até seu queixo. — Está suplicando para que seja verdade, não é? Por que se você for sincera, *hottie*, no fundo, você ainda se lembra de como sua boceta se sentia enquanto engolia meu pau como uma boa garota, não é?

Seus olhos se tornam um tom esverdeado escuro.

— Não...

— Não o que, Aurora? — Umedeço meus lábios. — Não lhe diga a verdade? Não lhe diga que mesmo que você pague de boa garota, você sempre amou foder comigo enquanto usava a porra de um anel de castidade? Que você era a princesa dos diamantes, mas dentro do meu quarto não agia como tal?

Uma gargalhada fria salta dos meus lábios.

— Você está tentando me manipular.

— E você precisará lidar com isso. — Dou de ombros. — Porque, *Rora*, agora você está à minha mercê por seis meses.

— E você também — Um sorriso escorrega pelos lábios dela. *Deus, essa boca é o meu inferno.* — Então não se esqueça que se você me fere, eu retalio. Se você me machuca, eu te destruo antes mesmo que esse acordo termine.

Passo a língua pelos meus dentes, me inclinando mais um pouco.

— Serão meses divertidos então.

— Você. É. Um. Idiota — ela chia e meu sorriso ainda se mantém firme.

— Eu tomo isso como elogio — Me afasto dela, virando-me e caminhando até a saída. Mas, antes, a encaro por cima dos ombros. — E, Aurora?

— O quê?

— Use a fantasia do *Halloween* passado.

— E por que eu a usaria?

Um novo sorriso toma conta dos meus lábios. É diabólico.

— Porque você fica gostosa de coelhinha.

Ela pega o livro de sua bolsa e o atira em minha direção.

Apenas levanto a minha mão e o seguro, agradecendo o maldito reflexo rápido que adquiri após todos esses anos jogando vôlei. E com uma risada alta, volto a caminhar e entro no prédio da NYU, sabendo que matarei Connor Davenport por inventar essa festa. Principalmente porque Aurora e eu teremos que mostrar a todos que somos completamente apaixonados um pelo outro, quando, na verdade, é uma mentira.

E eu sabia que juntos, tínhamos munição para destruir um planeta, mas mesmo assim continuei. Deixei o que sentia me controlar, mesmo sabendo que éramos um carro desgovernado em uma estrada sinuosa.

E precisei aceitar que, de nós, só restou destruição.



# SEXTAS-FEIRAS

*Você não precisa se machucar,*
*você não precisa mais se machucar*
*Com um pouco de tempo, dê uma olhada e*
*encontre o que você está procurando*
*Você está quebrada ao chão*
*E você está chorando, chorando*
**Broken | Isak Danielson**

## AURORA CONWAY

Meus olhos encaram a fachada do hospital *Memorial Irina Altman.*

Não passa das nove horas da manhã de uma sexta-feira e parece que eu já estou completamente cansada. Cansada de receber centenas de notificações, de sorrir para *stories* e posar para algumas fotos. São males do ofício que assumi quando decidi que, para manter toda a minha vida em segredo, eu precisaria me tornar alguém irreal.

Então, eu me tornei a princesa da mídia.

A herdeira problemática.

Eu apareci em mais polêmicas do que minha equipe pode lidar. Fiz com que criassem uma persona onde ninguém acreditaria que por trás das telas, existe uma mulher apaixonada pelo mundo dos diamantes e por uma pessoa que protejo a todo custo.

Uma parte do meu segredo.

A pessoa que o mundo acredita ter morrido.

E sabendo disso, subo as poucas escadas, observando as portas se abrirem e caminho até o elevador. Lynn garantiu que após tomar toda a sua herança para si, ela me ajudaria a escondê-la. Me ajudaria a fazer com que todos achassem que ela havia, de fato, morrido.

Sebastian acredita nisso.

Dinara nem mesmo presta atenção em minhas contas para saber que quase tudo o que ganho com toda essa mentira da mídia, vai diretamente para o tratamento dela.

Eu os deixo acreditarem nisso.

E aprecio cada momento.

— Você está adiantada — Lucy, uma das únicas enfermeiras, diz sorrindo.

— Eu estava ansiosa para vê-la — Sorrio de volta. — É um bom dia?

Seu sorriso, pouco a pouco, abandona seu rosto.

— Sinto muito.

— Está tudo bem — minto. — Teremos outros dias.

— Ela acha que *ele* está vivo, *Rora*. — Há um aviso em seu tom. — Tome cuidado.

Seguro a caixa de macarons que trouxe comigo e caminho até a suíte privativa. Assim que abro a porta, percebo que ela não está em sua cama e sei exatamente onde encontrá-la. Caminho pelo enorme local, observando os tons pastéis do quarto e as inúmeras fotos espalhadas pelas paredes. Fotos essas que não estou, mas uma pessoa semelhante a mim está.

Assim que alcanço a sacada do quarto, onde há uma vista para o jardim, um bolo se forma em minha garganta. Lágrimas que eu nunca permito que desçam se alojam nas bordas dos meus olhos e a tristeza que sempre me acompanham, se amplifica.

— Você sabia que os pássaros voam em bando porque se ajudam?

A sua voz suave e cansada, faz com que eu caminhe até a cadeira vazia ao seu lado e me sente.

— Infelizmente, não.

— Elas fazem isso para permitir que o bando tenha mais resistência para viagens longas e difíceis — conta, encarando alguns deles. — E a formação em V também melhora a comunicação e a coordenação do bando.

— É uma curiosidade satisfatória. — Sorrio. — Você gosta de pássaros?

— Meu marido os ama. — Ela nem mesmo desvia o olhar. — Ele deve estar em nossa empresa agora. Ele sempre prefere a empresa a nossa casa.

Mordo meu lábio inferior, segurando as lágrimas.

— Eu imagino.

— Que falta de educação a minha. — Ela coloca as mãos em seu peito e a fina aliança de ouro brilha. O diamante adornando o anel é idêntico ao que

eu utilizava, e que foi perdido anos atrás. — Me chamo Olivia. Olivia Beaufort.

Ela finalmente se vira para mim. Seu sorriso torna seu rosto ainda mais bonito mesmo com a idade avançada. Os olhos verdes, que são uma marca registrada dos Beaufort, contracenam com os meus.

Memórias tomam conta do meu coração.

Dor preenche todo o meu corpo.

— Me chamo Aurora.

— É um nome lindo.

— Minha mãe o amava.

— Minha filha também sempre amou esse nome — confessa, pegando sua xícara de chá. — Ela é apaixonada pela Aurora Boreal, sabe? Acredito que, quando se casar com o herdeiro dos Dellacor, ela terá a sua Aurora também.

Fecho meus olhos sentindo a estaca fincar meu peito.

— Ela se casará? — questiono, baixinho.

— No verão. — Diz, mas não há felicidade em sua voz. É como se o pensamento a enojasse. — Será uma cerimônia linda. Feita para a elite da Inglaterra.

— E ela o ama? — questiono novamente.

Uma risada salta dos seus lábios

— Ninguém ama um Dellacor, querida.

— E por que ela se casará com um, então? — Finco minhas unhas em meu braço.

— Acordo entre famílias. — Ela beberica seu chá. — Mas, ela é apaixonada por Baron Conway. E isso pode colocar todo o acordo em perigo, se meu marido descobrir.

— Por quê?

— Ora, porque ele é um americano. — Ela revira os olhos. — E pessoas como nós não nos casamos com estrangeiros.

— É um pensamento arcaico.

— Não, é um pensamento que irá protegê-la de meu marido e de Dellacor.

Então seu rosto finalmente se volta para o meu e seus olhos se arregalam. Não há simpatia ali, é como se ela não me enxergasse. A mulher que está me encarando, não é a mesma mulher que ajudou minha mãe a fugir de seu casamento para viver o seu amor. Não é a mesma que ajudou

mamãe quando nasci e nem aquela que a colocou em um avião para os Estados Unidos. Não é a mulher que me amou quando me conheceu.

Não. A mulher que me encara agora é Olivia Beaufort.

A esposa de Manuel Beaufort.

O homem que nos vendeu. Que nunca pensou em como estava nos machucando, apenas em como o acordo que fechou com a família rival beneficiaria o conglomerado de empresas de mineração e comércio dos diamantes da Casa Beaufort.

Ele fez da minha mãe uma moeda de troca e quando falhou, me vendeu.

Ele me vendeu para alguém sem escrúpulos.

A uma pessoa que destruiu a mim e a Blake.

Que nos tirou tudo o que importava.

— Você não é enfermeira... — Ela se levanta. — Você é... Onde está Elena? Onde está a minha filha?

— Vó... *Por favor.*

— Não me chame assim! — grita, histérica. — Você é igual a ela, mas não é ela. *Você não é Elena!* Onde está a minha filha? Onde ela está?

— Minha mãe, ela...

— Não! Não ouse dizer que ela morreu! — Seu grito vibra meu peito. De repente, como se finalmente tivesse se lembrando, seus olhos se tornam frios. — A não ser que... Aurora, seu nome é Aurora. Você é a filha deles. *Você a matou*. Você matou a sua mãe. A minha filha. Você é culpada pela morte dela. Você é um monstro! Uma praga em minha família. Você deveria ter morrido naquele dia. *Você!*

— Vó...

— Saia daqui! — A porta é escancarada e dois enfermeiros entram. — Saia daqui agora.

Não olho para eles, eu olho para a única pessoa que eu gostaria que não tivesse se afundado em sua memória. Para a única pessoa que me ajudou a superar a morte dela. Para a minha única parente, além de Dinara.

Eu olho para a Olivia Beaufort. Para a minha avó.

A pessoa que me segurou quando a notícia chegou.

A pessoa que prometeu nunca me abandonar.

Mas que se deixou levar quando o Alzheimer se fez presente em sua vida. Quando ele progrediu rapidamente após a morte de mamãe. A doença a afetou de uma forma que nem mesmo os melhores médicos das Américas conseguiram ajudá-la. E mesmo que suas memórias se misturem, na

maioria dos dias, mesmo que ela me odeie, eu ainda continuo vindo. Continuo protegendo-a. Continuo fazendo o possível para que ela não se perca no meio de seu martírio.

E foi nessa situação que conheci Connor, quando seu avô também tinha a mesma doença. Quando ele vinha até aqui para visitá-lo e era a única pessoa que me entendia.

Ele estava ali quando ela teve a sua primeira crise.

Ele me segurou mesmo não sabendo toda a história.

Ele não me julgou.

Connor Davenport se tornou o meu melhor amigo.

Entretanto, não é dele que preciso agora. Não. Eu preciso das únicas pessoas que me conhecem por completo. Que me seguram quando todo o meu mundo desaba. Porque fazemos isso umas pelas outras, nós destruímos tudo ao nosso redor para nos protegermos.

Foi assim quando ameaçaram Lynn.

Quando a família de Rowena a quebrou.

Quando eu voltei da Inglaterra destruída.

Levo meu celular até meu ouvido. No primeiro toque, eu dou um passo para fora do quarto ainda escutando gritos. No segundo, fecho a porta, mesmo que tudo dentro de mim esteja estilhaçado. E no terceiro, escuto a voz suave.

— *Rora?*

— Eu preciso de vocês, Lynn.

Não é preciso dizer mais nada.

Elas sabem. Eu sei. O mundo para quando precisamos uma das outras.

E com esse pensamento, eu saio do hospital pelos fundos, observando o tempo nublado e a chuva que é eminente. Entretanto, desta vez, eu não me importo. Apenas, desvio das pessoas que zanzam de um lado para o outro e sigo em direção ao *Central Park*.

Caminho sem perceber o mundo ao meu redor.

Eu deixo que as lembranças se fundam a mim.

Dói. Dilacera.

Eu penso no sangue.

No carro.

No incêndio.

Eu penso em como eu o mandei para um lugar que não era dele.

Penso em como destruí aqueles que amo por egoísmo.

Em como sempre fui estardalhaço, mas depois de tudo, me tornei apenas silêncio.

A chuva, de repente, cai sobre mim. Pessoas correm de um lado para o outro. Se abrigam e a evitam. Enquanto, eu a abraço. Deixo que molhe meus saltos, meu vestido, minha alma.

Apenas imploro para que ela leve tudo aquilo que se enraizou em meu peito.

Faço isso até que percebo que estou sozinha no meio do *Central Park*.

Apenas com o barulho da tempestade, o vento batendo contra as árvores.

Eu percebo isso e então, desabo.

Deixo que as lágrimas desçam pelo meu rosto.

Eu choro como em anos não chorava.

Então, eu grito.

Grito pelo que me tiraram.

Grito por salvar alguém que sempre me culpa.

Grito por já não aguentar o peso dos meus segredos.

Para cada memória, eu grito.

Para cada dor, destruo um pedaço do meu coração.

Eu me desfaço na cidade que um dia chamei de lar.

— Rora? — a voz preocupada de Rowena faz com que eu pare.

Eu a encaro por cima dos meus ombros.

Lynn está ao seu lado, nenhuma delas se escondem da chuva.

Nenhuma delas se protegem de mim.

— Dói, Rowie. — choro. — Dói tanto, Lynn.

— Eu sei. — Lynn sussurra. — Você não precisa segurar mais isso.

— Nós estamos aqui. — Rowena afirma.

— Nós sempre estaremos aqui, Rora.

Olho para o céu por um instante.

Elas estão aqui mesmo que eu não mereça.

Eu as amo mais do que posso expressar em palavras.

Elas são meu abrigo. Minha casa. Minha morada. Elas são minha família.

Assim que volto a encará-las, mordo meu lábio inferior, deixando que as lágrimas continuem descendo.

— É um dia de merda — sussurro.

— É um dia de merda — elas murmuram em uníssono.

E antes que eu possa perceber, elas dão um passo em minha direção me abraçando.

Nesse instante, eu me sinto sortuda e quase nunca me sinto assim. Eu me sinto a pessoa mais foda do mundo por tê-las comigo e ter a dádiva de chamá-las de irmãs.

Sabendo disso, eu faço a coisa que jamais imaginei fazer em minha vida.

Tiro meus saltos e observo elas fazendo o mesmo com seus sapatos. Eu, Rowena e Lynn fazemos algo que crianças fazem, nós pulamos na chuva. Sorrimos mesmo entre as lágrimas, nós dançamos como se o mundo tivesse parado apenas para observar o que, juntas, nos tornamos.

Três herdeiras.

Três mulheres machucadas pela vida.

Três irmãs.

E percebo que não preciso de mais nada.

Se eu as tiver em minha vida, nada mais importa.

# 09



# DESPEDIDAS | PARTE I

*Quando você perde algo que não pode substituir*
*Quando você ama alguém, mas é desperdiçado*
*Poderia ser pior?*
*Luzes te guiarão até em casa*
*E aquecerão seus ossos*
*E vou tentar te consertar*
**Fix You | Coldplay**

## BLAKE MCLAUGHLIN

**PASSADO**

Existe um lugar em Nova Iorque para onde os pais que odeiam seus filhos os enviam.

Não é um lugar ruim. Se torna até mesmo aconchegante, depois de algumas semanas.

Sei disso porque estou lá há um ano. Um ano visitando a mansão McLaughlin apenas nos feriados importantes. Entretanto, agora que eles finalmente conseguiram fechar o tão sonhado acordo com a firma dos Conway, sei que minha paz está prestes a acabar.

Sei porque meu pai deseja minha presença constantemente.

Sei porque ele faz com que Rowena se torne uma marionete que não é.

Sei porque estou nesse instante igual a um idiota esperando a filha do seu sócio voltar de um internato na Inglaterra, para terminar os estudos aqui. Estou perdendo o meu treino, os meus amigos e até mesmo a apresentação da minha irmã, para esperar uma garota mimada que pode limpar a bunda com todas as cédulas de dólares do país.

— Não bufe — mamãe diz ao meu lado.

— Estou entediado. — Encaro a sala de desembarque.

— Finja que não está. — Ela dá de ombros. — Apenas não faça nada que trará a ira de seu pai para você.

Cruzo os braços frente ao corpo, o que faz com que minha blusa destaque todas as tatuagens em minha pele que Sebastian tanto odeia. E eu as amo exatamente por isso.

Abaixo meu olhar até meu telefone, respondendo a Connor sobre o jogo esse final de semana e depois, deslizo para o *chat* com minha irmã. Rowena, diferente de mim, está ansiosa para conhecer a garota e sei que logo se tornará amiga dela. Contudo, antes mesmo que eu possa responder minha irmã, minha mãe me dá uma cotovelada de leve em minha costela e sorri friamente.

— Eles chegaram.

Então eu levanto meu rosto e me arrependo.

Porque a garota que caminha em nossa direção não é como imaginei.

Ela é *mais*. Ela é um misto de perigo e delicadeza. E eu me pego fascinado.

Não há como desviar o olhar.

Nunca mais terá.

Ela é como uma líder que todos seguem. Ela é minha semelhante e, ao mesmo tempo, meu oposto. Porque, mesmo que não aparente, a herdeira Conway carrega consigo uma coroa invisível. Uma coroa leve, cravejada dos diamantes mais raros e caros do universo. Enquanto a minha é pesada, feita de promessas e ferro embutido ao meu dever com a minha família.

Assim que ela finalmente me enxerga, é como se tudo entrasse nos eixos.

Como se tudo fizesse sentido.

Cabelos longos e castanhos. Olhos verdes e uma boca que eu poderia passar horas beijando e, ainda assim, acharia pouco.

Aurora Louise Conway.

A garota que há segundos era o meu martírio, e agora é meu desejo.

Seu *Doc Marten Mary Janes* ridículo bate contra o piso branco do aeroporto.

A cada passo meu coração salta em minha caixa torácica.

Um passo.

*Tum!*

Dois passos.

*Tum!*

Três passos e ela me alcança.

— Você é um McLaughlin. — Sua voz, carregada pelo sotaque britânico, me faz sorrir de canto.

— E você é uma Conway.

Ela devolve o sorriso. É lindo. Fascinante.

*Deus, eu poderia desenhá-la.*

— Blake. Meu nome é Blake.

— Me chamo Aurora. — Ela inclina a cabeça para o lado. — Mas meus amigos me chamam de *Rora*.

Dou um passo à frente, não me importando com a falta de decoro, se há seguranças ao seu lado ou se minha mãe está ao meu lado me encarando furiosamente.

— Eu não posso te chamar de *Rora*, então.

Ela franze o cenho.

— Por quê?

— Porque eu não pretendo ser *apenas* seu amigo.

Ela estagna no local e eu apenas a encaro. Não há ninguém para romper esse momento. Entretanto, eu abaixo meu olhar para a sua mão e algo que não reconheço sobe pela minha garganta. Eu nunca me senti assim. Nem mesmo quando as garotas da elite de Nova Iorque se jogaram em cima de mim, nas festas beneficentes.

Isso é diferente.

Mas há algo em seu dedo anelar. Um anel fino com apenas um diamante adornando em seu dedo. É um modelo exclusivo, dá para perceber pela lapidação da joia, mas ainda assim não consigo raciocinar que a garota à minha frente pertence a uma pessoa.

— Você?

O sorriso dela aumenta.

— Seus desejos são audaciosos, McLaughlin.

Então ela se afasta, indo em direção a uma mulher praticamente idêntica a ela. A única diferença é que Aurora é um pouco mais alta que sua companhia, Elena Conway, sua mãe. A herdeira da companhia de diamantes na Inglaterra e a esposa de Baron Conway.

Seus olhos estão em mim.

Não há alegria. É como se ela soubesse que eu desejo sua herdeira e temesse isso.

— Não se meta com a garota Conway — minha mãe ordena, virando-me para ela e segurando meu ombro. — Isso não é um pedido. É uma ordem. Aurora é fora de limites para você, Blake. Estamos entendidos?

— Nenhuma garota é fora dos limites para mim, mãe.

— Ela é.

— Por quê? — questiono.

— Porque ela vai te destruir quando tiver chance.

Meus olhos voam para Aurora novamente.

Ela está conversando com sua mãe e sorrindo para algo.

Ela inebria felicidade. Amor. Vida.

Ela é completamente diferente de mim.

Me pego desejoso.

Desejoso pelos seus olhares, seus sorrisos, sua atenção.

Eu me pego obcecado por algo que mal coloquei os olhos.

Eu deveria ter escutado minha mãe quando ela ordenou que eu ficasse longe. Deveria ter ignorado a sensação que senti quando nos olhamos pela primeira vez. Deveria muitas coisas. Mas eu fiz tudo ao contrário.

Agora eu realmente entendo as palavras de mamãe.

Ela não apenas me destruiu.

Aurora Conway intoxicou cada parte boa que habitava em mim. Ela pegou os diamantes de sua família e os fincou em minha pele, dilacerou meu coração e então me abandonou sozinho para pagar por algo que fizemos juntos.

Ela me destruiu como me disseram que faria.

Ela me quebrou como me alertaram.

E talvez eu seja um masoquista, que adora a sensação que a dor causa, porque eu ainda continuo desejando-a como a desejei desde que coloquei meus olhos nela.

Talvez eu nunca pare.

Não depois do que vivemos.

Do que perdemos.



Encosto-me no pilar do internato, observando como Aurora caminha pela passarela a caminho do colégio e sorri para os idiotas que a bajulam.

Ela faz o seu papel com maestria desde que chegou aqui, seis meses atrás.

Aurora sorri quando as câmeras estão nela, elogia quando alguém diz algo gentil e me ignora como se eu fosse seu pecado.

Ela é porra da *Madre Teresa* para o resto do internato.

Ela é adorada. Amigável e doce.

*Patética.* É totalmente diferente da garota que me encarou naquele aeroporto.

Mesmo assim, é malditamente linda com os olhos de esmeralda e sorriso contagiante que eu mal consigo desviar o olhar. Ela não para quando alguém a chama, nem mesmo dá uma segunda atenção a Thomas, um dos veteranos.

A sua atenção é apenas em Rowena, minha irmã caçula, agora uma das suas melhores amigas. Wena encontrou em Rora um alicerce que eu não poderia ter. Elas conseguem ser uma dupla que se encaixa perfeitamente. E meu pai odeia isso. Odeia porque sabe que minha irmã escolheria a sua melhor amiga acima de qualquer outra coisa.

Rowena pula em seus braços com um sorriso que contagia a todos, principalmente a mim, então é aí que Aurora se permite ser real. Ao seu lado, Lynn Altman, a última integrante do trio, aparece se juntando ao abraço.

Todos nesse lugar sabem a irmandade que construíram desde que se conheceram.

Todos sabem que aquele elo entre elas é inquebrável.

Aurora e Lynn seguraram Rowena quando meu pai a magoou e humilhou.

Depois Rowena e Aurora seguraram Lynn quando ela foi excluída pela família.

E então, quando souberam que a avó de Aurora estava doente, elas se sentaram no canto do hospital e ficaram ao lado dela.

Elas são o significado de que amizades podem ser família.

Mas, nessa equação, eu sempre as observo de fora. Sempre sou aquele que apenas vê tudo e não compartilha nada. Sempre foi assim porque meu pai me moldou para não acreditar e confiar em ninguém. Tive que ser um lobo solitário, mesmo que eu odeie isso.

Nessas de ter tempo livre, de sempre estar à espreita, eu criei uma rotina. Uma obsessão. Todos os dias, eu me encosto aqui e a observo de

longe, enquanto *ela* me ignora sempre que pode.

Eu me pego ansiando pelos sorrisos que ela dá aos outros.

Pela atenção que os idiotas bajuladores conseguem.

Mas, é quando meus olhos fixam no anel de compromisso em seu dedo que esbanja desde que chegou aqui, que eu tenho vontade de fazer algo que fui proibido desde que a conheci naquele aeroporto.

Eu tenho vontade de tê-la.

Tê-la porque esse anel me chama. A vontade de corrompê-la me domina. Porque isso irritaria meu pai. Irritaria a ponto dele deixar minha irmã em paz e Baron quebrar a sociedade que firmaram meses atrás.

Mesmo que minha mãe tenha deixado claro todas as consequências que eu teria que sofrer se eu apenas pensasse em tocar na herdeira preciosa dos Conway, eu não me importo. Apenas desejo retribuir todas as vezes que Sebastian fez Rowena chorar, fazendo-a se sentir insuficiente. Todas as vezes que a minha irmã esperou amor e recebeu indiferença.

E o que melhor do que destruir a sociedade frágil que ele travou com Baron Conway?

— Você deveria esquecê-la.

A voz de Connor, meu melhor amigo e, infelizmente, de Aurora também, me faz olhar para o lado. Sendo recebido por olhos verdes que me fazem erguer uma sobrancelha.

— Desculpe?

— Rora. — Ele dá ombros. — Você deveria esquecê-la.

Sorrio abertamente.

— Eu a esqueceria se ao menos me importasse com a existência dela, Connor.

— Eu te conheço melhor que todos aqui, Blake.

Sua repreensão me faz soltar uma lufada de ar.

— Então deveria saber que eu não a quero.

— Você a quer e a única razão pela qual a deseja é porque sabe que ela é proibida para você — sussurra.

Meus olhos encontram o olhar do meu amigo.

— Você está sonhando demais.

— Eu não acho isso. — Franzo o cenho — Isso sem contar que sua irmã te agrediria se soubesse que está a fim da sua melhor amiga.

— Você tem um ponto para isso, Connor?

— Aurora te ignora desde que chegou a Nova Iorque — Ele revira os olhos. — Talvez esteja na hora de você esquecê-la.

— Eu não me importo com ela, pelo amor de Deus — chio, irritado.

Ele solta uma risadinha. E eu realmente penso que talvez chutar a bunda de Connor Davenport, não seja uma coisa ruim.

— Sim. E não se importar significa proibir todos os garotos do colégio de chegar perto dela? Essa foi a sua forma de demonstrar isso?

Franzo meu cenho.

— Fui gentil em ajudá-los.

— Sim, ameaçando-os de perderem as mãos. — zomba, revirando os olhos. — Realmente muito gentil da sua parte, Blake.

— Você não tem mais o que fazer?

Antes que ele possa responder, meu olhar se volta para onde Aurora está e percebo ela sorrir para algo que Lynn mostra em seu caderno. O que provavelmente deve ser uma pintura, afinal a herdeira Altmann é a porra de um *Van Gogh* da atualidade e nem mesmo percebe isso. Rowena aparece, de repente, entre as duas e mostra algo no telefone. Percebo o traje de dança escondido entre seu uniforme e mesmo que minha irmã negue o quanto for, todos nós sabemos que ela nasceu para isso.

Suspirando fundo, me viro, deixando Connor para trás e alargo a gravata do uniforme enquanto caminho até a sacada da biblioteca no último andar.

É rara às vezes que alguém vem aqui, desde que tomei esse lugar como meu lugar favorito, e mesmo que algumas pessoas tentem vir, são impedidas pelo meu olhar nada gentil. Assim que me sento no parapeito, puxo meu caderno de desenhos da mochila e encaro Nova Iorque.

Quando criança, eu odiava essa cidade por ser barulhenta, agora percebo que ela é o meu lar. É o único lugar que eu me sinto em paz a não ser na cidade natal da minha mãe. E mesmo que lá seja um refúgio, ainda assim Nova Iorque sempre será o *meu* lugar.

E quero que seja de Rowena também.

Eu quero que ela entenda que mesmo nosso pai ultrapassando os limites, eu ainda destruiria o mundo por ela. Eu faria qualquer coisa para a minha irmã ser feliz e, se isso significa desistir de algumas coisas que eu desejo, está tudo bem.

— Então é aqui que você se esconde?

Levanto meu olhar, encontrando alguém que eu não imaginava.

Aurora Conway está parada há poucos metros de mim.

Uniforme impecável. Olhos brilhantes e ousados. Boca carnuda.

*Perfeita.*

Abaixo meu olhar para o colar em seu pescoço onde há um pingente com um brasão desenhado em diamantes. É lindo. Combina com seus olhos e mesmo que eu saiba que eu deveria sair daqui, me pego levantando e retirando a minha gravata, antes de me encostar no parapeito e encará-la com curiosidade.

É a primeira vez desde o aeroporto que conversamos.

A primeira vez que estamos sozinhos.

E isso é ruim. Muito ruim.

— Você não deveria procurar por problemas, Aurora.

Minha voz sai calma, totalmente diferente de como me sinto.

Ela sorri, jogando as madeixas para trás, destacando o blazer preto do nosso uniforme.

Até mesmo o uniforme horrendo fica bem nela.

— E se eu desejar problemas, Blake?

Ergo uma sobrancelha.

— Isso poderia causar a sua ruína — Levo a mão até a minha mandíbula. — E não acho que com esse anel em seu dedo você deseje isso.

— O anel não é um problema.

— Não?

— Não. — Ela dá um passo à frente. — Mas o que eu desejo, sim.

— E o que você deseja?

— Viver.

— Seus desejos são audaciosos, Conway — parafraseio o que me disse há meses atrás.

Ela sorri. É viciante observar isso. Seus olhos se enrugam e o nariz fica um pouco torcido pela forma como sua boca se alarga.

— Assim como os seus. — Ela dá mais um passo e eu me desencosto.

Estamos quase perto um do outro.

E mesmo que eu saiba que devo afastá-la, devo seguir o conselho de Lynn e ficar longe dela antes que tudo o que protejo escorra pelos meus dedos, eu não faço isso. Ao contrário, eu espero pela sua aproximação como sempre desejei. Anseio por ela.

Mesmo que eu saiba que é errado. Que ela tem o poder de me destruir.

Sei disso porque Aurora Conway nunca toma atitudes precipitadas.

Ela não é uma garota ingênua como muitas aqui. Não, ela é tão manipuladora como eu. Enquanto eu destruo o que me impede de ter o que quero e não me importo com as consequências disso, ela quebra as barreiras nas sombras. Finge ser a garota perfeita que usa um anel de castidade quando nós dois sabemos que o que queima dentro dela é algo totalmente diferente.

— E mesmo assim você veio até mim. — Inclino minha cabeça.

— Não finja que está surpreso.

Ela dá mais um passo.

Centímetros nos separam.

Quero tocá-la. Beijá-la.

Porra, eu a quero para mim.

— Não estou. — Antes que eu possa me segurar, pego sua cintura puxando-a para mim e nos girando, fazendo com que seu corpo e mãos se apoiem no parapeito. — Mas se cedermos a isso, *hottie*, não haverá volta.

Ela levanta o olhar.

Desejo quente e primitivo toma conta de suas pupilas.

A corrente elétrica que sempre está adormecida, de repente, se desperta. E Aurora faz o que eu nunca imaginei que alguém seria capaz, ela me faz sentir mais vivo do que me sinto quando estou correndo pelas ruas da cidade em minha moto.

Ele me faz reagir a todas as constantes em minha vida e deixar de ser inércia.

— Tudo bem. — Suas mãos seguram meu pescoço. — Eu gosto de aventuras.

Então ela me puxa e eu me inclino em sua direção.

Seus lábios tomam os meus com fome. Com desejo e como luxúria

E eu me entrego ao meu primeiro erro.

Me deleito com o perigo.

E jogo com o proibido.

Mesmo sabendo que ela deixou claro que tudo era apenas uma aventura, antes de me descartar como se eu fosse uma peça em seu tabuleiro.



# PRECISAMOS DE UM BEIJO

*E eu ainda posso ver tudo (em minha mente)*
*Você todo, eu toda (entrelaçados)*
*Eu achava que o amor seria (preto e branco)*
*Mas é dourado (dourado)*
*E eu ainda posso ver tudo (em minha mente)*
*Indo e vindo de Nova Iorque (escondendo na sua cama)*
**Daylight | Taylor Swift**

## BLAKE MCLAUGHLIN

O primeiro jogo após as férias de verão é, sem dúvidas, o mais importante.

Não porque haverá toda a NYU assistindo ou porque jogaremos contra um time que possui um desempenho parecido com o nosso. Ele é importante porque testaremos nossa desenvoltura em quadra e é nesse instante que o treinador decide quem serão os titulares da temporada.

É simples. Você fode o time, você está no banco.

Todos sabemos disso e passamos as últimas duas semanas treinando para que ninguém conseguiga fazer com que Rhodes troque nossas posições, mesmo que saibamos que ele é durão e pode chutar nossas bundas vinte e quatro horas por dia. Quando se trata do time, nosso treinador sempre toma as melhores decisões, mesmo que isso signifique magoar um dos nossos.

— O quão preocupado eu preciso estar hoje, McLaughlin? — ele questiona.

Ergo meu rosto da prancheta que contém todas as nossas posições.

— Exatamente ao que o senhor se refere?

— Você e Conway.

Ele cruza os braços e eu me encosto na poltrona.

— Não sabia que éramos um problema.

— Quando eu disse para você arrumar uma namorada, não necessariamente eu estava dizendo para você namorar Aurora Conway. — Ele solta um suspiro. — Que geralmente é o motivo pelo qual você está nos tabloides.

Sorrio sem mostrar os dentes.

— Fui perspicaz e resolvi dois problemas de uma vez só.

É uma mentira do caralho. Porque nem em mil anos imaginaria que estaria namorando Aurora e que estamos juntos nessa merda por conta de um contrato.

— Ou idiota. — Rhodes dá de ombros. — Mas, pelo menos por hora, vocês resolveram o problema. Já que não estou recebendo ligações de Sebastian sobre o seu comportamento e nem tenho meu celular tocando por conta das notícias sobre você sendo irresponsável.

Maneio a cabeça, suspirando fundo.

Sabendo exatamente o que suas palavras significam. Estou sendo capitão por hora até que a mídia diga o contrário. Até que eu apronte algo que o irritará e meu posto seja passado para o babaca do namorado da minha irmã.

E antes que eu possa respondê-lo, uma batida na porta faz com que nossa atenção se volte para ela e assim que percebo quem está ali, tenho vontade de me jogar da janela.

Dinara *insuportável* Conway.

Ela me encara da cabeça aos pés, estudando meu uniforme do time e para o olhar na braçadeira de capitão como se soubesse que só estou usando-a ainda pelas armadilhas que ela e meu pai fizeram.

Contudo, são os olhos verdes e vazios atrás dela que me prendem a atenção.

Aurora não parece nem um pouco feliz em estar aqui. E quando meus olhos finalmente estudam sua roupa, eu entendo o motivo pelo qual ela quer me assassinar.

Ela está usando nada mais que a camiseta do *Phôenix Coral's*, com o número quatorze bordado. O meu número. E sei que se virar, meu sobrenome estará lá também.

*Puta merda.*

Isso não deveria me agradar. Não deveria nem mesmo me fazer querer sorrir em desafio por ela estar trajando algo que jurou que nunca usaria, mesmo que eu saiba que está sendo obrigada.

Percebo seus olhos brilharem em ódio puro e eu sorrio de leve, adorando cada segundo do seu purgatório.

— Treinador Rhodes — cumprimenta Aurora entredentes.

— Aurora. — Ele dá um pequeno aceno. — Dinara.

Sua tia trava uma conversa baixa com meu treinador e Aurora não percebe que estudo sua expressão, porque ela apenas ignora tudo, ergue o rosto e sorri em minha direção como se realmente estivesse apaixonada e ansiosa para chegar até mim.

*Manipuladora de merda.*

O som de suas botas batendo contra o piso, é o único barulho que consigo escutar e quando se aproxima, me encara com os olhos vazios, se abaixando até que seu rosto fique rente ao meu.

Pupilas verdes e gélidas me encaram.

Lábios pintados de vermelho me chamam.

Ódio puro e destilado em minha direção me faz sorrir.

— Eu sempre soube que você gostaria de usar uma camisa com meu sobrenome, *hottie*.

Os seus olhos estreitaram-se fazendo meu sorriso aumentar.

— Não sonhe tão alto — adverte. — Estou sendo obrigada a isso.

Quase solto uma gargalhada.

— Eu não me importo como fizeram acontecer — Me inclino um pouco em sua direção. — Mas será como se estivesse colocando um anúncio na *Times Square* sobre o nosso relacionamento e eu vou adorar cada segundo.

Ela revira os olhos.

— Isso não significa que sou sua, Blake.

— Aurora, *meu amor*, todos sabem que você nunca deixou de me pertencer — sussurro baixo. — Essa camiseta é só a confirmação.

— Não seja egocêntrico.

Dou de ombros.

— Estou sendo sincero.

Aurora estala a língua no céu da boca, fazendo com que meu olhar recaia em seus lábios. E eu odeio isso, odeio que ela ainda possua poder sobre mim, que mesmo que eu a odeie, uma parte de mim a deseja de forma descomunal.

É algo que passei todos esses anos dizendo a mim mesmo que não me afetava.

Que após a minha saída do presídio, que estava porque fui idiota o suficiente para protegê-la, eu havia finalmente entendido que a princesa da mídia não era minha.

Nunca poderia ser.

E ainda assim, aqui estou eu, afirmando totalmente o contrário.

— Você é insuportável — murmura para que apenas nós dois escutemos. — Agora pare de me encarar como se estivesse a um passo de ter uma síncope.

— Talvez eu esteja.

— Ótimo — Ela se aproxima mais, pairando sua boca em meu ouvido. — Pelo menos eu terei uma história para contar aos jornais quando me questionarem o porquê *meu namorado* não pôde estar ao meu lado na festa hoje.

Coloco um sorriso em meu rosto e encaro sobre o seu ombro, para onde Dinara revira os olhos e Rhodes me encara com uma sobrancelha erguida, não entendendo o que está acontecendo entre nós dois.

— Seria seu sonho — sussurro.

Seu sorriso aumenta.

— O maior deles.

Abro a boca para respondê-la, o que provavelmente será um insulto. Contudo, o olhar desconfiado de Rhodes me obriga a esquecer meu comentário e sorrir abertamente, enquanto seguro a cintura de Aurora e me levanto, deixando um beijo em sua bochecha.

O toque ligeiro faz com que minha pele queime.

A sensação de sua pele contra meus lábios após anos inebria meus sentidos.

Seu rosto vira lentamente em minha direção, fazendo com que nossos rostos fiquem rentes. E eu sei que não deveríamos estar tão próximos, porque isso é perigoso. É errado e inconsequente.

Nós somos perigosos.

E mesmo assim não nos afastamos.

O barulho de um arranhar de garganta faz com que olhemos para frente, encontrando o rosto nada contente de Dinara e uma expressão estranha no rosto de Rhodes. O que é constrangedor.

— Treinador Rhodes, eu posso ter um minuto com os dois? — Dinara questiona. — Preciso organizar tudo por conta das notícias que podem sair após o jogo.

Ele me dá um olhar que sei que significa que chutará a minha bunda amanhã no treino.

— Claro. — Seu olhar se arrasta até o meu. — Dez minutos.

São suas únicas palavras antes de deixar a sala e antes mesmo que possa fechar a porta, me afasto de Aurora e volto a me sentar, pegando a prancheta, ignorando as duas. E ela, faz o possível para colocar uma distância significativa entre nós dois, sentando-se do outro lado da sala e deixando sua tia entre nós dois.

É o certo. É o mais seguro.

— Então, qual o motivo da visita? — pergunto, desinteressado.

— Vamos alinhar algumas coisas antes que vocês dois façam merda — Dinara afirma com um suspiro dramático. — Dado o histórico de vocês.

Me levanto deixando a prancheta na mesa do treinador e ajeitando meu uniforme.

— Eu tenho um jogo em meia hora, Dinara. — chio, nervoso. — Não está na minha agenda fingir ser um namorado atencioso hoje.

Ela solta um sorriso felino.

— Eu não me importo com a sua agenda, Blake. Então, se você não fizer tudo dar certo — Ela sorri, me irritando ainda mais. — Esse será seu último jogo como capitão. É o que você deseja?

Estalo a língua no céu da boca e me encosto na mesa, cruzando os braços frente ao corpo. Aurora nem mesmo levanta o olhar do telefone, é como se ela já estivesse conformada com a nossa situação e não está a fim de discutir com sua tia. O que me irrita, porque ela deveria estar resistindo a isso, deveria ter lutado para que não fossemos obrigados a convivermos juntos.

— Ok, Dinara. Você venceu — digo, mesmo odiando. — Agora, por favor, seja breve.

— Eu sempre venço. — Ela tira um *tablet* da bolsa e escreve algo. — Aurora já sabe o que fazer.

E como se finalmente lembrasse que é um membro dessa farsa, ela me encara.

— Fingir ser uma boa namorada nas redes sociais. Postar vídeos e fotos do jogo e te encontrar no final do jogo como uma fanática por vôlei — lista

cada uma das ações com desdém. — Talvez eu até grave um "*Vai NYU!*" para ajudar.

Percebo o deboche em sua última frase.

— Você, Blake — Dinara aponta para mim. — Ache uma forma de olhar para Aurora na hora dos intervalos ou quando achar necessário.

— O necessário seria *nunca*, então — chio.

Dinara solta uma série de lástimas.

— Apenas faça a sua parte e se prepare para o nosso grande final que será após o jogo, quando ela entrar na lateral da quadra.

— E o que exatamente *eu* farei na lateral da quadra? — Aurora pergunta antes que eu possa fazer o mesmo. — Isso não estava incluso no que combinamos no carro.

Dinara olha entre nós dois, receio está em seu rosto, contudo, de todas as coisas que ela poderia falar, o que vem a seguir, sem dúvidas, não era o que eu esperava.

— Vocês vão se beijar.

Aurora ergue uma sobrancelha, meu rosto se enche de confusão.

— Não. — É ela quem refuta e eu concordo.

— Nem ferrando.

— Vocês não têm escolha. — Dinara contrapõe. — Ou se beijam e vendemos a farsa completa ou isso não vai ser comprado.

— Nós já demos uma foto para eles há menos de uma semana — digo.

— Agora precisamos de um beijo. — Os rosto da agente de Aurora se enche de desgosto. — Isso vai acalmar a mídia e selará todos os boatos. Depois disso só precisarão manter a aparência em festas, quando estiverem juntos na universidade e nas redes sociais.

Ou seja, sempre.

Ajeitando a braçadeira, encaro Aurora esperando pela sua decisão.

Eu odeio tudo isso.

Cada parte dessa farsa, mas nós dois sabemos que isso será desastroso.

Mesmo que tentemos negar, ainda somos nos atraímos. Somos duas matérias que juntas causam estragos irreparáveis, mas assinamos aquele contrato. Pulamos para o nosso inferno apenas com passagem de ida.

— Ok. — Dou de ombros. — É apenas um beijo irrelevante. Como qualquer outro.

O olhar de Aurora se torna algo que não consigo reconhecer e nem pretendo.

— Ok.

É a sua resposta.

É o meu fim.



Olho para o placar vendo que a NYU está vencendo por dois *sets* a um.

Eu deveria estar comemorando.

Deveria sorrir igual Connor está sorrindo ou como Maverick está relaxado sabendo que nós três, juntos, somos bons. Contudo, não consigo, não quando a única coisa que ronda minha mente é que se vencermos esse último *set*, eu estarei fazendo algo que ansiei por muito tempo e agora abomino.

Odeio porque foi um mesmo beijo que nos colocou na situação atual.

Foi um beijo que deu início ao nosso fim desastroso.

Foi um beijo que destruiu o que eu amava.

E foi um beijo que machucou todos ao meu redor.

Se não tivesse abaixado a guarda naquele dia, se não tivesse me permitido ser manipulado pelas palavras doces e falsas de Aurora, nós não estaríamos nessa situação.

— Você está bem? — a voz de Connor me faz encará-lo.

— Sempre estou.

— Corta essa. — ele revira os olhos. — Você está aproveitando todas as chances de atacar. Você nunca ataca desta forma, Blake.

Me abaixo, colocando a mão em meus joelhos e Connor faz o mesmo.

— *EuvoubeijaraAurora* — digo tão rápido que tenho certeza de que ele não entendeu.

— Fale direito, porra.

— Eu vou beijar a Aurora, caralho! — quase grito.

Seus olhos arregalam.

— Oh, merda. — sussurra, chocado. — Você precisa parar de me chocar quando estamos na quadra, cara.

— Você que é curioso demais e não sabe ficar quieto.

— E você sempre é o meu entretenimento — Connor, sorri. O merdinha *sorri* com a minha desgraça. Jesus, eu poderia chutar sua bunda e mandá-lo para o outro lado do mundo. — Achei que fosse falso.

— E é.

— Então por que vão se beijar?

— Ossos do ofício.

— Oh, eu deveria ter fingido um relacionamento com a Lynn quando ela não me queria, então.

Tenho vontade de socá-lo.

— Eu não sei o porquê ainda te suporto.

Ajeito minha postura, voltando para a minha posição de jogo, mas antes que eu possa chegar a ela, Connor passa por mim, esbarra de leve em meu ombro e sorri abertamente.

— Porque eu sou seu melhor amigo.

Não tenho tempo de concordar ou discordar, porque o apito é tocado e então um novo *set* se inicia. E todos nós deixamos nossos assuntos pessoais de lado e focamos em nosso jogo.

Maverick e Connor, ocupam as posições de rede, enquanto eu fico logo atrás, preparando os ataques e o resto do time nos auxiliam na defesa. Não é um jogo fácil, não quando UCLA possui uma desenvoltura como a nossa, entretanto os gritos da NYU, junto a nossa adrenalina por estarmos juntos e fazendo algo que nos liberta de todos os nossos demônios fazem com que tudo se torne um borrão.

Jogamos como se fosse o nosso último jogo da temporada.

Jogamos com tudo o que temos.

Maverick, mesmo que seja meu rival, auxilia meus ataques e eu faço o mesmo com ele. Enquanto Connor fica na dianteira, cobrindo todas as vezes que precisamos de um suporte.

É um jogo ofensivo, que pode ditar se nós três seremos os titulares da temporada ou não.

E por isso, por saber o que está em jogo, que não há compacidade nos rostos dos nossos adversários e nem mesmo nos nossos.

— Vamos pela saída de rede — murmuro para Maverick. — Connor e eu cobrimos o bloqueio e você ataca.

Ele me encara, suor escorre pela sua testa.

— E se fizermos ao contrário?

— Você quer que eu ataque e você defenda?

— É o nosso ponto final. — Ele sorri. — E você é o capitão. É justo.

Ergo uma sobrancelha.

— Isso não faz você conseguir a minha posição no time, Foster.

Ele sorri de canto.

— Não preciso disso para conseguir algo, Blake. — Há decepção em sua voz. — E nem estou atrás de sua posição. Você é o capitão e respeito isso.

Dou de ombros, não me importando com suas palavras.

*Não confie em ninguém.*

*Não deixe que te tirem algo.*

*Não seja piedoso, Blake.*

*Você é a porra de um Mclaughlin.*

A voz de Sebastian ecoa em minha mente. Ele, desde que eu era apenas uma criança, me ensinou que deveria ser o melhor.

O melhor jogador, o melhor herdeiro, o melhor filho.

Eu só não fui o melhor irmão.

Porque enquanto ele dirigia toda a sua atenção para criar o herdeiro perfeito, a minha irmã ficava à minha sombra. Era esquecida nas penumbras da nossa casa. Negligenciada por aqueles que lhe deviam o mundo.

E por ela, eu aceitei carregar todo o peso que nosso sobrenome ditava.

Por ela, aceitei todos os castigos de Sebastian. Todas as vezes que ele me dizia que eu era inútil. Que nunca poderia ter as minhas próprias conquistas. Eu me quebrava sempre que ele me mostrava que mesmo que eu tentasse, nunca poderia ser bom o suficiente. Que mesmo que eu fizesse o possível, nada conseguiria deixá-lo feliz.

A segurei quando chorava e tentava ser o melhor ser humano na sua presença e a pessoa que ele moldava a suas costas. Eu segurei Rowena quando ela chorou a noite, a fiz sorrir quando o mundo quis me quebrar e a perdi quando não consegui administrar todos os acontecimentos.

Com a raiva crescente em mim, eu faço o que me é esperado, me preparo e aceito todas as merdas que já aconteceram em minha vida. Maverick e Connor montam o bloqueio enquanto Coleman ergue o braço, ajeitando a jogada e fazendo com que a bola suba e então, eu pulo.

Meu corpo se inclina na direção da rede e a vejo chegando tão rápido quanto subiu.

Pela minha irmã.

Pelos meus amigos.

Por *ela*.

Por mim.

Eu bato com tanta força que nem mesmo os jogadores da UCLA têm tempo de se preparar. Eu desconto toda a minha raiva reprimida e mostro a eles o porquê me tornei capitão da NYU. O motivo pelo qual ninguém ousou me derrubar.

Então, eu vejo o placar mudar.

A vitória é da NYU.

É nossa.

*É minha.*

E antes que eu possa perceber o que estou fazendo, eu me viro para a lateral da quadra, para onde Aurora está parada. Seus olhos estão em mim, *apenas em mim.* E há tantas coisas escritas em suas pupilas verdes que eu tenho medo de mergulhar.

Olhos esses que olharia até que a eternidade nos devorasse.

Ela dá um passo à frente, mas paralisa no local. Paro porque eu faço algo que há anos não fazia, eu paro na quadra e levo o meu dedo anelar até a altura do meu peito, onde há uma tatuagem que o mundo conhece.

A minha tatuagem da Aurora Boreal.

O fenômeno que deu origem ao seu nome. O meu fenômeno favorito e um dos nossos inúmeros segredos.

Mesmo que não devesse, eu dou à imprensa o que Dinara deseja, eu dou a eles a prova de que mesmo que isso seja uma farsa, ainda há algo daqueles dois adolescentes que se beijaram quando o mundo dizia que era proibido.

Eu dou ao Blake do passado o que ele sempre quis, uma forma de ser visto por ela.

Pela sua Aurora Boreal.

Pela garota que subiu naquela sacada e o beijou.

Ela dá um passo à frente, depois outro e então está vindo em minha direção com rapidez. Com o seu próprio coração destruído, com as partes faltantes de mim. E assim que está a minha frente, eu faço o que nunca deveria ter feito na primeira vez.

— Você não deveria ter procurado por problemas, Aurora.

Desta vez, ela não sorri.

Não sorri porque não estamos mais naquele internato.

Não sorri porque também sente que estamos além da felicidade. Da redenção.

Nós estamos despedaçados. Arruinados. Intoxicados.

E com isso, nos tornamos um acumulado de cicatrizes profundas, que se encontram além da pele, entre os ossos e com raízes em nossa alma.

— Eu os desejei, Blake.

Maneio a cabeça, então dou um passo à frente. Depois outro e então estou próximo a ela.

Seus olhos me estudam, meu rosto se torna uma expressão impassível.

Ela não sabe o caos que habita meu peito. Não permito que tenha esse poder sobre mim. E sabendo que estamos rodeados de pessoas nos filmando, de *paparazzis* escondidos, seguro sua cintura e puxo para mim. Uma das minhas mãos sobe até a sua nuca enquanto a outra se mantém firme no mesmo lugar. Uma de suas mãos sobem até meu peito e não posso deixar de sentir todas as energias que correm entre nós dois.

Meu rosto se abaixa até estar quase tocando o seu.

Não deveria ansiar por isso.

Não deveria querer.

Não deveria porque dói, queima e me incinera.

— Aurora?

— Sim?

— Eu preciso fazer isso — Engulo em seco.

— E eu preciso que faça.

Sem mais nenhuma palavra, meus lábios selam nos seus.

É um beijo punitivo. Dói. E mesmo assim não nos separamos.

Nós nos beijamos porque esperam isso de nós dois e mesmo assim, eu não deixo de aproveitar a sensação de tê-la em meus braços após esses anos separados. Após quebrarmos nossos corações e machucarmos um ao outro com o que restou dele.

Eu a beijo como se ela fosse meu veneno.

E ela me completa como se fosse uma droga intoxicando cada parte da minha alma.

E o problema disso é que eu não desejo um antídoto.



# PARTES QUEBRADAS

*Há coisas que eu quero te dizer,*
*mas vou apenas deixar você viver*
*Se você me abraçar sem me machucar*
*Você será o primeiro a fazer isso*
*Há coisas sobre as quais quero conversar,*
*mas é melhor eu esquecer*
**Cinnamon Girl | Lana Del Rey**

## AURORA CONWAY

Eu nunca me senti prestes a desmoronar em público.

Nunca permiti que isso acontecesse.

Não sou assim.

Na verdade, eu estou acostumada a engolir aquilo que sinto, colocar um sorriso no rosto e deixar para me quebrar no silêncio da noite. Onde ninguém poderá pegar os resquícios do meu sofrimento e transformá-lo em munição para me atingir. Foi assim que sobrevivi todos os meus anos na Inglaterra ao lado dos meus avós, Olivia e Manuel, quando obrigaram minha mãe a me enviar para lá com o intuito de criarem a herdeira perfeita da Casa Beaufort.

Foi assim que meus pais me ensinaram desde que souberam o meu futuro.

Porque se eu escondesse minhas fraquezas e me protegesse, não haveria lugares para atacarem. Seria como estar blindada para todas as pessoas que me faziam mal ou pretendiam.

Mas quando se trata de Blake Mclaughlin, eu não consigo ser assim.

Na verdade, eu sou o oposto. No passado, quando ele me encarava com aqueles olhos que enxergavam até o âmago, eu me desaguava em sensações

que jamais poderia descrever e me permitia ser uma versão de mim, que há anos acreditava estar morta. Foi por isso que o ignorei por meses depois que o conheci e foi por isso que eu o observei de longe naquele internato, porque eu sabia que ele teria esse poder sobre mim.

E foi exatamente isso que nos destruiu.

Porque se eu não tivesse o seguido até aquela biblioteca, não teria o colocado em situações que lhe roubaram não só a sua humanidade, como também sua liberdade.

A sua parte que ele tanto prezava.

Aquilo que ninguém tinha o direito de tomar e mesmo após tentar lhe devolver, eu soube que era impossível. Impossível porque ele merecia mais. E por minha culpa, ele não teve. Blake me protegeu quando não deveria, ele assumiu uma culpa que eu carregaria para sempre.

E o preço disso foi a nossa destruição.

Agora, enquanto ele me beija como há anos não fazia, eu me pego apreciando como somos certos, unificados e únicos. Eu o beijo sem me importar que isso é errado.

Ele é a minha lembrança constante de felicidade.

Algo que nunca voltarei a ter.

— Você tem a sua foto perfeita, *hottie* — ele sussurra contra meus lábios, se afastando. — Espero que tenha sido do agrado da sua equipe.

Com isso, ele se vira, ajeita o uniforme e sorri para algumas pessoas antes de sumir com o resto do time.

Eu deveria estar grata, deveria adorar que ele me dá todo o seu ódio, que ele me abomina tanto quanto orei para que me odiasse. Contudo, agora, enquanto o observo se afastar, é como se finalmente sentisse as partes quebradas que me compõem.

As partes que Jeremiah Dellacor me tirou.

Que Sebastian Mclaughlin usufruiu.

Que Baron Conway se sacrificou.

Partes essas que nunca serão devolvidas, mas que eu merecia tê-las.

Com a dor irradiando o meu peito, me viro indo em direção a Lynn, que está parada ao lado da saída e me encarando com os olhos preocupados. Rowena, não está em meu campo de visão, mas sei que minha amiga está por aqui. Espero que esteja com seu namorado agora.

Ela merece paz após tudo o que viveu no semestre passado.

Lynn dá um passo em minha direção como se soubesse que não estou bem, que este beijo despertou memórias que deveriam ficar adormecidas. Contudo, apenas o seu apoio hoje não é o suficiente. Ppreciso de mais.

Preciso exterminar todas essas sensações, toda essa culpa e a sensação do beijo de Blake.

Eu preciso de adrenalina.

Preciso me sentir viva.

— Eu preciso da sua moto.

É a única coisa que digo quando a alcanço.

— Rora, não é seguro — ela engole em seco.

Lynn me encara com um olhar que reconheço e às vezes, odeio.

Ela me encarou assim todas as vezes que me encontrou ao redor de bebidas e festas, nas vezes que eu precisava de uma válvula de escape para a dor que eu estava sentindo e apenas conversar com as minhas amigas não era suficiente. Quando ela me carregou, junto a Rowie, até um chuveiro e me deixou chorar porque eu sentia falta do que costumava ser.

Era cruel. Mas era a única forma que encontrei de sentir algo.

Me afundei nas coisas que me tiravam alguns pedaços. Fazia isso porque nunca tive uma válvula de escape como Lynn tinha a arte e Rowena a dança.

Eu não tinha porque eu nunca me permiti ter algo que as pessoas me tirassem.

Aprendi diversos esportes, idiomas e até colecionei *hobbies*. Mas nunca tive algo que amava. Algo meu. Até dois anos atrás. Até que encontrei um lugar em Nova Iorque escondido de tudo e todos em que pude deixar todas as minhas preocupações de lado.

Lá eu não era alguém que o mundo conhecia. Eu era apenas a Rora.

E talvez agora, eu precise disso novamente

— Eu preciso de um tempo — sussurro, por fim. — Eu preciso respirar antes que eu perca o controle, Lynn.

— Você está perdendo o controle há dias, Rora. — Há tanta preocupação em sua voz que me encolho. — Talvez esteja na hora...

— Não. — Me surpreendo com meu tom. — Eu vou ficar bem. Eu só preciso de algumas horas para pensar.

Ela hesita. Por um segundo, Lynn hesita. E são raras as vezes que isso acontece.

— Tome cuidado, ok? — suplica, estendendo a chave em minha direção. — Nós estamos a uma ligação de distância.

Tento sorrir e falho. E ela entende e maneia a cabeça, concordando.

Então, me viro e saio em direção ao estacionamento. Nem mesmo me importo com o que está ao meu redor, com as pessoas sussurrando ou tentando tirar uma foto. Eu não me importo se estarei com problemas mais tarde, só preciso que as memórias voltem para a Caixa de Pandora que é meu coração e que eu consiga recuperar o controle.

Assim que estou no estacionamento, agora quase vazio, eu me encosto na moto de Lynn e fico por alguns minutos — que mais parecem horas —, apenas respirando fundo e tentando aplacar todas as sensações que rondam meu pensamento. Contudo, é apenas quando percebo alguns jogadores começarem a sair dos vestiários rumo aos seus automóveis, que finalmente acelero para fora do campus da NYU e permito que a dor finalmente me pegue, que ela roube mais uma parte de mim como sempre faz desde que comecei a tomar uma série de decisões estúpidas.

Ela retirou um pedaço quando machuquei meus pais.

Outro quando foi a vez de Blake e Rowena.

E mais quando tomei a decisão mais dolorosa da minha vida.

Eu os machuquei mesmo sabendo que não deveria.

Machuquei tentando achar formas de protegê-los quando, sozinha, eu seria incapaz de fazer isso. Eu poderia ter evitado tudo isso se tivesse noivado com Jeremiah aos meus dezenove anos ou se nunca tivesse voltado aos Estados Unidos, para passar meu último ano livre com meus pais. Mas, como eu podia ficar noiva de alguém que me queria apenas para roubar meu direito de nascença? Como fingir amar essa pessoa quando meu coração foi roubado por um idiota que me fez sorrir a cada vez que me encarava?

Era impossível.

Eu não poderia fazer isso nem mesmo se quisesse.

Agora, eu pago por isso. Pago por escolher ter a chance de viver algo real mesmo baseado em mentiras. De sair dos métodos recatados que me ensinaram e de deixar de ser apenas a única herdeira Conway quando estava ao lado de Blake.

Uma lágrima desce pelo meu rosto quando inclino a moto para uma das ruas movimentadas da cidade e desvio de inúmeros automóveis que buzinam incansavelmente. Entretanto, quando paro em um dos semáforos

da *Times Square* e ergo o rosto para um enorme painel de *LED*, encontro diversas fotos minhas estampadas.

São fotos de costas, sentada e sempre sorrindo.

Sorrindo como se minha vida não fosse uma sucessão de desastres.

Sorrindo como se a cada noite, eu não me perguntasse o que me tornei.

*Princesa da mídia.*

É assim que me apelidaram. Assim como todos em Nova Iorque me conhecessem, porque eu criei essa persona. Fiz com que o mundo me reconhecesse e me blindasse. Mesmo que eu odiasse ter a minha vida pessoal invadida constantemente e que, muitas das vezes, meus amigos precisem lidar com todo caos que se tornou a minha realidade, não me arrependo.

Eu protegi todos que eu amo da única forma que encontrei, nos tornando intocáveis. Fiz com que aqueles que gostariam de me machucar, não tivessem a chance de chegar até mim ou até eles. Fiz porque prefiro ter controle de tudo ao meu redor a ficar à mercê daqueles que me destruíram uma vez.

Desvio meu olhar novamente para o trânsito no mesmo instante que uma moto para ao meu lado. Olho de relance e meu cenho se franze pela imagem que encontro. Capacete obsidiano, jaqueta escura, tatuagens pouco aparentes que sobe pelo seu pulso e some pelo tecido que se agarra ao seu corpo.

Não. Impossível!

Nem em um milhão de anos seria a mesma pessoa.

Entretanto, quando abaixo o olhar para a moto, tenho a minha confirmação.

E mesmo que eu devesse estar preocupada por estar sendo seguida por um desconhecido como naquela noite, apenas solto um sorriso sem humor e volto a prestar atenção no trânsito assim que o semáforo abre.

Acelero, deixando todos os meus pensamentos irem embora e apenas foco na adrenalina crescente em meu peito. Na forma como ele, desde a primeira vez, me seguiu e me fez sentir viva. Me fez querer desbravar todas as ruas e correr sem rumo.

Assim que saio da movimentada rua, percebo que o desconhecido está ao meu lado.

Ele inclina sua moto com maestria e delicadeza, como se soubesse exatamente a tração necessária para que se curve apenas um pouco para o

lado e me pego admirando isso.

Admirando como ele ama essa sensação, assim como eu.

Passamos por dezenas de lugares. Rodamos por ruas que conheço e algumas que nem mesmo imaginava desbravar. Entretanto, é quando estamos próximos ao *Saint Clairy Preparatory* que meu corpo enrijece.

Não havia percebido a rota que traçamos ou se minha mente turbulenta me trouxe aqui sem que percebesse e ele apenas me acompanhou. Contudo, o que é mais estranho, é que ele segue diretamente para lá. Para onde eu nunca voltei desde que me formei. Ele pilota me indicando que também conhece esse caminho sinuoso que estávamos correndo.

— Merda! — resmungo, baixinho, sabendo que me coloquei em algo que irei me arrepender.

O desconhecido acelera, fazendo com que sua moto fique longe o suficiente para que eu possa frear, caso pare. E é exatamente isso que acontece, pois no minuto seguinte, ele derrapa e faz com que ela fique de lado, impossibilitando a minha passagem e me obrigando a parar, quase a centímetros dele.

Coloco meus pés no chão e ajeito minha postura, encarando o idiota a minha frente que nunca desvia o olhar.

— Você ficou louco? — grito, soltando meu capacete.

A trava se solta e o retiro, fazendo com que meus cabelos caiam pelos meus ombros.

Ele não responde.

Não se move.

Apenas fica ali me encarando.

Contudo, assim que abro meus lábios para dizer algo que sairá como uma ofensa, ele leva as mãos até o capacete e o destrava. A primeira coisa que presto atenção quando começa a retirar o capacete é a mandíbula tensionada, depois os lábios conhecidos e então os olhos verdes que me assombram diariamente.

— Você precisa parar de causar problemas, *hottie*.

Ergo uma sobrancelha e entreabro os lábios, perplexa.

— Você está me seguindo, porra?

A rua está vazia, impedindo os curiosos de nos observar.

— Não, estou consertando a confusão que você sempre está criando.

— Não sabia que extravasar a minha raiva era considerado uma confusão.

— Dependendo de como faz isso — Ele sorri falsamente. — Ainda mais quando essa forma de extravasar significa sair pilotando como uma irresponsável pelo campus, depois de um maldito beijo.

Estalo a língua no céu da boca, irritada e desço da moto, observando-o fazer o mesmo. Ele toma o seu tempo, depositando o capacete com cuidado no guidão e depois vindo até mim.

— Há quanto tempo você faz isso?

— Faço exatamente o quê?

— Me seguir.

— Você está se dando muito crédito, *hottie*.

Inclino minha cabeça, observando-o fingir um sorriso que me dá vontade de chutar suas bolas sem nenhuma piedade.

— Não seja condescendente.

— Não estou sendo. — Levantando uma sobrancelha, Blake cruza os braços em frente ao corpo. — Mas por pura curiosidade. O que te fez pensar que estou gastando minhas preciosas energias te seguindo?

O sarcasmo em sua voz faz com que minha raiva suba em um nível perigoso.

— A moto.

— Muito bem, *Sherlock Homes*! — ironiza. — Mas para alguém apaixonada por motos, você se esquece que esse não é um modelo exclusivo, certo?

Dou um passo à frente, observando-o arrastar o olhar pela blusa ridícula que Dinara me obrigou a usar, até minhas botas escuras que sonho em jogá-las em seu rosto e maximizar o dano sem nenhum resquício de compaixão.

Assim que estamos perto, posso sentir o cheiro de seu perfume caro, eu ergo meu rosto, encarando suas pupilas que brilham em diversos sentimentos. E nenhum deles é bom. Ao contrário, são perigosos e destrutivos.

São nosso reflexo.

O que McLaughlin e Conway representam.

O que nos tornamos.

— E para alguém que se diz inteligente, você se esquece que eu te conheço melhor do que ninguém e sei quando está mentindo.

Blake umedece os lábios e eu acompanho o movimento sem nem mesmo perceber.

— Passado.

— O quê? — Um vinco se forma em minha sobrancelha.

— Você me conheceu, *no passado*. — Há lamúria em seu tom. — No presente, somos desconhecidos, Aurora.

Há tantas verdades em suas palavras que me pego concordando.

Não somos mais os mesmos. Blake é um campo de energia conectado em um receptáculo de memórias e dores que pincelam as rachaduras da sua alma. Enquanto eu sou um vazio. Um vazio interminável que para ser preenchido é necessário de atitudes e decisões que me fazem ter a sensação de que estou substituindo coisas que não são substituíveis.

No fim, nós dois somos desconhecidos que já se conheceram muito bem.

— Você tem razão — sussurro. Meus olhos estão nos seus. — Eu não te conheço.

— Deveria agradecer por isso.

— Mas não o faço.

— Por quê?

— Porque você costumava ser fascinante, Blake. E não deveria ter perdido isso.

Não percebo que as palavras saltaram dos meus lábios até que os olhos de Blake assumem um tom mais escuro de verde e ele se abaixa, quase que roçando seu lábio no meu. Quase me dando aquilo que agonizo por anos.

Mas não podemos.

Não seria justo com ele e nem comigo.

Isso é uma farsa.

Apenas isso.

Sabendo disso, dou um passo para trás, obrigando-me a me afastar.

— Sabe o que percebi enquanto te beijava? — Um tom triste em suas palavras me pega de surpresa. Blake nunca deixou que ninguém visse esse seu lado após tudo.

— Não. — Engulo em seco. — E para ser sincera, tenho medo de perguntar.

— Que isso nunca vai dar certo. Não enquanto ficarmos nessa guerra — ele dá um passo à frente, mas a uma distância segura. — Não podemos mais fingir que podemos viver essa farsa e, por trás, vivermos nos atacando.

Meus olhos sobem para a paisagem atrás dele. Para o internato que vivemos nossos melhores momentos. Para um lugar que para muitos era um castigo, mas para nós era uma casa.

— E o que você quer dizer com isso?

Ele me dá um sorriso fraco sem mostrar os dentes.

— Que tomei uma decisão.

Ergo uma sobrancelha.

— Que seria?

— Nós vamos cessar-fogo por hora.

— Não faça analogias, Blake. — Reviro meus olhos. — Vá direto ao ponto.

— Se continuarmos a nos atacar todas às vezes que precisamos fazer algo, isso vai acabar antes do previsto. — Ele dá de ombros. — Não sei o que você está escondendo ou o que ganha com esse acordo, já que sempre amou estar ligada à polêmicas, mas eu realmente quero continuar sendo capitão, Aurora. — *Eu sei*, tenho vontade de sussurrar. — E se eu preciso suportar a sua presença e fingir que sou apaixonado por você durante esses meses, eu vou fazer. Eu vou fazer qualquer coisa para não perder mais uma coisa que amo.

Não respondo de imediato. Porque ainda estou processando suas palavras. Ainda estou tentando não me quebrar. Não quando ele pode achar que ainda me importo com o que ele ama.

— O que você propõe?

Eu não deveria estar cogitando fechar mais um acordo com ele.

É errado, soa como aqueles avisos que os personagens de livros de fantasias dão sobre nunca acreditar em fadas ou qualquer outra coisa. Porque no fim sempre dá merda. Eu li uma quantidade considerável de livros para saber que um acordo sempre sai dos eixos.

Mesmo assim, cá estou eu olhando para o seu rosto e refletindo sobre isso.

— Eu e você vamos dar a mídia um relacionamento de cinema. Nós vamos ser os queridinhos de Nova Iorque novamente. Faremos qualquer coisa para isso dar certo e depois que acabar, depois que os seis meses passarem, nós sumimos um da vida do outro. Não haverá mais Blake e Aurora na mesma equação. — Seus olhos estão em meu rosto. Não há dúvidas, ele está convicto. — Eu assumo a *Mclaughlin&Conway*. Você volta para a Inglaterra, como sempre desejou.

— E será o fim da nossa guerra?

— Será o fim. — Não há mentiras em seus olhos. — Depois desses meses, não falaremos mais nisso. Não relembraremos o passado. *Eu* não

vou atormentá-la e você não precisará viver com o que representamos um para o outro. Eu estou desistindo do que fomos e do que somos, Aurora. E isso é uma promessa.

Fim.

É o que eu sempre busquei.

É algo que sempre supliquei para me darem.

Eu queria o fim do nosso sofrimento. Queria o fim da culpa que carrego. Queria o fim daqueles que nos machucarem, mas nunca desejei o nosso fim. Até agora. Até perceber que estamos cansados, destruídos e perdidos.

Levantamos a bandeira da paz, mesmo quando nunca desejamos isso.

Mas não me parece certo. Contudo, respiro fundo e dou a ele o que tanto espera.

— Tudo bem — Estendo a mão para ele e o observo fechar sua palma na minha. — Nós seremos o melhor casal de Nova Iorque, Blake.

— Nós seremos, *hottie*.



# PÉSSIMAS DECISÕES

*Olhando pela janela*
*Diga ao mundo e aí nós vamos*
*Para qualquer lugar que você se sinta em casa*
*Porque eu sei que você se sente sozinha*
*Fuja, fuja comigo*
**Run Away | Chase Atlantic**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Eu sempre soube que um dia me colocaria em uma situação que me faria repensar todas as minhas decisões. Principalmente, aquelas que tomei quando adolescente. Entretanto, nunca imaginei que uma delas seria ligada a mulher que eu um dia cheguei a amar.

Também soube que *ela* seria uma parte da minha vida que me destruiria se eu desse abertura, como uma vez aconteceu. Annabeth me avisou uma vez. E mesmo que ela seja uma mãe de merda, que não se importa com seus filhos, mas apenas com o amor cego que destina a Sebastian e a empresa que construíram, ela tentou abrir meus olhos. Ela tentou me alertar o quanto sabia o que, a família perfeita de Baron, escondia atrás de sua mansão invejável.

E como sempre, eu não acreditei.

Naquela época eu me importei apenas com as sensações que Aurora me permitiu ter.

Me preocupei em ser amado como ela dizia me amar. E de ser seu caso proibido enquanto não tinha idade para se casar com o filho da puta egocêntrico que destruiu nossas vidas.

Agora, eu me pego pensando em que momento eu cogitei a ideia de que entregar o controle a Aurora novamente seria uma boa escolha.

Independente do meu ódio por ela, eu fiz uma promessa e nunca quebro minha palavra.

— Não acho que sua cara me indica que está a fim de uma festa — a voz de Connor faz com que eu levante minha cabeça do meu caderno de desenho.

São raras as vezes que eu me permito pegá-lo e rabiscar algo. É apenas uma válvula de escape para quando meus pensamentos são tão altos, que preciso descarregar um pouco deles no papel. Começou quando eu tinha treze anos e uma psicóloga me indicou algo para me expressar, já que palavras nunca foram o meu forte quando se trata de dizer o que estou sentindo.

Eu desenhei Sebastian quando estava com raiva.

Desenhei Annabeth quando me senti negligenciado.

E Rowena quando estava feliz.

Mas, após aqueles olhos verdes se tornarem meu mundo, apenas conseguia desenhá-la. E agora eu odeio isso, odeio porque até mesmo no momento que a odeio, eu ainda continuo desenhando-a. Continuo fazendo com que seus olhos voltem a brilhar, mesmo quando é impossível.

— Porque não estou.

— Vamos lá, é sua chance.

Ergo uma sobrancelha, fechando o caderno.

— De chutar a sua bunda?

Ele sorri, jogando a nossa fantasia do ano passado em minha direção.

— Não. — Ele revira os olhos. — De se divertir, idiota.

— Gosto mais da primeira opção.

— Sim, nós sabemos — Connor se joga na minha poltrona. — Agora ao ponto principal: Você e Aurora fizeram as pazes.

— Eu não chamaria assim.

— Você apareceu nos *stories* dela essa manhã.

— Faz parte das regras que estabelecemos.

— Isso soa como fazer as pazes — ele zomba.

— Faça o seu ponto, Connor, antes que eu te jogue para fora do meu quarto.

Ele solta um suspiro dramático.

— Hoje a festa é sem celulares. Sem convidados desconhecidos — Um sorriso nasce em seus lábios. — Você pode se divertir.

Desistindo de prestar atenção nele, volto a abrir meu caderno e pegar o lápis.

— Tenho um time para tomar conta.

Ouço sua risada baixinha.

— E uma *namorada falsa*.

— Aurora sabe que não devemos causar problemas.

— Você realmente acredita nisso?

Ergo meu rosto.

— O que você quer dizer com isso, Connor?

Ele abre a boca para responder, contudo, Matthews abre a porta vestido com uma versão de *Batman* sensual que chega a ser patética. Minha sobrancelha se arqueia ao passo que ele solta um sorriso lascivo em nossa direção e antes mesmo que possa dizer algo, tenho a certeza de que meu sossego acabou.

— Por que ainda não estão vestidos? Os convidados estão chegando. Deus, essa festa vai ser fantástica!

Solto o caderno novamente, levando a mão ao rosto.

— Jesus, eu odeio vocês.

Connor solta uma risada com meu desespero e se levanta, arrumando a maldita fantasia de presidiário que usamos no seu aniversário passado.

— Você deve odiar mesmo. — O sorriso de Matthews aumenta. — Porque metade do time está secando a fantasia da sua namorada, McLaughlin. E me desculpe as palavras, mas ela está *gostosa*.

Meus olhos voam para Connor, que se levanta em uma rapidez impressionante quando percebe meu olhar assassino.

— Você não pode me assassinar no meu aniversário.

— Eu posso esperar até meia-noite, sem problemas — devolvo, jogando um travesseiro em sua direção. — Me lembre de nunca acreditar em você quando falar que é a porra de uma festa pequena.

— Ei, lembre-se que eu sou seu melhor amigo e que não tenho culpa se Rora decidiu vir vestida de coelhinha. — Ele dá de ombros. — De novo.

— *Ela está vestindo o quê*? — questiono num rosnado.

— *Coelhinha da Playboy*. — Ele para perto da porta, ao lado de Mathews. — Se serve de consolo, Lynn e Rowena também estão. Você sabe, é o lance delas estarem iguais.

Fecho meus olhos por um segundo.

*Merda.*

*Merda.*

*Merda.*

Eu disse a ela para vir com aquela fantasia porque sabia que ela nunca faria algo para me agradar. Eu tinha a certeza de que ela escolheria outra fantasia para me atormentar. E mais uma vez eu me ferrei. Porque Aurora pode não saber, mas eu realmente falei sério quando disse que ficava gostosa. Entretanto, o que ela não imagina é que aquela maldita fantasia foi o motivo do meu ódio por uma semana.

Principalmente porque todo o meu time só falava em como ela roubou toda atenção para si, entrando na fraternidade vestida como uma maldita coelhinha da *Playboy*.

Era uma fantasia patética, mas que me fez encará-la por toda uma noite.

Era meu purgatório, porque eu desejava levá-la para o meu quarto e rasgar cada centímetro daquela roupa e então fodê-la até que entendesse como me sinto. Como a lembrança dela sob mim, enquanto empurrava em sua boceta com força até que meu nome saltasse de seus lábios, era uma memória recorrente que quase todas as noites me levava ao limite.

— *Karma* é de fato a porra de uma vadia.

Digo assim que a porta é fechada e caminho até o uniforme laranja, retirando meu pijama confortável e guardando o caderno na mesinha de cabeceira. Eu realmente não planejava participar dessa merda hoje, mas como sempre, Aurora me obriga, inconscientemente, a reformular todos meus planos.

Assim que finalmente coloco a fantasia ridícula, eu me observo no espelho. A imagem que para muitos é engraçada, para mim traz lembranças que eu não suporto. As noites trancafiado no presídio por algo que não fiz, mas que prometi proteger, assombram meus pesadelos. Como outros presidiários me encaravam como se soubessem que meus pais os colocaram lá e esperavam o momento certo para se vingarem, me perturba noite e dia. E mesmo que eu odeie lembrar disso, uso a fantasia não apenas porque Connor deseja, mas também em um sinal de que o passado não me mantém cativo.

Para protegê-la, levei socos que eram destinados aos meus pais.

Para proteger nosso segredo, eu me quebrei e me forjei no pior momento.

Eu fiz tudo isso para que, no final, quando finalmente fosse absolvido, descobrisse que a mulher que eu amava, havia me abandonado e se mudado

para Inglaterra novamente, deixando-me para trás como se eu realmente fosse uma aventura.

Pegando meu celular, suspiro fundo e rolo até a aba que nunca permiti abrir e digito a mensagem simples:

***itsblakemclaughlin:*** *você está aonde?*
*E por que diabos não me disse que chegou?*

A resposta chega segundos depois, acompanhada de um emoji grosseiro.

***itsauroraconway****: Prestes a socar algum dos seus jogadores.*
*Ande logo, porra.*

Revirando meus olhos, saio do quarto, trancando-o e sigo até o primeiro andar lotado de pessoas bêbadas. Alguma música que desconheço ressoa pelo espaço e um dos jogadores me puxa para cumprimentar os novos integrantes do time, o que me impossibilita de conseguir avistar meus amigos.

Entretanto, assim que meus olhos pousam na figura horrenda fantasiada de fantasma, sorrindo alegremente em direção a uma maldita coelhinha que está mais para *Lúcifer*, eu desvio de alguns convidados e sigo até eles. De relance, observo Marner retirar um celular da mão de um garoto e expulsá-lo da festa e nem mesmo me importo, porque meu foco é todo da mulher que encara a sua companhia com uma expressão de morte, prestes a tacar o copo vermelho em seu rosto.

Assim que os alcanço, o idiota nem mesmo percebe que estou ao lado de Aurora, não até minha mão circular a cintura dela e a trazer para mim em um sinal claro como água cristalina. Ela me dá um olhar de esgueira e posso ver o revirar de olhos que lança em minha direção.

— Algum problema aqui, *linda*? — questiono, levando meu olhar nada gentil até o idiota.

O apelido salta dos meus lábios em um tom carinhoso, mas dentro de mim tudo chega a ser azedo. Percebo Aurora enrijecer em meus braços e o garoto inclina a cabeça, estudando minha expressão.

— Nenhum — mente, estalando a língua no céu da boca.

— Então por que você está encarando-a como se ela fosse a sua conquista da noite?

Aurora segura uma risada ao meu lado e apoia a cabeça em meu ombro, entrando na cena. Ela nem mesmo se importa com os olhares de algumas

pessoas sobre nós.

— Você é sempre um amor, Blake — zomba. — Mas ele estava aumentando meu ego, dizendo como sou mais bonita pessoalmente do que nas redes sociais. — Ela vira a cabeça um pouco em minha direção. — E onde você estava, *querido*?

Tenho vontade de gargalhar com a sua falsidade. Contudo, meus olhos se fixam no garoto que está tentando achar uma rota de fuga. Abaixo meu olhar para esquadrinhá-lo e percebendo que não o reconheceria nem mesmo se tentasse.

— E quem é você mesmo?

Aurora dá uma risada nasalada.

— Deixo-o em paz, Blake.

Eu a encaro, erguendo uma sobrancelha e antes que possamos dizer algo, o idiota sai praticamente correndo.

— Não é de bom-tom flertar com outras pessoas quando se é comprometida, *querida* — sussurro.

— Você já terminou de marcar seu território ou ainda precisa urinar na minha perna, *querido*? — ela pergunta, colocando um sorriso falso no rosto. — E eu lhe disse que estava prestes a socar um dos seus jogadores. Isso inclui o idiota e se me irritar, também incluirá você.

Giro seu corpo, virando-a para mim, colocando minha outra mão em sua cintura e encarando-a. A maquiagem clara destaca o delineador preto e o sangue falso que escorre pelo seu pescoço até a clavícula, contrasta com o batom vermelho em seus lábios, que são a minha perdição. Abaixo meu olhar para o outro filete de sangue que começa onde o outro para e termina na curva dos seus seios.

*Que Deus me proteja essa noite.*

— Ele não era um jogador — digo.

— Ele não é o primeiro idiota que flerta comigo essa noite.

Me aproximo mais um pouco dela, percebendo que as pessoas nos observam. Sua bota preta toca meu tênis e ela ergue o rosto, me permitindo observar seu rosto perfeito.

— E você socou algum deles?

Ela solta um bufo decepcionado.

— Não tive a chance ainda.

— Que pena, seria extraordinário presenciar isso.

Solto uma risada e até mesmo Miller, que está do outro lado da sala, ergue uma sobrancelha. Todos aqui me conhecem por ser um idiota rabugento.

— Você gostaria de me ver socar um dos seus jogadores?

— Infelizmente, eu gostaria de te ver fazendo qualquer coisa.

Nossos rostos estão quase colados.

Não nos movemos um só centímetro.

Nós apenas olhamos um no olho do outro.

Aurora nem mesmo pisca, o som ao nosso redor se torna uma cacofonia que não me importo. Os gritos das outras pessoas são apenas um murmúrio.

— Mesmo que eu desfalcasse seu time?

— Mesmo assim.

— E mesmo que isso fosse causar uma polêmica?

— Eu a enfrentaria ao seu lado. — Sorrio, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha e sei que há alguém atrás dela, com uma câmera escondida que farei questão de quebrá-la. — Somos o melhor casal de Nova Iorque, lembra?

Ela sorri. *Deus.* Esse sorriso. Ele é o meu fim.

— É impossível esquecer.

É como se por um instante, ela realmente levasse nosso acordo a sério, como se não se importasse que isso mexe com a porra da minha cabeça. Ela fica na ponta dos pés e beija a minha bochecha. Sei que é uma atitude para que todos realmente acreditem que somos apaixonados, mas não posso deixar de apreciar a sensação de seus lábios em minha pele.

É Viciante. Alucinador. Amedrontador.

— Eu acho que Lynn está preocupada com você — digo, observando o olhar da nossa amiga em nós. — E eu preciso de uma bebida.

Aurora nem mesmo me responde, ela se desvincula de mim e caminha até onde Lynn está ao lado de Connor e Maverick. O olhar da minha melhor amiga se mantém em mim, mesmo quando Aurora a alcança e sabendo que não estou a fim de me intrometer, me viro rumo a cozinha.

Assim que pego minha cerveja e me volto, Rowena está encostada no balcão, encarando-me com uma sobrancelha erguida. Minha irmã inclina a cabeça para o lado e seus olhos, idênticos aos de nossa mãe, me estudam de uma forma que não me agrada.

— Eu devo perguntar o que você está aprontando?

Minha irmã dá um passo à frente.

— Você e Rora parecem confortáveis com a situação que papai os colocou.

Suas palavras são gentis, mas sinto algo que não deveria.

— Chegamos a um acordo.

Rowena maneia a cabeça.

— Vocês prometeram sumir um da vida do outro.

Suas palavras me indicam que Aurora já a colocou a par de tudo.

— Já estava na hora.

— Você realmente vai fazer isso? — pergunta, baixinho. — E não me venha com a ladainha de sempre.

— Sumir da vida dela?

— *Desistir*.

— Eu desisti no momento em que saí daquele presídio, Wena.

— Eu sou sua irmã, Blake. — Suas palavras vem acompanhadas de um tom nostálgico. — Eu te conheço melhor do que qualquer pessoa. E mesmo que não acredite, eu me importo com você.

— Exatamente por isso deveria saber o que sacrifiquei para, no fim, perder quase tudo. — Levo a cerveja até meus lábios. — Eu vou fazer tudo isso porque gosto de ser capitão. Eu gosto do meu time. E é apenas por isso que propus essa trégua. — Dou de ombros. — No final desses seis meses, Aurora se forma e vai embora para a Inglaterra e nunca mais precisarei vê-la. É um bom plano.

— É um plano de merda — Rowena afirma, pegando a tequila. — E não irei opinar mais. Apenas saiba que é um plano de merda e que no final estarei aqui se precisar.

Com isso ela puxa a garrafa e se vira, indo em direção à sala lotada de pessoas. Terminando minha cerveja, decido que essa festa não será a melhor se eu estiver sóbrio e exatamente por isso, pego uma dose de tequila e a levo a minha boca, virando-a e não me importo com o queimor em minha garganta.

Se ficar bêbado fará com que essa festa passe mais rápido, é isso que farei.

Entretanto, meu plano falha quando Aurora aparece ao meu lado, puxa a garrafa escondida no armário e leva até os lábios. Ela bebe uma quantidade considerável para que eu precise intervir e tirá-la de sua mão.

Ergo uma sobrancelha quando solta um bufo irritado e se vira para mim.

— Você sabia que há um boato sobre o tamanho do seu pau?

A bebida que ingeri quase salta dos meus lábios

— Desculpe?

Aurora dá de ombros.

— Você é um capitão. E é o único jogador que nunca tem uma garota no colo nas festas. — Ela solta um bufo. — Então, Blake, você sabia?

— Minha vida sexual não te diz respeito, *hottie*.

— A falta dela, você quer dizer.

— Eu te deixei longe por cinco minutos e você tem uma pauta sobre o tamanho do meu pau?

Ela me passa a bebida.

— Eu não tenho culpa se escutei essa merda quando tentava te encontrar.

— Por que estão te perguntando o tamanho do meu pau?

— Porque você é um celibatário, porra.

Um vinco se forma entre as minhas sobrancelhas.

— E você está nervosa por quê?

— Porque você não deveria ser.

Ergo uma sobrancelha.

— O quê?

— Se você realmente nunca mais... significa que... Porra, Blake.

*Jesus Cristo, eu realmente deveria ter ficado no meu quarto.*

— Aurora, você pode, *pelo amor de Deus*, falar algo que faça sentido?

Ela fecha os olhos, suspira fundo e me encara novamente.

— Você quer saber? — diz, levantando as mãos. — Esqueça que te fiz essa pergunta.

Ela gira os calcanhares, pronta para me deixar falando sozinho, entretanto sou mais rápido e me inclino, puxando-a até que suas costas batam em meu peito e a giro, pegando-a pela cintura e a colocando sobre o balcão da cozinha. Agradeço aos céus pelo ambiente estar vazio nesse momento, porque mesmo que estejamos fingindo um relacionamento, não significa que seria apropriado as pessoas nos encontrarem nessa posição.

Aurora me encara com uma carranca e me inclino para frente, colocando minhas mãos em cada lado do seu corpo.

— Achei que tínhamos um acordo — sussurro.

— Nós temos.

— Então por que diabos você está discutindo o tamanho do meu pau?

— Eu não disse que estava.

— Deixe-me reformular. — Sorrio maliciosamente. — Por que está interessada em escutar esse boato se você sabe perfeitamente o tamanho dele, *hottie*?

Ela entreabre os lábios, surpresa pela minha pergunta.

— Você não pode fazer isso — sua voz é baixa.

Umedeço meus lábios.

— Fazer exatamente o quê?

— Me fazer pensar que ainda me deseja.

E eu sei que não deveríamos estar andando nesse limiar.

Mas sempre fomos assim. Sempre fomos impulsivos.

— E quem disse que um dia eu parei?

Ela me encara como se lembrasse de algo e talvez seja por isso que a pior das ideias surge em minha mente. É uma ideia de merda. Uma que pode nos colocar em uma confusão, mas não nos importamos com isso. Mas sei que fará com que todos realmente acreditem nessa mentira que estamos contando.

— Acho que precisamos fazer algo.

Uma sobrancelha de Aurora se arqueia em confusão.

— O que você quer dizer com isso? — Sua pergunta é baixa, quase inaudível.

— Que estamos jogando o nosso jogo, *Rora*.

Aurora sorri amplamente entendendo o meu ponto.

Vamos mostrar a NYU o que é ser um casal.

Porque, no passado, fizemos algo semelhante. Criamos esse jogo para quando precisávamos nos distrair. Fizemos disso a nossa coisa e não me importo em trazer de volta. Não quando vamos utilizar a nosso favor.

Passando a língua pelo lábio inferior, Aurora me dá um olhar brilhante.

Um que há tempos não via em seu rosto e sei que o meu está brilhando da mesma forma.

— Me conte um segredo, Blake McLaughlin.

É a minha vez de sorrir.

É lascivo. Cheio de problemas. Irresponsável.

— Eu estou prestes a tomar péssimas decisões, Aurora Conway.

# 13



# A DIFERENÇA ENTRE NÓS DOIS

*Somos únicos, insubstituíveis*
*Como fiquei tão cego e cínico?*
*Se existe amor nessa vida, somos imparáveis*
*Não, nós não podemos ser derrotados*
**Waiting For Love | Avicii**

## AURORA CONWAY

Eu sabia que não deveria voltar a jogar esse jogo.

Sabia que não deveríamos voltar a costumes que foram enterrados anos atrás, contudo, meus olhos não se desviavam dos de Blake. Não me importo que isso possa acarretar consequências, que teremos que lidar pela manhã e que, talvez, nos arrependamos no futuro.

Por hora, eu escolho esquecer tudo.

Que nos odiamos.

Que estamos escondendo segredos um do outro.

Que somos apenas um contrato.

E ele parece querer esquecer também.

Por isso, sorrio, encarando-o e percebendo como seu rosto, pela primeira vez em semanas, não está carrancudo. Está quase sereno, talvez seja o álcool que consumiu antes que eu chegasse aqui ou talvez, seja esse momento. Não consigo definir. Mas sei que o que encontro ali, é um brilho que não encontramos um no outro há tanto tempo.

Blake me encara como se fosse alguém que não odeia e eu o encaro como se ele não fosse alguém que machuquei. Somos apenas Blake e Rora por essa uma noite.

De repente, ele puxa uma garrafa lacrada de tequila do armário, tira o lacre e leva até os lábios, ingerindo uma boa quantidade. Assim que abaixa o objeto, sua língua se projeta para fora, lambendo os resquícios da bebida que escorrem pelos cantos do seu lábio e eu me pego apreciando o momento.

Não deveria, mas não consigo desviar o olhar.

Porra. É sensual.

Tenho vontade de me inclinar para ele e beijá-lo mesmo sabendo que é impossível.

Quando ele percebe o meu olhar, um novo sorriso escorre dos seus lábios e seus olhos se tornam mais escuros, um sinal claro de que devo tomar cuidado. Puxando a garrafa de sua mão, decido que não posso lidar com todo esse desejo hoje, então a viro em minha boca, não me importando com o gosto que queima minha garganta ao passo que ingiro o líquido.

Eu bebo para apaziguar o meu desejo. Para esquecê-lo. Para fingir que não estou carregando o mundo em minhas costas.

— Nós deveríamos voltar — diz, tomando-me a garrafa e me descendo do balcão.

— Eu acho uma ótima ideia.

Só não digo a ele que acho isso porque se ficarmos aqui, eu realmente irei tomar péssimas decisões.

Assim que chegamos na sala, Blake segura minha cintura puxando-me para si e abrindo caminho entre as pessoas para podermos chegar até o sofá onde nossos amigos estão. Algumas pessoas que não acreditam no nosso namoro, até mesmo se surpreendem com a nossa aproximação, afinal, não é novidade que nos ofendíamos a qualquer oportunidade.

Percebo Lynn sentada no colo de Connor e gargalhando para algo que meu amigo sussurra em seu ouvido. Do outro lado, Maverick tem o corpo encostado no encosto do móvel, com a cabeça virada para Rowena, que sorri maliciosamente em sua direção.

— Eu espero que vocês tenham trazido uma bebida — Connor diz, assim que os alcançamos.

— Vá você buscar! — Blake zomba e dou a ele uma cotovelada de leve.

Connor solta uma risada e volta a conversar com Lynn, enquanto percebo que Blake se vira e se senta na poltrona em frente ao enorme sofá, o que me deixa aliviada por saber que o lugar entre meus amigos está vago. Assim que dou um passo para o lado, a fim de ir até meu destino, Blake

segura minha mão, puxando-me e antes que eu perceba, caio sentada em seu colo.

Minhas costas enrijecem quando as mãos de Blake, me ajeitam em suas pernas e dedilha seus dedos lentamente até minha barriga, pousando-os lá ao passo que se encosta na poltrona e relaxa. Meu olhar segue até onde Connor e todos nossos amigos encaram a cena com uma sobrancelha arqueada e uma expressão confusa.

*Puta merda, Blake.*

— Pare de agir estranho — Blake sussurra em meu ouvido e sua voz rouca piora tudo. — Há pessoas olhando.

Não há como.

Isso é uma péssima ideia.

Penso em todas as coisas que podem me fazer esquecer que estou sentada no colo do meu ex-namorado que deveria me odiar.

Penso em saltos. A nova coleção da *Dior*. Livros. Macarons. Desenhos animados.

Tudo o que amo.

Mesmo assim não é o suficiente. Eu ainda o sinto abaixo de mim, ainda consigo sentir como seu calor inebria todo o meu corpo e como seus dedos calejados, mesmo com o tecido como uma barreira protetora, tocam minha barriga em um sinal claro de possessividade.

— Eu poderia ter sentado entre eles — minha voz salta dos meus lábios.

— Sim, Aurora, ia fazer todo o sentido que eu deixasse a minha namorada se sentar do outro lado da sala, quando todos sabem como eu sou quando se trata de você.

Sarcasmo escorre de cada sílaba.

— E como você é, Blake?

Meu rosto se inclina de leve em sua direção, nossos rostos estão nivelados e tudo dentro de mim se agita. O esverdeado em seu olhar é a única coisa que presto atenção e até mesmo a festa ao meu redor se torna irrelevante. Por um momento, não me importo com os nossos amigos, nem com as pessoas ao nosso redor.

— Obcecado, *hottie*. — Ele sorri brevemente. — Quando se trata de você, eu sou um fodido obcecado.

— Então isso são péssimas decisões? — sussurro.

— Ainda não.

Tenho vontade de questioná-lo o que isso significa, porque nós não colocamos esse jogo em ação quando pretendemos desistir. Quando pedimos um segredo ao outro, significa que estamos dispostos a saber e depois a usá-lo. Que estamos jogando sem me importar com o resto do mundo.

— Você não me pediu um segredo.

Ele não se move, apenas fica ali me encarando.

— Eu ainda não preciso dele — sussurra. — Eu sei todas as coisas que preciso saber sobre você.

Suas palavras têm mais peso do que qualquer outra coisa.

Ele sabe me ler, sabe entender minhas entrelinhas e esse é o meu medo. Ele descobrir todas as coisas que escondo, que ele deixe de me olhar como alguém que possui redenção, que é intocável quando somos tudo, menos isso.

Nós desistimos de muito para deixar um ao outro salvo.

Nós queimamos para proteger aquilo que chegamos a amar.

E no fim, eu fui capaz de desistir da única coisa que amei para sermos livres.

Abro minha boca para dizer algo, contudo a voz de Lynn me alcança antes que eu tenha a oportunidade.

— Rora?

Viro meu rosto em sua direção e Blake vira meu corpo um pouco de lado para que eu possa ter a visão completa da minha amiga. Antes que perceba o que estou fazendo, minha mão se apoia no ombro dele, fazendo com que nossos corpos fiquem ainda mais unidos.

— Hum?

— Eu ouvi dizer que você vai participar do Baile anual da *Blackwell Enterprise*[6].

Sorrio para a minha amiga.

— Vou fazer um favor a Verônica — Dou de ombros. — Estou devendo a ela desde que ela foi expulsa da NYU.

Rowena que até então tinha sua atenção focada em Maverick, vira para mim. O sorriso divertido em seus lábios me indica que ela também lembra de como a herdeira Blackwell conseguiu colocar NYU aos seus pés e não se importava com nada, nem mesmo com a pilha de corações quebrados que deixou para trás quando voltou para a sua cidade natal.

— Oliver também vai comparecer?

— Você conhece Oliver Wright? — Maverick questiona, de repente.

— Quem *não* conhece Oliver Wright? — ela devolve.

— Eles eram uma dupla inseparável — Blake afirma atrás de mim. — E, foderam com a minha temporada inicial por colocarem fogo naquele laboratório.

— Foi justificável — Lynn defende.

— Verônica namora o melhor amigo do meu primo — Maverick conta, levando a cerveja aos lábios.

— Logan Underwood — Connor diz e tenho quase certeza de que já ouvi esse nome. — Ele é a porra de um rei na SVU.

— Ele não é o novo *quarterback* do *New York Giants*? — questiono.

— Ele é cotado como a estrela desse ano — Blake enfatiza. — Meu pai até mesmo queria representá-lo nas questões jurídicas. Mas Underwood tem uma índole melhor do que a da minha família e o rejeitou.

Sinto o humor de Blake evaporar e aperto seus ombros, orando para que ele não faça algo que teremos que lidar mais tarde. Porém, percebo o olhar de Rowena no seu irmão e ele não é provocativo, é sentimental. É um olhar que sei que ela só dirige a qualquer um de nós, quando está tentando abrir os olhos.

Mas ela não poderia. Não quando se trata de Sebastian.

Eu sei disso porque desejaria dizer a Blake o que ele fez.

Queria dizer a ele do que seu pai me obrigou a abdicar para ajudá-lo, porque de todos os segredos que guardo dentro de mim, um dos principais é que Sebastian McLaughlin nunca foi um homem bom como todos acreditam. Ele destruiu muitas pessoas, se envolveu em assuntos que não lhe diziam respeito e destruiu o legado dos meus pais.

Ele é apenas um monstro vestido em ternos *Armani*.

— Voltando ao ponto principal, quem irá como seu acompanhante? — Lynn intervém, me encarando.

— Infelizmente, será meu *namorado* — respondo, me inclinando e roubando um amendoim da tigela em cima da mesa de centro. — Não é, Blake?

Ele não responde de imediato e ergo uma sobrancelha. Entretanto, quando olho por cima do meu ombro, me arrependo amargamente, porque, por um instante, eu abaixei a guarda e me esqueci que a porra da minha poltrona é o colo do meu *namorado falso*, o que claramente faz com que

meu movimento seja uma péssima ideia, já que posso sentir seu pau semiereto em minha bunda.

— Infelizmente — diz, mas percebo o tom em sua voz que me faz amaldiçoar todos os deuses pela situação.

Seu olhar se move lentamente para a curva da minha coluna e tento não me mover muito para não parecer que estou me esfregando descaradamente. Minha respiração estagna quando percebo que posso sentir sua ereção em mim. O que não é bom. Porra. É péssimo, porque a lembrança de todas as vezes que ele me tocou, beijou e me fodeu, invade a minha mente.

É se como a memória vivida de sua língua apreciando cada curva do meu corpo, enquanto me fazia gritar seu nome até que estávamos os dois tão cansados que apagávamos um nos braços do outro.

De repente, sua mão aperta a minha cintura e me ergue rápido, fazendo com que minhas costas encostem em seu peito e sua respiração quente bata contra a minha nuca, de modo que meus pelos se arrepiem.

— Não faça isso — ele sussurra.

— Não faça o quê? — Viro-me de relance para ele.

— Você sabe muito bem — Há um tom perigoso em sua voz. — Não está ajudando.

— Controle a porra do seu pau.

Seus olhos encontram os meus.

— Então pare de se mover contra ele, porra.

*Jesus*. Isso não vai dar certo.

— Eu não estou — grunho, ainda com uma merda de sorriso no meu rosto.

— *Oh*, você está, sim, *hottie*. — *Ele está tão perto.* Meu cabelo cai para frente, criando uma cortina e posso sentir seus lábios em minha nuca, seus dentes arranhando de leve minha pele sensível. — Se eu não te conhecesse, diria que está se esfregando em mim como se estivesse me imaginando te fodendo.

Sinto seu sorriso em minha bochecha.

— Você é um babaca.

— Só estou constatando os fatos — Ele lambe os lábios. — E o fato principal é que você realmente fica gostosa nessa fantasia.

— Não. — É a minha única palavra.

— Não o quê?

*Deus, essa voz rouca*.

— Não faça isso. — Engulo em seco. — Nós dois, sempre seremos um erro.

— Eu não me importaria de errar novamente.

É isso.

Blake McLaughlin é o meu fim.

Porque isso não pode ser real.

Não pode ser verdade que ele, dentre todas as pessoas, me deseje.

Blake deveria me odiar. Na verdade, ele odeia.

Me odeia com tudo de si porque é isso que eu mereço, é isso que vou merecer quando ele souber toda a verdade.

— Eu preciso de mais uma bebida.

Afirmo, me levantando e fugindo como uma covarde.

Quando estou prestes a me virar, olho para Lynn e Rowena e elas entendem tudo o que precisam saber. Eu preciso ficar bêbada. E pouco me importo se isso me causar problemas na manhã seguinte.

A única coisa que eu preciso no momento é tirar Blake McLaughlin da minha mente.

Porque se eu não fizer, temo que posso estar prestes a tomar péssimas decisões.



A música ecoa na sala ao passo que levo a garrafa até meus lábios.

O sabor do álcool barato faz com que uma careta se forme em meu rosto. Não sei quantas doses foram, nem sei onde Blake, Connor ou Maverick se esconderam depois da terceira dose, as únicas pessoas ao meu lado são as minhas amigas.

As únicas pessoas que importam.

Rowena bebe o *shot* de tequila mais uma vez, Lynn pega outro limão e eu viro a garrafa em meus lábios. Nós somos o epítome do desastre quando bêbadas, mesmo assim, não nos importamos. Com um sorriso, sirvo mais uma dose, Lynn passa as fatias do limão e então nós três brindamos.

— A nós três que vivemos o inferno e ainda continuamos de pé! — Rowena sorri.

— A nossa amizade! — Lynn vira o rosto para nós duas. — Que é maior do que qualquer outro relacionamento.

Não discordamos.

Por elas, eu faria tudo. Tudo mesmo.

— Aos nossos dias de merda — murmuro. — Que nos salvaram quando achávamos que não havia salvação.

Então levamos a bebida até os lábios.

E nos viramos até a pista de dança, onde *Waiting For Love*, de *Avicii*, ecoa e todos dançam em seu próprio mundo. Rowena segura nossas mãos até que estamos no centro da sala e ao redor de inúmeras pessoas. E com batida melódica da música, nós começamos a dançar como se nada mais importasse.

Nós dançamos porque é um ato que somos ensinadas desde criança.

Nós sorrimos porque o peso do mundo já não é importante.

E nós aproveitamos nossa noite.

Não sei como ainda consigo me firmar em minhas botas de salto, mas em algum momento da noite, o álcool me fez quase tropeçar em meus próprios pés.

Contudo, não me importo.

Eu consegui tirar Blake da minha mente por hora.

Tirei a sensação de suas mãos em mim, de seu perfume, da sua maldita voz.

Eu fiz o que faço desde que rompemos anos atrás, desde que a nossa memória é a única coisa que se mantém viva em mim. Éramos tão bons que até mesmo o universo parava para assistir como juntos, nos tornávamos estrelas.

Por um instante, até mesmo me esqueço das minhas amigas. Danço como há meses não dançava. Faço isso até Lynn me avisar que está cansada e se move novamente para o sofá onde Connor a espera e, de relance, observo Maverick se aproximar e puxar a cintura de Rowena, levando-a para o segundo andar.

Contudo, não me importo com isso no momento, porque, de repente, a música é trocada e a voz sensual de *Nicholas Bonnin* preenche o espaço, enquanto os versos de *Shut Up And Listen* adentram minha alma e me faz movimentar meu corpo lentamente.

Fecho meus olhos por alguns segundos, deixando que o álcool comande meu sistema e volto a dançar. Não me importo se estou sozinha, se as pessoas pulam e gritam ao meu redor. É como se o álcool estivesse apaziguando a sensação de estar em um local aglomerado. Eu me movo

sozinha até que mãos seguram a minha cintura e eu me vejo, olhando para cima, para onde olhos magníficos me encaram.

A névoa bêbada, me dá a desculpa perfeita para encarar o rosto impecável de Blake.

*Deus, ele é tão perfeito.*

*Tão proibido.*

Nós nos movemos juntos, passo a passo. A música que deveria fazer com que nos esfregássemos um no outro, toma um novo significado e se torna algo que nos hipnotiza.

Concluo que ele pode ser obcecado por mim, mas eu também não estou livre disso. Porque, eu também sou completamente viciada nele. Sou viciada na forma como ele se move com destreza comigo em seus braços, como seus olhos brilham em luxúria a cada vez que eles travam uma batalha contra os meus e na forma como ele ainda consegue me puxar para os seus braços mesmo que eu diga ao mundo que odeie isso.

— Sozinha em uma pista de dança, *hottie?* — sua voz é calma.

Reviro meus olhos.

— Está se oferecendo para ser meu parceiro?

Ele solta uma risada fraca, aproximando-se mais.

— E você aceitaria? — pergunta, sarcástico.

Dou de ombros.

— Não.

Seu sorriso aumenta.

— Então por que continua tão próxima a mim?

— Porque você está invadindo meu espaço. — É a minha vez de sorrir. — Agora me deixe aproveitar a festa do meu melhor amigo. Aliás, onde está ele?

— Provavelmente fodendo Lynn no quarto dele.

Meu rosto se transforma em uma careta.

— Informação demais. — Estalo o céu da boca. — E Rowie?

— Fazendo o mesmo com Maverick, eu acredito — É a vez do seu rosto se transformar em um careta de nojo. — O que significa que somos apenas nós dois.

Me viro, ignorando-o e caminhando — ou tropeçando em meus pés — até a cozinha, onde pego mais uma dose de tequila, sem me importar que Blake ainda continua atrás de mim. Ele se senta na bancada, pega a garrafa

de *whiskey* no armário acima dele e a leva até os lábios, enquanto eu viro mais alguns *shots* de tequila.

— E qual é o seu plano? — questiono.

Blake abaixa a garrafa e um vinco se forma entre suas sobrancelhas.

— Para que exatamente?

Lambo os resquícios do álcool que ficaram em meus lábios e me encosto no armário de frente a ele, cruzando os braços, o que dá destaque aos meus seios na fantasia.

— Para aproveitar a festa até eles terminarem.

Ele bebe mais um gole, antes de abaixar o objeto e me encarar.

— Ser a sua babá.

Ofendida, inclino minha cabeça perplexa.

— Eu não preciso de uma babá.

— Ótimo. — Ele pula da bancada e nem mesmo parece afetado pela quantidade de álcool que bebeu. — Porque eu estou cansado e nós temos uma festa para aproveitar, *hottie*.

— Você ainda sabe como aproveitar uma? — zombo.

— Eu sou o rei delas, linda — Ele umedece os lábios.

Não respondo. Acho que nem mesmo poderia discordar.

Blake McLaughlin é, sim, um rei. Ele conquistou NYU desde que foi aceito no time de vôlei. Não houve dúvidas do que ele queria. Começou com a sua conquista do título de capitão da equipe tão rápido, que todos se surpreenderam e então ser reconhecido em cada corredor da universidade e consequentemente nas outras.

E mesmo odiando ser o centro das atenções, ele se tornou memorável.

As pessoas sussurram como ele é um jogador excepcional.

Dizem como desejariam tê-lo, mesmo que ele ignore todos os flertes.

Porque Blake tem apenas duas paixões: o vôlei e a *McLaughlin&Conway*.

Sei disso porque ele não estaria enfrentando tudo para perder o que tanto construiu à toa. Não, meu ex-namorado quer a cadeira de Sebastian. Ele quer tirar o poder dos pais como ele tirou o dele e o de Rowena. E quer se manter no posto de capitão, ele quer ajudar seus parceiros e enfrentar cada equipe que conseguir até o fim da faculdade.

E todos nós sabemos que ele vai conseguir.

— Prove-me.

Ele dá um passo à frente.

— Isso, *hottie*, somos nós tomando péssimas decisões.

Então sua mão se fecha na minha e ele me puxa para a aglomeração de universitários novamente até uma mesa de *Beer Pong*, expulsando os jogadores da vez para podermos jogar. Não um contra o outro. Muito menos rivais ou inimigos. Desta vez, somos parceiros nisso.

Ele me lança um sorriso de lado e atira a bolinha no copo dos nossos adversários com uma mira invejável. Diferente de mim, que erro nas próximas três rodadas. E nelas todas, ele não permite que eu beba sozinha, o que sempre acarreta nós dois dividindo *shots* de bebidas misturadas que nos causarão uma fodida ressaca.

— Você é uma péssima jogadora — acusa, mas sua voz é divertida.

Viro-me para ele, entreabrindo os lábios.

— E você é um péssimo parceiro de jogo.

— Eu estou vencendo por nós, linda.

Uma risada salta dos meus lábios.

— Ainda temos uma jogada, Blake.

— Quer fazer as honras? — ele questiona.

Mordo um sorriso, mas o brilho em meus olhos entrega a resposta que ele precisa.

Por hoje, nós deixamos realmente de lado a nossa aversão.

Por hoje, somos Blake e Aurora novamente.

Apenas por hoje tomamos péssimas decisões.

Ele me entrega a bolinha, meu dedo acaricia seu dedo anelar mesmo não devendo. Mesmo que seja um ato impensado e Blake parece não se importar, porque ele apenas continua me encarando. Me vendo como desejo. Me admirando.

Eu não me movo, apenas aprecio esse instante que não acontecerá tão cedo, porque quando acordarmos o álcool já não será mais nosso amigo, tudo isso escorrerá de nossos dedos e nós voltaremos a nos odiar como sempre fazemos desde que voltei da Inglaterra quatro anos atrás.

— Se eu errar?

— Você não vai.

Há tanta fé em suas palavras que realmente acredito nelas. Sabendo disso, me viro, respiro fundo encarando meu alvo e levanto minha mão, jogando o objeto e observando-o voar diretamente para o copo cheio de líquido. A bebida espirra em um dos jogadores de Blake que solta uma série de maldições que nem mesmo me importo.

— Oh, meu Deus, Blake! Eu consegui! — grito, pulando.

Me viro para Blake que solta uma risada deliciosa.

Ele sorri como nunca o vi sorrindo.

Talvez seja pelo fato de estarmos alcoolizados ou não. Não me importo.

Porque no instante seguinte, eu o abraço. E Blake me levanta, comemorando a nossa vitória. E ainda sorrindo para mim. O fato de eu ter passado do limite no álcool faz com que minha cabeça fique zonza por um instante que nem mesmo percebo as minhas próximas palavras.

— Eu gostei. — sussurro e ele se afasta um pouco.

— Do quê?

— Do som da sua risada.

Ele me encara por alguns segundos, sem dizer nada.

— Fazia tempo que eu não ria desse jeito.

— E eu gostei de ter causado isso.

Blake não responde, apenas observa minhas mãos subirem até pousarem em seu peito. Uma delas se mantém em seu coração, ouvindo-o bater descompassadamente, enquanto a outra sobe um pouco mais, passando pelo sangue falso que suja as pontas dos meus dedos e se misturam ao esmalte preto das minhas unhas.

Com delicadeza, traço uma linha até sua jugular, sentindo sua pele se arrepiar ao meu toque.

Ele segura minha cintura, gira-me e caminha a passos rápidos até o segundo andar, em direção ao corredor vazio proibido para os convidados. Percebo que o caminho que está traçando é em direção ao seu quarto e quando destrava a porta, me puxa para dentro e quando estou no centro do quarto, ele me vira, fazendo com que minhas costas batam de leve contra o seu peito.

Posso sentir sua respiração contra a minha pele.

Posso sentir meu desejo irradiando tudo dentro de mim.

— Me conte um segredo, Aurora. — Sua voz é baixa, quase um murmúrio sofrido.

Engulo em seco e viro meu rosto, encontrando seu olhar. Sua mão aperta a minha cintura com força que faz meu centro pulsar de desejo. Que me obriga a soltar um suspiro e levar meu dedo indicador até seu queixo, encontrando seus olhos em mim.

*Não diga a ele.*

*Não conte a ele seu segredo.*

*Nunca conte.*

*Apenas proteja-o.*

— Eu poderia beijá-lo agora — conto, um de vários.

Ele se inclina mais, seu queixo toca meu ombro e posso sentir seu cheiro amadeirado misturado ao álcool que ingerimos. Seu nariz roça sobre o meu de leve. Seus lábios estão tão perto que posso imaginar o gosto que seu beijo teria.

— Mas não o fará — ele devolve.

Blake umedece os lábios e eu acompanho o movimento.

— Não. — Minha voz é tão suave que me surpreendo.

— Por quê?

— Eu não mereço momentos assim.

— Não somos merecedores de nada, linda. — Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha sem nunca se afastar. — E ainda assim desejamos ser.

— Eu desejaria apenas uma coisa, Blake.

— Que seria?

— Ter continuado sendo sua.

Ele sorri.

— Você ainda é, Aurora.

— Não mais. — Mordo meu lábio inferior. — E você deveria me odiar.

— Eu odeio.

— E mesmo assim ainda flerta comigo.

— Veja bem, linda, essa é a diferença entre nós dois. — Um sorriso triste toma conta dos seus lábios. — Eu aprendi com meus erros. O que significa que ainda posso te odiar, posso te desejar e posso te foder como antes e nada mudaria. Porque meu pau seria a única coisa que receberia de mim. No final disso, mesmo que estejamos destruídos, eu ainda estou cumprindo com a minha parte no nosso acordo, onde você não significa mais nada para mim.

Cada sílaba proferida de seus lábios doem.

Doem porque eu mereço isso.

Doem porque Blake está fazendo o certo.

Mesmo assim, eu coloco o meu melhor sorriso no rosto. Fingindo que suas palavras não me machucam e que o que tivemos hoje não existe.

Nós apenas fingimos.

Porque fingir já se tornou a nossa realidade.

— Não, Blake. — Minha voz é desconhecida até mesmo para mim. — A diferença entre nós dois é que você pode me desejar, mas você nunca irá me ter.

— Eu te tive no passado.

— E olha onde isso nos levou.

Arrasto meu olhar para a sua roupa, mesmo que seja a pior arma a se usar.

Percebo o ódio e desdém tomarem conta de suas pupilas.

E sorrio mesmo que tudo dentro de mim doa.

— Ao meu inferno.

— A nossa ruína, Blake.

# 14



## DESPEDIDAS | PARTE II

*Só segure minha mão e nunca a largue*
*Meu amor*
*Eles são os caçadores, nós somos as raposas*
*E nós fugimos. Querido (querido)*
*Conheço lugares onde não seremos encontrados, e eles estarão*
**I Know Places | Taylor Swift**

## AURORA CONWAY

**PASSADO**

O aniversário da *McLaughlin&Conway* sempre é na mesma data que o meu.

Oito de junho.

E hoje, enquanto adentro a mansão dos meus pais, após quase quatro horas sorrindo como se eu realmente gostasse daquelas pessoas, eu finalmente me permito respirar, mas meus olhos recaem no presente embrulhado em um laço preto em cima da mesa de entrada, engulo em seco.

Eu sei quem utiliza essa cor para presentes. Eu sei quem mandaria um aviso disfarçado de presente. Eu sei e odeio. Pegando a pequena caixa e indo até o sofá, permito-me encarar a caligrafia desleixada. Um nome que abomino. Um sobrenome que tenho pavor.

Um ano sem receber seus presentes imundos.

Um ano sem receber notícias e fingir que tenho uma vida normal.

*“Nem mesmo essa joia se compara a sua beleza, Aurora.*
*Feliz dezenove anos. Use-o na festa.*
*– Com amor, Jeremiah Dellacor.”*

Dezenove anos.

Geralmente essa é a idade que muitos têm como sonho. Afinal, é a idade que começa a ilusão de liberdade, para alguns. É quando um novo ciclo se inicia, onde a universidade está à nossa espera. Mas para mim, é um pesadelo.

Passei toda a minha infância e adolescência ouvindo que quando essa idade chegasse, finalmente ficaria noiva de Jeremiah Dellacor e, então, quando fizesse vinte, nos casaríamos e finalmente teria acesso à herança que é minha por direito.

Não era uma novidade, para mim, que meu avô havia fechado o acordo de sua vida, ao ligar a Casa Beaufort aos Dellacor, fazendo com que a família mais influente no ramo de mineração e comércio dos diamantes tivesse acesso às regalias que o governo da Inglaterra sedia a família que estava, pouco a pouco, ruindo mesmo que pertencesse ao que sobrou da monarquia britânica.

— Você está com o pensamento longe demais, *passarinho*.

A voz cansada de papai faz com que meus pensamentos se dissipem e ergo meu rosto, encontrando olhos castanhos lindos. Baron Conway, sorri para mim como poucos fazem, ele sorri com orgulho, amor e proteção.

Meu pai sempre fez o possível para que a influência dos meus avós maternos não me atingisse, mas nem mesmo ele foi capaz de me proteger quando Manuel os obrigaram a me levar de volta à Inglaterra, deixando meus amigos e minha vida para trás, apenas para passar uma temporada longa com a família para aprender sobre o império de diamantes.

Seus olhos pousam no presente em minhas mãos e nem mesmo preciso de mais palavras para entender o que ele representa.

— É meu presente de aniversário — murmuro e ele se senta ao meu lado. Não penso duas vezes antes de deitar minha cabeça em seu ombro. — E uma forma de deixar claro qual é o meu futuro.

— Sinto muito, *Rora*.

— Você não tem culpa, pai.

— Sim, eu tenho. — afirma, frustrado. — Todo aniversário deve ser sobre felicidade e nem mesmo isso eu posso proporcionar a você.

— Jeremiah só quer que eu fique ciente do que está em jogo.

Sua mão sobe até meus cabelos, afagando-os de leve ao passo que suspira fundo.

É um suspiro triste, inconformado.

— Nós vamos conseguir livrá-la desse tormento, filha.

— Não há como me livrar disso, pai. — Mordo meu lábio. — Eu li o contrato. Todas as cláusulas resultam em você e mamãe perdendo tudo o que construíram. E não posso deixar que isso aconteça.

— Aurora.

— Eu só preciso sobreviver durante um ano nesse casamento, pai. — Fecho meus olhos. — Só um ano. Então, eu me torno a única herdeira da Casa Beaufort e a *McLaughlin&Conway* está a salvo.

— Nós podemos tentar algo. — Sinto apreensão em suas palavras.

— *Não.* — A voz de mamãe, faz com que levantemos nossos rostos até onde ela está. — Você não vai fazer isso.

Eu sou a cópia de Elena Conway. Não ironicamente, minha mãe poderia ser considerada minha gêmea se não fosse pelos poucos traços que a idade já começou a cobrar dela. É até mesmo estranho o tanto que nos parecemos. Os olhos verdes brilham em decepção em direção ao meu pai quando observa o presente em minhas mãos.

— Fazer o quê? — questiono.

Mamãe me encara. Não há brincadeiras ali.

— Vender todas as nossas ações da *McLaughlin&Conway* para Sebastian para podermos quebrar a cláusula milionária que seu avô colocou no contrato. — Ela suspira fundo. — Nós podemos te salvar, mas perderemos tudo.

Meus olhos se arregalam. Não por meu pai achar que isso seria uma boa ideia, mas por Sebastian propôr isso, já que ele sempre se mostrou amigo de papai desde que criaram a empresa, anos atrás.

Eu não acompanhei isso por estar na Inglaterra e apenas conheci Rowena por sempre estarmos juntas e nem mesmo me importei em saber como lidavam com as coisas, não quando sempre me foi dito que o primogênito dos McLaughlin assumiria a empresa quando chegasse a hora.

Papai odiava a ideia de Blake assumir, porém, aceitou.

Ele odiava porque sabia que Blake não teve uma base familiar adequada a não ser a frieza dos pais. Sebastian nem mesmo se dignou a criar o filho e Annabeth nunca se importou. Eles apenas tiveram a audácia de mandar o filho mais velho para diversos colégios internos para mantê-lo na linha e moldá-lo como esperado.

Eu não o conheci na infância e quando o conheci entendi o porque Sebastian fazia tudo para mantê-lo na linha.

Blake é uma alma livre.

Ele não se importa com as consequências de seus atos.

Se ele deseja, ele tem. É simples.

Foi isso que me atraiu para ele. Blake me observou por meses, mas nunca veio até mim como todos faziam. Ele me chamou a atenção porque a sua presença era inconfundível e a minha curiosidade palpável.

Eu queria saber o porque aquele que foi nomeado herdeiro rebelde de Nova Iorque, era assim. Eu queria saber o que tinha naquele caderno que ele protegia com a vida e o motivo pelo qual nunca se importava com os flertes. Eu queria saber porquê. Pela primeira vez, eu queria tanto algo que não me importava se era proibido.

Meu pai sabia disso, sabia que a nossa aproximação era perigosa para todos. E fez o possível para que Sebastian mantivesse Blake distante, mas o que ninguém imagina é que, o que temos, é mais do que uma amizade platônica. E mesmo com todos os avisos, com todas as regras, Blake e eu não nos importamos.

Por dois anos, nós tivemos a nossa aventura.

Por dois anos, ele se tornou mais que um caso.

Por dois anos, eu me apaixonei e agora preciso abdicar disso.

— Não. — Engulo em seco.

— Aurora isso pode...

— Isso não pode nada, pai — Me levanto, ficando de frente para eles. — Isso só vai fazer com que percam mais ainda. E não posso deixar que façam isso para me proteger. Manuel é o culpado disso, pela ambição deles nós temos que fazer todas essas coisas.

— Mas, você... — Mamãe começa, entretanto, eu a interrompo.

— Eu escolhi isso. *Eu*. — Minhas palavras doem. — Quando Manuel me disse tudo o que vocês poderiam perder, quando percebi o quanto você se sacrificou. Quando ele ameaçou tirar os cuidados de Olivia. Eu escolhi isso, mãe. E não há volta. Em algumas semanas, eu irei noivar com Jeremiah. Quando completar vinte anos, nos casamos e depois de um ano e meio me divorcio. É um bom plano.

— Não. — Meu pai se levanta. — Não é.

— Por que não seria?

— Porque Dellacor está atrás da fortuna dos seus avós, há anos. Você realmente acha que ele lhe dará um divórcio amigável? Que ele não se aproveitará para tomar tudo o que é seu, enquanto lutamos nas entrelinhas

para romper esse contrato, Aurora? — Suas palavras saltam de seus lábios da mesma forma de quando está explicando um caso para um cliente. — Pense, *passarinho*, pense como ele é meticuloso. Em como ele é perigoso. Pense em como ele te deixou livre até agora, porque ele sabe que você estará a sua mercê a partir do momento em que o anel dele estiver em seu dedo.

— Ele só te deixará em paz quando você ou ele morrer, meu amor — mamãe diz, friamente. — E não posso pensar nessa possibilidade nem brincando.

Eu a encaro.

Nossos olhos idênticos se encontram.

Ela sabe que só escapou desse destino porque engravidou.

Só se salvou porque Olivia a ajudou a fugir e me escondeu, até que tivesse idade suficiente para entender as consequências dos seus atos. Mas eu não tenho essa mesma sorte. Não há como fugir. Não mais. Não há como me esconder quando sei que Jeremiah me encontraria até no inferno e me traria de volta só para ter a chance de ter direito ao que lhe foi prometido.

Sabendo disso, eu jogo meus cabelos para trás, ergo o queixo e digo algo que nunca imaginei dizer.

— Eu não me importaria de matá-lo, se isso significasse que as pessoas que eu amo estariam seguras e longe de toda essa confusão, mãe.

Os olhos dela se arregalam e eu não espero por uma resposta, apenas me viro, seguro a caixinha e um dos lados do meu vestido e caminho até o andar superior, onde fica o meu quarto. Assim que adentro o espaço, caminho até as portas francesas e encaro a cidade que se tornou meu lar. A tempestade cai lá fora como um presságio de que dias ruins estão chegando e talvez seja a verdade.

A tempestade faz com que esta noite seja pior do que as dos outros anos.

Não é uma novidade que odeio essa data. Odeio que a cada ano é como se meu purgatório estivesse se aproximando, pronto para ceifar o que resta da minha felicidade.

Agora percebo que o oito de junho nunca me pareceu mais assombrado do que hoje.

Eu gostaria de estar em algum lugar onde Rowena McLaughlin e Lynn Altman estariam. Elas, mesmo que sejam totalmente o meu oposto, me entendem de uma forma que nunca imaginei que aconteceria. Gostaria de me sentar no hospital ao lado de Connor e contar que tudo ficará bem.

Mas, acima de tudo, eu gostaria de estar com *ele* agora.

E sabendo que é impossível, fecho todas as cortinas, deixando o ambiente em uma escuridão acolhedora e começo a caminhar até meu *closet*, onde sei que precisarei jogar isso no fundo da minha caixa de joias.

De repente, um barulho na porta faz com que eu olhe por cima dos meus ombros com uma sobrancelha arqueada. Meus pais provavelmente continuam no andar inferior tentando descobrir uma forma de que, em algumas semanas, eu não aceite um anel de Jeremiah e sele meu futuro da forma mais tortuosa que existe.

Mas, é quando a porta é aberta para logo depois ser trancada e uma silhueta conhecida entra em meu campo de visão, que meus lábios se entreabrem. Ali, com olhos verdes, sorriso cafajeste e ainda vestido com o terno da festa de aniversário da empresa, está Blake McLaughlin.

— O que você está fazendo aqui? — murmuro, dando um passo em sua direção.

Ele vem até mim em passos leves e só então percebo duas coisas em suas mãos, que me fazem erguer uma sobrancelha.

— Te desejando um feliz aniversário da forma certa, *hottie*.

Um sorriso nasce em seus lábios e eu acompanho o movimento.

— Meus pais podem entrar aqui.

— Eles saíram — Sorri maliciosamente.

Estreito meus olhos em sua direção.

— O que você fez?

— Talvez alguém tenha ligado para eles da festa, dizendo que há um cliente em potencial querendo uma reunião de emergência. — Ele sorri.

— E quem seria?

— *Dylan Blackwell* — sussurra como se fosse um segredo. — Ele estava me devendo um favor.

Uma risada salta dos meus lábios.

— Você é maluco.

Mais um passo.

— Talvez. — Outro passo e seus sapatos encostam em meu salto. — Principalmente quando se trata de você.

Meus olhos desviam de seu rosto até suas mãos, para onde uma caixinha repousa em suas mãos. É maior do que a Jeremiah me enviou e desta vez, não há medo. Ao contrário, meus olhos brilham pela antecipação. Do outro

lado, ele segura uma caixa de *macarons* coloridos da doceria mais famosa de Nova Iorque, onde vende meus doces favoritos.

— E o que seria isso?

Abro um sorriso.

— O seu presente.

Ele me entrega a caixa e antes mesmo que ele possa dizer algo, eu tiro o laço vermelho e a abro. Contudo, nada me prepara para o que está lá dentro. Porque ali, repousa um cordão de ouro com um pingente de coração incrustado em pequenos diamantes. Mas, é quando eu o pego, passando meus dedos com cuidado que a minha surpresa é duplicada, pois o colar não é simples, ele é um relicário em ouro com diamantes cruzados nas laterais dando um aspecto sofisticado que combina a beleza do ouro e o brilho dos diamantes.

— Meu Deus, Blake. Isso é... — Me atropelo nas palavras.

Sua mão se junta a minha no cordão e eu encaro seu rosto, ainda impressionada.

— Abra — sussurra.

Eu o faço e percebo que o interior do relicário é forrado com um material suave, e nele, há duas fotos. Uma delas é minha, de Rowena e Lynn vestidas em nossos uniformes e sorrindo uma para a outra. Do lado, há a minha preferida. A foto que tiramos em um dos bailes da empresa dos nossos pais.

Blake segura minha cintura e sorri amplamente, como se realmente fossemos um casal e não uma aventura com data de validade. Ele me encara, me idolatra e me ama.

E tudo em mim dói por ele não saber o que nos espera.

Essas serão as últimas vezes que ele me olhará desta forma.

Ergo meu rosto, mordendo meu lábio inferior e encarando-o com um misto de tristeza e amor. Com um misto de sentimentos que nunca poderei retribuir quando chegar o momento.

Eu o quebrarei.

Destruirei seu coração.

— Eu não sei como agradecê-lo.

— Você não precisa. Agora, vire-se — pede e eu o faço.

Ele deixa a outra caixa na minha cama, se move para ficar atrás de mim e pega o cordão. Nesta posição posso observá-lo pelo espelho a nossa frente

e parece que toda a noite foi apenas uma memória distante. Porque esse momento se sobrepõe a tudo o que aconteceu esta noite.

Com cuidado, ele sobe a joia até meu pescoço, ajeitando-a e prendendo. Assim que o faz, seus olhos encontram os meus no espelho e sorri quando vê o seu presente se destacando com o vestido escuro. O pingente de coração toma toda a minha atenção que mal percebo o momento que se abaixa, deixando um beijo em minha nuca.

O toque inebria. Consome.

Eu nunca imaginei que alguém roubaria meu coração desta forma.

Não imaginava até que Blake McLaughlin chegou em minha vida. Não foi um amor calmo. Não foi fácil. Foi um amor perigoso. Proibido. Daqueles que o mundo todo tenta impedir porque sabem que o final dele é típico de *Romeu e Julieta*.

Blake foi o meu primeiro beijo. O primeiro garoto que tive uma queda e fiquei consequentemente obcecada. Ele foi a minha primeira paixão e creio ser a última.

Ele me mostrou que nem tudo é sobre o dever, mas sobre o que sentimos.

Blake me fez desejar. Me fez querer lutar. Me fez ver o mundo em outra perspectiva.

Ele é meu relicário. Minha memória. Meu amuleto.

E eu sou seu desejo. Sua obsessão. Seu sonho.

E desta vez, temo que não seja apenas o casal principal que morra com as consequências de amor, mas todos ao nosso redor também.

— Eu não posso te amar — Me pego sussurrando.

*Não posso.*

*Não posso.*

*Não posso.*

— Mas esse é o problema, não é? — Ele inclina deixando um beijo atrás do lóbulo da minha orelha. — Você não pode, mas você já ama.

Viro meu rosto, encarando-o. Seus olhos brilham em algo que não posso reconhecer.

Ele sabe que isso deveria significar apenas uma aventura.

Sabe que não podemos ficar juntos.

Sabe que somos indisponíveis um para o outro.

Ele sabe e mesmo assim não se importa. E eu também não.

— Sim.

Então Blake me gira, segura meu pescoço e me beija.

Ele me beija como nunca me beijou antes. Com fome, com desejo, com amor.

Seu dente morde meu lábio inferior em um sinal claro de possessividade e me deleito em cada segundo. Com a mão livre, ele segura a minha cintura e dá um passo para trás, até que minhas costas se chocam na parede mais próxima.

Afundo minhas unhas na pele do seu pescoço, deixando-o marcado e escuto seu gemido em meus lábios. É um som que me pego ansiando. Um som que se torna meu favorito.

O vestido, de repente, se torna nosso inimigo. E a vontade de tirá-lo, é maior do que o bom senso de me manter longe do que pode ser representado nossa ruína. Mesmo sabendo disso, me pego arrancando sua gravata que antes estava frouxa, o paletó e a blusa social. Assim que as inúmeras tatuagens estão à minha frente, me aproximo mais dele, dedilhando todos os desenhos com curiosidade. Eu aprecio cada minuto enquanto Blake me encara como se eu fosse a coisa mais preciosa do universo.

Assim que finalmente chego um pouco acima de seu peito, mordo um sorriso.

Ali entre as dezenas de desenhos, há a minha favorita. *A nossa tatuagem.*

Um desenho de Aurora Boreal que ele mesmo desenhou meses atrás. O meu desenho favorito. O complemento do desenho que está em mim. Mais precisamente em minha costela, onde a pequena arte em forma da constelação de capricórnio está eternizada em minha pele.

Blake sorri quando o encaro com os olhos brilhantes e antes que eu perceba, ele faz algo que apenas prometeu que faria nos seus jogos. McLaughlin leva o dedo anelar até a tatuagem e eu o pego antes que possa abaixá-lo e o beijo.

Beijo o dedo onde desejaríamos que estivesse um anel, mas sabemos que é impossível.

Eu o beijo como se fossemos únicos. Complementares. Pertencentes.

Porque percebo que Blake McLaughlin é tudo. Ele é a minha liberdade. Meu desejo. Mas acima de todas essas coisas, ele é algo que nunca percebi, ele é meu coração.

Quando acho que estou surpresa, Blake faz outra coisa, ele me gira e me obriga a escorar minhas mãos na parede e então abaixa o zíper lateral do meu vestido deixando inúmeros beijos pela minha lombar e assim que o tecido está no chão, ele me pega no colo e caminha até a minha cama, sorrindo quando caio entre as dezenas de travesseiros.

Não é a primeira vez que fazemos isso, mas é a primeira vez que eu sinto como se nosso fim estivesse tão próximo quanto a tempestade que cai fora do meu quarto.

— Eu deveria desenhá-la — ele sussurra distribuindo beijos pelo meu pescoço.

Uma risada salta dos meus lábios.

— Eu gosto dos seus desenhos. — Beijo seu queixo quando ele levanta o rosto para encarar-me. — Eu sempre gostei.

Seus olhos se encontram com os meus.

— Eles ainda não fazem jus a sua beleza.

— Por quê?

— Porque eles são todos cinzas. Opacos. — Ele beija minha testa. Meu nariz e então meus lábios. — E você é cores. Você... não há palavras. Você, Aurora Conway, é a criatura mais fascinante que já vi.

Seguro seu rosto, alinhando seus olhos aos meus.

Deus, como eu posso amar tanto alguém que não deveria?

Como posso saber que vou quebrar o coração dele e consequentemente o meu?

— Você é único, Blake McLaughlin.

Único em minha vida.

Único em meu coração.

Único.

Então, com isso, ele volta a me beijar. Ele me beija me mostrando que eu realmente sou fascinante e eu devolvo o beijo mostrando a ele que ele é, de fato, a única pessoa em minha vida.

Seu lábio se move em sincronia com o meu, minhas mãos seguram seu rosto e ele sorri contra mim sempre que um novo gemido salta. Nem mesmo percebo por quanto tempo ficamos assim. Mas quando Blake finalmente tira sua calça e entra em mim, eu concluo que após isso, após nós dois, não há nada, em absoluto, que possa se igualar.

Juntos somos explosões. Somos duas partes que mesmo que não devessem, se pertencem. Minhas mãos agarraram seus ombros, descendo

por toda a extensão das suas costas, apertando e depois arranhando. O atrito entre minhas unhas e a sua pele, é a sensação mais inebriante que já experimentei.

O suor surge em minha pele e o cheiro do nosso sexo invade todo o quarto.

Minha boca toma a dele em um beijo desesperado, e aqui, consigo sentir o quanto nós nos desejamos. Nesse instante, somos um só. Nada mais importa. Estamos em sincronia. Suas mãos passando por toda a minha pele, deixando uma trilha de fogo que incendeia todo o meu ser.

Blake me beija como se estivesse reivindicando cada parte do meu corpo.

Meu coração. Minha alma. Todo o meu ser.

— Você é perfeita — sussurra contra meu pescoço.

Sua respiração falha quando minhas pernas se enrolam na sua cintura, obrigando-o a penetrar mais fundo. Tudo em relação a nós dois se torna intenso, gostoso. Seu nome, junto a palavras desconexas, saem da minha boca, acompanhadas de gemidos altos e incessantes. E finalmente, sinto tudo se contrair em nós, enquanto explodimos num orgasmo intenso e delicioso.

— Feliz aniversário, *hottie*.

Uma gargalhada salta dos meus lábios, seguida de um grito quando ele, sem avisar, muda nossas posições, fazendo com que eu fique por cima dele, ajoelhada em sua barriga. Posso observar todo o seu rosto relaxado e um sorriso lindo preencher toda a sua expressão.

Perfeito.

Magnífico.

Meu.

Contudo, uma batida na porta, faz com que ele se sente e me puxe para si, abraçando meu corpo e escondendo toda a minha nudez.

— Aurora?

Encontro o rosto de Blake e ele morde meu lábio segurando uma risada.

— Sim, mãe.

— Você pode descer? — Há receio em sua voz e me preocupo. — Há uma visita para você.

Um vinco se forma entre as minhas sobrancelhas.

Não há ninguém que me visitaria. Não hoje. Rowena está na festa de seus pais. Lynn não sairá de casa tão cedo, não depois do que aconteceu

com a sua família, com seu irmão mais novo. E, Blake... Blake está abaixo de mim e me encarando da mesma forma.

— E quem seria? — questiono.

Ela começa a dizer, mas hesita.

— Jeremiah Dellacor.

Tudo em mim perde a cor. A felicidade que antes contagiava todos os átomos do meu corpo, agora é substituída por medo. Por uma mistura de receio e preocupação. Meu rosto volta a encarar Blake e ele ergue uma sobrancelha. Eu sei que ele percebe que estou prestes a colapsar. Ele sente isso, mas não sabe que isso é maior do que qualquer outra coisa que já imaginou.

Nós nunca demos nomes aos nossos demônios.

Nunca contamos todos os nossos segredos.

E talvez agora, eu perceba que nosso fim é inevitável.

— Quem é Jeremiah Dellacor?

Dói.

Respirar dói.

Dizer dói.

E mesmo odiando, eu quebro seu coração.

— Meu noivo, Blake.

# 15

MERAKI

*Sei que você me ama*
*Meu bem, você não precisa dizer*
*Você sabe que pode confiar em mim*
*Está tudo bem, é complicado*
*Nervosa, gaguejando*
*Você é tão bonito que dói*
*Amor, eu sou sua*
**I’m Yours | Isabel LaRosa**

## BLAKE MCLAUGHLIN

A nossa ruína.

Três palavras que rondam minha mente há minutos.

Três palavras que não deveriam significar tanto, mas que, na realidade, são como uma faca sendo fincada em minhas costas. Porque é a verdade. Nossa ruína começou naquele aeroporto. Começou quando ela entrou naquela sala de desembarque e nossos olhos se cruzaram. E durante todos os dias a partir dali deu-se início ao nosso declínio.

Percebo agora o quanto a manipulação dos outros e até mesmo a nossa, fez com que tomássemos atitudes que destruíram não só o que tínhamos, mas todas as coisas boas que construímos. Elas destruíram o brilho de Aurora e a minha felicidade. Derrocaram com o que amávamos e nos condenaram a um fim desastroso.

Aurora tomou atitudes que dilaceraram todos.

No fim, para proteger o que tínhamos, fiz coisas que não deveria.

Eu me tornei o anti-herói da nossa história.

E ela, sem dúvidas, se tornou a vilã da minha vida.

Sabendo disso, suspiro fundo, passando a mão pelos meus cabelos e me viro indo até meu armário, ignorando todo o momento que tivemos. Não é apropriado, muito menos seguro, que fiquemos cedendo a esse magnetismo que nos atrai um para o outro. Ela é como a minha *kryptonita*. É um veneno que corre pelas minhas veias silenciosamente.

— Você está fazendo exatamente o quê? — sua voz pouco arrastada me alcança.

Encaro-a sobre meus ombros e observo-a caminhar pelo meu quarto em direção à sacada onde diversas pessoas ainda festejam ao redor da piscina. Suas botas batem no piso, fazendo com que eu arraste o olhar por toda a sua fantasia. Não foi uma boa ideia trazê-la para cá, mas sempre tenho tendência a tomar péssimas decisões quando se trata dessa mulher.

— Procurando uma roupa para você dormir.

— Não pretendo ficar. — Seus olhos se mantêm na festa. — Posso chamar um *Uber*.

— Não que eu esteja empolgado a dividir uma cama com você, Aurora. — Uma careta toma conta do meu rosto. — Mas não serei estúpido ao ponto de deixá-la pegar uma corrida de aplicativo a essa hora e dar brechas ou suspeitas para os idiotas que vivem atrás de você, nos colorarem nas manchetes pela manhã.

Ela revira os olhos e volto minha atenção para o armário onde finalmente tiro de lá uma calça de moletom e a minha blusa surrada da NYU, jogando-as em direção a Aurora.

— Então, qual é o plano?

— Plano? — Franzo o cenho ao passo que me aproximo dela.

— Você realmente não acha que iremos dividir uma cama, certo?

— Não irei me opor se você desejar dormir no chão ou na minha poltrona. — Um bufo salta dos seus lábios.

— Idiota — grunhe. — Não há outros quartos?

— Isso não é um hotel, Aurora. — Cruzo meus braços, umedecendo meus lábios. — Acredito que Lynn ou Rowena não querem participação na noite delas com seus namorados. Além disso, você ir dormir em qualquer outro quarto que não seja esse, está totalmente fora de cogitação. Então, não, não há outros quartos.

— Eu odeio essa situação.

Dou um meio sorriso.

— Idem.

— E odeio você.

— A recíproca é verdadeira, querida.

Dando-se por vencida, Aurora se inclina, me dando a visão perfeita de sua bunda na fantasia que é meu pesadelo e nem mesmo se importa com isso. Ela apenas abaixa o zíper de sua bota e a abandona no meio do quarto antes de caminhar até o banheiro, batendo a porta e fazendo com que meus olhos se revirem automaticamente.

Aproveito para caminhar até a sacada e tentar esquecer que terei que dormir ao seu lado após anos, mesmo que o sono seja uma dádiva rara em minha vida, depois de tudo. Poucas pessoas sabem, mas os pesadelos e a imagem de tudo o que aconteceu na semana após o noivado fracassado de Aurora me atormenta até hoje. É como se estivesse vivendo aquele dia todas as noites, como tomamos a pior atitude para o momento.

Passando a mão pela tatuagem em meu pulso, permito-me suspirar. A pequena palavra desenhada em uma caligrafia grosseira, representava todos os sentimentos que eu carregava dentro de mim. *Meraki*. Do grego, significa *fazer algo com a alma*.

Colocar parte de si em algo.

Eu acreditava nessa palavra.

Acreditava que se desse uma parte de quem sou em tudo o que fazia e amava, tudo seria completo, intenso e perpétuo. Entretanto, era apenas uma ilusão. Porque nada pode ser completo se apenas uma parte dos envolvidos se doa de alma.

Essa tatuagem é uma lembrança de que ninguém mais chega até mim, me machuca ou me faz doar algo. Ninguém mais é digno do amor que um dia distribuí tão facilmente. Ninguém mais tem poder sobre Blake McLaughlin.

Nem Sebastian.

Nem Annabeth.

Nem... Aurora.

Abandonando todos esses pensamentos, encaro as pessoas que ainda restam na casa e sei que já está quase na hora de tudo acabar, já que praticamente todos os jogadores ou estão em seus quartos, ou fodendo alguém em algum cômodo da casa.

Wena é o raio de sol de qualquer ambiente e ele sabe disso. Acho que essa é uma das únicas coisas que temos em comum. Maverick Johnson Foster e eu amamos Rowena. Quando se trata dela, não há nossa rivalidade

imposta desde que pediu transferência para NYU. Não nos importamos com o que temos que fazer para que ela seja feliz e nunca irei me esquecer de como ele lutou para tê-la e para fazê-la se sentir completa, quando Sebastian a fez se sentir insuficiente.

Ele a ajudou superar todas as vezes que nossos pais tentaram destruí-la.

Maverick a enxergou. A fez brilhar.

E eu nunca me esquecerei disso.

— Eu acho que precisamos de uma barreira.

Viro-me em direção à voz de Aurora e me arrependo amargamente, porque se o meu purgatório fosse uma pessoa seria Aurora Louise Conway, sem dúvidas. Principalmente pelo fato de que ela simplesmente decidiu que vestir apenas a camiseta que vai até as suas coxas, deixando o resto à pura imaginação, seria o suficiente.

— Barreira? — Ergo uma sobrancelha.

— Sim.

Antes que eu possa responder, ela vai até a cama, tira o cobertor escuro, jogando-o no chão e logo em seguida, empilha todos os travesseiros no centro da cama em linha reta. Não satisfeita, Conway se levanta, caminha até meu armário e puxa mais alguns, voltando a se ajoelhar no colchão. Agradeço aos céus por ela não ter virado a porra da sua bunda em minha direção novamente. Porém, o que me faz caminhar até ela, não é a posição que se encontra, mas sim, o que finalmente entendi que ela acabou de fazer.

Aurora Conway acaba de criar a porra de uma barreira de travesseiros.

Uma. Maldita. Barreira. De. Travesseiros.

Uma barreira como naqueles filmes idiotas.

— Você sabe que isso é patético, não é?

Ela dá de ombros.

— Contanto que você fique longe, não me importo.

Sabendo que é impossível dialogar com ela, pego outro cobertor no armário e caminho até meu lado da cama, observando-a puxar o outro que havia jogado no chão, se deitar e desligar o abajur ao seu lado. Aurora nem mesmo parece respirar e eu me movo com cuidado, encarando o teto.

De relance, posso perceber que a cortina está entreaberta, fazendo com que a luz noturna entre e deixe o quarto com pouca iluminação. E assim que fecho meus olhos, o barulho da música no andar inferior, de repente, cessa e os burburinhos das pessoas começam a se distanciar, fazendo com que o silêncio que se instala no quarto seja diferente do que somos.

Olho para o lado, onde o relógio repousa na mesa de cabeceira e percebo que já se passa das três. O que me indica que todo meu time estará destruído pela manhã e que precisaremos nos recuperar até a tarde, já que teremos um treino.

— Por que você nunca quis ficar na cobertura que seus pais te deram?

Um tempo depois, a voz de Aurora quebra o silêncio.

— Por que você ainda está acordada?

— Não consigo dormir facilmente — confessa. — E não estou bêbada o suficiente para conseguir apagar.

— Então é por isso que sempre esteve bêbada nas festas? — Ergo uma sobrancelha. — Para conseguir dormir?

— Não. — Ouço-a se virar na cama. — Era para esquecer.

Percebo que essa barreira entre nós, mesmo que patética, faz com que nos sintamos mais seguros a contar coisas que jamais contaríamos um ao outro. Porque Aurora não me confidenciaria isso se estivesse realmente olhando em meus olhos. Ela não me daria fragmentos do que restou. Na verdade, acho que ela se tornou uma rocha após voltar da Inglaterra ou após a morte precoce de seus pais.

A mídia nunca falou sobre como Elena Conway morreu.

Ninguém nunca soube quem estava naquele carro. Muito menos como Baron foi assassinado. Mas, o pior, é que ninguém, nem mesmo Lynn e Rowena, entenderam o porquê Aurora não participou do velório quando todos sabíamos que ela e sua família eram tão fiéis uns aos outros, que jamais se decepcionariam desta forma.

— Esquecer o quê? — finalmente questiono.

Ouço uma respiração fraca do outro lado da barreira.

— Tudo.

— Não acho que o álcool seja um bom aliado para isso, Aurora.

Um silêncio toma conta do quarto. E quando acho que ela não falará mais nada, seu sussurro se faz presente.

— Você também já tentou?

Um vinco se forma entre as minhas sobrancelhas.

— Beber?

— Esquecer tudo.

Pego um travesseiro da barreira e libero a visão de seu rosto. Aurora está virada para o meu lado e eu me ajeito, fazendo com que fiquemos um de frente para o outro. Uma de suas mãos repousa abaixo do seu rosto. E

mesmo com a iluminação quase inexistente, não me importo de ficar encarando-a.

Os olhos dela estão tão cheios de segredos que outra pessoa teria medo de desbravar, mas não eu. Eu até mesmo poderia me sentar e ouvir cada um deles, poderia ajudá-la se isso não significasse que, no fim, ela me destruiria novamente.

O silêncio, por um instante, é nosso companheiro.

É como se o mundo estivesse desacelerado.

A noite fosse um mero detalhe.

As horas já não importam.

Nem mesmo o fato de que não deveríamos estarmos tão próximos.

— Mais vezes do que posso admitir — respondo por fim.

— E conseguiu?

— Você conseguiu?

Ela sorri sem mostrar os dentes.

— Você não respondeu a minha pergunta — sua voz é baixa.

— Você faz muitas perguntas.

Aurora tira uma mecha do seu cabelo que cai em seu rosto.

— É o meu signo.

Tenho vontade de soltar uma risada, entretanto meu rosto continua impassível.

Até mesmo me esqueço quem somos ou o que representamos um para o outro. É como se nesses instantes onde o mundo não está nos observando, nós nos tornamos pessoas comuns. Aurora não é a princesa da mídia e eu não sou o capitão do time da NYU ou o filho rebelde do maior advogado de Nova Iorque.

Somos apenas dois universitários.

Duas pessoas perdidas.

Duas almas que sofrem por conta do passado.

— Então? — Ela continua quando não digo nada. — Por que você nunca quis ficar na cobertura que seus pais te deram?

— Porque ela deveria ser de Wena, não minha.

— Ela não aceitou?

— Ela nem mesmo a recebeu — minha voz salta dos meus lábios com raiva. — Sebastian me presenteou quando consegui entrar na faculdade, mesmo que ela tenha recebido a sua carta primeiro. Então, eu não a uso porque ela deveria ser de Wena, não minha.

— Você deveria dizer a ela.

— Ela não me escutaria.

— Rowie te ama, Blake.

Um sentimento que não deveria, toma conta de mim.

Não é bom. Mas é algo que estou familiarizado.

É inveja. Raiva. Decepção.

É a dor que sinto sempre que vejo Rowena sorrir para alguém e nunca para mim.

É a saudade que sinto das noites que ela invadia meu quarto e se deitava ao meu lado, quando nossos pais esqueciam da nossa existência. Wena foi minha metade por todos aqueles anos. Ela foi a minha melhor amiga. Minha parceira de crimes e eu fui a pessoa que ela confiava acima de qualquer coisa.

— E ainda assim você me tirou isso. — Um sorriso doloroso toma conta dos meus lábios.

— Isso não é justo.

— Fazê-la escolher um lado? — ironizo, me ajeitando. — É, você tem razão, não é justo.

— Não, Blake. Não é justo você achar que apenas você perdeu com as escolhas do passado. — Ela não devolve da forma como esperava. Aurora não se delicia com a minha dor, *ela compartilha a dela*. — Se você acha que sai ganhando apenas porque ela escolheu meu lado, está enganado. Doeu mais do que imagina vê-los se quebrando. Doeu presenciar como você se perdeu.

— Não tente ser benevolente, Aurora. Você não sente a dor dos outros. Você se alimenta dela. — Um sorriso de escárnio salta dos meus lábios. — Você manipula a história para sair da forma que deseja. Você fez isso comigo. Me fez quebrar meus limites por você, me fez promessas e então, quando eu mais precisei de você, você me abandonou.

— Você me sequestrou.

— Eu te salvei.

— Aquele noivado deveria ter acontecido.

Sorrio friamente.

— Então por que você me beijou? Por que fodeu comigo? Por que aceitou meu presente? — questiono sem dar tempo para poder responder. — Para provar que tinha poder sobre mim?

— Porque eu...

Ela interrompe sua frase antes que possa completá-la.

— Você?

Ela fecha os olhos por um segundo.

— Não importa.

Não respondo e Aurora parece não querer continuar com isso. Ela foge do embate sempre que acontece. Nunca deixa com que a conversa sobre o nosso passado passe do tópico principal. É como se Aurora sentisse medo de confessar algo que pode mudar toda a perspectiva do que acreditamos.

E, às vezes, até mesmo me pego suplicando para que isso seja verdade.

Para haver algo na atitude dela que não me faça odiá-la tanto quanto a odeio.

E, ao mesmo tempo, tenho medo disso, porque sei que esse ódio que alimento todos os dias é o que me mantém focado no meu objetivo final. Que esse ódio irá me salvar quando todas as peças se encaixarem e as verdades saírem da caixa onde as escondemos.

— Nem todos são seus inimigos, Blake — ela sussurra quando não digo nada.

Sorrio.

— Ninguém é meu inimigo a não ser eu mesmo, Aurora.

Ela se surpreende com as minhas palavras.

Entretanto, é a mais pura verdade. Não há ninguém que possa ocupar esse lugar na minha vida, porque eu mesmo já o tomei. Eu o fiz quando destruí minha alma, quando levei chutes e socos naquele presídio. Quando me recusei a contar a verdade. Quando ela me abandonou.

Eu me tornei meu inimigo.

Porque não há força maior do que nós mesmos.

— Você sempre achou que a tatuagem em seu pulso fosse a que mais te representava — Ela morde o lábio inferior, pensando em suas próximas palavras. — Mas está enganado. A tatuagem que te representa, é a do seu pescoço. É a palavra *inabalável*. — Não me movo, acho que nem mesmo respiro. — Porque você é isso, Blake. E mesmo que ache que é seu próprio inimigo, novamente está enganado. Ninguém pode te quebrar, Blake McLaughlin.

Não consigo desviar meu olhar do rosto de Aurora.

Acho que não consigo nem mesmo me mover.

— Você conseguiu.

— Não, eu nem ao menos tentei.

Ela não desvia a atenção.

— Você não vai dormir, não é? — direciono o assunto para outro lugar.

Ela morde o lábio inferior e mesmo odiando, eu acompanho o movimento.

— Eu te disse, não estou bêbada o suficiente para apagar.

Franzo o cenho.

— Você bebe todo dia para dormir?

— Não. — Ela dá de ombros. — Eu uso outra coisa.

— Outra coisa?

*Jesus Cristo.*

— Não é drogas, seu idiota. — Um som estranho, quase uma risada, salta dos seus lábios. — Eu uso a adrenalina ao meu favor.

— Eu nunca deveria ter te ensinado a pilotar.

— Foi uma das melhores coisas que você fez por mim, Blake, acredite. — Há verdade em suas palavras. — Você me deu a minha segunda válvula de escape preferida.

Algo que não deveria, inebria minhas veias.

— A primeira é o quê?

Um sorriso perfeito toma conta dos seus lábios.

— Filmes.

Eu não deveria ficar surpreso.

Aurora sempre amou animações ou clássicos.

Era a sua distração para as obrigações que seu nome a obrigava ter.

Se algo estava errado, ela via um desenho animado.

Se ela estava feliz, assistia seus preferidos.

— Você ainda os ama.

— Eu nunca parei de amá-los.

Antes que eu possa perceber, me viro, abrindo a gaveta do meu móvel de cabeceira e retiro de lá um controle, ligando a televisão e esperando que o aplicativo de *streaming* abra. Assim que é logado, eu clico em um dos desenhos que sempre esteve na sua lista de filmes favoritos. A abertura da *Disney* não demora a aparecer e quando *Enrolados*[7] começa a ser reproduzido, todo o mundo é esquecido.

Aurora se ajeita, fazendo com que eu precise derrubar a patética barreira e ela tenha uma melhor visão da enorme TV.

— Não está tarde para você assistir a um filme?

Ergo meu rosto, encontrando o seu olhar.

— Eu não me importo.

— Você deveria. — Aurora morde seu lábio — Não quero prejudicá-lo no treino.

— Ainda assim, não me importo.

— Por quê?

— Porque existem coisas mais importantes para mim do que o treino de amanhã, Aurora.

Rora mantém seu olhar no meu por um longo tempo. E é o suficiente para eu desejar que não o faça. Porque eles possuem uma tonalidade que me faz não querer desviar o olhar. Me faz querer levantar minha mão e traçar as poucas pintas em seu rosto.

De repente, ela abre um pequeno sorriso.

— Obrigada, Blake.

Maneio a cabeça, voltando a minha atenção para o desenho.

— Sempre, Aurora.



Acordar com ressaca é a porra de um martírio.

Entretanto, acordar com a cabeça da minha namorada *falsa* descansando sobre meu peito e com a mão pousando na tatuagem que significa mais do que podemos admitir, sem dúvidas, é o meu purgatório.

Meus olhos, pouco a pouco, se abaixam até encontrar o rosto sereno de Aurora. Seus olhos fechados, o nariz que vez ou outra se enruga e a expressão relaxada que faz com que eu fique mais tempo do que necessário admirando-a. Os cabelos castanhos escorrem pelas suas costas tampando meu sobrenome, na camisa que havia lhe entregue na noite anterior.

Em certo momento da madrugada nós adormecemos, mesmo que o desenho ainda continuasse passando, nós caímos em um sono profundo. Agora me arrependo amargamente por passar a madrugada toda acordado ao seu lado, porque meus olhos ardem como se estivessem cheios de areia e meu corpo dói pela posição em que me encontro.

Sabendo que ela possui um sono pesado, eu a ajeito na cama com cuidado e me levanto, indo até meu banheiro antes de descer. Nem mesmo me importo de descer vestido apenas com uma calça de moletom. Contudo, assim que ultrapasso as portas da cozinha ergo uma sobrancelha.

Todos meus amigos estão sentados à mesa. Lynn olha para o seu c*appuccino* com uma expressão que me faz ter medo e, em sua frente, Rowena descansa a cabeça no tampo na mesa, me indicando que não está nada contente em ter que acordar a essa hora. Do outro lado da cozinha, Maverick mexe em alguma massa que não consigo definir.

— Bom dia? — Connor cumprimenta, resmungando.

Ergo uma sobrancelha.

— É apenas dia, Connor — Wena resmunga. — Quem pode ser feliz antes do meio-dia?

— Pessoas normais? — questiono, indo até a cafeteira.

— Onde está Aurora? — Lynn resmunga. — Ela não foi embora ontem.

— Dormindo.

— Dormindo aonde exatamente? — Rowena ergue uma sobrancelha.

— No meu quarto? — devolvo. — Onde mais seria?

O café que Connor tinha acabado de beber voa de seus lábios. Fazendo com que uma careta se forme no rosto de Lynn e um vinco entre minhas sobrancelhas nasça.

— Você nunca deixa ninguém dormir lá, Blake. — Meu amigo pontua.

— Eu deveria chutar a bunda da minha namorada e deixá-la dormir no sofá?

— Seria uma atitude que, se viesse de você, eu não me surpreenderia — Maverick comenta.

— Não funcionou com você, infelizmente. — Reviro meus olhos.

— Você o chutou? — Rowena abre a boca, perplexa.

— Connor não deixou. Mas não pense que não tentei. — Levo a xícara até meus lábios. — Mas também havia a segunda opção.

— Que seria? — É Maverick que questiona.

— Jogá-lo da escada — Um sorriso brilhante nasce em meus lábios.

— Pelo amor de Deus, Blake! — Rowena murmura.

Giro meus calcanhares, indo até a cafeteira e reabasteço meu café.

— Voltando ao ponto principal — Connor sorri em minha direção. — Por que Aurora dormiu em seu quarto?

Abro a boca para respondê-lo, entretanto a dita cuja decide que esse é o melhor momento para adentrar a cozinha vestida apenas com a porra da minha camisa. Aurora nem mesmo se importa com a pequena plateia que a encara, com os olhos arregalados e uma boca entreaberta.

Todos sabemos como é o humor dela ao acordar.

Por isso, nenhum de nós ousa interromper seu processo matinal que resume em apenas caminhar até onde estou, me ignorando e puxando uma xícara do armário antes de enchê-la de café e se sentar ao lado de Rowena.

— Porque o seu amigo idiota não me deixou pegar um *Uber* — ela responde por mim, entre um gemido e um grunhido. — Ele literalmente me arrastou até lá.

— E você parece confortável na camiseta dele — Lynn comenta.

Aurora ergue uma sobrancelha.

— Por hora, eu estou.

Connor lança a ela um sorriso e logo após vira seu rosto em minha direção e fecha a cara, intrigado.

— Você nunca me deixa ficar lá.

— Não vejo motivos para você querer dormir no meu quarto. — Sorrio em sua direção. — Lynn, você tem algo a me dizer?

Uma risada salta dos lábios de Rowena e Aurora revira os olhos.

— Você é um idiota. — Aurora estala a língua no céu da boca.

Aceno positivamente, caminhando até o armário e puxando uma caixa de macarons que sei que pertence a um dos jogadores e entrego a Aurora, que nem mesmo percebe que aceita, apenas continua murmurando algo para Rowena.

Connor se levanta, deixando Lynn conversar com suas amigas e caminha até mim, deixando sua xícara na pia. Maverick nem mesmo tenta chamar a atenção de Rowena, até mesmo ele já sabe que quando as três estão juntas, o mundo deixa de existir.

— Então... Você e Rora? — Connor pergunta, baixinho.

— Não há eu e Rora, Connor. — Estalo a língua no céu da boca. — Eu apenas fiz um favor.

— Favor? — Ele me encara desconfiado.

— Isso inclui assistir filmes? — Maverick pergunta e eu tenho vontade de socá-lo. — O quê? Eu passei pela sua porta e tive certeza de que estavam assistindo uma animação ou...

— Você assistiu o filme favorito dela? — Connor arregala os olhos.

*Porra, Maverick.*

Connor sabe o que isso significa para ela.

Ele sabe que Aurora recorre às suas coisas favoritas quando tudo está ruindo.

— Era isso ou ela não pararia de falar.

*Mentiroso de merda.*

— E você se importa com ela, por quê?

Connor sabe que estou mentindo e eu odeio-o por me conhecer tão bem.

— Eu não me importo.

— Não é o que parece. — Connor assume uma postura protetora. E não é comigo, mas, sim, com Aurora. — Você nunca faz coisas sem segundas intenções, Blake.

— Talvez, dessa vez, eu tenha.

Meus olhos vão para a garota que tenta e falha em ignorar algo que Wena mostra a ela. Aurora nem mesmo sabe tudo o que a rodeia. Ela acha que estamos no mesmo barco, entretanto, o que não sabe é que estou prestes a terminar de afundá-lo e então, nos afogar.

— Isso é perigoso.

Umedeço meus lábios.

— Quando não é?

— Lembra quando você disse que Lynn e eu éramos um problema juntos? — Connor questiona retoricamente. — Você e Aurora são mais que isso. Vocês são destruição. Então, é melhor parar o que quer que você esteja tramando.

Meus olhos se fixam no meu melhor amigo.

— Tarde demais.



# QUE AS ESRELAS TE ESCUTEM

*Eu morreria por você*
*Eu mentiria por você*
*Eu roubaria por você*
*Eu choraria por você*
*Eu topo tudo por você*
*Deitarei a noite toda sob o céu com você*
**You Can Buy Everything | SoMo**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Aurora me ignorou por uma semana após a festa.

Ela nem mesmo apareceu muito nas redes sociais, o que é estranho, já que basicamente colocou como regra termos pelo menos uma foto por semana. Na verdade, nenhuma das garotas apareceram muito na universidade. Todas as vezes que vi Rowena, ela estava apreensiva e Lynn desconversava quando o nome de Aurora vinha à tona.

Eu não deveria me importar. É o certo a se fazer, entretanto, uma parte de mim se recusa a acreditar que está tudo bem, principalmente porque Connor não me diz nada e me recuso a perguntar algo a Maverick.

Sabendo disso, acelero com minha *McLaren* pelas ruas de Nova Iorque e abro as janelas, fazendo com que o clima ameno do outono bata contra meu rosto, ao passo que desvio dos inúmeros carros e esqueço que isso pode me garantir uma multa mais tarde, porque no momento não há nada que me faça desacelerar. É como se, por um momento, eu pudesse extrair todas as dores do meu peito. Mesmo que eu saiba que se fosse a minha moto, a

sensação seria ampliada, eu me contento com o misto de emoções que correr, desta forma, me traz.

É como se o controle fosse meu novamente. A cada vez que meus dedos se fecham no volante e eu acelero, é como se eu realmente fosse inabalável. Nada pode me tocar. Nada pode ousar me vencer.

*Ninguém pode te quebrar, Blake McLaughlin.*

Uma mentira.

Uma porra de mentira que ela contou.

Porque todos conseguiram isso.

Eles me quebraram quando tentaram impor uma rachadura entre mim e Wena.

Quando Jeremiah me encarou com triunfo naquele noivado.

Quando ela me deixou para voltar a Inglaterra.

Todos eles.

Cada um me tirou pedaços inconsertáveis.

E mesmo sobre todas essas coisas, eu consegui me reerguer. Consegui fazer com que as pessoas acreditassem que não havia mais resquício de humanidade, quando, na verdade, eu ainda tenho as mesmas dores que qualquer outra pessoa.

Assim que estaciono em frente ao enorme prédio onde as meninas moram, saio do carro encarando a entrada do edifício. Não demoro a chegar até o elevador e muito menos a alcançar a cobertura delas.

Levo minha mão até o código e antes de digitá-lo, desisto e faço a coisa mais patética em toda a minha existência. Eu bato na porta como a porra de uma visita qualquer. Não sei o porque faço isso, mas é como se, pela primeira vez, eu quisesse que ela me convidasse.

— Você não invadiu desta vez? E o melhor, você aprendeu a bater? — a voz de Rowena me faz revirar os olhos quando percebo que é ela quem abre a porta. — Que orgulho! O meu irmãozinho está finalmente virando um adulto educado. — Ela se vira para trás e grita — Olhe só, Rora, seu namorado agora é um humano sociável.

Levo uma das minhas mãos até meus olhos.

— Você é tão irritante, Wena.

— É a genética dos McLaughlin. — Ela sorri amplamente. — Aurora ainda está se arrumando, mas você pode esperar na sala como uma visita faz, sabe?

Passo por ela, observando o gato preto de Lynn encarar o aquário onde o peixe de Rowena está. Taz rodeia o móvel de uma forma que me lembra Connor, quando está atrás de mim para contar algo que fará chutar a sua bunda.

— Espero que Taz coma seu peixe feio.

— Viu? *Péssimo irmão*. — Ela caminha até o aquário e se inclina. — Não o escute, Dory. Seu tio é uma pessoa rabugenta por natureza.

— E você está falando com um animal.

Ela me ignora, voltando a sua atenção ao peixe e eu caminho até o sofá. Assim que me sento, Taz se aproxima e salta em minhas pernas, aconchegando-se em meu colo e se esfregando em meu abdômen.

*Pelo amor de Deus*.

Eu estarei cheio de pelos quando chegar nesse maldito evento de Aurora. O felino levanta o olhar até os meus e depois encara Rowena com um olhar severo, deixando claro a sua preferência. Até mesmo tenho vontade de soltar uma risada, porque apenas ele seria louco o suficiente para escolher a mim do que Wena.

— Onde está Taz? — O grito de Lynn ressoa atrás de mim.

— Se esfregando em Blake — Rowena devolve.

Nem mesmo me movo, apenas encosto minha nuca no sofá, deixando Taz descansar em meu colo e assim que ela aparece ao lado do móvel, abro apenas um olho e encaro-a de relance.

— Ele sabe escolher suas companhias.

— Infelizmente ele gosta de pessoas complicadas — Rowena resmunga, caminhando de volta para seu quarto.

— Ele gosta de Rora — Lynn defende, antes que a porta se feche.

— E ela não é uma pessoa complicada? — Ergo uma sobrancelha.

— Qual de nós não é?

Lynn tenta, sem sucesso, atrair o gato para ela, mas ele parece bastante confortável enquanto se esfrega na minha roupa.

— Ele me trai por qualquer idiota tatuado — bufa, se jogando no sofá e fingindo estar entretida com as próprias unhas.

Ela esquece, apenas, que eu a conheço e que sei que isso nunca é algo banal. É por isso que reviro os olhos ao encará-la com mais atenção, levando a mão até a pelugem preta de Taz, que começa a miar.

— Pergunte — mando.

Minha amiga olha em direção ao corredor, como se estivesse se certificando de que minha irmã ou Aurora não estejam vindo e depois volta a atenção para mim, assumindo uma postura tensa.

— Eu devo me preocupar em como as coisas estão funcionando entre vocês?

— Do que estamos falando exatamente?

— Vocês se alfinetam a cada cinco minutos, Blake.

— E desde quando isso é uma novidade? — devolvo, não entendendo o seu ponto. — Fazemos isso desde sempre.

— Não *sempre* — me corrige. — E não estou falando apenas por isso, e sim porque agora passam muito tempo sozinhos.

— Está sugerindo que nós dois precisamos de supervisão adulta?

— Deus, você é insuportável — ela resmunga, colocando as mãos em frente ao rosto e me tirando uma risadinha. — Mas, estou falando sério, Blake. Eu preciso me preocupar?

— Não, Lynn. — Dou a ela um sorriso fraco. — Aurora está se comportando bem.

Lynn abre a boca para responder, entretanto, nenhum som sai, pois atrás dela, um barulho de saltos batendo contra o piso nos obriga a encarar o local e me arrependo. Porque caminhando como uma rainha e nem percebendo isso, está Aurora.

Abaixo meu olhar para o vestido verde e longo, que é malditamente deslumbrante. O *design* meticulosamente elaborado abraça as curvas do seu corpo de maneira sofisticada e sensual. O decote do vestido revela apenas a clavícula de maneira sutil e a saia longa e fluida desce até o chão em um movimento suave, criando uma sensação de esvoaçante leveza.

Contanto, é a fenda lateral, estrategicamente posicionada, que adiciona um elemento de ousadia, revelando a perna de maneira sutil à medida que ela se movimenta pela sala colocando o brinco de diamante que é a única joia que usa.

O único detalhe que lembra a sua família.

Puta merda.

Uma rainha. Não, ela é porra de uma deusa.

— Uau — Lynn sussurra.

— Deus, Blake, você está ferrado hoje — Rowena abre um sorriso. — Boa sorte, maninho.

Não posso discordar, porque eu estarei fodido esta noite. E quando Aurora se vira, para pegar uma *clutch* preta, que eu sei que estou ferrado *pra* caralho, porque o decote está todo em suas costas, onde sua pele está totalmente desnuda e alguns detalhes caem em uma linha suavemente arqueada até a curva de sua coluna, proporcionando uma visão cativante, sem ser demasiadamente reveladora.

— Você pode parar de me encarar? — Uma sobrancelha de Aurora se arqueia.

— Não. — chio. — É impossível.

Escuto uma risada e sei que é de Lynn.

— Às vezes eu me pergunto como conseguem *fingir* que são namorados — ela diz.

— Eu me pergunto o mesmo — Dou a ela um sorriso. — Vamos?

— Sim — Percebo que o tom em sua voz não é provocativo. — Quero voltar logo.

— Quantas horas terá que permanecer no evento?

— Três — Ela responde caminhando até a porta e eu a sigo. — É o que está no contrato.

Maneio a cabeça e Aurora segue para fora do apartamento, entretanto antes que eu possa sair, a mão de Lynn segura meu braço e eu me viro para ela com uma expressão de confusão.

— Pegue leve hoje.

Ela diz baixinho, preocupada. De relance vejo Wena balançar a cabeça concordando e uma chave vira em minha mente, fazendo-me perceber o porquê delas estarem agindo desta forma a semana toda e o porquê Aurora está tão calada.

Dez de novembro.

O dia da morte de seus pais

O dia que Aurora se quebrou.

O dia em que eu saí da prisão.

Não respondo a elas, apenas concordo de leve e caminho em direção ao elevador onde ela me espera. Seus olhos estão focados nas portas de metal, mas é como se não estivesse realmente encarando-as. O olhar de Aurora é distante. É vazio. Percebo que nem mesmo chamou o elevador, então aperto o botão e espero ao seu lado em silêncio.

Porque isso é algo que Aurora sempre apreciou.

Quando algo a afetava, ela sempre precisou ficar quieta por um tempo, talvez até mesmo horas. Aurora nunca gostou de se descamar para outras pessoas, nunca gostou que o mundo soubesse que algo poderia afetá-la. E talvez esse seja o problema, ela passou tanto tempo reprimindo o que sentia que agora não sabe mais como pedir ajuda. Não sabe como mostrar a alguém que também precisa ser ajudada.

Não sabe como se distanciar da dor das memórias, porque elas foram sua casa por muito tempo. Ela apenas se contentou em lidar com as consequências dos nossos atos, mesmo que isso significasse que perderia uma parte de si.

Assim que as portas do elevador se abrem novamente e o *hall* de entrada aparece em nosso campo de visão, ela coloca um sorriso lindo em seu rosto e ergue o queixo, estendendo o braço para mim que o pego.

Então caminhamos.

Caminhamos como se realmente fossemos um casal.

Caminhamos como se fossemos a realeza de Nova Iorque.

Intocáveis.

Pertencentes.

Únicos.

E isso dura apenas até que estamos novamente no meu carro, onde ela se encosta no banco e observa a cidade, enquanto dirijo até o local onde precisamos ir. É isso que temos; os momentos quando estamos em público, quando um fotógrafo tem uma câmera direcionada em nós ou em festas, como a do *Halloween*. Nós só temos isso.

Agora percebo que nunca desejei tanto o que tínhamos às escondidas. Pois o que vivíamos era *nosso*. Eu a tocava porque desejava fazer isso, ela me beijava porque o pensamento de não o fazer, doía. Sorríamos porque não conseguíamos não fazer isso quando estávamos juntos.

Eu a tenho finalmente como minha, mas é tudo mentira.

Antes ela não me pertencia, mas ainda assim, seu coração era meu.

— Sinto muito — me pego murmurando.

O rosto de Aurora, lentamente, se vira em minha direção.

— Não é necessário ter pena, Blake.

— Não tenho. — Viro uma esquina. — Mas, eu sei como perdas nos mudam.

— Sinto muito por ela.

Há verdade em suas palavras.

— Minha avó era a única McLaughlin, além de Wena, que merecia o sobrenome.

— Ela morreu como?

A pergunta não me pega de surpresa, porque sei que Rowena evita tocar no assunto e Sebastian fez com que nada sobre a morte de sua mãe vazasse para não prejudicar seus negócios.

— Ataque cardíaco — Uma dor preenche meu coração. — Eleanor tinha um problema congênito no coração e quando fui preso, ela não aguentou o baque. Ela sempre disse que eu conquistaria o mundo, mas ela e Wena eram as únicas coisas que faziam sentido nele.

Aurora se vira no carro, encostando a cabeça no assento e me encara.

— Você não pôde ir ao velório...

— Eu não tive muita escolha — Me aproximo do nosso destino. — Mas você teve a escolha de ir ao dos seus pais e escolheu não ir.

Aurora me dá um sorriso triste.

— E me arrependo todos os dias por isso. — Encaro-a assim que estaciono. — Mas, ao mesmo tempo, eu sei que estava fazendo algo importante.

Abra a boca para responder, mas o manobrista bate de leve em meu vidro e sou obrigado a esquecer a nossa conversa por hora. Assim que estou fora do automóvel, diversos flashes são disparados em nossa direção e só piora quando abro a porta de Aurora e ela segura a minha mão, sorrindo apaixonadamente.

Uma atriz fantástica, julgo a dizer.

Entrando no personagem, forço-me a sorrir da mesma forma e seguro sua cintura assim que ela se firma em seu salto. Então nos viramos para todos os fotógrafos e jornalistas que esperam pela nossa atenção.

— Aurora! — um deles grita.

O olhar dela segue até um homem careca que a encara deslumbrado.

— George — ela cumprimenta alegremente. — É um prazer revê-lo.

— É sempre bom ter a atenção da Princesa da Mídia — ele murmura feliz. — Mas o que todos querem saber é como estão lidando com o fato de serem o casal de ouro da mídia?

Aurora morde um sorriso e vira seu rosto para mim.

— Eu tenho o melhor capitão da NYU como namorado, apenas isso já basta. — Seu tom não me indica nenhum pingo de mentira e até mesmo me surpreendo com a facilidade que mente. — Então é fácil lidar com todo o

amor que meus seguidores direcionam para nós, quando sabem que nos amamos acima de tudo.

Alguns jornalistas sorriem e se viram para mim.

— E você, Blake? — Um garoto com óculos de grau indaga. — Como você está lidando já que há boatos de que o relacionamento de vocês no passado foi conturbado?

*Conturbado? Ninguém nem mesmo saberia do nosso caso se Jeremiah não tivesse mandado vazar nossas fotos quando a sequestrei de seu noivado.*

A resposta soa em minha mente, mas apenas sorrio e volto a encarar Aurora.

Algumas pessoas poderiam encará-la agora e dizer que seus olhos são estrelas brilhantes, mas, para mim que a conheço, sei que são mais, eles são constelações infinitas. O verde de sua retina se intensifica por conta do contraste que o vestido lhe dá e ela... *Deus, não há palavras suficientes.*

— Eu nunca estive melhor — Dou a ela um sorriso. — É uma dádiva chamá-la de *minha*. Saber que eu possuo o seu coração.

Aurora engole em seco disfarçadamente e abre ainda mais o sorriso.

— E você concorda que este vestido a deixou linda? — Outra jornalista indaga.

Viro-me completamente para Aurora e ela ergue o queixo para continuar me encarando.

— Não *apenas* linda. — Digo-lhes a verdade. — Nada poderia se comparar a beleza de Aurora. Ela é a criatura mais fascinante que eu já vi em toda a minha vida. Acho que eu poderia ficar horas listando todos os adjetivos que a representam e ainda assim não seria suficiente.

Com isso, todos os flashes disparam.

E nós, mais uma vez, vendemos a fachada de casal perfeito.

Entretanto, eu não menti. Ela, de fato, é todas essas coisas que falei, acho que nunca poderei desenhá-la tão perfeitamente porque nada se pode comparar a quão perfeita Aurora Conway é.

— Você não precisava dizer tudo aquilo — ela sussurra quando enfim estamos no salão.

— Eu não menti, Aurora. — Minha mão vai até a sua bochecha e digo a mim mesmo que faço isso para vender a imagem de casal. — Você é todas aquelas coisas.

Ela não desvia o olhar e meu toque parece certo em sua pele. Contudo, antes que tenha a oportunidade de responder, algumas pessoas se aproximam e a puxam para uma conversa entediante, fazendo-me caminhar até o bar e pedir uma bebida, sabendo que ela irá demorar. Todavia, assim que me sento, Aurora me encara do outro lado do salão, pedindo socorro com o olhar e lanço a ela uma careta engraçada, recebendo uma de volta.

Levo a mão até o bolso do meu *smoking* retirando o celular e digito uma breve mensagem.

***itsblakemclaughlin:*** *acho que essa senhora precisa de uma nova cirurgia plástica.*
*Tenho certeza de que uma sobrancelha está mais levantada que a outra.*

Aurora pede desculpas e abaixa o olhar para o celular. De repente, ela solta uma pequena risada e morde o lábio inferior quando percebe o que acabou de fazer.

***itsauroraconway****: Puta merda, Blake.*

***Itsblakemclaughlin:*** *Diga-me o que ela está dizendo.*

***itsauroraconway****: Ela está tentando me casar.*
*O neto dela é herdeiro de uma rede de restaurantes.*
*Interessante.*

***Itsblakemclaughlin:*** *Patético. Ele não é digno.*

***itsauroraconway****: E por que não?*

***Itsblakemclaughlin:*** *Porque você merece alguém que*
*não precise da vovó para lhe dizer que está interessado.*

***itsauroraconway****: E você seria essa pessoa?*

Aurora está tão focada em seu celular que nem mesmo percebe que me levanto, deixando a bebida intocada no balcão e a senhora se entretém com um casal longe de Conway.

***Itsblakemclaughlin:*** *Você gostaria que eu fosse?*

***itsauroraconway****: Se minha resposta fosse sim. O que você faria?*

Dou alguns passos em sua direção, parando atrás dela e me inclinando. Um sorriso toma conta dos meus lábios quando ela percebe a minha presença e vira sua cabeça em minha direção.

— Se fosse eu, Aurora — sussurro no pé do seu ouvido. — Eu lhe tiraria para dançar, apenas com o intuito de sentir meus dedos na pele nua de suas costas. E então eu te diria quão entediante esse baile está sendo e que você é a única coisa que se destaca entre todas essas pessoas. E quando você concordasse comigo, eu iria...

Umedeço meus lábios.

— Você iria?

— Então eu iria te levar para o segundo andar desse salão, onde há uma sala privativa e te curvaria sobre a mesa que há lá. — Deixo um beijo em seu pescoço. — Então te comeria até que alguém batesse na porta, porque você estaria gritando o meu nome alto o suficiente para que todos ouvissem. E mesmo assim, eu não pararia. Eu iria te foder até que entendesse que você pode ter todas essas pessoas aos seus pés, mas, ainda assim, há apenas uma pessoa que te possui nessa sala. E você sabe quem é?

— Você é… — ela começa, prestes a dizer algo, mas a corto.

— Exatamente. Eu, Aurora. — Minhas mãos vão até sua cintura, a apertando. E me inclino mais, até meu rosto está na curva do seu pescoço. — Blake McLaughlin, linda. Ninguém mais. Então quando alguém tentar te jogar para o neto patético, lembre-se que você já é minha, mesmo que não aceite isso.

Aurora me encara com os olhos em chamas e eu realmente adoraria fazer tudo o que desejo com ela. Desejo ceder a vontade de beijá-la até que fiquemos sem fôlego. Tenho vontade de tê-la para mim novamente, contudo sei que se fizermos isso, não haverá volta. Não conseguiremos cumprir com a nossa promessa de deixarmos um ao outro em paz após o fim disso.

E por mais que eu a queira, eu não posso tê-la.

E eu já deveria ter me acostumado com isso

— Aurora, querida — uma voz distante faz com que saiamos de nossa bolha.

— Sra. Evans… — Aurora cumprimenta, engolindo em seco. — Como você está?

— Desejando voltar a Inglaterra logo. — Olho para senhora que deve ter seus sessenta anos e ela me encara. — Você deve ser o namorado?

— O próprio — Dou um sorriso. — Me chamo Blake.

— É um prazer, querido. — Sua atenção se volta para Aurora. — Como está Olivia? Deve ter sido horrível perder a família daquela forma tão trágica. Deus guarde a alma deles.

A senhora questiona e eu me pergunto se ela não está confusa, já que Olivia morreu anos atrás, mas pela forma como Aurora se enrijece em meus braços, algo está errado.

— Ela... Eu… — Aurora se enrola nas palavras e eu a trago para mim, fazendo com que suas costas batam em meu peito.

Contudo, alguém esbarra no meu ombro e meu olhar cai para o desconhecido que possui o rosto tampado por um tipo de máscara ridícula, mas que tenho quase certeza de que são para esconder cicatrizes. Minhas mãos seguram ainda mais forte Aurora, porque, de repente, não é a senhora que nos incomoda mais, e sim, como ele encara Conway em meus braços e depois fixa o olhar frio em mim.

— Algum problema? — questiono.

— Nenhum — a voz é rouca, desdenhosa.

— Então, pare de encarar minha namorada desta forma.

— Namorada? — sarcasmo toma conta de seu tom. — Interessante.

Antes que eu possa respondê-lo, ele se vira e some pela entrada dos funcionários, mas percebo que Aurora aperta meu braço com força. Sua expressão já não é mais contente como há poucos minutos.

Duas pessoas conseguiram destruir nosso momento.

Duas pessoas fizeram com que ela se sentisse mal quando demorou para que esquecesse o peso que esse dia tem sobre ela.

— Respire, está tudo bem — sussurro para que apenas ela ouça e ela faz o que instruo. — Faça de novo. — Me viro para a senhora e ela percebe que meu rosto já não é tão gentil como antes. — Se nos der licença, eu preciso levar a minha namorada para tomar um ar.

Antes que possa responder, eu lhe dou as costas, mesmo que eu saiba que é uma falta de gentileza e sigo com Aurora até a saída de emergência. No caminho entrego uma nota de cem dólares para um dos funcionários trazer meu carro e em nenhum momento a solto.

Eu não me importo se isso pode sair nos tabloides amanhã.

Não me importo que seja errado.

Eu apenas sei que ela não está bem desde que saímos do apartamento e não irei ficar parado vendo-a desta forma.

— Aonde estamos indo? — Aurora questiona de repente.

— Para outro lugar.

— Eu tenho um contrato.

— Que se foda seu contrato, Aurora. Você não está bem e não vou deixar que todos aqueles abutres se aproveitem disso. — Minha voz é severa. — Se quiserem um maldito estorno, eu faço questão de pagar cada dólar. Eu pagaria milhões de dólares se isso significar que você não vai voltar para lá. Que não vai sorrir e tirar fotos quando não está bem para isso. Não me importo com nada, se isso significar que você está segura, porra.

O funcionário estaciona a *McLaren* em nossa frente e joga as chaves em minha direção antes de abrir a porta de Aurora, maneio a cabeça agradecendo-o e a ajudo se acomodar, logo em seguida, dou volta e me sento em meu lugar, dando partida rumo ao lugar favorito dela.

Assim que chegamos ao *Empire State Building*, ela solta o cinto de segurança e nós seguimos até a entrada, onde um dos seguranças nos encaram e logo após volta a sua atenção a outra coisa, sabendo que lhe darei um bônus por ignorar a nossa entrada como sempre faz.

Aurora nem mesmo imagina que todas as vindas dela aqui a noite, desde que voltou, só acontecem porque tenho todos os seguranças em minha folha de pagamento. Eu faço com que a deixem utilizar do espaço, para ter seu momento e nunca me arrependerei disso.

Quando as portas do elevador se fecham, ela encosta a cabeça no metal frio e nem mesmo parece estar aqui, é como se estivesse mudando de órbita ou se segurando para não cair.

Nesses momentos, percebo o quanto Aurora esconde atrás de sua coroa.

O quanto o peso de ser a princesa da mídia cobra.

Ela pode ter Nova Iorque aos seus pés, mas Nova Iorque a tem em suas mãos.

O bipe indica que chegamos ao último andar e nem mesmo falamos nada, apenas seguimos até a parte onde podemos observar o céu estrelado e a cidade abaixo de nós.

— Meus pais me levavam para ver as estrelas todos os finais de semana — ela conta.

Eu me aproximo dela, observando que deseja retirar os sapatos. E antes que possa me segurar, me ajoelho à sua frente e pego a sandália de salto pousando-a na minha coxa ao passo que abro a fina tira. Apoiando seu pé

no chão, repito o processo no outro pé e então me levanto, segurando sua sandália e a sigo no local mais afastado.

— Você sempre amou as estrelas.

— Eles são o motivo — ela sussurra. — Eles são o motivo pelo qual eu amo muitas coisas.

Aurora gira seu corpo e então, antes que eu possa perceber, ela se deita no chão, sem se importar em sujar o vestido caríssimo e vira o rosto em minha direção, me encarando sob os cílios e mordendo o lábio inferior.

*Deus, ela é linda.*

*Perfeita.*

— Blake?

— Sim, Rora.

— Nós podemos nos odiar amanhã? — Sua voz é dolorosa. — Eu não tenho forças para fazer isso hoje.

Deixo as sandálias dela no chão por um momento e dou passos até ela, deitando-me ao seu lado e virando meu rosto para poder encará-la.

— Eu posso fazer o que você quiser, Aurora — murmuro, minha mão levanta e acaricia sua bochecha. — Mas, por hoje, eu quero apenas que as estrelas te escutem. Que você esqueça o mundo e que o mundo te esqueça para que possa respirar um pouco. Eu quero apenas que você esteja bem, linda.

Ela leva sua mão até a minha, sem nunca desviar o olhar.

Dor. Arrependimento. Saudade.

Decepção. Passado. Obsessão.

Tudo isso está refletido em nossas retinas. Tudo isso nos mantém assim. E mesmo que não devesse, eu gostaria que esses sentimentos fossem outros.

— Você sente falta deles — eu murmuro.

— Minha mãe é a minha memória inconsolável. — Percebo seus olhos lacrimejarem. — E eu jamais poderei me desculpar.

— Pelo quê?

— Por ela ter se sacrificado por mim, Blake. — Uma lágrima desce pelo seu rosto e eu a pego. — Ela estava naquele carro porque achavam que era eu. Ela era parecida comigo e foi isso que a matou.

— Você não teve culpa.

— Não, os Dellacor tiveram. — Ela solta um sorriso fraco. — Nós tiramos o filho deles, eles tiraram a minha família. Eles fizeram isso porque eu quebrei o acordo. Eu paguei todo o preço, Blake.

— Eu sinto muito, linda.

— O que você teria mudado? — ela questiona. — Se você pudesse. Você teria mudado algo entre nós naquela época?

— Não.

— Por quê? — Aurora engole em seco. — Eu destruí a sua vida. *Eu destruí a nossa vida.*

— Mas antes você me fez vivê-la. — Sorrio fracamente. — Antes de você entrar naquele internato, eu era apenas um herdeiro que seguia as ordens de Sebastian. E depois de você, houve vida, Aurora. Eu me permiti sentir algo, eu *quis* viver algo. Então me chame de sádico, de idiota ou trouxa. Mas eu ainda viveria tudo. Eu ainda aceitaria aquele beijo. Eu ainda entraria no seu quarto e ainda te sequestraria de um noivado.

— Nós fomos efêmeros, Blake — Outra lágrima escorre pela sua bochecha. — E você merece coisas perpétuas.

Aproximo meu rosto do seu.

— Você é a coisa mais perpétua em minha vida, Aurora — confesso. — Mesmo quando isso acabar, mesmo quando você estiver do outro lado do oceano, ainda assim, você queimará em meu peito.

— Quando eu for embora, você poderá ter o mundo, Blake — sua voz é suave, tão suave que me surpreendo. — Porque você merece ele. Cada parte dele deve ser seu, McLaughlin.

Minha testa encosta na sua, nossas respirações são sincronizadas.

Nós somos únicos.

— O problema, é que meu mundo é você, Aurora Louise Conway.

Ela se senta e me encara com a intensidade de mil tempestades e eu devolvo o olhar sem medo do que isso pode me trazer. Estou cansado de andar em círculos, estou cansado de perder mesmo quando faço o possível para que isso não aconteça.

E então tomo a pior atitude para o momento ou talvez seja a melhor.

Não me importo.

Eu me sento, puxo Aurora para o meu colo e selo nossos lábios.

Desta vez não há câmeras, nem testemunhas. Não há nada a não ser nós dois.

E o nosso beijo não é um beijo como os outros, esse é repleto de todos os nossos sentimentos. O tecido do vestido se acumula entre nós ao passo que ela se senta em meu colo e minhas mãos firmes e possessivas encontram refúgio nos seus cabelos, bagunçando o penteado, soltando-os e

fazendo com que seus longos fios caiam em cascatas pelas suas costas. Enquanto as mãos de Rora exploram os contornos do meu rosto com uma urgência avassaladora.

Nosso beijo é um furacão de emoções. A cada toque dos nossos lábios é uma erupção vulcânica de desejos selvagens que estão adormecidos por tempo demais. São todas as coisas que reprimimos. Tudo o que fugimos. Nossas línguas dançam uma melodia proibida, uma coreografia de luxúria que se destaca sobre a cidade que nunca dorme.

Somos um encaixe perfeito.

Somos aquilo que nunca deveria ter sido separado.

Aurora me beija como se estivesse desafiando os deuses, desafiando a própria natureza por ceder a nossa magnitude. E a paixão, misturada com a fúria contida por tanto tempo, cria uma explosão de sensações que nos consome por completo.

Nós nos afastamos por um instante, antes de um novo beijo que transcende o tempo e o espaço tomar conta de tudo.

Um momento que encontramos a calmaria no olho do furacão, onde só existia o presente.

Só existe nós.

Blake e Aurora.

Inimigos. Ex-amantes.

Aurora se afasta ainda segurando meu rosto.

— Se não tivéssemos assassinado Jeremiah, o que teríamos nos tornado, Blake?



# DESPEDIDAS | PARTE III

*Consumindo todo o ar dos meus pulmões*
*Arrancando toda a pele dos meus ossos*
*Estou preparado para sacrificar a minha vida*
*Eu faria isso duas vezes, com prazer*
**Mercy | Shawn Mendes**

## AURORA CONWAY

**PASSADO**

Eu sabia que beijar Blake era um erro.

Mas amá-lo era um desastre.

Eu sabia disso e mesmo assim permiti que ele roubasse meu coração para si e jamais me devolvesse.

Eu me deleitei com cada segundo. Apreciei como, juntos, nos tornávamos únicos.

Eu amei como suas palavras fizeram morada em meu coração. Em como o seu corpo se fundiu ao meu em todas as noites que ele invadia a sacada do meu quarto ou nas vezes que nos esgueirávamos pelos corredores do internato após eu ter finalmente cedido ao meu desejo e beijá-lo.

Nós, mesmo sendo errado, fomos memoráveis.

Agora eu me encontro no pior lugar para estar.

Um lugar que não deveria. Ao lado de alguém que eu mal conheço e odeio. Alguém que sorri sadicamente em minha direção e parece ansiar para colocar suas mãos imundas em mim.

Jeremiah Dellacor.

O noivo que eu nunca desejei.

O acordo que meus avós fizeram para limpar a imagem deles.

O meu demônio desde os meus dez anos.

— Sabe, Aurora — Jeremiah sorri, balançando o copo de *whiskey*. — Eu sempre me perguntei como seria ter a herdeira do império de diamantes como esposa. Como fui sortudo em ter sido escolhido para desposar a filha perfeita de Elena Beaufort. A última herdeira da Casa Beaufort, na Inglaterra.

Respiro fundo, arrumo o laço de meu vestido e coloco um sorriso falso em meu rosto.

Jeremiah, mesmo sendo seis anos mais velho do que eu, não se importa. Ele apenas deseja o dinheiro da minha família. E quando, na noite passada, eu o vi, soube que ele sabia que eu não era a mesma garotinha que encontrou em um único jantar.

Levo meu olhar para os seus cabelos loiros, olhos escuros e o sorriso perverso que me causa ânsia.

— É um desejo audacioso, mesmo para você, Dellacor — Minhas palavras são gentis, mas ele sabe que são uma ameaça. — Dado o histórico de sua família.

— Não acho que o histórico de família seja importante, minha doce Aurora — Seu sorriso aumenta. — Não quando sua mãe desonrou todo o sobrenome Beaufort, ao abandonar a elite britânica, para se casar com um advogado sem classe e se mudou para a América assim que você nasceu.

Tenho vontade de socá-lo por falar desta forma, entretanto, sei o que está em jogo aqui e não pretendo perder. Apenas preciso que ele rompa esse acordo idiota entre as nossas famílias. Eu preciso que ele me deixe em paz, livre.

— Pensamentos arcaicos os seus, Dellacor — Me afasto, ouvindo o som dos meus saltos contra o piso da sala. — Uma mulher em busca do amor, não deveria ser tachada como alguém que mancha um sobrenome.

Ele passa a língua pelo lábio inferior.

— Não? — zomba.

— Não. — É a minha vez de sorrir. — Diferente de pessoas que destroem legados, como seu pai fez, dificilmente famílias se reerguem após um golpe na monarquia que acarreta em um suicídio. Aliás, como sua família está lidando com a morte de seu irmão mais velho, após seu pai ter destruído o que restava do *seu* sobrenome?

Percebo sua mandíbula tensionar.

A raiva palpável em seus olhos me indicam que consegui atingir o meu alvo.

— Eu tomaria cuidado com as palavras, Conway — chia, passando o dedo pela abotoadura que contém o brasão da sua família. De repente, seus olhos se fixam em meus dedos e um sorriso de escárnio toma conta de seu rosto. — Eu achava que apenas as garotas que respeitam o voto de castidade ainda usavam esse anel.

Meus olhos abaixam para a fina aliança de ouro que se encaixa perfeitamente em meu dedo anelar e um único e minúsculo diamante Beaufort orna o *design* minimalista que criaram especialmente para mim.

O anel que sempre odiei.

O voto que nunca desejei fazer me faz odiar meu avô.

— E exatamente o que você quer dizer com isso?

Ele se levanta, os olhos escuros fixam em meus olhos e há algo perigoso rondando suas orbes.

— Estou querendo saber onde você quer chegar, Aurora — Jeremiah dá um passo à frente e eu reteio. — Onde você quer chegar com todo esse papinho tedioso em que você acha que é mais inteligente do que eu?

— Quero discutir nosso contrato.

— Discutir nosso *noivado*? — Ele ergue uma sobrancelha. — É isso que quer dizer?

— Se é assim que você chama o acordo entre nossas famílias. — Dou de ombros. — Que seja.

— E o que você deseja discutir?

— Um cargo na Casa Beaufort e um cheque milionário.

Ele solta um meio sorriso.

— Em troca de quê?

Esperança corre em meu peito, mesmo que seja patético.

— Do fim do nosso noivado. — Digo rápido e a sobrancelha dele se arqueia.

— O fim? — Ele solta uma risada. — Do nosso noivado?

— Sim. — Respiro fundo. — Eu não quero esse casamento.

— Garota estúpida. — sussurra. — Você realmente acha que me importo com seus sentimentos? Se você deseja esse casamento ou não? Acha que eu vou chorar no colo da minha mãe porque a minha noiva não me ama?

Suas perguntas são acompanhadas de gargalhadas histéricas e tudo dentro de mim me implora para correr desta sala. Entretanto, quando penso em fazer isso, ele vem até mim, segura meu pescoço, apertando-o de uma forma que o ar me falta.

— Você. Está. Me. Machucando — agonizo.

— Esse é o ponto, querida. Eu não me importo em te machucar para conseguir o que é meu. — Ele se aproxima, deixando um beijo em minha testa. — Não me importo se você não me ama. No fim, eu ainda terei você. Então, eu vou voltar para a Inglaterra e fingirei que você não está deixando aquele garoto McLaughlin te foder, como se você fosse uma prostituta. E quando eu voltar, você esquecerá a existência dele e nós nos casaremos.

Uma lágrima se aloja nas bordas dos meus olhos e não permito que elas desçam.

Então, faço a coisa mais idiota para o momento, eu cuspo em seu rosto.

— Você não pode me obrigar a me casar.

— Na verdade, eu posso. — Ele limpa a saliva enquanto sorri maliciosamente. — Eu posso tirar o sofrimento de Olivia e matá-la. Posso fazer com que um acidente aconteça e Baron Conway morra. E o meu favorito seria se Blake nunca mais pudesse jogar vôlei, afinal, fraturas acontecem a todo momento. Então qual deles você quer que eu machuque primeiro?

— Você é um monstro.

— Meu irmão dizia isso também. E olha a tragédia que aconteceu com ele. — Jeremiah sorri sadicamente. — Agora, querida, se ajeite e volte para o nosso jantar. E lembre-se que eu estarei indo para casa hoje e em seis meses voltarei e quando acontecer, você será minha.

— Eu nunca serei sua.

— É o que veremos.

Com isso, ele me empurra e eu caio sentada.

Jeremiah tira uma sujeira invisível da roupa e se vira, deixando-me no chão como se meu lugar fosse esse.

Finalmente, a lágrima desce pelo meu rosto.

Finalmente, eu choro.

Finalmente, eu me quebro.

Entretanto, a porta é escancarada e o rosto preocupado de Rowena e Lynn faz com que outras lágrimas desçam pelo meu rosto. Eu não preciso

ser perfeita na frente delas, eu não preciso fingir que ele não me machucou.

Eu apenas posso ser eu.

A Rora.

Lynn é a primeira a me alcançar, ela se joga no chão e me abraça, Rowena faz o mesmo do outro lado. Elas me seguram, mostrando que estão ao meu lado independente das minhas escolhas. Nos tornamos um misto de carinhos e soluços, quando tenho certeza de que meu mundo desaba.

Eu sempre quis um lugar para chamar de lar.

No fim, o encontrei em duas pessoas que são tão loucas quanto eu.

— Está tudo bem, Rora — Rowena sussurra.

— Não está, Rowie.

— Ele te machucou? — Lynn questiona, examinando o vermelho em meu pescoço.

— Ele não vai romper o acordo — é a minha resposta. — Ele… Ele é um monstro, Lynn.

— Nós podemos quebrá-lo se você quiser. — Rowena afirma. — Temos Nova Iorque nas mãos. Temos meios e dinheiro para isso.

— Se eu fizer algo, ele machucaria minha família e até mesmo Blake. — A encaro. — E eu prefiro o inferno a ter que machucar qualquer pessoa que eu amo, Rowie.

— Mas você não pode se machucar para salvar os outros.

Eu seco a última lágrima em meu rosto.

— Mas eu posso machucar aquele que ameaça quem eu amo.

Nenhuma das duas entende o que quero dizer com isso.

Nenhuma sabe o que eu realmente seria capaz para proteger aqueles que eu amo.



Eu não percebi os meses passando.

Não percebi que minha liberdade estava acabando até hoje pela manhã.

Na verdade, eu percebi apenas na última semana, quando, uma última vez, Blake invadiu meu quarto com um convite do meu noivado em mãos e o rosto decepcionado.

Eu não podia mais fazer aquilo. Não podia mais arrastá-lo para essa bagunça e agora percebo que meu tempo acabou, porque Jeremiah nem mesmo cogitou a ideia de esperar que eu completasse vinte anos para conseguir pôr as mãos em mim e na minha herança.

O que fez com que meu ódio aumentasse.

Ele não tem o direito de fazer isso. Não tem poder sobre mim.

— O vestido não fecha — a voz da modista me tira dos devaneios.

Encaro a costureira sobre meus ombros e ela me dá um olhar de que sabe o motivo pelo qual meu vestido de noivado não fecha.

O que faz com que minha respiração trave em minha garganta.

Mas para não alertar todos antes da hora, viro-me novamente para frente e passo a mão pelo tecido branco que deveria acentuar minhas curvas.

— Impossível — Minha voz salta dos meus lábios etérea. — Ou vocês cometeram um erro, ou esse não é meu o vestido. Porque não há muitos dias desde que fiz a última prova das minhas medidas.

A mão dela, de repente, treme e me sinto a pior pessoa por agir assim.

Contudo, a mãe de Jeremiah está há alguns metros de nós e não estou disposta a dar a ela motivos para desconfiar de mim. O olhar de mamãe cruza com o meu pelo espelho. Seu rosto impassível não me indica nada e nem mesmo a mulher atrás de mim entende o que está acontecendo pelas suas costas.

Mesmo que as duas saibam que eu odeio toda essa merda, eu jamais estragaria isso. Nunca faria qualquer coisa para prejudicar meus pais. Não quando eles sacrificaram tanto por mim, quando desistiram de quase tudo para que eu pudesse crescer longe da influência do meu avô.

— Deixe-nos sozinhas — a voz suave de mamãe me faz engolir em seco.

A mulher nem mesmo pisca, ela apenas maneia a cabeça e sorri educadamente, antes de se virar e correr para fora do meu quarto.

— Não acho apropriado, Elena — a Sra. Dellacor refuta.

— Não é apropriado ter um momento com a minha filha antes de entregá-la ao seu filho? — Minha mãe ergue uma sobrancelha e a mulher se cala. — Foi o que pensei. Agora, por favor.

Ela aponta para a porta e quando, enfim, estamos a sós, me permito caminhar até meu *closet* pegando um novo vestido preto e longo e calçar

meus saltos. Entretanto, assim que volto para meu quarto, minha mãe não vem até mim, ela olha para o jardim, onde dezenas de convidados estão. Para onde meu noivo sorri para dezenas de pessoas ao redor, não se importando com o fato de que ninguém da minha família o deseja aqui.

— Você sabia que o vestido não caberia. — Não é uma pergunta.

Dou um passo em sua direção e quando paro ao seu lado.

— Sim.

Não há resposta. Não é preciso.

Meu olhar recai na única pessoa afastada de todos e meu coração despedaça. Despedaça porque ele me odiará quando souber o que escondo. Mas, se eu não fizer isso, se eu não continuar com meu plano, eu não perderei apenas ele.

O *smoking* preto sem a gravata. Novas tatuagens. O cabelo escuro e bagunçado e o rosto desprovido de emoções ao passo que encara Dellacor. Mesmo que sua expressão não indique nada, posso perceber o ódio irradiando de suas pupilas.

Blake McLaughlin.

Impecável.

O homem que amo, que fiz de tudo para afastar e mesmo assim não consegui.

Não consegui porque somos como ímãs que se atraem um para o outro.

Nós somos partes que se encaixam mesmo que seja proibido.

E agora ele precisa me ver sendo entregue a outro homem que não é ele.

— Você o ama — minha mãe constata o óbvio.

— Com todo meu coração.

Ela vira o rosto para o lado.

— Eu sempre me perguntei o motivo pelo qual você não usava seu anel quando estávamos em casa, então eu percebi que você nunca mentiria para nós. Mas não queria contar que quebrou seu voto, então não usá-lo quando estava em casa foi a sua solução — ela afirma, mas seus olhos continuam na festa. — Então eu ignorei a maneira como você e Blake trocavam olhares na empresa ou nas festas. Como vocês se esquivavam durante os jantares. Como ele era protetor com você mesmo que fosse prometida a Jeremiah. Eu apenas ignorei porque achei que fosse uma aventura.

— Eu deveria ter um direito a escolha como você teve — sussurro.

— Eu não tive, querida — Há dor em suas palavras. — Eu fiz o mesmo que você. Eu andei no limiar. Me apaixonei quando não deveria  E quando o pai de Jeremiah soube que eu tinha um caso com seu pai, ele surtou. Ele e meu pai queriam me matar e por isso eu fugi. — Ela finalmente me encara. — Eu fiz a minha fuga.

— Você escapou e agora eu pago pelas consequências dos atos de vocês dois — sussurro, mesmo sabendo que não é justo. — Eu não vou prejudicá-los, mas estou cansada de tudo isso.

— E mesmo assim você pretende se casar porque eu quebrei o acordo anterior.

— Não tenho escolha.

— Você ao menos pretende contar a ele?

— Ele me odiaria.

— Blake vai te odiar de uma maneira ou de outra. — Ela quase sorri. — Você está dando algo que é dele para Jeremiah.

— Eu não sou…

— Eu não estou falando de você.

Meu olhar se arregala.

— Mãe…

— Eu sou sua mãe. — A preocupação toma conta de todo o seu rosto. — Eu te conheço melhor do que ninguém. E é por isso que não posso deixar você pagar pelas consequências dos meus atos. Eu não posso deixá-la descer lá embaixo, aceitar o anel daquele monstro e entregá-la como se fosse um prêmio. Eu nunca faria isso com a minha própria filha.

Uma lágrima ameaça descer pelo meu rosto.

— Se eu não fizer isso, você perde a empresa, mãe.

— E você perde a sua vida.

— Sacrifícios, às vezes, são necessários.

— Sim, você tem razão. — Seu polegar acaricia minha bochecha e eu encaro o seu rosto. — E é por isso que é a minha vez de me sacrificar por você como um dia minha mãe fez por mim.

Um vinco se forma entre as minhas sobrancelhas.

— O que você quer dizer com isso?

— Você se sacrificou por todo esse tempo, Rora. — Ela dá um meio sorriso. — Você se mudou para a Inglaterra para que seu avô não tomasse a

empresa do seu pai quando tinha apenas quatorze anos. Você aceitou o noivado. Aceitou fazer aquele voto idiota. Agora me deixe te salvar.

Maneio a cabeça, concordando.

— Eu te amo, mãe. — Me aproximo dela. — Mas não há como me salvar. Se não fizermos isso, nós perdemos todos os diamantes da Casa Beaufort.

— Não enquanto estivermos vivas. — Ela leva sua mão até meu rosto. — Até que a última herdeira esteja viva, nós ainda somos proprietárias deles.

— Você perdeu o direito a eles quando se casou com papai e eu só posso tê-los quando me casar.

— Não é assim tão fácil. Dellacor não pode tocar nos diamantes — conta e ergo uma sobrancelha. — Porque, mesmo que Manuel me odiasse por destruir todo o acordo, ele sabia que essa família não era confiável e deixou explícito no contrato que os diamantes serão passados para o herdeiro Beaufort mais jovem. É por isso que eles me descartaram quando descobriram que eu estava grávida. Porque a herança dos diamantes da Casa Beaufort eram seus, Aurora, não meus.

Compreensão recaí sobre mim.

Minha boca se entreabre antes que eu possa segurar.

Isso é ruim. Não, é péssimo.

— Oh, merda.

— E agora eles já não são mais seus, não é?

Não sei como responder.

Não sei nem mesmo o que pensar.

— Não — sussurro. — Eles não são.

— Você vai me escutar agora, Aurora. — Maneia a cabeça em direção ao jardim. — Você vai descer, aceitar o pedido de noivado e fingir que não tivemos essa conversa. Quando todos forem embora, nós pensaremos em algo que possa salvá-la.

Dou um passo para trás.

— Me salvar?

— Como você acha que Jeremiah Dellacor vai agir quando souber que a sua noiva teve um caso com o filho do sócio do seu pai e isso o fará perder tudo? — Sua voz desce um decibel. — Blake ou qualquer um dos seus amigos não vão te salvar. Ninguém estava lá para me salvar. — Antes que eu possa dizer outra coisa, ela se vira e caminha até a porta do meu

quarto. Contudo, antes de sair, ela se vira e me encara com o olhar penoso. — Eu vou te dar um tempo para entender a complexidade desse assunto.

— Obrigada. — Um suspiro salta dos seus lábios.

— Desça assim que estiver pronta.

Eu me encaro no espelho. Por um instante imagino se tudo fosse diferente. Se eu não fosse uma herdeira Conway de dezenove anos que está sendo forçada a noivar para cumprir com um contrato. Se eu não tivesse a escolha de uma vida na minha mão.

Mas, se eu descer e aceitar o anel de Jeremiah, me condenarei.

Se eu fugir, condenarei a todos que amo.

Eu ou eles.

Essa é a escolha que eu preciso fazer.

Fecho meus olhos um instante, voltando a me encarar no espelho. Preto está no meu campo de visão. Preto não remete a felicidade, exatamente como me sinto. Nesse momento, enquanto tomo a decisão de magoar a Blake, destruir o meu futuro e entregar ele a Jeremiah Dellacor, eu me sinto vazia.

Me sinto como uma ampulheta.

Vendo a areia cair, o tempo passar e tudo ao meu lado desmoronar.

Sabendo que não posso mais adiar o inevitável, me viro indo em direção às escadas principais e desço sem perceber a movimentação ao meu redor. Não respondo as parabenizações pelo noivado ou pela admissão na NYU. Não, eu nem mesmo me importo com isso, minha mente é apenas uma série de como gerenciar todo esse caos que se formou em minha vida nessas vinte e quatro horas.

— Senhorita Conway? — Tessa, a governanta, me chama.

— Sim?

— Seu pai está chamando-a na garagem subterrânea — Ela me dá um sorriso estranho. — Acho melhor ir vê-lo antes de encontrar o senhor Dellacor.

Minha sobrancelha se arqueia.

— Meu pai não deveria estar com minha mãe?

— Acho que o assunto é importante, senhorita.

Sorrio, mesmo que não haja felicidade e agradeço antes de me virar no sentido contrário e ir até onde me indicou. Assim que adentro o enorme local repleto de carros, uma careta confusa se forma em meu rosto.

Não há ninguém.

— Pai?

Chamo sabendo que é inútil.

Quando avisto a *Aston Martin* de papai estacionado no canto, caminho até ele em um último ato de esperança. Meu pai não a usa muito e das poucas vezes que ele saiu da garagem, poucas pessoas sabiam quem estava ao volante.

De repente, passos soam atrás de mim e tudo estagna.

Meu pai nunca se aproxima de nós em silêncio.

E se não são saltos, isso descarta a possibilidade de ser minha mãe.

Não.

Não.

Não.

Ele não me encurralaria.

Jeremiah não seria tão idiota de me machucar num dia como esse.

— *Hottie*?

Essa voz. Esse apelido.

Viro-me lentamente, encarando seu rosto confuso.

— Blake?

Há tanto alívio em minha voz que nem mesmo percebo que ele está caminhando em minha direção com rapidez e com preocupação rondando suas pupilas. Antes mesmo que eu possa perceber, ele segura meu rosto e me beija.

É um beijo desleixado. Raivoso. Decepcionado.

Ele me segura como se não pudesse me soltar e eu o puxo para mim como se fosse a minha âncora, impedindo-me de submergir.

Antes que eu possa perceber, Blake me ergue, colocando-me sentada no capô do automóvel e continua beijando-me. Ele rouba tudo de mim. Meu ar. Minha vontade de seguir com o combinado. Minha razão. Tudo pertence a ele neste instante.

— Você não deveria estar aqui — digo entre fôlegos.

— Eu sempre vou estar onde você estiver, Aurora.

Ele me beija novamente.

— Nós conversamos sobre isso, Blake. — Engulo em seco. — Nós não podemos mais continuar. Isso não é mais o internato. Não podemos mais nos esgueirar pelos corredores como se não tivesse consequências para os nossos atos.

Cada palavra dói.

Rejeitá-lo dói.

Mas, o que me surpreende, é que ele sorri.

O idiota que eu amo, ao invés de me dar as costas e deixar-me resolver tudo, sorri.

— É por isso que eu tenho a solução para isso. — Ele dá ombros.

— Desculpe-me?

— Rora, meu amor, eu estou te levando daqui.

Meus olhos se arregalam.

Não, ele não seria tão estúpido.

— Você não pode estar falando sério.

Ele dá um passo à frente, eu me viro pronta para correr. Entretanto, antes que eu possa raciocinar, Blake me joga em seu ombro e dá a volta até meu carro do outro lado da garagem.

— Blake? — quase grito. — Você não pode me sequestrar no dia do meu noivado, seu idiota.

Ele vira o rosto de esgueira para mim.

— Não estou vendo alguém aqui para me impedir.

Meu Deus ele vai piorar tudo.

Não apenas isso.

Ele vai destruir todo o plano que minha mãe e eu montaremos mais tarde.

— Isso não é a porra de uma brincadeira, Blake! — rosno. — Me coloca no chão, pelo amor de Deus.

— Eu não vou me sentar e ver você ficar noiva daquele idiota, quando todos nós sabemos que a pessoa que ama sou eu. — Sua voz não soa brincalhona. — Então me chame do que quiser, Aurora. Imaturo, idiota ou qualquer outro xingamento. Eu não me importo.

— Você não entende a complexidade da situação — murmuro quando ele abre a porta do passageiro. — Por favor, Blake.

Blake me inclina, me colocando no banco de trás e antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele fecha a porta, travando-a e impedindo uma fuga. Pisco, perplexa enquanto ele dá a volta no automóvel. Assim que estamos nos nossos lugares, ele trava todas as portas e me encara.

— Eu entendo perfeitamente a situação. — Ele se inclina para mim. — E eu cansei de sermos o segredo sujo um do outro. De te amar em silêncio. Cansei de ter que tê-la nas sombras enquanto ele a terá para si. Ele

não tocará em você e não te dará aquele maldito sobrenome. Eu não vou aceitar isso.

— Você não tem que aceitar nada! — grito.

— Então diga que não me ama. — sua voz se abaixa. É letal. — Diga que ama ele. Que quer se casar com ele. Ter uma família com ele. Diga que fomos apenas um caso. Que não me deseja tanto quanto eu te desejo.

Abro a boca para dizer a ele o que me pediu.

Abro para dar-nos um adeus.

Mas nada saí.

— Foi o que imaginei. — Ele sorri. — Agora, encoste-se, porque eu estou te sequestrando do seu noivado.



# DESPEDIDAS | PARTE IV

*Por você, eu passaria do limite*
*Eu desperdiçaria meu tempo*
*Eu perderia minha cabeça*
*Eles dizem: Ela foi longe demais dessa vez*
*Não me culpe, o amor me deixou louca*
**Don’t Blame Me| Taylor Swift**

## AURORA CONWAY

**PASSADO**

Blake dirigiu até o aeroporto.

Do aeroporto ele me puxou até o jatinho particular da sua família.

Então eu adormeci assim que o avião decolou.

E apenas acordei horas depois em um quarto desconhecido, em algum lugar que eu não consigo reconhecer. Me levanto, indo até as janelas e observo a cidade, mas percebo que está toda iluminada pelas luzes noturnas.

Não é uma metrópole, contudo, também não é uma cidade pequena. Inúmeros prédios dividem a cidade, arranha-céus dominam o centro. Mas, é na parte central que minha atenção se foca. Onde a cidade é divida em dois lados. É perceptível que um lado recebe a atenção que o outro não.

— Bem-vinda a *Saint Vincent*[8]. — A voz de Blake me faz ter um sobressalto. — Minha segunda casa.

Preocupação logo toma conta de mim e sei que meus pais já devem ter acionado a polícia por conta do meu sumiço e isso pode colocar todo o meu plano e de mamãe em risco.

Suspirando fundo, caminho até onde Blake está e encaro-o.

— Você precisa me levar para casa, Blake.

— Não.

— Isso não é um pedido.

— E eu não me importo. — Seus olhos se abaixam. — Eu não vou perdê-la para alguém que você odeia. Não vou deixar a mulher que eu amo se sacrificar desta forma.

— Não é apenas nós dois que corremos riscos, Blake! — grito, histérica. — Você não entende que se eu não voltar, se eu não ficar noiva, todos vão sofrer as consequências?

— Então você prefere apenas acatar o que seu pai manda?

— Eu prefiro que as pessoas que eu amo não se fodam pelo meu egoísmo.

— Não fale como se fôssemos apenas…

— Nós somos, Blake! — grito, apavorada. — Você tem noção do que Jeremiah é capaz? Você sabe o que ele pode fazer conosco? Isso não é a porra do internato. Pare de agir como uma pessoa imatura e comece a pensar nas pessoas à nossa volta. Elas vão se machucar, nós vamos nos machucar.

— Então me diga o que você quer tanto proteger! — Ele devolve no mesmo tom. — Me diga o que você está escondendo de mim, Aurora.

Não consigo pensar em mais nada a não ser no caos que tudo isso irá se transformar. E como se eu estivesse prevendo isso, o telefone de Blake toca, fazendo com que nossos olhos se cruzem. Assim que ele leva ao ouvido, eu sei que estamos completamente ferrados.

— Coloque no viva-voz. — ordeno.

Ele o faz mesmo que não gostando.

— *Blake?* — a voz da minha amiga ressoa preocupada.

— Wena?

— *Papai, ele…* — Ela suspira. — *Ele está quebrando tudo, Blake. Ele perdeu o controle quando descobriu que você sequestrou Rora.* — Minha irmã faz uma pausa. — *Ela está bem?*

A voz da minha amiga faz com que eu me aproxime, mesmo que eu deseje socar Blake no momento.

— Rowie… — sussurro.

— *Rora… Você está bem?* — Lynn, de repente, pergunta e percebo sua voz amedrontada.

Altman nunca demonstra sentimentos. Não depois que seu irmão morreu, mas quando se trata de nós três, ela passa por cima das suas próprias barreiras.

— Eu… — Encaro, Blake. Meu coração dói. — Eu preciso voltar, Lynn.

— *Jeremiah não aceitou o que Blake fez, Rora.* — Ela faz uma pausa. — *E alguém expôs o relacionamento de vocês para a mídia. Nova Iorque toda sabe que vocês tinham um caso, Aurora.*

— O quê? — Blake chia.

— Ele não faria isso — minto para mim mesmo.

— *Eu não sei, mas agora ele quer vingança* — Meus olhos encontram com os de Blake enquanto a voz de Rowena aumenta. — *Jeremiah gritou isso na festa. Ele deixou claro que mataria Blake. E eu… Eu estou com medo dele conseguir. Não posso te perder, Blake. Você é a minha metade, lembra?*

O olhar de Blake vai até o aparelho em suas mãos.

— Ei, Wena, respire — Blake murmura. — Nada irá acontecer. Eu vou resolver isso, ok?

— *Você promete?*

— Eu nunca quebraria uma promessa que fiz a você, Wena. — Há tanto zelo em seu tom. — Eu sou a sua metade. Até o fim de tudo, somos nós dois. Ok?

Meu olhar encontra o de Blake assim que ele desliga. Seus olhos se tornam perigosos. Ele entende finalmente o que isso significa. O que podemos perder. Quem podemos machucar com isso.

— Me leve de volta. — suplico. — Ainda dá tempo de consertar tudo. Eu posso fazê-lo mudar de ideia. Então, apenas me leve de volta, Blake. *Por favor.*

Entretanto, o barulho de um jatinho pousando na propriedade dos McLaughlin, faz com que Blake se aproxime de mim, entregando-me a chave do seu carro em uma ordem clara e silenciosa. Ele dá um passo para o lado, a fim de ver quem pousou em uma propriedade privada e quando seu olhar se volta para o meu, sei que tudo está prestes a derrocar.

— Não, linda. — Engulo em seco. — Não há mais tempo.

Blake vem a passos rápidos até mim, segura meu rosto e me beija.

Um beijo doloroso.

Cruel.

Uma despedida.

Eu nunca me importei com fins, mas nunca imaginei que esse seria o nosso.

— Deixe-me resolver isso — peço, baixinho. — Eu posso lidar com isso.

— Eu não posso permitir que ele te machuque.

Seguro sua blusa. Lágrimas preenchem a borda dos meus olhos.

*Não me deixe.*

*Não me deixe.*

*Não me deixe.*

— E eu não posso permitir que ele faça algo com você.

Blake deposita um beijo em minha testa e se vira.

— Eu te disse que eu sou maluco quando se trata de você, Aurora — sua voz é baixa. — Mas antes de eu ir lá fora, eu quero que saiba que mesmo que saiamos daqui de uma forma que não imaginamos, que eu faria isso tudo de novo. E eu não me arrependo de nada. Eu não me arrependo de ter te amado, Aurora Louise Conway.

Então ele se vira e eu acompanho o movimento, dando um passo em sua direção. Contudo, Blake é mais rápido e me tranca no quarto, deixando-me completamente sozinha. Corro até a sacada, estudando a altura e constato que será impossível pular, mas, assim que meu olhar se volta para a cama, avisto o telefone abandonado de Blake.

Jogo meus saltos pelo quarto, correndo até ele e disco o número que decorei desde a adolescência.

No primeiro toque eu me movo pelo quarto.

No segundo, eu tento a maçaneta.

No terceiro, vasculho as gavetas

No quarto, encontro uma chave reserva na mesa de cabeceira.

— *Blake?* — a voz severa me alivia. — *Onde você está com a minha filha, porra?*

— Pai?

Um suspiro aliviado salta dele.

— *Rora*. — chama. — *Você está bem? Onde você está?*

— Saint Vincent. — conto, pegando a chave. — Eu preciso de você, pai.

— *Sebastian e eu estamos embarcando agora* — Fecho meus olhos. — *O que há Aurora?*

— Tem alguém na propriedade. — sussurro. — Blake, não me deixou descer, mas eu ouvi o jatinho pousando e vi como Blake saiu com medo. Pai, ele…

— *Jeremiah está transtornado* — ele conta e ouço alguém gritando. — *Você e Blake não devem chegar perto dele. Se escondam, saiam daí. Apenas fiquem longe*.

— Certo, eu preciso desligar.

— *Estou mandando alguém para ajudá-los*. — Ele sussurra e percebo que não quer que ninguém saiba. — *Mas prometo que vou chegar a tempo, passarinho.*

Ele promete.

Eu acredito.

Contudo, assim que coloco o celular entre o vão dos meus seios e destranco a porta, posso ouvir os gritos de Blake e Jeremiah. Posso sentir que ele não está sozinho e o que quer que aconteça aqui, é o nosso fim.

A passos lentos, caminho pelos corredores até a escada e me escondo entre os pilares.

No último degrau, Blake está parado com os braços cruzados e impedindo qualquer pessoa de subir enquanto Jeremiah sorri depravadamente ao lado de um homem alto e amedrontador. Os orbes frios de Dellacor estão no rosto de Blake e tudo em minha se torna pavor.

Lembranças dele me segurando pelo pescoço.

Dele ameaçando as pessoas que eu amo.

A vontade imensurável de vomitar toma conta de mim. Contudo, não posso pensar nisso agora.

— Onde ela está, seu merdinha? — O sotaque carregado me causa arrepios.

— Não aqui.

— Não me faça de idiota.

— Sua *quase* noiva te abandona e eu sou o idiota? — Blake debocha.

— Todos sabemos que ela foi sequestrada.

Um sorriso de escárnio toma conta do seu rosto.

— Que sorte a dela.

Jeremiah dá um passo à frente.

— Ouça-me, McLaughlin, pela pouca paciência que ainda me resta — ameaça, irritado. — Me devolva a Aurora. Eu não sei onde você estava

com a porra da sua cabeça quado teve a audácia de sequestrá-la, mas ela *me* pertence.

Blake afrouxa a gola de sua camisa branca, dá um passo à frente e seu sorriso aumenta. Mesmo que Dellacor seja alto, Blake ainda é maior, o que o faz ser ainda mais amedrontador mesmo sendo mais novo. McLaughlin umedece os lábios e fixa suas pupilas no homem a sua frente.

— Não é audácia, Dellacor. É olho por olho. — Seu tom é letal. — Eu a tenho e continuarei tendo. E tudo o que fiz, foi apenas retaliação por você achar que tinha o direito de roubá-la de mim.

Antes que eu possa perceber, o punho de Jeremiah acerta a mandíbula de Blake. Sangue escorre pelo seu lábio e preciso morder a palma da mão para conter o grito. Todavia, Blake não se acovarda, ele leva do dedo até o sangue que escorre pelo queixo, o limpa e sorri para seu rival com desdém.

Ele é a visão do perigo agora.

Blake McLaughlin é a personificação de um deus da guerra.

Ele não se importa em sair daqui arruinado. Ele nem mesmo se importa com o que pode acontecer.

— Onde está Aurora, seu merdinha?

— Britânicos possuem péssimos modos de tratar seus anfitriões ou isso é uma atitude específica dos Dellacor?

O sarcasmo na voz de Blake me surpreende, principalmente pelo fato de que ele está em desvantagem. Jeremiah vira seu rosto para o segurança atrás dele.

— Suba e ache aquela vagabunda — ordena. — Está na hora de ensinar os verdadeiros modos britânicos para esse idiota.

Blake tenta se mover, mas, de repente, Jeremiah o puxa pela gola e uma luta entre eles é travada. Socos e murros são distribuídos e mesmo que Dellacor seja forte, Blake tem toda a preparação dos treinos e a boa coordenação motora, o que o faz ter vantagem.

O segurança sobe os degraus rapidamente, fazendo-me virar e correr pelos corredores atrás de um esconderijo. Assim que alcanço o quarto principal, rasgo meu vestido para que não me atrapalhe e percebo que precisarei achar algo para me proteger e ajudar a Blake.

Entrando no *closet*, vasculho todas as coisas e não encontro nada. Pelo menos até que começo a procurar em um dos armários e percebo um

revólver escondido entre a lateral do armário superior. Confiro as balas e percebo que há apenas duas.

Duas chances.

Duas maneiras.

Ou Jeremiah me mata, ou nós dois saímos daqui mortos.

Contanto que Blake possa viver, eu não me importo.

Ele me sequestrou para me salvar.

Ele se tornou o anti-herói para que eu pudesse ter a chance de uma vida longe de um casamento infeliz.

Agora é a minha vez.

Contudo, antes que eu possa destravá-la, alguém solta uma risada atrás de mim e puxa meu cabelo, fazendo com que eu caia do outro lado do *closet*. A arma que estava em minhas mãos, cai e assim que eu chego até ela, um chute atinge a minha costela e sinto o tecido do vestido rasgar. Apoio-me em meus braços, prestes a levantar, mas o idiota pisa em minhas costas, machucando-me e me gira, fazendo com que minha cabeça bata no assoalho.

Tudo, de repente, roda. Mas me recuso a perder tão facilmente.

— Eu nunca entendi a obsessão do meu chefe por você — zomba. Ele se abaixa um pouco pegando meu rosto e desferindo um tapa, cortando a lateral da minha bochecha. E depois outro, sangue escorre pelo meu lábio inferior. — Tão patética. Mas ele me prometeu deixar foder sua bunda antes de sairmos daqui. Então, por que não fazer isso enquanto eles brigam lá embaixo como dois animais?

Ele se inclina mais um pouco e quando está prestes a me virar, aproveito todo o treinamento de autodefesa que tive durante todos esses anos e seguro seu braço, forçando-o a se abaixar e então soco seu rosto em um lugar estratégico, ouvindo praguejar. Soltando-me, ele dá um passo para trás. Seus olhos focam na arma e um sorriso nasce em seus lábios. Ele nem mesmo imagina que sei manejar uma arma melhor do qualquer pessoa nesse lugar, após anos de treinamento com meus pais.

Sabendo disso, me arrasto rapidamente até o revólver, o destravo e miro em seu peito.

E antes que o filho da puta possa pensar duas vezes, atiro.

Sangue respinga em meu rosto.

Seus olhos se fixam nos meus.

Não há arrependimento em mim.

Era eu ou ele.

*Eu não me importaria de matá-lo se isso significasse que as pessoas que eu amo estariam seguras e longe de toda essa confusão.*

A frase que sussurrei a minha mãe ressoa em minha mente e uma lágrima desce pelo meu rosto. Eu acabei de matar alguém que está aqui para me machucar, para machucar o homem que eu amo e eu não vou permitir isso. Não vou permitir que ninguém me tire mais pedaços do que já me tiraram.

Observando o corpo cair no chão, me apresso em esgueirar pela casa.

A adrenalina que corre em minhas veias agora é diferente; nubla meus pensamentos e me faz apenas agir em modo defesa.

De repente, minha visão fica turva e eu solto uma série de palavrões por ser o pior momento para que isso possa acontecer. Engulo em seco, respiro fundo e volto a caminhar ignorando como meu corpo pede descanso.

Os gritos de Jeremiah e Blake aumentam.

Meu sangue gela em minhas veias.

Vermelho cobre a minha visão.

Lágrimas descem pelo meu rosto.

Sangue cobre minhas bochechas.

Porém, ignoro tudo isso e corro com todas as minhas forças, ignorando a dor latente em minha costela e pedindo aos céus para que eu chegue a tempo. Contudo, quando estou no patamar da escada, observo que eles já não estão mais ali e desço os degraus rapidamente, tropeçando em meus pés e fazendo um novo rasgo no vestido para esconder a arma na cinta liga.

Assim que alcanço a parte externa da propriedade, me arrependo.

*Não.*

*Não.*

*Não.*

— Oi, querida — a voz de escárnio de Jeremiah me faz estagnar. — Você chegou na hora.

Não respondo. Não posso. Porque o homem, há metros de mim, está com uma arma apontada diretamente para o peito de Blake.

Para o homem que eu amo.

Para a única pessoa que me conhece por baixo de tudo.

Eu sabia que não deveria ter caído em tentação. Sabia que era proibido. Inacessível.

Mesmo assim, não me importei, e quando percebi, eu já pertencia a ele de corpo e alma.

Blake McLaughlin pegou todas as partes do meu coração, remendou-as e as amou.

E, agora, eu estou perdendo-o.

Perdendo-o por um erro meu. Apenas meu.

— Jeremiah — sussurro. — Deixe-o ir.

— Não — Blake grunhi.

— Oh, como são lindos — O psicopata abre um sorriso. — Eu te disse tantas vezes que eu não me importava com a aventura de vocês. Você queria foder um americano, Aurora? Que fodesse. — Ele afirma e seu tom é nojento. — Você quer experiência para quando formos casados? Faça-o.

— Deixe-a ir.

— Então agora você quer que eu deixe-a ir? — Ele gargalha histericamente. — Após roubá-la de mim?

— O que você quer de mim? — grito.

— Tudo o que meu pai perdeu quando a vadia da sua mãe preferiu um americano a ele.

Percebo que ele está estrategicamente parado ao lado da colina. Assim que atirar em Blake, o corpo dele cai no lago. Mesmo que ele não morra pelo tiro, há uma boa probabilidade de se perder no lago. Minha mente trabalha rápido entendendo tudo; a dificuldade nas buscas lhe dará tempo de fugir do país.

— Eu não tenho culpa de nada.

— Pelo contrário, querida. — Ele inclina a cabeça. — Você tem culpa de tudo. — Ele atira uma vez, mas nada sai. — *Ops*, acho que teremos de brincar de roleta russa, não é mesmo?

O revólver em minha perna pesa.

Matar um segurança é fácil de encobrir.

Matar um herdeiro britânico, será impossível.

É uma escolha.

É a venda da minha alma ao diabo.

— Jeremiah — suplico.

— Temos mais algumas tentativas. — O sorriso dele aumenta. — Mas para ser gentil, eu te dou uma escolha, querida. — Ele aponta a arma

entre mim e Blake. — A felicidade dele ou a sua. É só escolher.

O olhar de Blake me encontra.

Sangue escorre pelo seu rosto.

Arrependimento inebria suas retinas. Medo as minhas.

— Me desculpe — sussurra.

Ele engole em seco.

— Eu te amo. — devolvo.

A risada desdenhosa de Jeremiah me faz encará-lo.

— Isso é patético. — Ele dá um passo em direção a Blake com a arma ainda apontada para o seu peito. — Vamos jogar um jogo, Aurora.

— Deixe-o ir — Tudo em mim suplica para que eu pegue a arma em minha coxa. — Isso é entre você e eu.

— E você realmente acha que haverá algo depois que eu terminar aqui? — Ele sorri. — A mídia toda sabe que vocês possuem um caso e todos amam vocês. Você realmente acha que eu vou tolerar ser chamado de segunda opção? De noivo abandonado?

— Você nunca foi uma opção, Jeremiah. — Dou um passo na direção dele. — Você sempre foi apenas uma mancha na minha vida. Uma maldição que procurei me livrar. Uma perda de tempo para a sua família.

Mais um passo e percebo a veia de seu pescoço salta.

— Aurora… — Blake avisa, mas não há tempo.

— Você é só mais um na busca pela minha herança — Sorrio e minha mão escorrega para o lado onde o revólver está. — Mais um herdeiro patético que acha que pode me transformar na esposa troféu. Mas, me deixe te contar uma coisa, Jeremiah. — Umedeço meus lábios. — Eu sou mais que isso. Eu sou a única com direito a herança dos Beaufort. Eu sou intocável. Sou seu pesadelo e mesmo que você tente me destruir, eu sempre vou vencer.

— Cala a boca, porra — Ele move o revólver para mirar em mim. — Você é apenas uma boceta premiada.

— Não. — Adrenalina, de repente, toma conta de mim e me pego me abaixando. — Você está totalmente enganado.

— O que caralhos você está fazendo?

Antes que ele possa raciocinar, pego a arma escondida e miro em Jeremiah.

É o fim.

Eu posso ver isso na minha frente.

Posso ver que será a última vez que nossos olhos se encontram.

E como se soubesse disso, Blake vira seu rosto em minha direção. Pavor toma conta dele quando ele percebe o que estou prestes a fazer, o que eu estou prestes a abdicar.

Com um suspiro e uma coragem que eu não sabia que não existia em mim, eu atiro.

Atiro no homem que odeio.

No meu noivo.

No homem que prometeu me destruir, mas que não terá essa chance.

Quebrando assim o acordo que meus avós fizeram.

Porque prefiro me autodestruir, a ter que observá-lo quebrar as pessoas que eu amo.

O barulho ecoa por todo o jardim e fecho meus olhos segundos antes da bala acertar o corpo de Jeremiah Dellacor. Ele dá dois passos para trás e percebo uma dor em meu braço esquerdo. Contudo, o que eu não esperava era que Blake se virasse e o empurrasse da colina.

Fecho meus olhos sabendo o que isso significa.

Blake deu o golpe final.

Ele participa do que não devia.

Ele, ao meu lado, acaba de assassinar um Dellacor.

Acaba de assinar sua sentença.

E eu sou a culpada disso.

— Rora?

Minhas mãos tremem.

— Você está bem? — pergunto.

— Você está sangrando, Aurora.

Dou-lhe um sorriso. Não é caloroso, nem mesmo soa verdadeiro.

— Não é meu.

Entendendo o que quero dizer, Blake se aproxima, toma meu rosto em suas mãos e me encara. Seus olhos ainda contém o medo que só nós dois sabemos o que significa. Minhas mãos, de repente, tremem e a dor na coluna se intensifica.

Merda.

Merda.

Abro os lábios para lhe dizer que realmente poderíamos ter perdido com toda essa situação, mas não tenho oportunidade, porque inúmeros seguranças começam a atravessar o jardim e Blake me coloca atrás dele. De

relance percebo um homem que observa cada centímetro do lugar enquanto seus homens averiguam a gravidade da situação.

Então, ele leva o olhar até o meu.

Poder exala de sua expressão.

Olhos âmbares me encaram.

Ele leva a mão até o terno caro, ajeita-o e me dá um sorriso que deveria causar medo, mas não o faz, não depois de tudo o que aconteceu hoje.

— Vocês causaram uma confusão na minha cidade — sua voz rouca e autoritária me alcança.

— E quem é você?

Mas um passo em nossa direção.

— Você deve ser Aurora Conway e você, Blake McLaughlin.

Blake o encara com desconfiança.

— Eu sou a pessoa que Baron enviou para ajudá-los — afirma e por um segundo respiro. — Mas podem me chamar de Jonathan. Jonathan Blackwell.

— Puta merda — murmuro.

— Exatamente — Blackwell cruza os braços. — Agora, eu preciso perguntar a coisa mais importante, porque apenas um de vocês conseguirá sair livre deste lugar.

Engulo em seco.

Ele sabe. De alguma forma, Jonathan sabe que assassinamos alguém.

— Quem vai se responsabilizar?

Blake me encara de esgueira, me dizendo o que jamais aceitarei.

Ele vai crucificar seu futuro

Ele vai tomar toda a culpa do que fizemos para si.

Ele vai me salvar..

— Não.

Ele não me escuta e quando meu olhar se levanta, percebo inúmeros policiais invadirem a propriedade. Não há como parar, não há como nos salvar. Escarlate pinta minha pele, confessando o que fizemos, lágrimas descem pelo meu rosto. E sinto tudo em mim se estilhaçar.

— Fui eu. — Ele afirma, convicto. — Eu matei Jeremiah Dellacor.

# 19

# O QUE TERÍAMOS NOS TORNADO

*Olhando pela janela*
*Diga ao mundo e aí nós vamos*
*Para qualquer lugar que você se sinta em casa*
*Porque eu sei que você se sente sozinha*
*Fuja, fuja comigo*
**Run Away | Chase Atlantic**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Existem momentos que todos nós sabemos que é o ponto de escolha.

Uma encruzilhada onde sabemos que, se não agirmos, não tomarmos uma atitude, isso vai nos perseguir pelo resto de nossas vidas.

Eu sabia disso naquele dia.

Sabia que quando me perguntassem quem era o responsável pela morte de Jeremiah Dellacor, eu estaria me condenando. Contudo, o meu acalento, foi saber que mesmo que eu estivesse sofrendo naquele presídio, Aurora estaria a salvo. Ela estaria bem e poderia continuar sua vida sem que o contrato de seu noivado ditasse seu futuro.

Todavia, eu estava enganado.

Agora me questiono o que realmente teríamos nos tornado se aquele ano não tivesse sido uma sucessão de erros. O que teríamos nos tornado se eu não tivesse a sequestrado. Se Jeremiah tivesse aceitado o fim do acordo e Aurora não tivesse atirado nele.

São tantos *"e se"* que a cada vez que os repito em minha mente, sei que estamos longe de sabermos. Na verdade, jamais saberemos. Porque não

há como voltar ao passado, não há como desejar que seja diferente, porque não será.

Nós nos quebramos.

Nos machucamos.

E agora precisamos viver com as partes feias dos nossos corações.

Quando a beijei, três noites atrás, eu também sabia que estava em um momento de escolha. Sabia que se eu tomasse aquela atitude, nós estaríamos novamente em nosso caminho para a destruição. Mas o que eu não percebi no momento, era que eu já não me importava mais.

Eu só queria Aurora e estava cansado de reprimir isso.

Eu só a queria e eu a tive.

— Você está quieto demais — Connor afirma, se jogando ao meu lado.

Percebo que estou sentado na sala de estar há mais tempo que o necessário e o jogo de algum time de vôlei passa da TV que nem mesmo havia percebido que tinha ligado.

— Onde estão todos? — desconverso.

— Na fraternidade do time de futebol americano — conta, mas sua sobrancelha se arqueia. — Você não recebeu o convite?

— Recebi — Dou de ombros. — Só não lembrava.

— Você não está apenas quieto — constata, se sentando ao meu lado. — Está estranho.

— Não estou.

— Sou seu melhor amigo há mais tempo do que você gostaria e sei quando está mentindo. — O idiota se vangloria. — Agora, desembuche.

— Eu beijei a Aurora — confesso.

— Vocês estão fingindo um relacionamento, é normal — afirma o óbvio. — Nova Iorque toda só fala em como vocês pareciam apaixonados naquele baile. Eu até mesmo acreditei quando Lynn me mostrou a foto.

— Não, Connor. — Tombo minha cabeça para trás, encarando o teto. — Eu beijei Aurora porque *eu* quis beijá-la. Eu a beijei quando não havia ninguém para fotografar.

Seu rosto se vira em minha direção.

Não há um resquício de humor ali. Ele entende o que quero dizer.

— Merda. — pragueja. — Eu te disse que era má ideia.

— A porra da minha cabeça não estava pensando.

— É perceptível. — Revira os olhos. — E agora?

— Agora nada.

— Você não vai encontrá-la na festa?

— Ela não vai.

— Nunca imaginei que um dia veria Aurora Conway fugir de uma festa.

— Ou de mim — murmuro a contragosto e meu amigo se levanta, girando a chave em suas mãos. — Ela está me evitando.

— Isso também não é uma novidade. — Ele solta uma risada fraca e se prepara para virar em direção à saída. — Se eu posso te dar um conselho, seria para não colocar seu coração em risco novamente, porque ela *vai* te machucar. Mas, se fizer isso, saiba que eu sempre escolheria seu lado, como quando você escolheu o meu uma vez, Blake.

Ele dá uma pequena batida no meu ombro quando não respondo e some, me deixando sozinho na solidão da fraternidade. Odiando o silêncio, me levanto, pego minha carteira e a chave e vou até a garagem, onde minha moto está e acelero com nenhum destino em mente, apenas com a vontade imensurável de silenciar todos meus pensamentos.

Desvio de alguns automóveis e corro pela ponte do Brooklyn antes de perceber que a sensação que sempre me acompanha, de repente, diminui. Não há mais pensamentos conflitantes. Nem mesmo todas as minhas memórias dolorosas.

Somos apenas eu e minha moto.

Não há nada mais que importe.

*A felicidade dele ou a sua. É só escolher.*

*Fui eu. Eu matei Jeremiah Dellacor.*

*Eu não vou te ajudar.*

*Eu te amo.*

*Ela foi embora, Blake.*

*Sua ficha está limpa, mas você sempre será uma decepção.*

Escuto todas as vozes em minha mente. É como se nada pudesse pará-las.

Eu o joguei.

Eu me responsabilizei.

Mas a pior parte? Eu não me arrependo.

Eu faria aquilo novamente. Não pensaria duas vezes se, por um milagre, Jeremiah aparecesse, mesmo que todos saibamos ser impossível. Se ele ameaçasse a vida das pessoas importantes para mim, eu não me

importaria de, mais uma vez, socá-lo até que ele precise de uma arma para me parar. Tampouco me importaria de jogá-lo outra vez de uma colina, mesmo que eu nunca diga a Aurora que seu tiro acertou apenas o ombro dele.

Ele caiu naquele precipício.

Diretamente no lago.

Eu o matei. Não ela.

*Assassino*. Era como me conheciam na prisão.

*Herdeiro rebelde*. Foi assim que Nova Iorque me apelidou.

*Fracassado*. Meu pai sussurrou em meu ouvido.

Eu tenha suspeitas, mas nunca soube como Sebastian me tirou de lá. Apenas sei que fui absolvido e minha ficha criminal foi limpa. Não parecia que em um momento eu estava sendo socado por outros detentos, no outro estava caminhando em direção a Annabeth e ela me mandou sorrir no jantar, como se eu estivesse acabado de voltar de um mochilão pela Europa. Ninguém nunca mais comentou sobre eu ter sido preso pelo assassinato de um herdeiro. Ninguém nunca explicou como Jonathan Blackwell conseguiu se livrar do corpo do segurança, sem que alguém soubesse da sua existência.

Assim, de uma hora para a outra, eu voltei a ser apenas um herdeiro da elite nova-iorquina. Não houve mais consequências. NYU ainda estava me esperando. Minha vida apenas parecia que havia sido pausada e, não, *destruída*. Contudo, *ela* não estava lá. Aurora havia embarcado para Inglaterra poucas semanas depois da minha prisão.

Sem explicações.

Sem despedidas.

Sem a porra de um término digno.

Ela apenas fez Rowena de pombo-correio.

E minha irmã escolheu protegê-la. Ela nunca me disse nada sobre Aurora. Nem mesmo quando eu disse que precisava enfrentá-la. Que ela havia sido covarde. Rowie olhou para mim e me chamou de *mimado*. Me disse que era o fim. Que eu deveria aceitar e que ela estava escolhendo proteger a sua melhor amiga, mesmo sabendo o quanto aquilo me machucava.

Balanço a cabeça, voltando a minha atenção para a rua e me inclino para o lado. Percebendo que estou indo em direção ao prédio de Aurora. Para onde eu deveria me manter distante, principalmente, depois do que

aconteceu na noite passada. Mesmo que eu saiba que ela está me evitando pelo fato de que sabemos que somos uma soma com resultado desastroso.

Mas o problema é que eu gosto de desastres.

Eu gosto do erro.

De quebrar regras.

E talvez seja por isso que estou indo até ela.

Na verdade, talvez esse seja o motivo pelo qual *sempre* vou até ela.

Eu vou até ela quando ela pilota sozinha à noite.

E mesmo que não saiba, estou ao seu lado.

Eu vou quando ela se deita no *Empire State Building* para observar as estrelas.

Quando está sozinha em uma pista de dança, achando que está alucinando.

Eu estou lá segurando-a para que não caia.

Quando, toda sexta-feira, ela vai até o hospital e eu nunca quis descobrir o motivo.

Sempre quis que *ela* me contasse o porquê vai lá.

Eu sempre a procuro. Sempre quero saber se ela está bem.

Porque ela me faz desejar essas coisas. Ela fez isso desde o primeiro instante. Aurora desperta algo que não consigo compreender e nem lutar. Me faz perder o controle, me desnuda, me consome, *me tem*, quando nem mesmo percebe isso.

Tiro o capacete, assim que estaciono em frente ao prédio, me endireito e o observo, antes de finalmente me dirigir até a entrada do edifício com o intuito de ir até o seu andar e bater na porta, orando para que ela realmente esteja em casa e não em mais uma das suas inúmeras aventuras naquela moto.

— Sr. McLaughlin?

O porteiro me chama, quando estou perto do elevador.

— Sim?

— Você pode entregar isso no apartamento da sua irmã? — pede, hesitante. — Srta. Conway pediu, mas não consegui entregar ainda.

— Com certeza.

Maneio a cabeça em sua direção, pegando o pedido e indo até o elevador, assim que finalmente estou em seu andar, dou alguns passos até a porta e bato. Não demora alguns segundos para que eu possa ouvir passos leves e quando a porta se abre devagar, Aurora nem mesmo levanta o rosto

do celular. O pijama de seda preto me indica que, de fato, ela não está a fim de ir à festa e me pergunto se isso é bom ou ruim.

— *Hm*, o pedido chegou rápido.

— Então, me tornei seu pedido, *hottie*?

O sorriso em seus lábios, pouco a pouco, morre.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu tenho uma pergunta melhor — Sorrio me encostando no batente da porta. E ela tenta puxar o saco de papel das minhas mãos, o que me faz me inclinar e ficar cara a cara com ela. — Por que está fugindo de mim?

Ela estala a língua no céu da boca.

— Eu te perguntei primeiro.

— E eu não me importo.

Aurora desiste de lutar, se vira e entra no apartamento, deixando-me parado na porta. Aproveito o movimento para adentrar o espaço e passo meu olhar rapidamente pelo local, percebendo que não há vestígios de Taz ou de qualquer outra moradora da casa.

Ela realmente está sozinha. E Aurora odeia estar sozinha.

— Diga o que quer e vá embora.

Abandonando a sacola no balcão, me viro para ela.

— Onde está Lynn e Wena? — indago.

— Na festa. — Aurora caminha até a geladeira tirando uma garrafinha de água. — Aliás, por que não está lá?

— Porque eu não vou a festas sem a minha namorada.

— Falsa — fala, apontando a garrafa para mim. — Namorada *falsa*.

— Ainda assim, namorada.

Ela revira os olhos, beberica sua água e me encara quando deixa o objeto no balcão.

— O que está fazendo aqui?

— Você me perguntou algo. — Dou de ombro. — Vim lhe dar a resposta.

Um suspiro salta de seus lábios e ela amarra o cabelo em um coque bagunçado.

— Não me lembro disso.

— Pois deveria.

— Por quê?

Um sorriso de canto nasce em meus lábios.

— Porque a sua resposta para a minha pergunta, vai ditar o rumo do nosso contrato, Aurora — aviso, percebendo uma linha aparecer entre suas sobrancelhas.

— Não iremos falar sobre o beijo...

— Não é sobre ele — a interrompo-a.

— É sobre o quê?

— Você me perguntou o que teríamos sido Você gostaria realmente de saber isso?

Dou um passo em sua direção. Meus olhos irradiam algo que desejo há anos.

Ela engole em seco.

— Não.

Aurora reteia.

— Tente outra vez.

Mais um passo. Poucos centímetros nos separam.

— Não quero.

*Dois centímetros.*

— Mais uma vez.

*Um centímetro.*

— Não posso — sussurra.

— Por quê?

— Porque isso — Ela balança os dedos entre nós dois. — Não vai acabar bem. Então, não, eu não quero saber. Eu nem deveria ter perguntado isso a você.

— Nós já estamos arruinados, *hottie*. — Umedeço meus lábios antes de soltar um sorriso. — Por que não aproveitar o que ainda nos resta?

— Blake.

Seguro seu queixo com delicadeza, obrigando-a a me encarar.

— Aurora.

— É um erro.

*Não. Não é.*

— É o *nosso* erro.

— Não quero machucá-lo.

*Você não pode. Não mais.*

— Você já o fez.

— E eu pago por isso até hoje — Um sorriso triste nasce em seus lábios.

Me aproximo mais, ela dá seu último passo para trás fazendo com que suas costas batam na parede mais próxima. Seus olhos estão fixos em mim, uma mistura de emoções tumultuando sua expressão.

— Eu não irei dizer que sinto muito.

— Não preciso da sua pena.

— Você não a tem.

— E o que eu tenho, Blake?

Passo a língua pelo meu lábio inferior. Aurora acompanha o gesto e eu aproveito para colocar minha mão livre acima de sua cabeça, inclinando-me para sermos apenas nós, mesmo com o espaço vazio.

Nossos rostos estão nivelados. Nossos olhos fixados um no outro.

Seu cheiro me consome. Seus lábios tomam minha atenção.

Tudo nela me faz vibrar.

— Minha raiva. Meu ódio — sussurro, me aproximando um pouco mais. Nossos narizes roçam um no outro. — *Meu desejo, Aurora.*

Sua mão sobe até meus ombros.

Ela tem uma escolha. Aurora sempre a terá.

Se ela me empurrar, é o fim. É o fim das provocações. Das discussões. Tudo.

*Ela tem uma escolha.*

Mas ela não o faz. Ao contrário, Aurora finca suas unhas em meus ombros, mostrando-me que também sente medo disso. Sente medo de deixar o que há entre nós, escorrer pelas nossas mãos.

— Eu estou fora dos limites para você, Blake.

O silêncio pesado paira no ar, interrompido apenas pelos nossos batimentos cardíacos acelerados. Sinto a dor em suas íris e o desejo invadir cada parte de seus lindos olhos verdes.

— Deveria ter me dito isso antes de me deixar te beijar.

— Pra quê?

— Você me perguntou o que teríamos sido. — A sala, antes carregada de silêncio, agora ecoa a intensidade dos nossos sentimentos em uma sinfonia tumultuada. — E agora eu vou te mostrar o que teríamos sido, *linda.*

Então meus lábios estão nos dela.

Marcando-a. Consumindo-a. Relembrando-a.

Eu dou a ela, tudo o que eu sempre desejei.

Dou meus sentimentos. Meus desejos. Minha raiva. *Minha saudade*.

As mãos de Aurora arranham de leve meu pescoço, fazendo-me arfar em seus lábios. Sei que ela desconta todas suas frustrações em mim, assim como eu faço. A raiva pulsa através de cada fibra de nossos seres, um fogo intenso que queima por dentro. Despedaça cada barreira que construímos a cada vez que nossas línguas dançam em uma coreografia elaborada.

Mordo seu lábio inferior e Aurora devolve na mesma medida.

Prenso-a contra a parede, subindo minhas mãos pelo seu corpo até seu pescoço esguio. Meus dedos se fecham na pele macia e sinto sua pulsação.

É descontrolada. Animalesca. Recíproca.

Ela me beija como uma punição.

Como se estivesse jogando uma partida perigosa e o resultado final possa ser a nossa ascensão ou ruína.

Eu a beijo como uma devoção.

É epifania pura.

Adrenalina toma conta do meu corpo, de repente. E nem mesmo a sensação que sinto quando estou acelerando pelas ruas de Nova Iorque pode se comparar com esse momento.

Aurora, por completo, é incomparável.

No entanto, mesmo que estejamos mostrando um ao outro como nos machucamos, como somos quebrados, ainda assim, há algo mais, algo indescritível, que nos puxa irresistivelmente um para o outro.

Algo que sempre nos ligou.

Algo que me deixou obcecado.

De repente, seguro sua bunda, impulsionando seu corpo e obrigando-a a circular suas pernas em meus quadris. Sem desgrudar nossos lábios, começo a caminhar cegamente até seu quarto, onde ela prontamente me ajuda a ditar o caminho com gemidos quase que incompreensíveis. Assim que nos tranco na enorme suíte, deposito-a em sua escrivaninha e me afasto, encontrando seu olhar, faíscas de ressentimento e desejo dançam entre eles.

— É a sua última chance, Aurora — sussurro, beijando seu pescoço. — Me mande embora. Me mande para o inferno. Porque eu não vou conseguir parar quando eu te ter de novo. *Eu não vou parar.* Então... apenas mande, linda.

Ela se afasta e encosta sua testa na minha. Suas mãos seguram meu rosto e não nos movemos. Nossas respirações altas se sincronizam.

— Eu não consigo — devolve, baixinho. — Eu quero você, Blake. *Eu preciso de você* por uma só noite. — O desespero dela é tão palpável como o meu. — Amanhã você pode voltar a me odiar. Você pode voltar para o lugar que te protege. Mas hoje — Uma pausa agonizante toma conta do espaço. —, *Apenas seja meu*.

Em um momento de impulso, seguro seu rosto com as mãos.

— Infelizmente, Aurora, eu sempre fui.

No instante seguinte, nós nos encontramos em um beijo fervoroso, uma mistura de paixão e hostilidade.

Sua mão delicada desce até a minha jaqueta, jogando-a no chão, depois segura a barra da minha camiseta, puxando-a e descartando-a em algum lugar do quarto. A pouca iluminação faz com que minhas dezenas de tatuagens fiquem visíveis e Aurora levanta o braço dedilhando todos os desenhos com curiosidade, indo desde as que fiz quando a dor era tanta que apenas um novo desenho podia me distrair até as minhas favoritas.

*Meraki.*

*Inabalável.*

*Ampulheta.*

*Wena.*

*Por fim, a Aurora Boreal.*

Aurora acaricia cada uma dessas tatuagens com uma expressão concentrada, como se elas fossem seus desenhos favoritos em todo universo. O toque que deveria me repelir, na verdade, me acalenta. E eu odeio isso. Odeio que ela tenha esse poder sobre mim que, com apenas um toque, ela desarme todas as minhas barreiras.

Com isso, seguro seu pulso, encarando-a e então, a beijo com selvageria.

Ela não recua, tampouco eu.

Eu a tomo como minha droga favorita.

— Beijá-la me faz sentir como se estivesse intoxicando cada parte da minha alma — murmuro contra seus lábios, minha mão sobe novamente até seu pescoço, prendendo-a como se fosse um dos seus inúmeros colares de diamantes. — Mas sabe o que é pior? Eu não me importo. Eu poderia beijá-la até a morte. Porque a cada vez que eu tenho seus lábios nos meus, tenho ainda mais fome.

As pupilas de Aurora se dilatam.

Porra.

Perfeita.

— Então, não pare — ela implora e eu solto um sorriso.

— Eu não poderia nem se quisesse.

Um ruído de protesto salta dos seus lábios quando me afasto um pouco, apenas para tirar meus tênis e a pego no colo, levando até a cama onde a deposito e puxo-a para a beirada antes de me ajoelhar diante a ela e entre suas coxas.

Seguro o short e Rora levanta o quadril para que eu possa tirá-lo e ao passo que o deslizo pelas suas pernas, noto que está sem calcinha. Me inclino e deposito um beijo em sua pele. Assim que jogo o tecido para trás, sorrio ao finalmente ver sua boceta encharcada.

Perfeita.

Minha.

*Apenas minha.*

— Você sabe por quanto tempo eu sonhei com você assim, linda? — sussurro, espalhando sua lubrificação do clitóris por toda a sua boceta, apenas observando-a fechar os olhos e morder os lábios. — Sabe por quanto tempo eu me imaginei te fodendo em todas as posições, para então bater na sua bunda por todo esse desejo que me causa?

As costas de Aurora se arqueiam em antecipação.

Sorrio quando meu polegar alcança sua entrada, afundando-o apenas um pouco e ela arfa. Aproveito o movimento para fazer com que minha língua se arraste por toda extensão de sua boceta, enquanto jogo uma de suas pernas em meu ombro, fazendo com que fique exposta para mim.

Inclino minha cabeça fazendo com que minha boca se sele em seu clitóris e finda uma sucção forte. Prazer enraizado se espelha por todo meu corpo ao passo que Aurora rebola deliciosamente contra meu rosto e minhas mãos a impedem de fechar suas pernas. Sua cabeça tomba para trás enquanto minha língua desliza, chupa e aproveita tudo o que está me dando.

É a porra do meu paraíso.

Aproveito seus gemidos incontroláveis, seu gosto salpicando em meus lábios e a maneira como eu me sinto sabendo que ela está perdendo o controle por mim. Eu a abro ainda mais, dando-me acesso a toda a sua boceta e me deleito com seu gosto.

Em como sonhei cada noite em tê-la assim para mim.

Ela é perfeita.

Fascinante.

Minha obsessão.

— Blake... — gagueja, perdida em seu êxtase.

— Você é tão perfeita, linda. — Dou mais uma longa lambida. — Perfeita para mim.

Sua mão se fecha em meu cabelo e então ela ergue o quadril para fora do colchão, abrindo-se para mim, deixando com que minha língua brinque com seu ponto sensível. Minha mão sobe por dentro de sua blusa, resvala seu seio esquerdo, pressionando o mamilo eriçado enquanto minha atenção está na forma como a lambo e chupo toda.

Com a mão livre, eu adiciono dois dedos em sua boceta e um grito salta dos seus lábios enquanto a fodo, intercalando minhas lambidas profundas com as penetradas rápidas. Minha boca toma tudo o que ela está me dando. Soltando seu seio, ancoro minha mão em sua bunda, erguendo-a e me dando mais acesso.

Quero mais, infinitamente mais.

— Merda, n-não pare — gagueja, se esfregando em meu rosto e puxando o lençol de sua cama. — Por favor, Blake. Não pare.

Sorrio depravadamente.

Nem mesmo se quisesse, eu não conseguiria parar.

Aurora é meu ponto fraco.

Ela é o meu desejo mais sujo e obscuro.

É quem eu jamais conseguiria dizer não.

— A sensação de fazer a princesa da mídia implorar por algo é tão fascinante — Assopro seu clitóris, mordendo-o de leve. — Tão deliciosa que eu me pergunto como seria se todos soubessem como você se esfrega tão descaradamente no rosto da pessoa que te sequestrou quando você ia noivar com outro.

Ela arfa e eu lhe dou mais uma lambida.

— Blake...

— Diga de novo, *amor* — Começo um movimento de vai e vem. — Diga meu nome.

Antes que ela tenha a chance de responder, eu volto a chupá-la. E tenho a sensação de que acabo de reencontrar meu novo vício.  E apenas o

pensamento de não tê-la à minha mercê novamente, já me causa sinais de abstinência.

— Me diga, linda, você quer gozar no meu rosto ou quando meu pau estiver enterrado dentro de você?

— Merda! — grita, quando lhe dou uma nova lambida. — No seu rosto.

Aurora joga a cabeça para trás e eu aproveito para me afastar e dar uma nova mordida em sua coxa, tirando dela um novo gemido. Então, chamando pelo meu nome com urgência, ela se esfrega em meu rosto descontroladamente, enrijecendo suas costas antes de se derreter em meus lábios, gritando pelo meu nome enquanto engulo cada gota do seu orgasmo.

Bochechas coradas, pupilas dilatadas pelo desejo e cabelos bagunçados.

Linda. Uma maldita deusa.

Antes que possa recuperar o fôlego, me desfaço da minha calça e da boxer, observando como Aurora me desnuda com o olhar. Seu foco recai em meu pau e levo minha mão até ele, bombeando-o lentamente até que uma pérola de pré-sêmen se forme na ponta.

Ela morde o lábio inferior, encarando-me com luxúria e eu sorrio.

Estico meu corpo, pegando minha carteira no bolso da minha calça, e retiro um preservativo, rasgando a embalagem com pressa e arrastando pelo meu comprimento antes de observar Conway se ajoelhar na cama, puxar a blusa, jogando-a pelo quarto, e focar em mim. Contudo, meus olhos estão em seus seios perfeitos. Uma vontade imensurável de tê-los em minha mão e então em meus lábios, toma conta de mim. Me pego subindo na cama, ajoelhando-me de frente para ela e enrolando seus cabelos em meus pulsos para que eu possa erguer seu rosto e beijá-la.

Meus lábios tomam o dela com força.

Com desejo. Com raiva e desespero, tornando-se uma dança de emoções conflitantes.

É o pavio à beira de um vulcão em erupção.

Sua mão arranha meu peito nu até chegar em meu pau, onde ela fecha os dedos ao redor da minha extensão e bombeia. Entretanto, ela faz de uma forma que me tira um gemido fraco e meus lábios mordem os seus.

Minha mão se fecha em seu seio direito, brincando com ele ao passo que ela se deleita com meu pau. Soltando seu lábio, ataco seu pescoço deixando inúmeras mordidas que ficarão marcadas amanhã e desço até sua

clavícula repetindo o movimento. Até que minha boca pare no vale entre seus seios e deslizo minha língua pela sua pele sedosa, antes de fechá-la em seu mamilo.

Meus dentes mordem o bico rígido e excitado, degustando o quão gostosa é a sensação dela totalmente exposta para mim. Sinto Aurora soltar meu pau e arquear as costas enquanto seus dedos se levantam e se fincam meu cabelo, bagunçando-os.

Aurora solta uma série de resmungos quando me afasto, giro-a e a coloco de quatro na minha frente, tendo a visão de sua bunda e sua boceta totalmente molhada. Ela se ergue um pouco e eu aproveito o movimento para puxá-la contra meu peito, segurar seu pescoço, enquanto lambo a extensão do seu pescoço e viro seu rosto em minha direção, apertando o seu ponto de pulsação.

— Você precisa de mim dentro de você, *hottie*? — induzo sombriamente. — Você precisa de mim tão fundo em sua boceta?

Envolvo meu punho em volta do meu pau, correndo a cabeça dele em sua bunda e sentindo-a se arquear para mim em busca de alívio. Esfrego-me em sua intimidade, apreciando como ela deseja isso.

Como ela *me* deseja.

— Eu preciso… Merda, por favor — suplica.

Sorrio contra seu ombro, deixando uma nova mordida.

— Tão linda implorando. — Projeto minha língua para fora, lambendo a marca avermelhada que a minha mordida deixa e um novo gemido salta dos seus lábios. — Quando você geme meu nome assim, você torna tudo muito difícil de resistir, sua maldita provocadora.

Ela se inclina, fazendo meu pau roçar a sua entrada e eu forço suas costas para baixo, abro suas pernas e me inclino lambendo sua boceta, deliciando-me com a forma como ela grita meu nome. Aurora se firma em seus cotovelos, empina a bunda em minha direção e eu aproveito para posicionar-me em sua entrada.

Quando finalmente empurro dentro dela, sinto o aperto quente de sua boceta pulsar ao meu redor, solto um gemido. Meus olhos se fecham ao passo que minhas mãos se fecham em sua cintura e deslizo meu pau completamente para dentro dela.

— *Oh meu deus* — ela engasga, sua pele vibrando sob minhas mãos.

Saio dela, lentamente, ouvindo-a reclamar e então empurro novamente. Com força. Sem nenhuma graciosidade. Eu apenas fodo como sabemos que desejamos. Sua boceta pulsante e desesperada me toma com força. Ela bate sua bunda em mim e nossos movimentos se tornam sincronizados.

— Porra… — Resvalo um tapa em sua bunda.

Ela se arqueia para mim e aproveito o movimento para enrolar o comprimento de seu cabelo em meu punho e puxá-lo, ao passo que bombeio dentro dela com força e seus gritos invadem meus ouvidos como música viciante. Minha mão acaricia sua bunda de leve no lugar onde desferi um tapa, antes de descer novamente com tanta destreza que estala no quarto e um novo grito pode ser ouvido.

— Blake, droga! — ela grita, forçando-se contra mim.

Sorrio. É sombrio. Fatal. Destruidor.

Mais um tapa estala pelo quarto e eu me deleito ao ver a vermelhidão em sua pele.

Outro tapa.

Aurora tomba a cabeça para frente, morde o lençol e eu puxo o comprimento do seu cabelo, fazendo-a levantar.

— Não me prive dos seus gemidos, linda. — Mais um tapa. — Me deixe escutá-la enquanto eu bato na sua bunda gostosa. — Outro tapa. — Me deixe apreciar o quanto você é uma safada.

Quando ela grita, empurro mais forte dentro dela, sorrio aumentando o impulso e sentindo sua cama balançar com a força na qual estamos fodendo. É quase que animalesco. É prazer puro. É a forma que encontramos de punir um ao outro por tudo o que aconteceu.

Me abaixo, colocando minha mão sobre a sua e observando-a entrelaçá-las.

— Quando eu lhe disse que você me pertencia, *hottie*, eu estava falando a verdade. — Passo a língua pela extensão do seu pescoço. — *Você é minha.* — Sorrio depravado, quando percebo ela se forçar ainda mais no meu pau. — E eu não me importo se você odeia isso. Porque no fim disso, você *ainda* é minha. Você ainda terá todas as nossas lembranças te atormentando e ninguém nunca será capaz de te fazer sentir como eu faço. Então, minta o quanto for. Mas saiba que você nunca vai deixar de me pertencer, seja aqui ou na Inglaterra.

Aurora joga a cabeça para trás e morde os lábios.

Quando acho que ela não dirá nada, a maldita lança-me um sorriso frio, malicioso.

É um sorriso sujo, cheio de ousadia.

— E você ainda é meu — afirma e eu me ergo trazendo-a junto. Seu braço levanta e sua mão agarra meu cabelo enquanto sua cabeça tomba em meu ombro e eu empurro. — Você também pode dizer que me odeia. Que me quer longe. Que eu sou seu pesadelo. *Mas você é meu, Blake*. E você nunca vai superar isso, porque eu também vou te atormentar para sempre. Seja aqui ou na Inglaterra.

Com isso, saio dela, pego-a no colo e a levo até o enorme banheiro do seu quarto. Aurora não entende de início, mas quando a coloco no chão, posiciono-a de frente para seu espelho gigante e sorrio, ela me devolve o gesto.

Inclinando-se, ela agarra a borda da pia e empina a bunda em minha direção.

A minha visão favorita.

Aproveito para lhe dar um novo tapa, agarrar seu pescoço, sentindo seu ponto de pulsação e entrar bem mais fundo nela. Os olhos de Aurora encontram os meus no espelho e seu peito balança a cada vez que empurro dentro dela com tanta força que a fez se segurar para não cair.

Minhas mãos se fecham tão forte em sua cintura que sei que amanhã ficará marcada e nem mesmo me importo, porque eu já a deixei marcada o suficiente para todos saberem a quem Aurora Conway pertence. E sempre vai pertencer.

Ela se arqueia, gritando meu nome como se fosse uma prece e eu me deleito com isso. Seu cabelo cai em cascatas para o lado esquerdo e seus mamilos endurecem no ar frio do banheiro. Subo minha mão até eles, beliscando-os e perco o último resquício de sanidade que possuo. Sua boceta ondula ao redor do meu pau e entro de uma forma que a faz gritar a plenos pulmões e jogar a cabeça para trás.

— Olhe na porra do espelho, linda — ordeno, deixado uma nova mordida em seu ombro. — Olhe como você me pertence. E como eu estou à sua mercê. Olhe como nós dois somos juntos.

Inabaláveis.

Certos.

Proibidos.

Intoxicados.

— Blake...

Um gemido alto e agudo se forma em seu peito e vaza pelos seus lábios ao passo que empurro com tudo o que tenho dentro dela. Meus quadris batem em sua bunda de uma forma que sei que a deixará dolorida pela manhã, mas não ligo.

Eu apenas a quero.

Eu a quero desta forma.

Com os lábios entreabertos, bochechas coradas e com os cabelos grudados em sua testa. Eu a quero enquanto proclama que sou dela. E mostro que ela é totalmente minha. Cada parte dela. Corpo e alma.

Porque porra, eu sou. Eu sou dela. E ela é minha.

Nós somos um encaixe perfeito que não poderá ser desfeito nem mesmo pelo ódio que sentimos um pelo outro.

Ela é magnífica. Fascinante.

Minha respiração, de repente, fica mais acelerada, quando, mais uma vez, acelero meus movimentos, ouvindo o banheiro ser inundado com nossos sons obscenos. Nossos olhos não se desviam. Ela me encara pelo espelho e eu sorrio ao passo que fodo com tudo que tenho.

Aurora solta a pia, ergue o corpo e cola suas costas em meu peito. Uma de suas pernas se levanta e eu a ajudo. A nova posição me dá espaço para empurrar mais forte e é isso que eu faço. Gasto o resto da minha força entrando nela em um movimento de vai e vem que me obriga a respirar mais forte.

— Porra, Blake! — Desço minha mão até que esteja em seu clitóris sensível, aproveitando para circulá-lo com meu polegar e Aurora tomba a cabeça em meu ombro. — Merda, eu estou tão perto... Tão perto, Blake.

Aprecio a nossa visão pelo espelho. Mas o gemido alto que salta de seus lábios, ao mesmo tempo que contemplo a maneira como me encaixo perfeitamente em seu centro, me faz esquecer a ideia por um segundo para ir mais fundo.

Nossos olhos se encontram uma última vez e ela sorri para mim.

É lindo. Alucinante.

E, mais uma vez, eu volto a sorrir para ela.

— Olhe como você é uma boa garota, que nem mesmo desvia o olhar de onde sua boceta engole meu pau — praticamente rosno quando sinto se apertar contra mim. — Você é tão linda.

Desacelero o movimento por um momento apenas para observá-la me levar mais fundo e assim que volto a socar com força, Aurora solta outro grito.

— *Blake... Por favor, Blake, me deixe…*

Todo o controle dentro de mim é perdido ao vê-la tão sensível e implorando. Seguro-a implacavelmente, enquanto bato dentro dela, minha respiração ofegante pode ser ouvida e a ferocidade do nosso prazer toma conta de todos os átomos do meu corpo.

— Sim, porra! — rosno, apertando sua coxa com força. — Grite a porra do meu nome, linda. Me dê isso, *amor*.

— Blake. — Sorrio ao vê-la ceder. — Eu vou, Blake...

— Eu sei, linda.

As paredes internas de sua boceta se apertam em torno de mim, fazendo com que um orgasmo rasgue através dela com uma força inesperada. Sem conseguir me controlar mais, o prazer chamusca minha espinha como um relâmpago e eu afundo contra ela uma última vez, antes de atingir meu êxtase ao mesmo tempo que ela.

Aurora, em toda graça e elegância, faz com que meu nome salte de seus lábios em alto e bom som.

Eu grito o dela.

Minha.

*Minha por completo.*

E nada vai mudar isso.

# 20



# VERMELHO

*Às vezes, me pergunto: Quando você dorme*
*Será que você está sonhando comigo?*
*Às vezes, quando olho nos seus olhos*
*Eu finjo que você é meu, o tempo inteiro*
**Delicate | Taylor Swift**

## AURORA CONWAY

Eu acordo sozinha.

Não é de se surpreender.

Na verdade, eu deveria ficar aliviada. Contudo, não fico.

Eu encaro o teto do meu quarto, repassando toda a noite em minha mente. A maneira como ele me beijou, como apreciou cada parte do meu corpo e então me fodeu como se essa fosse ser a nossa única chance. Todos esses momentos tomam conta de mim.

A sensação de tê-lo, outra vez, foi como me deleitar em um manjar dos deuses.

Blake não me fez promessas.

Ele me mostrou o que desejava, para então pegar e logo após ir embora, na calada da noite.

Simples. Sem complicação. Apenas uma noite que precisávamos para aplacar o desejo que queimava em nosso âmago. Todavia, a verdade não é essa. Porque eu ainda o desejo. Eu ainda quero repetir a dose do veneno que apenas ele pode me conceder. Eu ainda tenho partes suficientes para me intoxicar.

Com um suspiro, puxo o lençol e enrolo-me nele antes de caminhar até meu banheiro. Deixo a porta do quarto destrancada, sabendo que Rowena ou Lynn logo aparecerão e sigo até meu destino. Assim que estou

de frente para o enorme espelho, as lembranças dele entrando em mim, enquanto me obrigava a nos encarar, fazem com que eu precise esfregar minhas pernas.

*Jesus, eu pareço uma viciada.*

Viciada no pau do meu ex-namorado. Que também é meu namorado falso.

Pelo amor de Deus, não tem como isso ficar mais patético.

Contudo, meus olhos, de repente, se fixam nas dezenas de marcas espalhadas pelo meu pescoço, clavícula e descem até o meu seio. Marcas roxas de chupões que McLaughlin distribuiu pela minha pele, seguida de pequenas mordidas.

*Puta merda.*

*Filho da puta.*

*Maldito seja Blake McLaughlin.*

Com uma ira que eu não sabia que existia em mim, caminho até meu celular abandonado na mesa de cabeceira e deslizo meu dedo atrás do perfil do idiota.

***itsauroraconway**: Eu espero que você tenha a porra de um plano funerário.*
*PORQUE EU IREI TE MATAR.*

A mensagem chega poucos segundos depois.

***itsblakemclaughlin**: ?*

*Não que eu esteja levando a sua ameaça a sério, mas estamos falando do quê?*

Antes que eu possa me segurar, vou até o closet, pego uma lingerie, vestindo-a rapidamente e volto para o banheiro, erguendo meu celular e tirando uma foto.

Então, faço a pior merda, eu encaminho uma foto seminua para Blake.

***itsauroraconway**: Você estava maluco???*

***itsblakemclaughlin**: eu estava te fodendo, hottie.*

*É claro que eu estava maluco.*

*Principalmente quando estava curvada nessa mesma pia, gritando meu nome.*

Abro meus lábios, perplexa com sua resposta.

***itsauroraconway****: você é um idiota prepotente.*

***itsblakemclaughlin****: e você fica gostosa de branco.*
*Mas, devo confessar que de vermelho fica espetacular.*

***itsauroraconway****: não ouse flertar comigo, Blake.*

***itsblakemclaughlin****: não ouse achar que eu irei parar.*
*Tenho treino agora, te pego às sete.*

Me escoro na pia, encarando o celular com uma sobrancelha erguida.

***itsauroraconway****: não, você não vai me pegar.*
*Não temos nenhum compromisso.*

***itsblakemclaughlin****: temos um agora.*

***itsauroraconway****: e qual seria?*

***itsblakemclaughlin****: estou levando a minha namorada para jantar.*
*E não é uma resposta que não será aceita.*

— Aurora! — o grito de Rowena me faz dar um sobressalto e quase derrubar o celular. — Saia desse banheiro ou vou derrubar essa porta.

— Porra, Rowie. — Coloco a mão no coração. — Você me assustou.

— Pelo menos está viva — ela diz do outro lado da porta. — Dinara está aqui. E não estou com paciência para a sua tia. Ela é uma bruxa sem coração.

Encaro-me uma última vez no espelho. As marcas não passarão despercebidas por Dinara e ela, com certeza, me dará um sermão sobre ter transado com Blake depois de tudo.

— Merda. Merda. Merda — resmungo baixo apenas para que eu possa ouvir. — Isso é ruim.

— Rora?

Encaro a porta fechada, aliviada por ela não saber o que seu irmão fez.

— Eu... *hm…* — Mordo meu lábio inferior. — Já estou indo. Só preciso de um banho rápido, ok?

— Você está bem?

Encaro-me novamente no espelho.

*Estou dolorida pra caralho. Com marcas no corpo e a memória de seu irmão me fodendo a noite toda. Então, não, não estou nem um pouco bem.*

— Estou — minto. — Me dê apenas um minuto. E mantenha Dinara ocupada. Eu bebi um dos seus vinhos ontem à noite e estou com uma dor de cabeça chata.

— Ok. — murmura desconfiada. — Tentarei não deixar Lynn machucar aquela filha do satanás sem coração.

Assim que ouço seus passos se afastando, suspiro fundo, tomo um banho rápido e corro até meu *closet*. Passo por todas as dezenas de cabides em busca de algo que me ajudará esconder essas marcas e opto por uma blusa de gola alta preta, uma saia curta de xadrez junto a uma bota branca de cano curto.

Não seria minha escolha para o dia, mas é o que servirá para que ninguém desconfie.

Quando enfim estou apresentável, jogo meus cabelos para o lado, para não correr risco de alguma marca aparecer e coloco um sorriso no rosto antes de caminhar até a sala. Quando adentro o espaço, Dinara ignora minhas amigas enquanto mexe no *tablet* e Lynn e Rowena a encaram com antipatia.

*Será um longo dia.*

— Achei que só voltasse amanhã — digo parando ao lado do sofá.

Minha tia levanta o olhar do objeto, fixando-o em meus olhos.

— Nós precisamos conversar.

Nunca há um *"Você está bem?"*, *"Como foi sua semana?"* ou *"Precisa de algo?"*.

Desvio meu olhar para minhas melhores amigas. O olhar de Rowena não é gentil como todos os dias, tampouco o de Lynn. Percebo que se eu dissesse que não quero essa conversa, minhas amigas a expulsariam sem nenhum arrependimento.

— Eu vou ficar bem — digo, baixinho.

— Estaremos em nossos quartos — Lynn afirma, mas soa como uma ameaça. — Qualquer coisa, grite.

Quando finalmente somem, eu volto minha atenção para minha tia que me encara com um olhar afiado. Eu conheço esse olhar. É o mesmo que

ela me deu quando voltei da Inglaterra, após a morte dos meus pais. É o mesmo que ela me deu quando eu disse que não participaria do velório e que não trariam o corpo de papai para Nova Iorque.

— Olivia Beaufort está viva? — pergunta, sem rodeios.

Engulo em seco.

Minhas mãos, de repente, tremem.

A sensação de ter o controle fugindo de mim não é algo que eu aprecio. Ela não deveria saber disso. Ninguém, exceto minhas melhores amigas e Connor, imagina que eu escondo minha avó.

Eu fiz essa promessa a mamãe mesmo que eu soubesse que Olivia mais me odiaria do que gostaria da minha presença. Esse foi um dos preços que paguei. Deixar que minha avó ache que sou sua filha morta ou que grite comigo, em seus piores dias, quando acha que causei aquele incêndio que matou meu pai ou o acidente que levou a minha mãe.

*Eu não tive culpa.*

*Eu não tive culpa.*

*Eu não tive culpa.*

— Eu te fiz uma pergunta, Aurora — rosna.

O ódio pela minha avó é evidente.

— Como você descobriu?

— Você realmente achou que uma hora alguém não estranharia você entrando em um hospital toda semana? — questiona, sarcástica. — Jornalistas me procuraram para saber se estava grávida ou doente.

Meu corpo todo enrijece.

— Estou completamente saudável.

— Oh, eu sei — zomba, dando um passo para trás. — Mas imagine a minha surpresa quando mandei averiguar e descobri que você ia visitar uma tia distante, com o nome de Olivia Graham? — pergunta retoricamente. — O que me fez ficar desconfiada já que não possui parentesco com esse sobrenome.

— Dinara.

— Então, meu ponto era — continua, não se importando. — Se não há alguém com esse sobrenome, a única pessoa que poderia ter esse primeiro nome, seria a matriarca dos Beaufort. Então, Aurora, você manteve Olivia esse tempo todo escondida?

— Isso não te diz respeito — finalmente digo algo.

— É claro que diz — ela aumenta seu tom de voz. — Aquela mulher é o motivo da desgraça da minha família e você está dizendo que ela sempre esteve perto de nós? Eu te acolhi, te protegi e você me trai desta forma?

— Te trair por que eu pago o tratamento da minha avó com *meu* dinheiro?

— *Você me traiu* — Ela engole em seco. — Quando deixou a mulher que é responsável pela morte do meu irmão, escondida do mundo e tendo uma vida de rainha.

— Ela não teve culpa pela morte do meu pai.

— Meu irmão morreu por um acordo que ela e o marido fizeram.

— Meu pai morreu para...

— Para o quê, Aurora?

— Para que eu tivesse a chance de viver, Dinara. — Meus ombros cedem. — Meus pais me protegeram. Me amaram e se sacrificaram. E esse foi um dos últimos pedidos da minha mãe. Então, você goste ou não, o tratamento de Olivia é minha responsabilidade. Ela vai ficar confortável até que a doença já não possa mais ser combatida e ninguém irá mudar isso. Até lá, eu pago todas as despesas dela e você não se intromete nesse assunto. Como eu disse, isso não te diz respeito. Fim da história.

Percebo o olhar gélido dela em meu rosto.

— Eu tentei te proteger, Aurora.

— Eu sei.

— Mesmo que não acredite. — Ela suspira. — Baron foi o meu melhor amigo e perdê-lo não foi fácil. Eu fiz o que pude para suprir a falta dele na sua vida. E mesmo que eu tenha te obrigado a entrar nesse relacionamento falso com Blake, ainda quero que saiba que você é importante para mim

— Então, não tente me colocar em uma coleira.

— Às vezes, você perde o controle — admite.

— Porque eu estou exausta, Dinara! — É a minha vez da minha voz subir um decibel. — Eu estou cansada de fingir para milhões de pessoas que eu tenho a vida perfeita, quando não tenho. Na verdade, tudo o que eu tenho é falso. Namoro, sorriso, vida. Tudo falso. — Aperto minhas mãos, sentindo minhas unhas fincarem em minha pele. — A única coisa real, são as minhas amigas.

— Você me pediu para transformá-la na princesa da mídia, Aurora. — ela devolve. — Essa é a consequência de ter o mundo aos seus pés. Você é inalcançável, mas também é humana. E todos nós estamos passíveis a tudo. Principalmente a dor.

Ela suspira fundo quando não respondo e pega seu *iPad*, deslizando entre as dezenas de contratos que estão lá. Sabendo que essa conversa está encerrada, me sento ao seu lado e pego meu *notebook* que havia deixado na mesa de centro na noite passada e abro em nosso e-mail compartilhado.

— Nós temos algo para resolver?

Ela levanta o olhar para o meu rosto.

— Há uma empresa britânica querendo fechar uma publicidade.

Um vinco se forma entre minhas sobrancelhas.

— Britânica?

— Sim. Pedi a nossa equipe jurídica da *McLaughlin&Conway* para checar antecedentes, o patrimônio e tudo o que precisamos, e está tudo certo — Ela estende o *tablet* para mim. — É uma boa proposta. E o valor é mais alto do que imaginamos.

Maneio a cabeça tentando concordar, mas não presto atenção nas suas palavras. Poucas vezes nós fechamos publicidade com marcas inglesas. É uma forma que encontrei de não voltar ao país que passei boa parte da minha infância e adolescência, antes da hora.

— Mas eu teria que ir à Inglaterra.

— Poucas vezes. Todos os conteúdos serão produzidos em Nova Iorque. Não se preocupe com isso.

— Nossos advogados aprovaram mesmo o contrato?

— Sim — Sua resposta vem rápida. — Mas Sebastian ainda quer dar uma última revisada antes de me devolver. Até lá, negociarei todos os trâmites.

— Certo. — Mordo o interior da minha bochecha. — Eu tenho aula em algumas horas, mas talvez nós duas possamos sair para almoçarmos e resolvermos tudo?

A pergunta a pega de surpresa.

Mas, Dinara é uma das únicas pessoas vivas da minha família e sinto que a descoberta de Olivia é algo que ela não engolirá tão certo, entretanto, não posso afastá-la sabendo o quanto já lutou por tudo o que lhe pedi.

— Claro. Posso abrir uma hora na minha agenda para fazermos isso. — Ela se levanta, pegando suas coisas.

Aproveito para enviar uma mensagem para Rowie e Lynn, avisando que estou saindo e pego minha bolsa. Entretanto, uma batida na porta faz com que eu gire meus calcanhares e caminhe até a porta. Assim que a abro, me deparo com meu porteiro sorrindo em minha direção.

— Bom dia, Srta. Conway?

Devolvo o sorriso.

— Bom dia, Marco.

— Me pediram para entregar isso pessoalmente.

Em suas mãos repousa uma enorme caixa branca com um laço vermelho.

Minha expressão confusa faz com que Dinara franza o cenho.

— Certo. — Umedeço meus lábios. — Obrigada.

Marco sorri, estende a caixa e percebo a logo minimalista da *La Perla.*

Uma das minhas marcas favoritas.

Desconfiança toma conta do meu corpo e apenas o agradeço, pego a entrega e me viro para Dinara, após fechar a porta.

— Eu vou apenas deixar isso no meu quarto e podemos ir, ok?

Antes que ela possa responder, já estou caminhando até o meu quarto, fechando a porta e deixando a caixa sobre minha cama. Desfaço o laço calmamente antes de finalmente abri-la e meus lábios se abrem perplexos com o conteúdo.

Dentro dela há a nova coleção de lingerie da marca.

São mais de dez peças. *Sutiãs. Calcinhas. Cinta-ligas. Corseletes.*

Não é apenas isso que me chama a atenção, mas sim, que de todas as cores disponíveis as peças vieram em apenas um tom: *vermelho*. Vermelho escarlate.

No meio de todas elas há apenas um pequeno cartão e assim que o pego, eu tenho a certeza de que estou completamente ferrada.

*Eu estava certo. Você ficará espetacular de vermelho.*
***- Blake McLaughlin.***



Encaro o *closet* uma última vez sem saber o que escolher.

Não consigo nem ao menos imaginar onde Blake nos levará, o que faz com que minha indecisão aumente. Com um suspiro, vou até a prateleira de saltos, escolhendo um par de *Jimmy Choo*, pego um vestido de manga longa e gola alta para esconder as malditas marcas.

A caixa com o presente inusitado de Blake está aberta em cima da poltrona, ao lado do armário de joias, e meus olhos, vez ou outra, vão até lá. A vontade imensurável de escolher uma delas apenas para provocar Blake toma conta de mim, porém escolho a opção sábia e pego outra.

— E eu aqui achando que você ainda era pontual.

A voz carregada de sarcasmo do dito cujo faz com que eu solte um grito assustado e encare sobre meus ombros, colocando a mão em meu coração.

— Porra.

Blake se escora em um dos meus armários, destacando a jaqueta da NYU e um sorriso zombeteiro toma conta do seu rosto, enquanto me admira vestida em um roupão. Os olhos verdes brilham em malícia quando seu olhar recai nas marcas que ele deixou em meu corpo e antes que eu possa me segurar, as lembranças de ontem voltam com tudo.

Ele me beijando.

Ele me fodendo.

Ele...

— Por que ainda não está pronta?

— Por que você chegou cedo? — Ergo o queixo.

— Não cheguei.

Blake ergue o celular, fazendo-me revirar os olhos, porém assim que percebo que ele está me mostrando o horário, preciso me segurar para não entreabrir os lábios.

*Eu estou atrasada.*

*Porra.*

Perdi totalmente a noção do tempo ao passo que observava as roupas e pensava em tudo o que aconteceu nesta madrugada.

É errado *pra* caralho e mesmo assim não consigo parar.

— Me dê dez minutos e estarei pronta — digo, por fim.

Ele solta uma risada fraca, se desencosta do armário e caminha até parar a centímetros de onde estou. Observo-o virar seu rosto para onde está minha roupa e a lingerie preta que não faz parte do maldito presente que mandou enviar. Suas mãos descem até o bolso frontal de sua calça e inclina a cabeça, aumentando o seu sorriso provocativo.

— Você deveria usar vermelho.

Ergo uma sobrancelha.

— Desculpe?

Ele dá mais um passo.

— A lingerie. — Projeta sua língua para fora, lambendo o lábio inferior. *E Deus, a sensação dela em mim*. — Você deveria usar a vermelha.

Engulo em seco.

*Não vá por esse caminho, Aurora.*

— Por que eu deveria te escutar?

Um novo sorriso nasce em seus lábios.

É depravado. Cheio de promessas. Sujo.

— Porque eu serei o único a tirá-la de você essa noite. — Ele gira os calcanhares e caminha até a saída, mas antes olha por cima do ombro. — Isso, Aurora, é uma promessa.

E eu acredito nisso.

Contudo, o que me surpreende é que antes mesmo que ele saia do meu *closet*, meus olhos se fixam na caixa aberta. E me pego caminhando até ela e encarando todas as peças.

Vermelho toma conta de todo meu campo de visão.

Desejo sobe pelas minhas veias.

E antes que eu possa me arrepender, pego o conjunto e a cinta liga e os levo comigo até onde minha roupa está.

Poucos minutos depois estou caminhando pelo corredor, me questionando se fiz o certo. Se eu segui a maldita porra da promessa de Blake mesmo sabendo que não devemos jogar esse jogo.

Não podemos porque nós dois sofreremos as consequências.

Não podemos, pois ele nunca irá me perdoar.

E eu estarei em um avião em menos de cinco meses.

— Por que você está usando gola alta desde cedo? — Rowie questiona quando adentro a sala.

Preciso de muito para minhas bochechas não ficarem vermelhas.

— É, Aurora — A voz sarcástica de Blake me irrita. — Por quê?

Percebo que ele segura um sorriso e tenho vontade de chutar as suas bolas.

— Estou testando algo — minto.

*Deus, eu estou me tornando uma mentirosa patológica com as minhas melhores amigas.*

Contudo, não há nem uma chance de que eu conte a elas que deixei Blake me foder até exaustão na noite passada depois de tudo o que aconteceu entre nós. Rowena teve sua relação abalada e Lynn precisou se dividir em duas para guardar nossos segredos. Não seria justo jogá-las nessa situação quando eu não consegui afastá-lo.

— Podemos ir?

Maneio a cabeça.

— Sim.

Blake sai primeiro, mas o olhar demorado de Rowena faz com que eu paralise por um instante antes de segui-lo até o elevador. Assim que estamos sozinhos, ele se aproxima, coloca sua mão em minha lombar e encara os números que mudam a cada andar.

Seu toque queima de uma forma surreal.

E a cada vez que o número é alterado, seu polegar acaricia minha espinha, fazendo com que uma sensação indescritível tome conta do meu corpo. Sou obrigada a fechar os olhos quando sua mão desce um pouco mais, parando na curva da minha bunda.

A sensação de sua palma contra minha bunda, faz com que eu morda o lábio.

*Deus.*

Olho para o visor. Sete andares. É isso que eu preciso suportar.

*Seis.*

Sua mão dedilha minha pele.

*Cinco.*

Seu cheiro toma conta de todo ambiente.

*Quatro.*

Percebo que estamos próximos demais.

*Três.*

Sua mão desce mais um pouco.

*Dois.*

Blake se inclina.

*Um.*

Eu vou perder o controle... Eu vou...

O elevador apita e as portas se abrem, de repente, me tirando do meu transe. E algumas pessoas que me reconhecem sorriem em nossa direção. Ainda aérea, coloco um sorriso no rosto, aceito o braço de Blake como apoio e caminho pelo *hall* do prédio, sentindo alguns olhares em nós dois.

Continua assim até que Blake abre a porta da sua *McLaren* e eu me acomodo, esperando-o dar partida para podermos parar de fingir que somos uma mentira.

Essa é a pior parte.

É saber que a todo momento estamos sendo avaliados.

Que uma movimentação errada pode fazer com que a nossa ruína seja iminente.

Entretanto, o que nenhuma dessas pessoas imaginam é que eu continuo me quebrando  todas as vezes que meu rosto está estampado na Times Square. Quando desfilo para uma marca. Gravo um comercial ou apenas apareço nas minhas redes sociais. Eu continuo dando a eles mais armas para me ferirem enquanto meu sorriso estampa todas as revistas da cidade.

Eu sou a princesa da mídia.

Eu deveria ser intocável.

Mas o que ninguém nunca me disse é que, assim como Blake constatou, o nosso pior inimigo somos nós mesmos. Porque a cada vez que eles me dão esse pedestal, eles também tiram pedaços de mim e me fazem sentir como se nunca fosse conseguir recuperá-los.

E temo que algum dia todos esses pedaços acabem e não reste nada mais de mim.

Que eu me torne um copo vazio.

Um fantasma do que sou.

Meu medo é palpável. Amedrontador.

— Nós chegamos, Aurora.

Viro meu rosto para o lado me deparando com o enorme prédio do Museu de Arte Moderna. Percorro meu olhar pela fachada composta por linhas modernas e uma mistura de materiais, incluindo vidro, aço e concreto. Contudo, o que chama a minha atenção é que tudo está fechado. Não há sinais de festa ou algo que justifique a nossa presença.

— Por que estamos aqui?

Blake dá de ombros, abrindo a sua porta, dando volta no carro e abrindo a minha.

— Você já vai descobrir.

Ele segura minha mão, fecha a minha porta, travando-a e começa caminhar até a entrada. Mesmo que não seja necessário, já que estamos apenas nós dois aqui, ele me mantém ao seu lado, com sua mão na minha.

Em nenhum momento, ele me solta.

Em nenhum momento, ele desentrelaça nossas mãos.

Em nenhum momento, Blake me mantém longe.

Assim que chegamos à entrada, um segurança maneia a cabeça para Blake, me fazendo franzir o cenho confusa e então entramos no museu silencioso. Meus saltos batendo contra o piso é o único barulho ao passo que adentramos o enorme lugar.

— Blake? — sussurro.

— *Hm*?

— O que diabos estamos fazendo aqui?

Ele para assim que chegamos em uma área pouco iluminada.

— Está tendo uma exposição — explica.

Ergo uma sobrancelha.

— E por que não há ninguém aqui?

— Porque eu mandei fechar o museu por essa noite.

Meus olhos se arregalam.

— Por que fez isso?

— Porque você gosta de desenhos animados — revela. — E eu soube que havia uma exposição de todos os desenhos animados da *Pixar* e da *Disney*. Então, mandei fechar o museu para que você pudesse participar, sem que inúmeras pessoas te parem para tirar uma foto ou gravar um vídeo.

Meus lábios se entreabrem, surpresos.

— Você fechou um museu para mim?

Ele me puxa para si, colando meu peito no seu.

— Depende — sussurra. — Você está usando o meu presente?

Solto um pequeno sorriso de canto.

— Você terá que descobrir sozinho.

Uma risada salta dos seus lábios.

É melódica. Gostosa. Verdadeira.

*É o meu som favorito.*

— Você é o motivo da minha ruína, Aurora Louise Conway.
Pela primeira vez, após anos, eu faço algo que quero.
Eu puxo Blake e o beijo.
Como há anos atrás.
Como sempre quis.
Todavia, desta vez o nosso beijo tem outro gosto.
Neste instante, ele tem gosto de ruína.
*A minha ruína.*




# SUA METADE

*Querido, algumas pessoas são feitas para serem amadas*
*Outras apenas amam*
*Então pegue o que eu tenho para dar, ame ou odeie, oh*
*Você está procurando o meu amor no lugar errado*
*Não pense que porque você está comigo isto é real*
*Você está procurando o meu amor no lugar errado*
**Wrong | Zayn feat. Kehlani**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Os olhos de Aurora brilham a cada vez que passamos pelas estátuas e cenários dos inúmeros filmes.

Ela sorriu na projeção de *Enrolados*.

Gargalhou na de *Carros*, quando *Mater* sorriu.

Se emocionou em *Divertidamente*[9].

Mas, foi no setor onde se encontrava duas poltronas e o cenário de *Up: Altas Aventuras*[10], que ela me encarou.

Nós nos sentamos nos mesmos lugares destinados ao personagem e ficamos apenas nos encarando. Eu admirei a tonalidade de seus olhos quando a felicidade irradiou toda sua pupila. Aurora sorriu quando percebeu isso.

Em todo momento, Rora deixou de ser a princesa da mídia e se tornou apenas ela. Ela nem mesmo se importou que eu estava ao seu lado, presenciando isso. E eu não me importei que talvez precise lidar com tudo mais tarde.

Neste instante, eu apenas quero observá-la.

Quero apreciar como ela ainda continua sendo a mesma pessoa de anos atrás.

Que tudo o que o mundo conhece, é apenas um resquício do que ela pode mostrar.

A minha Aurora não é aquela mulher que está nos *outdoors* da cidade. Nas passarelas das maiores marcas do mundo e nem a pessoa que passa o dia todo postando conteúdo nas redes sociais. Não. Essa pessoa é apenas uma persona inventada para se proteger do mundo.

Ela, na verdade, é a pessoa que está à minha frente.

Ela sorri para as projeções de desenhos animados.

Ela me encara com os olhos brilhantes.

E não me odeia por um momento.

A minha Aurora ainda é real, mesmo que momentaneamente.

— Blake?

Sua voz me faz erguer o olhar da projeção de *Detona Ralph*[11]. Onde uma princesa de vestido vermelho e azul diz algo para o cara enorme que a encara confuso.

— *Hm*?

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por ter me dado esse momento. — Ela vira o corpo em minha direção. — É a coisa mais gentil que alguém já fez para mim.

Me aproximo dela.

Eu nunca acreditei em destino, lendas ou coisas semelhantes. Contudo, agora, percebo que, quando se trata de Aurora, isso passa a fazer sentido. Talvez sejamos destinados. Talvez o mundo não nos quisesse juntos, porque sabíamos que nada seria capaz de destruir o que construiríamos.

Talvez sejamos lendas. Lendas chinesas, romanas e gregas.

Lendas que são passadas de geração em geração a fim de fazer com que todos acreditem no amor verdadeiro. Talvez, no futuro, nós nos tornamos aquelas histórias de amor trágico que não deram certo, mas que rendem histórias para *best-sellers*.

Nós somos um acumulado de *talvez*.

E, pela primeira vez, eu desejo que não sejamos.

Eu quero ser sua constante.

Sua certeza.

Quero ser, novamente, aquele que ela confia. Quem procura durante a noite quando o medo é maior do que a vontade de dormir. Que liga sempre que precisa, porque sabe que eu sairia correndo até mesmo em uma tempestade para saber se está bem.

— Não foi nada de mais — finalmente respondo.

Mas para ela é.

Eu sei disso porque Aurora morde o lábio inferior, segurando um sorriso que me pego desejando-o que solte. Me pego fissurado. E nem mesmo percebo que estou dando passos em sua direção até que meus sapatos encostam nos seus e eu ergo minha mão, pousando meu dedo em seu queixo e o levantando.

Seus olhos encontram os meus.

Não desvio. Apenas fico encarando-os. A tonalidade é perfeita. O verde é uma poesia viva, uma expressão da natureza exuberante e cativante que reside na profundidade do universo em suas pupilas dilatadas de desejo. Durante o dia, é uma cor clara. Quase que um verde cristalino. Durante a noite, é um tom mais escuro, cheio de segredos e nuances para serem descobertas.

— Verde.

Um vinco se forma entre as suas sobrancelhas.

— O quê?

— É o meu tom favorito. — Sorrio para ela. — Verde esmeralda.

A cor dos seus olhos.

A porta da sua alma. Dos segredos. Dos meus anseios.

Aurora sorri quando compreende. É lindo. Espetacular.

Seus olhos se enrugam e o nariz fica um pouco torcido pela forma como sua boca se alarga.

Basta apenas isso para que meu peito volte a brilhar. Basta apenas isso para que Aurora me faça querer viver.

— Quatorze — ela sussurra.

Inclino minha cabeça.

— O que tem esse número?

— É o meu número favorito.

— Por quê?

— Porque é o número que eu procuro em todos os jogos.

Meu número.

O número estampado no meu uniforme.

— Você me procura em todos os jogos? — minha voz é baixa.

Ela dá de ombros.

E eu trago seus lábios até os meus.

Beijá-la se tornou um vício.

O toque dos nossos lábios desencadeia uma explosão de emoções. É uma dança lenta e desesperada, um elo intenso entre duas almas que se reconhecem e se desejam. Aurora segura meu rosto enquanto dou passos cegos até a parede mais próxima.

Não deveríamos ceder a isso. Não deveríamos muitas coisas, mas é como se o mundo ao nosso redor desaparecesse enquanto nós nos entregamos a esse momento. Ela segura minha nuca, puxando-me mais para si e a sensação que percorre nossos corpos transcende o tempo. A exposição, os segredos, o mundo, *tudo* parece desfocado diante da intensidade do nosso beijo.

Só ela importa.

Minha Aurora.

Apenas minha.

A princesa da mídia que nunca cedeu a ninguém.

A mulher que ocupa todos os tabloides da cidade.

A pessoa que me quebrou.

Afasto-me dela, apenas para tomar um fôlego e percebo que o mundo ao redor pode continuar girando, mas neste momento, o tempo parece suspenso, permitindo que o que quer que esteja acontecendo entre nós se desenrole de forma pura e intensa.

Abaixo meu olhar para seu pescoço e percebo que nenhuma joia o adorna e a curiosidade invade todo o meu sistema. Antes que eu possa me segurar, estou traçando meus dedos por cima do tecido, onde o colar deveria estar. Seus olhos se fecham brevemente e aproveito para me abaixar e deixar um beijo casto em sua clavícula, pescoço e, por fim, em seu queixo.

— O que você fez com o nosso relicário? — sussurro contra sua pele.

Seu corpo fica tenso e seus olhos se abrem, desviando para a projeção.

Vergonha toma conta de sua expressão.

— Eu dei a alguém.

Dor.

Percebo que é isso que sinto. Isso que atinge cada parte do meu coração.

O nosso último presente. O meu maior presente.

— Faz sentido.

Me afasto um pouco, tentando não demonstrar que isso me fere mais do que poderia admitir.

— Está tudo bem?

Dou-lhe um sorriso caloroso.

— Vamos, *hottie*, eu vou levá-la para jantar agora.

Segurando sua mão, eu levo-a até a escada que dá acesso ao último andar do prédio e começamos a subir as escadas em uma rapidez invejável. Tomando cuidado para que ela não tropece em seus saltos, diminuo o passo e quando alcançamos o andar desejado, me abaixo.

— O que diabos você está fazendo?

Encaro-a de onde estou ajoelhado.

— Ajudando-a.

No momento em que a obrigo a retirar os sapatos que possuem uma altura assustadora, me levanto e retiro meu tênis e, assim como ela, fico descalço.

— Por que você tirou seu sapato?

Dou de ombros.

— Porque seria falta de decoro.

— Falta de decoro?

— É. Deixá-la ficar descalça sozinha.

Aurora joga a cabeça para trás e solta uma risada.

É genuína. Engraçada. Verdadeira.

— Eu nunca me cansarei.

— Do quê?

— Te ouvir rir.

Ela me encara por baixo dos cílios e aproveito a deixa para indicar o caminho até a saída da sacada, onde a nossa noite terminará. Quando Aurora alcança o lugar, seus olhos se arregalam e eu sorrio.

Não foi fácil. Na verdade, eu precisei me virar para conseguir tudo.

Mas, observar como ela encara as dezenas de almofadas espalhadas pelo jardim do museu, me faz sentir orgulhoso. Principalmente quando meu olhar se ergue e a pequena mesa de centro que contém nosso jantar, com

seus pratos preferidos. Um pouco a frente, um projetor está apontado para uma tela branca e abertura de *Ratatouille*[12] está pausada.

Aurora se vira para mim, os olhos brilhando.

— Você fez isso?

Eu nunca me senti tímido ou envergonhado, mas, pela primeira vez, me pego assim. Me pego com medo de que ela não tenha gostado.

— Eu achei que gostaria.

— Eu não apenas gostei, Blake — Ela dá um passo em minha direção. — *Eu amei.*

Sorrio. Alívio toma conta de mim.

— Você deveria registrar antes de comermos — Dou de ombros.

Ela olha para tudo com calma e depois volta seu olhar até mim.

— Eu não vou. — Ela dá de ombros. — As projeções já foram o suficiente.

*É algo nosso.*

É isso que está velado em suas palavras. Algo apenas *nosso*.

E mesmo sabendo disso, eu não deixo de tirar meu celular do bolso quando ela está distraída e tirar uma foto. O cenário é perfeito. Ela de costas, com o cabelo caindo pelas suas costas e o filme atrás dela.

Perfeito.

Digo a mim mesmo que apenas coloco como papel de parede porque seria estranho não ter uma foto da sua namorada – mesmo que falsa – em destaque no celular e não porque ela ficou magnífica.

Aproximo-me dela assim que guardo o celular e ela se senta em uma das almofadas. Pegando o controle, faço o caminho até a almofada ao seu lado e me sento. Não demora muito para que a animação comece a rodar e percebo Aurora pegar um dos macarons na mesinha e se encostar, nunca tirando os olhos da tela.

Nós ficamos desta forma por alguns minutos até que o filme se torna um conforto entre nós dois. Até que nem mesmo o barulho de carros, sirenes e o resto, abaixo de nós, seja importante.

As estrelas são as únicas testemunhas de como nada mais importa.

Ela está tranquila ao meu lado. O vazio que a acompanha já não se faz presente.

Apenas nós dois é o que importa.

— Por que você ama esses filmes? — me pego perguntando.

O rosto de Aurora se direciona para o meu lado e ela solta um sorriso fraco.

— Porque eu me sinto fora do controle às vezes — sussurra. — E todos esses personagens me ajudam a desacelerar. A história e tudo mais, sabe? Mesmo que seja apenas um desenho, eu sinto mais verdade neles do que em muitas séries ou filmes da vida real. A leveza com que trazem assuntos ou apenas divertem o público.

— Você os ama.

— Eu os sinto.

Maneio a cabeça, entendendo o que ela quer dizer com isso.

*Ela os sente.*

Quando tudo se torna vazio, ela tenta sentir através deles.

Quando o mundo é pesado para carregá-los, ela se esconde através deles.

— Eu entendo.

— E o que você sente?

Sua pergunta é tão baixa que quase não escuto.

Nossos olhares se encontram.

*O que eu sinto quando tudo está fora de controle?*

Eu penso no vôlei. Penso na adrenalina que minha moto me proporciona.

Mas a verdade é que nenhuma dessas coisas me fazem sentir. Elas apenas ampliam o que sinto no momento. Se estou com raiva, eu desconto no vôlei. Quando meu mundo está prestes a colapsar e eu preciso de algo, minha moto é a minha parceira.

Mas quando tudo está fora de controle?

— *Você.* — Me aproximo um pouco mais. — Quando tudo está fora de controle, eu sinto você.

Eu a sinto nas minhas memórias. No meu dia a dia. No meu coração morto.

Eu a sinto porque apenas o mísero pensamento de não poder senti-la, me apavora.

De repente, a constatação do que isso significa gela todo o meu peito.

*Eu estou completamente ferrado.*



Fecho meus olhos para o que quer que o professor esteja falando, meus pensamentos ainda estão em Aurora e na forma com que me deixei levar ao dizer aquelas palavras.

Minha atenção não está na matéria que praticamente sei de cor, já que é a área de Sebastian. Eu apenas preciso de um momento para descansar antes que Rhodes me mande uma mensagem, convocando-me para a nossa reunião semanal antes do jogo da próxima semana.

O que me alivia, já que meu treinador deixou de se preocupar com todas as minhas atitudes a partir do momento em que meu nome saiu da área de notícias que o fazia ter um surto a cada manhã e foi parar na página principal, ao lado de Aurora, como um dos casais mais acompanhados da atualidade.

Dinara e Sebastian também nos deixaram em paz, após toda a repercussão positiva do nosso falso relacionamento. Nós fizemos todos realmente acreditarem que ainda estamos apaixonados, que ainda somos completamente loucos um pelo outro.

O que eu já não sei mais é separar o que é verdade e o que não é.

Eu já não sei mais se Aurora finge todas as sensações ou se realmente abaixou um pouco a guarda. Porque mesmo que pareça que ela está, assim como eu, perdendo o controle, eu sinto que não desbravei nem mesmo a superfície dos seus segredos.

Ela é uma incógnita.

Aurora tem medo de que as pessoas descubram o que ela tanto esconde.

E eu odeio desejar saber. Odeio que ela não sinta confiança em ninguém para contar, porque sei que a última vez que fez isso, todos nós pagamos as consequências.

— Por que você está dormindo na aula?

A voz de Rowena me surpreende, fazendo-me abrir os olhos.

— Porque eu sei quase tudo o que ele está falando. — Dou de ombros.

Ela se senta na cadeira ao meu lado, observando todos os outros alunos sentados abaixo de nós. Sempre escolho esse lugar por estratégia. A

última fileira sempre é aquela que passa despercebida. Muita das vezes eu termino minhas matérias mais rápido que todos e posso ir resolver outras coisas, sem que o professor preste atenção em mim ou me faça descer até lá para vangloriar-se que seu melhor aluno é também o capitão do maior time da NYU.

É patético e eu odeio.

Por isso, sempre escolho o lugar mais afastado.

— Nós podemos conversar?

Viro meu rosto em sua direção.

— Sempre, Wena.

Ela morde o lábio, seus olhos escuros, que me lembram os de mamãe, brilham.

— Você está bem, Blake?

— Você quer conversar sobre como estou me sentindo?

— Não. — Ela solta um sorriso sem mostrar os dentes. — Quero conversar sobre como meu irmão está lidando com toda a situação em que se envolveu.

Encaro-a. Rowena nunca se intromete na minha vida, mesmo que às vezes deixe claro seu descontentamento com algumas das minhas ações.

— Eu estou, Wena — garanto a ela. — Não precisa se preocupar.

— Eu estive lá, sabe? — sussurra e percebo que não há ninguém perto o suficiente para nos escutar. — Eu vi você sofrer. Eu vi como foram os meses após a sua saída da prisão e como reagiu quando Aurora voltou, meses depois. Eu te vi descontar tudo na bebida e nos jogos, Blake. — Ela engole em seco. — Eu não quero que isso aconteça novamente. Eu não quero vê-lo machucado.

— Eu não vou, Wena. — Estendo minha mão até pegar a dela. — É uma promessa.

Ela acaricia a palma da minha mão e eu me aproximo um pouco.

A lembrança de quando éramos criança e ela se deitava ao meu lado, na minha cama, e observávamos o teto, enquanto os gritos dos nossos pais eram insuportáveis, tomam conta da minha mente.

Wena esteve lá no meu primeiro jogo. Ela sempre torceu por mim.

Minha irmã vestiu a camisa com o meu número e torceu por mim quando ganhei a minha primeira medalha. E eu estava na sua primeira apresentação, sentado na primeira fileira, a aplaudindo orgulhoso e lhe entreguei o seu primeiro buquê de flores no camarim.

Nós sempre fomos o parceiro um do outro. Sempre torcemos um pelo outro e nos protegemos.

— Eu sinto sua falta, Blake.

Sorrio para ela.

— Eu sempre vou ser a sua metade, Wena.

— Você promete?

Sorrio breve e maneio a cabeça.

— Eu nunca quebraria uma promessa que fiz a você, Wena.

Ela se aproxima, deita a cabeça em meu ombro e olha para meu professor. Eu apenas me ajeito, observando os *slides* que ele passa, sabendo que não precisarei estudar mais tarde sobre esse assunto.

— Sebastian é um merda, mas ele nunca explicaria isso desta forma.

Solto uma gargalhada que faz algumas pessoas olharem em nossa direção.

— Ele nem mesmo explicaria, o ego dele não deixaria. — digo a verdade. — Mas há uma pessoa que explicaria melhor do que qualquer outra.

Ela levanta o olhar e eu sorrio.

— Quem?

— Você, Wena. — Orgulho irradia de cada sílaba. — Você é a melhor em qualquer coisa que se propõe.

De repente, Rowena pula em meus braços e me abraça.

— Eu te amo, seu idiota teimoso.

Não me importo com nada.

Eu apenas tenho a minha irmã de volta.

E apenas isso é o suficiente.

— E eu amo você mesmo que tenha aquele peixe feio.



# SOMOS O CAOS E A CALMARIA

*Você é tudo que importa pra mim*
*Sim, sim*
*Não estou preocupado com mais ninguém*
*Se não estou com você, não sou eu mesmo*
*Você me completa*
*Você é tudo que importa pra mim*
**All The Matters | Justin Bieber**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Nos dias de jogos, tento ao máximo me desconectar dos meus problemas.

Não há toda a minha realidade turbulenta. Eu até consigo ignorar todas as mensagens de Sebastian e Annabeth.

Mas, surpreendentemente, hoje parece que tudo está tranquilo. Por isso, quando entro no vestiário e encontro Connor arrumando seu uniforme ao corpo e ele me lança um sorriso, sei que minha paz pode estar por um fio.

— Não fode meu dia antes do jogo — ordeno.

Ele solta uma risada e se aproxima.

— Temos uma festa depois do jogo.

Exasperado, eu caminho até meu armário e o abro.

— Não, não temos — afirmo, pegando minha braçadeira. — Você precisa parar de organizar festas pós-jogos, Connor.

Meu amigo ergue uma sobrancelha e inclina a cabeça.

— Em minha defesa, não fui eu desta vez.

Meu cenho se franze, desacreditado.

— Não?

De repente, Maverick aparece atrás de mim e solta um sorriso de escárnio, o que não é nada bom.

— Não, foi a sua namorada — Foster afirma, me entregando o celular.

— Viu? — Connor aponta para si. — Eu sou inocente, seu idiota.

Reviro meus olhos, observando a mensagem que Aurora enviou para Maverick, convidando-o para comemorar a vitória da NYU – que ainda nem mesmo é certa – em um dos bares favoritos das garotas.

Ignorando-os, me viro novamente para meu armário e pego meu telefone, indo até a conversa com Aurora.

***Itsblakemclaughlin:*** *Quando ia me contar que está organizando uma festa?*

A resposta chega segundos depois.

***itsauroraconway****: Eu não ia.*

***Itsblakemclaughlin:*** *Não?*

***itsauroraconway****: Não. Você ia estragar meus planos.*

***Itsblakemclaughlin:*** *Que planos são esses?*

***itsauroraconway****: Ficar bêbada até o sol nascer.*

Revirando meus olhos, decido que irei lidar com ela mais tarde e volto a minha atenção para Rhodes, que acaba de entrar no vestiário segurando sua fiel prancheta e o apito que tanto odeio.

— Vocês perdem, eu chuto a bunda de vocês no próximo treino — ele grita para que todos nós possamos ouvir. — Vocês me irritam, eu desconto no próximo treino. Estamos entendidos?

— Sim, senhor! — a maioria dos jogadores grita e eu me mantenho em silêncio.

Assim que ele dá as costas, Connor se apressa a vir até mim e se encosta no armário, virando-se totalmente para me encarar.

— Eu amo o discurso dele.

— Sim, é emocionante — zombo. — Ele só esquece de acrescentar que, se ganharmos, também descontará no treino.

Meu amigo solta uma gargalhada ao mesmo tempo que fecho o armário, trancando-o e Connor se vira, junto a mim, para sairmos. Assim que subimos a rampa que interliga o vestiário a quadra, já é possível escutar toda a torcida animada.

NYU contra Harvard sempre é um entretenimento para todos, principalmente para mim que sempre preciso lidar com os jogadores que tentam me convencer a pedir transferência para a universidade deles, o que sempre acaba com Connor querendo socá-los.

— Onde está o merdinha do Dominic? — indaga. — Ele não veio ver o irmãozinho perder outra vez? — Connor questiona assim que paramos no centro da quadra.

— Você precisa parar de se importar com Dominic Allister — zombo, mas a minha frase salta dos meus lábios com humor. — Você anda muito ciumento.

— E você precisa parar de interagir com o inimigo. — devolve, nada contente. — O irmão dele falta chupar seu pau para mudar de time.

Meus olhos voam para Maverick, do outro lado da quadra e voltam para Connor.

— É mesmo, Connor? — Ergo uma sobrancelha.

— Você é um idiota prepotente.

Uma risada salta dos meus lábios.

— Eu sempre digo isso a ele — a voz suave de Aurora ressoa atrás de mim. — E ele nunca leva a sério.

Giro meus calcanhares, para encará-la e tento segurar o sorriso quando percebo que, mais uma vez, ela está usando a camisa com meu sobrenome. Inúmeras pessoas estão nos encarando e nem mesmo Rhodes tenta tirá-la da quadra.

Ele sabe que isso gerará boa publicidade.

Sabe que ter a princesa da mídia torcendo por nós, fará com que NYU fique feliz.

Contudo, não é com isso que me importo.

— Eu estou começando a achar que você realmente ama usar uma camisa com meu sobrenome, *hottie*.

Os seus olhos estreitam-se fazendo meu sorriso aumentar.

— Viu? — Ela se inclina para olhar para Connor. — *Idiota prepotente*.

— Eu amo ser seu melhor amigo, Rora — Connor ri, aproximando-se dela e deixando um beijo em sua testa. — Onde está Lynn?

Aurora se vira, apontando para onde Altman está conversando com Rowena. Assim que os olhos da minha amiga encontram Connor, eles brilham. E ele nem mesmo espera um de nós dizer algo antes de se virar e caminhar até ela.

Abro meus lábios para dizer algo a Aurora, mas uma presença ao meu lado me impede.

— Blake McLaughlin — a voz rouca e desprovida de emoção ressoa.

Meu olhar se volta para a nossa nova companhia. Olhos escuros e frios. Cabelos pretos. Mandíbula marcada e uma roupa que o deixa com cara de um *playboyzinho* de merda quando ele é tudo, menos isso. Dominic Allister. Ex-capitão da equipe de hóquei de Harvard, a nova promessa da liga profissional e o filho mais velho de um dos banqueiros mais ricos dos EUA.

Além de ser um rabugento por natureza.

— Dominic Allister — devolvo o cumprimento.

— E eu aqui achando que Rhodes já tinha chutado a sua bunda — Ele sorri, seus olhos, de repente, se fixam em Aurora. — Conway.

— Oi, Dominic. — Ela sorri, mas é sem emoção. — É um prazer te rever.

Cruzo meus braços, destacando as tatuagens.

Dominic mantém seus olhos em Aurora.

Nada em mim é calmaria no momento e eu odeio isso. Tenho vontade de me aproximar e puxá-la para mim, contudo isso fará com que Rhodes chute a porra das minhas bolas e não estou com paciência para lidar com isso.

— Claro, estava dizendo a Blake que ele fará um bom jogo. — Ele me lança um sorriso zombeteiro. Allister sabe o que Aurora representa para mim. — Não é, McLaughlin?

— Eu sempre faço um bom jogo. Seu irmãozinho é a prova viva, já que ele nunca consegue me vencer. — Meus olhos são pedras de gelos ao passo que encaro o idiota. — Agora tire os olhos da minha namorada antes que este seja o último jogo do seu irmão que você assistirá.

Aurora se engasga com a saliva e Dominic solta uma risada.

— Ela ainda é sua obsessão — ele constata.

Dou de ombros.

— Ela sempre vai ser.

Com isso, ele maneia a cabeça e segue até o outro lado da quadra onde a equipe de Harvard está.

— Você é um idiota.

Me aproximo dela. Meus braços envolvem sua cintura.

— Eu não me importo.

Ela me encara com uma sobrancelha erguida.

— Mesmo assim, você segue sendo um idiota.

— E você é linda. — Umedeço meus lábios. — Linda *pra* caralho.

Aurora revira os olhos.

Eu tenho vontade de me abaixar e beijá-la. Beijá-la como fizemos algumas noites passadas, atrás daquele museu. Eu apenas tenho essa vontade imensurável dentro de mim e odeio ter que me controlar para não soar tão patético.

— McLaughlin! — o grito estridente do treinador. — Tire sua namorada da minha quadra e vamos começar esse jogo.

Uma risada salta dos lábios de Aurora e ela se prepara para sair, mas antes que possa ter a chance, abaixo meus lábios em sua testa e deixo um beijo casto.

— Boa sorte no jogo — ela sussurra.

— Se eu ganhar, recebo algo?

Ela se afasta, mas continua me encarando com um olhar malicioso.

— Ganhe esse jogo e discutimos isso depois.

Antes que eu possa responder, ela se vira e caminha até onde Lynn me encara.

Minha amiga sabe que algo está acontecendo entre mim e Aurora e tenho medo do seu silêncio, porque ela sempre dá a sua opinião em algo, mesmo que eu não a peça.

Todavia, esqueço isso por hora e foco a minha atenção na quadra onde todo meu time já está posicionado e caminho até a rede. Maverick se inclina e coloca as mãos em seus joelhos, enquanto encara nossos adversários e Connor os ignora.

Assim que o jogo começa com um saque do nosso time, eu esqueço tudo o que nos rodeia. Nada mais importa, nem mesmo como Rhodes grita.

Meus olhos se fixam nos jogadores de Harvard por um instante.

Eles não são páreos para NYU.

Ninguém é.

Cada toque de nossas mãos na bola parece ser guiado por uma poesia invisível, enquanto elevamos o jogo a uma obra de arte. Um momento único. Nem mesmo Rhodes consegue desviar a atenção da forma como moldamos o primeiro *set* a favor da nossa universidade.

Maverick, de repente, emerge como uma muralha imponente na rede, suas mãos se estendem quando um novo ataque vem do time adversário e Connor se prepara para montarmos uma nova jogada.

Assim que Davenport recebe a bola, ele a joga para mim e nesse instante eu sorrio. Sorrio porque me volto para Foster e percebo que a sincronia é como uma coreografia ensaiada.

— Pronto? — questiono, um sorriso nasce em seus lábios.

Maverick me dá um aceno.

— Sempre.

Com uma habilidade treinada por anos, realizo um levantamento perfeito para Maverick, que executa um ataque eficaz, sua mão toca na boca com agilidade e vence a resistência do bloqueio de Harvard.

Assim que está outra vez no chão, seus olhos se fixam nos meus.

— Isso, porra! — grita, batendo sua mão na minha.

Connor sorri ao presenciar isso e a equipe de Harvard se prepara para reagir, contudo, a nossa defesa sólida liderada por Davenport impede qualquer investida.

Meu amigo mostra agilidade e reflexos rápidos e a torcida vibra com cada defesa incrível do nosso time.

Meu coração acelera a cada jogada.

De relance vejo Coleman apoiar suas mãos no joelho e encarar o time adversário. Nós sabemos que eles possuem uma boa desenvoltura. Contudo, nada é páreo para NYU e antes mesmo do próximo saque, percebo Rhodes mandar Miller para a sua posição e eu me alongo. Observando Connor trocar algumas palavras com Maverick e logo após me lançar um aceno positivo.

De repente, Marner, o ponteiro, saca e faz com que o jogo reinicie.

Por reflexo, percebo Lago se aproximar e lançar-me um sorriso.

O sorriso que sei que é quando ele está pronto para atacar.

Por isso, ajeito o levantamento e jogo a bola em sua direção, observando-o pular e atacar com uma força invejável. Entretanto, o caçula dos Allister a pega, jogando-a para seu levantador e o central deles ataca, nos obrigando a montar um bloqueio.

Mesmo que Harvard marque alguns pontos, ainda conseguimos liderar toda a partida.

Assim que o último *set* começa, nós fazemos como nos treinos e Lago e Miller nos ajudam a montar todas as jogadas ensaiadas e até mesmo improvisadas que fluem com facilidade, mantendo os adversários constantemente na defensiva.

No último levantamento, meu olhar se desvia para a arquibancada por um segundo.

Um precioso segundo.

E ela está lá sorrindo em minha direção.

Orgulhosa.

Feliz.

Esbanjando o meu maldito sobrenome em suas costas.

Ao seu lado, Rowena me encara com o maior sorriso de todos. Seus olhos se findam nos meus e eu sei que não preciso de mais nada. Esse jogo já me deu tudo o que eu queria.

Com isso realizo o último levantamento para Maverick, que conclui o passe com um ataque que cai na diagonal, sendo impossível ser pego pelo time adversário.

Assim que a bola toca o chão do outro lado da rede, todo o estádio irrompe em um caos que aprecio.

O time todo em êxtase, aplaude essa sinfonia e eu sorrio.

Assim que me separo dos meus amigos, meus olhos voltam a ficar em Aurora, que agora está em pé na arquibancada e então faço o mesmo do último jogo. Eu levo o meu dedo anelar até a altura do meu peito.

Ela sorri.

Eu devolvo.

Todos nos observam.

Conway e McLaughlin que se odiavam há meses, agora, para o mundo se amam.

Nós fomos contra todas as probabilidades.

Mas, o que me assusta é que eu gosto desse novo resultado.

Mesmo sabendo que não deveria. Aurora tem a capacidade de me destruir novamente e eu não posso permitir que ela o faça. Porque desta vez, eu não saberia me reerguer.



Giro a garrafa de uma das cervejas, que Connor havia pego no bar há alguns minutos, sentindo a umidade grudar nas pontas dos meus dedos.

Nem mesmo a coloquei na boca. Apenas a girei por tempo suficiente enquanto meus olhos se fixam em Aurora, que está no meio do enorme local dançando com Rowena. As duas se divertem ao ponto de nem mesmo precisarem de álcool para conseguirem esquecer tudo ao redor. Wena se vira, encostando suas costas nas de Aurora, enquanto descem até o chão em um movimento lento e gargalham pelo feito.

— Elas não estão bêbadas — a voz de Lynn me faz desviar o olhar. — O que é surpreendente.

— Elas estão felizes.

— Wena está — minha amiga afirma. — Rora apenas finge.

Um peso se aloja no meu estômago.

Meu olhar se volta para Aurora.

Sua cabeça está jogada para trás e um sorriso toma conta de seus lábios. De relance, percebo alguém tirando uma foto dela, do outro, há inúmeras pessoas admirando-a.

— Ela vai ficar quando tudo acabar.

Nosso contrato. Nossos segredos. Nossa ligação persistente.

— Eu não acho.

Meu rosto se vira em direção a Lynn.

— O que você quer dizer com isso?

— Eu vi Rora no seu pior estado. — Seus olhos vão para uma das suas melhores amigas. — Eu estava lá quando ela voltou para Nova Iorque depois que os pais morreram e ela escolheu não participar do velório. Eu estava lá quando ela chorou por toda uma noite e, na manhã seguinte, sorriu como se nada a afetasse, Blake. — Ela faz uma pausa. — Então, não me diga que ela vai ficar bem quando nós dois sabemos que Aurora é a única entre nós que sabe como manipular suas emoções, para que todos achem que está bem. Ela fez isso durante todos esses anos e não serão seis meses de um contrato que mudará isso.

Eu me mantenho em silêncio por um momento.

*Manipuladora*.

Foi assim que a chamei por muito tempo.

Eu só nunca compreendi que ela manipulava tudo ao seu redor para se blindar.

Aurora não chora. A menos que seja relacionado a algo que a destrua.

Aurora não deixa que ninguém chegue perto dela. Nem mesmo as pessoas que ela conhece.

Aurora não fala sobre os pais, nem mesmo nas entrevistas. E todos nós sabemos que eles eram tudo para ela.

Ela manipula, mas faz isso para que as pessoas não enxerguem quem está por baixo de todas as suas armaduras.

— O que aconteceu na Inglaterra enquanto eu estava preso, Lynn?

Minha amiga me encara.

— Ela nunca nos contou, Blake. — Minha amiga suspira. — Você acha que...

— Não, é impossível.

— Eu soube que nunca o acharam.

— É impossível, Lynn — sussurro, minha voz não dá brechas para uma discussão. — Tem que ser impossível.

*Tem que ser.*

*Tem que ser.*

Porque se não for, todos nós corremos perigo.

Jeremiah Dellacor vivo é o sinônimo da nossa morte.

Ele nunca perdoaria Aurora e a tomaria como sua da mesma forma.

Porque eu sei que ele faria qualquer coisa para ter a empresa da família de Aurora. Principalmente quando ela é a última herdeira viva. A única que pode ter acesso a todos os diamantes e se ela morrer, ele perde tudo.

Levo a cerveja até meus lábios, sentindo que está quente há bastante tempo e a abandono-a no balcão.

— Só espero que você e ela não se destruam mais do que já fizeram, Blake — Lynn finalmente responde. — Eu assisti em primeira mão o que aconteceu com vocês. Eu te vi sofrendo quando saiu do presídio e eu a vi se blindar depois que voltou.

— Nós não vamos.

— Mas, eu não acredito nisso — Há verdade em seu tom. — Porque eu também sei que você esconde coisas dela. E quando tudo isso for

revelado, a queda de vocês não será graciosa.

Com isso, ela se vira e vai até Connor, que nos encara com uma sobrancelha erguida. Meu amigo sabe o que escondo. Ele sabe perfeitamente que Aurora pode não me perdoar quando souber o que fiz após a minha saída da prisão.

Mesmo sabendo disso, eu me desencosto do balcão e caminho até ela, que agora dança sozinha em meio a tantos universitários. Ela ainda traja a camiseta com meu sobrenome e por este motivo nenhum idiota ousou se aproximar dela.

Assim que estou atrás dela, ela me encara sobre os ombros no mesmo instante que a melodia de *Confident*, de *Justin Bieber,* começa a ressoar pelo bar lotado. Rora sorri lascivamente em minha direção e levanta a *long neck* ao passo que começa a rebolar de leve enquanto se abaixa em seu salto.

Ela não se importa que algumas das pessoas a observem. Seu olhar ainda continua fixo no meu mesmo quando sua bunda quase alcança o chão e ela volta a subir, mordendo o lábio inferior, fazendo com que o batom vermelho em seus lábios se destaque ainda mais e tenho vontade de puxá-la para mim e beijá-la.

Perfeita.

A porra da minha perdição.

Para ser sincero, tenho vontade de puxá-la para mim e, logo após, levá-la a um dos armários de suprimentos do bar para fodê-la até que a imagem dela rebolando não foda com todo o meu pensamento. Contudo, é impossível, porque no instante seguinte Aurora encosta seu corpo no meu peito e começa a se mover lentamente enquanto a música toma conta de todo o momento, eu esqueço isso.

Meu pensamento é tomado apenas pela sensação de seu corpo contra o meu e como juntos somos certos. Sua mão se agarra a minha e a apoia na sua barriga, enquanto balançamos ao som da melodia sensual. Não me importo se amanhã terá fotos nossas por toda a internet ou se meu treinador irá lotar a minha caixa de e-mail com seus xingamentos.

Eu apenas aproveito o momento com a minha garota.

De repente, o refrão da música começa e o rosto de Aurora se vira em minha direção. Não é preciso de mais nada, apenas as palavras que estão sendo cantadas pelos cantos basta.

É isso que precisamos dizer um ao outro. É isso que desejamos.

*E eu não sei o porquê*
*Eu estou viciado*
*Algo como viciado*
*Me deixou confuso*
*Mas eu ainda preciso tê-la*

Não há um bar lotado.

Minha vitória é esquecida.

Todos nossos problemas se tornam apenas um murmúrio distante.

E nós nos tornamos ímpetos.

Aurora joga sua cabeça em meu ombro e eu aperto sua cintura.

Nos movemos juntos. Sincronizados.

Somos uma mistura de tensão e luxúria.

Somos o caos e a calmaria.

O tumulto das águas agitadas que batem na costeira do oceano e logo após encontra a serenidade das marés tranquilas.

Aurora, de repente, gira seu corpo e ergue o queixo, encontrando o meu olhar e neste instante, tudo realmente para e eu me pego fascinado pelo tom escuro que agora invade suas pupilas. Meu olhar se abaixa vagarosamente até seus lábios e a observo passar a língua pelo lábio inferior de uma forma que faz meu pau se apertar em minha boxer.

É tentador.

Ela é tentadora.

Andar no limiar entre desejá-la e odiá-la está cada dia mais insuportável.

Aurora se aproxima e eu me abaixo. Centímetros nos separam e me pego desejando que o tempo desacelere para podermos aproveitar essa sensação que toma conta do meu corpo. Seu queixo se apoia no meu ombro e ela vira o rosto um pouco para o lado e deixa um beijo leve em meu pescoço.

— Quanto tempo mais você vai me desejar de longe, McLaughlin? — seu sussurro me arrepia. — Quanto mais eu terei que desejá-lo e não poder tê-lo?

Me afasto um pouco, pegando seu queixo e virando-o em minha direção.

— Sua casa ou a minha?



# CARA VIRANDO COROA

*Eu não quero viver para sempre*
*Porque eu sei que estaria vivendo em vão*
*E eu não quero me encaixar em nenhum outro lugar*
*Eu só quero continuar chamando o seu nome*
*Até você voltar pra casa*
**I Don’t Wanna Live Forever | Taylor Swift feat. Zyan**

## AURORA CONWAY

Eu sabia que estava ficando maluca.

Sabia que era uma má ideia.

E mesmo assim não me importei.

Não me importei porque desejava Blake de uma forma que ia contra toda a minha sanidade e, talvez, seja esse o motivo pelo qual agora ele me tem sentada no balcão da fraternidade, com seus lábios em meu pescoço e tudo dentro do meu corpo queimando por cada toque.

Eu o beijei quando alcançamos o seu carro.

E precisei de tudo dentro de mim para não atacá-lo no instante que ele estacionou na garagem e me puxou para si antes mesmo de alcançarmos a porta. O silêncio do ambiente foi o que precisamos para sabermos que estávamos sozinhos.

Quando ele me pegou no colo e me beijou, meu mundo parou.

Tudo em mim foi para o espaço.

Nada mais importava, mesmo que isso fosse errado.

Nós não deveríamos fazer isso, contudo, sinto que somos os donos do universo apenas por estarmos juntos neste instante. Apenas por não nos importarmos com os limites impostos no nosso acordo. Nós o atravessamos no momento que seus lábios tocaram os meus naquela quadra.

Vivemos ultrapassando-os.

Porque sempre fomos assim.

Nunca conseguimos seguir as regras.

Nós jogamos contra elas.

Seus dedos habilidosos traçam um caminho delicado até minha cintura e seus lábios tomam os meus com fome. Desespero. Contudo, antes que Blake possa ter o êxito de abrir os botões da minha calça, ele me surpreende pegando-me no colo e girando nossos corpos sentido à escada.

Antes mesmo de alcançarmos o topo dela, ergo uma sobrancelha.

— O que caralhos você está fazendo?

Ele sorri em meu pescoço, deixando-me uma série de arrepios.

— Por mais que eu deseje te foder contra aquele balcão — Outro beijo é depositado em minha pele. — Não vou correr o risco de alguém chegar e te ver, linda.

— Você é um idiota obcecado — Não seguro o sorriso em meus lábios.

— Acho que já concordamos que quando se trata de você, eu sou mesmo— Sua mão aperta minha bunda. — E porra, não me importo com isso.

Abro meus lábios no mesmo instante que ele destrava a porta e adentramos o local. A pouca iluminação do ambiente faz com que Blake caminhe devagar até a cama e me deposite nela com cuidado. Sinto suas mãos soltarem meus saltos e logo após o barulho deles caindo em algum lugar do seu quarto é ouvido, minha calça é a próxima coisa que sai do meu corpo e fico apenas com a camiseta do seu time e a calcinha.

Ele se afasta por um momento e escuto suas roupas sendo jogadas. De repente, seu corpo cobre o meu e nossas bocas se chocam em um beijo que desarma todos os meus pensamentos. Minhas pernas se enrolam em sua cintura e minhas mãos se afundam em seu cabelo, puxando-o para mim enquanto nossos corpos trabalham em uníssono para conseguirmos estar o mais próximo um do outro.

Não há nada romântico no nosso beijo.

Nunca há.

É sempre um misto de domínio e tensão reprimida.

É uma luta onde nenhum dos dois quer ceder.

Forçando meu corpo para o lado, inverto nossas posições, colocando-me sentada em seu quadril e sorrindo quando ele se senta e

procura pelos meus lábios. Nossas línguas lutam uma contra a outra. Não há perda de tempo, nós aproveitamos cada instante e quando suas mãos puxam a camisa do meu corpo e vermelho toma conta de nossas visões, um sorriso canalha toma conta de seus lábios.

É um sorriso predador. Único.

Sei que ele sorri desta maneira por observar o sutiã que estou usando. Que nada mais é do que uma das peças que ele enviou para o meu apartamento. Sua reação faz com que eu precise morder meu lábio, segurando um sorriso e apreciando o momento.

— Eu estava certo — ele deposita um beijo em meu queixo. — Você fica espetacular de vermelho, porra. — Sua mão desce até minha calcinha, arrastando-a para lado e seu polegar circulando meu clitóris. — Você por inteira é espetacular.

Tombo minha cabeça para trás, me esfregando descaradamente em seus dedos e quando sinto seu dedo deslizar para dentro de mim, eu perco o controle. Rebolo contra sua mão, inclinando-me para ficar na altura dos seus lábios e beijá-lo, sentindo seu pau entre nós. Sua outra mão livre, sobe até minhas costas, soltando a peça do meu corpo e permito que ele a jogue em algum lugar que terei que procurar mais tarde. Meus seios agora roçam seu peitoral e a sensação causa espasmos em minha pele.

Afasto-me de seus lábios e deixo com que minha boca se feche na pele de seu pescoço, devolvendo todas as marcas que ele me fez da última vez. Eu a mordo e chupo, seus movimentos dentro de mim aumentam e um gemido salta dos meus lábios. Sua mão se fecha em meu pescoço, afastando-me e nossos olhos se encontram.

Suas pupilas dilatadas queimam.

Um sorriso depravado salta dos meus lábios ao passo que rebolo em seus dedos, obrigando-o a acrescentar mais um. Eu não nego que estou à sua mercê. Não nego que neste instante é o que eu desejo e Blake sabe disso, ele sabe que meu coração acelerado e minha respiração descompassada se deve ao que ele faz comigo.

Ao que fazemos um com outro.

Minhas costas, de repente, se arqueiam quando ele pressiona meu clitóris e o movimento dentro de mim aumenta. Minha cabeça pende para trás e eu me pego cavalgando em seus dedos sem nenhum pudor.

— Porra, eu vou... — Minha voz se perde. — Blake...

Sinto seu sorriso ao passo que ele aumenta o movimento e sua boca se fecha em meu mamilo eriçado. Ele morde, chupa e me faz gritar. O idiota me leva ao meu limite e aprecio cada instante.

Porque eu amo isso. Eu amo como funcionamos juntos.

Amo que ele consegue me quebrar, mesmo que eu saiba que faça o mesmo com ele. É sádico. Perigoso. Destrutivo. Mesmo assim nós continuamos procurando pela sensação caótica de que apenas nós conseguimos ter.

Meu corpo, de repente, se contorce e minhas pernas tremem ainda mais. Blake não para os movimentos, ele continua massageando meu clitóris, prolongando o meu orgasmo, fazendo com todas as partículas do meu corpo peguem fogo.

— Linda — ele sussurra, deixando um beijo no canto dos meus lábios. — Porra, linda *pra* caralho.

Seguro seus ombros, encarando seu rosto com um sorrisinho de lado.

— Sente-se na ponta da cama — peço. — E cale a boca.

Blake solta uma risada nasalada, me observando sair do seu colo e esperar que faça o que pedi. Sem nenhum protesto, ele o faz e me ajoelho entre suas pernas. Apoiando minha mão em sua perna nua. Arrasto minha unha de leve pelo interior de sua coxa, sentindo-o arrepiar pelo meu toque e assim que envolvo seu pau em minhas mãos, ele fecha os olhos.

— Apenas relaxe, querido. — murmuro. — E aproveite o seu prêmio pela vitória.

Sorrio quando Blake levanta o quadril, me permitindo ter acesso total e fazendo seu pau, muito duro, saltar, revelando a gota de pré-sêmen acumulada na ponta. Abaixo o rosto, aproximando minha boca do seu membro e bombeando lentamente com as mãos.

Sinto a sua respiração se tornar pesada e sua mão segura a parte de trás do meu pescoço enquanto a outra guia o seu pau até minha boca. Coloco a língua para fora, giro-a na glande, sentindo o gosto salgado e então envolvo meus lábios ao redor dele e o chupo.

A mão que estava em meu pescoço se enrola em meu cabelo e uma série de palavrões ecoam pelo quarto, fazendo-me aumentar o movimento. Finco minhas unhas em sua coxa e levo-o, sentindo-o atingir o fundo da minha garganta e engasgo, porém continuo.

— *Hottie!* — rosna. — Foda-se, linda, você é tão boa.

Não respondo, ao invés disso, volto a minha atenção ao que estou fazendo e o tiro dos meus lábios apenas para lamber toda a sua extensão, devagar, apreciando cada grunhido que sai da garganta de McLaughlin. Ele se move para conseguir encarar minha boca tomar todo o seu pau, num ritmo acelerado entre chupar e arrastar minhas mãos até suas bolas, dando-lhes atenção.

Blake força-me a encará-lo e percebo que está sorrindo. É um sorriso cruel. Lascivo. Porra, é o meu *favorito*. Porque sei que é quando ele perde todo o seu controle, quando ele me dará o mundo se eu pedir. De repente, ele puxa os fios da minha nuca mais forte e solto um gemido apreciando a dor junto a sensação que o momento me causa.

Não suportando mais, minha mão desce entre minhas pernas, por dentro da calcinha e circula o meu clitóris ao passo que minhas íris nubladas de desejo fitam as suas. Meu batom mancha seu membro e ele aprecia tanto isso que nem mesmo desvia o olhar.

Ele me prende no esverdeado dos seus olhos.

Ele me mantém cativa no nosso desejo.

Blake toma tudo de mim e nem mesmo percebe.

— *Aurora…* — Blake geme quando o levo fundo em minha garganta. Sinto suas pernas ficarem trêmulas. — Merda, não pare de engolir meu pau desse jeito, amor. Você é perfeita.

Sorrindo, o abocanho com fome, começando um vaivém que faz com que o aperto em meus cabelos aumente, assim como o meu sorriso no seu pau. Eu o levo fundo e então, o chupo com a pressão certa, inúmeras vezes. Blake arqueia levemente as costas quando faço uma sucção forte propositalmente e um gemido alto escapa da sua boca, enquanto seus impulsos ficam mais duros e desleixados, me mostrando o quão perto está.

Sabendo disso, esboço minha melhor cara de safada e continuo acariciando seu membro com meus lábios junto a minha mão. Delicio-me quando percebo que ele perde o controle e se perde em seu próprio êxtase, chamando meu nome ao passo que engulo tudo, desfrutando do seu orgasmo em meus lábios.

Apoiando-me em meus joelhos, me afasto dele, observo meus cabelos caírem pelos meus ombros quando seu aperto some. Minhas mãos sobem até minha boca e limpo o canto dela com o polegar. Um sorriso toma conta do meu rosto ao passo que observo os olhos de Blake voltarem a me encarar, então percebo que estou completamente fodida.

Um sentimento possessivo e regado à luxúria sobe pelo meu peito quando percebo a satisfação em seu rosto e antes mesmo que eu possa dizer algo, Blake me puxa para cima e me pega no colo, selando nossos lábios e girando-nos, fazendo-nos cair na cama.

— Eu vou te foder tão forte agora, amor. Eu vou fazer isso tão bem que não haverá ninguém melhor que eu. E você não terá a oportunidade de procurar por mais, nem aqui e nem na Inglaterra, porque você vai sentir a minha marca em qualquer lugar — sussurra em meu ouvido, esfregando seu pau em minha boceta encharcada. — Você vai me sentir, você vai lembrar, linda. Isso é uma promessa.

E merda, eu acredito em suas palavras.

Porque eu sei que são verdadeiras.

Eu sei que não há como ninguém me fazer sentir como ele me faz.

Sabendo disso, eu circulo sua cintura com as minhas pernas e ele guia, entrando em mim com força. Nosso gemido se torna uníssono e tudo parece certo. Nós parecemos certos.

Seus movimentos tomam impulso e me fodem com força. Com raiva. Blake me demonstra que não está blefando em suas palavras. Ele me marca, seja na forma como empurra dentro de mim ou nas mordidas e beijos que deixa em minha pele.

Eu sorrio quando minhas unhas arrastam pelas suas costas. É um sorriso diabólico. É a forma mais depravada de deixar claro o que está acontecendo aqui. Os movimentos de vai e vem, diminuem, fazendo-me reclamar e ele sorri contra meu pescoço. Sua língua desce pela linha da minha garganta, lambendo cada parte avidamente e eu ergo meu quadril pedindo por mais, suplicando para que ele aumente suas investidas.

Mas Blake tem outro plano. Ele desenrola minhas pernas de sua cintura e joga uma delas em seu ombro e entra em mim intensamente, estocando repetidamente de uma forma mais profunda que me obriga a arquear a minha coluna, dando-lhe mais acesso e empurra até a borda do meu limite.

— Blake, merda... — grito, já não me importando com nada.

Ele sorri.

É lindo. Porra, minha perdição.

Nossos corpos se movimentam de uma forma animalesca. E percebo que neste momento, estamos nos tornando um só. Que nada pode se comparar a magnitude disso.

Essa noite, assim como a última que tivemos, é somente sobre Blake e eu.

Cara virando coroa.

Rei e rainha.

*Não a herdeira dos diamantes.*

*Não o herdeiro dos McLaughlin.*

Só Aurora e Blake.

Como costumávamos ser, antes de tudo ruir.

Precisamos um do outro, como precisamos de ar.

E estou cansada de reprimir e negar isso a mim mesma.

Jogo a cabeça para trás, fincando minhas unhas no lençol, quando ele solta a minha perna e se inclina, fazendo com que sua boca encontre um dos meus mamilos, enquanto sua mão envolve meu outro seio. Blake empurra dentro de mim, porém, de repente, ele inverte nossas posições e me coloca sentada em seu quadril, me invadindo com força.

Um grito salta dos meus lábios e mordo seu ombro quando ele envolve meus cabelos em seu punho livre e puxa a minha cabeça para trás, arrancando um sorriso e um gemido de mim.

— Acha divertido o que faz comigo, Aurora? — murmura, descendo a boca para o meu pescoço. — Você me deixa completamente louco, insano, é a porra da minha perdição, *hottie*.

— A recíproca é verdadeira — estalo a língua, ofegante.

Agarro os seus cabelos, guiando sua boca de volta para a minha, querendo seus beijos o tempo inteiro. Quando nos afastamos em busca de ar, os olhos de Blake brilham na minha direção, me apreciando.

Ele levanta a mão e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, com cuidado, como se tivesse medo de que, a qualquer movimento brusco, fosse me fazer desaparecer da sua frente e é totalmente diferente de minutos atrás, quando fodíamos como animais.

Blake me encara como se eu fosse uma maldita obra de arte que merece o maior cuidado que possa existir e eu devolvo o olhar. Nossos corpos são um só e nada mais importa, ele desliza lentamente as costas da mão pela lateral do rosto, descendo para o meu pescoço e segura meu ponto de pulsação.

É real.

Nós somos reais.

Sabendo disso, rebolo contra seu pau e ele beija o meu ombro, descendo a boca pela minha clavícula. Assim que voltamos a nos olhar, o tempo congela para mim.

Esses olhos… O verde deles.

O meu tom favorito.

Olhos que me dizem tantas coisas, que me *lembram* tantas coisas, que foram o motivo de tanto sofrimento e saudade, por anos, e agora… me olham com a mesma devoção de anos atrás. Contudo, não posso lidar com isso agora. Não posso e não desejo, e, exatamente por isso, eu o puxo para mais um beijo. Para o momento em que não falamos sobre os nossos sentimentos, mas sim, em como precisamos disso para matar a necessidade.

— Qual a sensação, *hottie*, qual a sensação de ser minha novamente? — sussurra quando me afasto para tomar fôlego. Sua mão aperta minha bunda. — Qual a sensação de saber que diz me odiar, mas está louca para gozar no meu pau?

Mordo o lábio, assentindo para tudo o que diz.

Porra, esse homem tem o dom de me deixar com as pernas bambas e sem palavras. É patético até para mim. Então, odiando isso, eu o ataco, agarrando sua nuca e voltando a beijá-lo com toda a urgência que há em mim. Blake grunhe contra a minha boca, me agarrando e eu dou impulso, sentindo seu pau se contrair dentro de mim.

Nossos corpos estão suados, marcas das minhas unhas desenham sua pele e certamente todo o meu pescoço contém novos hematomas, que me farão usar gola alta por mais dias. Entretanto, não nos importamos. Nós apenas apreciamos a sensação enlouquecedora que toma conta de nós.

Começo a subir e descer lentamente, afastando todos nossos pensamentos e levando-o o mais fundo que posso, fazendo nossos gemidos reverberarem pelo quarto.

Tombo minha cabeça para trás, enquanto ele me ajuda com os movimentos e quando seu polegar encontra o meu clitóris, seu nome escapa dos meus lábios, em um chamado alto.

— Blake! — grito quando desfere outro tapa ardido na minha bunda e massageia a região em seguida.

— Sim, *hottie* — diz, beijando minha pele. — Agora é a minha vez.

Engasgo quando, sem esperar mais nenhum segundo, Blake empurra dentro de mim, me fazendo gritar. Ele agarra os meus cabelos, dizendo coisas sujas, enquanto estoca, batendo fundo em minha boceta.

Eu chamo o seu nome inúmeras vezes, a familiar sensação crescendo pouco a pouco dentro de mim. Eu não posso suportar por mais tempo.

— Mais forte! — exijo e ele obedece. — Meu Deus, eu vou...

Blake sorri contra meu pescoço.

É sujo.

*Oh, Deus.*

É a porra da oitava maravilha.

Tudo o que eu preciso.

— Vamos lá, linda — sussurra, se afastando um pouco e segurando minha cintura para que eu possa ir mais rápido e mais fundo. — Eu quero que você goze olhando para mim. Quero ver o que eu faço com você, amor. Quero ter o privilégio de saber que fiz isso com você, que te proporcionei tanto prazer.

Meu corpo obedece no mesmo instante, como se Blake tivesse realmente o controle de mim. Eu o puxo para mais perto, nossas testas se encostam, nossas respirações se tornam uma só. E minhas unhas fincam em seu ombro, enquanto sinto a corrente elétrica percorrer todo o meu corpo para, enfim, ser liberada em um gemido que me surpreende.

Segundos depois, sinto o corpo de Blake se enrijecer e ele pender a cabeça na curva do meu pescoço, enquanto cai em seu orgasmo, gemendo meu nome. Antes que eu possa dizer algo, ele beija meus lábios e me puxa para deitarmos; eu em cima do seu corpo.

Não deveria ficar.

Não deveria adorar esse momento.

— Eu acho que iremos precisar rever os nossos limites, linda. — A voz de Blake ressoa baixa. Meu corpo já cedendo ao cansaço.

— Por quê?

— Porque eu pretendo ultrapassar todos eles por você.

Entretanto, me pego fechando os olhos e me entregando a exaustão.

# 24



# AURORA BOREAL

*Eu daria qualquer coisa para ouvir*
*Você dizer isso mais uma vez*
*Que o universo foi feito*
*Apenas para ser visto pelos meus olhos*
**Saturn | Sleeping At Last**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Eu sabia que estava ferrado quando acordei e Aurora estava deitada em meus braços.

Principalmente pelo fato de que ela poderia muito bem acordar e me chutar, mesmo que esse seja o meu quarto. Suspirando, tento me mover sem acordá-la, porque ninguém suporta seu humor pela manhã.

Aurora Conway só funciona depois de uma xícara de café.

E ele não pode ser doce. Doce a irrita ainda mais.

Me surpreendo quando isso recai em minha mente. Não o fato de eu saber o que ela gosta, isso não é novidade. Mas, sim, que eu me importo se ela terá o seu café, se o humor dela está bom ou ruim.

*Eu estou completamente ferrado.*

— Se você quer sair da cama, tente ao menos não me acordar — sua voz sonolenta me faz segurar uma risada. — Há pessoas que não são matinais, Blake.

— Você é uma delas.

— Eu sou a primeira da lista.

Soltando uma risada, finalmente me levanto e observo-a se enrolar em meu cobertor.

A imagem esquenta a porra do meu coração. Porque ela, esparramada na minha cama, sem nenhum medo de que alguém entre e nos pegue, sempre foi um sonho distante.

Eu sempre a quis.

Não o nosso relacionamento passado.

Não às escondidas.

Eu sempre a quis onde todos pudessem ver que ela me pertence.

Esse pensamento me segue durante o banho e quando volto, percebo que ela continua dormindo e acredito que não vá acordar tão cedo. Não quando não temos aula hoje e meu treino foi cancelado por uma viagem de última hora de Rhodes.

Aproveito que ainda tenho um tempo antes dela acordar e desço até a cozinha cheia de jogadores com ressaca. Coleman me encara com um olhar cansado e não duvidaria que ele tenha chegado agora na fraternidade. Do outro lado, Miller está com um livro nas mãos que tenho certeza que é de romance, já que ele é apaixonado por isso. Não há nenhum vestígio de Connor ou Maverick, o que me indica que eles dormiram no apartamento das meninas ou, assim como Aurora, continuam dormindo.

— Por que você não parece destruído? — Coleman questiona. — Você também estava lá.

— Porque eu sei aproveitar as festas sem precisar ficar bêbado até cair — digo indo até a cafeteira.

— Mentira — Miller sorri de canto. — Ele não está cansado porque Rora o tirou da festa antes mesmo de conseguir terminar a primeira cerveja. Ele agora é um cachorrinho adestrado.

Uma risada soa atrás de mim e percebo ser Marner.

— Ele sempre foi, não?

— Calúnia — resmungo.

— Você nunca deixou nenhum garoto da NYU chegar perto dela — Lago zomba. — Não sei como Davenport conseguiu se tornar o melhor amigo.

— Ou é ela que nunca quis vocês, seus merdinhas.

Uma risada soa. Matthews aparece ao meu lado e pousa a mão no meu ombro.

— Você é um mentiroso de merda. — Ele sorri. — E para provar meu ponto vou fazer apenas uma pergunta. — Ele se vira para todos. — Qual sempre foi a primeira regra do time mesmo?

— *Nunca chegar a um metro de distância de Aurora Conway.* — Todos respondem em uníssono

Reviro meus olhos, puxando duas xícaras do armário.

— Vocês se lembram de quando ela pulou bêbada na piscina e o vestido dela ficou transparente? — Meu olhar afiado alcança Coleman. — Blake deu dez mil dólares para o idiota do Jullian, para que ele acabasse com a festa só para que ninguém a visse.

— Precauções — Dou de ombros.

— Ela sabe que você compra macarons todas as semanas que está aqui, desde que começaram a namorar? — Lago indaga. — Ou melhor, desde quando Connor dizia que ela passaria aqui para assistirem algo?

— Ou que você tem todos os *streamings* de desenhos animados pago mesmo que nem assista TV? — Marner zomba.

— Como caralhos vocês sabem tanto da minha vida? — Cruzo os braços, irritado.

— *Connor* — eles dizem.

— Davenport sabe que você é o nosso entretenimento. — Miller abaixa o livro. — Aliás, qual vai ser o seu gesto?

— Meu gesto?

— Por favor, me diga que você pensou em algo.

— Por que teria que pensar em algo? — Confusão toma conta do meu semblante.

— Você nunca leu um livro? Nunca viu que sempre há um gesto? — Ele balança o exemplar e eu tento ler o título. — Sempre tem um momento que o cara vai se declarar e leva ela no lugar favorito da garota.

— Me diga por favor que você não está comparando meu relacionamento ao dos seus livros — Ergo uma sobrancelha.

— Não — Miller abre a boca. — Eu não ousaria insultar meus romances.

— Pelo amor de Deus, Miller.

— Agora nos conte. — Ele sorri. — Você já pensou em levá-la ao seu lugar favorito?

Percebo que todos estão esperando pela resposta.

Termino de servir meu café e o de Aurora.

Pego os malditos macarons.

Finalmente encaro-os.

— Não, seus idiotas. — Passo por todos eles. — Não há um lugar favorito para levá-la.

Não fico para ouvir os lamentos.

Não me importo com eles.

Porque eu não levaria Aurora a um lugar favorito.

Não mesmo.



Eu levo Aurora no *meu* lugar favorito.

Na verdade, eu gostaria de afogar Miller e suas ideias idiotas. Porque eu não tinha a intenção de fazer algo assim. Não tinha a intenção de pegar o jatinho da minha família e nem mesmo agendar uma viagem de última hora que fizesse com que Rhodes quisesse a minha cabeça.

Eu realmente não tinha a intenção.

E só fiz isso, dizendo a mim mesmo que pode ser bom para o nosso acordo.

Se soltarmos fotos, todos irão achar que estamos tão apaixonados que fui capaz de atravessar o oceano até a Islândia, apenas que ela possa presenciar o fenômeno que deu origem ao seu nome e a minha tatuagem.

É uma ideia patética.

Eu me sinto patético.

Mas, à medida que a aeromoça nos avisa que estamos há poucos minutos de pousar, eu sinto todo o meu corpo ser inundado de ansiedade. Eu não disse a ela para onde estávamos indo. Não contei que a viagem que estamos fazendo não é nada relacionado ao nosso acordo.

Eu apenas a fiz arrumar as malas, mesmo que isso tenha gerado uma discussão de horas, e cancelar todos os compromissos por dois dias.

Apenas dois dias para podermos ir até a Islândia.

*A maldita Islândia.*

— Está tudo bem? — Aurora pergunta, tirando os olhos do *tablet* em suas mãos.

Dou de ombros.

— Por que não estaria?

— Porque você está agindo estranho desde que saímos de Nova Iorque.

Solto um bufo, dando de ombros.

— E você está prestando muita atenção em mim, *hottie*.

Ela revira os olhos e volta a sua atenção ao que quer que esteja fazendo.

Deve pensar que eu pareço patético.

Na verdade, eu sou.

Nunca precisei fazer uma surpresa.

E agora me encontro como um garoto assustado no primeiro dia de aula.

Tento voltar a minha atenção para o artigo da minha aula de direito penal e fingir que não estou com receio dela chutar a minha bunda quando pousarmos. Apenas leio todas as páginas disponíveis pelos vinte minutos seguintes e só solto quando o avião chega em nosso destino, somos obrigados a pousar e seguir até o carro que nos espera, para irmos até o hotel que Wena reservou para mim.

— Por que estamos na Islândia?

Aurora questiona assim que entramos na enorme suite.

— Porque eu quero te mostrar algo.

— Algo? — Desconfiança toma conta de seu tom. — Eu devo me preocupar?

O canto da minha boca se eleva em um sorriso.

— Sempre, *hottie*. — Dou um passo em sua direção. — Então se arrume, se não vamos nos atrasar.

Me viro para caminhar até a pequena mala que trouxe e ela vai até a sua.

— Uma dica do que vestir? — Encaro-a por cima dos ombros. — Não diga o que estou pensando.

— Não sei o que está pensando.

— Você é um idiota.

— Eu amo o quanto você reforça isso — zombo e me viro novamente para a mala. — Apenas vista o que você achar confortável.

Aurora não diz mais nada, apenas pega suas coisas e segue até o banheiro. Aproveito o tempo que ela demorará e abro a conversa com Connor, sabendo que o idiota está lotando minha caixa de entrada desde que saí de Nova Iorque.

***itsconnordevanport:*** *ela já chutou sua bunda?*

***itsconnordevanport:*** *preciso chamar a polícia?*
***itsconnordevanport:*** *mclaughlin?*

***itsblakemclaughlin:*** *você não tem nada para fazer?*

***itsconnordevanport:*** *graças a deus, porra.*
***itsconnordevanport:*** *deu certo?*
***itsconnordevanport:*** *por que ainda não tem fotos?*

***itsblakemclaughlin:*** *porque acabamos de chegar, porra.*
***itsblakemclaughlin:*** *está mais ansioso do que eu, por quê?*

***itsconnordevanport:*** *porque eu preciso estar a par de tudo.*
***itsconnordevanport:*** *se Rora te matar, eu vou ter que fazer um discurso.*
***itsconnordevanport:*** *Lynn pediu para te dizer que ela gosta de vinho branco*
*(não sei porque ela quer que saiba disso)*

***itsblakemclaughlin:*** *diga a Lynn que ela é a minha pessoa favorita.*

***itsconnordevanport:*** *e eu?*

***itsblakemclaughlin:*** *você não.*

Assim que bloqueio meu celular, Aurora finalmente abre a porta do banheiro. Meus olhos estudam o casaco preto de couro que vai até abaixo de seus joelhos e dá destaque a bota bege. Os cabelos soltos e ondulados caem pelos ombros.

Porra, linda.

Eu nunca me cansaria de observá-la.

— Antes de irmos, eu preciso ligar para Dinara — ela afirma, passando por mim. — Tudo bem?

— Vou me arrumar enquanto você faz sua ligação — digo, lançando-lhe um pequeno sorriso.

Com isso, ela se vira e eu entro no banheiro. Tento ao máximo não demorar e vinte minutos depois, saio e a encontro sentada na cama com o celular em mãos.

Seus olhos se levantam assim que a alcanço e apenas se ergue e ajeita o corpo ao passo que eu coloco minha jaqueta e seguimos para fora

do hotel. Minha mão alcança a sua e não me importo de entrelaçá-la.

O que me surpreende, é que Aurora devolve o aperto.

Porra, ela nem mesmo tenta se esquivar.

E isso não deveria me deixar tão contente, contudo, deixa.

No caminho até o nosso destino, eu não a solto. Sempre arrumo uma maneira de ter minhas mãos tocando-a. Nem mesmo me importo com como isso pode soar. Eu apenas imagino que ela seja a minha Aurora novamente e eu, seja o seu Blake.

O Blake que ela beijou naquela biblioteca. O cara que invadiu a mansão dos seus pais para lhe entregar um presente. O que lhe mostrou todos os cantos de Nova Iorque. Apenas o único que se importou com como ela se sentiu e não com seu sobrenome.

Eu apenas a amei como ela merecia, mesmo que o nosso fim tenha sido algo que ninguém deveria viver. Algo que não desejo a ninguém. Porque o fim de um amor, é doloroso. Quando ele é real, as feridas que ele causa nunca são completamente cicatrizadas. Porque sempre haverá marcas, sempre haverá algo que nos fará relembrar de como nos sentimos quando aquilo era a única coisa que tínhamos.

O amor pode ser lindo, mas ele também pode intoxicar a alma.

Porém, por um dia, esqueço tudo à minha volta. Por um dia, eu apenas finjo que a tenho porque queremos isso e não porque somos obrigados. Porque temos um contrato que nos liga.

Assim que o carro é estacionado, puxo-a com delicadeza para fora do automóvel e seguro sua mão até chegarmos ao lugar que sempre desejei trazê-la.

A vista da Aurora Boreal.

Ao fenômeno que dá significado ao seu nome.

A tatuagem que carrego comigo.

— Blake… — Seus lábios se entreabrem surpresos. — Meu Deus, isso… Isso é perfeito, Blake.

Sorrio.

Não acho que posso parar de sorrir tão cedo.

— Não tanto quanto você — murmuro.

Encaro a paisagem de relance. O céu dança com a magia que sempre achei impossível, em uma mistura de verde, rosa e violeta. A fria brisa acaricia nossos rostos enquanto a minha atenção se volta toda para a única mulher cujo nome é como uma prece nos meus lábios.

A única Aurora que me importa.

Seus olhos brilham ao encarar a luz dançante acima de nós e me sinto a pessoa mais sortuda do universo por presenciar esse momento. Por saber que ela, agora, é apenas a Aurora que sempre me confidenciou o segredo de que a Aurora Boreal era seu fenômeno favorito, porque sua mãe o amava.

— Obrigada — ela sussurra.

Viro-me totalmente em sua direção.

— Pelo quê?

— Por me mostrar a esperança, Blake. — Ela dá um passo até mim. — Por me mostrar que mesmo que o mundo tenha nos machucado, ainda somos os mesmos.

Eu deveria odiá-la. Deveria mantê-la longe. Mas como fazer isso se ela sempre se torna tudo para mim? Como fazer isso se eu seria capaz de qualquer coisa para fazê-la minha novamente?

Eu já não me importo com contratos. Com reputação. Ou com a ira de Sebastian.

Eu apenas a desejo.

E enquanto estamos aqui, no limiar do mundo, abraçados pelo silêncio e o gelo sob nossos pés, meus olhos, mergulham nos olhos dela, refletem a beleza etérea que se desenrola no céu noturno.

Nada é mais perfeito que isso.

Nada se compara a nós dois.

Aurora e Blake.

Pego-me puxando-a para mim, fazendo com que seu peito se choque com o meu e ela erga o rosto para me observar.

— Me conte um segredo, linda.

Meus dedos acariciam seu queixo.

Ela é perfeita.

Eu nunca irei superar que seus olhos me conquistaram desde o primeiro instante.

— Eu nunca te esqueci.

Sorrio. Porque eu sei disso.

Não há como esquecer o que tínhamos.

Não há como apagar o que fomos.

— Me peça um segredo, Aurora.

Seu nome é como uma promessa em meus lábios. Me pego desejando capturar a delicadeza da aurora boreal e, ao mesmo tempo, selar em nossos corações o vínculo que o universo parece ter orquestrado.

Tudo ao nosso redor brilha.

É caos misturado a paz.

São lados opostos.

É Conway e McLaughlin finalmente na mesma equação.

— Me conte um segredo, Blake — sussurra.

As luzes dançam e ondulam. É uma sinfonia silenciosa que me faz sentir pequeno diante da vastidão do espetáculo, mas, ao mesmo tempo, não se compara aos segredos que estamos revelando um ao outro.

— Você ainda queima em mim, Aurora Conway.

Ela sorri.

Eu sorrio.

Seus olhos, iluminados pelas luzes dançantes, refletem o mesmo assombro que ecoa em minha alma. Não é preciso de mais. Isso é o suficiente. Nós somos suficientes.

De repente, a pego pela cintura e a levanto, selando nossos lábios.

Nosso beijo tem gosto de saudade.

Sua mão se apoia no meu ombro e a outra afunda no meu cabelo. E nossas línguas se movem imersas na sinfonia silenciosa. Nada mais importa, porque parece que finalmente o mundo está no eixo. Que não há outro lugar para ela estar que não seja nos meus braços.

Todas essas sensações me mostram como se a natureza estivesse nos oferecendo um vislumbre do divino, uma breve visão do paraíso na Terra.

E nós aproveitamos.

A aurora boreal é a testemunha silenciosa dos nossos sentimentos, porque enquanto ela dança no céu como uma celebração de uma beleza efêmera, é aqui embaixo, sob as luzes dançantes, que a magia acontece, porque eu finalmente me sinto completo.

Finalmente me permito sentir algo.

E é como se o universo conspirasse para criar esse cenário perfeito, onde eu, Aurora, e as luzes do norte se entrelaçam numa dança eterna.

# 25

# SEGREDOS REVELADOS

*Eu me lembro que alguns anos atrás*
*Alguém me disse que eu deveria ter*
*Cuidado quando se trata de amor, eu tive*
*E você foi forte e eu não fui*
*Minha ilusão, meu erro*
**Impossible | James Arthur**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Eu sabia que Sebastian não me deixaria em paz.

Não depois do cheque milionário que assinei para conseguir fechar aquele museu ou após saber sobre a viagem para a Islândia. Contudo, mesmo sabendo que ele vai fazer o possível para me atormentar, não me importo. Porque apenas a lembrança de como Aurora sorriu quando estávamos naquela exposição ou como me beijou durante aquela noite, valeu a pena. Nada pode-se comparar a forma como ela me fez sentir. Nem mesmo o vôlei conseguiu me fazer esquecer todas as lembranças, não como ela faz.

Aurora pega todas as partes que eu não sabia que precisavam de atenção e as tornam brilhantes. Ela me encara com um sorriso verdadeiro e os olhos brilhantes. E mesmo que eu negue, sempre estou em busca disso.

Eu quero que ela continue me encarando assim. Desejo que ela continue procurando o meu olhar quando ninguém está vendo, apenas para arquear a sobrancelha em uma resposta silenciosa.

Eu quero Aurora Conway por inteira.

E isso já não apenas me assusta, como me apavora.

Me apavora porque isso significa que estou abaixando minhas barreiras quando se trata dela. Significa que ela me tem a sua mercê. E eu

não sei se estou pronto para cruzar essa ponte novamente; temos muito em jogo dessa vez.

Balançando a cabeça e expulsando todos esses pensamentos, olho para onde o professor discute com alguns alunos sobre legislação e, logo após, movo meu olhar para Maverick que está na fileira abaixo a minha e apoia a perna no banco em frente a ele, enquanto escreve algo em seu caderno.

Seu olhar, de repente, se levanta e ele me encara com uma sobrancelha erguida.

— Não me diga que quer brigar logo agora.

Ergo uma sobrancelha.

— Não estou com disposição. — Me encosto na minha poltrona. — Talvez mais tarde?

— Depois do almoço, por favor — zomba.

— Onde está Wena?

— Em algum lugar com Aurora. Acho que a sua namorada tem uma sessão de fotos e arrastou a minha junto. — Ele joga o caderno em sua mochila. — E aproveitando que você não está sendo um idiota.

— Achei que gostaria de esperar até o almoço para começarmos as ofensas.

Ele solta um bufo.

— Eu gostaria, mas Rowena está desconfiada.

— Desconfiada?

— Sobre você e Aurora — diz, sem rodeios. — Ela não quer que nenhum de vocês dois saiam machucados.

Maverick nunca precisa conter suas palavras. Ele não precisa me agradar e eu tampouco. Nós dois sabemos perfeitamente que apenas estamos nessa briga pelo título de capitão por conta dos nossos pais.

Ele quer agradar seu pai, eu quero manter o meu longe.

— E por que está me dizendo isso?

— Porque quando era a minha vez, você não se importou com a rivalidade idiota que criaram entre nós dois e me ajudou com Rowena. — Maverick cruza os braços. — Então, mesmo que não goste de mim, eu quero que saiba que eu torço por você e Rora.

— Não é uma rivalidade idiota, Maverick. — afirmo. — Você teria, sim, capacidade de ser capitão e, se formos ser sinceros, seria a melhor escolha do time, depois de todas as merdas que aprontei.

Dói reconhecer que talvez Rhodes esteja certo.

— Aí está o ponto, Blake. Eu não quero ser. — Suas palavras me pegam de surpresa. — Você errou, sim, mas em todas as vezes você mostrou ao time o motivo te escolheram como capitão. Você perdeu um jogo importante e depois ganhou dezenas deles, para compensar. Você é o responsável pela maioria daqueles troféus na sala do Rhodes e ninguém ousa te desrespeitar. Você é a porra de uma lenda para as outras universidade e nem mesmo entendo o motivo pelo qual ainda não foi convocado para algum time profissional. — Ele se levanta. — E vamos ser sinceros, eu sou o preferido do treinador apenas porque sou a escolha segura. Porque ele sabe que ninguém consegue te parar quando quer algo. Você não se contenta com o fácil. E isso, Blake, é o que eu admiro em você.

Encaro-o por um momento sem ter o que dizer e ele apenas maneia a cabeça e se vira para caminhar até a saída.

Desde que Maverick Foster foi transferido para NYU, fomos ensinados a sermos rivais. Ele chegou com a promessa de que conseguiria o posto de capitão, já que eu estava me envolvendo em polêmicas e brigas durante o ano anterior.

Nunca me orgulhei disso. Na verdade, Rhodes nunca soube que uma noite antes do nosso maior jogo, matérias sobre Jeremiah Dellacor foram publicadas em alguns sites e encaminhadas ao meu e-mail. O que fez com que eu perdesse o controle e descontasse todos meus sentimentos nas bebidas do hotel.

Eu tive medo, que, por um momento, ele estivesse vivo.

Tive medo de que ele voltasse e matasse as pessoas que eu amava.

Medo de que todo o meu pesadelo voltasse.

Eu tive tantos medos naquela noite que nem mesmo o álcool conseguiu apaziguar. E quando acordei na manhã seguinte, não era o rosto dele nas manchetes. Não era ele que colecionava problemas, mas sim, o meu e o de Aurora. Ela também havia perdido o controle e de uma forma e ou de outra, eu sabia que o motivo era o mesmo.

Meu celular toca, de repente, fazendo com que o puxe do meu bolso e esqueça todos meus pensamentos.

***sebastianmclaughlin:*** *temos uma reunião em uma hora. Não se atrase.*

Não há um *bom dia*.

Nem uma pergunta sobre como Wena ou eu estamos.

Há apenas uma ordem. Apenas uma das dezenas de coisas que ele faz. E mesmo odiando, me levanto, juntando todas as minhas coisas, e sigo até o estacionamento do campus encontrando a minha moto estacionada no lugar de sempre.

Fecho a jaqueta, me ajeitando no banco e então, acelero pelas ruas de Nova Iorque.

Sinto o clima ameno do outono bater contra meu rosto ao passo que desvio dos inúmeros carros e estaciono em frente ao enorme prédio da *McLaughlin&Conway* e retiro meu capacete, encarando o prédio com um olhar que poucos entendem.

É um olhar que vi nos olhos de Sebastian quando ele me disse que eu seria o único CEO, após a morte de Baron. O olhar que Rowena sempre dava para esse lugar. O olhar que minha mãe esconde, mas está lá.

Desejo.

Ambição.

Poder.

Todo o prédio exala isso. Tudo ali é algo que corrói a sua alma e, mesmo assim, eu o quero. Eu quero cada parte desse lugar. Quero jogar Sebastian para fora e tirar o sobrenome de Aurora do letreiro. Quero fazer com que todos que tentaram me destruir sejam apenas uma memória engavetada.

E não me importo com as consequências que isso irá causar.

Com um suspiro, caminho a passos rápidos, ignorando a maneira como todos me encaram com desdém pelas minhas roupas e sigo até o elevador, acenando brevemente para o segurança. Assim que as portas se fecham, encaro o espelho à minha frente e encontro algo que não aprecio. Os olhos que são idênticos aos de Sebastian.

Frios e desprovidos de emoção.

Uma lembrança de todas as coisas que aconteceram no meu passado.

— Blake? — A voz desconfiada de Aurora faz com que eu erga meu rosto e meu cenho se franze.

— O que você está fazendo aqui?

Ela não responde de imediato. Mas percebo papéis em sua mão com o logotipo da empresa.

— Não te diz respeito.

Dou um passo à frente, mas ela entra no elevador, fazendo-me parar.

— Resposta errada, *hottie* — Inclino minha cabeça. — Novamente, o que a *minha namorada* está fazendo no escritório do meu pai?

Os cantos dos seus olhos franzem.

— Não sei se seu intelecto diminui a cada vez que a bola bate em sua cara, mas, deixe-me te relembrar. — Ela aponta para os nossos sobrenomes. — Eu ainda faço parte desta empresa.

Dou um passo à frente.

— *Ainda*. — Testo a palavra em meus lábios.

É a vez dela sorrir.

Aurora dá um passo à frente. Seus saltos batem em meu tênis e ela ergue o rosto, fazendo com que eu o abaixe. De repente, as portas do elevador se fecham e estamos presos em um cubículo de metal. O seu cheiro é um corrosivo que destrói todas as minhas barreiras, seus lábios fechados em forma de coração chamam a minha atenção.

Perto. Tão perto.

O olhos dela se fixam em meus lábios.

Distantes. Tão distantes.

— Você não precisa me lembrar disso o tempo todo, Blake. — Seu rosto cai para um lado, fazendo com que as madeixas castanhas sejam jogadas para um só lado. — Não é porque nós fodemos que esqueci das regras do nosso acordo.

— O problema aqui, Aurora, é que eu preciso, sim, te lembrar disso. — Dou mais um passo em sua direção. — Porque *eu* não posso esquecer delas. Se eu esquecer, eu não serei capaz de cumprir a minha parte de deixá-la ir embora.

— Isso não é uma escolha sua.

— Eu sei.

Ela abre os lábios para responder-me, mas as portas voltam a se abrir e a pessoa mais improvável para o momento entra em meu campo de visão.

— Analu? — Franzo o cenho.

Ela nem mesmo disfarça o rolar de olhos que dá entre nós dois.

— A reunião com seu pai foi cancelada. — Quase agradeço por isso. — Mas você tem uma comigo. Cinco minutos na minha sala e tentem não transar no elevador, por favor.

Antes que eu possa dizer algo, ela se vira e nos deixa a sós novamente.

Minha atenção se volta para Aurora.

— Isso não acabou.

Saio do elevador e observo-a apertar os papéis sobre seu peito e me lança um olhar que não reconheço. Assim que as portas se fecham, me viro à procura da *loira azeda* e a encontro sentada na sua cadeira, folheando alguns processos como se fossem o seu brinquedo favorito.

Seu olhar nem mesmo se levanta para me cumprimentar.

Analu é uma das únicas pessoas que admiro dentro dessa empresa. Ela não se importa com o que meu pai ou Annabeth dizem. Ela apenas faz seu trabalho e muitas das vezes é melhor do que os dois juntos.

— Quando você me disse que queria os dados do processo de Aurora, eu não entendi bem — Parker se encosta na cadeira e me encara. — E eu fiquei me perguntando o porquê o herdeiro da *McLaughlin&Conway* queria acesso a um processo se ele poderia tê-lo sem a minha ajuda?

— Porque eu não queria a ajuda do meu pai.

— Ou você não queria que ele descobrisse algo.

Cruzo meus braços, sabendo onde essa conversa está chegando.

— Por favor, continue.

Ela me dá um sorriso frio, que faz todos no escritório de Saint Vincent morram de medo.

— Você sempre soube que a herança de Aurora não estava completa.

— Eu desconfiava.

— Mas seu pai sabe. — É a minha vez de sorrir. — E quando eu encontrei a falha, ele ficou surpreso, mas nunca foi à frente com isso. Annabeth nem mesmo quis que continuássemos a pesquisar mais a fundo.

— Ela nunca se mete em algo que se arrependeria ou que deixaria Sebastian chateado. — Dou de ombros.

— Você quer saber o por que o valor que Aurora recebeu não bate com o valor atribuído, Blake?

— Você está trazendo o sigilo entre advogado e cliente para essa conversa? — questiono.

Ela franze o cenho.

— Não. Porque o que eu vou te dizer aqui é meu último ato nesta empresa. — Meus olhos se arregalam. — Levi e eu decidimos que a política da empresa já não é o que imaginávamos quando disputamos o estágio.

— Você está fazendo a coisa certa — afirmo. — Agora, diga-me a verdade.

Levo um dedo à minha mandíbula.

Ambição.

Poder.

É isso que eu senti quando entrei aqui.

É isso que eu sinto agora.

— O valor não bate porque esse não é o valor da herança dela. A herança de Aurora ultrapassa bilhões e ela sabe disso — conta, suavemente. — Por isso, ela nunca se importou com os processos administrativos que aconteciam aqui. Porque, esse dinheiro não é nem mesmo um terço do que ela possui.

Eu sempre soube que Aurora era rica além da razão, mas nunca entendi o porquê meu pai desejava tanto se tornar o responsável pelas ações dela na *McLaughlin&Conway.*

— E o processo se iniciou, por quê?

— Porque esse é o valor que ela recebeu quando vendeu as ações dela na empresa, Blake. — Compreensão passa pelo olhar de Analu.

— Não foi Aurora que vendeu as ações. — Solto um meio sorriso. — Foi Baron.

— Não é isso que o documento diz. — Aponta para a última folha do processo. — Aurora era a única com direito de tomar as decisões e ela cedeu todas as ações para Sebastian poucos meses depois que você foi preso. Ela abdicou da *McLaughlin&Conway*, Blake.

Impossível.

Porra.

— Mas você não sabia disso. — Ela conclui quando não digo nada. — Você sabia que o pai de Aurora havia cedido algo ao seu pai depois que Aurora voltou para a Inglaterra. E por raiva dela ter te abandonado, você redigiu um documento e o colocou no meio dos papéis de seu pai, fazendo com que Sebastian assinasse e te passasse todas as ações. — É a vez de ela sorrir. — Você virou o tabuleiro e ninguém sabe disso.

— Como você descobriu? — indago.

— Eu sou boa no que eu faço, Blake. — Se vangloria. — Nada passa batido por mim. Mas, a pergunta é: Sebastian sabe?

— Ele acha que as ações estão no nome dele. Por ora, isso é suficiente.

— E Aurora sabe que o namorado dela a enganou?

Estalo a língua no céu da boca.

Ela nem mesmo desconfia.

— Não.

— Então, deixe-me ver se entendi. — Analu pontua. — Você fez com que todos acreditassem que você não sabia do processo dela, quando, na verdade, você é o motivo pelo qual ele acontece? Você nem ao menos procurou saber o porque ela vendeu as ações e apenas deu um golpe nela?

— Eu sou o motivo pelo qual ela vai deixar Nova Iorque.

— Não, você vai ser o motivo pelo qual ela vai te odiar. — Não há compaixão em suas palavras. — E não vai ser bonito.

— Não será a primeira vez.

— Você tirou algo dela.

— É um favor sendo cobrado.

Analu me encara por um segundo.

— Blake, o que caralhos aconteceu no passado de vocês?

Eu me levanto, ajeitando meu caos.

— Eu a sequestrei.

— E depois?

Um sorriso nasce em meus lábios.

— Depois nós dois assassinamos o seu noivo — Giro nos calcanhares. — Por que você acha que foi tão difícil para o meu pai me tirar da cadeira?

Analu balança a cabeça, soltando um pequeno sorriso.

— Você é ingênuo e imaturo. — Seu queixo se ergue. — Porque eu também li o seu registro e seu pai não te tirou antes, porque não quis. Ele te manteve lá porque era benéfico para ele.

— Do que você está falando?

— Você sabe que nunca encontraram o corpo de Dellacor — afirma e todo o meu corpo enrijece. — Além disso, foi declarado legítima defesa. Então não havia provas que te incriminasse. Quando a polícia chegou, toda a casa estava limpa e seu pai te manteve na prisão por outro motivo, Blake.

— Você está me dizendo que há uma chance de Jeremiah Dellacor ter sobrevivido? — Engulo em seco.

— Estou te dizendo que não há provas que comprovem a morte dele, mas que ele pode ter sim, morrido. — Seus olhos se fixam nos meus. — Ninguém sobrevive àquela colina, Blake.

— Novamente, Analu. — Meus lábios se tornam uma linha fina. — Você está me dizendo que Sebastian me incriminou por algo e me deixou apodrecer naquele lugar para conseguir a empresa?

Ela dá de ombros.

— Junte as peças, Blake.

Meus olhos se fecham por um segundo.

Jonathan ajudou Aurora.

Sebastian me prometeu que ela não se machucaria.

Corpos não foram encontrados. Segredos foram mantidos.

Jeremiah não poderia sobreviver, mas talvez tenha.

Ele poderia voltar e finalizar o serviço.

A voz de Analu, de repente, é baixa e não me importo com o que diz.

Se eu não fui condenado, por que estava lá? Por que eu passei quatro meses preso? Por que eu paguei por algo que não era verdade? Por que meu próprio pai me manteve cativo daquela forma? Por que ele causou a minha ruína?

São muitas peças para juntar. Muitos porquês para responder. Mas nenhum deles eu irei encontrar aqui. Não nessa sala pelo menos. E por isso, me viro e caminho até a sala de Sebastian, abrindo a porta sem nem ao menos bater e encontrando-o no meio de uma reunião.

Seus olhos frios estão em mim e não me importo porque o encaro da mesma forma.

Pais deveriam proteger.

Pais deveriam amar seus filhos.

Pais deveriam colocar a necessidade dos filhos na frente de qualquer outra coisa.

Isso é a lei natural das coisas. É o que todos esperam. É o que filhos suplicam.

Eu o observei destruir minha irmã e não pude fazer nada para ajudá-la, porque no processo, ele também me destruiria. Eu o deixei me moldar nessa pessoa imbatível.

Eu não tive um pai que me ensinasse o bom e o ruim. Que me dissesse que, se o mundo pudesse me destruir, ele estaria lá para me ajudar. Eu nunca tive pais que me amaram. Sempre fui apenas um meio para um fim. Um herdeiro para o legado dos McLaughlin e agora tudo em mim sente esse ódio.

Eu perdi minha irmã.

Minha liberdade.

A mulher que eu amava.

E nem mesmo me surpreendo com a vontade imensurável de querer jogá-lo desse prédio. De socá-lo e fazê-lo sentir tudo o que eu senti naquele

lugar. No lugar onde ele me deixou apodrecer, onde eu tive medo e me vi sozinho.

A mercê de todos aqueles criminosos.

— Saiam — rosno.

Meu olhar nunca desvia de Sebastian.

— Blake — um dos acionistas diz.

— Saiam, porra! — grito, descontrolado. — Eu mandei vocês saírem!

Os olhos de todos se arregalam e não me importo.

Nem mesmo os observo, pegando suas coisas e saindo da sala em uma velocidade assustadora, meu olhar se foca no progenitor que nunca nem mesmo se prestou a fazer o papel de pai. Ele me manipulou, machucou Rowena e destruiu a nós dois.

— Posso saber o motivo do show?

— Por que você me manteve naquele lugar?

— Seja específico.

— Por que você me mandou para a prisão, porra? — minha voz aumenta e eu bato minha mão em sua mesa. — Por que você me deixou lá quando não havia motivos? Por que você submeteu o seu próprio filho a todas aquelas atrocidades?

Ele se levanta, apoia a mão na mesa e me encara friamente.

— Porque era a única forma de conseguir o que eu desejava há anos.

— Eu fui agredido, humilhado e pisoteado por todos naquele lugar, por ser seu filho e a sua explicação é essa? — Não reconheço minha própria voz. — A porra da sua explicação é que você conseguiria algo? Você um maldito monstro, Sebastian.

— Eu vi uma oportunidade e aproveitei.

— Você roubou Aurora.

— E ela me deu as ações de bom grado. — Ele sorri. — Eu precisei apenas mandá-la escolher entre a sua liberdade ou a empresa. Era um acordo justo.

— Um acordo justo?

— Ela não saiu desamparada.

Dou a volta na mesa, pegando-o pelo colarinho da sua camisa e o encarando com frieza. Ele nem mesmo move um músculo do seu rosto. Olhos frios me encaram e eu sinto repulsa em meu cerne.

Eu o odeio tanto.

Cada átomo dele.

— Eu vou te dizer apenas uma coisa. — Frieza exala das minhas palavras. — Você vai ficar longe de Rowena, de Aurora e de mim. Se você ousar foder com um de nós três ou com qualquer outra pessoa com que eu me importo, eu vou te destruir, Sebastian. — Aponto o dedo em sua direção. Nossos rostos estão quase colados. — Eu vou foder essa empresa com a porra de um sorriso no rosto e eu não vou me arrepender. E isso é uma promessa.

Soltando-o, eu o empurro, observando-o ajeitar seu terno e giro meus calcanhares, engolindo em seco. Contudo, antes que eu possa alcançar as portas, ouço-o gargalhar.

Encaro-o por cima dos meus ombros e seu olhar está em mim.

Seu sorriso é zombeteiro.

E eu sei que irei me arrepender.

Sei que o que está prestes a sair dos seus lábios vai ferrar comigo.

— Sabe o que é engraçado? — questiona, retoricamente. — É que você protege Aurora, mas ela nunca te disse a verdade.

Viro meu corpo em sua direção.

— E qual seria a verdade, Sebastian?

Sinto meu coração bater em meu peito.

Sinto a dor nascer em todas as partes restantes do órgão que a anos achava que estava morto.

Sinto o ódio me consumir.

— Que vocês perderam uma filha, Blake.

# 26

# ME CONTE UM SEGREDO

*Você só vai ficar aí parado me assistindo queimar?*
*Mas tudo bem, porque gosto do jeito que dói*
*Você só vai ficar aí parado me ouvindo chorar?*
*Mas tudo bem, porque eu amo o jeito que você mente*
*Eu amo o jeito que você mente*
**Love The Way You Lie | Enimen feat. Rihanna**

## AURORA CONWAY

Eu sabia que meu mundo estava prestes a ruir.

Eu senti isso desde o momento em que acordei.

Não havia motivos para acreditar nisso, mas, eu ainda assim sabia que algo está prestes a acontecer.

Engolindo em seco, deixo o meu celular em cima da minha escrivaninha, sabendo que consegui postar tudo o que minha equipe havia programado e agora estou livre para resolver algumas coisas pendentes. Assim que entro no corredor que liga a sala de estar, posso ouvir as vozes de Lynn e Rowena preocupadas.

Um vinco se forma em minha sobrancelha ao passo que me aproximo e me deparo com Blake parado a porta com uma expressão nada agradável. Ele não se move nem mesmo quando Rowena pergunta algo e percebo que sua expressão está totalmente diferente de quando nos encontramos horas antes na *McLaughlin&Conway.*

Engolindo em seco, termino de adentrar a sala e paraliso entre o sofá e o corredor. Meus olhos se abaixam para onde ele segura uma pasta com papéis e fico ainda mais confusa, porque se ele está com algo que Sebastian entregou, significa que veio diretamente para cá.

— Blake? — Rowie chama. — Está tudo bem?

Seus olhos não desviam dos meus.

E por um momento, sinto o que está prestes a acontecer.

Eu sinto que ele vai me quebrar.

Blake vai tirar a última parte restante do meu coração.

Como eu tirei o dele.

É isso.

— Eu e Aurora precisamos conversar.

Elas olham entre nós dois e sei que estão preocupadas.

— Ok, nós... — Lynn sussurra, preocupada. — Estaremos no quarto?

— Não. — Sua voz é fria. — Preciso que seja a sós.

Viro meu rosto para minhas amigas e peço silenciosamente para fazerem o que Blake está pedindo.

— Rora? — Rowena sussurra. — Eu devo me preocupar?

Meus olhos encontram os da minha melhor amiga.

— Sim.

Ela suspira, deixa os ombros caírem e sai do apartamento com Lynn, que apenas me encara como se soubesse que a partir de agora, tudo irá mudar. Minhas mãos se juntam uma na outra e sinto minha unha fincar minha pele.

Eu prometi nunca magoá-las.

*Eu vou quebrar essa promessa.*

Prometi que jamais guardaria segredos.

*Eu guardei dezenas deles.*

Eu disse à minha mãe que não falharia.

*Mas continuo falhando dia após dia.*

Assim que a porta se fecha, os olhos de Blake se fixam novamente nos meus e posso sentir sua raiva, sua decepção, seu desespero.

Eu o sinto e sei que mereço cada uma dessas coisas.

*Me odeie.*

*Me despreze.*

*Faça isso. Por favor.*

Ele dá passos lentos até o meio da sala e cruza os braços frente ao corpo.

— Quanto Aurora? — Sua voz é letal. — Quanto Sebastian te pagou?

Engulo em seco.

Fecho meus olhos.

*Vamos fazer um acordo.*

*Você me vende as ações e eu tiro Blake da prisão.*

*Você volta para Inglaterra com essa criança e o dinheiro.*

*Apenas assine Aurora. É o melhor para o meu filho.*

— Dez milhões.

É isso.

É o número responsável pelo nosso coração ser dilacerado.

Blake solta uma risada fria. É tão dolorosa que parte cada centímetro do meu coração. Lágrimas se alojam em minha garganta e tenho vontade de gritar toda a verdade, mesmo que ele nunca vá se importar.

*Você fez o melhor Aurora.*

*Você errou.*

*Você é egoísta.*

— Eu confiei em você. — Ele balança a cabeça desacreditado. — Você era tudo o que eu tinha. E você me destruiu.

— Blake...

— Mas, sabe o que é pior? É saber que poderia ter uma filha. — Tudo em mim enrijece. — Eu poderia ter tido uma filha e você e Sebastian me tiraram isso. Eu me senti culpado, todos esses anos, pelo o que fizemos. Eu assumi a culpa por nós e você, mesmo assim, teve a audácia de tirar algo que era tão meu quanto seu. Sem sequer me avisar sobre. — Ele abre os braços, sorrindo tristemente. — Era isso que você queria, Aurora?

— Blake...

— Você me queria derrotado? Você queria me quebrar? — Dói, tudo dói. — Você queria meu desprezo? Bem, você acaba de conseguir.

— Não.

— Não o quê, Aurora? — Ele dá um passo à frente. — Você não recebeu dez milhões para terminar comigo e dar um fim nela? — Mais um passo. — Eu nunca imaginei que você fosse esse tipo de pessoa, Aurora.

Blake fincam seus olhos em mim.

Seu ódio é palpável.

Sua presença consome todo o ambiente.

Se Blake McLaughlin é perigoso em quadra, quando machucado ele se torna letal. Como agora enquanto ele dá passos até mim, para a minha frente e me encara como se eu fosse o pior ser humano em todo o mundo.

E talvez eu seja.

Talvez eu mereça a sua dor.

Por quebrar seu coração.

Por tê-lo abandonado.

Por escondê-la.

Mas há algo que ninguém sabe sobre nós dois. Algo que apenas Blake conhece, porque ele é o único que conhece até mesmo as nuances do meu silêncio. E, neste instante, enquanto ele me encara, todas as peças se juntam e ele sabe que escondo algo.

Sabe que nem tudo o que lhe disseram é verdade.

— Me conte um segredo, Aurora — ordena.

— Não.

— Me. Conte. Um. Segredo. Aurora.

*Não posso.*

*Não posso.*

*Não posso.*

Ninguém pode saber. Eu prometi nunca dizer. É a única coisa que prometi.

Se eu disser, o mundo todo irá se romper em caos. Porque eu sei o que significa contar-lhe a verdade. Sei o que vai nos custar e sei que todo o nosso pesadelo irá retornar.

Se eu disser a Blake, eu perco tudo.

Se eu não disser, ele perde o resto de humanidade que lhe resta.

É a pior decisão de todas. É algo que me mata tão rápido como um tiro.

Engulo em seco e tomo a decisão que vai mudar nossas vidas.

— Eleanor está viva.

Seus olhos, de repente, se tornam confusos.

— Impossível.

— Não estou falando de sua avó, Blake. — Uma lágrima desce pelo meu rosto. — Estou falando da nossa filha.

Ele reteia o passo.

Depois outro.

É como se eu estivesse machucando-o.

Intoxicando o último pedaço intacto da sua alma.

Não há mais volta.

Eu acabei de rasgar o fio de esperança que ainda nos ligava.

Acabei de derrubar todo o meu castelo de areia e com isso, deixo de ser a princesa da mídia para ser a garota de dezenove anos assustada e desprotegida, que precisou tomar a pior decisão da sua vida.

Eu me torno a Aurora que assinou aquele contrato, que passava todas as ações da empresa que meu pai amava, apenas para salvar Blake. Me torno a pessoa que foi responsável pela morte da minha mãe, porque trocamos de lugar nos carros e a família de Jeremiah achou que seria uma vingança satisfatória cortar os freios de onde eu deveria estar, e não ela.

Me torno a pessoa que colocou fogo na mansão dos meus pais para salvar uma criança inocente e forjar uma morte. Para, então, voar para o outro lado do oceano, ao lado de uma pessoa que se afundava em sua doença e descontava a raiva de ter perdido sua filha sobre mim, em todas as oportunidades.

*Para salvá-los, eu me destruí.*

*Para salvar a minha família, eu me quebrei.*

*Para salvá-lo, eu o destruí.*

E mesmo que me doa dizer isso, eu faria tudo novamente.

Se isso significasse que Blake teria sua liberdade garantida.

Se minha filha estivesse a salvo.

— Você escondeu isso de mim por três anos? — sua pergunta é baixa, decepcionada. — Você recebeu dez milhões de dólares para escondê-la de mim?

Uma risada histérica salta dos meus lábios.

Controle escorrega das minhas mãos.

E eu finalmente me permito quebrar.

Me permito descer do pedestal que todos me colocaram e a sensação de finalmente tocar meus pés no chão e não viver uma fantasia elaborada, faz com que todas as partes do meu coração estejam à mostra. Tudo o que eu guardava há anos é jorrado para fora de mim.

As lágrimas que guardei.

O luto que nunca pude viver.

O puerpério que não me foi permitido.

O sofrimento que não pude sentir.

A saudade que se agarra a mim.

O desprezo que me consome.

Eu me tornei uma casca de quem sempre fui para proteger todas as pessoas que eu amo. Eu obriguei Dinara a me tornar intocável, porque só

assim eu poderia proteger todos que amo. Se a mídia estava em mim, ninguém seria idiota o suficiente para tentar algo. Se meu nome era importante, nada poderia me quebrar. Se eu estava em um pedestal, o mundo estava em minhas mãos.

*Eu me blindei.*

Criei polêmicas para que as pessoas nunca tentassem descobrir o que houve no meu passado, porque meu presente era mais interessante. Eu fiz coisas que odiei. Precisei ver os sobrenomes dos meus pais sendo manchados pela minha imaturidade, porque essa era a única forma de proteger Eleanor.

Eu afastei Blake e o fiz me odiar por todos esses anos.

Eu fingi odiá-lo. Mesmo que isso me machucasse.

Eu assinei um contrato de sigilo quando vendi as ações.

Eu menti. Todos os dias. A todo o momento. Para tudo e todos.

— Eu vendi a única coisa que importava para minha família por dez milhões de dólares, porque seu pai me chantageou quando me disse que você não teria um bom advogado, porque ele não moveria um dólar para salvá-lo! — grito, deixando uma lágrima descer pelo meu rosto. — Eu o vendi para que você não passasse toda a sua vida preso por um crime que não deveria ter cometido! Eu tive que ver meu pai assinar aquele contrato, mesmo que tudo dentro dele o matasse, porque ele sabia o que estava me custando, sabia o que te custava. O meu pai abdicou de tudo para que a sua neta não pagasse pelos *nossos* erros.

— Você...

— Eu recebi dez milhões para que você não fosse para a cadeia. Para que Eleanor pudesse crescer longe de toda a nossa bagunça. Para destruir a minha vida. — Aponto o dedo para mim. — Eu fiz o que era necessário.

— O necessário? — ele devolve. — Eu não sabia da existência dela. Eu nem mesmo sei se tudo isso é verdade. Você sabe o que é ouvir dos lábios de Sebastian que eu poderia ter tido uma filha? Sabe o que se passou na minha cabeça? — Ele aponta um dedo para mim. — Você não deveria ter feito isso, Aurora.

— E você sabe como foi segurar a minha filha por apenas dez minutos, antes de entregá-la? Sabe como eu me quebrei quando tive que escolher entre protegê-la ou proteger a minha família? Sabe o que é nunca saber se ela está bem? Se ela precisa de mim? Se ela se sentiria orgulhosa

ou se ela nos amaria? — Percebo que estou gritando. — Sabe como foi ter que vender a empresa que meu pai amava para que ninguém soubesse da existência dela? Sabe o que foi guardar esse segredo por três anos, por que ainda corremos o risco de que algum Dellacor venha vingar o que fizemos?

— Eu tinha o direito de saber, porra! — Blake leva a mão até os cabelos. — Ela é minha filha também!

— Você estava preso! — grito. — E eu estava sozinha.

— Por um crime que cometemos juntos. — Ele aponta o dedo para mim. — Eu estava lá para te proteger.

— E eu abri mão de nós dois para proteger a única coisa boa que nos restava. Eu renunciei a você pela nossa filha. Então me chame de manipuladora. De insensível. De qualquer coisa! — Engulo um fôlego. — Mas durante esses três anos, eu paguei por todos os nossos erros. Eu não participei da vida dela, Blake. Eu não estava lá quando ela chorou, quando disse a primeira palavra, quando andou e nem quando precisou de mim. Eu não estive lá e sofro todos os dias por isso. Eu não fui a mãe dela.

— Isso deveria me confortar?

— Não, isso deveria fazer você parar de pensar em si mesmo — devolvo. — Todos nós temos problemas. Todos nós machucamos uns aos outros. Ninguém aqui está isento das consequências dos nossos atos. Eu pago pelos meus todos os dias, Blake.

Ele solta uma risada desprovida de emoções e joga os papéis em cima da mesinha de centro. De relance, vejo o nome da *McLaughlin&Conway* e tudo dentro de mim gela.

Medo puro percorre minhas veias.

— Você tem razão. — Rancor escorre de suas palavras. — Ninguém está isento dos seus atos. — Ele dá um passo à frente. — E eu vou descobrir onde você escondeu Eleanor e não me importo se há Dellacor no mundo que venha atrás de mim, porque eu vou ter a minha filha.

Mesmo que tudo dentro de mim diga para não fazer, eu pego os papéis.

Mesmo que não deva, eu os abro.

Mesmo que tudo dentro de mim se estilhasse, eu os leio.

E me arrependo.

Porque na última página, grifado com a cor mais vibrante que poderia existir, está o nome de Blake. Não herdeiro. Não apenas filho do CEO. Mas sim como o acionista majoritário da *McLaughlin&Conway.*

Ele detém o poder.

Ele coordena tudo se desejar.

Ele é meu *karma*.

O homem que eu estava cedendo todas as minhas barreiras, é quem possui o que meu pai tanto prezava e vai usar isso para se vingar de mim. Ele vai usar isso contra mim.

— Isso não pode ser verdade.

Ele sorri. É frio. Animalesco. Cruel.

— Na verdade, é. Eu sou o acionista majoritário. Eu detenho o legado do seu pai nas mãos, Aurora.

Outra lágrima desce pelo meu rosto.

— Você deu um golpe.

Ele dá um passo à frente.

— E você roubou a minha filha — sarcasmo toma conta de suas palavras. — Acho que estamos quites.

Blake gira os calcanhares e eu apenas encaro suas costas.

Ele fez isso.

Ele deu a facada final porque eu o machuquei.

Ele me disse que eu estava a sua mercê e não acreditei.

— Eu te odeio, Blake.

Ele me encara por cima dos ombros.

Há um sorriso neles. Não é cruel, não é nada.

É apenas vazio.

— Ótimo, porque eu sinto o mesmo por você, Aurora.

Sinto o último pedaço do meu coração se romper.

Ele jorra um veneno corrosivo.

*Intoxica tudo em mim.*

— Aliás, obrigado — ele diz, quando não o respondo.

— Pelo quê?

— Por quebrar o meu coração, antes que eu tivesse a chance de entregá-lo novamente a você.



Não sei a quanto tempo Blake saiu do apartamento.

Tampouco sei quanto tempo estou sentada na minha banheira.

Eu não sei absolutamente nada.

Não há mais lágrimas.

Há apenas a dor.

É a mesma dor que senti quando havia apenas uma escolha e o resultado disso seria a minha ruína. É a mesma dor que tentei, a todo custo, evitar. Porque ela não é uma dor gentil, que chega de mansinho ou passa rápido após um analgésico. Não. Essa dor vem como uma avalanche derrubando tudo. Destruindo cada parte boa do meu coração.

Ela corrói.

Não deixa espaço para lástimas.

Ela me faz sentir como se eu estivesse na beira de um precipício onde não há nada para me segurar enquanto tento, a todo custo, não pular, porque estou cansada de quedas. Estou cansada de me machucar, cansada de pular na frente de uma bala para que ninguém ao meu redor seja atingido. Eu fiz o possível para manter todos seguros. Eu estive disposta a ter meu coração destroçado se isso significasse que todos estavam seguros.

Eu fiz muitas coisas.

E nenhuma delas foi boa.

Mas de tudo, nunca imaginei que o golpe final viria de Blake.

Submerjo meu corpo, sentindo a água ao meu redor e tenho vontade de ficar aqui para sempre.

Não tenho vontade de voltar à superfície e encontrar todos os meus problemas.

Não tenho forças para enfrentar mais nada, apenas estou cansada.

Tão cansada que, de repente, me pego abrindo a boca e gritando mesmo que a água impeça que o som saia. Eu forço um grito e não consigo, porque apenas sinto o ardor dela invadir minha boca indo direto para o meu peito, obrigando-me a emergir e me sentar, enquanto preciso tossir para expelir o líquido e neste instante sinto mais lágrimas descerem pelo meu rosto.

Eu só quero que pare.

Só preciso que pare.

— É verdade?

A voz suave e decepcionada de Rowena faz com que eu feche meus olhos.

*O castelo caiu.*

*A princesa desmoronou.*

*E agora a solidão me fará companhia.*

— Sobre? — sussurro.

— Eleanor. — Percebo que ela engole em seco. — É verdade que você e Blake têm uma filha?

Meu rosto se vira na direção de onde ela está parada na entrada do meu banheiro. Seus olhos são tristes e decepcionados. Rowie nunca me encarou assim desde que nos conhecemos. Ela nunca me direcionou o mesmo olhar que dá a Annabeth e Sebastian e agora me pego sendo alvo deles.

Eu sou o alvo da sua decepção.

Da sua raiva.

Da sua tristeza.

— Sinto muito.

Ela morde os lábios, segurando um choro que me destrói.

— Eu estive lá por você, você se lembra? — pergunta retórica. — Quando Blake foi preso, eu te segurei. Quando ele foi solto, eu não dei o seu número a ele mesmo que isso o machucasse. Quando ele se fechou para todos, inclusive para mim, eu continuei te defendendo. Eu fiz Sebastian me odiar um pouco mais, porque me recusava a acreditar que você poderia machucar meu irmão. — Uma lágrima desce pela sua bochecha. — Quando Blake te xingou, eu te defendi. Quando você voltou, eu te segurei *de novo*. Quando ele percebeu que eu ainda era sua melhor amiga, mesmo depois que você o abandonou, eu tive que observá-lo se afastar de mim.

— Rowie...

— Eu perdi o meu irmão, Aurora — Ela engole em seco. — Eu escolhi o seu lado quando Sebastian manipulou Blake e disse que você havia ido embora porque quis. Eu vi os dois me encarando como se eu fosse uma traidora na minha própria casa, porque não acreditava nas palavras deles. Eu te defendi naquele dia. Eu disse que você nunca faria isso, porque eu acreditava na minha melhor amiga, acreditava na menina que sorriu para mim naquele internato. Eu me mudei para o quarto ao lado da pessoa que quebrou o coração dele, porque eu acreditava que você assinou aquele documento pensando no bem dele. — Ela sorri friamente. — Mas, todo esse tempo que achei que você o protegia, na verdade, você só pensava em si mesma. No fim, Aurora, você provou que é verdade o que todo mundo diz sobre você.

Tudo em mim é dor.

Tudo é estilhaço.

Eu me sinto como se o pouco que me resta fosse tirado de mim.

E talvez eu mereça. Talvez eu mereça tudo isso.

No fim, Jeremiah tinha razão. Eu mereço a solidão.

Eu mereço ser apenas uma casca vazia, que coleciona corações partidos.

— E o que todo mundo diz sobre mim, Rowena?

Ela dá um passo para trás.

Lágrimas descem pelo seu rosto.

— Que você manipula os sentimentos de todos.

Com isso, ela me dá as costas e sai do meu quarto.

E eu fico no mesmo lugar.

Não tenho forças para sair.

Não tenho forças para lutar.

Eu não tenho nada.

Dói. Respirar dói.

Por isso, quando percebo, estou puxando minhas pernas e me encolhendo dentro da banheira. Estou tentando me proteger de tudo. Das minhas lembranças. Dos meus medos. Do que me quebra.

Tudo em mim é apenas dor.

Eu sou um oceano profundo que me engole, pouco a pouco, já desisti de nadar. Apenas me entrego a dor. Apenas me aconchego na solidão.

— Rora?

A voz de Lynn me alcança e ergo meu rosto.

*Por favor, não.*

*Agora não.*

*Hoje não.*

*Mais um pedaço do meu coração não.*

— Faça isso mais tarde.

— Fazer o quê?

— Me machucar.

Ela dá passos até a banheira, se abaixa e segura a borda.

— Eu nunca vou te machucar, Rora — Lynn sussurra. — Você me segurou quando eu precisei. Você ficou do meu lado quando precisei partir o coração de Connor e eu vou estar do seu. Somos irmãs, lembra? — Sua

mão vai até seu rosto. — Mesmo que o mundo tente nos quebrar, nós sempre estaremos aqui.

— Rowie me odeia.

— Ela vai entender — sussurra. — Quando ela se acalmar, vai entender.

— Eu não quero te machucar, Lynn. — choro. — Eu não posso mais.

Ela limpa as minhas lágrimas.

— Eleanor era o segredo, não era? — pergunta, depois de um tempo caladas. — Aquele que Zion disse que destruiria Blake e que nenhum de nós sabia?

— Me desculpe — sussurro.

Lágrimas continuam descendo.

— Não precisa se desculpar, Rora.

A dor não para de crescer.

O ar me falta.

Minhas mãos de repente, mesmo que na água, começam a suar.

— Lynn…

— Respire, Rora — a voz distante de Lynn me alcança. — Apenas respire.

Mas eu não consigo.

Eu penso em como estou quebrando todos ao meu redor.

Em como Blake me encarou com ódio.

E a decepção de Rowena.

Tudo em mim é dor. É escuridão. É vazio.

Eu sou um vaso quebrado, impossível de ser consertado.

Tenho vontade de pegar todos os cacos e rasgar meu coração até que não reste mais nada. Quero, por um momento, parar de sentir tanto. Eu não suporto mais a sensação do mundo me sufocando, não aguento mais ser quem eu sou.

Eu apenas quero que tudo pare.

— Dói, Lynn.

Meus segredos doem.

Meu passado me sufoca.

A saudade me queima.

De repente, meu telefone pessoal toca.

Não tenho forças para ir até ele. Nem mesmo desejo.

Entretanto, Lynn sabe que poucas pessoas possuem o contato, o que nos indica que é importante. Ou talvez seja apenas Dinara impondo algo. Sabendo disso, ela se levanta e o pega, trazendo-o até mim.

Mesmo odiando, eu o desbloqueio e arrasto meu dedo até a mensagem.

De repente, meu celular escorrega da minha mão, caindo entre Lynn e a banheira. Ela ergue uma sobrancelha assustada e depois segura meu rosto entre as mãos. Porque estou tremendo. Estou segurando a minha respiração.

— Rora?

Pânico me consome.

Medo me assola.

Desespero faz morada em meu peito.

Meu corpo treme com o pavor de apenas ler a frase.

Lágrimas descem pelo meu rosto sem que eu consiga pará-las.

*Não é real.*

*Não é real.*

*Não é real.*

Não pode ser.

Porque se for, eu estou completamente arruinada.

***Desconhecido**: Tic toc. O seu tempo está acabando.*
*Tic Toc. Eu estou voltando.*

Meus olhos se arregalam quando a percepção recai sobre mim.

Medo. Medo puro e intrínseco se agarra ao meu cerne.

Sem pensar no que estou fazendo, me levanto sem me preocupar com a minha nudez. Puxo meu roupão e corro até o quarto, indo direto ao *closet* e derrubando as dezenas de caixas de sapatos, bolsas e tudo pela frente. Botas voam pelo ambiente, vestidos se espalham por todo lado até que encontro o fundo falso e me sento no chão.

— Rora, o que está acontecendo?

Não respondo.

Não posso.

Não consigo.

Assim que alcanço o cofre secreto, digito a senha em uma velocidade surpreendente. Meu campo de visão é invadido por joias, dinheiro e meu passaporte reserva.

Mas não é nada disso que procuro. Não é disso que preciso.

*Por favor, que ainda esteja aqui.*

*Por favor, que ninguém tenha achado.*

*Apenas por favor.*

— Não. Não. Não — choro, deixando as lágrimas descerem pelo meu rosto.

Tudo em mim está fora de controle.

Não estou pensando direito, mas sei o que aquela mensagem significa.

Sei que não há lugar seguro mais.

Sei que o meu mundo está prestes a ruir.

Que o mundo de todos será abalado.

Lágrimas nublam minha visão, mas o alívio toma conta de mim quando encontro o aparelho telefônico debaixo de vários dólares e joias. Ele demora um pouco a ligar e o desespero toma conta do meu corpo novamente.

Ele precisa funcionar.

Ele tem que funcionar.

De repente, a tela se acende e eu suspiro.

Ninguém sabe da existência dele.

Ninguém sabe o que ele guarda.

É o meu último pedido de socorro. Meu lugar seguro.

Sei que no momento em que eu fizer o que estou pretendendo, tudo fugirá das minhas mãos. Não haverá mais volta. O mundo todo irá saber o que aconteceu naquele dia e, pela primeira vez, não me importo. Porque o medo de perder tudo, é menor do que colocar as pessoas que eu amo em perigo.

Discando o único número registrado, eu o levo até a orelha.

No primeiro toque, a esperança toma conta de mim.

No segundo, memórias me atingem.

No terceiro, um bolo se forma em minha garganta.

Entretanto, no último toque que a voz que não ouvia há anos, faz com que outra lágrima desça.

— *Sim*?

Mordo meu lábio.

— Pai?

— *Rora*?

— Ele voltou. — Minha voz é apenas um fio de dor. — Você precisa vir para casa. Você precisa trazer Eleanor.



# DESPEDIDAS | PARTE V

*E eu te vou te usar como um ponto focal*
*Para que eu não perca de vista o que eu quero*
*E eu segui mais adiante do que pensei que conseguiria*
*Mas eu senti sua falta mais do que eu pensei que sentiria*
**I Found | Amber Run**

## AURORA CONWAY

**PASSADO**

Eu sabia no instante em que levaram Blake que nada seria como antes.

Não há como escapar de um assassinato.

Não há como sair impune de um crime brutal.

Mas, nada me preparou para os meses seguintes.

Ninguém me disse que a família de Dellacor quebraria finalmente o contrato, mas juraria vingança pelo filho morto. Ninguém me disse que Annabeth me proibiria de visitá-lo, porque fui a culpada pelo seu filho estar nessa situação e nem mesmo que eu precisaria esconder uma gravidez do mundo.

Ninguém entrava na casa dos meus pais. Nem mesmo chegava perto de mim.

Mentiras foram inventadas de que eu estava fazendo um curso em outro país e nem  mesmo Lynn e Rowena tinham permissão para me visitar. O que fazia com que acreditassem que eu estava evitando-as. Mas, a verdade era que eu estava as protegendo.

Se ninguém soubesse, não haveria perigo.

Não haveria como essa situação piorar.

Contudo, como sempre, eu estou completamente errada.

Porque tem, sim, como piorar. E isso acontece no momento em que minha mãe adentra o meu quarto com a expressão preocupada. Seus olhos estão cheios de olheiras e há algo que não consigo reconhecer, apenas tenho certeza de que tudo está à beira de ruínas.

— Sebastian está lá embaixo.

Meus olhos se arregalam.

— Blake está livre?

Sua expressão me entrega o que preciso saber.

— Sinto muito, meu amor.

Respiro fundo, passo por ela e vou até meu *closet* sabendo que McLaughlin não é idiota. Se ele veio até aqui mesmo após Annabeth deixar claro sua aversão a mim, tenho a certeza de que ele sabe de algo.

Sigo ao lado de mamãe até o escritório do meu pai e assim que adentramos o local, percebo os olhos de Sebastian pousarem diretamente na minha barriga. Não há nenhuma expressão ali, é apenas como se ele nem mesmo se importasse.

É frio.

Calculista.

Assim que paro ao lado do meu pai, ele coloca a mão em meu ombro e aperta de leve em um cumprimento singelo, mas que me dá toda a força que preciso para o momento.

— Aurora — McLaughlin cumprimenta se sentando.

Faço o mesmo no sofá à sua frente. Meu pai dá a volta nele, se colocando atrás de mim e ao lado de mamãe. Apoio. É isso que eles representam neste momento. Uma barreira sólida para o que quer esteja vindo.

Ambos sabem que isso não envolve o que está acontecendo atualmente.

Há essa criança.

Há o futuro dele.

Há o meu futuro.

E em nenhum deles, nós ficamos juntos.

— Sebastian.

Ele me dá um pequeno sorriso falso.

— Acho que temos uma situação complicada para resolvermos.

*Complicada.*

Essa é a forma de se referir a um filho preso e uma criança inocente.

— Se você quer colocar desta forma. — Dou de ombros.

— As investigações sobre Jeremiah acabaram há um mês — afirma e eu ergo uma sobrancelha. — Blake pode ser inocentado e posso fazer com que a ficha dele seja limpa.

— Você manteve toda a mídia longe — meu pai pontua, encarando-o. — Você disse a todos que seu filho está em um *mochilão* pela Europa. Então acredito que já esteja montando um plano para que ele não perca tudo pelo qual lutou. Não tente nos enrolar, McLaughlin. Vá direto ao ponto.

Ele sorri.

— Eu não pretendo mover um dedo para tirá-lo de lá.

Suas palavras me fazem paralisar.

Acho que nem mesmo respiro.

De todas as coisas que ele poderia dizer, essa, sem dúvidas, não é a que eu esperava.

— O quê? — minha voz ecoa de repente. — Você vai fazer isso com seu próprio filho?

Sebastian dá de ombros.

— Depende de vocês. — Seu olhar se move entre mim e meu pai. — Vamos fazer um acordo.

— Um acordo? — Ergo uma sobrancelha.

— Claro. — Os olhos de Sebastian se tornam brilhantes. — Seu pai não pode representar meu filho e se ele entrar nessa disputa, nós dois sabemos que os Dellacor irão voltar a cobrar o acordo idiota entre suas famílias.

Ergo meu rosto para meu pai que encara Sebastian com asco.

Ele não é a mesma pessoa que sorriu quando fizeram a fusão entre suas empresas.

Sebastian McLaughlin é um monstro.

É um lobo em pele de cordeiro.

É alguém que não se importa com o que está no seu caminho, contanto que tenha o que deseja.

— O que você quer, McLaughlin? — meu pai sonda.

— Você me vende as ações e eu tiro Blake da prisão. Aurora ainda terá uma pequena porcentagem para que ninguém desconfie, mas eu me torno acionista majoritário.

Sinto todo o meu corpo enrijecer.

— Você quer a empresa dos meus pais?

— E quero que você volte para Inglaterra com essa criança e o dinheiro.

— Sem seu filho saber, eu imagino — murmuro.

— Blake tem um futuro na *McLaughlin&Conway*. Ele não precisa de um peso em suas costas — afirma. — E não será você e uma criança que destruirá isso.

— Rowena também.

— Ela é insignificante.

— Não, ela não é. — Minha voz se torna gelo. — Ela é fantástica e você deveria parar de olhar para ela como se ela...

— Eu não me importo com o que você acha da minha filha, Aurora — me interrompe. — Eu estou aqui para falar de Blake. Se você não aceitar esse acordo, ele ficará lá até que um advogado do estado consiga tirá-lo. A ficha dele ainda se manterá suja e nem mesmo seu pai vai conseguir limpar. Ele vai perder tudo e você será a culpada disso. — Ele limpa uma sujeira invisível do terno. — A mídia saberá da sua gravidez e do que fizeram em Saint Vincent. Seu pai será prejudicado. O mundo vai odiar sua família e Rowena será a última pessoa a ter algo na minha empresa, porque eu vou fazer da vida dela um inferno.

— Você não ouse chantagear a minha filha! — meu pai dá um passo, mas ergo minha mão.

— Você vai destruir a todos por ambição.

— É um preço mínimo a se pagar.

Ergo meu rosto até meus pais.

Eles decidem.

Não é apenas a minha vida que irá mudar.

Não é apenas eu que irei perder.

— Você decide, passarinho — minha mãe sussurra. — Você já se sacrificou demais pelos nossos erros.

— Se é o que você quer, Aurora — meu pai não desvia o olhar. — Eu vou fazer. Não me importo de recomeçar, contanto que você esteja livre de tudo isso.

Quando me disseram que Sebastian queria toda a empresa, eu não os deixei aceitar.

Agora eles me dão a decisão.

Eu salvo o que eles amam ou eu salvo as pessoas que eu amo.

É a decisão da minha vida.

É a que vai mudar tudo.

— Blake vai saber?

Sebastian sorri.

— Há um contrato de sigilo entre nós quatro — diz, orgulhoso. — Apenas nós saberemos. Todos acharão que vocês foram embora para cuidar da sede da empresa dos seus avós na Inglaterra.

— Blake vai me odiar.

— Ele irá superar. — Solta um bufo entediado. — Apenas assine, Aurora. É o melhor para o meu filho.

Puxo o papel de suas mãos.

É o fim.

É a minha sentença.

— Parabéns, Sebastian. — Assino o contrato que dá a ele tudo. — Você conseguiu o que queria e acaba de destruir seu filho.

Ele conseguiu a empresa dos meus pais.

E Blake totalmente para si.

É o meu fim.

# BLAKE MCLAUGHLIN

Eu sabia que talvez ninguém teria pena de mim no presídio.

Sabia que eu não seria um herdeiro protegido pela fortuna dos meus pais, afinal, se fosse para ter alguma proteção já teria desde que cheguei.

Seria apenas eu.

Eu teria que lutar por mim.

Por isso, enquanto me entregavam um macacão laranja e desalgemavam meus pulsos, eu fiz o que qualquer pessoa na minha situação faria. Eu fingi que nada daquilo me abalaria.

Quando o medo se fez presente, eu pensei no rosto de Aurora.

Quando a solidão me castigava, o sorriso de Aurora me fez companhia.

Durante quatro meses, eu tive apenas isso. Isso e meu caderno de desenho.

Nas primeiras semanas, eu me mantive em silêncio.

No primeiro mês, arrumei a minha primeira briga.

No segundo, eu comecei a ignorar a todos.

Quando tentavam algo, eu me esquivava. Era simples, até que já não era mais. Não havia mais como ser.

Por isso, enquanto caminho até o pátio, onde somos obrigados a passar algumas horas do dia, começo a contar em minha mente quanto tempo falta até que eu possa voltar a minha cela. Até que a solidão e os pensamentos façam parte da minha realidade. Porque prefiro ficar lá, onde me martirizo em perguntas que vão desde o porque *ela* nunca veio até aqui me visitar ou porque Sebastian se recusa a me dar qualquer informação sobre o caso.

Tudo é estranho.

Quatro meses preso sem nenhum recurso.

Quatro meses com apenas Annabeth e Sebastian vindo me visitar.

Quatro meses sem ver a minha irmã.

— O herdeiro rebelde está entre nós, pessoal! — um dos detentos grita assim que me sento no meu banco de costume. — Pronto para fazer amizades, McLaughlin?

Ergo meu rosto para ele.

Pele pálida. Músculos aparentes. Patético.

— Não.

Abaixando meu olhar, pego meu caderno e começo a rabiscar o rosto de Aurora. Não há nada mais que ronde meus pensamentos do que ela. A preocupação toma conta do meu corpo a cada dia com o mísero pensamento de que algum familiar de Jeremiah decidiu que ter o assassino do seu filho não era o suficiente, e decidiu vingar a morte dele.

Assim que termino de desenhar os olhos que sempre brilhavam em minha direção, o caderno é arrancado da minha mão. Ergo minha cabeça, meu olhar desprovido de emoção encontra o do mesmo idiota que não me deixa em paz.

— Não gosto de ser ignorado, garoto.

Bato em meus joelhos e me levanto, ficando cara a cara com ele.

Paz é algo escasso nesse lugar.

Sou mais alto e mesmo sabendo que sou páreo para acabar com ele, não adiantará, porque sei que Glines não atacará sozinho. Contudo, é como se o bom senso tenha me abandonado e eu não me importo com o que vai acontecer, apenas quero liberar toda a raiva que sinto desde que cheguei até aqui.

Desde que todos parecem ter seguido suas vidas enquanto eu me mantenho aqui.

— E eu não me importo.

Ele solta um sorriso de escárnio e então seu punho alcança meu queixo antes mesmo que eu possa me esquivar.

*Mais um dia normal.*

Então, eu perco o controle.

Eu desfiro diversos socos em seu rosto até que ele esteja caído no chão e seus parceiros venham até nós. Um círculo se forma ao nosso redor ao passo que rolamos pelo chão sujo e sangue nos rodeia.

Eu o soco imaginando que seja Jeremiah.

Ele me devolve sorrindo.

É sádico. Punitivo.

Sinto meu nariz ser deslocado e uma dor cega toda a minha visão, então um dos amigos dele chuta a minha costela, derrubando-me de cima dele e me obrigando a rolar até que minhas costas batam no banco mais próximo. Erguendo-me em minhas mãos, me preparo para atacá-lo, contudo mais um chute é desferido contra meu corpo e eu apenas agonizo de dor.

Meus olhos doem.

Meu pulso pede para que eu ceda.

Tudo é dor.

Minha cabeça, de repente, se fixa no caderno aberto poucos metros à minha frente.

Os olhos de Aurora estão lá. Brilhantes. Apaixonados.

Por ela, eu suporto tudo.

Por ela, eu destruí tudo o que lutei.

— Seu merdinha arrogante! — um deles grita.

— Glines, solte-o! — um policial finalmente grita. — Ele tem visita.

Uma risada salta dos meus lábios.

Passo a língua pelo meu lábio, sentindo sangue em todo meu rosto.

E alguém me levanta. Enfermaria não será meu destino já que viramos no sentido contrário e sou carregado até uma sala minúscula com apenas uma mesa centralizada. Assim que me jogam na cadeira, alguém me entrega uma toalha e um pedaço de gelo para colocar no machucado e apenas reviro os olhos.

Não é a primeira vez.

Não será a última.

É apenas o que eu terei que suportar.

— O que *caralhos* você fez?

A voz fria de Sebastian faz com que eu o encare, o que é difícil já que todo meu rosto é uma mistura de inchaço e hematomas. Sorrio sem emoção.

— Amizades.

Ele solta um suspiro, ajeita a gravata e se senta do outro lado da mesa, encarando-me com decepção. E nem mesmo me importo, após semanas preso nesse inferno, começamos a compreender que existem coisas mais importantes do que apenas um olhar patético.

Esse lugar muda.

Tira o resto de humanidade que ainda possuímos.

Destrói as esperanças e sobra apenas o senso de sobrevivência.

— É perceptível.

Meu pai se encosta na cadeira.

— Eu quero ver Aurora.

Ele solta um sorriso penoso e tudo em mim queima com ódio.

— Impossível.

— Por quê?

— Porque Aurora embarcou há dois dias para Inglaterra — suas palavras doem. — Ela pediu que te entregasse isso.

Decepção toma conta do meu corpo.

Ela não fez isso. Aurora não me abandonou.

Ela não seria tão manipuladora a esse ponto.

Contudo, assim que meu pai estende um papel em minha direção, a raiva toma conta de mim. Raiva que percorre todo o meu coração. Meus olhos focam no logotipo da *McLaughlin&Conway* e tudo em mim quer que isso seja uma mentira.

*“Blake,*
*Esse é o fim da nossa aventura.*
*Aurora L. Beaufort.”*

Uma frase.

Uma frase é capaz de destruir qualquer coisa.

Uma frase é capaz de mudar o mundo.

Mas também é capaz de destruí-lo.

E é isso o que acontece com o meu.

Ele é destruído pela única coisa que fez sentido em toda a minha vida. Pela única pessoa que amei. Então, percebo que fui intoxicado.

Não aconteceu de uma hora para a outra.

Foi durante dias, meses e até mesmo anos.

Foi durante as trocas de sorrisos singelos, abraços inocentes e beijos apaixonados.

Foi quando meus olhos brilharam como uma noite estrelada assim que a vi.

Foi quando ela me enxergou quando ninguém mais se preocupou em fazer isso. Quando ela pegou tudo aquilo que eu desprezava e transformou em arte, me mostrando que nem tudo o que eu imaginava, era verdade. Quando a mulher que era amada por todos, me amou. Me mostrou o significado dessa palavra e doou seu coração sem pedir nada em troca.

Eu me intoxiquei quando a conheci e todos os momentos a partir dali.

Aurora Louise Conway.

*Minha ex-namorada.*

A mulher que prometeu nunca nos machucar e quebrou a promessa.

A mulher que ansiei e depois me machucou.

E após isso, percebi que perder algo dói. Mas, perder aquilo que dava sentido a sua vida, te arruína. Deixa marcas. Cicatrizes. Te faz questionar um milhão de coisas.

Mas, perder a si mesmo depois de um evento traumático, destrói.

Intoxica a alma.

Envenena a perspectiva de vida.

E te faz perder aquilo que brilha em seu peito.

E eu perdi.

E junto disso, *ela* me destruiu.

— Pronto para ir para casa, filho?

Ergo meu olhar até o homem que sempre colocou suas ambições antes de tudo.

E então compreendo.

O amor é patético.

Ele faz com que transformemos tudo em ruínas.

E agora, eu já não me importo com isso.

Aurora queria que a nossa aventura acabasse. Tudo bem. Mas ela ainda não deu o ponto final, porque isso será algo que terei o prazer de fazer.

— Sim.




# DESPEDIDAS | PARTE V

*Eu daria qualquer coisa para ouvir*
*Você dizer isso mais uma vez*
*Que o universo foi feito*
*Apenas para ser visto pelos meus olhos*
**Saturn | Sleeping At Last**

## AURORA CONWAY

### PASSADO

Existe uma lenda que fala sobre o Sol e a Lua.

Dizem que eles sempre foram apaixonados um pelo outro, mas nunca podiam ficar juntos, pois a Lua só nascia ao pôr do Sol. Sendo assim, Deus na sua bondade infinita criou o eclipse como prova que não existe no mundo um amor impossível.

Eu nunca prestei atenção nessa lenda. Entretanto, agora, enquanto seguro um pequeno ser em meus braços e lágrimas escorrem pelos meus olhos, posso concluir que ela é real.

Amores fáceis não fazem história.

Amores que acontecem tão pacificamente não são lembrados.

E o meu e de Blake McLaughlin era como um eclipse.

Ele não deveria ter acontecido, mas obra do destino, acaso ou até mesmo por conta de eventos cósmicos, houve um *nós*.

Houve um sentimento que pensávamos que jamais seria quebrado.

Houve um amor que acreditávamos que se perpetuaria para sempre.

E a consequência dele, agora repousa a pequena cabeça em meu ombro enquanto dorme um sono tranquilo. Sua pequena mão segura meus

dedos, como se eles fossem uma âncora e eu a acaricio como se ela fosse o meu alicerce.

Ela me faz sentir preenchida.

Me faz querer lutar uma batalha para protegê-la.

Abaixo meu rosto, deixando um beijo suave em sua bochecha rosada.

E, de repente, eu a mudo de posição e ela abre os olhos. Sorrio ao perceber que o mais claro dos verdes, me encara. Eles focam em meu rosto, apenas observando, tentando entender o mundo a sua volta. E é nesse instante, enquanto a encaro, que percebo que a amo com todo o meu coração. Eu a amei desde o primeiro momento que entrei naquele avião apenas com um coração partido e um teste de gravidez na bolsa, que eu havia feito uma semana antes do noivado.

Para ser sincera, eu a amo antes mesmo de saber da sua existência.

Eu a amo mais do que qualquer outra coisa no universo.

Eu amo tanto que faria qualquer coisa para protegê-la.

*Minha filha.*

A razão pela qual abdiquei de tudo.

A razão pela qual parti o coração de Blake.

Porque para protegê-la, precisei fazer uma das escolhas mais difíceis da minha vida.

Para não destruir todos que amo, eu fugi.

E, mesmo que me doa, não me arrependo. Não quando olhos verdes, que brilham como esmeraldas, me encaram curiosamente. Quando a única parte boa que sobrou de mim e de Blake está, nesse momento, em meus braços, alheia a tudo o que acontece em nossas vidas.

— Eu amo você, Eleanor Beaufort Conway — sussurro, passando a mão pelos cabelos escuros como à noite, tal qual os de seu pai. — Eu sou a sua mãe, minha pequena. Eu sou sua melhor amiga, sua companheira. E eu prometo te proteger para sempre. Mesmo quando tudo for apenas ruína, eu lutarei por você. E isso, é uma promessa que jamais quebrarei.

Uma lágrima escorrega pelo meu rosto e não me preocupo em secá-la.

Uma lágrima por vivenciar isso sem as pessoas que eu amo ao meu lado.

Sem Rowena e seu sorriso lindo. Sem Lynn querendo pintá-la a todo instante.

Sem *ele*.

Blake nunca me perdoará.

Ele nunca ao menos saberá sobre ela.

— Você fez o que era necessário pela sua filha, querida — a voz suave da mulher, idêntica a mim, faz com que eu erga o rosto. — Não se martirize por isso.

Ela está certa. Ela *sempre* está.

Elena Beaufort Conway, minha mãe.

A mulher que a elite britânica tenta imitar a todo custo, joga os cabelos castanhos para trás, dá um passo elegante em minha direção e sorri. Seus olhos vão para o pequeno ser embrulhado em uma manta rosa em meus braços e se abaixa para pegá-la, embalando-a suavemente em seu colo.

— Eu deveria dizer a ele, mãe… — sussurro. — É um direito dele saber que têm uma filha.

Minha mãe ergue o rosto.

— E colocar a segurança de Eleanor em risco? — Ela me encara com a sobrancelha erguida. — De dar aquele demônio a única maneira de atacar nossa família e colocar Blake e seus amigos em risco novamente, Rora?

— Não, mas…

— Você precisa me prometer, Aurora. — Ela vem até mim. — Ninguém descobre sobre Eleanor. Nem mesmo, Blake. Ela está segura conosco e assim ficará.

— Por quê, mãe? — minha voz sobe. — Jeremiah está morto.

— Não, Aurora, ele não está. — Seus olhos, de repente, são desesperados. — E a família dele quer o que lhes foi prometido.

— Ele está — afirmo. — Ele precisa estar.

— O corpo nunca foi encontrado, Aurora. — Há medo em suas palavras. — E os pais dele não seriam idiotas de romperem um contrato bilionário apenas por vingança. Há algo que não estamos sabendo.

— Por isso todos os seguranças, não é? — indago, medo irradiando todo o meu corpo. — Mãe, eu tenho que saber a verdade. Não apenas por mim, mas por Eleanor.

Ela abre a boca para responder, para me contar, contudo, a porta do quarto é escancarada e meu pai entra a passos rápidos acompanhados por três seguranças.

Baron Conway. O meu super-herói.

Ele suspira fundo, dá um passo em nossa direção, beija a testa de Eleanor e me encara. Seus olhos castanhos, que sempre são gentis e brilhantes, hoje são preocupados e amedrontados.

— Eles estão vindo.

Não são necessárias mais palavras.

Não há mais o que dizer.

— Não me diga que...

— Ele sobreviveu, passarinho — meu pai conta. — Não sabemos como, mas Jeremiah está vivo.

Jeremiah Dellacor. Meu ex-noivo.

O herdeiro Dellacor que é um sociopata, obcecado por mim desde que soube do acordo entre nossas famílias.

— Ele sabe sobre a minha filha.

Não é uma pergunta.

Não precisa ser.

Todos entendemos a complexidade disso.

Ele faria qualquer coisa para ter o que deseja. Contudo, pela minha filha, eu destruiria o mundo e traria o inferno de volta para mantê-la segura.

— Aurora — Os olhos da minha mãe se voltam para mim.

— Nós precisamos sair daqui — são minhas únicas palavras. — Mãe...

Ela entrega Eleanor a meu pai e vem até mim, puxando-me para um abraço.

— Eu sei, querida — Seu rosto se afasta do meu e ela o segura entre suas mãos. — Você precisa me prometer uma coisa.

— Qualquer coisa — sussurro.

— Se qualquer coisa acontecer, você vai pegar Olivia e entrará no primeiro voo para Nova Iorque. — Seus olhos se fixam nos meus. — Você vai escondê-la, então, irá atrás de Dinara e lhe pedir para transformá-la na maior celebridade das Américas. Ela é boa no que faz, ela vai conseguir isso.

— Por que eu faria isso? — pergunto.

— Porque assim você se torna intocável, passarinho — Ela coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Nenhum Dellacor terá coragem de tentar te derrubar. E se a atenção de todos está em você, ninguém desconfiará de Eleanor.

— Eleanor não vai comigo?

— Nós vamos achar uma forma de escondê-la.

— Ela é minha filha.

*Não.*

*Não.*

*Não.*

— E você não pode protegê-la e se proteger ao mesmo tempo.

Fecho meus olhos por um instante.

Não é seguro. Eu não sou capaz de protegê-la ainda.

— Eu prometo que farei isso, mãe.

— Eu te amo, passarinho.

— Eu te amo mais, mãe.

Com isso, ela se vira, encara meu pai e dá um breve aceno.

Não entendo o que estão escondendo, mas sei que não gostarei.

Eu sinto que estamos a um passo de desmoronar.

— Pegue uma roupa idêntica a de Aurora — ela ordena para um dos seguranças e se vira para mim. — Nós vamos em carros separados até Bath. Eu vou fingir que sou você e enrolarei algo para todos acharem que Eleanor está comigo. Você e seu pai sairão pelos fundos e nós iremos nos encontrar na rodovia, ok?

Me levanto, mesmo que todo meu corpo doa.

— Mãe…

— Você e sua mãe são parecidas, Aurora — Meu pai diz e olho para mamãe, estudando seu rosto e não há como discordar. — É a única forma de você sair daqui. E nós precisamos de você segura.

Dou um passo até ela ao mesmo tempo que o segurança adentra o quarto.

— Você vai me esperar no final da estrada?

Ela sorri, beija o topo da minha cabeça.

— Eu sempre vou te esperar, passarinho.

Com isso, ela se vira, entra no banheiro e sai de lá com uma roupa idêntica à minha.

Seus olhos vão para o meu pai e ele maneia a cabeça, concordando com que siga os seguranças que eles a levarão até a nossa propriedade em Bath.

Antes de sair, ela vai até Eleanor, que agora repousa em meus braços e sorri.

— Ela é a nossa constelação de Antares, passarinho.

— A estrela mais brilhante da constelação de escorpião.

Ela sorri.

— A estrela mais brilhante da nossa vida.

Então ela beija a minha testa.

Depois de Eleanor.

E se vira, pegando o embrulho idêntico ao de minha filha e beija meu pai rapidamente antes de ir junto a eles.

Meu coração dói.

Porque mesmo que essa seja uma despedida breve, ainda assim é uma despedida.



O caminho até Bath é sinuoso.

Além disso, é como se nem mesmo o tempo estivesse a nosso favor.

Chuva nos acompanhou por pelo menos metade do caminho.

Mesmo assim, um pouco à frente do nosso carro, ainda é possível visualizar o SUV preto que mamãe está. Mesmo com as janelas totalmente escuras, eu sei que ela está lá e está bem.

Ao meu lado, Eleanor dorme tranquila e meu pai dirige com cautela. Já que nosso carro é totalmente diferente do dela. O medo de que algo possa acontecer, toma conta de mim e tudo em mim fica em alerta.

Minha mão repousa na cadeirinha de Eleanor com medo de que se eu fechar meus olhos, ela vá sumir.

É a pior sensação que já senti. É tortuosa. Degradante.

— Passarinho?

Sua voz é apreensiva.

— Sim, pai.

— Olhe se o seu cinto está preso corretamente. — Ele engole em seco. — E prenda bem Eleanor na cadeirinha.

Pavor toma conta de mim pelas suas palavras.

Medo se faz presente.

— Por quê? — me pego sussurrando.

Seu olhar encontra o meu por um instante.

— Porque nós estamos sendo seguidos.

Meus olhos se fixam no rosto de Eleanor, que dorme tranquila. Tentando não demostrar medo, viro-me para trás e avisto um SUV igual o que minha mãe está. Ele acelera, porém, passa por nós e vai em direção no carro da frente.

Encaro meu pai pelo espelho, sabendo que quem quer que esteja naquele carro não sabe sobre a troca. Não sabe que estou em um carro esportivo e não em uma SUV cheia de seguranças. Eles realmente acreditaram no plano de mamãe e agora tudo em mim é medo puro.

Eu não posso perdê-la.

Não posso ser a responsável pela sua morte.

*Não.*

*Não.*

*Não.*

O carro continua acelerando e meu pai segura o volante com força.

— Pai... — sussurro.

— Eu sei, passarinho. — Uma lágrima desce pelo seu rosto. — Eu sei.

Mas ele não sabe.

Ele não imagina o que pode acontecer.

Eu não consigo mensurar o quanto meu coração dói neste instante.

O quanto eu tenho vontade de gritar para pararem.

Eu não posso perdê-la.

Não posso.

Minha mãe não.

Minha confidente não.

Ela não.

Eu perderia tudo.

Paz. Nossa empresa. Os malditos diamantes.

Contanto que deixem minha mãe em paz. Que a deixem viver. Que apenas desviem esse maldito carro e deixe com que ela me encontre no final da estrada. Porque não há Aurora sem Elena. Não há nada sem meus pais.

Eles são meus alicerces.

São a minha metade.

E não posso cogitar a ideia de vê-los sofrer.

— Não. Não. Não — choro quando o carro a alcança.

Dói.

*Eles batem na traseira dela.*

Tudo dói.

*Mais uma batida.*

Não posso mais sofrer.

*Outra batida.*

Não suporto mais perder tudo o que amo.

Quando a última batida atinge a traseira, percebo que o carro perde o controle e roda na pista.

Ele gira.

Uma. Duas. Três vezes.

Na quarta, ele capota.

— Elena! — meu pai grita.

— Mãe! — eu grito.

E Eleanor chora.

O nosso carro, de repente, é apenas silêncio e lágrimas. Ao passo que há poucos metros, o carro de mamãe capota desgovernadamente pela pista e o outro dá meia volta e passa por nós, tranquilamente. Nem mesmo percebem que pegaram a pessoa errada.

Que eu ainda estou viva.

Que eu estou me quebrando neste instante.

Meu pai pisa no freio com força e o carro derrapa antes de parar. Encaro o único segurança no banco da frente e não consigo sentir nada a não ser dor.

— Cuide da minha filha com a sua vida — ordeno, antes de escancarar a porta do carro e correr até o outro lado da pista no meio da chuva.

Lágrimas nublam minha visão.

A chuva cai sobre meu corpo e não me importo.

Meu pai corre ao meu lado.

Ela não pode nos abandonar.

Eu me recuso a perdê-la.

Assim que alcançamos o carro destruído, posso ouvir o lamento sofrido do meu pai e apenas o observo se ajoelhar ao lado da porta, a puxar com toda a força que ele possui e o corpo de mamãe cair em seu colo. Os cabelos castanhos como os meus caem pelo seu rosto e sangue escorre pelo seu corpo frágil.

Não há vida.

Não há nada.

— Elena, meu amor — suplica. — Olhe para mim, meu amor.

Quando ela não responde, ele a segura com cuidado, puxando-a para fora do automóvel e a se senta no asfalto molhado. Apoiando-a no seu colo. Lágrimas descem pelas bochechas de papai e ele nunca chora. Ele nunca se permite sofrer. E agora ele se quebra.

Hematomas tomam conta do rosto sereno de mamãe.

A aliança de casamento ainda brilhando em seu dedo.

Eles se sacrificaram. Cada parte da vida deles.

Por mim.

Pela minha filha.

Pelos meus erros.

Eu fiz isso. Eu destruí a vida de todos ao meu redor. Eu sou a culpada.

— Mãe — Me abaixo, ajoelhando em frente ao meu pai. — Por favor, mãe. Você não pode me deixar sozinha! — grito, não me importando com mais nada. — Você não pode me abandonar. Você não, mãe.

— Rora...

— Por favor, olhe para mim, mãe. — continuo gritando. — Eu estou aqui, mãe. Sou seu passarinho. Nós estamos aqui. Chegamos ao final da estrada.

— Aurora...

— Não! — grito. — Eu não posso perdê-la, pai. Minha mãe não.

— Ela se foi, passarinho.

— Não! — Engulo um soluço. — Eu não posso aceitar. Isso não é justo. Ela não, pai.

Não percebo que estou balançando o corpo sem vida dela.

Não percebo que grito e choro ao mesmo tempo.

Não percebo que o seu corpo está esfriando.

Nem que a cor pouco a pouco a deixa.

É cruel.

A dor da perda é cruel.

Perder uma mãe é cruel.

Não há como mensurar isso.

Não há como as pessoas me dizerem para ficar calma quando a pessoa que mais me amou no universo está me deixando porque eu fui egoísta. Porque não cumpri com a porra de um acordo e me apaixonei. Não há como ninguém me salvar porque agora estou além da redenção.

Não há como encarar meu pai a partir de agora e saber que eu lhe tirei o amor da sua vida. Tirei a mulher que enfrentou o inferno por ele e por mim e agora eu a mandei em direção à morte.

*Eu.*

*Eu.*

*Eu.*

Eu machuquei todos à minha volta.

Eu matei minha mãe.

Eu mandei Blake para a cadeia.

Eu chamei todos de monstros quando, na verdade, eu sou o único monstro em minha vida.

— Aurora volte para o carro — a voz do meu pai me tira do transe.

— Não.

— Volte para o carro agora, Aurora! — grita.

Encarando o corpo frio de mamãe, eu giro meu rosto até encontrar o carro.

Eleanor está lá.

Eu não posso perder o controle agora.

Por ela, eu me levanto, enxugo as lágrimas e caminho até o carro.

Por ela, eu deixo o corpo da minha mãe.

Por ela, eu percebo que meu pai coloca minha mãe no carro destruído e se vira, pega o isqueiro, jogando-o na gasolina que escorre por um dos lados. Pela minha filha, ele coloca fogo no carro que o amor da sua vida está e caminha derrotado até onde estamos.

Assim que se senta em seu lugar, ele me encara.

— Troque de lugar com Steve.

Eu o faço.

O segurança fica ao lado da minha filha. E encaro-o com um aviso silencioso.

Assim que me sento, meu pai dá partida.

Ele corre desgovernado pela estrada molhada e eu apenas sinto lágrimas descerem pelo meu rosto. Nós a deixamos. Nós deixamos seu corpo em uma estrada.

O velório não poderá ser feito. Não haverá despedidas.

Ele dirige por minutos sem dizer uma só palavra.

Eleanor se acalma com o tempo e volta a dormir.

O segurança divide sua atenção entre a estrada e a minha filha.

— Você vai me escutar, Aurora — a voz de meu pai é desprovida de emoções.

— O que você quer fazer?

Ele encara Eleanor de relance pelo retrovisor e volta a dirigir.

— Salvar a única coisa que nos importa — Suas mãos apertam o volante. — Mas para isso, eu terei que morrer.

Todo o meu corpo treme.

Não. Ele também não.

— Pai...

— Você vai forjar a minha morte, passarinho.

Meus olhos se arregalam.

Minhas unhas fincam em minha pele.

— Não.

— Você precisa fazer isso se quer que Eleanor tenha a chance de crescer sem todo esse caos, Aurora — afirma, severo. Papai nunca falou assim comigo. — Isso não é mais uma brincadeira. É a única forma de salvar a minha neta.

Fecho meus olhos.

*Escolhas.*

Escolhas estão me quebrando.

Escolhas estão me tornando uma pessoa que não reconheço.

— Me fale sobre seu plano.

Abro meus lábios no mesmo instante que ele estaciona o carro em frente a mansão dos Beaufort. Há anos que não venho aqui. Nem mesmo sinto falta.

A porta do carro é aberta e nós saímos. Pego Eleanor e a abraço mesmo que minha roupa ainda esteja um pouco úmida. Eu apenas preciso do calor do seu corpo. Só preciso saber que ela continua aqui. Que não me abandonou.

Não há ninguém na propriedade, já que Olivia fica em Londres. Todos os outros foram dispensados e assim que abrimos a porta, meu pai e Steve começam a vasculhar toda a casa em busca de ameaças. Eu coloco Eleanor no sofá e troco sua roupa agora molhada.

— Oi, passarinho — sussurro, me abaixando. Ela pisca os olhos verdes e eu deixo que mais lágrimas desçam. — Eu vou precisar fazer coisas que não irei gostar, sabe? Mas, eu quero que você saiba que eu te amo, meu amor. Eu sempre vou te amar. Mesmo que o mundo me obrigue a

ir contra tudo, eu irei te amar. E mesmo que não entenda ainda, eu quero que saiba que sempre vou te encontrar no final da estrada. — Outra lágrima desce pelo meu rosto, mas suspiro fundo. — E no futuro, eu espero que você não me odeie como seu pai me odiará. Mas eu também quero que ele tenha a chance de te amar. Só quero que saiba que estou fazendo o possível para te proteger. Você é meu tudo. Você é a dona do meu coração, Eleanor. Você é a estrela mais brilhante de nossas vidas.

Beijando sua testa, escuto passos atrás de mim e me viro, encontrando os olhos tristes de papai.

— Você está pronta?

— O que você quer que eu faça, pai?

Me levanto, suspirando fundo.

— Steve está morto.

Meus olhos se arregalam.

— Você...

— Eu preciso que um corpo seja encontrado, Aurora.

— Pai...

— Me ouça, bem — Ele dá um passo à frente. — Eu liguei todo o registro de gás. E espalhei material inflamável pela casa. Tudo pegará fogo, Aurora. — Ele fecha os olhos por um segundo. — Deixei meus documentos no carro. Quando os bombeiros chegarem, eles irão acreditar que meu corpo queimou junto com a casa. E você precisa confirmar isso, passarinho. Você precisa dizer a eles que sua mãe e eu morremos porque os Dellacor quiseram vingança.

— E então?

— Então eu fugirei com a minha neta. — Suas palavras destroem tudo dentro de mim. — Engane quem você precisar enganar. Chore, tenha seu luto, mas faça isso no avião para Nova Iorque.

— Pai, eu...

— Você vai fazer o que sua mãe lhe disse. — Seus olhos estão fixos nos meus. — Você vai se tornar intocável e eu vou criar Eleanor sem que o mundo saiba que ela é sua e de Blake. E quando Jeremiah voltar, porque ele não será idiota de atacar agora, você usará esse telefone — ele ergue um aparelho. — E irá me avisar.

— Você vai matá-lo.

— Eu vou destruir todas as pessoas que machucaram a minha família, passarinho. — Ele beija a minha testa. — E enquanto isso não

acontecer, eu irei cuidar da única pessoa que importa para nós dois.

— A atenção tem que estar sempre em mim — concluo. — Eu tenho que me tornar a princesa da mídia enquanto você faz o que é necessário.

Ele maneia a cabeça, pega Eleanor e juntos saímos.

Eu acendo o fósforo.

Ele coloca as bolsas da minha filha no outro carro que está na garagem.

Eu causo um incêndio que fará com que todos acreditem que Baron Conway está morto.

Ele observa ao meu lado o legado dos meus avós queimarem.

Eu beijo minha filha uma última vez.

Ele a leva embora.

Eu levo meu celular até o ouvido e espero chamar antes de chorar desesperadamente pedindo por socorro. Faço isso enquanto limpo meu rosto, observo a chuva parar e fazer com que as chamas se espalhem rapidamente. Então há uma explosão que varre toda a casa.

De onde estou, vejo que nada sobra.

Com isso, levo o celular outra vez até o ouvido.

No primeiro toque, eu me ergo.

No segundo, eu deixo o luto para viver na calada da noite.

No terceiro, eu sei que Aurora Conway nunca mais será a mesma.

— Dinara?

— Aurora?

— Meus pais estão mortos.

# 28

## ESTOU FARTO

*Você me ama, mas não importa o que você diga*
*Existem apenas dois jeitos*
*De como isso pode acabar*
*Alguém morre ou alguém sai ferido*
**Die First | Nessa Barrett**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Não percebi o caminho que estava traçando pelas ruas de Nova Iorque.

Tampouco me importei quando parei em frente ao edifício que Sebastian havia me presenteado com uma cobertura. Nem mesmo pensei quando acenei para o porteiro e caminhei até o elevador privativo. Apenas apoiei minha testa no metal frio, fechei meus olhos e pedi que tudo o que aconteceu nessas vinte e quatro horas fosse mentira.

Ela não fez isso.

A minha Aurora não apenas me destruiu, ela acabou com meu mundo.

Ela pegou todo o tabuleiro e não apenas fez seu xeque-mate, como fincou a peça em meu peito e o viu jorrar sangue por todo o lugar.

Ela...

O bipe do elevador faz com que meus olhos se abram e saio a passos lentos até a porta, digitando o código sem nem mesmo prestar a atenção. Quando caminho pela enorme sala, jogo o capacete e meu celular no sofá e vou até o armário de bebidas que sempre mantenho intacto.

Eu raramente venho aqui.

Eu odeio esse lugar.

Mas sempre quando meu mundo desaba, eu me vejo vindo até aqui.

Não pelo que ele representa, mas sim, porque poucas pessoas sabem da existência dessa cobertura e ninguém ousaria me procurar.

Arrancando o lacre do uísque, bebo uma quantidade considerável, caminho até a mesa de centro puxando meu caderno e junto a garrafa e os levo a passos lentos até a varanda. Onde me sento em um dos bancos que está posicionado estrategicamente para ter a visão da cidade.

A cidade que chamei de lar por todos esses anos. A cidade que abrigou a mim e a minha irmã depois que nossos pais decidiram que aqui seria o lugar onde construiriam seu império.

Eu chamei de lar porque eu me sentia assim.

Eu fiz amigos aqui. Eu me apaixonei aqui. E tive meu coração quebrado.

Agora, eu me pergunto se Nova Iorque é realmente a minha casa. Se é o lugar onde eu realmente deveria estar. Porque não consigo me imaginar compartilhando o mesmo ambiente com Aurora novamente. Não consigo suportar a ideia de termos que fingir ao mundo que somos um casal perfeito quando o ódio que estou sentindo se sobrepõe a qualquer outro sentimento.

Não posso.

Não consigo.

Eu estou farto. Estou completamente farto.

Levo a garrafa até meus lábios ingerindo uma boa quantidade da bebida.

*Ela conseguiu o que queria.*

O álcool queima, mas não tanto quanto o machucado em minha alma.

*Ela me tirou algo.*

Levo o lápis até a folha e começo a rabiscar.

*Ela me quebrou.*

Com a mão livre levo a garrafa até minha boca, virando-a como se minha sede fosse insaciável.

*Ela ousou me destruir da pior forma.*

Sinto o bolo em minha garganta, quando os seus olhos criam forma no papel.

*Eleanor. Eleanor como a minha avó.*

Lágrimas se alojam nas bordas dos meus olhos, mas continuo desenhando e bebendo. Continuo colocando no papel e no álcool todas as dores e medos que guardei por anos. Todos os sentimentos que reprimi.

*Doí. Sentir isso dói.*

O álcool entorpece, mas não me faz esquecer.

O rosto dela está agora encarando-me. Não há brilho. É a mesma expressão que a vi pela última vez. Olhos vazios. Lágrimas descendo pela bochecha. Tristeza e arrependimento completando sua expressão.

Uma Aurora arruinada.

Mesmo assim, ainda não é suficiente.

Por isso, começo um novo desenho.

É desleixado. Doloroso. É meu rosto.

Meu rosto está banhado em dor. Banhado de raiva.

Ele se complementa com o de Aurora. Ele é a parte que falta.

Não há cores. Nós formamos um desenho preto e cinza.

Cores frias. Cores que sempre representam os piores sentimentos.

Cores que nos representam no momento.

Duas pessoas quebradas. Danificadas. Intoxicadas.

Um amor que se transformou em ódio. Que queimou até que incinerou todas as partes memoráveis que construímos. Para então não sobrar nada. Apenas esse sentimento que odeio. Apenas essas memórias que me consomem.

Olho para a garrafa vazia e percebo que outra bebida será necessária, mas sinto minhas forças diminuírem. Não consigo me levantar. Não consigo me mover. Tudo em mim dói. Sinto o meu coração terminar de se romper e apenas ergo a garrafa e a jogo no chão, fazendo-a se estilhaçar assim como eu.

O caderno cai em meus pés e apenas observo a imagem agora ilustrada.

Eles me disseram que ela iria me machucar.

Me alertaram e mesmo assim eu fui. Eu me arrisquei. Eu permiti que ela fizesse isso. E agora percebo que tenho tanta culpa quanto ela.

Tudo em mim é raiva.

Raiva por sempre perder uma parte que não estou disposto a dar.

Raiva porque há coisas que nem mesmo o tempo poderá curar.

Eu apenas sinto que a minha destruição é iminente. Que posso lutar mil guerras e, ainda assim, no final, alguém sempre conseguirá acertar meu calcanhar de Aquiles. Sempre conseguirá me afetar de forma mais cruel que se possa existir.

Aurora sempre soube disso.

Sempre soube que eu a amava de uma forma que me fazia queimar, sem nem mesmo ter medo de que fosse arder.

Ela sabia disso e não se importou em acertar-me.

Ela me destruiu na primeira vez, quando partiu da forma mais grotesca e bruta. E, mais uma vez, quando voltou meses depois e fingiu que não havíamos tido nada. Que éramos realmente apenas uma aventura.

Aurora, de fato, se tornou a porra de uma manipuladora.

Ela agiu como se nosso amor fosse fácil de ser esquecido ou superado. Ela me quebrou em pedaços irrecuperáveis. Pedaços que eu não desejaria dar a ninguém. E a única coisa que me conforta é saber que mesmo odiando-a, eu tenho a certeza de que meu amor por ela foi a coisa mais bonita que já senti em toda minha vida, mesmo que apenas o mero pensamento de ter que estar ao seu lado corrompe todo meu coração.

— Blake?

Uma voz suave e preocupada faz com que meu rosto se erga.

Cabelos e olhos escuros. Rosto preocupado.

Minha irmã. Minha metade.

— Wena...

Ela dá passo rápidos até mim, desviando dos cacos de vidro e se senta ao meu lado.

— Está tudo bem, Blake — ela sussurra, puxando-me para um abraço. — Eu estou aqui por você. Eu estou aqui para ser a sua metade.

Mas não está tudo bem.

Nunca poderá estar.

Não acho que posso me recuperar disso.

Porque eu posso ter dado o golpe em Aurora, mas ela me deu a cartada final.

— Ela me tirou algo.

— Eu sei — percebo a dor em sua voz.

— Eu tive uma filha, Wena.

— Você ainda a tem, Blake — minha irmã sussurra. — Ela tem o nome da nossa avó. Ela tem o nome da única pessoa que nos amou.

Suspiro fundo.

— E Aurora me tirou isso — murmuro. — Eu não a vi nascer. Eu não estive lá por ela, Wena. Ela partiu meu coração e eu não tive tempo de sentir a dor, porque estava ocupado demais sobrevivendo naquela prisão.

— Nem Rora, Blake — Me afasto dela. — Eu estou com raiva da minha amiga, é verdade. Ela não tinha o direito de esconder isso. Mas, há coisas que talvez não saibamos. — Seus olhos encontram os meus. — E não, eu não estou escolhendo um lado. Não há um lado para escolher.

— Por que você a defendeu no passado?

Finalmente pergunto.

Finalmente tomo coragem para entender o porque a minha irmã, que era a minha metade, preferiu proteger uma amiga a mim. Porque ela me deixou sozinho quando precisei.

— Porque eu vi o que Sebastian era capaz, Blake — ela sussurra. — Eu sempre fui aquela que recebia seu desprezo, sempre estive nas sombras e isso me fez entender todas as perspectivas. Me fez entender que Aurora não era uma vilã como ele pintou para você. Eu enxerguei tudo de outra perspectiva.

— Bem, ela sem dúvidas também não é a mocinha.

— Não, ela é uma sobrevivente. Ela sobreviveu a muita coisa, Blake. — Seus olhos encontram os meus. — Quando ela chegou naquele internato, ela foi a única que me encarou sem segundas intenções. Ela foi a única que quis a minha amizade, porque gostava da minha companhia e não do meu sobrenome. Aurora pegou toda a solidão que eu sentia e a transformou em algo que não me incomodava mais. Ela me segurou quando nosso pai me fazia sentir insuficiente. Ela me protegeu sempre que precisei e eu não acreditava que a mesma pessoa que fez tudo aquilo por mim, destruiria a minha outra metade.

— Eu também fiz tudo isso por você, Wena — minha voz é rancorosa. — Eu também estive lá por você. *Eu sempre estive lá por você*.

— Mas você não assinou um contrato milionário para me tirar da prisão — suas palavras saltam de seus lábios com rapidez. — Você não esteve lá, Blake. Você não viu como Sebastian se vangloriou quando os Conway cederam a empresa. Você não viu como aquilo destruiu Baron e Aurora. Eles cederam o que mais amavam por você.

— Esse é o motivo que ela vendeu as ações?

— Há um contrato de sigilo entre os dois — minha irmã conta. — Eu nunca entendi o porquê ela foi embora. E mesmo sabendo que não devia, eu invadi o escritório dele e vi os contratos. Eu vi que ele a fez assinar um contrato de compra e venda. E quando você saiu da prisão, você se tornou ele, Blake. — Ela morde o lábio. — Você era frio. Era cruel com

todos que não eram seus amigos. Você deixou que ele te manipulasse e sempre que eu ia te contar algo, ele usava da minha vontade de ser amada para retroceder. Ele me proibiu de lhe mostrar a verdade.

— Você sabia sobre Eleanor, Rowena?

É a única coisa que preciso saber.

É a única facada que não suportaria.

— Não. — Alívio. Alívio toma conta de mim. — Aurora nunca me contou o que aconteceu na Inglaterra. Ela sempre manteve aquele ano em segredo. Nem mesmo Lynn imaginava. Mas, esse não é ponto, Blake. O ponto é que depois que ela voltou, depois que a segurei por toda uma noite enquanto ela se permitiu sofrer, eu entendi que Sebastian havia destruído vocês dois. Eu entendi que não havia mais como salvá-los. Mas, você nunca acreditou em mim sobre esse assunto e ficar naquela casa sabendo que ele me destruía e destruía todos ao meu redor, estava fora de cogitação.

— Você escolheu ir morar com Aurora.

— Porque era a forma de não deixá-lo me quebrar e quebrar as pessoas que eu amo. — Ela sorri. É falso. — Você é meu irmão, é a minha metade. Mas naquela época você era apenas uma casca vazia do que costumava ser. Você era o brinquedo do nosso pai. E Aurora, ela era só um reflexo do que já havia sido. Ela não se importava com mais nada. Vocês estavam se autodestruindo porque o nosso pai fez aquilo e sabia que ele não iria parar.

— Então, enquanto todos achavam que você...

— Eu escolhi proteger o que ainda restava de vocês. Eu segurei Aurora todas as vezes, que ela ia ao hospital e Olivia perdia o controle e a chamava de assassina. — Ergo uma sobrancelha pela informação. — E eu sinto muito por isso. Eu sinto muito por ter te machucado, por fazer você se sentir mal. E eu quero que saiba que eu te amo, Blake. Que mesmo que tenha errado nessa situação, eu realmente te amo e sinto muito por uma forma ou de outra... ter escolhido um lado que não deveria existir. — Ela solta um suspiro. — Eu fui chamada de traidora pelos nossos pais. Te vi me afastar. E a vi sofrer. — Ela engole em seco. — E mesmo que eu tenha te machucado por isso, eu quero que você saiba que eu sempre te amei, Blake. Todos os dias. Em todos os momentos você ainda continuava sendo a minha metade, você sempre vai ser.

Eu a puxo para mim.

Seus braços me apertam.

Lar.

Casa.

Amor.

Rowena sempre representou isso para mim.

Ela sempre foi meu ponto seguro no meio de todo o caos. E saber que ela se quebrou um pouco mais para que eu voltasse a ser quem sempre fui, me faz ter a certeza de que irei machucar Sebastian. Eu irei fazer o que deveria ter feito há muito tempo.

— Eu te amo, Wena — sussurro em seus cabelos. — Eu sempre vou te amar.



Wena saiu do apartamento horas depois.

Ela me fez companhia e tentou me fazer sorrir.

Contudo, depois que saiu, eu apenas me tranquei em minha casca novamente.

Então me escondi do mundo. Não voltei para a fraternidade. Nem fui aos treinos por dois dias ou respondi às dezenas de mensagens de Lynn e Connor.

Eu ainda não me sinto pronto para encará-la.

Não me sinto pronto para sorrir para as pessoas.

Nem para fingir que a minha vida não é uma série de erros que não consigo controlar. Contudo, de repente, a porta do apartamento se abre e a pessoa que estava demorando vir me checar entra com uma sacola nas mãos. Porém, o que me chama atenção é a presença atrás dele.

Maverick entra na cobertura com uma sacola em mãos e apenas dá de ombros. Um vinco se forma entre as minhas sobrancelhas ao passo que observo Connor fechar a porta e me encara com um sorriso aberto.

— Você ao menos tomou banho?

Reviro meus olhos.

— Faria diferença? — Intercalo meu olhar entre os dois. — O que estão fazendo aqui?

— Connor me arrastou — Maverick se defende.

— Sim e minha namorada chutou a minha bunda, porque eu disse a Aurora que estava te apoiando — Ele dá de ombros. — Então, o mínimo

que mereço, é que você não esteja fedendo. E que não brigue com Mav, ele vai cozinhar o nosso jantar.

Maverick solta um bufo.

— Espero que tenha tudo nessa cozinha.

Antes mesmo que eu possa responder, ele se vira e caminha até o balcão pegando tudo o que é necessário. Connor aproveita para se sentar ao meu lado e mesmo odiando, uma risada fraca salta dos meus lábios.

— Você não precisava fazer isso.

— Eu sou seu melhor amigo, Blake — Não há brincadeiras em seu tom. — Você esteve comigo nos meus piores momentos. Você não se importou com nada, contanto que estivesse bem. E eu fiz o mesmo por você e vou continuar fazendo. Nós não largamos a mão um do outro. Somos irmãos, cara.

— Você é sentimental.

Ele abre a boca, perplexo.

— E você não sabe apreciar um discurso de amizade.

— Você provou seu ponto quando me arrastou para o almoxarifado.

Me encosto no sofá, fechando os olhos por um instante e Connor aproveita para tirar os sapatos e apoiar os pés na mesa de centro, enquanto liga TV e coloca no canal de esportes.

— O que exatamente você pretende fazer?

— Jantar e ver o jogo de vôlei — Ele dá de ombros. — E você?

— Expulsar Maverick e você daqui.

Ele solta uma risada nasalada no mesmo instante que Foster se joga do meu outro lado e imita a posição de Connor, após enfiar algo — que não faço ideia do que é — no forno.

— Impossível. — Ele encara a TV. — Porque Rowena também está me ignorando, o que eu acredito que seja por culpa sua e de Rora. Então o seu castigo é me suportar essa noite.

Com um suspiro apenas foco minha atenção no jogo.

É uma partida entre Brasil e EUA. E mesmo que eu ame vôlei, não consigo prestar atenção. A minha cabeça ainda é apenas um acumulado de situações que não consigo definir.

Eu penso em Aurora.

Penso em Eleanor.

Penso em Sebastian.

São tantas situações que não consigo definir por onde começar. Eu quero me vingar de Sebastian, quero sentir ódio de Aurora e quero, a todo custo, achar Eleanor. Mas, ao mesmo tempo, eu apenas quero ficar aqui e fingir que o mundo não está caindo em meu colo rápido demais.

— Blake?

Connor me chama.

— Sim?

— Eu serei o padrinho dela, ok?

Viro meu rosto para o meu melhor amigo.

— É sério?

— Eu estou deixando isso claro antes que Maverick se aproxime mais de você. — Davenport se inclina um pouco e olha para Foster. — Não é pessoal, Mav. Mas, Eleanor já me ama. Ela já me tem como favorito, eu posso sentir.

— Ela nem te conhece — Maverick contrapõe.

— E você era rival dele há cinco minutos. — Aponta para mim. — Há um ponto negativo para você.

Maverick me encara e dá de ombros.

— Nós superamos isso. — digo.

— Por que você não podia superar isso depois que eu me tornasse padrinho da sua filha? — Connor indaga. — Eu apoio você odiar ele de novo. Vamos lá, ele pegou a sua irmã!

— E você, a melhor amiga dele. Aliás, por que você está brigando comigo por essa posição? — Maverick ergue uma sobrancelha. — Eu sou *tio* dela.

— Eu posso ligar para Rowena e fazê-la mudar de ideia.

— Jesus, calem a boca — resmungo, fechando meus olhos.

Porém, eu entendo o que eles estão fazendo.

Maverick e Connor estão tentando não me deixar cair no meu poço de lamentações. Eles não me deixam me embebedar até que a exaustão venha. Eles apenas tentam me mostrar algo que ainda não estou pronto para perceber. E talvez eu sempre seja grato por isso.

Foster, de repente, se levanta e vai até o fogão.

Eu permaneço parado.

Connor olha para televisão, mas sei que não está prestando atenção.

— Blake?

— Oi, Connor.

— Eu falei sério.

— Sobre você ser padrinho da minha filha?

— Isso nem mesmo estava em discussão, porque todos sabem que serei eu. — Ele sorri. — Mas, estou me referindo, a ser seu melhor amigo. Eu não vou te abandonar. E mesmo que eu ame Rora, mesmo que ela seja a minha melhor amiga, eu quero que você saiba que sempre vai poder contar comigo. Com almoxarifado ou sem, sempre terei tempo para te escutar. E se você quiser ir atrás de Eleanor, nós iremos. Nós vamos até o fim do mundo para trazê-la para Nova Iorque.

Maneio a cabeça.

Eu sei que ele está falando sério.

Sei que Connor sempre ficará ao meu lado.

E agora que a raiva, pouco a pouco, diminui, me questiono como Aurora está lidando com isso. Como ela está conseguindo lidar com todas as mentiras que contou, com todo o seu castelo sendo destruído.

E mesmo que eu odeie, eu me pergunto se está bem.

Ou se assim como eu, ela está se destruindo pouco a pouco.

# 29

## MELHOR AMIGA

*Como podemos não falar sobre família*
*Quando família é tudo que temos?*
*Tudo que passei*
*Você estava lá ao meu lado*
*E agora você estará comigo para um último passeio*
**See You Again | Wiz Khalifa feat. Charlie Puth**

## BLAKE MCLAUGHLIN

A semana transcorre tão rápido que nem mesmo percebo.

Eu quase não vi Aurora desde a nossa última discussão, e quando vi foi apenas para cumprir com as responsabilidades do nosso acordo. Ela não me deu mais nenhuma abertura, nem mesmo tocou no assunto sobre Eleanor.

Eu não disse a ela que contratei diversos detetives.

Tanto para saber o paradeiro de Eleanor, como o de Jeremiah.

Também não disse que, embora ainda esteja com raiva dela, meu medo é tão grande que eu a sigo todas as vezes que não está com as garotas ou com Connor.

Os pesadelos daquela noite voltaram. No entanto, quando fecho meus olhos, não é Dellacor que empurro daquela colina, mas sim, Aurora.

E isso me causa a pior das insônias.

O que também fez com que meu rendimento no time caísse e me obrigasse a treinar duas vezes mais. Fazendo com que meu tempo seja quase nulo e as formas de encontrá-la na universidade, praticamente escassas.

Contudo, hoje, enquanto termino o meu banho e me ajeito para uma das aulas, sei que poderei ir até o bloco de Economia e encontrar Aurora

antes que ela entre para uma das suas últimas aulas do dia. Preciso de mais. *Preciso saber mais*. Quero olhar no fundo de seus olhos e entender toda a verdade.

Sabendo disso, coloco a minha jaqueta e pego minha mochila saindo do vestiário com rapidez. Porém, meu plano escorre pelas minhas mãos quando vejo Lynn, parada na entrada da arquibancada.

Sua jardineira *jeans* e o *cropped* branco me indicam que ela acabou de sair de uma de suas aulas, mas sua expressão não é animada, nem feliz por me ver. Não me surpreendo. Lynn é minha melhor amiga. Eu confio nela de olhos fechados. No entanto, sei que sua lealdade sempre esteve com Aurora. E vice-versa.

— Oi, Lynn.

— Blake — devolve.

— Con não está lá dentro — Dou-lhe um sorriso fraco, tentando quebrar o clima estranho. — Ele já foi para aula.

— Não estou aqui por ele.

Ela aponta a cabeça em direção à saída do estádio e assim que começamos a andar, sei que Lynn não está em seu modo amiga. Ela está em seu modo protetora. Porque não é novidade para ninguém que ela protege Aurora e Rowena de qualquer coisa.

— Você se lembra quando lhe disse que eu estava lá quando Aurora voltou para Nova Iorque, depois que os pais dela morreram? — indaga quando saímos para o ar livre.

— Nunca poderei esquecer.

— Há algo que eu não te contei.

Viro meu rosto em sua direção.

A maior qualidade de Lynn é a lealdade. Essa é uma das coisas que sempre admirei. Ela coloca aqueles que ama acima de tudo. Quando tudo entre mim e Aurora rompeu, Lynn continuou sendo minha melhor amiga. Nada entre nós mudou, sempre nos entendemos sem muitas palavras.

No entanto, entendo que nossa lealdade um pelo outro tem um limite. Assim como eu não hesitei em ficar ao lado de Connor quando ela o quebrou, ela também não precisa pensar duas vezes antes de assumir as dores de Aurora agora.

E mesmo que discorde totalmente da minha reação diante dos últimos acontecimentos, ainda assim, ela veio até mim *porque ela é leal*. Ela escolheu Aurora, mas jamais me deixaria. É por isso que a amo. Porque

sei que é a pessoa certa para cuidar de Aurora e Rowena quando eu não posso. Porque faz meu melhor amigo feliz. E porque sei que, não importa o quão errado eu esteja, ela nunca me julgará.

— Quando ela voltou, Blake. — Lynn faz uma pausa — Ela era apenas uma casca. Não era a minha amiga. Ela odiava o escuro, tinha medo de barulhos altos e tempestades. Aurora mal comia. — Posso sentir a dor nas palavras dela. — Eu sabia que algo tinha acontecido, porque o mesmo acontecia comigo quando eu via um carro ou quando o nome de Zion era mencionado. Quando as lembranças de Michael invadiam a minha mente — ela solta o ar pela boca. Seu irmão ainda é um assunto delicado. — Mas diferente de todas nós, Aurora fez algo que me fez admirá-la mais.

— O que ela fez?

— Ela se reergueu tão rápido que surpreendeu a mim e Rowie. — Orgulho salta dos seus lábios. — Rora pegou todos os seus machucados e os jogou em um baú. Ela saiu do quarto em uma manhã e sorriu como se o mundo fosse colorido. E ela continuou sorrindo por todo esse tempo. Ela nunca mais chorou ou se quebrou. Rora aturou a mídia invadindo a privacidade dela. Ela aceitou ser assessorada pela tia. Ela entrou em um relacionamento falso com você. A minha amiga, Blake, me ensinou a ter força mesmo quando não achamos que temos. Ela me ensinou a ser resiliente.

— Isso não justifica esconder uma criança, Lynn. — Encaro minha amiga. — Por favor, me entenda. Ela é minha filha também.

Lynn solta um meio sorriso.

— Ela escondeu Eleanor, sim, Blake. Ela mentiu, manipulou e vestiu uma máscara que nunca coube nela. E fez tudo isso por amor a Eleanor. *Por amor a você* e tudo o que viveram juntos — ela fala devagar e, aos poucos, suas palavras conseguem acalmar o turbilhão em meu peito. — E não a julgo, porque se fosse eu, teria feito o mesmo. E se eu soubesse antes, teria guardado esse segredo junto a ela.

A encaro perplexo, balançando a cabeça negativamente.

— Você é minha melhor amiga.

— E você é o meu — ela repete. — Sabe que eu faria tudo para proteger cada um de vocês. Eu *fiz* algo para proteger vocês. Eu parti o coração do homem que amo e assinaria um contrato abdicando de tudo o que sempre me pertenceu, para que nada atingisse vocês. Eu sabia que Aurora guardava um segredo de todos nós, mas…

— Como? — me exalto, a interrompendo. — Você disse que ela nunca te contou.

— Eu não sabia sobre Eleanor — reforça, firme. — Eu sabia que havia um segredo, mas de alguma forma, Zion tinha conhecimento sobre Eleanor. E eu tive medo, Blake, nunca passou pela minha cabeça o que seria, mas sabia que, o que quer que fosse, ela escondia porque era necessário. Por isso, não hesitei em aceitar o que ele queria de mim. Eu achei que estava protegendo apenas vocês. E se eu não tivesse feito aquilo, Eleanor estaria em perigo. E você pode me odiar por isso, pode me odiar por entendê-la, mas também precisa entender que você é pai agora. E, eu não tenho dúvidas, faria de tudo para proteger Eleanor também.

*Você é pai agora*.

Suas palavras enchem meu peito. Não sei se um dia me acostumarei com essa ideia. Eu sou pai. E a minha garotinha deve ser a mais linda do mundo.

*E não tive a chance de conhecê-la.*

— Eu posso protegê-la — repito.

— Eu sei, querido — ela toca em meu braço. Seus olhos encaram os meus e eu inspiro fundo, encontrando neles a calmaria. — Eu sei que pode. Todos nós podemos agora. *Todos* nós daríamos a vida por aquela garotinha, que nem conhecemos ainda. Mas isso não irá dar certo, se continuar tratando Aurora como a única vilã dessa história.

— Lynn...

— Eu sei — me corta. — Não posso mensurar o tamanho da sua dor e a sensação de traição, mas eu sei que ela cometeu um erro. Um erro que sempre estará entre vocês dois. Mas você não pode culpá-la sozinha. Está tão errado quanto ela.

— Tenho consciência disso, apenas não consigo engolir essa situação.

— Terá tempo para isso depois — sentencia. — Quando Eleanor estiver segura, e estiver com a nossa família, tanto você, quanto Aurora e todos nós, daremos um jeito para que tudo entre nos eixos. *Daremos um jeito, Blake*. Estou te dando a minha palavra.

— Parece tão complicado — suspiro. — E todas as vezes que fecho os olhos, penso que tenho uma filha. Uma filha que não conheço e que talvez nem saiba que eu sou seu pai. Que perdi partes da vida dela que jamais conseguirei recuperar.

— O ponto aqui, Blake, é que alguém precisa te dizer a verdade e como sua melhor amiga, eu farei isso. — Lynn assume uma pose séria, diferente da benevolência de antes. — Você errou. Ela errou. Ninguém é inocente nessa história, mas jogar toda a responsabilidade para Aurora é imaturo e não condiz com a pessoa que você é e todos nós amamos. Então, pare de lamber seus machucados e comece a olhar com outra perspectiva. Vocês já pagaram pelos erros dos outros e ainda continuam pagando. Então, eu te pergunto, Blake, pelo bem da sua filha, você quer continuar alimentando esse ódio infundado, ou quer resolver os problemas entre você e Aurora de uma vez por todas?

— Eu a quero. Porra, na verdade, acho que sempre a quis — digo, minha voz aumentando e não me surpreendo, porque estou guardando isso desde a última vez que a vi — Eu sempre estive apaixonado por ela, Lynn. Sei que a machuquei e sei que a confiança que tínhamos talvez nunca possa ser recuperada, mas não consigo deixar de querê-la, mesmo que o mundo queira me obrigar a isso. Mas não consigo perdoá-la por isso — repito. — Eu tenho uma filha, Lynn. Eu merecia saber. Eu merecia ter tido a chance de ser o pai dela desde o início.

Lynn dá um pequeno sorriso.

— Eu sei, Blake, também gostaria de saber antes — me apoia. — Eu também gostaria que Eleanor pudesse conviver conosco. Gostaria que ela sempre tivesse feito parte da família. Gostaria de ensiná-la a pintar, de vê-la brincar com Taz e tudo o que o Con faria para vê-la rir. Gostaria de vê-la enfiar o dedo na panela em que Maverick cozinha, apenas para irritá-lo e vê-la aprender a dançar com a Rowie. Eu gostaria de saber com quem mais ela se parece, qual foi a sua primeira palavra ou o desenho que mais gosta de assistir. Gostaria de ver você e a Aurora sendo pais.

Lynn sorri, e eu sorrio junto. Ela parece animada com a ideia de ter uma nova integrante na família.

— Mas seria egoísmo nosso fazer com que isso acontecesse — continua, voltando a ficar séria. — Estamos falando da segurança de Eleanor, Blake. *A segurança da sua filha.* E no momento, essa segurança não está em nós, em você ou Aurora. Ela fez o necessário para mantê-la bem, e é isso que importa. Eleanor está bem porque Aurora fez o que fez, e aqui estamos.

— Eu teria a protegido também!

— Aurora era uma garota, Blake — Lynn justifica. — E estava com

medo. Aposto a minha herança que você teria feito o mesmo naquela situação. A vida dela virou do avesso e ela se viu sem saída. Foi errado esconder isso de todos nós, mas foi a forma que ela encontrou para proteger o *amor* de vocês. E Blake, o amor da vida de vocês, é aquela garotinha, entende isso?

Sei que tem razão. Sei que Aurora pensou em Eleanor em primeiro lugar. *Eu sei.* Mas um outro lado meu, gostaria de protegê-la também. Me sinto impotente por não ter feito isso quando deveria. Impotente por ter descoberto isso somente agora. E impotente por não saber o que fazer.

— Queria que tudo fosse mais fácil — lamento. — Queria que fossemos uma família completa. Sem Sebastian, Jeremiah ou o caralho a quatro entre nós.

— Blake — chama mais uma vez, prendendo minha atenção nela. — Sempre há tempo para lutar por algo que amamos — minha amiga, sussurra. — O primeiro passo você já deu, agora é saber se está disposto a dar os outros. Lute por ela. *Lute por elas*. Sei que ainda está magoado, mas também sei que a entende e acima disso, a ama. Ama as duas.

Respiro fundo, enquanto encaro minha amiga e processo suas palavras.

— Blake? — o chamado é baixinho, seus lábios estão franzidos e posso jurar que está prestes a chorar. — Nunca te disse isso, mas queria que soubesse que te amo. E sempre estarei cuidando delas, até mesmo se quiser revirar o mundo à procura da minha sobrinha.

Então, ela me abraça. E eu sinto um nó na garganta.

— Eu também te amo, *coração de pedra* — brinco quando ela se afasta. — Trarei Eleanor para nós. E irei reconquistar Aurora. Tudo voltará aos eixos.

— O que irá fazer?

— Eu tenho quatro meses até o fim do contrato — Encolho meus ombros. — Quatro meses para dar passos até ela. Para mostrar que mesmo com os erros, ela ainda é a minha Aurora.

— E se não der certo?

— Eu vou continuar dando passos até ela.

— São muitos.

Eu sorrio.

— Eu não me importaria de subir uma cordilheira para chegar até ela, Lynn.

É a verdade.

Eu daria quantos passos fossem necessários para ter Aurora Conway.

Porque não há nada, em absoluto, que irá me parar.



# RENUNCIAR AO CONTROLE

*Insano, por dentro, o perigo me deixa louco*
*Não consigo evitar, tenho segredos que não posso dizer*
*Eu amo o cheiro da gasolina*
*Eu acendo o fósforo para saborear o calor*
*Eu sempre gostei de brincar com fogo*
**Play With Fire | Sam Tinnesz**

## AURORA CONWAY

Há muitas coisas que me apavoram.

Se está escuro demais, lembro da sensação após a morte da minha mãe.

Se um barulho muito alto soa, posso ouvir o som da arma disparando.

Se chove demais, posso sentir meu corpo molhado, enquanto segurava Eleanor.

Mas, de todas essas coisas, é o silêncio que me apavora.

O silêncio é perigoso porque ele se junta ao caos que há em minha mente.

Ele me traz lembranças que há anos mantenho escondidas. O silêncio me faz pensar demais. Às vezes, tento pensar em coisas boas, mas a ansiedade sempre me faz pegar um caminho sinuoso até a parte mais escura da minha mente.

Lá é onde guardo meus piores pensamentos.

Onde a lembrança do corpo frio da minha mãe me assusta. O choro da minha filha me causa medo. Do assombro recorrente nas semanas que voltei a Nova Iorque e de como não conseguia andar nas ruas, sem achar

que alguém me pegaria e vingaria tudo.

Eu tenho medo de pensar nas coisas que abdiquei.

Todas essas coisas voltam com força no silêncio.

Por isso, eu nunca me permito estar parada.

Eu me cerco de pessoas. Eu procuro Lynn e Rowie todos os dias. Eu gosto de conversar com Maverick e escutar o senso de humor de Connor. E se eu for sincera, até mesmo gostava das provocações de Blake.

Todas essas coisas não me deixavam desacelerar.

Elas preenchiam uma parte da minha vida que eu achava impossível.

Me davam adrenalina.

Me faziam sentir viva.

Porém, agora é o silêncio que toma conta de mim.

Posso ouvir meu coração acelerado e mover meus olhos pelo quarto onde a escuridão me causa medo. Minhas mãos suam e a sensação de claustrofobia toma conta do meu corpo. *Eu odeio essa sensação*. Odeio com tanta força que me pego encolhendo-me na enorme cama.

Não posso ficar assim.

Não posso continuar ignorando tudo.

Medo não pode se fazer presente em minha vida.

Eu não sou covarde ao ponto de ignorar as consequências das minhas ações.

Eu não sou mais uma menina assustada.

Com esse pensamento, jogo o coberto para o lado, me levanto e me arrumo em um tempo recorde. Passo pela minha escrivaninha, pegando a primeira chave que encontro e o meu celular. Eu nem mesmo penso no que estou fazendo, apenas sigo a intuição em meu peito.

E ela me manda não ficar em casa chorando. Lembrando. Remoendo.

Com isso em mente, saio do meu quarto, indo em direção à sala e percebo todo o corredor vazio, ninguém pode me dizer para ficar em casa.

Ninguém está aqui para me impedir.

— Rora? — a voz de Lynn me alcança, mas não respondo.

Sinto seus passos atrás de mim, sinto sua preocupação. Mas antes mesmo que consiga me alcançar, o elevador se abre e agradeço a quem quer que seja que o tenha chamado. Porém, meu alívio se esvai no instante que Connor sai dele com uma sobrancelha arqueada. Seu rosto se torna decepcionado ao passo que me encara.

Meu melhor amigo.

O melhor amigo de Blake.

Eu escolhi Lynn quando foi necessário e não me surpreende que ele apoie Blake. Não quando eles se seguraram no pior momento um do outro, assim como Lynn fez comigo e eu faço com ela.

— Rora?

Não respondo, apenas passo por ele e aperto o botão para as portas se fecharem.

— Merda! — escuto Lynn xingar assim que passo pelo seu namorado.

— Eu preciso disso, Lynn — sussurro.

— E eu preciso de você segura, Aurora.

Suas palavras me acertam e me fazem respirar fundo no mesmo instante que as portas finalmente se fecham. Tombo minha cabeça para trás.

A sensação de queimação ainda está em mim.

O medo me faz ficar paranoica.

Tudo em mim é desespero.

As portas do elevador se abrem novamente e eu não espero muito para passar por elas. Contudo, assim que sigo em direção a nossa parte na garagem subterrânea, percebo que peguei as chaves do meu carro ao invés da moto e solto uma série de xingamentos por isso.

A moto me faz sentir viva. O carro me sufoca.

Mesmo assim, me pego indo em direção a *Ferrari* estacionada no canto da garagem e me sentando no banco do motorista, antes de finalmente dar partida. Acelero como se essa fosse a corrida da minha vida, mesmo que tudo dentro de mim me peça para voltar e pegar as chaves da minha moto.

Abro as janelas, sentindo o vento entrar.

A sensação de sufocamento diminui. Mas ainda não é o suficiente.

Vejo dezenas de carros à minha frente e acelero, desviando de todos eles.

Eu jogo o carro para um lado e escuto buzinas. Escuto meu coração palpitar e o medo diminuir. Engulo em seco quando o silêncio se esvai. A adrenalina começa a tomar conta do meu corpo e finalmente me permito respirar.

Eu acelero.

Desvio.

Choro.

*Novamente.*

Acelero.

Desvio.

Choro.

Viro uma nova esquina, escutando o carro derrapar e seguro o volante para controlar a tração dos pneus e em seguida, fecho as janelas novamente. Dezenas de pessoas viram seus rostos para o automóvel, mas nenhuma pode me reconhecer. No mesmo instante que o coloco na faixa que ele pertence, uma lágrima desce pelo meu rosto e tudo em mim é desespero.

Minhas mãos apertam o volante.

A cidade que nunca dorme assiste meu descontrole.

A queimação em meu peito aumenta.

Então, grito.

Eu liberto tudo o que está guardado dentro de mim por dias.

Grito pela mensagem que recebi.

Grito pelas palavras de Rowena.

Pelo desdém de Blake.

Por ouvir a voz do meu pai depois de tanto tempo.

A despedida da minha mãe.

O meu adeus a Eleanor.

Eu faço com que a adrenalina que percorre meu corpo me dê um motivo para continuar desta forma. Que ela diminua o aperto em meu peito que dói a ponto de me fazer suplicar por algo.

Eu grito tanto que percebo que estou rouca.

Percebo que lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Lágrimas que estão virando rotineiras. Que odeio.

Meu telefone toca de uma forma irritante e eu continuo. Continuo dirigindo até que chego ao meu ponto final. A pista escondida nos subúrbios de Nova Iorque. Um lugar que me foi apresentado uma vez. Um lugar que *ela* frequentava quando queria parar de dançar, mas não conseguia.

Estaciono entre as dezenas de carros, puxo uma bolsa que mantenho escondida no compartimento do carro e limpo os resquícios de lágrimas. Resquícios que me fazem parecer fraca. Então, pego o espelho, meu batom e me blindo.

Assim que saio do automóvel, alguns olhares se voltam para mim.

Alguns sorriem em me reconhecer, outros preparam as câmeras. E eu não me importo. Apenas quero que toda a minha realidade de merda me abandone por uma só noite.

— Aurora Conway.

Giro meus calcanhares.

Cabelos loiros. Olhos verdes. Sorriso brilhante.

Na minha frente está o maior *playboyzinho* do estado. Ele não é apenas isso, como também o melhor amigo da pessoa que me apresentou esse lugar, meses depois que voltei da Inglaterra. Quando ela, assim como eu, carregava mais culpa do que se pode expressar em palavras.

— Oliver Wright[13].

Ele sorri e se aproxima.

— Ainda causando problemas? — brinca.

— Ainda apaixonado por Summer[14]?

Não é novidade para ninguém que o herdeiro da *Wright Enterprise*[15] é completamente fascinado pela sua namorada. E, para mim, que acompanhou tudo de longe, posso constatar que ali não há nada de falso. É amor puro e verdadeiro.

— Com todo meu coração.

Percebo o brilho em seus olhos. E engulo em seco por isso, não pela sensação, mas por saber que um dia alguém me olhou assim e eu o destruí e continuo destruindo-o. Contudo, assim que abro meus lábios para respondê-lo, um carro para a nossa frente.

Um *Bugatti*.

Sua marca registrada.

— Eu já imaginava que ela não estaria aqui sozinha.

— Ela realmente não está — Oliver sussurra.

Antes que eu possa compreender, as portas do automóvel de luxo se abrem.

A primeira coisa que vejo são botas de salto. Depois um cabelo escuro como a noite, caindo em cascatas até a metade de sua cintura e então meu olhar se cruza com o dela.

Um sorriso salta dos meus lábios.

Verônica. Verônica Blackwell[16] está em Nova Iorque.

— Oi, princesa da mídia.

Ela devolve o sorriso.

— Oi, *princesinha* Blackwell.

Verônica dá um passo em minha direção e eu dou um passo até ela.

Nós nos conhecemos no nosso primeiro ano.

Quando ela tinha seu coração quebrado e eu havia acabado de voltar.

Ela me mostrou esse lugar, mesmo que corridas não sejam o meu forte. E eu lhe mostrei a vida noturna de Nova Iorque. Até que ela voltou para a sua cidade e reencontrou o amor novamente. Agora percebo seus olhos brilhantes e antes que ela possa responder, a porta do passageiro se abre e eu ergo uma sobrancelha.

Meus olhos se fixam na silhueta que sai do carro de Blackwell.

Cabelos escuros, jaqueta da SVU e quando ergue o rosto, o azul cristalino dos seus olhos se encontra com os meus. Não é preciso de muito para reconhecê-lo.

Logan Underwood[17].

Jogador em ascensão do futebol americano.

Ele ajeita a jaqueta no corpo, encara todas as pessoas e então caminha até onde estamos. Assim que para ao lado de Verônica, sua mão pousa em sua lombar e ele deixa um beijo casto em seu cabelo.

— Aurora — Logan cumprimenta.

— Oi, Logan. — Maneio a cabeça.

Oliver para ao meu lado, mas quando abre a boca para dizer algo, um barulho ressoa atrás de nós e fazendo com que todos nós olhemos para trás. Não é qualquer barulho. Não é qualquer pessoa. É uma moto sendo freada e parando de lado, então me arrependo amargamente, porque quando meus olhos pousam na pessoa sentada nela, eu sei que o resto de paz que conquistei no percurso até aqui acaba de escorrer pelos medos.

Ele segura os dois lados do capacete e o levanta.

Blake McLaughlin.

Olhos frios. Cabelos bagunçados. Meu pesadelo pessoal.

Sem nem mesmo desviar o olhar do meu rosto, ele desce de sua moto, bate de leve na jaqueta da NYU e vem em minha direção. Nunca olha para os lados, seu foco sou eu. Sempre sou eu.

— *Hum*, isso vai ficar interessante — Oliver murmura, se afastando de mim.

Antes que eu tenha a chance de respondê-lo, Blake me alcança.

Seus olhos travam nos meus e eu me recuso a desviá-los.

Posso perceber olheiras ao redor deles e ele nem mesmo imagina

que por baixo de toda a maquiagem, os meus se encontram da mesma forma. Seu rosto, de repente, relaxa para que um sorriso nasça em sua boca. Para quem não o conhece, é um sorriso lindo, mas para mim, que sei cada expressão que ele faz, sei que é falso, irônico.

— Oi, *hottie.*

Blake se inclina um pouco, deixa um beijo em minha bochecha e aproxima sua boca da minha orelha.

— O que caralhos você está fazendo? — pergunto, baixinho.

— Por mais que não nos suportemos no momento, eu ainda sou seu namorado por alguns meses, querida — sussurra, irônico. — E você continua à minha mercê. Então, sorria antes que alguém venda uma imagem nossa discutindo.

Quando se afasta, eu estalo a língua no céu da boca e o encaro com fogo nos olhos.

— Você não muda, não é? — a voz de Oliver faz com que Blake o encare. — Ainda possessivo com Conway.

— E você ainda é um *playboyzinho.*

— Isso eu vou ter que concordar — uma nova voz ressoa.

De relance vejo uma garota loira se aproximar de Oliver. A blusa com o rosto de *Chris Evans* estampada e uma saia preta, me indicam quem é. Um sorriso nasce em meus lábios e vejo Oliver puxá-la para si.

— Loirinha — Ele sorri. — Conheça Aurora e Blake.

— Eu já os conheço — Ela sorri para mim.

— Oi, Summer — digo.

— Oi, Rora. — Ela olha para Blake. — Oi, Blake.

Blake maneia a cabeça e dá a ela um sorriso.

— Então, é verdade — Vee pergunta. — Vocês dois namoram agora?

— Sim — dizemos em uníssono.

*Infelizmente.*

Oliver me dá um olhar que reconheço bem.

Ele sabe que é mentira, não sei como, mas ele sabe.

— Você está pronta, loirinha? — Oliver pergunta a Summer e ela afirma. — Foi bom te ver, Rora. E você Blake, pare de ser rabugento.

— Gostava mais de você quando também era rabugento.

— Eu nunca fui.

— Exatamente — ele sorri e Oliver gargalha.

— Logan?

— Fale, Oliver — Underwood encara Oliver.

— Se um dia você tiver uma filha, deixe-a longe de qualquer cria do McLaughlin — ele zomba. — Não quero ter a presença dele nos nossos Natais.

— Você, com certeza, me ama, Oliver.

— Nos seus melhores sonhos, Blake — ele devolve. — Vamos, loirinha.

Summer me dá um olhar rápido, em seguida ela e o seu namorado vão até o carro estacionado há poucos metros de onde estamos.

Meu olhar se volta para Verônica, que me encara como se soubesse que estou em um momento ruim.

— Eu preciso resolver algo — ela diz a Logan. — E quero matar a saudade da minha amiga, então, faça companhia a Blake.

Logan se vira para McLaughlin.

— Eu acho que estamos sendo dispensados pelas nossas namoradas. — Ele ergue uma sobrancelha. — Então espero que você seja mais suportável que Oliver.

Blake sorri.

— Eu soube que você também é capitão — Blake zomba. — Já é um começo positivo.

Antes que ele possa me responder, fecho meu braço no de Verônica e nós caminhamos rumo a dezenas de pessoas. Assim que encontramos um bar improvisado, ela ergue o braço e pede uma garrafa de tequila, limão e sal.

O seu combo perfeito.

A minha válvula de escape por hoje.

— Desembuche — ordena me entregando a primeira dose.

— O meu mundo está ruindo — é a única coisa que digo. — E é apenas isso que precisa saber.

Não conto nada.

Não posso.

Eu já coloquei Lynn em perigo.

Não posso arriscar ter outra pessoa no meio disso.

— Então você só quer beber?

— Eu só quero esquecer — respiro fundo, levando a tequila até os lábios.

Entretanto, antes que eu tenha a chance de bebê-la, Verônica toma o copo da minha mão e o deixa no balcão. Encaro-a confusa e ela apenas maneia a cabeça e indica o caminho até nossos carros.

— O álcool não vai te ajudar.

— Nada vai, Vee. — Não é uma pergunta. — Como você conseguiu lidar?

— Eu despejei minha raiva nas corridas. — Posso ver o meu carro há poucos metros. — Talvez você precise achar algo para descontar.

Eu não participo de rachas.

Eu nunca tive vontade como ela tem.

Mas eu vi como a corrida a deixava leve. Eu vi em primeira mão como ela ficava quando estava atrás do volante e talvez, eu só precise de um pouco dessa sensação. Talvez eu apenas queira fazer com que o mundo ao meu redor dissipe.

— No fim...

— A dor ainda vai estar lá te esperando, mas pelo menos você teve alguns minutos longe dela — ela sussurra para mim. — Não há lugar no mundo para se esconder, Aurora. Suas dores são suas, você precisa enfrentá-las, não fugir delas.

— E se isso significar que eu preciso destruir o mundo?

— Então destrua-o — Ela sorri e se afasta indo até seu carro, mas antes de alcançá-lo, seus olhos vão para onde Blake. — Eu acho que você não o faria sozinha, de qualquer maneira.

— Foi bom te ver, Verônica.

Ela sorri.

— Eu sempre estou a uma ligação de distância, Aurora.

Então segue até o *Bugatti*.

Eu encaro a *Ferrari*.

Eu não posso fugir das minhas próprias dores. Nem dos meus atos. Nem dos que eles representam. Eu preciso enfrentá-los, porque se eu não fizer isso, se eu não tiver o controle sobre minha própria vida, Jeremiah conseguirá me acertar. Ele me derrubará antes mesmo que eu entre nessa guerra.

Por isso, me viro e caminho até meu carro.

Com esse pensamento, vou até a porta e me preparo para abri-la.

Mas sou impedida por uma mão que se fecha na minha.

— Você não vai correr.

Olho para cima, diretamente para o rosto de Blake.

— Você vai me impedir?

— Se for necessário, sim.

— Você não é...

— Infelizmente, ainda sou seu namorado e *infelizmente,* se algo acontecer com você, eu não vou saber onde Eleanor está — me interrompe com sua voz gélida. — Então, se você quer correr, eu irei pilotar. Se você quer fazer qualquer coisa, eu estarei lá. Não mais por você, mas porque eu preciso saber onde a *minha* filha está.

— *Nossa.* Nossa filha, Blake.

Ele não responde. Nem mesmo se move.

— A chave, Aurora.

Eu não a entrego.

Eu não posso tê-lo tão perto. Não mais.

Não quando eu sei que Blake está focado em mim da maneira mais tortuosa que se pode existir. Isso já não é mais um acordo para limparmos nossa imagem. Isso é real. Nosso sentimento é real. Nosso ódio é palpável.

Ele me enganou.

Eu o destruí.

Nós somos destrutivos um para o outro.

— Não posso, Blake — sussurro.

— Você vai, Aurora — ele devolve. — Você vai me deixar dirigir. Você vai me dar o controle dessa situação, porque eu cansei de ficar no escuro. Eu cansei de você manter tudo em segredo. Não há para onde fugir. Então, me entregue a chave.

Mordo meu lábio, segurando tudo dentro de mim.

— Você terá que abandonar sua moto.

Ele nunca a deixa.

Ela é sua companheira há anos.

— Eu não me importo. — Suas palavras me pegam de surpresa. — Eu posso comprar mil motos. Posso fazer o que eu quiser, mas não posso ter a verdade. E isso é a única coisa que estou suplicando aqui, Aurora.

Meus olhos se fecham.

Renunciar ao controle.

Dizer-lhe a verdade.

— Ela não é bonita.

— Não preciso que seja.

— Você vai me odiar — sussurro. — Tanto quanto eu te odeio.

— Eu já te odeio, *hottie*.

Eu sei disso, mas isso não significa que dói menos.

Na verdade, saber que destruímos um ao outro faz com que tudo doa.

Ele me tirou a *McLaughlin&Conway* quando abri mão dela para salvá-lo.

E eu lhe tirei Eleanor, mesmo quando era para salvá-la.

Nós dois tiramos algo um do outro.

Nós dois traímos um ao outro.

E mesmo sabendo disso, eu me pego erguendo a chave e entregando a ele o controle dessa noite. Porque estou cansada de lutar. Estou cansada de tentar proteger todos ao meu redor e sempre ter um pedaço de mim sendo arrancado.

Eu apenas estou cansada.

Estou tão cansada que nem ao menos o respondo, apenas lhe entrego a chave, dou a volta no carro, abro a porta e me sento, puxando o cinto de segurança. Blake se ajeita e dá partida.

Porém, ele não segue para a pista. Ele vai até a saída e nem mesmo discuto.

Assim que alcançamos a via principal, ele acelera da mesma forma como fiz há poucas horas. Blake segura o volante com força e nos leva para a região da cidade menos movimentada. Então percebo que ele faz isso porque precisamos disso, precisamos colocar nossa raiva para fora, mesmo que seja desta forma.

— Por que você escondeu a verdade? — Sua pergunta chega no instante em que atravessamos uma ponte.

— Porque era a única forma de mantê-la segura.

Um músculo da sua mandíbula tensiona.

— Tente de novo.

— Você não estava lá, Blake.

— Exatamente por isso que eu preciso saber, Aurora. — Sua voz é dolorosa. — Eu fiquei aqui. Eu lidei com a nossa bagunça, eu senti raiva. Eu quis que você pagasse pelo que sofri. Eu guardei aquele bilhete, porque você me fez acreditar que éramos apenas uma aventura. *Eu sofri naquele lugar.* Levei socos, fui humilhado e tudo mais, porque acreditava que você estava segura. Porque eu te amava o suficiente para abdicar da minha

liberdade.

— E eu te amava o suficiente para cair em uma chantagem! — minha voz aumenta. — Eu estava grávida, Blake. Estava com medo e mesmo que odeie dizer, estava sozinha. Porque ninguém podia saber o que fizemos, porque contar a alguém era te condenar e quando seu pai entrou na minha casa e disse que não te ajudaria, eu entrei em desespero.

— Você deu a *McLaughlin&Conway* — ele sussurra.

— E perdi você — devolvo. — Foi uma escolha. Mas não deixou de doer. Eu escolhi abdicar do que tínhamos e salvar você e Eleanor. E mesmo que você me odeie por isso, eu faria novamente. Eu faria tudo de novo. Mas a questão aqui, Blake, é o porquê *você* deu o seu golpe.

— Porque era a forma que encontrei para devolver a ferida que me causou.

Uma risada nasalada salta de mim.

Meus olhos se fixam na paisagem à nossa frente.

— Chegou tarde, McLaughlin — afirmo assim que ele para em frente ao nosso antigo internato. — Porque seu pai e Jeremiah já me causaram machucados suficientes. Não há mais lugares para você fincar a faca. Eu já estou completamente arruinada.

# 31



# MINHA AURORA

*E se você tiver um minuto, por que nós não vamos*
*Falar sobre isso num lugar que só nós conhecemos?*
*Isso pode ser o final de tudo*
*Então, por que nós não vamos?*
**Somewhere Only We Know | Keane**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Meus olhos se fixam no *Saint Clairy Preparatory.*

Eu não sei o porquê. Nem mesmo quero entender o motivo pelo qual dirigi até aqui. Em um momento estávamos discutindo, no outro, eu estava alterando o trajeto até chegarmos aqui.

No nosso ponto de início.

Onde todo o nosso declínio começou.

Onde eu entreguei meu coração e o vi sendo estilhaçado.

— Por que estamos aqui, Blake?

Aurora questiona, percebo que nem mesmo discute pelo lugar que a trouxe.

Ela apenas aceita que não há volta.

Apenas desiste da luta, assim como eu.

— Nós vamos resolver nossos assuntos, Aurora.

Maneando a cabeça, ela abre a porta e caminha até o capô, se sentando e encarando o enorme prédio. Seus olhos não me indicam nada, é apenas um vazio profundo que me assusta mais do que deveria.

Aurora não é faísca. Ela é fogo puro.

E ver sua chama se apagando me causa sensações que não sei se estou pronto para sentir. Porque isso significa que também sou o culpado

por fazê-la agir desta forma. Também sou responsável por destruí-la, assim como foram responsáveis por me destruir.

— Eu costumava ver esse local como minha casa. — Suas palavras são baixas. — Costumava ansiar pelo que eu encontraria por trás desses portões quando os feriados e as férias acabavam.

— E o que mudou?

— Eu percebi que não era o lugar que era a minha casa, eram as pessoas que estavam ali — Ela engole em seco. — Eu ansiava pelas risadas de Rowena. Pelo brilho no olhar de Lynn sempre que ela pintava. Os abraços de Connor e...

— E?

Seu rosto se vira na minha direção.

— E em ter você, Blake. — Seus olhos encontram os meus. — Eu contava os segundos para voltar para cá, porque sabia que você estaria me esperando. Sabia que seguraria a minha mão e me arrastaria por todos os corredores, se esgueirando pelas salas vazias ou para a biblioteca. E quando saímos, quando eu percebi que fora daqui não era tão perfeito, eu entendi que não nascemos para estarmos juntos.

— Aurora…

— E quando Jeremiah me visitou depois daquela noite, eu compreendi que eu te amava mais do que qualquer obrigação, Blake — Ela morde os lábios. — Eu tentei romper tudo. Eu tentei não nos destruir. Mas, o nosso fim era inevitável.

De repente, me pego colocando-a sentada e apoiando as duas mãos ao lado do seu corpo. Nossos rostos se nivelam e posso perceber a dor em suas pupilas.

— Eu te odeio, Aurora — digo. — Eu te odeio porque você ainda está constantemente no meu pensamento, mesmo que não devesse.

— Você vive no meu vinte e quatro horas. — ela devolve. — Você acha que foi fácil? Foi simples? Que amei olhar para você e saber que tinha um segredo escondido? Que tínhamos uma filha?

— Não, eu não sei, Aurora — Encaro-a. — Eu não confio em você mais. Eu não confio mais nas suas palavras.

— Que pena, Blake — Ela solta uma risada dolorosa. — Porque eu fui contra tudo o que eu acreditava. Contra tudo o que eu amava para proteger a única coisa que nos restou. Tudo foi por ela. Cada atitude que tomei foi pensando na proteção *dela*.

— Eu acreditava que você confiava em mim — digo a verdade. — Que eu era bom o suficiente para você e para te proteger. Eu queria você porque eu achava que merecia você. Porque eu amava você e no primeiro empecilho, você me jogou para o lado. Você me manipulou. Você escondeu as coisas. — Fechos meus olhos. — Você me enganou, Aurora. Você era a única pessoa que eu desejava que não fizesse isso e você me quebrou.

— O nosso fim sempre foi inevitável, Blake — repete, uma lágrima desce pelo seu rosto.

— Não, Aurora. Você nos tornou inevitáveis — sussurro. — Nós tínhamos apenas um empecilho, não um ponto final.

— Eu vou sempre te machucar. Você não entende? — Ela sorri. É doloroso. — Nós sempre vamos voltar a esse ciclo, Blake. Porque enquanto Jeremiah estiver vivo, nunca haverá paz. Nunca poderei viver sem a sua sombra. Eu nunca poderei ser a mãe que a minha filha precisa.

— E eu nunca poderei olhar para você e dizer que está tudo bem — Respiro fundo. — Porque não está Aurora! Pare de pensar em Jeremiah, pare de pensar nas consequências e comece a pensar no que está acontecendo aqui.

— Eu não posso, Blake — sua voz não passa de lamúria. — Não posso porque pensar no que está acontecendo, significa te quebrar mais e não posso mais deixar você me machucar. Você me quebrou, você me fez te odiar quando pegou a única coisa que sobrava da minha mãe apenas para se vingar de mim, se vingar de algo que eu não tive culpa. Porque se você acha que te abandonar foi o que eu desejava, isso só mostra o quão raso era o seu sentimento por mim.

Suas palavras fincam mais do que qualquer outra coisa.

— E eu sei que você passou coisas insuportáveis por minha culpa. Eu sei que você foi manipulado e que os monstros embaixo das nossas camas são seu pai e Jeremiah — continua não me dando tempo de responder. — Mas, eu não vou mais me jogar em sentimentos que podem me tomar mais do que estou disposta a dar. Eu não vou mais aceitar isso. Eu preciso estar inteira para Eleanor. Eu quero estar inteira por ela, Blake.

Nossas respirações se igualam.

— Não tem como estar inteiro, Aurora — me afasto, puxando meu cabelo. — Não há mais volta. Eu lhe disse naquela sacada que não havia volta... — Minha voz é dolorosa e eu aponto para o prédio que abriga a biblioteca. — Eu te disse, Aurora. E eu não estava mentindo. Não há volta,

nós não temos volta. Então não se iluda achando que podemos superar todas essas coisas. Nós estamos quebrados além da razão e se você quer ser uma boa pessoa, pare de afastar Eleanor. Pare de me privar de estar perto dela. Chega, Aurora.

Seus olhos não desviam dos meus.

Sua dor é tão palpável que chega a queimar meus ossos.

— É isso o que você quer? — Sua voz é tão baixa, tão quebrada.

— Sim.

— Ok, Blake — Ela se levanta. — Eu trarei Eleanor de volta. Mas antes eu quero que saiba que me arrependo da sacada. Me arrependo porque eu não posso te ter. Não posso amá-lo. Porque te amar sempre foi sinônimo de nos machucar. Te amar é sempre ter a certeza de que sairemos quebrados.

— Manipulação não é amor, Aurora. Nós deveríamos ser uma dupla. Nós deveríamos jogar no mesmo time. — Solto um suspiro. — Você deveria ser a minha Aurora. A única garota que amei. Mas não existe mais isso.

— Não, Blake, não existe. — Uma lágrima desce pelo meu rosto. — Eu estou indisponível. Eu sempre estive.

— E eu deveria ter acreditado nisso.

Eu a encaro.

Desespero. Dor. Decepção.

Tudo isso estampado em seu rosto lindo.

Eu causei isso. Mesmo sabendo o nosso fim, eu não me importei em cair em tentação. Eu sabia que quando ela descobrisse sobre a empresa, sobre eu ter me tornado dono do que foi dela, ela jamais me perdoaria.

Mas, como sempre, a vida me mostra que nem tudo o que acreditamos, é verdade. Ela pegou todas as coisas que me faziam odiá-la e a transformou em algo que me arrependo.

Eu não fui o único machucado.

Aurora não foi a única vilã.

Nós nos quebramos igualmente.

— Eu estou nos salvando, Blake.

— Não, você está entrando naquela casca que se protege desde que voltou, Aurora.

— Você não entende. — Ela se afasta um pouco. — Ele está vivo. Ele matou a minha mãe e ele vai querer a nossa morte.

— Foi isso o que aconteceu na Inglaterra?

— Isso não foi nem um terço, Blake — Um sorriso doloroso, toma conta dos seus lábios e uma lágrima finalmente desce pelo seu rosto. — Eu vi meu pai segurar o corpo dela. Eu precisei entregar a nossa filha e nunca saber a localização dela. Eu nos destruí, Blake. E isso… isso dói de uma forma que eu não consigo suportar, porque parece que todas as minhas decisões destruíram as pessoas que eu amo. — Sua respiração trava e eu seguro seu rosto. — E eu não suporto. Não consigo mais suportar esse peso. Não consigo mais suportar esse ódio.

As lágrimas continuam a descer pelo seu rosto.

Meu coração dói.

E eu prometo a mim mesmo que farei cada pessoa que foi responsável por cada lágrima de Aurora pagar caro. Por cada momento que ela passou longe da nossa filha.

— Uma vez, eu cometi um crime pelo seu amor — sussurro. — E eu não me arrependo, eu faria tudo de novo. Mas desta vez, eu faço por Eleanor, eu queimaria o mundo por ela. Eu destruiria qualquer ameaça a ela.

Ela me encara.

Mas é o mesmo que nada.

Porque é como se Aurora não estivesse ali.

Ela se enrolou em seu casulo e agora se recusa a sair.

E o pior de tudo é saber que sou um dos culpados disso.

# 32

# O CAOS IRROMPE

*Eu estou louca?*
*Talvez pudéssemos acontecer, sim*
*Você ainda estará*
*Comigo quando a mágica acabar?*
**If Only | Dove Cameron**

## AURORA CONWAY

A pior parte de saber que o mundo está ruindo, é quando os dias começam a passar tão rápido que nem mesmo percebemos que estamos no modo automático.

Eu vou às minhas aulas pela manhã.

Participo das minhas responsabilidades à tarde.

Sorrio para as câmeras. Vou a eventos. E quando chego em casa, desabo.

É um ciclo que me corrói pouco a pouco. É uma maneira que encontrei para não assumir que tudo ao meu redor está uma bagunça e não sei por onde começar a organizar. Apenas aprendi a aceitar isso e mesmo odiando a situação, me contento.

Suspirando fundo, balanço minha cabeça e ergo o queixo, encarando o fotógrafo a minha frente que espera suas assistentes ajeitarem a roupa em meu corpo. Não há alegria. É apenas poses elaboradas e flashes sendo disparados em meu rosto para se ter a foto perfeita.

Atrás de mim, o cenário branco é exatamente como me sinto no momento.

Inexpressiva.

Fria.

— Sorria, Aurora — ele pede. Eu o faço. — Você está perfeita.

Dou-lhe um aceno gentil.

O vestido vintage pesa em meu corpo e as luzes incomodam minha visão, mas apenas preciso suportar isso por mais alguns minutos. É apenas mais um ensaio para uma nova campanha. Apenas algo que estou acostumada. E nem mesmo me surpreenderei quando meu rosto estiver estampado nas revistas, nos *outdoors* da *Times Square* e nas redes sociais.

É apenas algo que já não me importo mais.

— Acabamos por hoje? — A voz de Dinara faz com que todos olhemos para a entrada do estúdio.

Ela caminha a passos lentos até onde estou. Seu sorriso frio faz com que algumas pessoas se afastem.

— Sim. Ficou melhor do que imaginávamos. — O fotógrafo aponta para o *Macbook* onde todas as fotos estão. De relance vejo minha equipe gravar algumas coisas e tudo me sufoca. Eu preciso sair daqui o quanto antes. — É sempre um prazer trabalhar com você, princesa da mídia.

Sorrio.

É falso.

— O mesmo, Augusto — devolvo, observando-o se afastar e me viro para minha tia. — Não sabia que estava em Nova Iorque.

Ela dá de ombros, pega uma pasta e vem até mim.

— Passarei uma temporada na cidade. Mesmo que seu comportamento esteja melhor, ainda temos coisas a resolver — conta, estendendo a pasta para mim. — O contrato com a empresa da Inglaterra ficou pronto. Já assinei, agora só falta a sua assinatura e mandamos para *McLaughlin&Conway* registrar.

Assim que folheio os inúmeros papéis, algo dentro de mim, se torna alerta.

Nunca hesitei em assinar com marcas grandes. Nunca pensei duas vezes antes de fechar um trabalho. Mas, desta vez, é como se minha intuição me dissesse para não o fazer.

— É seguro?

— Você não confia em mim? — Ela me dá um olhar decepcionado.

— Essa não é a questão — afirmo, intercalando meu olhar entre o papel e ela. — É apenas cuidado. Inglaterra é um território que não piso desde a morte dos meus pais e você nunca se preocupou em fechar com marcas de lá. O que mudou?

— É uma boa proposta e você está na sua zona de conforto há

tempo demais — argumenta, entregando-me a caneta. — Decida-se, Aurora, não temos o dia todo.

Encaro o papel mais uma vez. Leio todos os termos. Nada está fora dos padrões. Não tenho pelo que me preocupar. Levo a caneta até a linha pontilhada. Assino meu nome e então entrego-o a minha tia.

— Eu estou indo para casa. — Nem mesmo troco minha roupa. — Preciso descansar.

Seus olhos estudam cada parte do meu corpo ao passo que pego minha bolsa.

Eu não me importo em sair com um vestido que custa mais do que um aluguel no *Upper East Side*. Não quando eles o enviaram de presente para mim e ficará guardado no fundo do meu closet até que Lynn ou Rowena o pegue.

— Está tudo bem, Aurora?

— Está tudo perfeito, Dinara — minto, colocando um sorriso no meu rosto.

Se ela percebe a mentira em minhas palavras, não diz nada. E nem mesmo me preocupo com sua opinião, apenas sigo até a saída do estúdio e sorrio para o motorista particular que me espera. Assim que estou no automóvel, encosto minha cabeça no assento e fecho meus olhos.

Os sons da cidade são os únicos barulhos que preciso escutar no momento.

Meu coração desacelera.

E me permito suspirar.

É cansativo fingir o tempo todo.

É cansativo ter que sorrir. Ter que aceitar que nem todas as pessoas são responsáveis pelo que estamos sentindo e que às vezes precisamos fingir que o mundo é colorido, apenas para não magoar todos ao nosso redor, mesmo que eles não se importem de nos magoar.

Às vezes só queremos que todos os pensamentos se silenciem. Que o mundo pare de girar, apenas para termos um segundo em paz.

— Nós chegamos, Srta. Conway — o motorista diz.

Encaro a fachada do meu edifício.

— Obrigada.

Assim que ele abre a porta e estou caminhando até a entrada, os seguranças abrem o portão e pegam as sacolas dos presentes que deixaram no estúdio. Eu nem mesmo os vi colocando no carro e agora parece que

tudo pesa mais.

Voltar para casa significa ter que ver o rosto decepcionado de Rowena, ter que observá-la me ignorar. Mesmo que eu odeie toda a situação.

E nem mesmo a culpo.

Eu a machuquei.

Escondi a verdade dela.

O elevador demora a subir e o cansaço toma conta do meu corpo.

Eu apenas quero chegar ao meu quarto. Apenas quero me aconchegar no meu edredom. Quando ele finalmente abre, observo-os deixar as sacolas na sala e vou até a geladeira, pego um copo de água e percebo que tudo está em completo silêncio. Não há sinais de Lynn ou Rowena.

No automático, abandono tudo e caminho até meu quarto. Meus saltos, meu vestido,  o resto de energia que possuo. E pego um pijama qualquer que vejo na frente e me troco.

— Rora? — A voz suave de Rowena faz meu ombro endurecer.

— No closet.

Escuto seus passos e me viro no mesmo instante que ela adentra o ambiente.

Seus olhos encontram os meus. Há dor ali e me sinto péssima por ser a responsável por causar isso. Odeio que ela não esteja se sentindo bem por minha culpa. Odeio ter sido responsável por muitos machucados ultimamente.

— Eu não posso mais — ela sussurra.

— Não pode, o quê?

Ela dá um passo à frente.

— Fingir que não sinto a sua falta. — Suas palavras doem. — Eu estou brava com você. Quero gritar e tudo mais. Só que nada disso é maior do que a falta que você faz na minha vida. Nós não somos essas pessoas que deixam algo abalar a nossa amizade e mesmo que eu não concorde com o que fez, eu meio que entendo. — Ela engole em seco. — Eu entendo porque eu vi como você e Blake estavam naquela época e não compreendi os sinais, mas agora eu os vejo. Eu vejo como toda aquela situação os machucou e não posso perdê-los.

— Eu te amo, Rowie — Mordo meu lábio, para segurar a lágrima. — Eu te amo muito. E eu nunca quis te machucar. Só não queria que você

guardasse esse segredo e quebrasse o resto do elo que ainda havia entre você e seu irmão. Eu não queria ser egoísta e nem mesmo te manipular, eu só queria que todos estivessem seguros.

— Me desculpe pelas minhas palavras — sussurra. — Eu peguei pesado.

— Eu as mereci.

Ela sorri quando me alcança.

— Como ela é?

— Perfeita — Sorrio. — Ela tem os olhos dele.

Ela segura minhas mãos.

— Quando tudo isso acabar. Quando você e meu irmão se acertarem, mesmo que seja apenas por ela, eu quero conhecê-la — ela pede. — Eu quero amá-la como sei que você e Blake a amam.

Puxo-a para um abraço no mesmo instante que Lynn aparece e sorri caminhando em nossa direção, abro um espaço e deixo com que ela participe disso. Do nosso momento.

E o abraço, ele é acolhedor.

Traz a sensação de casa.

Me faz sentir como se eu pudesse enfrentar o mundo.

Porque elas me fazem ter essa sensação. Elas me fazem sentir que eu poderia lutar uma batalha e estariam ao meu lado. Elas são meu alicerce. Minha âncora.

Elas são a minha família.

— Rowie? Lynn? — sussurro.

— Sim? — elas respondem em uníssono.

— Hoje é um dia de merda.

Elas sorriem.

É o dia que o mundo pode desabar, mas apenas nós três somos importantes.

É o dia que nem mesmo os nossos problemas podem nos afetar.

Sabendo disso, nós caminhamos até a sala, pegamos todas as besteiras do armário e colocamos os meus filmes favoritos. E esquecemos de tudo.

Nada mais importa por hora.

E eu aproveito cada instante.



Todos os anos a elite de Nova Iorque promove um baile beneficente.

Alguns dizem que é apenas para esbanjar os ativos de suas empresas e mostrarem ao resto da cidade o poder executivo e hierárquico que possuem. Mas, a verdade, por trás disso, é que esses bailes apenas acontecem com o intuito de acordos milionários serem forjados e dinheiro ser gasto em prol de arrecadar fundos para os projetos que algumas esposas organizam.

E em todos os anos, eu sou convidada.

Contudo, este ano, decidiram que a homenagem prestada seria voltada aos meus pais. O que não me alegrou, tampouco me deixou ansiosa para o momento, porque é uma mentira. Não há como prestar homenagem à memória de Baron Conway quando o mesmo se encontra vivo e colocar algo para relembrar como minha mãe era, fará com que lembranças voltem de uma forma que não saberei como controlar.

— Você está bem? — a voz de Lynn me alcança.

Encaro-a sobre o espelho.

O seu vestido azul combina com o sorriso em seu rosto.

— Eu vou ficar — devolvo. — Você está linda.

— Tanto quanto você.

Viro-me completamente em sua direção, passando as mãos pelo meu vestido. O tecido preto luxuoso envolve suavemente meu corpo, o corpete ornamentado com um decote em forma de coração com delicados bordados que se assemelham a estrelas distantes em uma noite estrelada. A saia volumosa e fluida cai em camadas suaves que lembram a cauda de uma princesa. À medida que me movo até Lynn, os brilhos no vestido parecem dançar, criando um efeito deslumbrante que reflete ao do céu noturno.

— Onde está Rowie?

— Com Maverick.

Maneio minha cabeça saindo do meu quarto e seguindo até a sala.

Assim que alcanço o corredor, meus olhos se fixam em Blake parado ao final dele. Seu rosto encontra o meu e ele me estuda com uma expressão que não consigo decifrar. É admiração misturada a algo inominável. Entretanto, mesmo com todos os nossos problemas, mesmo

com toda a situação, o brilho está lá.

Aquele maldito brilho que me conquistou desde o primeiro momento. Que me mantém cativa aos seus olhos e a tudo o que representa. E por mais que eu negue, por mais que eu tente fugir, ninguém nunca conseguirá me fazer sentir como ele faz.

— Eu não acho que tenho elogios suficientes para colocar em palavras o quão perfeita você está — ele diz, sorrindo.

Mesmo odiando, seguro um sorriso fraco.

— Não são necessários elogios — Umedeço meus lábios. — Vamos?

De relance, vejo Connor nos encarando e ele sorri em nossa direção.

— Você é um idiota, sabia? — digo a ele.

— É sempre bom saber que a minha amiga me ama.

Soltando uma risada nasalada, eu me viro e caminho até meu celular e a *clutch,* indo novamente até Blake que segura a porta entreaberta. Assim que estamos no elevador, Connor e Blake se colocam atrás de mim e Lynn e então esperamos até que estamos na garagem. O casal nem mesmo espera que digamos algo, eles apenas sorriem e seguem até o carro de Connor. Blake e eu vamos até o seu que está estacionado há poucos metros do de Davenport.

Nós não conversamos no caminho até o baile.

Acho que nem mesmo nos movemos.

Blake, mesmo sendo a epítome da beleza e sofisticação em seu *smoking* e gravata borboleta, parece apreensivo. Posso perceber pela mandíbula tensionada e a força com que aperta o volante, mas nem mesmo tenho forças para questioná-lo. Apenas me escoro no assento e vejo Nova Iorque passar pela janela até que estamos em frente ao Museu da cidade.

Assim que estacionamos, os flashes invadem todo o nosso campo de visão e sou obrigada a sorrir, ao passo que Blake segura a minha cintura possessivamente e caminhamos em direção à entrada. Porém, alguns jornalistas gritam o nosso nome e mesmo odiando, nós paramos e sorrimos.

Percebo que há mais jornalistas do que o normal. Os fotógrafos dirigem suas câmeras em nossa direção mesmo que outras pessoas estejam entrando. É uma confusão que chama a atenção dos seguranças e faz com que Blake me segure mais forte.

— Aurora — George, o mesmo jornalista da outra vez me chama.

— Oi, George — devolvo, simpática.

Ele sorri, mas percebo a apreensão em seu rosto.

— Não respondam as próximas perguntas — ele avisa, baixinho, antes de se erguer.

Blake enrijece ao meu lado.

Um olhar entre nós é trocado.

E o caos irrompe.

— Aurora, nós acabamos de receber a notícia de que vocês têm uma filha — um deles grita. — É verdade?

Outro microfone é colocado em meu rosto.

— Por que esconderam uma criança?

Minha mão se fecha na de Blake.

— É por isso que você rompeu o seu noivado anos atrás?

Medo.

Pavor.

Tudo isso toma conta de mim.

— Blake, você sabia sobre a criança?

*Aurora.*

*Aurora.*

*Aurora.*

Meu nome é gritado em todos os ângulos. Depois o de Blake.

Ninguém nos dá espaço para respirar.

Ninguém se importa com a nossa privacidade.

Isso é a notícia do momento.

Eles vão cavar até conseguir. Porque a mídia é assim, eles se alimentam do entretenimento mesmo que isso custe a destruição de alguém. Eles vivem por isso.

Eleanor não é mais um segredo.

Ela não está mais segura.

Pânico, de repente, toma conta do meu corpo e percebo dezenas de seguranças vindo ao nosso auxílio. Não presto atenção no caminho que traçamos, nem mesmo que ao invés de entrarmos no salão, Blake me coloca em seu carro, dá a volta e acelera.

Meu celular começa a tocar incansavelmente.

Depois o de Blake.

Tudo em mim é dor.

Assim que chegamos à esquina do meu prédio, percebo toda a impressa montada. É meu pesadelo se tornando realidade. E antes mesmo

que eu possa dizer algo, percebo Blake dar a ré, apertar o volante e girar o carro, indo no sentido contrário à minha casa. Ele segue pelas ruas movimentadas até um prédio que sei que é onde fica a sua cobertura e adentra a garagem.

Não consigo me mover.

Medo toma conta do meu corpo.

Minhas mãos tremem.

— Rora — a voz rouca e distante de Blake me atinge. — Olhe para mim, linda — Mas eu não consigo. *Eleanor está em perigo. A minha filha*... — Respire, Aurora. — Tento, mas o ar não me alcança. Meus pulmões queimam. *Ela pode me odiar por isso. Todos podem me odiar*. — Amor, por favor, apenas respire.

— Eles sabem sobre ela, Blake — finalmente consigo dizer algo. — Eles sabem sobre a nossa filha.

Eles sabem porque alguém lhe disse.

Eles sabem porque alguém não se importou em vender isso.

Eles sabem porque eu não fui cuidadosa.

Eu me deixei levar pela emoção.

Eles sabem... Eles sabem o meu segredo.

A única coisa que podem usar contra mim.

Blake segura meu rosto, fazendo-me encará-lo. Percebo que ele me encara com uma expressão perigosa. E tenho pena de quem irá receber a raiva contida dentro dele.

— Nós vamos descobrir quem fez isso, ok? — garante e não há brechas para dúvidas. — Nós vamos descobrir quem colocou Eleanor em perigo e então eu vou destruir cada parte da vida dessa pessoa.

Eu não duvido.

Blake McLaughlin é letal.

Ele não se importa de destruir quem o machuca.

Ele jogou Jeremiah daquela colina sem pensar duas vezes.

Nós fizemos aquilo e se tivermos que repetir para salvar a única coisa boa em nossa vida, eu não me importo. Eu farei com prazer.

Um barulho de carro sendo freado atrás do nosso faz com que nos afastemos. Engulo em seco quando vejo a SUV parada e vidros escuros. Mesmo que tudo em mim seja alerta, eu não deixo que o medo me vença e destravo a porta no mesmo instante que Blake faz o mesmo. Ele dá a volta no carro com uma rapidez invejável, parando ao meu lado e percebo seu

corpo se colocar um passo à frente, protegendo-me do que está prestes a acontecer.

Então todas as portas se abrem.

Seguranças saem do automóvel.

A primeira coisa que vejo nas portas traseiras são sapatos caros. Depois um terno *Armani* e por fim, olhos que eu reconheço. Olhos que fazem lágrimas descerem pelo meu rosto. Olhos que me protegeram quando eu mais precisei. Olhos que eu sentia saudades.

Ele sorri ao mesmo tempo que, do outro lado, outro segurança sai do carro.

Ele não está sozinho.

Ele tem uma criança em seu colo. Uma garotinha.

Meu coração dói.

Não posso respirar.

Não posso me mover.

Isso não é um sonho. Não é uma miragem. É real.

— Oi, passarinho.

# 33

## RELICÁRIO

*Mas nós éramos algo especial, você não acha?*
*Aos vinte e poucos anos, jogando moedas na piscina*
*E se meus desejos tivessem se tornado realidade*
*Teria sido você*
*Em minha defesa, eu não tenho uma*
*Por nunca deixar as coisas do jeito que estão*
**The 1 | Taylor Swift**

## BLAKE MCLAUGHLIN

*Puta merda.*

Baron Conway está vivo.

Não é preciso de muito para constatar isso.

E não é nem mesmo o que me deixa sem reação. Para ser sincero, meus olhos mal param nele, porque estou fascinado pela garotinha que ele agora pega do colo do segurança e a ajeita no seu. O vestido de princesa azul e vermelho, me faz querer sorrir, mesmo que tudo ao nosso redor seja caos.

Eu não consigo desviar o olhar.

Acho que nem mesmo posso respirar.

Olhos verdes. Cabelos escuros. Nariz arrebitado.

Ela é uma mistura perfeita minha e de Aurora.

Seus olhos encontram os meus. É breve. Mesmo assim, sinto tantas coisas que não consigo descrever. *Deus*, o sentimento que nasce em meu peito apenas de vê-la é maior do que qualquer outra coisa que já imaginei sentir. Principalmente quando ela deita a cabeça no ombro de Baron se aconchegando e desejo que ela tenha essa confiança em mim e possa se deitar no meu ombro e achar o lugar mais seguro do universo.

Porque é. Porque eu irei fazer com que seja.

— Você veio.

Baron sorri. Aurora dá um passo em sua direção.

— Eu sempre virei por você, passarinho.

Os olhos dele, de repente, me encontram e todo o brilho some. Não há nenhum resquício de gentileza ali. E tenho a certeza de que ele sabe que toda a empresa que construiu está em minha posse, que fiz isso para machucar a sua filha e não poupará esforços para fazer com que me arrependa, mesmo que eu já esteja arrependido.

E não me importo com isso, porque ele tem a única coisa que desejo.

A única coisa que eu trocaria tudo.

Ele tem o amor da minha filha. Tem a confiança dela. As memórias. *A vida inteira.*

— McLaughlin — cumprimenta.

— Conway.

Não é um cumprimento caloroso.

Ele não gosta de mim e eu sinto o mesmo por ele.

Mas, há duas pessoas pelo qual destruiríamos o mundo para proteger e, por hora, isso basta para que todas as nossas desavenças sejam colocadas de lado.

— Você é uma *princesa* — a voz suave de Eleanor faz com que todos nós olhemos para ela. — E você é a minha mamãe. É a moça no meu colar que o vovô sempre me mostra.

É suave. Tão suave que me faz querer abrir um sorriso.

Meus olhos encaram seu rosto delicado com tanto afinco que até mesmo Baron me encara. Ele sabe o que perdi e não se importa.

Abaixo meu olhar e percebo finalmente o colar em seu pescoço.

É o relicário. O meu presente para Aurora. O presente que sempre achei que ela havia jogado fora, mas que estava enganado.

*Eu dei a alguém.*

Lembro da dor em suas palavras naquela noite. A dor que eu não percebi.

Foram tantos sinais. Tantas coisas que não consegui perceber porque a minha mente estava nublada pela raiva do abandono e por tudo o que Sebastian me fez acreditar, que nem mesmo cogitei o que estava acontecendo. Eu não procurei saber sobre as justificativas dela, fui egoísta

em achar que havia sofrimento apenas de um lado.

Aurora não me deixou porque recebeu dinheiro para isso.

Ela não me destruiu porque desejava.

Ela apenas protegeu a única coisa que havia sobrado de nós dois.

Aurora abdicou de muito para mantê-la segura e aceitou meu ódio por todos esses anos. Ela devolveu as provocações mesmo que não fosse necessário. Ela fez a mídia olhar para ela.

Agora me questiono o tamanho do dano que causamos. Que *eu* causei.

— Eu sou, meu amor — Aurora finalmente sussurra dando um passo à frente.

Baron sorri para a filha.

Eleanor se inclina para que Aurora a pegue.

E vejo o momento em que ela se quebra. O momento em que ela a tem em seus braços após anos. Que ela pode sentir o calor da nossa filha. O momento em que ela entende que todo o sacrifício valeu a pena, porque Eleanor parece feliz. Ela parece alheia a tudo à sua volta. E parece segura.

Suspirando fundo, Aurora abraça o corpo pequeno de Eleanor e se senta no chão, não se importando com mais nada. O mundo parece desaparecer para ela e todos nós observamos a forma com que elas se encaram. Os seguranças rodeiam a mim e ao avô, enquanto nos mantemos hipnotizados. A mão de Eleanor toca a bochecha de Aurora com delicadeza ao mesmo tempo que uma lágrima desce pelo rosto de Rora.

Nada mais importa.

Elas são o centro do mundo.

Nem mesmo um evento cósmico poderia fazer com que elas se separem.

E sei que estou disposto a tudo para mantê-las assim.

Para provar que sou merecedor de tê-las na minha vida.

Mesmo que Aurora me odeie.

Mesmo que eu a tenha machucado.

— Nós vamos conversar — Baron diz olhando para mim.

Não é uma pergunta.

Não é um pedido.

Ele apenas afirma.

— Longe delas — devolvo.

Seu olhar se move para onde Aurora e Eleanor estão. Nenhuma

delas se importa com todos ao redor. Elas encaram uma a outra com um brilho que fascina até mesmo os seguranças. Uma sorri para a outra e Rora a escuta falar como se fosse o assunto mais interessante do universo.

Aproveito o instante para retirar o telefone do meu bolso e perceber que há dezenas de mensagens dos meus amigos, meus pais e até mesmo desconhecidos que estão atrás de um pedaço da história para vender aos tabloides. Todavia, clico apenas na única mensagem que me importa.

No grupo das únicas pessoas que confio.

***itsblakemclaughlin:*** *precisamos de vocês.*

***itslynnaltman:*** *estamos chegando.*
***itsconnordavenport:*** *elas estão aí?*

***itsblakemclaughlin:*** *sim.*

***itsrowenamclaughlin:*** *como ela é?*
***itsmaverickfoster:*** *do que uma criança gosta?*

Não respondo as próximas perguntas. Apenas guardo o celular em meu bolso e observo Aurora se levantar. Os olhos de Eleanor encontram os meus e, por um momento, ela solta um pequeno sorriso que me faz ter vontade de ir até ela. De pegá-la e jurar nunca abandoná-la, mas, ao mesmo tempo, preciso saber o tamanho da gravidade da situação e tomar todas as medidas para que ela não seja exposta.

Eu preciso fazer tudo ao meu alcance para que ela fique segura.

Não posso viver com o pensamento de que a vida da minha filha será o inferno que Aurora e eu passamos todos os dias. Ela não merece isso. Não merece ter a sua privacidade invadida, tão pequena, apenas porque alguém ousou vender uma notícia ao mundo.

Percebo que Eleanor deita sua cabeça no ombro de Aurora e seus olhos se fecham, dou um passo até elas e o olhar de Baron me acompanha. Ele não confia em mim e tampouco eu nele, contudo, nada pode me impedir de chegar até elas.

— Aurora — sussurro. — Suba com Eleanor e escolha um quarto. Ela parece estar cansada.

— Blake — hesitação toma conta do seu tom.

— Vá, passarinho. — Baron sorri. — Você precisa de um tempo com ela. E Blake e eu precisamos conversar.

Ela não se move.

Eu sei que o medo de que acabemos nos socando é grande, mas quando seu olhar recai em Eleanor dormindo em seu colo, ela toma a melhor decisão e se vira indo em direção ao elevador. No mesmo instante, Baron ordena que todos os seguranças vão junto e somos apenas nós dois agora.

O silêncio toma conta do ambiente e viro meu corpo em direção a ele, pronto para o que quer que aconteça a partir desse instante. Todavia, ele apenas fita meu rosto por um tempo e eu faço o mesmo.

Baron Conway sempre foi alguém que admirei. Mesmo que ninguém saiba.

Ele sabia como controlar a *McLaughlin&Conway* sem que seus funcionários se sentissem tão subordinados. Ao contrário de Sebastian, que os usa como uma forma de demonstração de poder.

— Agora você entende? — sua pergunta é perigosa.

Coloco a mão nos bolsos frontais.

— Desculpe?

— Você entende o que aconteceu com a minha filha depois daquele dia? — indaga. — Compreende do que ela abdicou?

Meus olhos vão para o elevador.

— Eu tinha o direito de saber sobre ela também — digo.

Uma risada nasalada salta dele.

— E o que você faria, McLaughlin? — indaga, encarando-me com desdém. — Você enfrentaria Sebastian? Você tentaria matar Dellacor outra vez?

Ergo meu queixo, encarando-o da mesma forma como ele o faz.

— Se necessário, sim. — Não há dúvidas em minhas palavras e isso o surpreende. — Eu não me importaria de cometer atrocidades para mantê-las seguras, Baron. Eu não sou mais um adolescente tendo um caso escondido com a sua filha. Nós dois somos adultos. Nós dois temos responsabilidades e Eleanor agora está acima de todas elas.

Ele ajeita a abotoadura do terno.

— Seu pai roubou a minha empresa — afirma, gélido. — Ele foi um dos motivos da ruína da minha família. E eu não vou poupar esforços para destruí-lo.

Eu deveria sentir algo, afinal, Sebastian ainda é meu genitor. Contudo, ele nunca foi um pai. Ele me deixou naquela prisão por conta da

sua ambição. Ele não se importou em machucar a minha irmã e nem a Aurora. E acima de tudo, ele foi um dos motivos pelo qual a minha filha esteve esse tempo todo longe.

— Se precisar de ajuda, me avise. — Giro meus calcanhares. — Eu adoraria destruí-lo.

— Onde você está indo?

Encaro-o por cima dos ombros.

Eu poderia discutir todas as coisas que precisamos, mas no momento, somente uma única coisa importa.

— Conhecer a minha filha.



Assim que o elevador se abre, posso observar os seguranças posicionados em pontos estratégicos da sala e tento, a todo custo, ignorá-los e seguir até o corredor principal dos quartos.

Tudo é silêncio.

Não há sinal de Aurora.

E medo toma conta do meu corpo, contudo, assim que entro na suíte principal, posso observá-la deitada ao lado de Eleanor. Aurora nem mesmo percebe que estou no quarto. Seu olhar é exclusivamente para a criança que tem os cabelos escuros espalhados pelo travesseiro e abraça um coelho de pelúcia.

— Eu sei que você está aí — a voz baixa de Aurora me faz desviar o olhar de Eleanor.

Ela se levanta com delicadeza para não acordá-la e então se vira para mim.

— Não queria acordá-la.

— Não estou dormindo — devolve. — Eu só não consigo parar de observá-la.

Meus olhos vão até Eleanor.

Meu coração se aperta e entendo o que Aurora quer dizer com isso.

— Ela é perfeita — sussurro.

Aurora me dá um meio sorriso.

— Ela é.

Eu nunca me senti sortudo. Nunca percebi que eu poderia ter algo

tão importante. Algo para proteger e agora vendo Eleanor tranquila em seu sono, eu me sinto a pessoa mais afortunada do universo.

— Nós precisamos conversar — Aurora afirma.

Não há como fugir disso.

Nós já fugimos por todos esses anos.

— Nós precisamos.

Maneando a cabeça, ela se vira e segue até a varanda do quarto e eu a sigo.

Somos recebidos pela visão noturna e barulhenta de Nova Iorque. As luzes da cidade brilham e todo o caos abaixo de nós, é um convite. Porém, percebo que de todos os lugares, esse é onde eu desejaria estar.

— Eu descobri que estava grávida uma semana antes do meu noivado — Seus olhos se mantêm na cidade. — E depois do que aconteceu em Saint Vincent não havia como te contar, Blake. Não havia como fazermos isso dar certo, porque eu sabia o que a família de Jeremiah poderia fazer.

— E você decidiu escondê-la?

— Não. — Ela se vira para mim. — Eu decidi protegê-la.

Fecho meus olhos.

— E meu pai...

— Seu pai nunca pensou em ninguém além dele mesmo. Mas, você fez um sacrifício por mim, Blake — ela me interrompe. — Você me salvou e eu sei o preço que pagou por isso. Então, perder a *McLaughlin&Conway* não me doeu tanto quanto te ver perder tudo o que amava.

— Você me mandou aquele bilhete.

— Eu precisava de algo para você não ir atrás de mim. — Seus lábios se curvam em um sorriso triste. — Eu precisava que você me odiasse, Blake.

— Você fez um péssimo trabalho — Dou um passo em sua direção. — Porque quanto mais eu tentava te odiar, mais eu te desejava. Você me magoou, mas eu sabia que o machucado que iria te causar doeria da mesma forma.

— E é exatamente por isso que estamos acabando com isso — Ela morde o lábio. — Porque eu não posso mais viver com isso. Não posso mais continuar lutando contra você e dizendo que está tudo bem. Porque não está, Blake. Não podemos mais fazer isso, não quando temos uma filha que precisa de nós dois.

Meu rosto encontra com o dela.

E eu odeio o que vejo.

— Você não vai fazer isso.

— Fazer exatamente o que, Blake?

Engulo toda a dor e dou mais um passo à frente.

— Terminar o que temos.

Ela dá um passo em minha direção. Nossos corpos quase colados e Nova Iorque atrás de nós, observando dois corações se quebrando. Rompendo o pouco que sobrou.

— Nós temos um acordo, Blake. É isso que temos. — Sua voz é baixa. — E pedi a Levi que me mostrasse todas as brechas nele. E há uma cláusula restrita de que se um de nós dois nos envolvermos em uma polêmica que pode prejudicar o outro, o acordo será quebrado. — Ela coloca um sorriso falso em seu rosto. — O que aconteceu hoje é o que precisávamos. Você está livre do nosso relacionamento falso, Blake.

— Não nos reduza a um acordo idiota, Aurora. — Tensiono a mandibula.

*Deus, como dói.*

Tudo em mim dói de uma forma que não posso segurar.

— É isso o que somos — voz dela sobe um decibel e reverbera no espaço vazio.

— Não. Pela primeira vez na sua vida, seja sincera consigo mesma. — Dou um último passo à frente. — Porque mesmo que você tente, eu não vou me afastar. Mesmo que você diga que é o melhor, eu não vou quebrar o contrato. Nós somos mais do que ele.

— Nós não somos nada. — Seu rosto se ergue. — E espero que aceite isso logo.

— Eu nunca imaginei que você fosse uma covarde, *hottie*.

Ela não responde.

Apenas me encara. Me encara como se estivesse tomando a melhor atitude quando nós dois sabemos que é uma mentira. E nem mesmo consigo me mover, porque me pego cativo do seu olhar. Me pego desejando para que ela não faça isso, que não nos deixe para trás.

— *Mamãe*?

A voz suave de Eleanor faz com que desviemos o olhar.

Os olhos inchados de sono, o coelho em seus braços e o olhar fixo em nós dois.

De repente, nada mais importa.

Eleanor é a única coisa que vejo.

E antes que possa me segurar, me viro em sua direção e me abaixo, quase que igualando nossas alturas. Os olhos verdes e redondos me encaram com curiosidade. Percebo que ela morde um sorriso tímido e isso me faz querer sorrir de volta.

Deus, eu poderia dar o mundo a ela se me pedisse.

Eu faria qualquer coisa por ela.

Antes que eu possa perceber, Eleanor dá um passo à frente e sua mão sobe até a única tatuagem em meu pescoço. Seus dedos pequenos tocam suavemente e aprecio a confiança que está depositando em mim. Assim que termina, seu olhar volta a encontrar os meus e um sorriso nasce em seus lábios.

Engulo em seco quando percebo que seus olhos brilham e, se eu for sincero, os meus também.

— Meu nome é Eleanor — sussurra, percebo um pouco do sotaque.

— Oi, Eleanor — murmuro. — Meu nome é Blake e eu sou...

— O meu *papai* — ela diz, apertando seu coelho. — Vovô sempre diz que você e a mamãe estão no meu colar.

Meus olhos pousam no relicário em seu pescoço.

O meu presente.

— Eu dei a sua mãe.

— E ela me deu.

Uma pequena risada salta dos meus lábios. E ela segura o colar, abrindo-o onde as fotos estão. De relance, percebo Aurora se aproximar e se ajoelhar ao meu lado. Nossa atenção não se desvia da nossa filha. E nem mesmo nos importamos se estamos quase sentados no chão com trajes que custam uma fortuna enquanto Eleanor está vestida como uma princesa de um desenho animado.

— Seu vovô também te disse quem são essas duas pessoas? — Aurora sussurra.

Eleanor sorri, apontando para a foto de Rowena, Lynn e Aurora vestidas em uniformes do nosso antigo internato e sorrindo uma para a outra.

— Elas são as minhas *dindas.*

Sorrio.

É a minha única ação quando se trata de Eleanor.

Ela, desde o primeiro instante, traz essa reação em mim.

Contudo, um barulho, de repente, me faz puxá-la para mim e trocar um olhar com Aurora. Vozes ecoam no corredor e me levanto, pegando Eleanor, que se assusta com o movimento brusco, mas logo se ajeita em meu colo e seguimos até o quarto. Aurora, que está ao meu lado, abre a porta com hesitação e reviro meus olhos quando vejo quem está do outro lado da porta.

— Ela, sem dúvidas, é a minha pessoa favorita. — Connor diz, olhando para Eleanor e solto um suspiro aliviado por ser ele.

Percebo seus braços lotados de sacolas e ergo uma sobrancelha.

— Por que eu tenho a impressão de que vocês assaltaram uma loja?

Maverick dá de ombros.

— Não sabíamos do que uma criança gostava — Ele sorri para a minha filha. — Então pegamos tudo.

— Tudo? — Aurora ergue uma sobrancelha.

— Sim, os seguranças do seu pai estão subindo com as sacolas que estão no meu carro — Foster se vangloria. — Connor está nervoso porque não conseguiu comprar mais coisas.

Davenport solta um bufo.

— Eu já encomendei *online* — Um sorriso nasce em seus lábios. — Minha afilhada vai receber tudo o que ela quiser — *Pelo amor de Deus.* — Colocamos um papel de parede no apartamento das meninas — Davenport diz, chegando mais perto de mim e sei que ele se refere a pintura que sua namorada fez no ano passado.

*Ainda bem.* Não gostaria de receber questionamentos sobre aquilo tão cedo. — E a ideia foi minha, que fique claro.

— Você não precisa repetir isso o tempo todo — respondo, querendo rir. — Você sabe que é o padrinho.

Ele dá de ombros.

— Nunca tive dúvidas.

Atrás dele, Maverick está carregando algumas caixas e percebo a voz de Lynn e Rowena gritando com alguém, antes de empurrarem Connor para o lado e adentrarem o quarto sorrindo.

— Meu Deus, ela é real — Wena murmura. — A minha sobrinha...

— Aurora, eu a quero para mim — Lynn diz se aproximando.

Eleanor sorri para elas, mas não deixa o meu colo.

Ela se agarra a mim. E eu amo a sensação.

O fato de que de todas as pessoas, a minha filha ainda prefere estar no meu colo, faz morada em meu peito, colando o primeiro caquinho do meu coração. Que mesmo com poucas horas que nos conhecemos, ela confiou em mim e sentiu que eu faria qualquer coisa para protegê-la.

— Eu não acredito que ela prefere Blake a mim — Connor estala a língua na boca. — Eu não *posso* acreditar.

Todos soltam uma risada.

É leve.

É um misto de alegria e alívio.

O mundo lá fora pode estar ruindo. Mas aqui dentro, isso não importa.

Porque nós seis fazemos o possível para que ele seja melhor.

Nós brigamos, nos desentendemos, às vezes falamos coisas que machucam. Mas, no fim, sempre estamos ali. Sempre seremos casa um para o outro.

Nós somos mais que amigos, somos uma família.

Uma família completamente fora dos eixos.

— Bem-vinda a sua família, Eleanor.

# 34



INTOCÁVEIS

*Ah, eu amo e odeio ao mesmo tempo*
*Você e eu bebemos o veneno da mesma vinha*
*Ah, eu amo e odeio ao mesmo tempo*
*Escondendo todos os nossos pecados da luz do dia*
**Daylight | David Kushner**

## AURORA CONWAY

Meu olhar se fixa nos meus amigos sentados no meio da sala e ao redor de Eleanor.

Brinquedos estão espalhados por todo o ambiente e ninguém se importa. Maverick segura um violão infantil estranho e Connor uma *Barbie*, enquanto Eleanor tenta decidir qual deles é o mais interessante. É uma disputa perdida, porque os dois perdem a atenção dela assim que Lynn tira uma aquarela da sacola e espalha algumas folhas brancas, entregando a ela um pincel.

Com uma alegria que apenas ela pode ter, linhas simples começam a tomar forma.

É uma bagunça de cores.

Lynn tenta ensinar ela a pintar e Con a garantir que ela esteja longe de Maverick. De repente, a risada de Eleanor contagia a todos quando Rowie deixa que a sobrinha pinte sua bochecha de vermelho e sorri quando os olhos dela brilham.

Eles a amam.

Minha família a ama.

— Aurora? — a voz do meu pai faz com que eu desvie o olhar.

Giro meus calcanhares, indo em sua direção.

— Sim?

— Nós precisamos ir para casa — seu tom é baixo, mas percebo que ele odeia estar em uma propriedade de Sebastian. — Temos que conversar sobre alguns assuntos.

— Dê a eles alguns minutos — devolvo, voltando a minha atenção a meus amigos. — É a primeira vez dela com eles.

— É a sua primeira vez com ela também, passarinho — ele se aproxima, ficando ao meu lado. — Por que não está lá?

Meus olhos se fixam onde Eleanor está, vendo Blake se aproximar dela, segurando um pincel e ela se senta entre suas pernas pintando algo com a ajuda dele. McLaughlin esquece do mundo a sua volta e todos nossos amigos param para observá-lo brincar com ela.

Meu coração aperta.

O sorriso dela é tão perfeito. Ela é perfeita e é real.

Eu passei três anos imaginando esse momento.

Três anos sentindo a sua falta.

Três anos chorando no silêncio da noite por algo que ninguém imaginava.

Três anos pedindo aos céus que meu pesadelo passasse.

— Porque eu tenho medo de decepcioná-la.

Sua mão massageia meu ombro.

— Mas isso não pode te impedir de aproveitar todos os momentos com ela, passarinho — argumenta, sorrindo. — Você vai decepcioná-la em algum momento. Todos os pais fazem isso e você vai aprender com seu erro. É o ciclo natural das coisas.

— Você aprendeu com o seu? — Viro meu rosto, deixando um sorriso nascer em meus lábios.

— Eu tive uma esposa que me ajudou a reconhecê-los — sussurra.

A menção a minha mãe dói.

A lembrança me faz suspirar fundo.

— Sinto falta dela.

— Eu também.

Abro a boca para respondê-lo, contudo o barulho do elevador faz com que todos nós olhemos para ele. Connor e Maverick são os primeiros a se levantarem. Blake é o próximo, percebo Eleanor encará-lo e ele nem mesmo pensa duas vezes antes de pegá-la no colo. Lynn me lança um olhar preocupado e Rowena enrijece o corpo.

Preocupada, dou passos rápidos até estar ao lado de Blake e assim que paro ao seu lado, meus olhos fixam nas duas figuras paradas na saída do elevador.

Os olhos frios de Sebastian estão em Blake e depois descem até encontrarem Eleanor. Ao seu lado, Annabeth tem os olhos escuros na minha filha e não há nada que me indique alguma atitude amigável em sua postura.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Blake indaga.

Sebastian limpa uma sujeira invisível do terno.

— Até onde verifiquei essa cobertura faz parte das propriedades da *minha* empresa — ele zomba. — E acho que esqueceu de nos comunicar.

— Comunicar sobre o quê?

— Sobre finalmente Aurora ter entregado a minha neta — Seus olhos recaem em Eleanor.

— Ela é uma herdeira McLaughlin. — Annabeth me dá um sorriso.

— Minha filha não é nada de vocês! — grunho.

— Você não pode negar...

— Ela pode — Blake afirma. — Aurora pode fazer o que ela quiser. E se ela não quer vocês perto da *nossa* filha, então vocês não ficarão.

Sebastian dá um passo à frente e de relance vejo Connor e Maverick se aproximarem do lado de Blake. Ao meu lado Lynn e Rowena surgem. Todos nós somos uma barreira contra aqueles que tentam machucar Eleanor.

Ninguém a faz sofrer.

Ninguém a usa.

Nunca vamos permitir.

— Essa casa é minha, garoto.

Blake sorri cruelmente e me entrega Eleanor com cuidado e uma calma que não há em seu olhar, antes de se virar novamente para seus pais. Observo-o dar um passo à frente no mesmo instante que entrego nossa filha a Lynn que a segura de uma forma protetora e Connor fica dois passos à frente dela.

Paro ao lado de Blake e ergo o queixo.

É uma batalha que precisamos enfrentar juntos.

É por Eleanor que fazemos isso.

— Na verdade, não. — Blake dá a ele mais um sorriso, dessa vez é zombeteiro. — Você assinou um contrato há algum tempo, pai. E nele você

deixava explícito o seu desejo de passar todas as ações de Aurora para mim.

— Impossível — Sebastian fecha ao mãos em punhos. — Eu não faria uma coisa tão idiota.

— Esse é o ponto. Foi uma coisa tão idiota de conseguir que eu realmente me questionei se você era competente no seu trabalho. Faça suas buscas, tente impedir, mas saiba que você vai perder — Blake zomba e Sebastian dá um passo à frente. — Porque eu sou o acionista majoritário, *pai*. A *McLaughlin&Conway* é minha. Eu possuo aquela cadeira que você tanto ama e tudo o que ela representa.

— Eu vou fazer você se arrepender... — Mais um passo.

Blake também dá e eles estão cara a cara.

— Não ameace seu futuro chefe, Sebastian. — Um sorriso cruel toma conta do rosto de Blake. — Você sempre me ensinou a ser implacável. A nunca deixar ninguém me derrubar. E agora, eu estou seguindo o seu conselho. Eu vou te destruir. Eu vou tirar tudo o que você preza. E eu vou fazer isso por todas as vezes que você fez Rowena chorar. Por você ter chantageado a mulher que eu amo e por ter feito com que ela tivesse que esconder nossa filha. — Seu tom é letal. — Eu farei você se arrepender. E isso, Sebastian McLaughlin, é uma promessa.

— Você sozinho não é ninguém — Annabeth zomba.

— Mas ele não está — afirmo, minha voz tão fria quanto a dela. — Vocês querem guerra, Sebastian? Guerra vocês terão.

— Vocês são ingênuos de achar que conseguirão algo — Sebastian refuta.

Inclino minha cabeça para o lado, lançando-lhe um olhar afiado.

— É aí que você se engana. — Ergo meu queixo, — Eu sou uma Beaufort Conway. E acima de tudo, eu sou a princesa da mídia. O que significa que tenho Nova Iorque aos meus pés. Então, eu teria cuidado ao ameaçar qualquer pessoa nessa sala, porque se Blake pode tirar o que você tem, eu posso destruir todo o seu legado.

Blake retém um passo, voltando para o meu lado.

O olhar orgulhoso que me lança me faz ter a confiança para enfrentar qualquer coisa.

— E apenas para que compreenda, eu serei o novo CEO da *McLaughlin&Conway* muito em breve — Blake joga a informação e me encara de relance. — E juntos, nós somos intocáveis, Sebastian. Então fique longe da nossa filha.

— Se eu não o fizer?

Sorrio, mas antes que eu possa dizer algo, meu pai sai de trás de todos os meus amigos, arruma a gravata e se coloca ao meu lado. A expressão desprovida de emoção, o rosto envelhecido, mas, ainda assim, perigoso.

— Então você terá que lidar comigo, meu velho *amigo*.

Os olhos de Sebastian e Annabeth se arregalam.

— Baron?

— Em carne e osso — meu pai zomba. — E pronto para te destruir.

Não há brincadeira em seu tom.

Ele está falando sério.

Seus olhos me indicam isso.

E sei que todos nesta sala estão sedentos pela destruição de Sebastian McLaughlin.



Voltar a casa dos meus pais após anos, faz com que um frio se instale em meu estômago.

A enorme mansão me faz sentir saudade das vezes que minha mãe corria comigo pelos corredores e meu pai se deitava no jardim para observarmos as estrelas. É uma sensação nostálgica e, ao mesmo tempo, dolorosa.

Eu nunca me permiti vir aqui desde que voltei.

Nunca quis relembrar nossos últimos dias aqui.

Mesmo que Dinara sempre tenha mantido esse local intacto, sempre o ignorei.

Mas, agora que o encaro, sei que mesmo que as lembranças me acompanhem, aqui sempre será o meu lar. Será o lugar onde eu posso me lembrar do sorriso da minha mãe e posso criar novas lembranças ao lado de Eleanor.

— Saudades de casa, passarinho?

Viro meu rosto em direção a meu pai.

— Eu sinto saudades daqui, mas a minha casa é o meu apartamento, pai — Dou-lhe um olhar triste. — Foi lá que consegui me recuperar de tudo.

Ele maneia a cabeça, entendendo meu ponto.

— Vamos caminhar — aponta para o jardim.

Meu rosto vira para o lugar onde Eleanor está. Blake segura seu coelho enquanto ela corre atrás de alguma coisa e quando o olhar de McLaughlin encontra o meu, ele me dá um aceno leve.

Ela está segura.

Não há o que temer.

Acompanhando meu pai, nós seguimos até a área mais afastada. Algumas flores desenham o caminho para um pequeno labirinto que mamãe havia mandado criar anos atrás e me surpreendo por ainda estar intacto.

— Você precisa escolher, Aurora.

— Escolher o quê? — questiono, parando a caminhada.

— Se você quer continuar em Nova Iorque após tudo, ou se irá voltar para a Inglaterra, passarinho.

Meus olhos vão até Eleanor.

Ela finalmente está em casa.

— Eu não quero viver fugindo, pai.

— Uma hora, ele virá atrás de você.

— Isso vai acontecer em qualquer lugar do mundo, pai — Um suspiro salta dos meus lábios. — Eu estando aqui ou na Inglaterra.

— Eleanor…

— Ela vai estar onde eu estiver — afirmo, não dando espaço para brechas. — Eu tenho como protegê-la agora. Eu não sou mais uma garotinha assustada, pai.

Ele se aproxima.

— Eu sei, passarinho. — Suas mãos seguram meu rosto. — Você me lembra a sua mãe. Ela sempre lutou pela sua felicidade, como está fazendo por Eleanor.

Meus olhos encontram os dele.

A tristeza e a solidão nublam suas pupilas. É doloroso saber que ele fez tudo que estava ao seu alcance para nos proteger e agora lhe resta apenas a dor.

— Você pode viver o seu luto agora, pai — sussurro. — Você pode sentir a perda dela. Não há motivos para ser forte o tempo todo.

— Você ainda precisa de mim.

— E você também precisa de si. Seja egoísta uma vez na vida e pense no que é melhor para você — digo, encarando-o. — Pense no seu

melhor, pai.

— Meu melhor é saber que você está bem, passarinho.

Ele beija a minha testa e se afasta, soltando um sorriso.

*Deus, eu senti falta dele.*

Todas as noites, eu senti.

Abro meus lábios para dizer isso a ele, porém meu celular toca, indicando uma nova mensagem e me afasto rapidamente.

De repente, minhas mãos tremem.

Medo toma conta do meu corpo e uma lágrima desce pelo meu rosto.

Não é real.

Esse pesadelo não é real.

Não pode ser real.

***Desconhecido**: Eram três herdeiras*
*A filha. A neta. A bisneta.*
*A primeira morreu.*
*A segunda deveria ter sido minha.*
*E a terceira está segura?*

*Não. Não. Não.*

— Aurora — escuto a voz do meu pai. — Passarinho?

Não consigo me mover.

Não consigo nem ao menos respondê-lo.

Eu estou cansada.

Cansada de perder. Cansada de estar a mercê de todos.

— Rora? — Não é meu pai. A voz mais rouca. É Blake. — Respire — Não posso. Não quero. — Olhe para mim e tente respirar. — É só fazer o que ele está pedindo. — Agora faça isso novamente, amor.

Eu faço. Mesmo que custe tudo de mim, eu faço.

Eu puxo o ar no mesmo tempo que uma única lágrima desce pelo meu rosto.

Eu o solto, vendo o rosto de Blake entrar no meu campo de visão.

— Ele está em Nova Iorque, Blake.

Seu dedo limpa a lágrima e ele segura meu rosto.

— Nós vamos achá-lo, linda.

Há convicção nas suas palavras.

Mas eu não posso acreditar.

Não consigo mais.

Porque meu pesadelo é real.

Jeremiah Dellacor está de volta e começou a mexer no tabuleiro.

E o jogo não é mais sobre se livrar de um acordo.

É sobre quem vai sobreviver no final disso tudo.

Sinto o pânico correr pelas minhas veias.

Sinto tudo o que não deveria e sei que a única coisa que me fará acalmar é minha moto. Sei que a adrenalina é a única forma de fazer com que meus pensamentos se silenciem.

Olho para Eleanor que está alheia a tudo isso.

Meu pai a segura. Ele sempre estará ali para segurá-la quando eu não puder.

Volto minha atenção para Blake, eu o encaro com os olhos suplicantes.

— Eu preciso correr.



# UMA PROMESSA

*Eu não estou aqui para jogos*
*Eu te disse a verdade, você escolheu ficar, oh*
*Amor, você escolheu a dor*
*Porque você não me conhece, você apenas sabe meu nome, oh*
**Renegade | Aaryan Shah**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Eu sabia que nada tiraria a ideia da cabeça de Aurora.

E também sabia que eu não a deixaria ir sozinha.

Por isso, estou neste instante na garagem subterrânea da casa dos seus pais, andando pelas dezenas de automóveis, até chegar em duas motos idênticas.

Assim que Aurora me joga o capacete preto e pega um para si, sei que estamos realmente fazendo isso. Sinto tudo dentro de mim se agitar quando aperto o acelerador da *Kawasaki Ninja,* inclino meu corpo para frente e a observo erguer seu quadril e imitar a minha posição.

As portas da garagem se abrem e nós aceleramos.

Corremos pelas ruas tranquilas até que estamos desviando dos inúmeros automóveis que buzinam. Aurora curva sua moto para um lado, percebo que ela está levando-a ao limite e acompanho seu movimento sentindo a adrenalina rondar meu corpo.

Eu sei que não deveríamos fazer isso.

Sei que tudo pode sair do controle.

Mas nesse instante enquanto o rugido do motor e o barulho do vento ao meu redor, são as únicas coisas que presto atenção, nada mais importa.

Nós nos tornamos apenas duas pessoas que precisam aplacar os monstros que habitam nosso peito.

Nós somos, mais uma vez, dois desconhecidos que correram meses atrás.

Somos aquela sensação correndo pelas nossas veias.

Eu a acompanho como sempre a acompanhei. Corro ao seu lado como sempre deveria ter sido.

Desta vez, ela sabe que o desconhecido que a fez se sentir viva, sou eu.

Porque eu sempre farei isso para ela. Quando o mundo de Aurora estiver ruindo, eu irei consertá-lo. Quando ela achar que não há mais como sobreviver, arrumarei motivos para ela lutar.

Eu vou brigar.

Vou destruir todos.

Eu vou colocar a porra do mundo de joelhos pela mulher que eu amo.

Mesmo que ela acredite que não seja isso que sentimos. Mesmo que ela ache que não somos compatíveis. Eu sempre lutarei por ela. Sempre farei o que for necessário, mesmo que seja preciso que eu me torne, mais uma vez, o anti-herói da minha própria história.

Inclinando meu corpo para estabilizar o peso da moto, mergulho em outra curva, sentindo o vento chicotear meu rosto. Os arranha-céus nos observam ao passo que lutamos contra tudo o que há em nosso peito.

Eu acelero, mas já não é o suficiente.

*Ele está vivo.*

Desvio de alguns carros.

*Eu tenho uma filha.*

Passo pela ponte do *Brooklyn* e vejo Aurora à minha frente.

*Eu nunca a esqueci.*

Viro uma esquina sentindo a tensão da moto inclinada, quase tocando o chão.

*Eu a enganei e agora a perdi.*

O ronco dos motores à minha volta é uma sinfonia vibrante e percebo que pilotamos até o prédio do *Empire State Building* e nem mesmo me surpreendo quando Aurora estaciona em frente ao edifício e tira o capacete, ao mesmo tempo que eu.

— Eu preciso... — ela começa

— Eu sei — a interrompo-a.

— Mas não sei como entrar.

— Você pode entrar nesse lugar quando quiser, Aurora.

Uma careta confusa toma conta do seu rosto.

— Impossível.

— Linda, você tem acesso liberado ao último andar desde a primeira vez — Sorrio para ela. — Eu garanti que ninguém a impedisse.

— Como?

— Colocando todos os funcionários noturnos em minha folha de pagamento.

Seus lábios se entreabrem, perplexos.

— Puta merda, Blake.

Dou de ombros.

— Eu te disse inúmeras vezes que, quando se trata de você, Aurora, eu sou maluco. — Saio da moto, levando o capacete comigo e me aproximo dela. — Não há nada no mundo que eu não faria por você.

Ela suspira, se vira e puxa minha mão até a entrada no prédio. Um dos seguranças acena de leve para mim e seguimos até o elevador. Nenhum de nós falamos. Não ousamos cortar esse momento e apenas quando as portas voltam a se abrir que tenho a certeza de que Aurora voltou a respirar de forma correta.

Nós caminhamos até o parapeito e observamos o pôr do sol tomar conta de Nova Iorque. É magnífica a imagem de Aurora escorada na borda do parapeito, com a cidade atrás.

Ela é perfeita.

— Você se lembra de quando eu disse que gostava de aventuras? — ela pergunta, de repente.

Sua bota bate contra o piso ao passo que se vira e meu rosto encontra com o seu. E eu odeio o que encontro.

Fria. Manipuladora. Quebrada.

— Você não vai fazer isso.

— Fazer exatamente o que, Blake?

Engulo toda a dor e dou um passo à frente.

— Terminar a conversa que estávamos tendo na cobertura sobre acabarmos com o que temos.

Dou um passo em sua direção. Nossos corpos quase colados e Nova Iorque atrás de nós, observando dois corações se quebrando. Rompendo o

pouco que sobraram.

— Não me faça implorar, Blake.

Ela coloca um sorriso em seu rosto. Nós dois sabemos que é falso.

— Não me importaria de implorar por você, Aurora. — Estalo a língua no céu da boca. — Porque você pode negar o quanto for, nós nos pertencemos. Nós somos um do outro. — Mais um passo. — Você é *minha*. Minha Aurora. Minha mulher. *Minha*.

— Você deveria me odiar! — sua voz sobe um decibel, reverberando no espaço vazio.

— Não. Eu não odeio. E, acredite, eu tentei. Eu tentei em todas as vezes que eu te via. Em todos os momentos que você sorria para todos no campus e me provocava. — Umedeço meus lábios. — Mas é impossível. Porque cada pedaço do meu coração sempre pertenceu a você. Então, seja sincera consigo mesma. Porque mesmo que você tente, eu não vou me afastar.

Os olhos de Aurora travam nos meus.

Dor está inebriando suas pupilas.

Nós erramos no passado quando achamos que conseguiríamos acabar com o que tínhamos, sem que saíssemos machucados. Nós fomos responsáveis pela dor lasciva que sentimos desde aquele rompimento. Aquela dor que me fez acreditar que doeria para sempre.

— Você quer sinceridade? Tudo bem, eu vou te dar! — Ela aponta o dedo em meu peito. — Desde que cheguei em Nova Iorque é tudo sobre você. Eu me senti no topo do mundo quando você me disse aquilo no aeroporto, mesmo com todos ouvindo. Eu amei como você me causava a sensação de não ser apenas uma herdeira. Então fui até você, eu te beijei mesmo sabendo que era errado. Eu transei com você, porque eu precisava te ter mesmo que momentaneamente. — As palavras saem tão rápido que ela não percebe que está batendo em meu peito. — Eu fiz tudo isso. E então a minha vida se tornou você. Eu te procurei pelos cantos do internato e ainda continuo procurando. Eu roubei seus olhares na empresa dos nossos pais. E agora não consigo respirar porque eu penso na situação que te coloquei pelo meu egoísmo e mesmo que eu saiba disso, não consigo parar de te amar.

Seguro seu rosto, obrigando-a a me encarar.

— Você me controla desde o aeroporto. Você está constantemente no meu pensamento. Você fez com que o mundo perdesse as cores desde que me beijou naquela biblioteca — digo o que sempre guardei para mim.

— Você acha que eu quero ser melhor? Acha que me importo se Dellacor vai querer me destruir porque tive a sua noiva e ri na sua cara? Você acha que eu quero ser honrado?

— Blake…

— Eu não quero, Aurora. — Percebo seus olhos ficarem etéreos. — Não quero porque eu faria isso tudo de novo. Eu jogaria Dellacor novamente da colina e pararia na cadeia por isso. Eu te amaria novamente e depois sorriria para ele. Eu te beijaria e me vangloriaria por isso. Eu faria tudo isso porque já passei da fase da redenção. E eu não me importo. Porque eu amo você, Aurora Conway. Eu sempre estive apaixonado por você. Você é a porra do amor da minha vida. E eu não consigo mais fingir que isso não me persegue. Porque todos os meus sentimentos são controlados pela forma como você me encara. — Sua mão vai até minha nuca. — Eu não consigo respirar sem você. Não consigo cogitar a ideia de não sermos um do outro.

Ela me encara, mas não diz nada.

Seus olhos apenas se mantêm nos meus.

— Você me ama?

— Com todos os átomos do meu corpo.

— Você é um idiota — sussurra.

— Eu sei.

— Eu não consigo te afastar.

— Porque você me ama.

Ela fica quieta. Seus olhos nos meus. Sua boca tão perto.

— Porque eu te amo, Blake McLaughlin. — murmura. — Eu te amo mais do que posso expressar em palavras. Eu *sempre* te amei.

Antes que ela possa dizer outra coisa, eu selo nossos lábios.

Sem contratos.

Sem acordo.

Sem o mundo para nos observar.

Somos apenas nós dois.

Eu a beijo como se o mundo estivesse sendo destruído ao nosso redor e não me importasse, porque apenas nós somos importantes. Sua língua dança contra a minha fazendo-me segurá-la e dar passos para trás até o primeiro pilar que encontro e o beijo se torna algo a mais. Se torna uma mistura de todas as palavras que jogamos um para o outro.

Uma das minhas mãos desce até a sua cintura, puxando-a para mais perto e os braços de Aurora passam ao redor do pescoço do meu pescoço, enquanto prenso seu corpo.

O pôr do sol, de repente, dá lugar a noite. E somos apenas nós e a escuridão do lugar. Ninguém para testemunhar o que estamos prestes a fazer. Sabendo disso, a levanto fazendo com que suas costas fiquem presas na parede e suas pernas entrelacem minha cintura, enquanto seu beijo se torna urgente e Aurora se esfrega em minha protuberância.

— Há uma câmera ali que farei questão de roubar as imagens depois. — Meu nariz serpenteia pela pele do seu maxilar, logo após, a do pescoço. — Então me diga agora se você quer que eu te foda contra essa parede, linda, ou se quer que eu te solte.

Sua cabeça pende para trás, liberando o acesso para que eu possa arrastar a minha língua pela pouca pele exposta do seu pescoço. Sinto suas pernas apertarem meu quadril a cada mordida que deixo em sua pele e sorrio ao som que sai de seus lábios, quando minha mão solta os botões de sua calça e meus dedos descem até sua boceta, circulando seu clitóris.

A ausência de respostas deixa claro que não se importa.

— Sempre tão molhada para mim — ronrono em seu ouvido, deixando um beijo no lóbulo de sua orelha. — Você pode ser uma boa garota e não gritar alto para que os seguranças não subam até aqui, linda? — Mais uma mordida. — Eu odiaria ter que socá-los por terem visto você assim.

Aurora não responde, apenas me puxa e sela nossos lábios novamente. Aproveito o movimento para soltá-la rapidamente, pousando-a no chão e me abaixo para tirar sua bota e arrastar sua calça até seus tornozelos para, enfim, tirá-las. Me levanto devagar, distribuindo beijos em suas pernas nuas e quando estou novamente na altura de seu rosto, pego-a e a elevo mais um pouco, fazendo com que sua entrada fique rente ao zíper da minha calça.

Minha mão se move em direção a sua boceta e arrasto a calcinha, colocando-a de lado e então, meus dedos estão em meu clitóris, deixando uma pressão que a obriga entreabrir seus lábios em um gemido enquanto sua cabeça tomba para trás.

— Blake — sopra, mordendo o lábio de uma maneira que me deixa louco. — Eu preciso de você.

Sorrio contra seu pescoço.

— Eu sei, linda — sussurro. — Você sempre vai precisar de mim.

— Idiota arrogante.

— Seu — Mordo de leve seu queixo. — *Seu* idiota arrogante.

De repente, sem nenhum aviso, escorrego um mísero dedo para dentro dela, iniciando um movimento de vai e vem. O que faz com que ela agarre meus cabelos com tamanha força, tirando-me um gemido. Com a ajuda do meu polegar, espalho sua umidade ao mesmo tempo que acrescento mais um dedo e continuo o movimento, estimulando sua boceta.

— Blake! — arfa, desesperada. — *Por favor*.

É um desespero deliciosamente agonizante.

É a súplica favorita em todo universo.

Rora arqueia contra mim enquanto a fodo forte com os dedos.

Acelero os movimentos, ela se prepara para gritar, porém minha boca cobre a sua antes que tenha êxito e absorvo o gemido. Afasto-me dela com um sorriso perverso aumentando a sensação de perigo, de que alguém pode entrar pelo elevador e nos pegar nesta situação.

As mãos de Aurora alcançam os botões da minha calça, abre o zíper e abaixa a boxer, com a mão livre, puxo minha carteira do bolso e lhe entrego o pequeno embrulho metálico. Solto uma risada quando ela não perde tempo, retira o preservativo e segura meu pau, apertando-o de leve e bombeando lentamente, fazendo-me tensionar a mandíbula antes de observá-la arrastar o látex.

Retiro meus dedos de dentro dela, puxando um pouco mais a calcinha para o lado e elevo-a mais, fazendo com que meu pau esteja em sua entrada molhada.

Em um impulso, preencho-a, fazendo com que um gemido alto escape dos nossos lábios.

— Porra, linda — grunho em seu pescoço.

— *Meu Deus!*

Sua boceta engole meu pau e é a visão mais satisfatória do universo. Empurro em seu interior com destreza, ganhando velocidade e sentindo suas pernas fraquejarem em minha cintura, Aurora passa suas mãos para dentro da minha jaqueta, arranhando-me antes de voltar a apertar meus ombros, fincando suas unhas ali.

Seu olhar se cruza com o meu e não desviamos, nunca quebramos a conexão.

Ela é minha.

Eu sou dela.

E a cada vez que empurro em sua entrada, provo isso.

A cada vez que ela geme, reivindico-a para mim.

— Deus, Blake... — Sua frase se perde em mais um gemido.

Passo a língua pelos meus dentes, antes de sorrir maliciosamente ao perceber a dificuldade de Aurora para se controlar, todavia, quando um barulho alto emerge no elevador, minha mão tapa sua boca e entro nela com força.

— *Shh*... amor. Ninguém pode saber que estou fodendo a princesa da mídia de uma forma tão suja — Deixo um beijo em seu queixo. — Porque essa boceta é minha, *hottie*. Cada centímetro dela. — Outro beijo, desta vez, em seus lábios. — Agora olhe para mim, linda, e veja o que você faz comigo.

Uma das minhas mãos descem até seu clitóris, massageando-o com destreza e observo Aurora se esfregar em mim, aumentando a sensação de meu pau contra sua boceta e não consigo controlar. Invisto nela mais forte, trazendo meu corpo para frente e para trás, observando-a pender a cabeça na parede enquanto solta uma série de maldições. Minhas mãos seguram suas coxas com força, marcando-as, começando a entrar e sair em um ritmo descontrolado.

Por ela eu perco o controle.

Por ela eu faço do mundo picadinhos.

Por Aurora Conway, eu me torno qualquer coisa.

— Eu vou... — ela praticamente grita.

— Eu sei, linda.

A beijo no mesmo instante que suas unhas se arrastam pela minha nuca, prendendo-me no beijo e o orgasmo vem para nós dois em uma explosão, deixando minhas pernas formigando. Preciso apoiar a mão na parede enquanto me desfaço no preservativo.

— Blake… — ela suspira em meu ombro.

— Espero que você tenha esquecido a ideia de terminar o que temos — Me afasto um pouco para encarar seu rosto. — Porque nós dois não temos fim, linda. E isso é a porra de uma promessa.




*Nada pode ficar entre*
*Você e eu*
*Nem mesmo os deuses lá em cima*
*Podem separar nós dois*
*Não, nada pode ficar entre*
**You & I | One Direction**

# BLAKE MCLAUGHLIN

Ergo meu rosto assim que estaciono minha moto na frente do edifício da *McLaughlin&Conway*, dois dias após contar finalmente a Aurora todos os meus sentimentos por ela.

Sebastian fez deste lugar a sua vida.

E nosso pesadelo.

Ele destruiu tudo o que eu amava apenas pela sua ambição e junto disso, fez minha irmã sofrer com o seu descaso. Agora, enquanto escuto o seu carro estacionando ao lado da minha moto, sei que estamos prestes a fazer aquilo que sonhamos desde que eles começaram a nos destruir.

Sebastian me obrigou a ser um herdeiro perfeito.

Annabeth queria uma herdeira que ligaria apenas para o dinheiro.

Eles receberam coisas diferentes.

Rowena é brilhante.

Ela é esperta. Gentil e inteligente. A minha irmã é uma das melhores alunas do seu curso e isso nunca foi reconhecido pela nossa família. Mas eu o farei.

— Blake?

— Oi, Wena — digo, sorrindo.

— Por que você me chamou aqui? — Ela ergue uma sobrancelha.

Viro-me totalmente para ela.

Os olhos escuros encontram os meus e vejo o brilho neles.

Brilho que apenas ela pode ter. O brilho que me fez companhia nas dezenas de vezes que éramos nós dois, sozinhos, naquela mansão enorme.

— Porque estou te entregando uma parte do seu sonho, Wena.

— Como assim?

Dou um passo em sua direção.

— Seu sonho sempre foi ter uma cadeira na *McLaughlin&Conway* — afirmo. — Você vai ter, Wena. Você vai ter o mundo todo e eu vou te ajudar a conquistá-lo.

— O que você vai fazer, Blake? — indaga. — E por favor, Blake, não me deixe no escuro.

— Eu vou pegar o que é nosso, Wena — Meus olhos encontram os da minha irmã. — Eu vou tirar a presidência dele e Baron irá assumir até nos formamos. Depois disso nós dois seremos os donos da *McLaughlin&Conway*, Wena.

— Você prometeu nunca soltar a minha mão — Ela sorri. — E você cumpriu. Você nunca me soltou, Blake.

— Eu sou a sua metade, Wena. — Beijo sua testa e ela me puxa para um abraço. — Eu sempre vou segurar a sua mão.

— Até o fim?

— Até o fim.

Ela se afasta sorrindo.

É contagiante.

É o meu raio de sol.

— Vamos chutar a bunda daqueles idiotas, Blake — murmura, ansiosa.

Solto uma risada nasalada, passando as mãos pelos seus ombros.

Caminhamos até o elevador e ficamos em silêncio até que estamos no *hall* da empresa. Algumas pessoas nos lançam olhares questionadores e outros, sorrisos falsos. No momento em que alçamos o corredor que dá acesso à sala da presidência, Rowena segura a minha mão, apertando-a.

— Vai dar tudo certo, Wena.

Eu tenho tudo o que preciso.

Sebastian não pode mais virar o jogo.

É impossível.

Sabendo disso, abro a porta de sua sala, sendo recepcionado por ele encostado em sua cadeira. Meu cenho se franze quando a tia de Aurora gira a cadeira e me encara de cima a baixo. Não esperava vê-la, tampouco em uma reunião com Sebastian.

Contudo, não é novidade que ela me odeia.

Nunca entendi o motivo.

Nunca quis entender.

A expressão de Dinara me indica que odeia estar aqui e sei que o motivo é por ela saber exatamente o que meu pai fez para o seu irmão, e a forma como ela encara Sebastian me mostra que sua presença aqui não é de seu agrado.

— Blake — ela cumprimenta. — Rowena.

Minha irmã dá apenas um aceno conciso.

— O que está fazendo aqui? — questiono.

— Seu pai ficou responsável pela última versão de um contrato da Aurora — ela conta, se levantando. — Eu vim pegar, mas encontrei algumas incoerências com a primeira versão.

Meus olhos voam para Sebastian. Ele está sorrindo.

Contrato.

Aurora.

— Qual é a marca? — pergunto para Dinara, mas continuo encarando Sebastian.

— Desculpe?

— A marca que contratou Aurora, Dinara — repito, sentindo todo o meu sangue gelar. — Qual é a porra do nome?

Ela me encara sem entender.

O medo que eu sinto é maior que tudo.

Ele não pode ser capaz de fazer isso. Não seria tão inescrupuloso.

Contudo, o seu sorriso me indica tudo o que preciso saber.

— *DellJewels* — conta, franzindo o cenho.

— Não é uma marca americana — afirmo.

— Não, é inglesa.

Rowena pega seu celular, pesquisando e dando um passo à frente, seus olhos se encontram com os meus.

— Mas, a maior empresa de fabricação de joias e mineração de diamantes na Inglaterra é a Casa Beaufort. Ninguém se iguala a eles. — ela diz, medo irradiando em suas palavras. — Então, por que Aurora aceitaria

fazer uma publicidade para a concorrente da empresa da sua família?

Encaro-a de relance.

— Porque Aurora não sabe que é uma concorrente — minha voz é gélida.

Os olhos de Dinara vão do meu rosto até o de Sebastian.

— Não fechamos um contrato com uma empresa do mesmo setor que a da família da minha sobrinha. — Ela contrapõe e encara meu pai. — A proposta que recebi e redigi todo o contrato com Annabeth foi de que Aurora seria o rosto de uma nova coleção de roupas, que iria estrear na Semana da Moda de Paris. Esse é o acordo. Foi esse que ela assinou.

A voz de Dinara é tão fria quanto a minha.

Eu sei que ela odeia a todos, mas jamais prejudicaria Aurora.

Não quando eu vi de perto todos os esforços que ela fez para proteger a sobrinha após a suposta morte de Baron.

Percebo o sorriso no rosto de Sebastian e quando o olhar de Dinara se volta para ele, percebo que ali está a empresária, conhecida por toda Nova Iorque, como *iceberg* por destruir quem faz mal aos seus clientes.

Porém, Aurora não é apenas uma cliente.

Ela é sua família.

— Mas não era, Dinara — afirmo, minha visão sendo tomada por vermelho. — Ele conseguiu enganar você e consequentemente, Aurora.

Percebo preocupação tomar conta do rosto dela e de Wena.

Minha irmã suspira fundo e encara nosso genitor.

— Quem é o representante da empresa? — Rowena questiona.

Minhas mãos estão fechadas em punhos.

— Jeremiah Dellacor. — Os olhos dele vão para mim. — Xeque-mate, *filho*.

Então eu perco o controle.

Não penso quando vou até ele, meu punho vai de encontro com sua mandíbula.

Eu o soco pelas dezenas de vezes que ele foi a razão da nossa ruína.

Pelas vezes que ele fez com que nos sentíssemos insuficientes.

— Você *ousou* colocar a *minha mulher* em perigo? — grito, socando-o. — Você fez isso, Sebastian?

Ele não consegue responder porque bato em seu rosto sem nenhum ressentimento, sem me importar com a minha falta de descontrole. Eu apenas vejo o homem que colocou todos que eu amo em perigo. Que deu

seus próprios filhos aos lobos. Quando percebo, estamos os dois rodando pelo escritório como animais. Ele me desfere alguns socos, mas não tão rápido como os meus e o machuco de forma com que saiba que não me importaria de lhe causar danos.

Hematomas tomam conta do seu rosto, sangue desce pelo seu nariz e mesmo assim não consigo parar. A imagem de todos os acontecimentos nesses três anos toma conta da minha mente. E é nisso que foco. É nisso que me agarro.

*Ele me deixou naquela prisão, mesmo que minha inocência tivesse sido declarada.*

Mais um soco.

*Ele chantageou Aurora e a fez ir embora.*

Outro soco.

*Ele me tirou a minha filha.*

Mais um.

*E machucou minha irmã.*

Afasto-me dele apenas para observar seu rosto todo danificado.

Não me orgulho, porém, não me arrependo.

É o mínimo que ele merece após ter destruído todos nós.

— Esse é meu último aviso Sebastian — rosno, me levantando e chutando-o. — Você tem menos de vinte e quatro horas para sair da minha empresa.

Limpo os resquícios de sangue, me colocando de pé.

— E você realmente acha que irei desistir de tudo? — ele debocha, se levantando e arrumando o terno.

Dou um passo em sua direção.

— O que eu acho, é que eu tenho todas as suas ações ilícitas em uma pasta, com todos os crimes que você cometeu, até mesmo aqueles que estava começando a articular. Tenho Baron, juntando tudo aquilo que você manteve escondido, e estarei ao lado dele quando ele vingar o que você fez com os Conway. — Sorrio friamente. — E antes que ache que isso é apenas uma brincadeira, quero que saiba que não montei um plano de uma hora para outra, Sebastian. Eu estudei. Averiguei todos os lados, eu calculei todos meus passos por três anos. Então não ache que você vai conseguir me destruir, porque eu te derrubei primeiro.

— Seu filho...

— Não desça tanto ao nível, não é mais necessário — Estalo a

língua no céu da boca. — Enquanto você tentava me controlar, eu juntava todos os dados, subornava aqueles que trabalhavam para você e recebia ajuda daqueles que você confiava. Eu nunca precisei sujar minhas mãos como você fez. Porque, no fim, Sebastian, *eu* sempre serei melhor do que você. Mesmo que você tente me manipular, jamais conseguiria tirar tudo o que eu amo. — Inclino minha cabeça ao perceber a sua mandíbula tensionar. — E no final desse dia, Rowena e eu estaremos sentados nessa cadeira. Nós estamos pegando o que é nosso por direito e você estará na mesma prisão na qual me deixou por tanto tempo. Você vai sofrer o que eu sofri e vai entender o porque te odeio mais do que posso explicar.

— Você vai se arrepender — rosna, tentando limpar o sangue que se acumula em seu nariz.

— A única coisa de que me arrependo foi de não ter feito isso antes — afirmo, lhe dando as costas para sempre.

Assim que nós três estamos fora, escuto o barulho de objetos se chocando contra a  parede ao mesmo tempo que meu celular começa a ser lotado de notificações sobre as notícias sobre Sebastian e Annabeth. Todos os veículos de comunicação disparam as manchetes sobre subornos e todos os outros crimes que eles cometeram. Um grito enraivecido e mais uma série de sons de algo sendo lançados no escritório. O som é como música para os meus ouvidos. Porém, nossa paz é deixada de lado assim que o olhar assustado de Annabeth, saindo de sua sala, nos encontra.

Ela vem a passos rápidos até nós dois e para a nossa frente, substituindo o olhar de segundos atrás por um afiado.

— O que vocês fizeram?

Sorrio amplamente.

— Você vai descobrir, *mamãe* — murmuro passando por ela.

— Rowena, o que seu irmão fez? — Tenta mais uma vez.

Ela me encara.

Um pequeno sorriso nasce em seus lábios.

— Ele me entregou uma parte do meu sonho — afirma.

Há amor em suas palavras.

Há o mesmo brilho de quando fugíamos para a sua fonte preferida.

Blake e Wena.

Duas metades.

Dois irmãos que conseguiram uma parte dos sonhos.

— E eu aproveitaria as suas horas de liberdade.

Annabeth arregala os olhos.

— O quê?

— Você me ouviu — afirmo.

Ela abre os lábios para dizer algo.

Porém, Dinara segura em meu braço e me faz olhá-la.

Encontro medo em suas pupilas e um pequeno tremor em suas mãos.

— Blake?

— Sim?

— Aurora tem uma reunião com o dono da empresa em alguns minutos.

Todo o meu corpo paralisa.

Encontro com o dono da empresa.

Encontro com Jeremiah.

E ela nem mesmo imagina que está indo direto para o seu pesadelo.




*Você pode até estar certo, mas eu não ligo*
*Há um milhão de motivos para que eu desista de você*
*Mas o coração quer o que ele quer*
*O coração quer o que ele quer*
**The Heart Wants What It Wants | Selena Gomez**

# AURORA CONWAY

— Eu gosto de princesas, mas prefiro a princesa Aurora. — A voz suave de Eleanor me faz desviar o olhar da paisagem.

— Ah é, por quê?

— Porque ela tem o mesmo nome que você, *mamãe*.

Mordo um novo sorriso.

É a coisa que mais faço ultimamente.

Eu me escondi do mundo desde o dia que a notícia sobre Eleanor caiu na mídia, fazendo com que todos os veículos de comunicação citassem nossos nomes. Não houve paz, foi a porra de um inferno. A imprensa toda está acampada na frente do meu prédio e até mesmo a NYU teve que barrar os que tentavam ficar à espreita, do lado de fora da fraternidade, atrás de uma declaração de Blake.

Contudo, agora que estamos em uma das *SUV'S*, acompanhadas por uma babá e um segurança, algo em meu peito queima. Não sei definir o que é, apenas que o instinto protetor de mantê-la por perto, me faz segurar sua mão pequena, enquanto o carro estaciona na garagem do prédio onde será sediada a reunião com a nova marca.

Eu deveria ter deixado-a na mansão, porém meu pai tinha pendências a resolver e todos os meus amigos e Blake estariam ocupados, o

que me fez não me sentir segura em deixá-la naquela enorme propriedade apenas com a babá e o segurança.

— Eleanor?

— Sim?

— Jessy vai ficar com você enquanto a mamãe trabalha um pouquinho, ok? — sussurro, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha.

O motorista abre a minha porta e a mãozinha dela se fecha na minha.

— Eu não *quero* ficar aqui, mamãe.

Inclino minha cabeça.

— Vai ser rápido, meu amor.

Ela balança a cabeça e seus olhos se enchem de lágrimas.

É estranho, porque Eleanor não é uma criança tão sensível.

Sabendo disso e mesmo que toda minha equipe não vá aprovar, destravo o seu cinto de segurança, pego-a no colo e puxo seu coelho para entregá-lo a ela. O segurança fica de um lado enquanto a babá do outro. Nunca imaginei que um dia a levaria em uma reunião de trabalho, porém, se a minha filha precisa de mim, não me importo com mais nada.

Eleanor se deita em meu ombro e o único barulho na garagem é dos meus saltos batendo. Não há sinal de outras pessoas, são apenas diversos automóveis espalhados pelo local. Assim que o elevador começa a subir e estamos no andar da empresa, ergo uma sobrancelha para o logotipo de diamante e o nome *DellJewels* na parede à minha frente.

O nome da empresa não é o mesmo nome que estava em meu contrato no dia em que Dinara me entregou os papéis. Viro-me para o secretário de Dinara, que me espera do lado de fora, com uma expressão confusa e ele me devolve a reação.

— Tem certeza de que estamos no andar certo?

— Sim, Srta. Conway — afirma, movendo o *tablet*. — Mas irei checar para ver se não há nenhum erro.

— Dinara não cometeria um erro desses.

— Também acredito que não — ele afirma.

Desconfiança toma conta do meu corpo. Tinha certeza que havia assinado com uma marca de roupas, mas a logo na parede faz um arrepio correr por minha pele. O diamante me indica que isso não é uma boa coisa. Com isso em mente, viro-me pronta para voltar ao elevador e sair deste

lugar com Eleanor, porém passos soam e viro meu rosto de relance, observando uma mulher loira sorrir amigavelmente para mim e olhar para minha filha com uma expressão surpresa.

Desviando meu olhar dela, indico para o segurança se aproximar.

— Aurora Conway?

Sua voz é modesta.

— Sou eu — afirmo. — Você é?

— Mirian Reed — cumprimenta, levantando as mãos. — Não esperávamos que trouxesse a sua filha para uma reunião. É uma surpresa agradável.

Seu olhar cai para Eleanor, que ainda se mantém deitada em meu ombro.

— É uma visão que terão que se acostumar. — Dou um passo para frente. — Minha filha gosta da companhia da mãe.

Seu sorriso é forçado e não me importo.

Eu jamais deixaria Eleanor triste por conta de pessoas que eu nem mesmo conheço. Se isso os incomoda, pagar uma multa por quebra de contrato será mais fácil que suportar a presença de todos aqui e, sem dúvidas, eu farei com prazer.

— Você provavelmente está estranhando o novo nome da empresa — Ela sorri. — Mas, não há com o que se preocupar, o nosso CEO está esperando-a na sala de reuniões e irá te explicar tudo o que precisa saber.

Ela se vira e começa a caminhar até a sala de reuniões, Eleanor se agarra ao meu pescoço e passo minhas mãos em suas costas, acalmando-a. Percebo que ela cochila em meu colo e faço o possível para que fique confortável.

Calafrios, de repente, tomam conta do meu corpo.

A sensação de não estar segura me acompanha, mesmo com o segurança do lado.

Meu celular vibra em minha bolsa, mas não é possível pegá-lo no momento, já que Eleanor se agarra a mim.

Algo está errado. Eu posso sentir.

Assim que a visão de portas duplas e fechadas tomam conta da minha visão, algo me diz que realmente nada está certo, porém, não posso me virar e correr. Não posso simplesmente ceder a minha paranoia. Sabendo disso, ergo meu queixo e ajeito Eleanor em meu colo, indo até a sala. Percebo a babá ficar na recepção e o segurança vir atrás de mim.

Mirian caminha a minha frente e assim que abre a porta da sala de reuniões, me dá um leve sorriso e me deixa entrar primeiro. No entanto, assim que adentro a sala, tenho a certeza de que deveria ter saído correndo, porque todo o meu mundo desaba.

Tudo em mim é desespero.

Seu sorriso provocativo me indica que *ele* esperava por isso.

Ele organizou tudo isso. Organizou de uma forma que caí sem nem mesmo perceber. A expressão que sempre acompanhou minhas piores memórias, está agora na minha frente.

Cabelos loiros, olhos escuros afiados e diversas cicatrizes pelo pescoço e rosto.

Um monstro.

Um pesadelo.

Meu ex-noivo que deveria estar morto.

*Jeremiah Dellacor.*

— Oi, Rora.

Sua voz rouca me causa ânsia.

Sua presença me desespera.

Seguro Eleanor com mais força, o segurança percebe e se aproxima.

Mesmo assim, Jeremiah nem mesmo se dá ao trabalho de reagir. Ele apenas sorri.

— Não se preocupe, não pretendo machucá-las — ele afirma, olhando para mim e minha filha. — *Ainda*.

— Não ouse ameaçar a minha filha — rosno.

Seu sorriso aumenta.

— Tão corajosa quando se trata das pessoas que ama — zomba, girando um controle em suas mãos. — Diga-me, Aurora, você sentiu a minha falta?

— Você deveria estar morto — Minha voz salta dos meus lábios com raiva.

— Sinto muito em decepcioná-la. — Ele se escora na mesa de reunião e observa o rosto sereno de Eleanor, em sono inocente. — Eu fiz as contas, sabia? Desde a última visita que fiz a Nova Iorque até os dias de hoje. — Um sorriso nasce em seus lábios. — E descobri que a sua filha tem a mesma idade que os nossos *assuntos pendentes*. Não é engraçado?

— Não, não é — afirmo. — Não use a *minha* filha para me intimidar, Jeremiah. Você não sabe do que eu seria capaz de fazer para

protegê-la.

— A filha que deveria ser *minha*, se você não tivesse agido como uma vagabunda, diga-se de passagem — o tom jocoso me irrita.

— Não se perca na sua fantasia medíocre.

— Uma fantasia que a mídia iria comprar — Ele arruma a gravata. — Imagine a manchete: *princesa da mídia tem filha escondida com ex-noivo.* Imagine o rosto de Blake quando ele ler isso e perceber que perdeu tudo o que amava, como eu perdi um dia.

— A única coisa que você amava e ainda ama é você mesmo, Dellacor — jogo em sua direção. — E não ouse achar que irei cair em uma chantagem e mentir sobre a paternidade da minha filha, apenas porque você não entendeu seu lugar.

Ele sorri friamente.

— Eu não seria tão ingênuo de aproveitar minha chance com um boato tão idiota. — Jeremiah cruza os braços. — Sem contar que ninguém acreditaria, já que ela é a cópia daquele garoto mimado.

Ignoro todas suas palavras.

Eu só preciso sair daqui.

Só preciso ir para um local onde Eleanor estará segura.

— O que você quer, Jeremiah?

— Não é óbvio? — Seu tom desce uma oitava. — Eu quero uma reunião com a princesa da mídia.

Engulo em seco.

Meu coração se acelera.

— Seja direto.

— Você imagina o quão desesperador foi levar um tiro, cair de uma colina, afundar em um lago e ter que lutar para sobreviver? — Seus olhos frios não desviam dos meus. — Sabe o que é olhar no espelho e ver todas as marcas que você e McLaughlin me causaram?

— Você tentou nos matar, não aja como se fosse uma vítima.

Ele sorri. É tão frio e calculado que tudo em mim se prepara para correr com Eleanor, que sente meu corpo enrijecido e me aperta mais em seus pequenos braços.

— Ele te roubou.

— Eu não tinha nenhuma intenção de impedi-lo. — Um músculo da sua mandíbula tensiona. — Porque mesmo que ele não tivesse feito aquilo, eu ainda não me casaria com você. Eu faria o inferno na Terra para me

livrar de você e não me importo se acha que tem algum direito a vingança, quando tudo o que você fez foi atormentar a minha vida, desde o início.

Ele desencosta da mesa, pronto para dar um passo à frente. Contudo, reteia assim que o segurança se coloca ao meu lado.

— Você ainda não entendeu, Aurora, eu não preciso te ameaçar. Não preciso te sequestrar — Ele me dá um sorriso cruel. — Porque eu tenho você ligada à minha empresa. Eu posso infernizar a sua vida sem nem mesmo mover um dedo. Porque eu estarei constantemente na sua cabeça. Eu sou uma ameaça para você apenas por existir e o seu medo será o meu deleite.

— É aí que você se engana, você não vai me infernizar porque para tirar a minha paz, você teria que ao menos ser significante para ela — Sorrio friamente. — Algo que você nunca foi. Então me ameace, me chantageie, mas no fim saiba que eu sempre vou vencer. Eu terei tudo e você não terá nada.

Seu olhar finca no meu.

É cruel. Frio. Desprovido de emoções.

Eu nunca me permiti prestar atenção neles, mas agora que o faço, posso perceber a maldade irradiada em suas pupilas. O sadismo entre as nuances da sua expressão. Ele é um monstro, provou ser um quando mandou aquele segurança no segundo andar para me pegar e consequentemente tentar abusar de mim. E logo após, quando estava prestes a matar Blake a sangue frio.

Jeremiah nunca se importou com nada a não ser a minha herança.

Ele abre os lábios para me responder, mas a porta é escancarada e Blake entra. Seus olhos vão até onde Dellacor está e percebo todo o ódio em seu rosto. Ele o encara como se pudesse destruí-lo apenas por ousar chegar perto de mim e Eleanor.

— Ele sempre vem ao seu resgate — Jeremiah zomba.

O rosto de Blake se vira em minha direção, estudando-me e então se abaixa a procura de algum ferimento ou hematoma. Tento acalmá-lo com o olhar, mesmo que eu saiba que é impossível.

Porque o homem à nossa frente é a causa da nossa ruína.

Ele nos destruiu.

— Eu vou te dar apenas a porra de um aviso, Dellacor — a voz de Blake é dura. — Fique longe da minha mulher e da minha filha.

— E se eu não ficar?

Blake dá um passo, se colocando na minha frente.

— Então eu não me importaria de jogá-lo de uma colina novamente. — Não há nenhuma hesitação em suas palavras. — E desta vez eu vou garantir que você esteja morto.

Percebo a mão de Blake pousar em minha lombar. É um movimento sutil, mas não passa despercebido por Jeremiah. O olhar dele cai exatamente onde McLaughlin se escora.

— Qual é a sensação, McLaughlin?

— Do que exatamente você está falando?

— De ter conseguido aquilo que nunca te pertenceu.

— Eu não tenho resposta para a sua pergunta, Dellacor — Um sorriso de escárnio se forma em seus lábios. — Já que Aurora sempre foi minha. Você era apenas um empecilho no nosso caminho. Afinal, todos nós sabemos que ela nunca teria sido sua.

— Fale logo o que você quer, Jeremiah — minha voz, irritada, corta a discussão.

— Um acordo.

— *Não.* — Blake e eu respondemos em uníssono.

O idiota sorri do outro lado da sala e fúria toma conta de mim, percebendo isso, Blake, com cuidado, pega Eleanor do meu colo e a ajeita no seu.

Por um mísero segundo, me permito apreciar em como Eleanor fica confortável nos braços do pai, sabendo assim como eu que, com ele por perto, *sempre* estará segura.

— Esse é o ponto, Aurora, você não tem escolha.

— Eu não estaria contando vitória antes da hora.

— Voltando ao ponto, você me dá a Casa Beaufort e eu quebro o nosso contrato. — Sua voz é calma. Calma demais para alguém tão desequilibrado como ele. — Eu quero apenas o que é meu por direito.

— O ponto aqui, é que você não tem direito a nada. Eu sou a herdeira Beaufort Conway. Eu detenho os diamantes e ninguém vai me tirar isso — ameaço, encarando-o. — Você pode ter me prendido outra vez em um contrato, mas eu não sou mais a garota de dezenove anos assustada. Não sou mais apenas a herdeira ingênua, agora eu sou a princesa da mídia. Nova Iorque me ama, mesmo com a sua atitude de merda de ter divulgado a existência da minha filha.

— Isso não significa...

— Isso significa que você colocou a pessoa que eu amo em perigo. E acredite em mim, Dellacor, ameaçar a minha filha é dez vezes pior do que me ameaçar — Meus olhos são frios. — Então faça o seu pior contra mim, porque ele não chegará perto do que te farei pagar se houver uma única pessoa que eu amo prejudicada. Agora, mexa com Eleanor novamente e te prometo que o tiro não irá acertar seu ombro desta vez, irei mirar bem no meio da sua testa *e atirar*.

Antes que ele possa responder, eu me viro.

É uma guerra sendo travada.

É o fim do que chamamos de paz.

Mas por Blake e Eleanor, eu não me importo de ir à batalha.

Para proteger aqueles que eu amo, não me importo de quebrar todas as pessoas que os colocarem em perigo.

# 38

# FIM DE JOGO

*Eu sei que você está pensando que eu não tenho coração*
*Eu sei que você está pensando que eu sou frio*
*Eu estou apenas protegendo minha inocência*
*Estou apenas protegendo minha alma*
**Too Good At Goodbyes | Sam Smith**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Aurora pediu para que o motorista a levasse até a cobertura.

Ninguém nem mesmo cogitou a ideia de discordar.

É perceptível que ainda há inúmeros *paparazzis* com a esperança de conseguir uma entrevista com ela ou até mesmo uma foto de Eleanor. Porém, percebo que Aurora nem mesmo se importa com eles no momento.

Ela está com os pensamentos longe e apenas segura Eleanor em seu colo, como se tivesse medo de que alguém ousasse tirar nossa filha dela. Por outro lado, percebo que elas se seguram como se fossem a válvula de escape uma da outra.

Eleanor sorri para Aurora.

Aurora a ajuda com o seu coelho.

E nem mesmo percebem o quanto todos param para observá-las, sentadas no meio da sala, com inúmeros brinquedos ao redor.

— Ela está bem? — Lynn pergunta, parando ao lado na bancada.

Solto um suspiro.

— Não. — Meus ombros murcham. — Ela não está.

— Ele não pode fazer nada contra ela, certo?

Percebo o medo em sua pergunta e nem mesmo me surpreendo. Não quando Aurora apenas pediu para ela vir para cá, porque não há lugar no universo que Rora se sinta mais segura do que ao lado de Lynn e Rowena.

Mesmo com dezenas de seguranças a sua disposição, Aurora se sente mais segura no apartamento que divide com elas. No fundo, todos nós sabemos que elas são maiores do que qualquer outra coisa. Não há como negar o vínculo que se formou entre essas três.

— Eu não vou permitir — finalmente respondo.

— Eu tenho medo, porque sei que Rora seria capaz de qualquer coisa para proteger quem ama — minha amiga sussurra. — Ela foi capaz disso no passado e agora que tem mais a perder... ela não vai se importar em quebrar, Blake.

Meus olhos se voltam para Lynn.

Lynn a segurou quando todo o passado a machucava.

Ela esteve lá quando Rora e eu brigávamos e descontávamos nossas dores um no outro.

— Blake?

A voz de Aurora me faz encará-la.

— Sim?

— Você pode ficar com a Ellie um momento? — Ela se levanta. — Preciso conversar com Lynn.

Encaro-a e percebo que ela desvia o olhar do meu.

O que significa que Aurora está prestes a fazer algo que não irá agradar nenhum de nós dois. E mesmo que eu tente tirar isso dela depois, ela não irá me contar.

— Claro.

Maneando a cabeça, ela segue com Altman até o quarto dela, enquanto caminho até a minha garotinha, que puxa um bloco colorido e o joga em uma girafa com um formato estranho. Assim que me sento, Eleanor não pensa duas vezes antes de se levantar e se sentar entre minhas pernas.

— Tia Lynn tem um gato — Ela pega outro bloco. — Você sabia?

— Ele é o nosso terror — brinco, pegando outro brinquedo e entregando a ela. — Você gosta dele?

— Ele foge de mim — conta com um tom triste. — Por que ele foge de mim, *papai*?

— Porque ele é um bobo — sussurro. — Ninguém foge da minha garota.

Ela vira o seu rosto e encara meus olhos.

— Você me promete?

— Prometer o que, meu amor?

— Que você não vai fugir de mim também? — Me surpreendo com suas palavras.

Puxo-a para mim e ela se vira, abraçando meu pescoço. O abraço é apertado, é daqueles que tem gosto de lar e me pego fechando os olhos para apreciar o momento. Para apreciar como eu não sabia que precisava de Eleanor na minha vida, até que ela apareceu. Até que ela sorriu e confiou em mim desde o nosso primeiro contato.

Sebastian e Jeremiah nos tiraram os primeiros anos da vida dela, mas nós vamos compensar isso. Nós vamos mover o mundo para que ela seja feliz.

— Eu prometo sempre estar ao seu lado, princesa — Me afasto e beijo sua testa. — Eu e você somos uma dupla, ok?

Ellie abre um enorme sorriso e eu a acompanho.

Meu coração, de repente, bate descontroladamente. Percebo que é porque ela realmente está aqui, ela me ama, confia em mim e eu faria qualquer coisa para protegê-la.

— Olhe, *papai* — Ela aponta para Taz, que vem em nossa direção. — Ele não está fugindo.

Observo o bichano parar próximo a Eleanor e se esfregar nela, antes de deitar-se entre as pernas dela. Com uma risada gostosa, minha filha se inclina e massageia a pelagem escura do felino que se sente confortável na sua presença.

— Eu te disse, princesa, ninguém foge da minha garota.

Beijo o topo de sua cabeça, observando-a brincar com o gato.

Taz nem mesmo se move. Ele apenas fica ali encantado com o carinho que Eleanor dá a ele.

E mal percebo que Lynn e Aurora demoram para voltar à sala.



Eu não pude faltar ao treino da semana.

Mesmo que os jogos tenham dado uma cessada por conta do período de festividades chegando, Rhodes ainda mantém os treinos para não ficarmos preguiçosos. Porém, em todo momento que estou em quadra, meu pensamento é em como resolver essa situação.

Jeremiah está vivo e não ficará quieto.

Ele não voltou à toa e tenho a impressão de que não são apenas os diamantes que ele deseja. Porque não há nada no universo que me faça acreditar que Dellacor voltou apenas para conseguir algo que claramente já tem.

Apoio meus cotovelos em minhas pernas e me inclino, tampando meu rosto com as mãos. Essa situação está tirando meu sono e eu não sei o que fazer. Na verdade, nem sei por onde começar a resolver.

*McLaughlin&Conway* vai entrar em combustão quando as notícias saírem.

Minha vida pessoal está em chamas.

Nem mesmo o treino, que sempre é a minha válvula de escape, consegue distrair todo o caos que há dentro do meu peito.

— Desembucha — Connor ordena assim que estamos apenas nós dois no vestiário.

— Jeremiah está escondendo algo.

Connor cruza os braços.

— O filha da puta não podia continuar morto? — rosna se sentando no banco. — Rora já tem problemas suficientes para lidar.

— Compartilho do seu pensamento. — Encaro-o. — Ele estava muito tranquilo para alguém que quase morreu.

— E se…

— Nem pense em dizer isso.

— Ele ainda quer a herança de Rora, Blake — Connor afirma. — E sabemos que a única forma de conseguir isso, é se casando com ela.

Raiva consome cada parte do meu coração.

Eu sequestrei Aurora uma vez para que ela não se casasse. E faria de novo, sem pensar duas vezes. Contudo, eu sei que isso seria impossível, porque, por mais que Jeremiah tenha outras formas para infernizar a nossa vida, tenho a certeza de que Aurora jamais cederia a isso, não quando temos Eleanor na equação agora.

— Isso só vai acontecer por cima do meu cadáver — minha voz é baixa.

Connor abre a boca para responder, porém, nossos celulares de repente tocam na mesma hora, fazendo com que uma das minhas sobrancelhas arqueie.

— Por favor, não me diga que você aprontou algo e está nos tabloides — ele pede.

— Você realmente acha que eu ando tendo tempo para fazer merda?

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Antes você tinha?

Decido não respondê-lo, apenas desbloqueio o aparelho e suspiro fundo quando as notícias tomam conta da tela. A foto de Sebastian e Annabeth sendo presos e levados pelos policiais faz com que um alívio tome conta de mim.

Eles merecem isso.

Eles fraudaram contratos. Chantagearam pessoas. E cometeram diversos outros crimes.

Contudo, é o alívio por saber que, agora, minha irmã poderá ter seu lugar na empresa que me faz ficar feliz. Ela sempre sofreu com o descaso dos nossos pais, por quererem apenas um filho e mesmo com as coisas que fiz para protegê-la, ainda não foi suficiente. Eu a protegi durante toda a minha vida. De pessoas que apenas queriam estar ao seu lado para conquistar algo ou tirar proveito do nosso sobrenome. De caras que apenas desejavam levá-la para cama e partir seu coração, e de amizades que sempre tinham segundas intenções.

Eu nunca me importei em colocar minha mão no fogo por Rowena.

Como se soubesse, seu nome aparece em meu celular. O sorriso alegre e os olhos brilhantes me indicam que não errei quando destruí nossos genitores para que ela fosse feliz.

— *É verdade?* — pergunta, ansiosa.

— Sim, Wena — conto-lhe. — Sebastian e Annabeth não podem mais nos machucar.

Ela faz uma pausa.

Uma pausa que sei que está hesitando em dizer algo.

— *Você sentiu algo?* — sussurra. — *Você sentiu pena deles?*

— Você sentiu? — Estalo a língua no céu da boca.

— *Não…* — sua voz é baixinha. — *E não sei se posso me sentir feliz.*

— Você pode, Rowena — digo, me levantando e Connor faz o mesmo. — Você pode, porque eles não merecem nada de você. Eles não merecem que você se sinta culpada.

— *Obrigada, Blake* — percebo o sorriso em sua voz.

— Pelo quê, Wena?

— *Por continuar sendo a minha metade mesmo depois de tudo.*

— Eu e você até o fim, você se lembra?

— *Nunca me esqueceria.*

Assim que ela desliga, meus olhos se voltam para Connor, que está encarando o celular. Seus olhos se levantam e encontram os meus e sei que não vou gostar do que ele irá dizer. Que mesmo que uma parte da minha vida esteja consertada, a outra está uma bagunça e é infelizmente a parte que eu mais me importo.

— Fale.

— Baron assumiu a presidência.

Não me surpreende. Não quando nós dois sabíamos que eu não poderia assumir até me formar. Porém, sua expressão me indica que não é apenas isso. Medo está em suas pupilas e meu amigo aperta o celular com força, me indicando que alguma merda está realmente acontecendo.

— Desembuche, Connor.

Ele fecha os olhos por um instante.

Um instante que muda tudo.

Um instante que me faz ter medo em todo o meu corpo.

— É melhor irmos para o apartamento das meninas.

— Por quê?

Connor me mostra a tela de seu celular, indicando uma conversa com a Lynn, que leio rapidamente.

— Porque Aurora foi obrigada a ir em um evento com Jeremiah.

Meus punhos se fecham.

Ódio toma conta de mim.

Ele sabia que eu perderia o controle. Sabia que jamais aceitaria que Aurora estivesse ao lado dele. E exatamente por isso, me pego saindo em uma rapidez surpreendente da NYU e indo até minha moto, ao lado de Connor.

Nós dois nem mesmo conversamos. Apenas corremos pelas ruas da cidade até que o edifício onde elas moram entre em nosso campo de visão. Meus pensamentos se misturam. Meu medo é palpável que assim que estaciono, me pego andando a passos rápidos até a entrada e nem mesmo cumprimentando o porteiro.

Apenas sigo até o andar delas com meu coração batendo descontroladamente. O código é digitado às pressas e as portas se abrem, me dando a visão de Eleanor sentada entre seus brinquedos e Lynn no sofá, com um sorriso tenso no rosto.

— Onde ela está? — pergunto a Lynn.

Os olhos da minha amiga me encontram. E Eleanor se levanta, vindo em minha direção. Não penso, apenas me abaixo e a pego em meu colo, abraçando-a por saber que ela está segura. Mesmo que Aurora tenha tomado uma atitude de merda sem me dizer.

— Oi, *papai* — a voz suave me diz que ela sente que algo está errado.

— Oi, meu amor — Aperto seu pequeno corpo.

— Por que você não mostra ao tio Con o desenho que você fez, princesa? — Lynn indaga se levantando.

Connor entende a deixa e se aproxima, pegando-a do meu colo.

— Como a minha pessoa favorita está? — Ele abre um enorme sorriso.

Eleanor devolve, envolvendo seus bracinhos no pescoço de Connor, que sorri alegremente.

— Você sabia que *Taz* gosta de mim agora? — ela pergunta ele.

— Todo mundo ama você — ele responde, colocando-a no tapete. — E se não amar, o tio Con vai dar um jeito.

Ela não entende as palavras e por Deus, nem eu quero entender.

Giro meus calcanhares, apontando a cabeça para a cozinha e minha melhor amiga me segue. Assim que estamos longe dos ouvidos de Eleanor, ela solta uma bufada de ar, leva a mão até a testa e fecha os olhos.

— Onde ela está? — pergunto.

Lynn não responde de imediato.

— Em um evento.

— Vamos tentar novamente — Cruzo os braços. — Que cor você está sentindo, Lynn?

Ela não responde.

Lynn apenas morde o lábio.

Eu sei que sua sinestesia[18] a faz *sentir* as cores. E sei o que todas elas significam para minha amiga.

— Verde, Blake.

*Medo.*

O tom que ela odeia.

O tom que ela apenas sente quando seu medo é real.

Que sempre é um presságio de perigo.

— Agora outra pergunta. — Ela engole em seco. — Onde é a porra

desse evento?

Lynn dá um passo para trás, pega um envelope branco e me entrega.

Nele há um bilhete e alguns papéis.

Mais precisamente, uma certidão de nascimento, passaporte e todos outros documentos.

Meus olhos se abaixam para ver o bilhete e me arrependo.

Ela não fez isso. Ela não fez, porra.

*“Blake,*

*Eu deveria pedir para você não me odiar.*

*Eu deveria. Mas não irei fazer. Porque você tem esse direito.*

*Você pode me odiar, mas saiba que eu te amo.*

*Eu te amo desde que coloquei meus olhos em você. Eu te amo desde que você me fez sentir viva. Quando corria comigo mesmo que não sabia que era você, eu sentia. Eu sentia porque ninguém nunca me fez sentir assim. Ninguém nunca pegou todos os meus pedaços e fez deles uma arte.*

*Mas, você, Blake McLaughlin é o amor da minha vida.*

*Talvez eu não tenha deixado claro. Talvez eu tenha batido muito na tecla de que não somos bons juntos. Mas era necessário. Eu precisava te proteger. Porque Eleanor precisa de você. Ela precisa amar você como eu amo. Ela precisa ter alguém ao lado dela, que mostre como ela é amada. E sei que você é a pessoa certa para isso.*

*Um dia você me disse que era obcecado por mim. Mas nunca te disse que eu também sou por você. Eu enfrentaria o mundo para te ter. Eu o enfrentei. E mesmo que esse não seja o fim que eu desejava para nós dois, eu me sinto grata. Grata por ter tido a dádiva de ter compartilhado todos esses meses ao seu lado. Por ter te amado e sido amada. Por saber que mesmo que nossa história talvez não tenha o final que queríamos, nós temos Eleanor.*

*E ela é tudo o que importa.*

*Ela é a nossa garota, amor.*

*E eu sinto muito por não ter te dito antes sobre ela. Eu sinto isso todos os dias. Mas foi necessário e agora eu espero que o mundo compense o tempo perdido para vocês dois. Por isso, nesse envelope você encontra o fim do nosso acordo. Não há mais relacionamento. Você está livre. Viva a sua vida, Blake. Ame. Se divirta. E nunca, em hipótese alguma, se sinta culpado.*

*Junto dele também há todos os documentos de Eleanor.*

*Ela é uma Conway-McLaughlin agora. Ela é tão sua quanto minha.*

*Ela é o nosso fim de jogo, meu amor.*

*Dito isso, eu preciso te dizer três coisas.*

*A primeira, eu aceitei o acordo.*

*A segunda, eu não estou te abandonando. Meu coração sempre será seu.*

*A terceira, não se arrisque. Não faça algo que o colocará em perigo novamente.*

*Você, uma vez, se sacrificou por mim, agora é a minha vez de fazer o mesmo por você. Pela nossa família. Cuide de Eleanor por mim.*

*Com todo o meu amor.*
*Sua Aurora.”*

Levanto meu rosto.

Raiva.

Medo.

Impotência.

Tudo isso está em minha expressão. Tudo isso me atinge de forma que tenho vontade de quebrar todos os objetos à minha frente, mas quando meus olhos recaem em Eleanor, eu sei que preciso me controlar.

Sei que ela não merece me ver perdendo o controle desta forma.

*Porra, Aurora.*

*Porra.*

*Porra.*

— Blake… — Lynn chama.

Percebo que estou segurando a borda do balcão.

— Mais uma vez, Lynn — respiro fundo, fechando os olhos. — Onde é esse evento?

Ela morde os lábios.

Fecha os olhos e finca a faca em meu coração.

— Inglaterra.

# 39



# ESCOLHAS

*Quando ainda estávamos mudando para melhor*
*Querer era o suficiente*
*Para mim, era o suficiente*
*Viver pela esperança disso tudo*
*Cancelar planos só para o caso de você ligar*
**August | Taylor Swift**

## AURORA CONWAY

Por três anos, eu fui intocável.

Por três anos, eu consegui proteger todos os que eu amava, mesmo que isso me custasse mais do que estava disposta a dar.

Eu não me importei de ter minha vida sendo exposta. Não me importei com o assédio que a mídia praticou sobre a minha imagem. Sorri quando era para sorrir. Dei entrevistas com falas decoradas, para limpar a minha imagem todas as vezes que eu a manchava. Fui em eventos que me convidaram. Posei para fotos e vídeos. Eu fiz com que meu rosto estampasse as revistas, os sites e os perfis de fofoca.

Eu fiz todas essas coisas e agora, enquanto caminho pelo aeroporto de Nova Iorque, rumo a Inglaterra, percebo que isso foi apenas uma válvula de escape.

Não há como ser intocável para sempre.

Uma hora a roleta gira e outra pessoa ganha.

Uma hora perdemos o pedestal e temos que nos acostumar com isso.

Eu percebi isso quando os olhos de Jeremiah encontraram os meus naquela sala. Eu sabia que era o momento que teria que escolher o rumo que tudo seguiria. E nem mesmo cogitei quando puxei Lynn para o meu quarto e expliquei a ela que precisava de ajuda e o que estava fazendo. Eu

sabia que ela me apoiaria, mesmo que odiasse a situação, sabia que ela protegeria a minha filha de tudo o que pudesse vir a acontecer.

Sei disso porque Lynn Altman é leal.

Ela, mesmo que não concorde com muitas das minhas atitudes, me apoia.

E eu sabia que ela entregaria os documentos e o bilhete a Blake, assim como explicaria a situação. Sabia que ela o seguraria em Nova Iorque.

— Srta. Conway — a aeromoça me cumprimenta assim que me sento em minha poltrona. — O Sr. Dellacor nos encarregou de deixar a sua viagem o mais confortável possível.

Sorrio falsamente, a única forma dessa viagem ficar confortável seria se eu recebesse a notícia de que alguém estourou o cérebro dele ou até mesmo que ele escorregou e bateu a cabeça.

Mas, como é impossível, apenas maneio a cabeça.

— Obrigada. Eu preciso fazer uma ligação antes de embarcamos.

— Claro — Ela dá um passo para trás. — Darei privacidade a você.

Assim que ela some, pego meu celular, observando a foto de Eleanor ao lado de Blake e um pequeno sorriso nasce em meus lábios. Um sorriso triste. Com gosto de despedida.

Tirei essa foto algumas noites atrás, quando eles estavam sentados juntos e não havia mais nada no universo que me fizesse *não* registrar aquele momento. Eles são uma dupla desde o primeiro instante.

A dor de deixá-los é grande.

É tão dolorosa que lágrimas se acumulam nas bordas dos meus olhos, porém não as deixo cair. Não posso me quebrar nesse momento. Não posso permitir que ele ganhe essa guerra antes mesmo que eu tenha a chance de lutar.

Sabendo disso, disco o número e levo meu telefone ao ouvido.

— *Aurora?*

A voz preocupada do meu pai me faz morder os lábios.

— Oi, pai.

— *Onde você está, passarinho?*

— Eu ouvi dizer que você conseguiu a *McLaughlin&Conway* novamente? — desconverso. — Como fez isso?

— *Blake me devolveu todas as suas ações assim que Sebastian foi preso.* — Uma lágrima desce e eu odeio isso. — *Ele fez isso por você. Ele*

*te ama, passarinho.*

Eu sei o que lhe custa aceitar isso.

Sei que a família McLaughlin sempre será uma memória dolorosa para o meu pai.

E, mesmo assim, ele não esconde a verdade de mim. Ele mostra que mesmo odiando os pais de Blake, ele entende o nosso amor. Ele o aceita.

— E eu o amo, pai — Engulo em seco. — Eu o amo tanto que, às vezes, parece que o mísero pensamento de não estarmos juntos, me destrói.

*— E por que você ainda continua lutando contra esse sentimento, meu amor?*

— Porque… — Penso na resposta. — Eu tenho medo de magoá-lo. Tenho medo de quebrar o coração dele novamente. Blake não merece isso, pai. Ele é tão gentil, tão atencioso mesmo que o mundo o ache um idiota as vezes — Sorrio. — Em muitos desses momentos, ele realmente é, mas acima disso, ele se doa. Protege quem ama, Blake não se importa que ele sairá machucado, se ele vai perder, e eu o admiro tanto.

*— Você se lembra que uma vez me disse que amores fáceis não fazem história, passarinho?*

Fecho meus olhos.

— Sim…

*— Então não se doe por um amor fácil.* — aconselha. *— Se doe por aquilo que te faz sentir viva.* — Há uma pausa. *— E o que te faz sentir viva, passarinho?*

— Blake — Não hesito. — Nosso amor foi doloroso. Difícil e até mesmo destruidor. E talvez eu seja sádica por isso, pai, mas eu gosto da maneira como ele me faz sentir. Eu gosto de sentir o extraordinário. E Blake é isso para mim. — Percebo que lágrimas estão descendo pelo meu rosto. — Ele me faz sentir que esse sentimento vai mudar a minha vida, porque nós dois sabemos que não gostamos do simples. Não gostamos do calmo.

Um barulho, de repente, soa indicando-me que estamos prontos para a decolagem.

Um aperto no meu coração toma todo meu ar.

*Amores fáceis não fazem história.*

*— Onde você está, Aurora?* — Sua voz se torna preocupada. *— Não me diga que…*

— Amores fáceis não fazem história, pai — Fecho meus olhos.

*— Isso não significa que você precisa fazer certas coisas* — Escuto

ele se mover.

— Jeremiah me ligou depois que saí daquela empresa — conto, sabendo que ele entenderá. — Eu estou abdicando da Casa Beaufort e ele assinará o contrato que fará com que nunca mais possa chegar perto de mim e dos meus amigos.

— Você está em um avião, Aurora?

— Eu… — Não consigo mentir. Não para ele. — Estou.

— Saia dele, passarinho…

— Pai — Mordo meu lábio de novo, segurando o choro que ameaça descer. — Não há mais o que fazer. Ele nunca nos deixará em paz. Ele sempre vai ser um fantasma nas nossas vidas e eu prefiro abdicar da minha herança, do que ter que continuar vivendo esse pesadelo. Eu preciso que Eleanor esteja segura. *Eu preciso, pai.*

Ele diz algo, mas não consigo ouvi-lo falar. Não posso continuar escutando-o, porque eu sei que ele é a única pessoa que poderia me fazer desistir da ideia.

— Rora.

— Sinto muito, pai…

Encerro a chamada e desligo o telefone.

Antes de todas essas coisas, eu tinha um plano. Me formar e voltar para a Inglaterra.

Era simples. Era meu sonho.

Agora que estou em um avião, rumo a esse país. Eu não me sinto aliviada. É como se estivesse deixando toda a minha vida para trás. Meus sonhos, meus amores, minha família.

Cada uma dessas coisas que não deveriam ser abandonadas.

Não deveriam estar em um momento de escolha.

E sinceramente? Eu estou cansada. Cansada de lutar. Cansada de tentar carregar o mundo em minhas costas e sorrir. Estou cansada de gritar em silêncio e lutar para vencer uma guerra, que eu nem mesmo desejo estar.

Me encosto no assento, fecho meus olhos e deixo com que todas as minhas lembranças me façam companhia até o meu inferno.

Penso em quando pintamos um maldito pau na parede da cobertura. No sorriso de Rowie sempre que comprava um vinho. Nas vezes que Con se sentou ao meu lado e ficou em silêncio, porque sabia que eu precisava. Quando Maverick conversou comigo sobre banalidades. Penso em Eleanor, que sorriu todas as vezes que me viu e confia em mim da forma como

sempre desejei.

E, por fim, antes de ceder ao cansaço, penso em Blake. Penso em como nosso amor sempre esteve presente, mesmo quando o disfarçamos de ódio. Em como ele sorriu e eu amei o momento. Em como ele me disse coisas que estão fincadas em minha carne e que me fez sentir como a dona do mundo.

Blake McLaughlin me fez sentir viva.

Ele amou todas as minhas partes.

E eu fiz o mesmo com ele.

Nós somos pertencentes.

Porém. Isso é o fim.

Porque escolhas foram feitas e fiz de tudo para salvar as pessoas que amo, mesmo que no caminho, eu tenha esquecido que também preciso ser salva.



O pouso em Londres aconteceu horas depois.

Não senti nada quando percebi que estava no lugar que eu sempre sonhei em voltar.

E nem mesmo agora, enquanto caminho pelo enorme aeroporto, me questiono em que momento eu permiti que a minha vida se transformasse nesse mar de confusão. E mesmo repassando todos os acontecimentos em minha mente, não posso deixar de lastimar todas as coisas que estou deixando para trás, apenas para mantê-los protegidos.

Assim que as portas duplas se abrem, tenho a visão das ruas movimentadas, então apenas puxo a minha mala pequena e vou em direção a um táxi, dando-lhe o endereço.

Não presto atenção no trânsito. Nem nos prédios famosos por sua arquitetura, apenas me escoro no assento e penso em Eleanor. Na forma como ela irá se sentir quando perceber que não estou lá, e que apenas Blake e nossos amigos cuidarão dela até que eu possa retornar.

Passamos três anos longe uma da outra.

Três anos pensando em como ela estava.

Para, quando tê-la, precisar abdicar dela de novo.

E isso me dói. Me dói porque eu não deveria ser separada da minha

filha *de novo*. Ela precisa de mim. Precisa do meu amor. Da minha segurança. Do meu colo. E eu quero ser capaz de dar isso a ela, porque já me foi tirado tempo demais.

— Senhora, chegamos — o taxista diz.

Estendo o dinheiro para ele e saio do automóvel, caminhando até os portões da mansão Beaufort. O diamante ornado no topo dele me causa arrepios e preciso fechar meus olhos por um instante e contar até dez, para tomar coragem e destrancá-lo com a chave que sempre esteve em meu cofre.

Sou recebida pelo enorme jardim, que possui estátuas de mármore e uma mansão que abrigou todos os Beaufort, que se destaca pelas colunas de mármore e paredes de tijolos. As janelas de vitrais delicados filtram a luz do sol.

Caminho lentamente observando todos os detalhes que há anos não presenciava. Desde que voltei para Nova Iorque, essa parte da minha vida foi apagada. Nunca me importei de ser reconhecida como a herdeira da Casa Beaufort, mas o que todas essas paredes escondem, me fazem desejar não ser.

Foi aqui que meus avós destruíram minha mãe quando a submeteram a um casamento que ela não desejava e quando ela fugiu, a responsabilidade passou a ser minha. Foi aqui, também, que o meu avô me obrigou a aprender a ser a melhor em tudo.

Aprendi a tocar piano, mesmo que a melodia me irritasse.

Aprendi esgrima, mesmo que a minha vontade fosse fincar a espada nele.

Aprendi sobre números, xadrez, administração e como ser a melhor esposa troféu que possa existir.

Usei um anel que odiava porque aquilo me lembrava a porra de um voto de castidade que nunca tive pretensão em seguir.

— Srta. Beaufort?

A voz da governanta me faz girar os calcanhares e encará-la.

— Oi, Sra. Poppe.

— Eu não sabia que estava voltando — o sotaque londrino se faz presente em sua voz.

— Compartilhamos do mesmo pensamento — Sorrio. — Mas, não se incomode, eu preciso resolver algumas pendências na cidade.

Ela maneia a cabeça, pega minha mala e carrega em direção à

propriedade. Não a sigo de imediato, apenas caminho até o jardim, descendo alguns degraus ao lado da piscina e observo o labirinto.

É um ambiente que, quando criança, tinha medo de entrar. Agora percebo que não me importaria de me perder ali e fingir que o mundo não está ruindo ao meu redor. Dando um passo à frente, eu faço o que nunca fiz. Eu adentro o labirinto.

Viro uma das dezenas de esquina.

*Uma Beaufort não sorri. Não faz amizades. Não é fraca.*

Outra esquina e abandono meus saltos.

*Uma princesa da mídia nunca comete erros.*

Mais uma esquina. Uma lágrima desce.

*Há uma peça no jogo de xadrez que é denominada Rainha. Ela pode ser a peça mais forte do tabuleiro ou pode ser apenas um peão. É escolha de quem está no controle.*

Mais uma esquina.

*Por que você está chorando querida? Os Beaufort não choram.*

Outra.

*Eu não posso te amar.*

Entro em um local sem saída e volto.

*Mas esse é o problema, não é? Você não pode, mas você já ama.*

Lágrimas continuam descendo.

*Mesmo quando tudo for apenas ruína, eu lutarei por você.*

Finalmente alcanço a parte central do labirinto, observando a fonte que há no meio e um banco de estofado. E pelas folhas na água e o estado do banco, é perceptível que essa parte não é visitada a um bom tempo.

Aproximo-me da fonte e meus olhos se enchem de lágrimas quando percebo o nome da minha mãe entalhado ao lado dela. Abaixando-me, dedilho as letras e deixo com que uma última lágrima desça.

Ela lutou pelo seu sonho.

Eu preciso lutar pelo meu.

— Sabe — a voz gélida de Jeremiah ressoa atrás de mim. — Eu sempre soube que você era uma garota patética.

Levanto-me, alisando minha roupa e girando os calcanhares até que ele entra em meu campo de visão. Suas cicatrizes me causam ânsia. Seu rosto é desgosto puro e tenho vontade de afogá-lo nessa fonte.

— Como conseguiu entrar na propriedade?

— Aurora, querida, eu serei dono dela em algumas horas, esqueceu?

Respiro fundo.

— A propriedade está no nome de Olivia, Jeremiah — Cruzo meus braços. — Não se iluda achando que apenas porque irei lhe dar a empresa, significa que a propriedade vai junto.

Ele solta uma risada que causa arrepios.

Seus lábios se levantam em um sorriso maquiavélico.

— Problema resolvido, querida.

Ele dá alguns passos, passa por mim e se senta no banco.

— O que você fez?

*Por favor, que não seja o que estou imaginando.*

— Eu começaria a orar pela alma da velha — diz, tirando um papel do bolso.

Não.

Não.

Não.

— Se você assassinou a minha avó…

— Você vai fazer o quê? — Ele sorri. — Tentar me matar de novo? Ir à mídia e me expôr? — Se levanta, inclinando a cabeça para trás. — Me diga, Aurora, o que você vai fazer ao saber que eu me livrei da sua avó imprestável? Porque você pode até ser famosa nas Américas. Ser a princesa da mídia em Nova Iorque, mas estamos em Londres. — Ele dá um passo. — E, nessa cidade, você é apenas uma herdeira patética e eu comando tudo.

— Eu te odeio tanto — rosno.

— É uma pena, porque nós dois vamos nos divertir muito — Ele passa por mim, esbarrando em meu ombro. — Fique pronta às sete, temos um compromisso.

Jeremiah coloca as mãos no bolso da calça e começa a caminhar para fora do labirinto.

Permito-me respirar por um segundo.

— Ah, e, Aurora? — chama e o encaro por cima dos ombros. — Bem-vinda a cova dos leões, querida.




# SUPER-HERÓI

*Não saberia, qual a sensação de, poder tocar o céu*
*Se você não tivesse acreditado, acredite, acredite, oh*
*Não importava quantas vezes eu fui nocauteado no chão*
*Você sabia que um dia eu estaria de pé*
*Apenas olhe para nós agora*
**Believe | Justin Bieber**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Porra.

Aurora não deveria ter feito isso.

Não deveria ter simplesmente pensado que a melhor opção seria pegar um maldito avião para o outro lado do oceano e enfrentar aquele desgraçado sozinha.

Ela não deveria se arriscar sempre.

Não deveria muitas coisas, mas o problema de Aurora Conway é que ela não permite que outras pessoas sofram, mesmo que isso signifique que ela é quem sairá destruída e eu estou realmente cansado de vê-la fazer isso.

Passando a mão pelo meu cabelo, observo Eleanor dormir na cama de Rora. Ela abraça o seu coelho com força e percebo que procura sua mãe pelo espaço, já que desde que voltou, Aurora sempre dorme ao lado dela. De relance, vejo Taz entrar no quarto, ir até onde Eleanor está e se aconchegar ao lado dela, fazendo-a relaxar.

Mesmo que ela seja o seu terror, Taz, desde que tudo começou, passou a ser seu companheiro. Ele corre atrás dela pelo apartamento, deita ao lado dela e a faz sorrir, mesmo que na maior parte do tempo ela esteja correndo atrás dele, para atormentá-lo.

— Ele gosta dela — Lynn diz parando ao meu lado. — E ele nunca gosta de ninguém.

— Eu não acredito que estou perdendo a minha filha para esse gato terrorista — resmungo, baixo.

— Largue de ser dramático. — Minha amiga revira os olhos. — Como você está?

— A um ponto de pegar o próximo avião — afirmo. — Ela não deveria ter feito isso.

Lynn solta um suspiro, no mesmo instante que Rowena adentra o quarto. Seus olhos estão na sua sobrinha e ela morde um pequeno sorriso ao vê-la dormindo.

— Pelo menos o gato demoníaco a ama — murmura.

— *Não o chame assim* — dizemos em uníssono.

— Vocês são irritantes — resmunga. — Nós precisamos conversar

Minha irmã solta um bufo. Viro meu rosto em sua direção, erguendo uma sobrancelha e percebo que não há sorrisos. Não há nada ali que me indique que a conversa será boa. Por isso, dou uma última olhada em Eleanor e Taz, me viro e a sigo até a sala.

Percebo Connor e Maverick sentados no sofá com uma expressão preocupada, o que faz com que tudo dentro de mim fique em alerta. Lynn vai até Connor, o beija de leve e se senta ao seu lado, enquanto Rowena caminha até a garrafa de vinho e despeja uma quantidade maior do que costuma beber.

Meus olhos vasculham todas as suas expressões, atrás de algo que possa me indicar o motivo pelo qual estão agindo desta maneira e não encontro nada.

— Você sabe o que Aurora escondia no *Memorial Irina Altman?* — Wena questiona.

Ergo uma sobrancelha.

— Tenho uma suspeita.

— É a avó dela — Lynn diz, sem rodeios. — Rora a trouxe para Nova Iorque quando voltou. Era uma promessa que fez à mãe dela antes de morrer.

— Eu já imaginava algo do tipo — Cruzo meus braços. — Mas por que ela nunca disse nada?

— Porque todas as vezes que ela ia visitar, Olivia achava que Rora era Elena ou gritava que ela era a responsável pela morte da filha — Wena

conta antes de levar a taça aos lábios. — Todas as vezes, Rora se quebrava e apenas nós duas conseguíamos trazê-la de volta. Não era bonito, Blake. A última vez, Rora não se importou com o lugar, não se importou que poderia ser fotografada, ela apenas se quebrou no meio do *Central Park*. E tive que pedir à equipe dela para conseguir apagar todas as fotos.

— Sem contar que quando Dinara descobriu, ela surtou — Lynn murcha os ombros. — Então, acredito que ela apenas queria evitar isso de novo. Ela se sente culpada pela morte da mãe e mesmo que Olivia a trate desse jeito, minha amiga nunca a abandonou. Ela continuou indo lá. Ela escutou a avó dela gritando com ela, na maioria das vezes, aceitou calada algo pesado e que a machucava. Ver a avó daquele jeito, sem que pudesse ajudá-la, a destruía.

Meu peito dói.

Aurora aceitou tantas coisas durante esses anos.

— E por que vocês estão trazendo isso à tona agora? — indago.

— Porque ela está morta.

Paraliso, encarando minha irmã. Ela não desvia o olhar, o que me indica que ela realmente está falando a verdade. Se Olivia morreu, significa que…

— Como? — pergunto, receoso.

— Os médicos informaram que foi decorrente de causas naturais.

Meus olhos encontram os de Connor, ele também desconfia. Ele sabe que seria muito vantajoso para aquele filho da puta se Olivia Beaufort morresse. Afinal, com ela e Elena mortas, Aurora se torna a herdeira de toda a herança. Não apenas dos diamantes, mas todas as propriedades, contas bancárias e seja mais o que for que eles possuem na Inglaterra.

Ela é oficialmente a herdeira Beaufort.

— Foi Jeremiah — Esfrego minhas mãos em meu rosto. — Ele armou tudo isso. Que porra!

— E ele fez isso sabendo que Aurora aceitaria o acordo — Connor fala. Seu tom é frio. — Ele fez com que ela acreditasse que passar a empresa era o suficiente, quando ele já tinha tudo armado.

— Mas como ele teria acesso a toda a herança? — Lynn pergunta.

Silêncio.

Não.

Impossível.

De novo não.

— Obrigando-a a se casar — Maverick diz, pela primeira vez. — Para ter acesso a tudo, ele teria que se casar com Aurora…

— Mas há Eleanor — Wena se vira para o seu namorado. — Ela é a herdeira se Aurora morrer, automaticamente tudo é de Eleanor.

— Mas ela garantiu que ele não pudesse chegar até Eleanor. — Lynn afirma. — Aurora a registrou no nome de Blake. Se Rora… — minha amiga engole em seco. — Se Aurora morrer, Blake se torna o único responsável por ela. Ninguém poderá tomá-la.

Minha cabeça gira.

Nada em mim faz sentido.

— Eu preciso de um minuto.

Meu coração parece que está saindo do meu peito e a falta de ar, de repente, me faz caminhar até a varanda do apartamento e segurar o parapeito com força, enquanto o ar frio bate contra meu peito. Fecho meus olhos tentando controlar minha respiração. Tentando colocar todo o meu pensamento em ordem.

Ela está em perigo.

A mulher que eu amo está em perigo.

E eu não estou lá.

*Porra.*

*Porra.*

*Porra.*

Eu não, não posso perdê-la.

De novo não.

Não depois que passamos por tantas coisas. Não quando ela é a dona de todas as partes do meu coração e a responsável por fazê-lo bater. Aurora é e sempre será a única pessoa que me faz sentir vivo. Que me faz querer enfrentar todo o universo para podermos ficar juntos.

Pego meu celular, sabendo que é inútil e disco o número dela.

Escuto meus batimentos cardíacos aumentarem. Minha mão soa.

No quarto toque, ainda acredito que ela vá atender.

No quinto, digo que tudo é apenas um pesadelo.

Porém, no último, permito que uma lágrima desça.

Mas é quando sou encaminhado para o correio de voz, que tudo em mim se quebra.

— Oi, linda — sussurro. — Você não deveria ter feito isso, sabe? Você não deveria ter se arriscado desta forma. E, não, *eu não te odeio*. Eu

nunca poderia te odiar, Aurora. Mas, eu poderia ter te protegido. Eu poderia ter feito qualquer coisa por você, amor. *Eu vou fazer qualquer coisa*. Mas você deveria ter me esperado. Ter conversado comigo. Porque não consigo imaginar uma vida sem você, Aurora. Não consigo fingir que tudo isso não está fodendo comigo, porque está. Eu quero ir até Londres. Eu quero lutar por você e quero matar esse desgraçado. Eu quero a minha mulher de volta. Quero seus sorrisos, seus xingamentos e nossas provocações. — Solto um suspiro. — Eu não sei viver sem você, *hottie*. Eu nunca vou saber e espero que você aguente firme até eu chegar. Porque eu vou até você. Eu te salvarei, linda.

Abro meus lábios para continuar, porém, a chamada é encerrada e apenas o barulho da cidade me faz companhia.

— Você vai atrás dela — Connor diz atrás de mim. — Eu sei que isso está te matando, Blake. E sei que você só não pegou o primeiro voo para a Inglaterra por causa de Ellie. Eu sei que você quer protegê-la, mas nós somos a família dela também e nós iremos protegê-la aqui. Então vá a Londres, vá à porra do inferno e busque Rora.

Viro-me para ele.

— Eu preciso que você me prometa uma coisa.

— Qualquer coisa.

— Se algo acontecer a mim ou Aurora, você vai cuidar da minha filha como sua. — Não há nenhuma brincadeira em meu tom. — Você é a única pessoa em quem eu confio para isso. É o irmão que a vida me deu e ela é tudo o que eu tenho.

Davenport se aproxima, sorri para mim e me puxa para um abraço.

— Eu te falei que ela é a minha afilhada — diz. — E estava falando sério. Eu amo Eleanor, Blake.

Assim que ele me solta, passo por todos na sala e sigo até o quarto de Aurora, onde Eleanor está dormindo. Me aproximo da cama a passos lentos e me sento ao seu lado, observando Taz se levantar e pular para fora, deixando-me com ela. A expressão tranquila dela, me faz tirar os sapatos e me deitar ao seu lado, acariciando sua bochecha.

Seus olhos, de repente, se abrem e o verde intenso entra em meu campo de visão.

*Deus, como eu posso amar tanto alguém assim?*

— Você *tá* triste — sussurra com sua voz sonolenta.

Tento sorrir e falho.

— Por que acha isso? — Minha voz é tão baixa.

— Porque seus olhos não estão brilhando — Sua mão acaricia minha bochecha. — E eles sempre brilham quando você olha *pra* mim ou *pra* mamãe.

Encaro-a por alguns segundos.

Eleanor faz com que tudo ao meu redor soe mais tranquilo. Ela, mesmo que tenha aparecido em minha vida recentemente, me mostra que temos uma conexão de almas. Ela me faz sentir como se eu pudesse enfrentar tudo e enquanto me encara, eu me sinto a pessoa mais forte do mundo.

— O papai vai precisar ficar longe por um tempinho.

— Você vai buscar a mamãe? — pergunta esperançosa.

— Eu vou. — Me aproximo e beijo sua testa. — Você pode ficar com seus tios?

— Posso — Vejo que seus olhos querem fechar de novo. — Papai?

— Sim, princesa.

— Você é o meu super-herói favorito. Mas não conta *pro dindo* Con.

Então, se entrega ao sono novamente e deixo outro beijo em sua testa, sorrindo, antes de me levantar e seguir até a porta.

Para Eleanor, eu sempre vou ser o super-herói.

Mas quando eu pisar na Inglaterra, eu não me importarei de me tornar o anti-herói na vida dos outros. Porque, para salvar a mulher que eu amo, eu não me importo de queimar até o último ser-humano da face da Terra.

Por ela, eu faço qualquer coisa.

Não me importo em ultrapassar meus limites.

Não se isso significar que ela estará a salvo.

## AURORA CONWAY

Eu sabia que Jeremiah estava aprontando algo.

Na primeira noite, me fez ir a um evento com ele e depois a um jantar ao seu lado, em um dos restaurantes mais caros de Londres.

Agora, no segundo, há um vestido à minha espera e um bilhete.

*“Uma última noite. Uma despedida digna.*
*Um acordo assinado.*

***Jeremiah Dellacor”***

Aproximo-me do vestido, jogando o bilhete em qualquer lugar e meu rosto se fecha em uma careta. E ele, sem dúvidas, não seria escolhido por mim. O decote vai até o meio dos meus seios, o branco do tecido se agarra à minha cintura, caindo em cascatas até o chão.

É um modelo bonito, mas não faz parte do meu estilo e odiando isso, eu o visto e pego uma das minhas sandálias.

Olhando-me no espelho, constato que nem mesmo a melhor maquiagem poderia esconder o quanto eu odeio tudo isso. Odeio fingir que estou contente com essa vida quando, na verdade, eu não estou.

Eu odeio.

Odeio essa casa.

Odeio viver dessa forma.

Odeio Jeremiah.

E me odeio por sempre estar no meio dessas coisas.

Com raiva, jogo todas as coisas que estão na mesa à minha frente no chão, fazendo com que o barulho ecoe no quarto. Seguro a borda da mesa, fechando meus olhos e suspiro fundo.

Eu não posso perder o controle.

Não ainda.

Não agora.

— Srta. Conway? — a governanta bate na porta de leve.

Levo um pequeno sobressalto e abro meus olhos.

— Sim?

— Seu convidado chegou.

Suspirando fundo, ajeito minha postura e me viro, caminhando até a porta e abrindo-a. Os olhos da governanta pousam no meu decote e tenho certeza de que ela entendeu qual o intuito do *meu convidado*.

Jeremiah não escolheu esse vestido à toa.

Ele quer mostrar algo. Quer que a elite britânica olhe para mim e veja a herdeira arruinada, que o abandonou num noivado por ter um caso com outro. Ele quer esfregar isso em meu rosto e me humilhar. Porém, o que ele não sabe, é que não se pode quebrar alguém que lida com isso diariamente. Que lê comentários na internet sobre como deve agir e o que deve postar.

Eu lido com o público há mais de três anos.

Se ele realmente acha que pode derrubar a princesa da mídia apenas com isso, ele é um péssimo jogador. Sorrio friamente enquanto desço as escadas e o encontro parado na base dela, encarando-me como um lobo prestes a atacar o cordeiro.

É patético.

Me faz querer revirar os olhos.

— Eu sempre soube que você ficaria perfeita nesse vestido — diz quando o alcanço. — Uma bela *vagabunda*.

Meu sorriso não vacila. Minha pose não fraqueja.

Eu sou Aurora Louise Conway.

Ouvir de sua boca que Jeremiah assassinou minha avó a sangue-frio, que precisei presenciar meu pai sofrendo pela morte da minha mãe, *extra-oficialmente* ameaçou a minha filha apenas para ter acesso a minha herança, me causa raiva.

Eu enfrentei muita coisa e não será um idiota prepotente que irá conseguir me machucar.

— E mesmo assim, você ainda é obcecado por mim — Umedeço meus lábios. — Deve ser constrangedor, não é?

— O quê?

— Saber que essa é a única forma de tentar me vencer. — Desço o último degrau. — Mas, você sabe que é impossível. Porque todas as noites que você fechar os olhos, eu ainda vou ser seu pesadelo. Eu vou ser o motivo pelo qual você perdeu tudo, que sua família se perdeu na vingança e hoje não existe mais. O motivo do porque foi jogado de uma colina e, principalmente, o motivo que você ainda é aceito nesses bailes idiotas que está me obrigando a ir. — Me aproximo dele. — No fim, ainda serei melhor do que você. Eu sou uma Beaufort legítima e você… — Solto uma risada fraca. — Você é apenas a extensão de um contrato, apenas um membro de uma família que *uma vez* foi importante, mas, hoje, *não é nada*. São apenas pessoas desesperadas tentando lutar por um lugar na pirâmide social.

Percebo o músculo da sua mandíbula tensionar.

Ódio, ódio puro está irradiando de suas pupilas.

— Você é muito burra ou muito corajosa — debocha.

— E você não é nada — reitero e meu sorriso aumenta. — É apenas um ser insignificante que deveria ter continuado morto. Você pode me forçar a tudo, mas nunca vai conseguir ser um de nós. — Ergo meu queixo. — E isso vai te atormentar. Eu vou te atormentar por ameaçar as pessoas

que eu amo. E não me importo se isso vai me destruir.

De repente, sua mão se levanta e acerta minha bochecha, fazendo com que meu rosto se vire.

Levo a palma até a pele que queima e a massageio, encarando-o com repulsa. Meus olhos travam nos seus. Não há nada ali. Nenhuma emoção.

É sadismo puro ou psicopatia legítima. Não sei definir…

Apenas sei que, o que encontro, é alguém que não se importa em machucar o outro para ter o que quer. Para provar que sempre vencerá, mesmo que a realidade seja completamente diferente.

Percebo, então, que não há como sair viva disso, porque deixar Jeremiah vivo é saber que sempre viveremos com seu fantasma nos assombrando, e não posso permitir que isso aconteça.

Então, é meu fim e o dele.



# SACRIFÍCIOS

*Você já caiu antes*
*Você já se machucou antes*
*Você já se levantou antes*
*Você está pronta para isso, está pronta para isso*
*O destino disse, você tem que ir à luta*
**That's My Girl | Fifth Harmony**

## AURORA CONWAY

Eu imaginei o assassinato dele durante todo o jantar. E apreciei esse momento.

Não escondi o sorriso quando meus olhos caíram na faca que compunha o jogo de talheres. Nem mesmo quando minha mente foi tomada por imagens de como seria fácil cortar sua jugular com ela. E a cada vez que cortava o bife, imaginava sendo sua pele.

E Jeremiah sabe disso.

Ele sabe que todas as vezes que seu olhar cruza o meu, estou prestes a me levantar e socá-lo para, então, fazer tudo o que a minha mente me implora. Porém, mesmo assim, não me levanto. Não faço nenhum movimento. Porque o fácil nem sempre é a melhor opção.

Às vezes, ele apenas está disfarçado de algo que pode custar caro.

Minha bochecha ainda sente o peso de sua palma contra ela e entendi que provocá-lo é o caminho para fazê-lo perder o controle. E nessa dança, eu preciso saber exatamente como me mover, porque um passo em falso, pode levar a minha morte e o sofrimento das pessoas que amo.

— Você está estranhamente quieta — ele afirma.

— E pretendo continuar assim. — Levo a taça de vinho até meus lábios.

— Cuidado, Aurora, ou eu posso me tornar um péssimo anfitrião — ele estala a língua, encarando-me com fúria.

— A casa ainda é minha, Dellacor.

— Não por muito tempo. — Ele sorri. — O nosso contrato está pronto.

Jogo o guardanapo na mesa e me levanto.

— Já era hora.

— Mas há um problema — ele conta, limpando a boca, calmamente. — A sua herança só pode ser passada para mim se houver um matrimônio, já que você agora tem uma prole indesejada e garantiu que eu não pudesse tocá-la.

Meus punhos se fecham, meus olhos se fincam nele e me pego jogando o copo de vidro em sua direção, fazendo com que ele desvie rapidamente.

— Nunca ouse tocar no nome da minha filha! — grito. — Nunca!

Ele se levanta e passa a mão pela blusa, alisando-a. Seu sorriso de escárnio me irrita.

Minha ira me consome e vejo tudo vermelho. Não é algo que eu desejaria. Eu gostaria de ter mantido o controle. De ter enfrentado toda essa situação de forma diferente. Porém, Jeremiah sabe onde me atacar, ele sabe como trazer o meu pior à tona.

— Essa é a diferença entre nós dois, Aurora — Ele umedece os lábios, antes de voltar a sorrir sadicamente. — Eu não me importo em te quebrar. Não me importo em machucar a pirralha. Não me importo em matar você. Então, antes de pensar em algo idiota, pense nas consequências das suas ações. — Ele se afasta da mesa. — Faça a sua escolha, querida.

— Nunca há uma escolha quando você está envolvido.

— Nesta situação há. — Sua resposta não é convincente. — Você pode me acompanhar até o labirinto, onde há um juiz de paz e uma testemunha, que irão fazer o nosso casamento acontecer, de forma rápida e eficaz. — Ele dá um passo em minha direção e eu não me movo. — Ou… você pode desistir do nosso acordo.

— Mas, você nunca me deixaria em paz.

— Você nem mesmo chegaria à Nova Iorque, querida — zomba. — Porque não há como você voltar. Eu não seria tolo de deixá-la voltar para àquele merdinha que me destruiu. Quando você assinar a certidão, você já estará com os dias contados.

Engulo em seco.

Sacrifícios.

Amor.

Esperança.

Três palavras que me acompanharam até aqui. Se eu deixá-lo pegar todas as propriedades da minha família, ele se torna poderoso o suficiente para destruir as pessoas que eu amo. Se eu não dar a ele o que deseja, todos sofrerão as consequências. Estou em um beco sem saída.

Fecho meus olhos.

Eu sempre imaginei meu casamento.

Flores. Vestido longo. Escolhas. Blake McLaughlin me esperando no altar.

Esse era o meu casamento dos sonhos. Isso era o que eu almejava desde que nos conhecemos naquele aeroporto. Desde que ele sorriu para mim. Que me beijou de volta. Que aceitou aquilo que eu poderia dar, mesmo que fosse proibido.

Mas, na nossa realidade, eu e ele não ficamos juntos.

Nós somos *Romeu e Julieta*.

E o problema é que nessa versão, apenas a Julieta tem a sua vida ceifada.

— Ok, Jeremiah — Abro meus braços. — Você venceu.

Sua expressão satisfeita me irrita.

Meu ódio é papável.

E a cada passo que eu dou, até onde ele está me esperando, para seguirmos para o labirinto, prometo a mim mesma que darei a ele a morte mais lenta que eu puder. Eu irei mostrar o que acontece quando se ameaça alguém que eu amo.

O idiota coloca sua mão nojenta em minha lombar e quando tento afastá-lo, ele agarra meu braço e me puxa em direção à saída. Assim que estamos no jardim principal, nós damos voltas, até que a entrada do labirinto fique visível. Percebo, então, que ele já tinha tudo organizado para orquestrar o seu golpe.

Se eu for sincera, sei que ele está planejando isso desde que sua família matou a minha mãe e pensaram que meu pai também havia morrido e depois se mataram para não pagar pelo crime que cometeram. Eles acreditaram quando coloquei fogo naquela casa e fugi. Mas, eu sei que sua vingança começou a ser organizada no instante que tive a minha ascensão

em Nova Iorque.

Eu sei que ele me mandou aquelas mensagens.

Sei que ele me fez ter medo para que meu pai voltasse.

Sei que ele se juntou a Sebastian e por isso estamos ligados a um maldito contrato.

Dellacor estava o tempo todo movimentando o tabuleiro, jogando a sua partida.

Enquanto eu estava me blindando, ele construía sua jogada.

Agora, eu sou ferro puro e ele é uma arma letal.

Somos bombas prestes a explodir e destruir tudo que nos rodeia.

E não me importo mais. Porque tudo o que me importa está a um oceano de distância.

Minha filha. Meus amigos. Meu pai. O amor da minha vida.

Meus olhos se fixam nos corredores estreitos, onde as sombras dançam nas paredes de folhas verdes. O eco dos nossos passos reverbera e à medida que avançamos, as curvas se tornam familiares e passagens que se bifurcam, testam minha intuição. Sei que preciso guardar o caminho de volta, caso algo dê errado.

— Chegamos, querida — sua voz me tira dos meus devaneios.

Meu olhar se arrasta para as duas pessoas pálidas perto da fonte.

É uma cena assustadora.

Um momento que nunca imaginei que aconteceria.

Não na minha vida, pelo menos.

— Srta. Beaufort — Um deles cumprimenta. Percebo ser o juiz. — Minha família é uma grande apreciadora das jóias da Casa Beaufort.

Encaro-o sem nenhuma expressão.

— Se você está cooperando com isso, significa que não é digno de usar nossos diamantes. — Meus olhos afiados não desviam de seu rosto. — Então, não tente ser amigável.

Uma risada nasalada ressoa de Jeremiah.

— Minha querida sempre é tão arisca — zomba. — Comporte-se, Aurora, eu odiaria te punir na frente de todos.

Com ódio, encaro-o. Suas cicatrizes parecem mais aparentes agora. Lembro que um dia eu fui responsável por elas e me orgulho. A única coisa que me arrependo é não ter conseguido finalizar o trabalho. A sua morte seria uma dádiva para a Terra. Seu olhar desprovido de qualquer sentimento me encontra.

Ele é um monstro por completo. Nada ali há espaço para redenção.

— Vamos fazer isso logo — resmungo, entredentes.

Maneando a cabeça, dou um passo à frente ao mesmo tempo que os gritos ressoam longe. Não sei o que significa, mas imagino. Eu deveria saber que eles nunca ficariam quietos, enquanto eu tento arrumar a bagunça que fizemos.

Sabendo disso, Jeremiah me puxa, destrava sua arma e aponta para a minha costela, exatamente onde a tatuagem que representa meu amor por Blake está.

Não sinto medo.

Não consigo sentir nada.

Sacrifícios são necessários.

No passado, eu me perguntei se valiam a pena. Eu achava que por ter dinheiro, amigos e uma família que fazia tudo por mim, eu poderia salvar a todos. Mas quando vi minha mãe ser assassinada, quando meu pai a puxou para fora daquele carro e quando Blake foi preso por assumir uma culpa que não era dele, eu entendi que, às vezes, o mundo não vai entender o tamanho dos sacrifícios que precisamos fazer.

Eu não me orgulhei de deixar minha filha. Não fiz isso apenas uma vez.

Nem de machucar Blake.

Ou de decepcionar Rowena e Lynn.

Eu fiz isso porque era a única saída que encontrei naquele momento.

— O que *caralhos* você fez? — Dellacor sibila.

Encaro-o.

— Eu acho que essa é uma pergunta que eu deveria fazer a você. — Uma risada salta dos meus lábios. — Já que estive trancada nessa mansão por dois dias.

— Se eu souber que isso é uma armação sua e daquele garoto de merda, você morre, entendeu? — ameaça, afastando a arma e se vira para os outros dois homens, que ainda nos encaram. — Diego, venha comigo. George, fique com ela e não a deixe sair daqui. Ela vai assinar a porra desse papel, de uma forma ou de outra.

Antes que o coitado possa concordar em ser meu guarda, ele e o outro idiota saem pelo mesmo caminho que viemos. Aproveito para caminhar até a fonte e me sentar no banco, retirando meu salto e rasgando o vestido até o meio das minhas coxas, dando-me estabilidade para conseguir

correr.

— Você não deveria fazer isso — o juíz afirma, mas percebo o tremor em sua voz.

Solto uma gargalhada fria.

— Diga-me, quanto ele está te pagando?

— Cinquenta mil.

— Ótimo — Encaro, com uma sobrancelha erguida, estendo meus brincos e o colar de diamantes que estava usando. — Apenas essas três peças já cobrem o que ele combinou e você ainda sai daqui vivo. A escolha é sua.

Ele hesita.

Mas, seus olhos brilham para as peças em minha mão.

*Ambição sempre foi uma filha da puta mesmo.*

— Tome cuidado, Srta. Beaufort.

Ele se vira, mas percebo o volume em sua cintura.

— Ei, dei-me isso também. — Ergo queixo para a arma em sua cintura.

Ele hesita, mas a retira, me entrega e some pelos corredores do labirinto. E eu apenas me mantenho sentada por um tempo, pensando em como chegarei até o idiota do Dellacor, sem que um dos seguranças me encontre. Escondo a pistola na minha cinta-liga, antes de me levantar e começar a correr pelos corredores, traçando o mesmo caminho da vinda.

Viro algumas curvas, escutando outros gritos e peço a Deus que não tenha ninguém no meu caminho, até que eu possa encontrar Jeremiah e matá-lo. É apenas a única forma de garantir que todos fiquem seguros. É o fim que eu preciso que ele tenha, mesmo que também seja o meu.

Corro, pegando toda a coragem que há em mim.

Eu corro por Eleanor.

Por Blake.

Por Lynn e Rowena.

Pelos meus pais.

Por minha avó.

Pelos meus amigos.

Eu faço isso pensando em tudo o que eles irão ter, sem que ele esteja no caminho.

Todavia, assim que estou prestes a virar mais uma curva, uma mão se fecha em meu braço e me puxa para o outro lado. Percebo que é uma

parte sem saída e fora da rota que estava traçando. Medo toma conta de mim. Tudo se torna desespero.

Não.

Não.

Meus olhos se fecham por instinto e nem mesmo me lembro de lutar contra a pessoa.

— *Hottie*. — A voz rouca me faz respirar aliviada. — Abra os olhos, linda.

Faço o que ele me pede.

E encontro olhos verdes. Olhos que sou apaixonada.

Blake está aqui. Blake veio até mim.

— Você está aqui.

Sua testa tomba na minha.

— Eu sempre vou estar, amor.

Ele se afasta por um momento, encarando-me. Blake não desvia o olhar, nem mesmo pisca, apenas se mantém ali como se estivesse se convencendo de que sou real, da mesma forma que eu também estou fazendo isso.

— Se você está aqui…

— Ela está segura, linda — afirma antes mesmo que eu possa completar. — Eleanor está com a nossa família.

— Você não deveria.

— Eu sempre vou te salvar — Não há brecha para discussão em suas palavras. — Então brigue comigo depois, porque agora eu vou acabar com a porra do Dellacor, por achar que seria sábio me tirar a *minha* mulher.

— Você veio sozinho?

Um sorriso cruza seus lábios.

— Não, linda, eu não vim.

Não é preciso dizer mais nada. As palavras ocultas em sua frase dizem por si só.

Meu pai.

Baron Conway, mais uma vez, vem ao meu resgate.

Ele sempre vem. Mesmo que o mundo acredite que ele morreu, no fim, ele sempre está lá para me segurar, me tirar das minhas confusões. Porque ele sempre foi o meu melhor amigo. Sempre foi aquele que eu recorria quando o mundo se tornava pesado demais para suportar.

— Você não deveria ter vindo.

— Sim, eu deveria — Ele deposita um beijo rápido em meus lábios. — Agora fique quieta para conseguirmos sair daqui, ok?

Sua mão se fecha na minha e me pego apertando-a.

— Há uma saída pela outra lateral — Engulo em seco. — Mas preciso passar pelo centro do labirinto.

— Como você sabe? — Blake indaga, preocupado.

— Minha mãe sempre dizia que havia duas saídas e ela me explicou como chegar até lá. — Olho por cima do meu ombro. — Mas, precisamos ser rápidos. Ele vai voltar a qualquer momento para terminar o que começou, Blake.

De relance, Blake me encara.

Não é preciso mais nada. Eu vejo tudo o que eu preciso.

Vejo a coragem escancarada em suas pupilas. Vejo o amor irradiando dele.

Puxando uma respiração profunda, maneio a cabeça. E começamos a correr.

Eu corro ao seu lado, com um único objetivo.

Não há nada que me faça parar. Blake não fraqueja, ele me puxa para podermos sair dali o mais rápido possível, nós viramos curvas, porém assim que passamos pela parte central onde a fonte está e meus olhos se fixam no banco e diminuo meu passo.

— Aurora? — Blake me chama.

Uma vez, esse lugar foi o porto seguro da minha mãe.

Uma vez, ela se sentou ali e imaginou que tudo era calmaria.

Esse lugar não é mais isso para ela ou para mim. Isso é o nosso inferno. É o nosso pesadelo constante. E agora entendo o porque ela abandonou tudo para viver o seu amor. Minha mãe fez sacrifícios para poder ser feliz. Para que eu pudesse ser.

Ela se mudou de país.

Me ensinou o certo e errado.

Me deu a chance de escolher.

Elena Beaufort morreu me protegendo. E agora percebo que estou indo pelo mesmo caminho.

— Eu estou cansada, Blake — Viro-me para ele. — Não podemos sair daqui e deixá-lo vivo.

— Nós não vamos, linda. — Vejo a determinação em seus olhos.

De repente, um barulho faz meu corpo enrijecer.

Giro meus calcanhares, observando a silhueta de Jeremiah preencher meu campo de visão. O sorriso de escárnio e o olhar frio e calculista estão presentes. Ele nunca escondeu o seu ódio por nós dois. E agora percebo que, desta vez, não é como anos atrás.

— Isso é fofo — Uma voz desprovida de emoção nos faz paralisar. — O príncipe, em seu cavalo branco, vem resgatar a princesa trancafiada. Mas, ao mesmo tempo, é ingênuo. Porque já que seu pai matou meu segurança e me deixou desprotegido, eu preciso dar uma recíproca, não acha, Rora?

— Não ouse chegar perto dela — Blake grunhe, me colocando atrás dele.

— Você invadiu a minha casa, queria roubar a minha noiva *de novo* — Dellacor inclina a cabeça. — E acha que eu aceitaria isso?

É o fim do jogo.

É a última partida.

Mas não sei se tenho mais força para lutar. Não sei mais quanto tempo vou aguentar sustentar esse tabuleiro. Por isso, dou um passo à frente, sentindo a mão de Blake me impedindo e não me importo, meus olhos estão focados no homem que é a razão pela qual eu me destruí todos esses anos.

— Chega! — digo, minha voz ecoa. — Eu não aguento mais. Não aguento mais você me ameaçando por algo que eu não tenho culpa. Não aguento mais você me culpando por algo que não está ao meu alcance. — Meus olhos não desviam dos dele e percebo que estou gritando. — *Eles* te prometeram algo. *Eles* te destruíram. Seus pais, meus avós. Eu fui vítima disso. Eu sofri as consequências. — Dou um passo à frente. — Você quer tudo? *É seu.* Você quer a minha ruína? Você já conseguiu anos atrás.

— Aurora — Blake rosna atrás de mim.

— Você me machucou. Me fez ter medo. Me fez abandonar a coisa que eu mais amava em toda a minha vida e se acha que essas cicatrizes é a pior coisa que te aconteceu, é porque não conhece os danos que *você* me causou. — Nem mesmo há lágrimas.

Ele me encara por alguns segundos e sorri.

Dellacor sorri como nunca antes.

Seu sorriso é vitorioso. Cruel.

— Esse é o ponto, querida. Eu te avisei na primeira vez que nos vimos. Eu lhe disse que não me importava em te machucar para conseguir o

que é meu. — Percebo uma movimentação atrás de mim. — Eu lhe disse que tiraria o sofrimento de Olivia, que poderia fazer um acidente acontecer, mas meu alvo foi errado e Elena acabou morrendo. ,

— Você é um monstro.

Minha mão tateia a lateral do meu corpo, enquanto ele não presta atenção.

Seu foco se move para Blake que dá um passo à frente e se coloca ao meu lado, pronto para me puxar para trás e me proteger.

— Eu nunca escondi isso — Ele finalmente responde. — E o meu único erro, Aurora, foi não ter acabado com você quando tive a chance.

Ouço passos, pessoas dizendo algo e escuto a voz do meu pai.

Meu coração dói.

— Rora, dê um passo para trás — Blake ordena.

Mas eu não posso.

Não posso deixá-lo sair daqui.

Não posso permitir que ele prejudique mais pessoas, porque a minha família foi ambiciosa demais. Não posso permitir que mais pessoas sofram com todo o sofrimento que a minha herança causa.

Quando percebo, estou com a arma destravada e erguida para o peito de Jeremiah.

Ele continua sorrindo apontando a sua para mim.

Ele sabe o que irá acontecer.

— Tão patética, Aurora — debocha. — Você deveria mirar corretamente dessa vez, querida.

É como se outra vez estivéssemos no topo daquela colina.

— *Aurora, não!* — Blake grita.

Mas é tarde demais.

Jeremiah aperta o gatilho no mesmo instante que eu.

É o fim.

Mais uma vez, eu posso ver isso na minha frente.

Eu encerro tudo. O acordo que meus avós fizeram. A vingança que prometeram. A morte da minha mãe. O meu sofrimento.

O barulho ecoa e fecho meus olhos segundos antes da bala acertar o corpo de Jeremiah Dellacor. Desta vez, não é no ombro, é diretamente no meio do seu peito, bem no seu coração. Ele dá um passo para trás, seus olhos fixos nos meus.

É realmente o fim.

Eu consegui.

Ele já não é mais meu pesadelo.

Ele não pode mais me machucar.

Não percebo que Blake me empurrou para o lado. Não percebo que estou caindo e nem que há gritos ao meu redor. O vestido branco, de repente, se torna pesado. Sinto um líquido descer pela minha barriga. Sinto tudo e, ao mesmo tempo, não sinto nada.

— Aurora? — Uma voz distante me chama. — Olhe para mim, linda.

Minhas mãos tremem, mas um sorriso nasce em meus lábios.

— Nós conseguimos — murmuro. — Ele não pode mais nos machucar, Blake.

Percebo lágrimas preencherem seus olhos.

Percebo que estou deitada em seu colo.

Percebo tudo e então, uma vontade de fechar os olhos toma conta de mim.

Eu posso dormir por um instante.

Eu posso descansar agora.

Eles estão seguros.

Minhas pálpebras começam a se fechar lentamente.

— Não ouse fechar esses olhos, *hottie* — Desespero está presente em sua voz. — Mantenha-os aberto. Continue olhando para mim, Aurora.

Medo.

Percebo o medo em sua voz.

— Está tudo bem, amor — sussurro. — Tudo vai ficar bem.

— Não ouse me abandonar, Aurora. — implora. — Não feche os olhos. Eu preciso de você. Todos nós precisamos. Então, por favor, fique comigo, amor.

Mas eu não posso.

Eu não consigo mais ser forte.

— Você é um idiota, sabia? — me pego sorrindo. — *Meu idiota*.

— Eu sempre vou ser.

— Eu amo você, Blake — digo. — E meu único erro foi não ter te dito isso há anos, quando voltei. Meu coração sempre foi seu. Cada parte dele.

Então, meus olhos se fecham.

A escuridão é acolhedora.

O mundo é tranquilo e eu já não tenho mais medo.
Eu apenas me sinto livre.

# 42

# VOCÊ CONSEGUIU?

*Se eu dissesse que poderíamos nos banhar em todas as luzes*
*Você se levantaria, viria e me encontraria no céu?*
*Você confiaria em mim enquanto estivesse pulando das alturas?*
*Você cairia em nome do amor?*
**In The Name of Love | Martin Garrix feat. Bebe Rexha**

## BLAKE MCLAUGHLIN

Sangue.

É isso que mancha minhas mãos, minha roupa e faz tudo dentro de mim entrar em pânico. Do outro lado do labirinto, Jeremiah está caído, seu peito subindo e descendo com rapidez, buscando por ar. O filho da puta se recusa a morrer, mas desta vez eu não vou deixá-lo sair impune.

Não vou deixá-lo viver, sabendo que ele é o motivo pelo qual a mulher que eu amo está entre a vida e a morte, nos meus braços. De repente, Baron cruza uma das curvas e observa Aurora deitada em meu colo.

Seu medo é evidente e percebo que nem mesmo olha para Dellacor jogado no chão, o seu foco é apenas a sua filha. E pela primeira vez, vejo Baron Conway se ajoelhar com lágrimas nos olhos e encarar Aurora com todo o amor que há no universo.

Ela sempre foi a princesa dele.

Ele sempre a protegeu do mundo.

Mesmo que algumas coisas estivessem fora do seu alcance, ele fez o possível para mantê-la protegida.

— Passarinho — murmura. — Olhe para o papai, passarinho.

Ela não o faz.

Aurora apenas fica parada no meu colo, com os olhos fechados.

Uma lágrima desce pela minha bochecha.

— Baron — chamo.

— Não diga nada — grunhe. — Apenas me ajude a manter a minha filha viva. Eu não posso perdê-la. Não posso perder mais ninguém.

Engulo em seco.

— Baron, nós temos que levá-la ao hospital — devolvo no mesmo tom. — Eu não posso cogitar a ideia de perdê-la tanto quanto você. Então, deixe para perder o controle quando ela estiver a salvo, porque agora você vai levar a minha mulher para a porra de um hospital.

Ele me encara por um momento, vendo que não estou brincando. Então, antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele se move rápido, pegando-a no colo. Os braços de Aurora caem para o lado ao passo que ele caminha com ela pelos corredores.

Meu coração se aperta ao deixá-lo ir sozinho.

Eu deveria estar com ela.

Deveria segurar a sua mão.

Implorar para salvá-la.

Mas, há algo que preciso fazer antes. Algo que eu deveria ter feito na primeira vez.

Algo que sempre me imaginei fazendo, desde que eu soube que ele ainda estava vivo e ameaçava a mulher que eu amo.

Ela precisou abdicar de muitas coisas.

Sacrificar outras.

Ele quase a destruiu e por sua culpa, agora ela está entre a vida e a morte.

Limpando uma lágrima que escorre pelo meu rosto, eu pego a arma que caiu das mãos de Aurora, me ergo e caminho até o filho da puta que está caído. Sangue escorre do lugar onde ela acertou a bala, mas a sua respiração, mesmo que rasa, ainda é evidente. Ainda há vida em Jeremiah Dellacor, mas por pouco tempo.

Me abaixo ao seu lado, encarando todas as cicatrizes que fui responsável.

Meus olhos são frios. Não há benevolência.

Ele a machucou. Ele a tocou. E ninguém toca na minha mulher e sai impune.

— Eu te avisei — Estalo a língua no céu da boca. — Eu te avisei para nunca chegar perto dela. Eu te avisei que ela era minha. — Seus olhos,

quase sem vida, se fixam nos meus. — E agora, eu quero que você olhe nos meus olhos, porque o meu rosto é a última coisa que você vai presenciar.

Ele não se move.

Não responde.

Eu sorrio, levanto a arma e atiro em sua cabeça.

*Fim*.

O barulho ecoa me dando essa sensação.

Fim de um pesadelo. Fim do que mantinha Aurora presa ao nosso passado. E não me importo com as consequências disso. Não há mais como ele se vingar. Não há mais como nos afetar, porque a sua morte finaliza esse ciclo.

Me levanto, deixando-o para trás e sigo pelos corredores até que avisto a saída. Assim que estou fora do labirinto, pego meu isqueiro e coloco fogo nas folhas que o compõe, sabendo que estão encharcadas de um produto inflamável que Baron mandou jogar.

Eu observo as chamas se arrastarem pelo labirinto.

Observo ela queimar o lugar que sempre ficará marcado em minha memória.

O lugar que perdi mais do que estava disposto a dar.

Me virando, abandono o local  em chamas e deixo a única prova que possa existir nele, queimando. Eu apago Jeremiah Dellacor da vida de todos. Ninguém falará ou se lembrará dele. É apenas um resquício em nossa memória.

Percebo os seguranças de Baron limpando o resto da sujeira espalhada pelo local e saio da propriedade, indo até o carro esportivo estacionado, ligando o GPS e acelero pelas ruas de Londres, até o hospital mais próximo.

Eu não me importo com semáforos, multas ou qualquer outra coisa.

Eu apenas preciso chegar até ela.

Preciso saber que Aurora está bem. Está viva.

Assim que estaciono em frente a um enorme prédio, o medo de estar no lugar errado me consome. Porém, quando atravesso as portas duplas e o rosto de Baron entra em meu campo de visão, eu finalmente me permito respirar. As pessoas olham para a minha roupa ensanguentada e apenas as ignoro, ao passo que vou até ele que está andando de um lado para o outro.

— Onde ela está? — pergunto.

— Em cirurgia. — Ele engole em seco. — É grave, Blake.

— A propriedade…

Não consigo completar a frase. Não consigo pensar. Minha mente só consegue focar na mulher que eu amo correndo risco de vida.

— Eu sei. — Ele maneia a cabeça, mas seus olhos continuam no corredor onde há as salas de cirurgia. — E entendo o que quer dizer. Mas, não se preocupe, eu irei cuidar dos corpos. Da bagunça que deixamos e de todos os rastros. Apenas se preocupe com a minha filha.

Assinto e me aproximo da parede mais próxima e caio lentamente no piso impecável do hospital, me permitindo sentir. Lágrimas escorrem pelo meu rosto de uma maneira irrefreável.

*Eu.*

*Preciso.*

*Dela.*

Preciso dos seus sorrisos, das suas provocações. *Dela*.

Apenas isso.

Eu não posso perdê-la.

Puxo o meu telefone do bolso, me questionando como ele ainda se manteve intacto e disco o primeiro número que encontro. É o número da única pessoa que eu preciso no momento. Da pessoa que prometeu ser a minha metade. Que prometeu nunca me abandonar.

— *Blake?* — ela indaga, preocupada. — *Você está bem?*

Não respondo.

Não consigo dizer a ela que a sua melhor amiga está em uma cirurgia.

Não consigo acreditar nisso, porque falar em voz alta é aceitar.

Aceitar que posso perdê-la. Aceitar que, talvez, eu nunca mais a veja. E isso me dói. Isso me destrói.

— Eu preciso de você, Wena.

— *Rora. Onde está Rora, Blake?* — Medo escorre de suas palavras.

Mordo meu lábio, encostando a cabeça na parede e fechando meus olhos.

Lágrimas ainda descem pelo meu rosto e não me importo.

Nada mais importa.

— Ela está em uma cirurgia, Wena.

Silêncio.

É isso que recebo.

Nem mesmo ouço sua respiração.

— *Nós estamos chegando, Blake* — finalmente sussurra. — *Nós estamos indo até vocês.*

E eu acredito.

Eu sei que nunca abandonaremos um ao outro.

Eu sei que a minha família sempre virá quando chamada.

Porque mesmo que sejamos completamente opostos, nós faríamos qualquer coisa um pelo outro.



Eles precisaram deixar Aurora sedada por algumas horas.

O tiro atingiu o seu abdômen. Não prestei atenção na explicação do médico. Apenas sei que meus olhos se deslocam para o relógio a cada cinco minutos e o medo, cada vez que alguém ultrapassa aquelas portas, faz com que tudo dentro de mim se torne desespero.

Baron apenas se sentou na cadeira e também se acomodou. Nós não saímos um do lado do outro. Nós nos seguramos porque essa era a única forma de conseguir suportar a espera.

Não tinha como fazer mais nada.

Nem mesmo obrigar as enfermeiras a nos dar informações.

Nós apenas esperamos.

Esperamos por horas.

— Blake? — A voz de Rowena me faz erguer o rosto.

Olho para o relógio. Mais de dez horas.

Ela está lá dentro há mais de dez horas.

— Vocês vieram rápido — sussurro.

Não tenho força para dizer algo além disso.

— Connor deu o seu jeito — Ela me dá um meio sorriso. — Por que você não vai até o hotel onde estamos e toma um banho?

Encaro-a e a vejo se ajoelhar na minha frente e Lynn se senta ao meu lado. Percebo os olhos dela encherem de lágrimas e Altman nunca chora. Ela é conhecida como coração de pedra exatamente por isso, e saber que a situação de Rora a faz demonstrar mais sentimentos do que estou acostumado, me quebra.

— Não posso sair do lado dela, Wena.

Ela morde o lábio inferior.

— Eu e Lynn estamos aqui, Blake — Sua mão aperta a minha. — Você pode ir descansar, nós vamos cuidar dela. Nós *sempre* vamos cuidar de Rora, Blake.

— Ela vai precisar de mim.

— E você precisa estar bem quando esse momento chegar — Lynn fala baixinho.

Sabendo que é impossível discutir com elas, eu me levanto e sigo até a saída onde Maverick está encostado, no carro que Baron havia me fornecido assim que cheguei em Londres. Ele nem mesmo diz algo, apenas estende a mão e eu entrego a chave, com nenhuma força para dirigir.

Não presto atenção no caminho.

Não digo nada.

Nem mesmo tenho força para o provocar.

Meu pensamento é apenas de Aurora.

— Eu te achava um idiota — Foster conta.

Não me movo.

— Entre na fila.

Percebo o que ele está fazendo e não me importo.

Não consigo me importar com nada.

— Mas, então, eu entendi que você não queria Rowena longe de mim, porque eu era seu rival, mas, sim, porque ela já tinha tido decepções demais — ele afirma. — Seu pai a fez se sentir insuficiente e você era a única pessoa que a protegia, além das meninas. E o pensamento de que alguém pudesse a machucar, te fazia tomar atitudes que poderiam ser julgadas como egoístas.

Meu foco ainda é a paisagem fora do automóvel.

Não consigo ter essa conversa agora. Não consigo dizer nada.

Tudo em mim ronda apenas que, talvez, eu possa perdê-la. Que eu nunca mais poderei tocá-la, amá-la. O pensamento me causa calafrios e assim que ele estaciona no hotel, eu me pego indo até o quarto e me sentando debaixo do chuveiro, vendo o sangue dela escorrer das minhas roupas.

Meus olhos se fecham e lembranças dos nossos momentos tomam conta de mim. Eu penso em como ela sempre foi o meu sonho. O meu relicário. Em como ela sorriu para mim. Como me beijou e contou seus segredos.

Aurora sempre foi destinada a ser minha.

Ela é a minha alma gêmea.

O amor da minha vida e eu me recuso perdê-la.

Sabendo disso, eu me levanto, tiro a roupa do meu corpo e limpo todos os resquícios do que aconteceu para, então, me trocar com a roupa que achei em cima da cama. Assim que saio do quarto novamente, a presença de outra pessoa que eu amo toma conta do meu campo de visão.

No final do corredor, dando a mão a Connor está Eleanor.

Ela o solta e corre desajeitadamente em minha direção.

Não perco tempo, me abaixando segundos antes de seu corpo chocar com o meu, e ela rodear os braços em meu pescoço, me abraçando forte. Seu cheiro me acalma e a respiração me alivia.

Eleanor está bem. Está segura.

— Você conseguiu? — ela sussurra.

Um bolo se forma em minha garganta.

— Consegui, princesa.

Ela me aperta mais.

Não posso dizer a ela.

Não posso contar o que está acontecendo.

— Eu te falei — Ela se afasta, segurando meu rosto. — Você é o meu super-herói, papai.

— Eu te amo, Ellie.

É a única coisa que consigo responder a ela.

É a única verdade que importa.

Porque eu quero que ela saiba que eu a amo.

— Blake? — Connor me chama. Ergo meu rosto. — Rora acordou.

# 43

# NÓS ESTAMOS EM CASA

*Eu tenho corrido pela selva*
*Eu tenho corrido com os lobos*
*Para chegar até você, chegar até você*
*Eu estive nas ruas mais sombrias*
*Eu vi o lado escuro da lua*
*Para chegar até você, chegar até você*
**Wolves | Selena Gomez feat. Marshmello**

## AURORA CONWAY

Eu me questionei durante cinco minutos se estava morta.

Tentei passar todos os eventos na minha mente.

Acordo. Dellacor. Blake. Tiro.

Depois disso, minha mente é uma lacuna.

Não consigo me lembrar de mais nada.

Porém, o que me indicou que eu não estava morta foi a voz de Rowena e Lynn.

— Ela odeia coisas açucaradas — Lynn afirma, baixinho.

— Ela precisa de vida.

— Sim, Rowena, ela acabou de levar um tiro e comer uma bomba açucarada vai ajudar — Lynn retruca,

Seguro uma risada.

— Irei dar a minha sobrinha.

Abro meus olhos.

— Não ouse dar isso para a minha filha — ameaço, rouca.

Rápido demais, elas estão ao meu lado. Os olhos delas me averiguam e uma lágrima desce pelo rosto de Rowena, fazendo-me erguer

uma sobrancelha e me ajeitar na cama.

— Você acordou — Lynn respira aliviada.

— Eu acho que sim. — Umedeço meus lábios e Rowie percebe, me entregando um copo de água. — O que eu perdi?

Rowena puxa uma cadeira, sentando-se ao lado da minha cama e Lynn se senta na beirada dela.

— Nós ficamos com tanto medo — Rowie sussurra. — Quando Blake me ligou, Rora… eu achei que tivéssemos te perdido.

Engulo em seco, levando a minha mão até a sua.

— Eu estou aqui, Rowie. — Sorrio. — Eu sempre vou estar.

— Mas você não estava — Lynn murmura. — Você não estava e eu não sabia como reagir, porque o mero pensamento de te perder me assustava. Não há Lynn e Rowena sem Aurora. — Ela suspira. — Não há família sem nós três, Rora.

— Vocês voaram até aqui — sussurro.

— Nós voaríamos para qualquer lugar que você estivesse, Rora — Rowena aperta a minha mão. — Nós não somos apenas amigas que compartilham um apartamento. Nós somos irmãs, somos família. E se você precisa da gente, nós largamos tudo e vamos. Então não ouse fazer mais nada sem a gente.

Elas se levantam e me abraçam de leve.

O abraço tem gosto de lar.

É o meu porto seguro.

O lugar que eu posso sempre voltar.

Porque, naquele dia, naquele internato, elas se tornaram isso para mim. Meu lar.

Três herdeiras que não tinham lugar no mundo, se encontram em um quarto e construíram uma relação que nem mesmo o tempo pode destruir.

— Quando Rora melhorar, nós podemos comprar um vinho? — Rowena pergunta de repente.

— *Não* — respondemos em uníssono.

— Por que não? — Rowena abre a boca perplexa. — Nós precisamos comemorar.

— Que eu não morri? — Ergo uma sobrancelha.

— Que você finalmente aceitou que ama meu irmão — Ela sorri. — Nós passamos todos esses anos esperando esse momento. Nós merecemos essa comemoração.

Solto um sorriso.

Não é preciso mais negar. Não é necessário mais fingir que não nos pertencemos.

Porque Blake McLaughlin intoxicou cada parte do meu coração com o seu amor e eu não me vejo mais sem. Eu não desejo mais o antídoto.

E como se soubesse disso, a porta do quarto é aberta e ele entra a passos lentos, colocando as mãos no bolso frontal e me encarando. A sua expressão me mostra que ele não descansou desde que tudo aconteceu e isso me preocupa.

Lynn e Rowena — como se soubesse que precisamos de um momento —, se levantam e sorriem para mim antes de caminharem até a porta. Antes de sair, Rowie, fica na ponta dos pés e sussurra algo a Blake, que revira os olhos e deixa a irmã sair do quarto.

Assim que somos apenas nós, o silêncio se instala sobre nós dois.

Observo como ele se move com medo pelo quarto. Blake parece ter receio de piscar e tudo isso sumir. *Eu* sumir. E mesmo que eu odeie, eu entendo esse medo. Entendo porque senti isso quando Dellacor apontou a arma para ele, anos atrás, e achei que não conseguiria salvá-lo. Sentia isso todas as vezes que fechava os olhos e sabia que ele estava por aí, esperando o momento para conseguir se vingar.

— Você deveria descansar.

Ele me salvou.

Ele me empurrou para o lado, mesmo que não desse tempo.

Blake caiu em meu mundo quando éramos apenas adolescentes e se findou em meu coração. Ele não pediu licença, não chegou de mansinho. *Não*. Ele chegou e mudou tudo. McLaughlin me fez sentir viva, quando nada mais fazia. Ele entrou em um relacionamento fadado ao fracasso e não aceitou o fim, porque sabia que estávamos destinados um ao outro, apesar de qualquer coisa que ousasse entrar em nosso caminho.

Ele sorriu para mim, quando ninguém mais o fazia.

Me desenhou, me apreciou e me fez sentir amada.

Blake invadiu meu quarto. Me deu um presente que eu jamais poderia imaginar.

Me deu a nossa filha.

Ele deu cores a minha vida.

Cores que eu não sabia que precisava

Ele se tornou o homem que anseio e sonho.

É quem detém meu coração, mesmo que um dia eu tenha acreditado que era impossível. Porque pessoas como eu nunca recebiam um final feliz. Elas apenas viam os outros vivendo um.

— Sente-se comigo — peço, chegando para o lado.

— Não é uma boa ideia — ele sussurra.

— Anda logo, Blake.

Passando a mão pelos cabelos, ele vem em minha direção e se senta, fazendo o possível para não me tocar, como se tivesse medo de machucar. Blake se ajeita ao meu lado e inclina o corpo, fazendo com que seu rosto paire sobre o meu.

Seus olhos me encaram.

São os mesmos olhos que me observaram naquele aeroporto.

Os mesmo que brilharam em todas as vezes que corremos pelo internato.

O mesmo olhar que sempre amei.

— Você é linda — ele sussurra.

— Acho que você me deve algo.

— E o que seria? — Ele ergue uma sobrancelha.

— Um desenho. — Sorrio.

Ele sorri.

É lindo. Perfeito.

Meu coração se acelera e nós dois olhamos para o monitor.

É irônico dizer que sempre acreditamos que éramos errados, quando, na verdade, nossos caminhos sempre se entrelaçam. Sempre volta a arder de uma forma intensa.

Blake foi meu relicário.

Ele foi meu sonho.

Agora, ele é a minha lembrança.

— Eu nunca parei de te desenhar, linda — Seu polegar acaricia minha bochecha. — Todos os dias. Todos os momentos, você sempre esteve em meu peito. Sempre esteve em meu pensamento. — Ele se abaixa e deixa um beijo na minha testa. — Você sempre vai ser o motivo dos meus desenhos, Aurora.

Mordo um sorriso.

Nossos olhos se encontram e tudo parece uma eternidade.

Não há mais nada.

Não temos mais uma guerra para desbravar. Não temos mais um

passado entre nós. Nem segredos que irão nos machucar.

Somos novamente Blake e Aurora.

Somos duas pessoas que queriam se amar e não podiam.

Somos nossos momentos roubados.

Ele é o capitão aclamado da NYU.

Eu sou a princesa da mídia.

Mas nesse instante, isso não importa.

— Eu te amo. Acho que já deixei isso claro, mas preciso repetir — sussurro. — Eu amo como você sorri. Amo como você me olha, mesmo quando acha que não percebo. Amo todas as vezes que você corre comigo, apenas porque sabe que eu preciso disso e depois, garante que eu volte segura para casa. Eu amo quando você me olha durante os seus jogos, porque eu sei que a cada novo *set*, você está o dedicando para mim. Eu amo te observar desenhando, porque é quando você se permite relaxar. — Sorrio para ele. — Eu amo que você é corajoso, gentil e atencioso. Eu amo o pai amoroso e protetor que está se revelando. Eu amo tudo o que te compõe, McLaughlin. Porque todas as suas partes são fascinantes.

Sua testa se encosta na minha.

O mundo para de girar.

É o fim do caos.

É o início da calmaria.

É Conway e McLaughlin finalmente juntos.

— Eu amo você com todos os pedaços do meu coração, Aurora Louise Conway.



Eu tive alta uma semana depois.

E só pude voltar a Nova Iorque após um mês.

Agora, observando a minha cidade pela janela do carro, respiro aliviada.

Eu sempre imaginei que quando eu tivesse a chance de sair daqui, me sentiria aliviada. Mas, estava enganada. Não há outro lugar no universo que eu queira estar.

Nova Iorque é a nossa casa.

É onde tivemos nossas melhores experiências.

Onde Lynn e Connor se apaixonaram.

Onde Rowena e Maverick lutaram para ficarem juntos.

Onde a minha história e de Blake começou.

Essa cidade é a nossa casa. É onde nossa família sempre vai estar.

E enquanto observo Eleanor dormir na cadeirinha ao meu lado, sei que aqui também será o seu lugar seguro. Será onde ela terá todas as suas experiências e onde sua família estará para quando precisar.

Meus olhos se fixam no edifício à minha frente quando estacionamos.

Nós escolhemos esse lugar porque era seguro.

Porque podíamos voltar para ele quando o mundo caísse em nossas costas. Esse lugar escutou nossas brigas, nossas risadas e todas as vezes que Rowena comprava um novo vinho e ficávamos bêbadas.

Ele presenciou os nossos corações quebrados. As nossas péssimas experiências.

Saio do automóvel, observando Blake pegar Eleanor, ainda pensando sobre tudo que aconteceu até aqui. Um pouco a frente Connor, Lynn, Maverick e Rowena saem de outro carro. E nós paramos em frente ao prédio.

— Nós chegamos — Lynn sussurra.

— Nós conseguimos. — Rowena murmura nos dando a mão.

— Nós estamos em casa — afirmo.

Eu encaro minhas melhores amigas.

Nós estamos em casa.

Não é o fim, é apenas o começo de tudo.



INABALÁVEL

*Se eu estivesse morrendo de joelhos*
*Você seria o único para me salvar*
*E se você estivesse afogado no mar*
*Eu lhe daria meus pulmões*
*para que você pudesse respirar*
**Brother | Kodaline**

# AURORA CONWAY

Há um último jogo no semestre.

O jogo em que todos nós ficamos sabendo quem será a universidade que levará a taça.

E exatamente por isso, todas nós estamos agora na arquibancada da NYU, vendo o nosso time destruir a UCLA, sem nenhuma piedade.

Maverick e Blake sorriem um para o outro. Eles são uma dupla na quadra. E quando Connor desfila pelo local com um sorriso no rosto, eu sei que os três irão esmigalhar o time adversário.

— Mamãe?

A voz de Eleanor me faz sorrir.

— Sim, meu amor.

— Papai vai fazer o gesto?

Encaro-a, seus olhos brilham.

— Ele vai.

E como se soubesse, Blake se vira para onde estamos e sorri.

É o sorriso que me apaixono mais a cada dia.

É o que faz meu coração acelerar.

Ele dá um passo à frente, para na sua parte da quadra e leva o dedo

anelar até a altura do seu peito, onde a tatuagem está.

A nossa Aurora Boreal.

A nossa lembrança preferida.

O meu acalento.

Sem nem mesmo hesitar, a minha mão encosta na minha costela. Onde há a tatuagem do seu signo. A tatuagem que apenas nós dois sabemos da existência.

Não é necessário de mais nada.

Blake e eu somos constantes.

Somos complementares.

E apenas isso basta. Minha atenção se volta para Eleanor que sorri para o pai.

Ele devolve o sorriso e volta a prestar atenção no jogo.

— Eu te amo — sussurro para minha filha. — Eu sempre vou te amar.

Ela se deita em meu ombro, mas percebo que ainda me encara.

Seus olhos brilham.

E nunca conseguirei descrever a sensação que é sempre que ela me encara. É como se eu fosse a sua pessoa favorita em todo universo. Eleanor me ama como sempre quis que amasse.

E isso basta.

Tudo o que passamos para ter isso, basta.

— Ei, me dê a minha sobrinha — Rowena diz, pegando-a. — Ela está com saudades.

Lynn revira os olhos do meu lado e solto uma risada.

— Ela ainda me ama mais — Altman provoca.

— Eu sou a tia dela.

— E eu tenho o Taz — O sorriso de Lynn aumenta, sabendo que não há argumento melhor que esse. — E ela prefere o Taz, a vocês.

— Meu Deus! — exclamo. — Isso não é uma competição.

As duas me encaram.

— *É sim!* — gritam em uníssono.

Meu olhar recai em Eleanor, que gargalha pela situação, sabendo que sempre será um motivo de disputa entre nós.

Eu sei que ela ama as duas da mesma forma.

Porque no fim, todas nós sabemos que a pessoa favorita de Eleanor sempre será Blake.

Não há nada que mude isso.

E tenho medo de quando ela for adolescente, porque Eleanor Conway-McLaughlin possui três homens que queimariam o mundo por ela.



Nós subimos até o último andar do *Empire State Building*.

Eleanor descansa a cabeça no ombro de Blake, que sorri para qualquer coisa que ela fala. Eles são um elo que jamais poderá ser quebrado. Finalmente podemos tê-la ao nosso lado sem nada para atrapalhar.

Somos nós três agora.

Eu. Ele. A nossa filha.

O sorriso em meu rosto indica tudo o que ele precisa saber.

Não é preciso de muito. Ele sabe disso.

Esse é o nosso lugar favorito.

É o nosso lugar seguro.

E sempre que lembro que o compartilhamos, tudo em mim se agita.

Blake me esperou aqui. Ele me fez ver as estrelas. Ele escutou meu silêncio. No fim, ele sempre esteve aqui para mim, mesmo que dissesse que jamais estaria. Ele subornou o segurança por três anos, me levou para assistir a uma exposição, porque sabia que eu amava desenhos animados. Blake me mostrou a Aurora Boreal, porque sabia a importância disso na minha vida.

Ele sempre esteve aqui por mim.

Todos os momentos.

Naqueles que eu não precisava e naqueles que eu clamava por alguém.

Ele me ouviu.

Me amou.

Me esperou.

— Papai? — ela sussurra, apertando seu coelho.

Nós dois olhamos para Eleanor.

— Sim, princesa.

— Você sabia que eu amo estrelas? — Ela olha para ele e depois para mim. — Eu amo as *estrelinhas*.

Nós dois sorrimos para ela.

— E você sabia que você é a nossa constelação de Antares, meu amor?

Sussurro o mesmo que minha mãe me disse quando ela nasceu.

— O que é isso, mamãe?

Viro-me totalmente para ela. Meu rosto se ergue, encarando Blake antes de responder a nossa filha.

— Que você é a estrela mais brilhante da nossa vida.

Os olhos de Eleanor brilham.

Nada mais importa.

Ela está feliz. Nós estamos.

— Por que estamos aqui? — sussurro para Blake.

Ele me puxa para si.

— Porque eu queria fazer algo.

— Fazer algo?

Umedeço meus lábios.

— Sim.

— E o que seria, Blake?

Um sorriso toma conta do seu rosto.

— Acho que eu nunca te perguntei se você queria ser minha.

— Você tinha a intenção de perguntar? — zombo.

— Não. — Dá de ombros. — Eu gosto da ideia de você saber.

— Saber do quê?

— Que você, Aurora Louise Conway, é minha para sempre. — Ele ajeita Ellie em seu colo e com a mão livre, coloca uma mecha do meu cabelo atrás do lóbulo da minha orelha. — E não há nada, em absoluto, que faça isso mudar. Nós somos para sempre, linda.

Sorrio.

Nós somos para sempre.

Nós começamos a criar isso quando sorrimos um para o outro.

Nós cultivamos nosso amor a cada olhar, a cada toque.

Eu amo Blake McLaughlin desde a primeira vez que o vi.

Eu me tornei obcecada por ele, da mesma forma que ele se tornou por mim.

Nada poderia mudar isso. Nem tudo pelo que tivemos que passar.

Eu e ele não somos efêmeros. *Nós somos perpétuos.*

Nós nos pertencemos.

Uma vez, eu disse que amores fáceis não fazem história.

E estava certa. Nosso amor não foi fácil, mas ele é memorável.

Nós pegamos todos os desafios e transformamos em algo que jamais poderá ser quebrado.

E meu sentimento e o de Blake, é como um eclipse.

Ele não deveria ter acontecido, mas, por obra do destino, acaso ou até mesmo por conta de eventos cósmicos, houve um *nós*.

Existiu um sentimento que jamais poderá ser quebrado.

É um amor que se perpetuará para sempre.

— Linda?

Ergo meu rosto, encarando-o.

Sou recebido pela vastidão de um universo pintado do nosso tom favorito.

Ali, entre o esverdeado de suas pupilas, eu me encontro.

Eu faço morada.

— Sim?

— Você me disse uma vez, que a tatuagem em meu pulso não é a que me representa, mas sim, a do meu pescoço.

— Eu ainda acho isso.

Ele me dá um novo sorriso.

— Eu não a fiz porque me representa, mas sim porque ela representa o que eu sinto por você e agora por Eleanor, Aurora.

Inclino a minha cabeça e meu rosto é tomado por emoção quando entendo. Porém, eu preciso ouvi-lo dizer.

— E o que ela representa, Blake?

Ele deixa um beijo em meus lábios e encara a nossa menina.

— Que o meu amor por vocês, *hottie*, é inabalável.

Nós sorrimos.

É isso.

Nós somos isso.

Blake, Aurora e Eleanor.

O Capitão e a princesa da mídia.

Inimigos. Amantes. Pertencentes.

Nós três somos *inabaláveis*.

FIM.

# EPÍLOGO | PARA SEMPRE

*Eu encontrei uma mulher, mais forte*
*que qualquer pessoa que conheço*
*Ela compartilha dos meus sonhos,*
*eu espero que um dia eu compartilhe seu lar*
*Eu encontrei um amor para carregar*
*mais do que apenas meus segredos*
*Para carregar amor, para carregar nossos filhos*
**Perfect | Ed Sheeran**

**AURORA CONWAY**

**ALGUNS ANOS DEPOIS**

Preciso parar para inspirar por alguns segundos quando alcanço o fim da escada.

Um chute forte e certeiro me atinge, extinguindo o ar dos meus pulmões.

Solto o ar devagar, controlando a respiração.

Eleanor não me deu trabalho na gravidez.

Landon me deu um trabalho mínimo.

Madson, porém, faz questão de me lembrar da sua presença a cada minuto. Quando não chuta, aperta a minha bexiga, empurra tudo o que vê pela frente e não me deixa dormir. Achei que a barriga protuberante seria um lembrete suficiente da sua presença, mas ela não pensa o mesmo que eu e os únicos momentos em que consegue se manter quieta, é quando seu pai, seu avô ou irmãos estão por perto.

Meu pai sempre vem mimá-los. Não me surpreendo com isso. Mesmo que ele, às vezes, abdique do seu trabalho na *McLaughlin&Conway* para passar mais tempo com eles.

— Precisa de ajuda, mamãe? — minha garota surge ao meu lado, vestindo seu uniforme do colégio. — Madson está bem?

Encaro Eleanor, esquecendo da pontada na barriga.

Em alguns meses, ela completará onze anos. Não é mais um bebê, no entanto, às vezes, me pego desejando que fosse. Me pego pensando no quão memorável seriam os seus primeiros anos, se tivesse estado com a nossa família. Em como seria ter ela por perto quando tudo ruiu para todos nós. Ela seria o nosso alicerce.

Porque é isso que Eleanor representa, não apenas para mim, seu pai e seus irmãos. Um alicerce. Ela é a força. É a nossa razão. Ela chegou e mudou tudo. Não apenas a mim e Blake. Eleanor completou nossa família. Para nos ensinar sobre a vida e o universo.

É quase como se ela fosse um anjo.

Não é à toa que é a mais mimada por todos e Conrad, o filho que Lynn e Connor adotaram, se tornou seu melhor amigo, apesar de ser um ano mais velho. Os dois implicam *o tempo inteiro*, mas ele a protege e a encoberta em toda oportunidade. Preciso admitir que é uma junção meio catastrófica.

E que, vez ou outra, chega a dar um pouco de dor de cabeça.

Não gosto de imaginar esses dois adolescentes, aprontando pelas nossas costas e encobrindo um ao outro. Conrad é pacifico, quieto, o completo oposto de Connor, que vive loucamente. No entanto, Eleanor é um furacão e consegue tirar até mesmo ele do sério, quando quer. São quase uma cópia de Connor e Blake.

No fim das contas, Eleanor consegue tudo.

Ela é uma princesa intocável para o meu marido, Davenport e Foster.

Às vezes, tento não pensar tanto no tempo que perdi a escondendo.

Eu fiz o necessário, sei disso.

E espero que tenhamos conseguido recuperar o tempo que perdemos com ela. E ainda que não fosse o suficiente, daríamos um jeito. Seríamos capazes de fazer o tempo parar para que ela se sentisse em casa. Segura.

Também espero que ela nunca se sinta menos amada por ter passado seus primeiros anos longe.

— Sua irmã está um pouco rabugenta hoje — respondo-a, e logo sinto outra pontada, como se a pestinha estivesse reclamando comigo. — Vamos comer — seguro-me no corrimão, mas ela apoia minha mão em seu ombro e seus olhos atentos, como os do pai, se estreitam em minha direção, como se estranhasse algo. — Onde está o seu irmão?

— Sentindo saudades de mim? — A voz do pequeno surge no topo da escada, antes que comece a descer os degraus de dois em dois, vindo em nossa direção. — Não posso ficar muito tempo longe de vocês, não é mesmo?

Eleanor o encara com uma sobrancelha erguida, desdenhando do irmão.

Landon sorri amplamente para ela antes de vir até mim.

— Papai me disse que você tentou pegar o carro dele — Eleanor o encara.

— Eu não posso ser culpado por amar a nossa coleção.

— Você só tem sete anos, pirralho.

Ele dá um novo sorriso a sua irmã, que sei que significa problemas porque é idêntico ao de Blake.

— Isso não significa que não posso sonhar.

Ela solta um bufo, voltando a atenção para mim que observo a conversa com uma careta. Landon estranha a forma com que me apoio na irmã, mas repete o gesto do outro lado após passar uma das mãos pela minha barriga.

Sou praticamente arrastada pelos dois até a cozinha. Não que eu reclame. Gosto de saber que sou cuidada por eles, assim como Blake e eu fazemos. Sento-me na cadeira, vendo que o café já está na mesa, como de costume. Uma das funcionárias da cozinha o deixa sempre. Os dois sentam-se um de cada lado da mesa e eu me inclino para montar meu prato, mas logo sou interrompida.

— Ei! — Landon repreende, se levantando em um rompante e agarrando a jarra de suco. — Sou um dos homens da casa, posso servir as minhas garotas.

— *Nossas* garotas — a voz imponente de Blake invade a cozinha, vestindo um terno impecável.

É impossível conter o sorriso quando o vejo fazendo o mesmo em nossa direção.

Faz algum tempo que, dentro dessas paredes, há apenas isso; sorrisos e felicidade. Aqui há amor.

Blake caminha até nós e planta um selinho em minha boca, acariciando a barriga e sendo respondido por um chute que o faz rir. Como todos os dias.

— Bom dia, linda — me deseja, antes de se inclinar para beijar Madson. — Bom dia, princesa.

— *Hum…* — murmura Eleanor, fingindo não ver nada, enquanto adoça seu café.

Blake deixa um sorriso zombeteiro escapar quando beija os cabelos de Landon e o cumprimenta com um toque de mãos, que me parece muito complexo para entender.

— Como está a minha garota hoje? — ele pergunta, beijando os cabelos escuros de Eleanor, que tem um pequeno bico estampado nos lábios.

— Ela está emburradinha porque não ganhou o primeiro beijo do papai — acusa Landon, provocando-a.

— Não seja bobo — repreende, se inclinado para devolver o beijo na bochecha de Blake. — Todos sabem que eu sou a favorita.

— Quem disse isso? — Landon ergue as sobrancelhas, levando suas palavras a sério.

— Não é preciso palavras para saber — se gaba, provocando o irmão enquanto acompanho o discurso. — Sempre ganho os melhores presentes, sempre ganho o primeiro pedaço de bolo da família. E acho melhor não continuar a dizer para que não se sinta ofendido.

— Chata! — o outro rebate, mostrando a língua.

Eleanor ri antes de erguer o celular a sua frente, quando começa a vibrar.

— O que o papai disse sobre usar celular à mesa? — Blake repreende e eu me aproveito da distração para me levantar.

— Eu sei, papai — Ellie refuta. Ainda estou de costas, mas consigo até mesmo imaginar a expressão de ambos ao ter essa conversa pela milésima vez. *Quem diria que criar uma pré-adolescente fosse um dos maiores desafios de nossas vidas.* — Conrad quer saber se ele e Martin podem vir para cá mais tarde. Talvez precisem passar a noite.

Franzo as sobrancelhas.

Lynn e Connor moram na casa em frente à nossa. Rowena e Maverick ao lado. A pergunta é estranha porque nenhum de nós pergunta quando nossos filhos podem ficar nas casas uns dos outros, a não ser que algo tenha acontecido.

— Que, por sinal, também não deveria estar no celular — Blake pontua, sem processar as palavras da nossa filha.

— Ele está no hospital — Eleanor anuncia e eu me viro com uma rapidez surpreendente.

— Hospital? — pergunto. — O que aconteceu?

Eleanor parece confusa.

— Ele está digitando muito devagar — responde tranquilamente. Blake se levanta e segura meus ombros, quase como se pedisse para que eu me acalme. Pode não ser nada demais. — Que legal! Tia Lynn está em trabalho de parto.

— O quê? — é o que consigo pronunciar quando uma pontada forte, quase insuportável, me atinge. — Não seria para o próximo mês?

— É filho do Connor — Blake justifica, como se isso bastasse. — É claro que ele aprontaria uma gracinha dessas.

A dor, de repente, aumenta e preciso me apoiar na borda da mesa.

*Deus, Madson.*

— Mamãe… — Landon chama, baixinho, como quem não quer assustar ninguém. — Você está bem?

Estranho a pergunta e olho para ele, disfarçando a dor de mais uma pontada.

— Estou, querido — tranquilizo-o, mas, no fundo, estou nervosa. Fiquei nervosa todas as vezes que Lynn e Rowena entraram em trabalho de parto. — Mas iremos para o hospital, Devon irá nascer logo e precisamos estar lá.

— Mamãe… — ele chama novamente, do mesmo jeito. — Eu acho que a Mads também vai nascer.

— O quê…? — as palavras morrem em minha boca quando finalmente sinto o líquido escorrer pelas minhas pernas.

— Puta que pariu — Blake diz, baixinho e começando a ficar mais nervoso que eu. Eu o repreendo com o olhar, pelo palavrão perto das crianças, e ele me olha exasperado, como se me questionasse se estou falando sério. — Lan, pode buscar a bolsa da Mads no quarto? — pede com calma. — Ellie, avise no grupo da família que estamos indo para o hospital também. Parece que vocês terão uma festa do pijama na casa da tia Wena e tio Maverick esta noite.

Ela assente e corre para o andar de cima, indo atrás do irmão.

Blake me encara com os olhos brilhantes.

— Vamos ter mais um bebê! — diz, animado.

Meu sorriso também é grande.

— Vamos ter mais um bebê.

— A tristeza nunca mais irá nos alcançar.

Eu sorrio.

Nunca mais.

Enquanto Blake e Aurora se pertencerem, nada os atingirá.

*Nada.*

— Estamos voando mais alto que ela, linda.



O sorriso de Eleanor e Landon ao segurar Madson faz com que um nasça em meu rosto.

Eles a amam.

Nós todos a amamos.

Somos uma família.

E mesmo com todos os empecilhos, nós conseguimos superar.

Agora, enquanto estou na cama do hospital, com Blake ao meu lado e meus filhos em nossos braços, eu tenho a certeza de que o mundo está finalmente completo.

Nada poderia ser diferente.

O sorriso de Blake me confirma isso.

Nós não precisamos mais nos preocupar com o que poderá acontecer.

— Está tudo bem, linda?

— Sim, por quê?

Ele se aproxima e beija o topo da minha cabeça.

— Você está chorando.

Eu não percebi isso.

Não percebi que as lágrimas desceram pelo meu rosto.

Mas não há tristeza.

São lágrimas de felicidade.

São lágrimas que eu não me importo em derramar, porque representam tudo o que estou sentindo no momento.

Amor.

Família.

Paz.

*Meraki.*

— Eu estou feliz.

É a minha resposta. Porque é a verdade.

Eu estou feliz por compartilhar a vida com Blake.

Por ter meus filhos.

Por ser finalmente a Aurora que sempre sonhei.

— Blake? — sussurro.

Seus olhos encontram os meus.

— Sim, linda?

— Você me disse que não havia mais volta. — Sorrio. — Era verdade.

Ele me devolve o sorriso e me beija.

— Nós somos para sempre, amor.

# NOTAS FINAIS

Eu escrevo essas palavras enquanto assisto uma live do show que eu mais esperava no ano e não consegui ir. Mas, foi o ato de *evermore* que me fez vir escrever essa nota.

*Anti-Heróis* nasceu por conta de uma música da *Taylor Swift.*

Estávamos escutando e então, o nome fez todo sentido.

De repente, eles nasceram.

De repente, Blake se sentou e me olhou como se já me conhecesse há anos.

E ele realmente conhecia.

Ele me conheceu no meu pior momento, quando eu me sentei no chão do banheiro do meu aniversário do ano passado, e chorei. Quando eu quis largar a escrita porque tudo ao meu redor me dizia que isso não era o que eu almejava. Eu chorei porque não aguentava mais. Eu não aguentava mais lidar com todas as coisas em minha vida e ele me ouviu. Blake me ouviu como eu queria que alguém me ouvisse.

Ele se sentou e me abraçou. Abraçou as minhas partes escondidas.

Mas, Blake também falou naquele dia. Ele me contou que havia perdido seu relicário, seu amuleto e eu prometi devolvê-lo. Eu prometi que ele recuperaria cada coisa que lhe foi tirada, mesmo não sabendo quem havia feito tudo aquilo.

E ele esperou.

Blake me esperou quando ninguém mais tinha paciência para fazer isso.

Ele se sentou e esperou todas as outras pessoas contarem suas histórias.

Todas as vezes ele era apenas um telespectador na história de amor dos outros.

Ele, assim como eu, nunca recuperou seu amor épico.

Ele nunca era o personagem principal.

E quando Aurora chegou, eu não estava pronta.

Ela sorriu para mim e logo após chorou. Foi durante o meu último bloco de MH. Foi quando meu avô foi internado e eu travei na escrita. Nada me fazia continuar, porque medo de perder o meu super-herói era maior do que de perder o prazo. Eu não estava pronta. Não poderia estar, mas ela se sentou quando eu estava encarando o bloco de notas, em um corredor do

hospital da minha cidade, e me disse que havia perdido alguém e que apenas eu poderia conseguir recuperar aquela parte perdida. Eu não entendi. Achei que ela estivesse falando de um luto. Mas não era, Aurora estava falando de si própria.

Ela se perdeu. E me mostrou que eu também havia me perdido.

Eu me perdi quando tentei me encaixar em amizades que não me cabiam. Quando eu queria fazer dos amores épicos dos outros, o meu. Me perdi quando parei de olhar para tudo o que conquistei e via apenas o que havia perdido. Eu me perdi no meio do meu coração quebrado. Da minha rotina cansativa. Dos meus amores fracassados. Das minhas amizades perdidas.

Esse livro, então, é um pedido de desculpas aos meus amores passados.

Àqueles que quebrei o coração. E aos que quebraram o meu.

Um pedido de desculpas a mim. Por deixar que outras pessoas me fizessem sentir-me mal. Por me negligenciar. Por me permitir perder.

E esse livro também é um recomeço a Annie de quinze anos, que chorou na sua festa.

Para a de dezessete, que teve o seu amor pisoteado.

Para a de dezoito, que se mudou de estado porque queria novas experiências.

Para a de dezenove, que voltou ao mundo literário e criou uma conta no *Wattpad*.

Para a de vinte, que voltou a escrever. E a de vinte e um, *por ter coragem*.

Coragem de dar vida a *Saint Vincent*. Coragem por sair da sua zona de conforto.

Coragem para viver. Coragem para sentir novamente.

Mas, o meu obrigada especial a Annie que agora chora durante a música *tolerate it* e escreve essas palavras. A Annie que lutou, que enfrentou um TCC e uma escrita. Que finalizou esse livro com lágrimas nos olhos.

Nós não desistimos! Nós conseguimos!

E esse é meu obrigada.

A cada um de vocês que chegaram até aqui.

Que lutaram ao meu lado.

Que continuaram a dançar.

Nós não iremos parar, esse é só o começo de algo muito maior.

*Com Amor,*

*Annie Belmont.*

# AGRADECIMENTOS

Há um ano, nós criamos os Anti-heróis.

Há um ano O Cano se tornou uma família.

Durante esses meses, nós planejamos essa trilogia com amor. Nós sorrimos quando eles falaram com todas nós. E agora, com o coração transbordando, nós finalmente podemos dizer que conseguimos. Anti-herói está completo. Eles encontram o seu final feliz.

E depois de muita coisa, o último anti-herói nasceu.

E, para fazer isso, nunca estive sozinha. Para que Blake e Aurora realmente nascessem, eu tive pessoas incríveis ao meu lado que surtaram, apoiaram e seguraram a minha mão durante todo o trajeto. Por isso, por elas, eu estou escrevendo esse agradecimento agora.

Em primeiro lugar, *eu quero agradecer a Deus*. Ele não me deixou desistir em nenhum momento. Ele me ouviu chorar quando o TCC e a escrita muita das vezes me cansavam. Ele me ouviu pedir por força e Ele me deu. Me abraçou quando precisei e um parágrafo nunca seria suficiente para agradecer o quanto precisei disso.

*À minha mãe*, meu braço direito, minha melhor amiga, que segurou o meu mundo nas costas quando dezenas de vezes eu não suportava carregá-lo sozinho. Ela sorriu quando disse que, outra vez, estava escrevendo a palavra *FIM*. Ela se orgulhou. Mãe, você é o motivo pelo qual eu ainda continuo dançando e não pretendo parar. Eu te amo, obrigada por ser meu maior apoio. *Você é gigante, mãe!*

*À minha irmã, Maria Júlia*. Maju, que me ensinou a não temer o desconhecido e entender que o mundo pode ser melhor. *Eu te amo, até a lua ida e volta.*

Agora a parte que eu jamais deixaria de agradecer. *À April e a Júpiter. Ao Trio do Cano.*

Elas chegaram quando eu mais precisei. Elas me abraçaram e me fizeram sentir em casa, mesmo com toda a distância que nos separam. O Cano se tornou família. Nós nos tornamos um elo que compartilha mais do que a escrita. Nós compartilhamos sonhos, dores e nossas metas.

Nós choramos nas madrugadas. Nós acompanhamos cada uma de nós terminar seus livros. Nós apoiamos umas às outras. Lembro que na Bienal, no meio de uma rodoviária lotada, eu e April fizemos uma ligação. Nós

ligamos para Júpiter e ficamos ali por horas. Nós rimos, nós choramos e entendemos que éramos uma família.

Então esse é o meu agradecimento *à April Jones*, que me segurou quando eu não achava que precisava. Que escutou meus desabafos e virou noites comigo, quando eu reclamava que o Blake me irritava. Que viajou por horas para podermos viver nossos sete dias no qual sonhávamos em ir. Obrigada por acreditar em mim. Por sempre me ouvir. E por sempre estar ao meu lado. Ah, e obrigada também por ter ido ao *The Eras Tour* comigo, no setor Kevin e me escutar cantar toda emocionada. *Eu te amo, amiga!*

*À L. Júpiter*, que me ensinou que amizades podem ser construídas quando menos esperamos. Eu não tenho palavras para definir o que foram essas duas semanas para a finalização de Intoxicado. Nós choramos, rimos e quase surtamos, quando Aurora mudou todo o final. Mas valeu a pena. Nós conseguimos. E eu sempre serei grata por tudo o que fez amiga. Obrigada por me ouvir chorar – não foram poucas as vezes –, por acreditar em mim quando eu não fiz. Por me acalmar quando achei que não daria conta. Por sorrir quando eu disse que acabei. Obrigada por tantas coisas que eu passaria um mês aqui dizendo. Eu não te respondi na primeira vez, mas prometo nunca mais te deixar no vácuo. Quero que saiba que você é especial para mim. Que você é família e mesmo que o mundo desabe, ainda estarei aqui. *Eu amo você pra caralho!*

*Ao Cano em conjunto*, vocês me deram propósitos. Vocês me abraçaram. Obrigada por me ensinarem que amizades podem sim ser família. Enfim, eu amo vocês, *Cano*, e saibam que o mundo é pequeno para nós!

*À minha assessora e revisora, Camille Gomes*, que enquanto eu escrevia este livro, lidava com o resto. Amiga, obrigada por sempre me ajudar. Por me ouvir, por surtar comigo quando eu chego na nossa conversa com um *"muito bom dia"*. Nós conseguimos mais um lançamento e nós comemoramos um ano juntas. Um ano com dezenas de acontecimentos que ninguém nunca acreditaria. Acho que nunca serei capaz de agradecê-la por tanto. Obrigada por escutar meus áudios que gabaritaram o código penal, por me segurar quando quero surtar e tudo mais. Por me dizer que eu consigo. Por acreditar em mim. Você é incrível. *Eu te amo e obrigada por tudo!*

*À, Larissa Lago*, que sempre esteve ao meu lado e surto em cada página dos meus livros. Além de ter dado todo o suporte para que Anti-Heróis nascesse. Amiga, obrigada por todo o amor e carinho. *Você é inigualável!*

*À Jennifer Cunha*, minha amiga e parceira de TCC, que enquanto eu me dedicava a Intoxicado, conseguia lidar com todo o nosso trabalho. Amiga, eu nunca teria conseguido sem você. Obrigada por tudo. *Te amo demais!*

*À Ana Laura Maniá*, que pegou Blake como um novo marido e fez ciúmes no Levi. Amiga, eu sou eternamente grata por ter você na minha vida. Obrigada por todo o apoio. Eu te amo.

*À Bruna Celestino*, que me mandou mensagens surtando a cada bloco. Que lotou meu *WhatsApp* de áudio quando começávamos a conversar sobre o livro. Eu nunca seria capaz de expressar o quanto eu sou grata por tudo o que fez, amiga. Você me deu forças quando eu mais precisei. Obrigada por tudo. Eu amo você.

*À Esther Hadassa*, a minha memória de *Dory* que surtou comigo e escreveu um TCC no mesmo momento em que betava Intoxicado. Você é gigante, amiga.

*À Isabella Martins*, que não chorou desta vez, mas surtou como ninguém mais fez. Obrigada pelas mensagens surtando. Pelos apontamentos que eram necessários e por amar Blake e Aurora como eu o fiz. Você foi essencial e sempre serei grata por ter você na minha equipe.

*À Karolyne Gonçalves*, que me mandou um texto no *WhatsApp* e me fez chorar. Você é incrível, amiga. Obrigada por lotar meu *e-mail* e por surtar a cada capítulo. Eu sempre sou grata por ter você na minha equipe.

*À Maria E. Klazer*, surtou em cada capítulo e pegou todas as referências dos próximos livros. Duda, obrigada por sempre topar embarcar nas minhas loucuras. Obrigada por me apoiar.

*À Izabela Frazão*, que surtou a cada atualização. Obrigada por todo o carinho e por abraçar Blake e Aurora. É uma honra ter você na minha equipe. Você é sensacional.

*À Tatiane Brandão*, que surtou comigo e me deu apontamentos que foram cruciais para a construção desse livro. Amiga, obrigada por todo o apoio. Por me mandar áudio explicando. Por surtar com Blake e Aurora e por me direcionar onde estava errado. Você foi inigualável nesse projeto. Eu te amo, muito!

*À Thiffany Amarante*, que surtou a todo momento e me mandou mensagem me lembrando das coisas que a minha memória falha não me permitia. E que me ajudou em cada etapa de Intoxicado. Você foi memorável e logo eu te darei seu marido Dylan, amiga. Te amo muito!

*À Tan Wenjun,* que me ajudou mais do que poderei explicar e agradecer. Tan obrigada por toda a ajuda que me deu na construção de Intoxicado. Por me mostrar onde todas as coisas poderiam ser melhores e por fazer um trabalho fenomenal. Por me mandar mensagem surtando a cada nova descoberta no livro. Você foi gigante, eu sou grata por ter você na minha equipe. Te amo.

*À Thais Souza,* que embarca ao meu lado em todos os livros de coração aberto. Obrigada por ter tido paciência, ter me ajudado a cada capítulo e por ter me apoiado. A ajuda e o seu apoio foram essenciais para que Blake e Aurora nascessem.

*À Yasmin Costa*, a maior fã de Eleanor. Obrigada por criar teorias. Por ter surtado a cada nova interação deles. Por alegrar as minhas madrugadas com seus surtos. Você foi extraordinária.

*À Bia Oliveira,* que me ajudou em todas as descrições de jogos e tudo o que eu precisava saber sobre o vôlei. Foi incrível ter você no meu time de betas.

*À Amanda e Larissa*, minhas melhores amigas. Que mesmo que me deram dois presentes inesperados, mas que agora são os meus xodós. Vocês são as melhores amigas que eu poderia ter.

*À Pigmalateia*, minha revisora e leitora crítica que embarcou nesse desafio e me ajudou em todos os aspectos. Amiga, obrigada pelos áudios me ajudando com os apontamentos. Você é incrível demais!

*À Isamara Gomes*, minha leitora sensível, que surtou e me ajudou a escrever esse livro de forma responsável. Obrigada por embarcar ao meu lado. Foi sensacional trabalhar ao seu lado!

*Às nossas parceiras de lançamento*, que criaram conteúdos incríveis, que fizeram Anti-heróis chegar até vocês. Obrigada a cada uma. Vocês foram extraordinárias. Obrigada por tudo!

Por último, e não menos importante, *a todos os meus leitores*, que me acompanharam até aqui. Que são o motivo pelo qual ainda continuo dançando. O apoio de vocês me incentiva a continuar a criar histórias. Mesmo quando tudo o que desejo é correr sentindo contrário, vocês me mostram o quão gigante a nossa cidade caótica é. Todos os meus livros só existem por causa de vocês!

Com amor,
*Annie Belmont.*

NOTAS DA AUTORA

AVISOS DE GATILHO

PLAYLIST

PRÓLOGO | ANTI-HERÓI

01

02

03

04

05

06

07

08

09

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

27.2

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

EPÍLOGO

NOTAS FINAIS

AGRADECIMENTOS

---

[1] Protagonista do livro Masked Hears pertencente a série Saint Vincent.

[2] Protagonista do livro Masked Hears pertencente a série Saint Vincent.

[3] *Empire State Building* é um edifício de Nova Iorque; é também um dos pontos turísticos mais importantes a se conhecer no país.

[4] Esses jogadores são responsáveis por atacar das posições 2 e 4 (saída e entrada de rede). Além de terem a função de ajudar na pontuação do ataque, auxiliam o líbero nos passes na defesa.

[5] O oposto recebe esse nome por atuar sempre na posição oposta à do levantador. Como são especialistas em ataque, são boas opções para vir do fundo da quadra e atacar antes da linha de três

metros.

[6] Empresa fictícia que pertence ao universo da série *Saint Vincent*, da autora Annie Belmont.

[7] Enrolados é um longa-metragem de animação produzido pela Walt Disney Animation Studios. Conta a história de Rapunzel e Flynn.

[8] Cidade fictícia que pertence à autora Annie Belmont.

[9] Filme de animação de 2015, sobre a mente de uma garota que sofre mudanças em sua vida e precisa enfrentar conflitos e desafios para se manter sã.

[10] Filme de animação de 2009, sobre as aventuras de um idoso viúvo, que sonha em se mudar para o Paraíso das Cachoeiras.

[11] Filme de animação de 2012, sobre personagens de fliperamas que ganham vida e embarcam em uma aventura.

[12] Filme de animação de 2007, que conta a história de *Remy*, um rato vivendo em Paris que sonha em se tornar um *chef* de cozinha.

[13] Protagonista do livro *War of Hearts* - Série *Saint Vincent* 2 da autora Annie Belmont

[14] Protagonista do livro *War of Hearts* - Série *Saint Vincent* 2 da autora Annie Belmont

[15] Empresa fictícia do universo da autora Annie Belmont

[16] Protagonista do livro *Broken Hearts* - Série *Saint Vincent* 1 da autora Annie Belmont

[17] Protagonista do livro *Broken Hearts* - Série *Saint Vincent* 1 da autora Annie Belmont.

[18] Sinestesia é uma confusão neurológica que provoca a percepção de vários sentidos de uma só vez.